

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Jesus de Nazaré — como ele foi. Como ele é.

Dr. Penna Ribas

4^a Edição
SEPE

Copyright © Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas.
Rua Visconde de Itaboraí, 265 — CEP 24.030-091
Centro — Niterói-RJ
Telefones: (21) — 620-8574, 717-2706 e 714-0682.
Capa: Yan Kleber de Moura
Diagramação: Sepe
Revisão: Sepe

Ribas, Randolpho Penna, 1907—1994.
Jesus de Nazaré — como ele foi. Como ele é./Penna Ribas;
4. ed. — Niterói, RJ : SEPE, 2001.
432P.; 255 cm.
ISBN 85-86004-05-7
1. Neo-espiritismo. 2. Título.

CDD —133.9

Todos os direitos reservados com exclusividade pela SEPE.
A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer
meio, seja ele total ou parcial, constitui violação de lei.

CAMINHO DA FELICIDADE

Rogo, em nome de Deus, ao meu Mentor, dono de meu destino, que, se for para minha felicidade, consinta que os Protetores do Neo-espiritismo me ajudem a solucionar o problema que, no momento, me aflige. Rogo, também, ao meu Mentor que me dê forças para vencer minhas fraquezas morais e suplantar minha ignorância, a fim de merecer sintonizar-me com seus Mensageiros para lutar contra minhas imperfeições e por em prática, com pureza de sentimentos, os ensinamentos de Jesus, esclarecidos neste livro, e, desta maneira, possa conquistar Paz e Saúde.

Rogo, outrossim, aos Mentores dos Espíritos que se encontram dentro de meu lar, causando perturbações ou quebrando a harmonia entre os membros da família, que os doutrinem para que eles compreendam sua verdadeira situação espiritual e concordem em serem amparados pelos Espíritos socorristas do Neo-espiritismo.

Mas, de toda maneira, em tudo seja feita a vontade de Deus, conforme ensinou Jesus de Nazaré, o Mestre supremo da humanidade!

SUMÁRIO

Medicina, Espiritismo e Neo-espiritismo	17
Jesus à frente do Neo-espiritismo	26
Jesus lidera o Neo-espiritismo	40
Jesus, o incompreendido	46
Onde está o cristianismo I?	55
Onde está o cristianismo II?	60
Onde está o cristianismo III?	66
Onde está o cristianismo IV?	71
Onde está o cristianismo V?	75
Onde está o cristianismo VI?	79
Cristianismo e mediunidade I	86
Cristianismo e mediunidade II	94
Jesus, judeu ou galileu?	102
Jesus, cordeiro pascal?	111
Jesus, pão da vida?	116
Jesus, Deus ou homem?	120
Jesus nasceu numa estrebaria?	128
Jesus nasceu numa virgem?	142
Jesus amaldiçoou a figueira?	148
Jesus vergastou os vendilhões?	152
Jesus transfigurou-se ou iluminou-se?	158
Jesus andou sobre as águas do mar?	162
Jesus acalmou o mar e estancou a tempestade?	169
Jesus e a pesca milagrosa	182
Jesus multiplicou ou dividiu os pães?	188
Jesus bebia vinho?	192
Jesus ressuscitou?	198
O toque curativo de Jesus	205
Jesus curava com os Espíritos	215
Jesus exaltou o sentimento	219
Jesus ensina, exemplifica e cura	228
Jesus preservava seus fluidos	256
Jesus e as radiações humanas	263
O enigma das curas "milagrosas"	269
Jesus curou espirotopatia epiletiforme	280
A "ressurreição" da filha de Jairo	286
Jesus ressuscitou o filho da viúva de Naim?	293

Jesus ressuscitou Lázaro?	300
Jesus, iniciado no reino de Deus	307
Jesus de Nazaré, sua educação e sua iniciação	310
Jesus de Nazaré, iniciado essênio I	314
Jesus de Nazaré, iniciado essênio II	325
Jesus de Nazaré, iniciado essênio III	335
Jesus de Nazaré, iniciado essênio IV	340
Jesus de Nazaré, iniciado essênio V	344
Jesus de Nazaré, iniciado essênio VI	351
A missão de Jesus I	357
A missão de Jesus II	364
A missão de Jesus III	370
A missão de Jesus IV	377
Jesus, o líder religioso do planeta	385
Jesus — sua luta, sua futura glória	390
A heróica opção de Jesus	397
A morte de Jesus e o drama de Judas	405
A vitória do Espírito de Jesus	414

PREFÁCIO

JESUS DE NAZARÉ — COMO ELE FOI. COMO ELE É. de R. Penna Ribas, médico, filósofo, jornalista, conferencista e — mais do que tudo isso — Mestre proeminente — do qual se acercam, como se acercavam de Jesus — quantos desejem aprender e conhecer, sem rebuços, a Verdade, sempre evolutiva com o perpassar do Tempo, constitui livro raro e de singular oportunidade nos tempos hodiernos.

Quem isso afirma, porém, digamo-lo honestamente neste preâmbulo, é um dos mais modestos discípulos do Mestre Penna Ribas, dentre os milhares que sentiram a racionalidade dos princípios esposados em seus artigos, agora grupados em livro e nos quais, com a sua cultura, com o seu discernimento, louvado em suas “observações armadas” e seus profundos conhecimentos de biblista, entre outros ensinamentos ministrados, põe a nu incongruências nos denominados “Livros Sagrados” com a finalidade honrosa e inarredável de pesquisar a verdade sobre a personalidade de Jesus.

Antes de elaborar, entretanto, este proêmio, perguntei-me, leitores: — é lícito a um discípulo prefaciar obra de um Mestre? — Não se deixará levar o discípulo pelo respeito, pela admiração, pela amizade a tal ponto que se desmanche apenas em lóas ao seu autor?

Quanto à licitude, respondi **sim**, em função do **não** dado ao complemento da pergunta, ambos impulsos de minha consciência, porquanto a amizade, a admiração e o respeito — atributos do Espírito — não influenciaram, de modo algum, o raciocínio do autor deste exórdio.

Os artigos publicados em *O Jornal*, revistos e ampliados e ora agrupados em *JESUS DE NAZARÉ — COMO ELE FOI. COMO ELE É.* constituem, iniludivelmente, um passo gigantesco no entendimento de nebulosas passagens bíblicas, envolvendo a figura do Mestre dos Mestres — Jesus — “líder religioso de nosso planeta”, como afirma o autor e cuja personalidade humana marcante Penna Ribas aponta com tanta segurança e tantas provas abeberadas na própria *Bíblia*, que não há quem, isento de paixões ou dogmatismo, não se sinta impulsionado a lutar para compreender o incomparável Mestre galileu, a amá-lo acendradamente e, principalmente, a praticar seus ensinamentos — objetivo primacial pretendido — julgo — pelo culto autor deste grandioso livro, embora, nesse “desideratum” percorramos estradas tortuosas e levemos séculos.

Podeis questionar, leitores: e a bibliografia, hoje tão recomendada pelos que se apegam à craveira dos conceitos estagnados, como se a Ciência e a Tecnologia não avançassem dia a dia, hora a hora, minuto a minuto? Onde o respaldo bibliográfico, o suporte de algumas afirmações ou de novas verdades apontadas pelo renomado Mestre Penna Ribas? — Podeis inquirir.

Responder-vos-ei também inquirindo-vos — leitores. Onde a bibliografia nas obras de Platão, em sua *Apologia de Sócrates* e nos *Diálogos*? E nos escritos de Aristóteles sobre filosofia natural (*Do Céu, Da Alma*) e

outras obras sobre Metafísica, Moral, Retórica e Poética? Onde a bibliografia nas obras do extraordinário físico, matemático e astrônomo italiano Galileu Galilei? Onde a bibliografia na *Arithimética Universal* e em *Princípios Matemáticos de Filosofia Natural* de Isaac Newton, físico, matemático e astrônomo inglês? Onde a bibliografia no *Livro dos Espíritos* de Kardec? E os inventores, levados a descobertas pela intuição — a “conclusão sem premissas”, como ensina Penna Ribas? Precisam de citações bibliográficas em suas obras?

Dos Instrutores da Humanidade, dos pioneiros difusores de verdades — permito-me dizer — divinas, não se pode exigir bibliografias. Os ensinamentos, como vereis ao lerdes *JESUS DE NAZARÉ — COMO ELE FOI. COMO ELE É.* foram transmitidos ao Mestre Penna Ribas por plêiade de Espíritos Missionários, Mensageiros de Jesus.

Meditai, leitores, com isenção, nos ensinamentos contidos neste livro repleto de saber, de bom senso, de racionalidade, de lógica. Sentireis, ao passar das folhas, a beleza do Espírito de Jesus e conhecereis um Mestre curador, justo, bondoso, sem qualquer estigma de mágoa, de ressentimento contra seus opressores, esparzindo amor fraterno e consolação por toda a humanidade. E tereis vontade e capacidade para imitá-lo.

Se assim o fizerdes, leitores, dareis a melhor recompensa ao bravo, ao destemido lutador, amigo de Jesus — o Mestre Penna Ribas — que, como filósofo, dedicou sua vida à difusão, com palestras, conferências e artigos, da Doutrina de Jesus, com ensinamentos de verdades racionais e ampliadas no Neo-espiritismo, Doutrina que fundou e que representa, como ele ressalta, “complemento e atualização da Doutrina dos Espíritos codificada pelo Mestre Alan Kardec.”

Como médico, Penna Ribas, sempre dedicado ao bem do próximo, ofereceu à Ciência e particularmente à Medicina, com suas pesquisas da fenomenologia mediúnica, contribuições valiosas no estudo das **Espiritopatias**, doenças provocadas por Espíritos.

Renunciou a tudo, inclusive à riqueza, limitando o atendimento de doentes oriundos de todos os recantos do País e até do Exterior e posteriormente fechando seu consultório, para dispor de mais tempo e consagrá-lo à Doutrina, não obstante continuasse atendendo gratuitamente, uma vez por semana, a quantos, enfermos do corpo e da alma, o procuravam de toda a parte. De tudo isso o autor desta introdução foi testemunha, pois acompanha o Mestre há longos anos, beneficiado, juntamente com sua família, pela sua Ciência e pelo seu Saber, tendo, pois, conhecimento dos fatos e autoridade para divulgá-los, contrariamente, até, ao desejo do autor.

A obra de Penna Ribas é exemplo não só para a atual geração como para os pósteros e seus ensinamentos substituirão conceitos obscurecidos pelo Tempo e não aceitos pela Razão e que, por isso mesmo, não mais podem prosperar, em benefício da própria Humanidade!

Hélio Leal

AOS MEUS LEITORES

Sensibilizado com a avalanche de telefonemas e de telegramas que está convergindo para meu lar e sobretudo para a SEPE, com expressivas interpelações e lisonjeiros testemunhos de numerosos leitores, todos ansiosos de saber se vou ou não prosseguir com a coluna *Espiritismo*, dominicalmente publicada em *O Jornal*, sinto-me na obrigação de vir a público, não só para agradecer as manifestações de apreço aos meus modestos artigos, como para justificar a razão pela qual não continuarei a dar àquele jornal a gratuita colaboração iniciada há quatro anos.

Informado, no fim da semana, de que os meus artigos, com restrições de espaço e de conceitos, poderiam voltar a ser publicados a partir de terça-feira, não vi como transigir, porque não escrevo por diletantismo — luto por um Ideal sagrado, que reputo da máxima significação para a reforma moral e para o equilíbrio emocional da humanidade atual, sempre em angustiante expectativa de repentina hecatombe mundial!

Contra poderosos e rancorosos adversários, que, da religião, fazem profissão, eu, com prejuízo de interesses materiais e profissionais, defendo e propago a filosofia religiosa que abracei — o Espiritismo; e, em benefício da humanidade em geral, e, particularmente, da juventude do Brasil, já cercada por uma orla ameaçadora de marxismo ateu, propugno pela vitória imediata da doutrina espírita — revelação dada por Espíritos missionários, orientados por Jesus de Nazaré, o grande Mestre incompreendido, que, em vida, foi caluniado e crucificado por instigação dos sacerdotes mosaístas e, depois de morto, endeusado e, paradoxalmente, metamorfoseado em “cordeiro Deus”, pelos teólogos católicos, a fim de redimir, com seu sacrifício, à maneira de animal de holocausto, os pecados da humanidade!

Convicto, porém, de que a salvação que Jesus nos oferece, longe de provir de seu sacrifício em injusta e cruel crucificação, provém, tão-somente, de nosso próprio aperfeiçoamento moral, mercê, não só dos sublimes ensinamentos do Mestre, como, principalmente, dos edificantes exemplos de sua vida modelar, inteiramente consagrada à caridade, com concurso de gloriosa mediunidade curadora, convicto dessas verdades e certo do valor que ainda podem ter na transformação do homem hodierno, não poderia omitir-me na propagação dessas idéias, radicadas na doutrina espírita, sem que a mim mesmo me acusasse de tibieza moral. Não me sinto, pois, capaz de fazer a mínima acomodação com adversários interesseiros, que, por hipocrisia, negam o que está claro como a luz do Sol!

Transigente com os homens, mas intransigente com o que julgo ser a Verdade, não tenho direito de abrir mão de convicções que, no decorrer de

longos anos de estudos, meditações, observações e experiências, se me cristalizaram na consciência. Máxime quando, na minha conceituação, está em jogo a felicidade da humanidade e — por que não dizer? — o próprio destino da civilização! Por isso mesmo, a barganha da Verdade integral por meio das verdades de conveniência, mais do que pusilanimidade, seria abominável traição aos meus próprios ideais! Sem embargo, pelo fato de estancar a colaboração jornalística, não se infira que ensarilhei armas. Ao contrário, lutarei noutro campo, dedicando-me aos livros, que pretendo publicar em benefício dos que desejam melhores esclarecimentos sobre Deus e maiores conhecimentos acerca do destino humano, ofuscado num mundo atormentado pela Dúvida e pela Dor.

A PAGA DA PROMESSA

O prometido é devido. Prometi, por isso voltei. Não com um livro de fôlego, consoante desejaria. Mas com modesta coletânea de artigos de jornal, reunidos sem prévia planificação e, por conseqüência, com ligação de temas heterogêneos, embora todos estejam indissolúvelmente ligados ao vulto exponencial de Jesus de Nazaré. Donde se infere que, de quantos artigos foram publicados em *O Jornal*, no período compreendido entre 30 de junho de 1968 a 6 de fevereiro de 1972, apenas os referentes ao iluminado Mestre nazareno figuram neste opúsculo.

É de ver que, da matéria contida nos artigos aqui dados à luz, não transpareceu o mínimo resquício de biografia. Sem embargo, há uma justificação irretorquível: exceção feita para os dados e os fatos mencionados nos *Evangelhos*, tudo o mais me foi revelado mercê da prodigiosa mediunidade de Palmyra Ribas, minha primeira esposa, e, pouco depois de haver enviuvado, novas revelações me foram feitas, sem interrupção, até hoje, graças à mediunidade de Antonieta Ribas, minha segunda esposa.

De resto, independentemente do auxílio que recebi de Espíritos missionários, por intermédio da mediunidade alheia, recebo freqüentemente, por intuição mediúnica, muitas orientações que transpus para essas páginas.

Em verdade, os artigos originais, sujeitos à bitola da paginação, foram de tal modo ampliados que, muitos deles, perderam a feição primitiva. Contudo, considerado o interesse jornalístico despertado por minha despretençiosa colaboração hebdomadária, mais explosiva pelo fundo do que pela forma, de tal modo que, decorridos mais de um decênio, ainda hoje, surgem de vários pontos de nossa Pátria, pedidos de informação acerca dos surpreendentes artigos, resolvi republicá-los agora em livro. Considero-os surpreendentes porque o Mestre que neles fulgura difere completamente do profeta galileu, feito Deus e único Salvador da humanidade pela magia de dogmas ininteligíveis!

Entretanto, se do contexto dos artigos aqui compilados resultar maior incrementação da veneração consagrada ao incomparável Mestre nazareno, em virtude da perfeita compreensão de sua personalidade e de seus ensinamentos, considerar-me-ei recompensado por ter renunciado ao convívio com parentes, amigos e clientes, para viver isolado de tudo e de todos, à maneira de eremita e, desse modo, estreitar os vínculos com o mundo espiritual, máxime com os Mestres que, perante meu Mentor, Senhor do meu destino, assumiram o compromisso de me revelarem as verdades divinas que figuram nesta obra singular, que tanto exalta o verdadeiro profeta galileu!

Por mais acerba que haja sido a minha luta e por mais vasta que haja sido a minha renúncia de vários anos, luta e renúncia perdem toda a significação em face do inaudito sacrifício de Jesus de Nazaré, o qual, depois de pouco mais de um ano de consoladoras pregações e de curas assombrosas, foi massacrado pela crueldade de gratuitos inimigos.

Nada obstante, depois de desencarnado, nem por um minuto o sublime profeta permaneceu ocioso; continuou a esparzir, incessantemente, por toda parte, o mais acendrado amor fraterno, não só entre Espíritos desencarnados, como entre Espíritos encarnados.

Para a vitória de sua gloriosa missão, o supremo Mestre, desde o início, movimentou, e continua a movimentar, incalculável número de Espíritos missionários, todos desejosos de colaborar com o Mestre dos Mestres, a fim de que seja definitivamente implantada a Paz dos Bons Espíritos em todos os planos de vida espiritual existentes na Terra!

MEDICINA, ESPIRITISMO E NEO-ESPIRITISMO

Eu vou começar pelo começo — vou limpar o caminho.

As relações entre a Medicina e o Espiritismo podem ser contempladas de diversos ângulos.

No meu caso pessoal, o binômio é Medicina e Espiritismo ou, melhor, Medicina e Neo-espiritismo. Ambos são muito ignorados. Grande número de criaturas imagina que a Homeopatia é uma espécie de terapêutica mágica, ligada ao misticismo; e, na maioria das vezes, a dedução inferida é que os homeopatas são espíritas. Tudo errado.

A Homeopatia, para Samuel Hahnemann e seus discípulos ortodoxos, é um sistema médico. Para mim, é, apenas, método terapêutico. Método racional e preciso. Racional, porque está baseado numa **lei de cura** — a lei dos semelhantes. Preciso, porque, bem aplicada a lei, os medicamentos atuam, sempre, com admirável eficiência.

Todavia, para a aplicação da lei de semelhança, é imprescindível o conhecimento da ação patogenética dos medicamentos no homem são. Na verdade, os quadros mórbidos provocados, *in anima nobili*, pelos medicamentos experimentados, constituem as patogenesias, que dão corpo à Matéria Médica Homeopática.

Cada patogenesia ou doença experimental, provocada pela ação prolongada de determinado medicamento sobre o organismo humano, é, sempre, constituída por complexa sintomatologia, reveladora de abundantes distúrbios funcionais psicossomáticos.

Em presença do doente, o médico compara o quadro clínico apresentado pelo paciente com as patogenesias incorporadas à Matéria Médica e seleciona o medicamento cujo quadro patogenético mais se assemelha ao quadro mórbido do enfermo. É a aplicação da lei de cura — *similia similibus curantur*; ou *curentur*, como preferem alguns doutos.

Aplicada a lei dos semelhantes, lei natural de cura, que, como toda lei natural, atua com a máxima eficácia, os remédios, prescritos em mínimas doses materiais, provocam curas assombrosas. É aí que o leigo se espanta e imagina que o mistério se prende a forças ocultas. Mas se engana. O prodígio é, apenas, o resultado de potente energia curativa a atuar sobre o organismo hipersensível. Potente energia curativa, porque bissecular observação clínica comprova notável incremento da ação terapêutica dos medicamentos homeopáticos, em virtude da dinamização a que são submetidos no laboratório farmacêutico. Hipersensibilidade orgânica, porque a prática demonstrou que o organismo reage brutalmente ao remédio prescrito de acordo com a lei de semelhança, tornando-se necessário reduzir ao mínimo as doses empregadas, as quais perdem em matéria, mas ganham em energia curativa.

Na verdade, o organismo do doente reage ao remédio homeopático com a mesma sensibilidade que o organismo do alérgico reage aos alergênicos. Fica, assim, desvendado o mistério dos grandes efeitos provocados pelas mínimas doses homeopáticas...

Não há, pois, nada de misticismo na Homeopatia, que é ciência médica; nem no Neo-espiritismo, que é filosofia religiosa, ligada à Ciência, especialmente à Medicina e está decalcada em fatos inderrocáveis, experimentalmente comprovados.

Não procede, conseqüentemente, a suspeita de que todo homeopata é, *ipso facto*, espírita.

Sem embargo, como no meu caso, sobre ser homeopata, sou, outrossim, neo-espírita, urge definir, desde já, os rumos para evitar confusões.

Os fatos que me induziram a aceitar o Espiritismo e a fundar o Neo-espiritismo são fatos psicológicos e metapsicológicos ligados à mediunidade. Os fatos que me convenceram da admirável eficácia da terapêutica homeopática são fatos clínicos. Não há relação direta entre uns e outros. Primeiramente, de materialista que era, converti-me ao Espiritismo, continuando, porém, alopata. Mais tarde, diante da cura de minha esposa pela Homeopatia, em menos de 72 horas, depois de haver sido submetida, durante mais de 1 ano, sem resultado satisfatório, aos mais poderosos recursos da alopatia, senti-me impulsionado a estudar a doutrina hahnemanniana. E não tardou que eu próprio obtivesse curas que me entusiasmarem a ponto de recomeçar, com apreciável prejuízo material, a vida profissional no campo da Homeopatia. Nunca, porém, misturei a Medicina com o Espiritismo, exceção feita para os casos em que, por minha sensibilidade, pude identificar, na enfermidade aparentemente orgânica, a presença de oculta Espiritopatia — casos que, destituindo-me dos proventos da clínica, sempre tratei, de graça, na SEPE — Sociedade neo-espírita que dirijo.

Entretanto, desde muitos anos, através da imprensa e de programas radiofônicos, procurei esclarecer que, pelo fato de ser homeopata, não se segue que o médico seja espírita e prescreva mediunizado. Pelo contrário, procurei demonstrar que os médicos, pelo fato de serem médicos e possuírem cultura própria para curar, não são dotados de **mediunidade receitista**, apanágio de poucas criaturas e cuja condição *sine qua non* é nada saberem de Medicina, pois a finalidade do receituário espírita ou neo-espírita não é fazer clínica terrena — é chamar a atenção dos céticos para a interferência do mundo espiritual nos problemas humanos.

Verdade é que, todo médico, sem exceção, por intermédio da **intuição clínica**, recebe orientação de Protetores invisíveis, que o assistem. Isso, porém, discretamente e em harmonia com sua cultura, seu caráter e sua vocação à caridade. Contudo, o fenômeno da mediunidade receitista não lhe seria lícito, porque não teria finalidade. Não provaria a ninguém a intervenção do Além. Conhecendo a Medicina, o médico, mediunizado, não con-

venceria nem aos seus íntimos de que o receituário era dádiva de antigos médicos terrenos, transformados, pela desencarnação, em Espíritos-médicos, com curso de aperfeiçoamento *post-tumular!*

Mas o pior é que o médico, feito médium receitista, passaria por mistificador ou por fanático e maníaco. E tudo isso, de graça; porque, não sendo dele a prescrição, não poderia, em sã consciência, cobrar honorários. Seria, portanto, o massacre do médico-médium, sem proveito para o Espiritismo nem para o Neo-espiritismo, que visam, antes de tudo, a provar a sobrevivência do homem e a comunicação dos Espíritos; e, nunca, atrair Espíritos-médicos para, novamente, clinicarem na Terra, em desleal concorrência com os colegas encarnados!

Em suma: o médico poderá estar dotado de várias mediunidades, menos uma — a receitista. Por isso mesmo, sempre procurei ressaltar, perante meus clientes, que minha consulta é consulta médica e não consulta espiritual. Isso não significa, porém, que, nos casos em que o enfermo esteja sofrendo agravação da sintomatologia clínica por invisível atuação espiritual, eu, dotado de sensibilidade mediúnica e com responsabilidade espiritual de doutrinador, deva permanecer indiferente, sem obrigação de orientá-lo do ponto de vista espiritual, da mesma maneira que, como médico, tenho o dever de orientá-lo do ponto de vista clínico.

Agora, aplainado o caminho, entrarei no terreno do Espiritismo ou, mais precisamente, do Neo-espiritismo, que é o Espiritismo kardequiano enriquecido com valiosos ensinamentos, que, desde a década de 30, recebi, durante anos consecutivos, por intermédio da extraordinária mediunidade de minha primeira esposa — Palmyra de Carvalho Ribas, e, pessoalmente, mercê de indefectível intuição, que é mediunidade mundial.

Delimitei o campo da Homeopatia. Circunscreverei, agora, o campo do Espiritismo. Posteriormente, mostrarei as inter-relações entre ambos. Mas, primeiramente, as diferenças; depois, as interferências.

A Homeopatia é método terapêutico; o Espiritismo, filosofia religiosa. Ciência *in fieri*, como diriam os escolásticos, o Espiritismo será, amanhã, com o advento do Neo-espiritismo, ciência religiosa, que polarizará a humanidade pelo pensamento e pelo sentimento.

Vou sintetizá-lo. Primeiramente, as origens. O esboço é antiquíssimo. A mediunidade e a palingenesia estão camuflados nas sombras do mais remoto passado. Todavia, bruxoleiam nos *Vedas*, relampejam no *Bhagavad-Gita*, particularmente no *Shastah*, coriscam no *Dhamapada* e no *Surungama Sutra* — Livros Sagrados do bramanismo e do budismo. E já palpitavam, em embrião, no seio do masdeísmo ou zoroastrismo. De resto, reluzem intensamente no druidismo e fulguram no tabernáculo dos Mistérios, no Egito, na Caldéia e na própria Grécia.

Vultos proeminentes, como Pitágoras, Platão, e, sobretudo, Sócrates, estavam convencidos de fatos e princípios que atualmente estão corporificados na doutrina espírita, como estarão na doutrina neo-espírita.

Sem embargo, a verdadeira origem do Espiritismo é outra.

Desde os tempos mais primitivos, Espíritos evoluídos, provenientes de outros planos do Espaço que envolve a Terra, encarnaram em nosso planeta na posição de Instrutores da humanidade. Dentre eles, destaco Buda e Jesus, outrora encarnados na Terra como Instrutores da humanidade, e cujas doutrinas apresentam sensíveis afinidades, de vez que o essenismo, doutrina abraçada pelo profeta nazareno, se inspirou, em muitos tópicos, no budismo, não obstante o acatamento dado aos profetas israelitas.

Como se infere, toda revelação de verdades divinas origina-se de um profeta ou, apenas, de um Espírito missionário assistido por numerosos Protetores de elevada hierarquia espiritual incumbidos de transmitir-lhe o que sabem a respeito do “reino de Deus”. É de ver, pois, que as revelações variam em profundidade e em clareza consoante o nível de perfeição do seu “revelador” e a iluminação dos Mestres que o instruem.

Ora, sendo essa uma lei divina para garantia do progressivo conhecimento de verdades eternas, é óbvio que o Neo-espiritismo, tal qual o Espiritismo não poderia fugir à regra. Com efeito no que tange ao Espiritismo, prevaleceu o trabalho de síntese feito pelo Mestre Allan Kardec. Como pioneiro, o fundador do Espiritismo lidou com um material eivado de erros, porquanto as comunicações dos Espíritos foram feitas pelos métodos primitivos das “pancadas” de um pé de mesa ou pelos movimentos duma taboinha triangular guiada por Protetores ainda ligados parcialmente ao catolicismo. Destarte, o Espiritismo não poderia libertar-se *in totum* de postulados católicos que prevaleceram na doutrina kardequiana e, dessa forma, foram aceitas muitas inverdades e omitidas significativas verdades, que depurariam o Espiritismo da prejudicial mescla católica.

No que tange ao Neo-espiritismo que me foi revelado em caráter pessoal, por uma plêiade de Mestres, dentre os quais destaco Allan Kardec, Léon Denis e Bezerra de Menezes, não houve vínculo com o catolicismo, porque nem a médium nem eu éramos católicos.

O fato é que, a partir de 1935, o Neo-espiritismo já transparecia em minhas doutrinações, escritas em jornais de Niterói e do Rio ou faladas em conferências efetuadas em diferentes centros de ambas as capitais, motivo por que os confrades, perplexos, me acoimavam de distorcer o kardequismo com teorias pessoais.

Na verdade, não houve deturpação: houve retificação feita pelos Mestres que me revelaram o Neo-espiritismo, com fatos evidentes e postulados racionais. De sorte que o Neo-espiritismo, queiram ou não os retrógrados, trará novas perspectivas para o planeta, com maior compreensão de seu

Criador, exata situação dos Espíritos nos intervalos de sucessivas encarnações, melhor explicação para a desigualdade dos destinos humanos, esclarecimento de numerosas síndromes e enfermidades provocadas pela atuação de Espíritos sofredores ou de Espíritos obsessores, causadores, respectivamente, de Espiritopatias clínicas ou de Espiritopatias obsessivas, consoante a terminologia criada por mim.

Quanto a Jesus, Espírito de escol, Mestre dos Mestres, dotado de excepcionais dons mediúnicos e de excelsas virtudes conquistadas em lutas ingentes, em muitas encarnações diferentes entre si, veio à Terra, em última encarnação, como incomparável missionário, que se obrigou perante os sapientíssimos Mestres, que governam nosso planeta, a ampliar a eterna revelação divina, sempre condicionada ao progresso moral e intelectual dos habitantes da Terra. Para desincumbir-se de tão gloriosa quanto espinhosa missão, Jesus fora preparado, desde os oito anos de idade, por um Mestre fora de série, o Senhor de Justiça, e por outros iniciados, que viviam como autênticos ascetas na comunidade do Qumrân, na qual Jesus fora educado e permanecera até, aproximadamente, trinta anos de idade.

“Iniciado” e com a auréola de Mestre, Jesus rompeu as algemas da clausura para dar ao mundo profano aquilo que, para os “iniciados”, era segredo sagrado. Mas, a despeito das precauções que tomou, pregando por parábolas e evitando retaliações com o mosaísmo, que deveria reformular, o Mestre insigne acabara envolvido sub-repticiamente na trama de implacáveis adversários, que o levaram ao martírio da crucificação — pena de morte reservada exclusivamente para escravos responsáveis por crimes hediondos!

Com a execrável morte precoce do incomparável instrutor da humanidade, o planeta não só perdeu o melhor dos homens, como perdeu, outrossim, a oportunidade de receber, com todo resplendor, a revelação integral da doutrina de que Jesus foi portador, para aclarar as consciências, melhorar os sentimentos e confraternizar a humanidade. Tudo porque esses sublimes conhecimentos espirituais eram apanágio de Jesus, fruto de sua prodigiosa mediunidade e prêmio de suas excepcionais virtudes. Numa palavra: a garantia da transmissão da revelação divina de que Jesus fora incumbido dependeria da permanência do excelso Mestre na vida terrena, pelo tempo necessário, cujo termo deveria ser marcado por sua morte natural e nunca assassinado, por uma turba infrene, instigada por emissários disfarçados dos sacerdotes vingadores!

Com o Espiritismo, porém, jamais poderia ocorrer semelhante descalabro, porque ele não é revelação de um só profeta. É fruto do trabalho coletivo de milhares de Espíritos. Trabalho conjugado de Espíritos desencarnados e de Espíritos encarnados. De médiuns e de habitantes do Além. Médiuns de todas as crenças, e, até, sem crença alguma; Espíritos de todos os planos espirituais organizados na órbita da Terra.

Allan Kardec, como sempre afirmou, foi, apenas, o codificador da doutrina, que, genialmente, colheu dos fatos que pôde observar e das mensagens, que recebeu, dos Espíritos encarregados de instruí-lo, por intermédio de meia dúzia de médiuns ingênuos. Os ensinamentos vieram, todos, do mundo espiritual — deram-nos os próprios Espíritos. Por isso, Allan Kardec denominou o livro básico da doutrina — *Livro dos Espíritos*.

É de ver que Allan Kardec ou, melhor, o Professor Rivail, cujo nome integral, desgraçadamente, continua controvertido, dadas as contradições de seus biógrafos, fora discípulo dileto de Pestalozzi, renomado pedagogo suíço. E, depois de vários anos de magistério e sendo já autor de valiosas obras didáticas, Allan Kardec estava plenamente preparado para o cumprimento da missão que marcou sua brilhante encarnação. Por isso, à maneira de Galvani, que, na “dança das rãs”, vislumbrou novo roteiro para a Ciência, Allan Kardec claramente percebeu na “dança das mesas”, até então ridícula distração de ociosos, o esforço heróico de alguns habitantes do Além preocupados em comprovarem, em benefício da humanidade, a sobrevivência do homem, com suas indeclináveis conseqüências morais. Por isso, persistiu afrontando o preconceito e resistindo à zombaria.

Aliás, não tardou que os próprios Espíritos comunicantes sugerissem meios mais adequados para a produção das mensagens — a prancheta e a psicografia, sobretudo a psicografia. Foi por este processo que Allan Kardec recebeu as mensagens que o convenceram.

Moças ingênuas, profundamente católicas, serviram de instrumento à transmissão de mensagens heterodoxas, revolucionárias do ponto de vista da religião que professavam, mensagens que, não obstante, desvendavam nova faixa de luz da mente divina!

Além dessas, outras mensagens, de diversos padrões, foram dadas; mensagens, muitas vezes, duvidosas, que deveriam ser, como, de fato, foram, criteriosamente selecionadas ou rejeitadas.

Os ensinamentos, ratificados por intermédio de médiuns que se desconheciam e que atuavam em diferentes localidades e, até, em cidades distantes, cada qual ignorando o teor das mensagens recebidas pelos demais, foram os únicos considerados verdadeiramente significativos. Assertivas esdrúxulas, contrárias aos conceitos emitidos pela maioria dos habitantes do Além, foram computadas, como não poderiam deixar de ser, meras opiniões pessoais.

Allan Kardec concluiu, com toda razão, que, divergindo de opinião acerca de várias questões, os Espíritos estavam demonstrando, com isso, que não são oniscientes, como muita gente imagina, e que, na realidade, cada qual dá a mensagem correspondente ao seu saber, à sua moralidade e ao nível de cultura do plano espiritual que alcançaram. Por isso mesmo, a doutrina espírita não fora codificada, desde o princípio, com postulados irremovíveis, exceção feita, é claro, para os seus princípios fundamentais, como a existência

de Deus, a existência e a sobrevivência do Espírito, a pluralidade de vidas, a pluralidade de mundos habitados e a comunicação dos Espíritos com os habitantes da Terra.

No que tange, porém, aos demais ensinamentos, ministrados pelos habitantes do Além, a doutrina dos Espíritos é dinâmica e evolutiva — deve avançar à medida que novas contribuições, comprovadas empírica ou experimentalmente, vêm dilatar seus horizontes.

Com efeito, o Espiritismo parte do pressuposto de que a revelação divina é incessante; e que, à medida que a humanidade evolui biologicamente e vai sendo dotada de cérebros mais aperfeiçoados e, sobretudo, à proporção que progride moralmente, vai absorvendo, do Além; novas verdades, que ela ainda não havia podido compreender.

Imbuída, pois, como está, desse espírito progressivo, e devendo caminhar paralelamente à Ciência, consoante preconizou seu venerável fundador, a doutrina espírita não poderia permanecer petrificada, com dogmas irremovíveis. Ao contrário, para não se fossilizar, à maneira de certas religiões, a doutrina espírita ratificará ou retificará seus postulados de acordo com o progresso dos conhecimentos humanos.

A sistemática recalitrância dos líderes espíritas em admitirem esse caráter dinâmico da doutrina kardequiana, que proclamam, mas não aceitam, é, sem dúvida, a razão da conspiração do silêncio em torno dos ensinamentos que, desde 1935, venho proclamando não só em auditórios espíritas, como pela imprensa escrita e falada.

Entretanto, esses ensinamentos abrem novas perspectivas sobre a movimentação do mundo espiritual que nos envolve na vida terrena, esclarecem o mecanismo da justiça do Criador e justificam a liberdade de atuação dos Espíritos, ensejando, dessa forma, maiores, e melhores, oportunidades para o homem livrar-se de muitíssimos sofrimentos morais e, até, de doenças enigmáticas, as Espiritopatias, as quais, via de regra, zombam de todos os recursos terapêuticos da Medicina.

Afirmo, sem cabotismo, esta verdade, mil vezes comprovada na prática, na Sociedade que dirijo, porque os ensinamentos que transmito não foram criação de minha imaginação — surgiram no decurso de um decênio de contato diário com os Mestres, que me instruíram por intermédio da prodigiosa mediunidade de minha primeira esposa. Dotada, apenas, de instrução primária e ignorando inteiramente o teor das mensagens que transmitia, médium inconsciente que foi, era flagrante e surpreendente a disparidade entre seu nível cultural e a profundidade dos ensinamentos que, mediunizada, me transmitia; ensinamentos que abrangiam não só a área filosófica e religiosa como a área científica e que antecederam, a mim, descobertas que ocorreram algum tempo depois de haverem sido a mim anunciadas e por mim proclamadas nas aulas doutrinárias da SEPE e várias outras que ainda deverão ocorrer, sem grande demora.

Em se tratando de uma médium de instrução primária, a variedade e a profundidade dos ensinamentos que me foram ministrados pelos Espíritos missionários que me revelaram o Neo-espiritismo foram, para mim, seguro penhor de que as mensagens provinham, de fato, do Além e nunca do Inconsciente da médium, como poderiam pretender os freudianos sistemáticos e os parapsicólogos atuais.

Além disso, se eu ainda carecesse de provas colaterais para firmar minha convicção bastariam as mensagens do Espírito de André Luiz, posteriormente transmitidas pelos médiuns Waldo Vieira e Chico Xavier e que, em síntese, concordavam integralmente com os ensinamentos que me haviam sido dados e com as revelações que me haviam sido feitas pela maravilhosa mediunidade de minha primeira esposa. E o curioso foi que, desencarnada esta, a corrente das revelações prosseguiu através da segunda esposa, Antonieta Moraes Ribas, sem nenhum interregno, desde que com ela me casei em 1965.

Ora, convencido de que os fatos que me foram revelados reformulam e engrandecem a codificação kardequiana e, por conseguinte, constituem sagração patrimônio espiritual da humanidade, não me senti obrigado a tolerar, por mais tempo, a “conspiração do silêncio” promovida pelos espíritas despeitados e, por isso, atendi aos insistentes apelos de meus Mentores espirituais e fundei o Neo-espiritismo com esperança de que, ligado como está à Ciência em geral e à Medicina em particular, e consolidado com postulados morais e religiosos de cristalina racionalidade, a nova doutrina levará Paz e Saúde à humanidade!

De resto, além da moral cristã, o Neo-espiritismo preservará com ele os postulados fundamentais do Espiritismo.

O primeiro deles é, evidentemente, a existência de Deus, criador do Universo. Mas não se trata de um Deus antropomórfico, semelhante ao do Velho Testamento, idêntico ao homem no físico e, o que é pior, de moral duvidosa, e injusto, porque faccioso.

Na verdade, Deus não fez, nem poderia fazer, o homem à sua semelhança, de vez que há total antagonismo entre a natureza divina e a natureza humana. O que aconteceu foi exatamente o contrário daquilo que figura na *Bíblia*: foi o homem que fez Deus à sua semelhança, com as fraquezas que lhe são peculiares.

O Deus do Neo-espiritismo, da mesma sorte que o Deus do Espiritismo, é, na essência e na aparência, incognoscível e irrepresentável materialmente. É, apenas, pressentido na grandiosidade do Universo e na profunda sabedoria das leis que o regem.

Todavia, quando se descobre, nos paradoxos dos destinos humanos, sábia justiça inspirada no amor por todas as criaturas, principiamos a sentir pelo Criador, além da intraduzível admiração, profunda e sincera veneração. Para isso, porém, é imprescindível que se admita a reencarnação dos Espíritos, sob a tutela da lei de causalidade moral, que dá a cada qual exatamente o destino que merece.

Qualquer outra hipótese, como a da salvação pela graça e da predestinação, arrasa a justiça divina, transformando Deus num monstro de parcialidade, que poderá ser objeto de nosso terror, nunca, porém, de nosso amor!

O outro postulado básico da doutrina espírita — e sê-lo-á, outrossim, do Neo-espiritismo — é a existência, no homem, do Espírito imortal. Mas a existência do Espírito não principia na encarnação terrena, com toda a gama de diferenças individuais, que, à primeira vista, dão do Criador revoltante impressão de arbitrariedade. Não. A existência do Espírito, quer no Espiritismo, quer no Neo-espiritismo, está indissoluvelmente ligada à preexistência e à sobrevivência. Na realidade, é plurivivência que se desenvolve em muitos planos — quiçá em muitos mundos — regulada infalivelmente por uma lei de causalidade moral — a lei do **carma** — que restitui a cada Espírito, esteja ele encarnado ou desencarnado, os frutos das sementes que plantou, aqui ou no Além.

Finalmente, outro postulado do Espiritismo, que continuará a prevalecer no Neo-espiritismo, é a igualdade na criação dos Espíritos e sua evolução gradativa, sujeita a penas e castigos provisórios e proporcionais à gravidade das faltas cometidas, sempre com finalidade corretiva — correção até merecer, um dia, a eterna felicidade, que Deus reserva para todas as criaturas humanas, por mais desgraçadas e perversas que sejam na atualidade!

JESUS À FRENTE DO NEO-ESPIRITISMO

A época atual é paradoxal e dramática. Nunca a Ciência realizou tantos e tamanhos prodígios. Jamais a tecnologia alcançou tão maravilhosa precisão. Em tempo algum o homem esteve tão próximo da exploração de outros planetas. Mas, não obstante esse imenso progresso, em nenhuma época histórica o destino da humanidade e, até, a integridade da Terra correram tanto risco!

Com efeito, dado o colossal arsenal de armas atômicas e de muitas outras de inimaginável potencial destruidor, acumuladas pelas grandes potências, bastará o desequilíbrio emocional de meia dúzia de governantes ambiciosos e temperamentais para que, em poucos minutos, o mundo inteiro esteja pavorosamente conflagrado e inexoravelmente arrasado por catastróficas explosões nucleares, agravadas por terríveis radiações letais!

Urge, pois, que o homem se liberte, por um momento, do materialismo ateu e do utilitarismo egoísta em que vive chafurdado, para meditar e interrogar-se sobre um problema que raramente ou nunca equaciona: afinal quem sou eu? De onde vim, com o nascimento? Para onde irei, com a morte?

Em verdade, não lhe deve ser indiferente que seu Espírito sobreviva à destruição do corpo físico. Máxime porque é certo que a felicidade ou a desgraça do Espírito despojado da matéria têm indeclináveis implicações com o comportamento durante a encarnação. E isto não só no que diz respeito aos atos praticados, como no que tange aos pensamentos ocultos ou revelados e, sobretudo, no que concerne aos sentimentos predominantes durante a existência terrena.

Aliás, para destroçar definitivamente o materialismo monista, não tardará que a Ciência, depois de haver gravado, em fitas magnéticas virgens e sob o controle de autênticos cientistas, as vibrações do pensamento de Espíritos desencarnados transformadas em vozes semelhantes às que possuíram quando encarnados, venha a descobrir prodigioso aparelho, muitíssimo mais sensível do que os atuais de televisão, com capacidade para captar a imagem do corpo espiritual ou duplo etérico de Espíritos desencarnados.

Ora, com a projeção da imagem de Espíritos desencarnados e, concomitantemente, a gravação de suas palavras, tornar-se-á exequível o diálogo com parentes e amigos, que não deixarão dúvidas de sua sobrevivência.

Como se infere, será a comprovação definitiva da imortalidade e da comunicação dos Espíritos por intermédio de insuspeita "mediunidade eletrônica"!

Contudo, até que a técnica científica haja substituído a mediunidade perispiritual pela mediunidade eletrônica, é possível comprovar, com ostensiva fenomenologia mediúnica, inclusive com indubitáveis materializações de amigos desencarnados e com mensagens ditadas em "voz direta" ou transmitidas em "escrita direta", redigidas em papéis guardados em caixas ou gavetas hermeticamente fechadas, a polêmica imortalidade do homem.

De resto, desde que haja merecimento perante a justiça divina, toda criatura humana poderá obter provas de que, independentemente de turbulentas manifestações de Espíritos atrasados e de propositadas mistificações, há, e sempre houve, edificantes comunicações de Espíritos cultos e caridosos que estão evoluindo num dos muitos planos espirituais organizados, com a supervisão de Mestres e de Mentores, em nosso utilíssimo planeta — planos dos quais os Espíritos que habitam a Terra só se libertam definitivamente quando, concluído o multimilenar ciclo evolutivo inerente ao nosso planeta, partem, vitoriosos, para outro planeta hierarquicamente superior, que se distingue não só por sua composição, como pelas propriedades de suas radiações vitais. Lá, permanecem séculos de séculos, até que mereçam deslocar-se para um planeta adequado aos Espíritos absolutamente puros, que já absorveram seu luminosíssimo perispírito e, por conseqüência, perderam a forma humana e transformaram-se em glóbulos luminosíssimos, verdadeiros sóis, que cooperam com o Criador na execução de leis que mantêm a harmonia do Universo!

Ao contrário, quando um Espírito, sistematicamente rebelde à evolução, se torna permanente obstáculo ao progresso, não só dos que almejam aperfeiçoar-se, como, também, ao progresso do próprio planeta, que, por sua vez, está sujeito a um ciclo de evolução, o indesejável perturbador é compulsoriamente levado para um planeta inferior à Terra, no qual a evolução se processa sem a ajuda da encarnação, com tremendos sofrimentos, de vez que somente a dor acrisola Espíritos obstinados na maldade.

Contudo, desde os primórdios da civilização, a bondade do Criador sempre se evidenciou com provas da imortalidade do Espírito, mercê de manifestações da mediunidade, que dão oportunidade ao diálogo entre Espíritos encarnados e Espíritos desencarnados, e mostram, na situação desses últimos, a atuação de sábia lei de causalidade moral que rege o destino das criaturas humanas.

De resto, até entre povos primitivos, médiuns curandeiros sempre salvaram vidas, curando com a proteção de Espíritos curadores, doenças de diferentes etiologias, traumatismos de diversas origens, mordeduras de cobras e de outros répteis e aracnídeos venenosos. Além disso, médiuns impropriamente denominados feiticeiros, desde remota era, curaram vítimas de Espiritopatias obsessivas e, até, de magia negra, libertando-as, com amparo de Espíritos protetores, da atuação de Espíritos malignos. Portanto, a despeito dos debiques dos ateus, a humanidade nunca esteve sozinha, desprotegida da misericórdia divina. Médiuns e Espíritos desencarnados nos mais díspares níveis de evolução, unidos na prática da caridade, sempre deram sua ajuda não só às vítimas de enfermidades de diferentes etiologias clínicas, como curaram Espiritopatias causadas por Espíritos sofredores ou por Espíritos obsessores e, além disso, socorreram macumbados torturados por Espíritos vingativos.

Todavia, a culminância da mediunidade sublimada é apanágio de autênticos precursores, dentre os quais se destacou o vulto exponencial de Jesus de Nazaré, iluminado profeta galileu, iniciado, pelos essênios, nos Mistérios do Reino de Deus. Lamentavelmente incompreendido, até hoje, pela maioria da humanidade, a doutrina que ensinou é, constantemente, relegada na vida prática, apesar da deificação com a qual o galardoaram interessadamente pelas assombrosas curas que efetuou!

Com efeito, contrariamente ao espírito universalista de seus valiosíssimos ensinamentos, Jesus, em ostensiva concorrência com o Criador do Universo, foi eleito Deus, embora por maioria somente de um voto, no célebre Concílio de Nicéia, a fim de que a Igreja Católica pudesse avocar a si o privilégio de haver recebido diretamente de Deus a única doutrina autêntica, hipótese que, se fosse verdadeira, anularia integralmente todas as outras religiões!

Sem embargo, no próprio evangelho nada confirma indubitavelmente a divindade de Jesus, inclusive a desconchavada opinião do mais pusilânime dos apóstolos — Pedro.

De fato, curioso de saber o que pensava o povo a seu respeito, Jesus interrogou os discípulos perguntando-lhes quem supunham ser ele. Pedro, adiantando-se aos outros apóstolos, respondeu-lhe por conta própria: “Tu és o Cristo, filho de Deus vivo.” (Mt. XVI, 13-16).

É evidente que a resposta do discípulo não diviniza o Mestre. Ao contrário: enquadra-o no seio da humanidade. Realmente, o vocábulo Cristo, em grego, língua para a qual fora traduzido pelo menos um Evangelho, significa profeta, isto é, médium dotado de precognição e, às vezes, de clarividência — faculdades que Jesus acumulou e das quais deu provas irretorquíveis.

De resto, ao opinar que Jesus era filho de Deus vivo, Pedro empregou um pleonasma e cometeu um paradoxo. Pleonasma, porque, sendo eterno e, portanto, imortal, não poderia haver Deus morto, mas, exclusivamente, Deus vivo, mesmo porque o Criador é a própria essência da vida, latente em tudo que ele criou no Universo; paradoxo, porque, como suas criaturas, todos nós somos filhos de Deus. Portanto, na assertiva de Pedro, nada, absolutamente nada comprova a intenção de divinizar o prodigioso Mestre.

Acresce, ainda, a circunstância de que, como é óbvio, se Jesus fosse, de fato, Deus, nem Pedro nem nenhum outro discípulo nem ninguém poderia arrostá-lo sem tombar fulminado, tamanho seria o impacto emocional! E isso admitindo-se, por absurdo, que Deus, que é infinito e abrange todo o Universo, pudesse reduzir-se à finita forma humana, a ponto de confundir-se com um homem comum ou mesmo com um super-homem!

Aliás, é notório que, em presença de um Espírito desencarnado, ainda que seja o de um parente muito amado, a maioria das pessoas, condicionadas por defeituosa educação religiosa, sente horripilante pavor. Imagine-se, pois, o medo pânico que as aniquilaria se, ao invés de uma “alma do outro

mundo”, deparassem com o próprio Fluido Vital Universal, Supremo Doador da Vida, Criador de tudo que existe e Mantenedor do Universo, cuja essência é inconcebível até pelos mais evoluídos Espíritos terrenos, estejam eles encarnados ou desencarnados!

Lamentavelmente, o *Velho Testamento*, referto de antinomias, confundiu humildes Espíritos desencarnados com o próprio Criador e, dessa maneira, colocou Deus em promiscuidade com a humanidade e em chocante intimidade com profetas e anciãos! Contudo, atenuando o despautério, figuram no Pentateuco diversos versículos que entremostam a infinita desigualdade que separa o Criador do Universo da criatura humana. E a verdade é que, a despeito da bazófia do escriba que relatou o fato, Moisés jamais poderia dialogar “face a face” com Deus. Nem mesmo com um Espírito de elevada hierarquia poderia fazê-lo, porque, antes de iniciar sua missão como líder religioso, Moisés já havia cometido um crime: assassinara, em luta corporal, um egípcio que estava a espaldeirar um judeu, razão de sua precipitada fuga para Midiã. Aliás, esse crime fora, mais tarde, capitulado no décimo terceiro artigo do *Decálogo* de dezesseis mandamentos, “decálogo” que Moisés e Arão, juntos, ambos médiuns de efeitos físicos, receberam por “voz direta” oriunda de um Espírito de pouca evolução, embora Protetor de Moisés, pois ele próprio preveniu ao profeta que viria “numa nuvem escura” dialogar com ele em presença do povo (Ex. XIX, 9 e ss).

Ora, o Espírito que se materializa com ectoplasma enegrecido, como ocorreu em Belém, no Pará, mercê da mediunidade da Sra. Prado, e cuja fotografia foi estampada em *O trabalho dos mortos*, de Nogueira de Faria, não é, de modo nenhum, de elevada hierarquia; ao contrário, é Espírito pouco evoluído, ligado a problemas terrenos, conforme deveriam ser os mais afins com Moisés, de vez que o profeta viveu mais preocupado com os privilégios raciais do que com os problemas espirituais.

Sem embargo, o que reforça a tese de que nem Jesus de Nazaré, atual líder religioso de nosso planeta, nem o Espírito desencarnado que se cognominava Deus eram, de fato, o verdadeiro Criador é a advertência, feita por clariaudiência a Moisés, quando este, envaidecido com sua rica fenomenologia mediúnica, propôs ao pseudodeus, que com ele se comunicava, que se lhe manifestasse e se lhe mostrasse “em toda sua glória” e obteve, como resposta, dramática repreensão: “Não me poderá ver face a face, porquanto nenhum homem verá minha face e continuará vivo!” (Ex. XXIII, 18-20).

Como se conclui, a estória dos encontros “face a face” de Moisés com Deus é pura invencionice, para exaltação do profeta. O mais provável é que o interlocutor de Moisés não passasse de modesto intérprete de seu Mentor. E tudo diz que foi esse mesmo Espírito que, na posição de humilde Mensageiro do Mentor do profeta, se lhe manifestou, pela primeira vez, em meio duma “sarça ardente” e declarou-lhe que era Deus! (Ex. III, 1 ss.).

Em verdade, a “sarça ardente” ou o silvedo em fogo, que se não comburia, nada mais era senão a radiação do fluido vital vegetal, percebido pela vidência mediúnicamente de Moisés e, atualmente, comprovado pela fotografia Kirlian.

Ora, quando um Espírito, para manifestar-se, consegue condensar seu perispírito com fluido vital vegetal, embora possa ser bem intencionado, não é, absolutamente, tão perfeito a ponto de ser confundido com um Espírito Superior e, muito menos, com Deus!

Aliás, do próprio contexto da *Bíblia* ressalta um fato irremovível: entre Moisés, médium fratricida e seu Mentor, Espírito de elevada hierarquia e, naquela encarnação, “dono do destino” do profeta, incrementou-se a incompatibilidade de vibrações entre o perispírito de ambos, razão porque o Mentor de Moisés se valeu de um Espírito atrasado, cujo perispírito emanava “uma nuvem escura”, mas que, por isso mesmo, teve maior facilidade de entrar em contato com o profeta faltoso e transmitir-lhe uma Mensagem de transcendental significação para a evolução da humanidade!

Como se vê, se houve alguém fracassado em sua missão, foi Moisés, que não mereceu receber diretamente de seu Mentor a mensagem que lhe transmitiu um Espírito ainda envolvido em uma nuvem escura; e, se houve, como de fato houve, vitória, a glória foi, sem dúvida, do Mentor de Moisés, que movimentou, em seu lugar, um Mensageiro compatível com o nível espiritual do profeta.

Aliás, já era tempo de a humanidade haver compreendido que, em hipótese alguma, Deus, que é infinito em todos os seus atributos e cuja radiação do pensamento criador se expande por todo o Universo, jamais poderia ter forma humana, adequada, exclusivamente, a Espíritos em fase de evolução terrena. Nem Jesus, se fosse Deus, poderia conviver aqui, na Terra, com Espíritos encarnados ou desencarnados ainda tão imperfeitos, que nem sequer podem conceber como é, exatamente, o Ser Infinito!

Outra questão que merece ser esclarecida é que, se admitirmos que Pedro supôs, erradamente, que Jesus era o Messias, isto é, o esperado profeta da escatologia quiliástica judaica, seremos forçados a reconhecer o ridículo da assertiva, pois o imaginário Messias escatológico, que deveria nascer em Belém Efrata, sete séculos antes da Era Cristã, seria um Messias-Rei, que reinaria em Israel e que, com a aliança de sete pastores e de oito príncipes, deveria arrasar a “terra da Assíria à espada e a terra de Ninrode, dentro de suas próprias portas” (Mq. V,2-6).

Ora, Jesus, o profeta nazareno, era o antípoda do Messias-guerreiro anunciado por Miquéias. Não lutou contra os romanos e ordenou que se desse a César o que era de César e a Deus o que era de Deus (Mt. XXII,21; Mc. XII, 17).

Em verdade, não há nenhum vínculo genealógico, nem ideológico entre Jesus de Nazaré e os personagens e as doutrinas do *Velho Testamento*. Ao

contrário, sob vários aspectos, mosaísmo e cristianismo são antagônicos. Ao invés do exclusivismo de um “povo de Deus”, Jesus encarnou com a missão de pregar, e de exemplificar, o amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Mas, desgraçadamente, até hoje o Mestre não foi compreendido e, por isso, teme-se a Deus e incrementa-se o fratricídio em “guerras santas”!

Nunca, porém, Jesus se disse Deus. Nem seus discípulos, que testemunharam as maravilhas de sua mediunidade curadora, jamais o tiveram em conta de um Deus. E a melhor prova de que Pedro, cujo testemunho é sub-repticiamente invocado por arditos teólogos, nunca admitiu a divindade de Jesus, é que, mesmo após a desencarnação do Mestre e não obstante suas sucessivas aparições a Maria Madalena e de sua completa materialização diante dos discípulos, o apóstolo, referindo-se ao crucificado, denominou-o “varão aprovado por Deus... com milagres, prodígios e sinais”, porém não o equiparou, em momento algum, ao Criador (At. II, 22).

Por outro lado, com chamá-lo “filho de Deus”, também não poderia diferenciá-lo das criaturas humanas, porquanto filhos de Deus todos nós o somos.

Contudo, para evitar especulações em torno da expressão “filho de Deus”, Jesus sempre se considerou “filho do homem”. Mas é inegável que “filho do homem” somos todos nós, gerados de acordo com as leis biológicas. De fato, repetida mais de setenta vezes no contexto da Bíblia, a expressão “filho do homem”, da mesma maneira que a expressão “filho de Deus”, não tem nenhum significado transcendental — filho do homem, homem é; mas “filho de Deus” Deus não é!

Aliás, a distinção entre Deus e “filho do homem” está clara neste texto: “Deus não é homem para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa.” (Nm. XXIII, 19). Por sua vez, o profeta de Lamentações, para distinguir o Criador das criaturas, compara os homens aos vermes e os “filhos do homem” aos gusanos! (Jo. XXV,6). Posteriormente, outro profeta, mais afamado, Isaías, para exaltar Deus imortal, lembra aos homens, erradamente, aliás, que eles são mortais e compara o “filho do homem” às ervas! (Is. II, 12).

De resto, quando, ao descrever a “visão” que teve, Daniel afirma que o Espírito se lhe manifestou envolto em nuvens, com aparência de “filho do homem”, outra coisa não quis dizer senão que o Espírito, ao invés de aparecer-lhe metamorfoseado em fictício satanás, prova de lamentável atraso espiritual, ou de tomar a forma de “Anjo”, com asa e tudo, invenção persa e apanágio do masdeísmo ou zoroastrismo, inexistente no primitivo mosaísmo, apresentou-se-lhe como Espírito desencarnado com a aparência do corpo carnal que possuía durante a encarnação (Dn. VII, 13).

Na verdade, depois da desencarnação, o duplo etérico ou, melhor, o corpo espiritual conserva, até a futura reencarnação, o aspecto da derradeira encarnação, embora, para alcançar determinados objetivos, quer na su-

perfície mesma da Terra, quer noutros planos espirituais nela organizados, o Espírito possa modificar a forma de seu perispírito e tomar a aparência física que possuiu noutra encarnação! Todavia, tudo depende do consentimento do Mentor, o qual, por sua vez, continua responsável pela evolução de seu protegido até que ele mereça nova encarnação, ocasião em que passará a ser tutelado por outro Mentor.

Completando o que foi dito, insisto na distinção entre Espíritos protetores, dentre os quais se destaca o Mentor, e “filho do homem”, que significa Espírito encarnado — distinção que está evidente no depoimento do profeta Ezequiel.

Com efeito, ao manifestar-se-lhe, seu Mentor chamou-o de “filho do homem”, querendo lembrar, desta forma, ao médium-profeta, sua humilde condição de Espírito encarnado, ao passo que, referindo-se à “aparição”, que com ele dialogou, o profeta chamou-a de Espírito (Ez. II, 1-2).

Poderia multiplicar as citações da *Bíblia*. Suponho, porém, que as apontadas bastam para repor em seu devido lugar a verdade histórica acerca de Jesus.

Não há, de fato, na controvertida resposta de Pedro à pergunta do Mestre, uma palavra, sequer, que possa indicar que, na opinião do apóstolo, Jesus era um ser singular, de natureza divina. E já é tempo de ser proclamado alto e bom som que Jesus de Nazaré — o mais perfeito Instrutor da humanidade que, até hoje, encarnou em nosso planeta, foi um Espírito criado, como todas as criaturas humanas, inocente e ignorante, mas possuindo em potencial, como todos nós, os requisitos para evoluir moral e intelectualmente durante milênios de lutas íntimas em prol de seu auto-aperfeiçoamento, até alcançar a perfeição! Como se deduz, a evolução do Espírito é fruto de inumeráveis encarnações intercaladas com incontáveis períodos de onímodas atividades, como Espírito desencarnado, percorrendo diferentes planos espirituais, organizados em nosso próprio planeta, por determinação de iluminados Mestres. Esses planos de vida espiritual estão distribuídos não só na superfície como no interior da Terra e, também, em toda a atmosfera até a exosfera, onde se encontram Espíritos evoluidíssimos, praticamente destituídos de perispírito e transformados em verdadeiros focos de luz, Espíritos que, para se manterem, não carecem de absorver nenhuma forma de energia terrena; e, por isso, estão prestes a desprenderem-se deste, para ingressarem noutro planeta hierarquicamente superior, no qual o “alimento” é somente o prana, emanção do Criador!

Sem embargo, a imensa maioria dos Espíritos terrenos, quer estejam encarnados, quer estejam desencarnados, não podem dispensar, para sua manutenção, a absorção das múltiplas energias inerentes ao nosso planeta. Daí os planos de vida da superfície, como é o humano, e do centro da Terra, como são os planos infernais, destinados à correção de Espíritos afeiçoados à maldade. Mas, além desses, muitos outros planos de vida espiritual existem

nos mares, da superfície à profundidade, até o contato com o fundo do mar. E não é só. Onde houver água, como nos rios, nos lagos e lagoas, nas cachoeiras e em todas as fontes d'água, haverá Espíritos em diferentes graus hierárquicos, necessitados das energias existentes nessas fontes de vida.

De resto, onde houver vegetação, seja nas florestas, nas matas, nos bosques, nos parques ou nos jardins, haverá, indefectivelmente, inimaginável número de Espíritos desencarnados que, para a renovação das energias do corpo espiritual, máxime do perispírito, consumidas em suas atividades, precisam do fluido vital animal, ou do fluido vital vegetal, da mesma maneira que outros, de inferior hierarquia, carecem do fluido vital mineral, ainda desconhecido. E não há estranhar, porque, embora em diferentes graus de sublimação, o fluido vital, radiação do pensamento criador de Deus, permanece impregnando tudo que foi por Ele criado, em todos os reinos da natureza!

Como se depreende, a matéria não é obstáculo para os Espíritos — atravessam-na como a luz atravessa o vidro!

Em suma — da molécula mineral à célula vegetal, da célula vegetal à célula animal, da célula animal à célula hominal, da célula hominal ao *quantum* de energia perispiritual dos Espíritos desencarnados, sempre em ascendente acrisolamento, o Fluido Vital transita, durante milhões de milhões de séculos, nos cinco reinos da natureza — o reino mineral, o reino vegetal, o reino animal, o reino hominal e o reino espiritual. Daí a existência da vida mineral, da vida vegetal, da vida animal, da vida hominal e da vida espiritual — todas mantidas pela emanção do pensamento do Criador, que é a Vida em si mesma!

No que concerne à Terra, o fluido vital mais puro e luminoso é apanágio dos grandes Mestres, que, obedientes às leis divinas, muitas delas ainda desconhecidas pela Ciência, dirigem o planeta; ou optam pela árdua missão de servirem de Instrutores da humanidade, conforme ocorreu com Jesus de Nazaré, que, de degrau em degrau, conseguiu alcançar o píncaro da perfeição humana! Por isso mesmo, Jesus tem todas as credenciais para servir de modelo para todos nós, que estamos engatinhando na senda da evolução, e, mais que isso, o venerável nazareno conquistou a primazia de ser supremo líder religioso de nosso planeta.

Contudo, incompreendido, invejado e vilipendiado pelos vultos mais representativos do sacerdócio mosaíta, o incomparável Mestre, apesar de ter sido portador da mais larga faixa de revelação divina até então transmitida à Terra, foi, sem prévio julgamento, cruelmente injustiçado e barbaramente condenado à execrável crucificação!

As conseqüências do crime do Calvário aí estão. Decorridos quase dois milênios, vivemos num mundo armado com os mais destruidores engenhos bélicos e ameaçado, a cada momento, pela ganância, pela rivalidade e pelo ódio que ainda imperam em todos os recantos da Terra!

Como se infere, nunca a humanidade teve tanta necessidade de praticar os ensinamentos de Jesus, que nos dão plena convicção de que todos somos irmãos, criaturas de um mesmo Criador e Espíritos imortais sujeitos à

sábua lei de causalidade moral, que nos obriga ao pagamento de todas as dívidas morais para a conquista da perfeição, único caminho para alcançarmos a felicidade integral!

Mas, lamentavelmente, por paradoxal que pareça, ainda há até sacerdotes que estimulam lutas fratricidas, justificando guerrilhas; e, por absurdo que pareça em nossa época, ainda perduram cruentas “guerras santas” entre sectários de diferentes religiões! E, como se não bastasse, há padres filocomunistas, que se infiltram no seio do operariado para pugnam em prol da incrementação da rebeldia, com promessa de que, consumada a revolução marxista, Jesus, em pessoa, retornará à Terra para transformá-la em paraíso, a despeito do repúdio a todas as religiões!

Na realidade, não pode haver maior disparate. A revolução que Jesus pretendeu — e ainda pretende — realizar consiste em estabelecer a confraternização de toda a humanidade, revolução que, desgraçadamente, não lhe deram oportunidade nem tempo para consumir durante sua encarnação.

Refiro-me à revolução religiosa, com reformulação do mosaísmo, o qual, embora adequado à época da revelação do Monte Sinai, perdurou intolerante, racista e considerado apanágio de pretensão “Povo de Deus”, em detrimento da humanidade!

Daí a eclosão de nova revelação divina, com conceitos mais elevados sobre o Criador e com maior amplitude a respeito da lei de fraternidade.

A gloriosa missão foi confiada a um Espírito de sublimada evolução, iniciado, numa comunidade essênica localizada às margens do Mar Morto, nos “Mistérios do Reino de Deus” — Jesus de Nazaré. Recebeu-a o iluminado profeta galileu por delegação da Suprema Hierarquia de Mestres, que, na posição de intérpretes das leis divinas, governam nosso planeta. E a finalidade era, e continua sendo, a transformação moral não só dos Espíritos encarnados como dos Espíritos desencarnados, os quais, consoante a afinidade de seus sentimentos, se influenciam mutuamente e sem interrupção, ora para o bem, ora para o mal, durante o multimilenário ciclo de evolução de cada Espírito nos planos vivenciais terrenos, tudo visando à radicação definitiva da felicidade na Terra!

Contrariando, pois, levianas assertivas hodiernas, Jesus, pacífico por vocação e por educação iniciática, jamais aderiria a qualquer revolução armada, com cruentas lutas de classe. Como Mestre e como médium polivalente, o seu objetivo foi demonstrar a constante participação dos Espíritos desencarnados nos fenômenos da natureza, inclusive nos da patologia humana, realizando, para tanto, muitos prodígios, aparentemente revocatórios das leis naturais, além de curas assombrosas.

Sem embargo, para ser mais preciso, devo esclarecer que, em todas as curas que realizou, Jesus sempre contou com a imprescindível colaboração de seu Mentor e de inúmeros Espíritos desencarnados, em diferentes níveis de

evolução, que, antes de sua reencarnação, se comprometeram a ajudá-lo em sua arriscada missão terrena no seio de um povo infenso a novas revelações.

Apesar de tudo, Jesus lutou heroicamente para revelar novas faixas do espectro das verdades divinas condizentes com a capacidade mental de seus contemporâneos para assimilá-las.

Contudo, decorridos quase dois milênios desde o cruel sacrifício do homem mais puro que, até hoje, encarnou neste mundo, o incomparável nazareno continua praticamente incompreendido e, até, repudiado por incalculável número de Espíritos encarnados e de Espíritos desencarnados, de modo que, como afirmou um padre corajoso, “se Jesus voltasse, nós, membros eclesiásticos, seríamos os primeiros a persegui-lo, a chamá-lo de endemoniado, de Belzebu, príncipe dos demônios, e o pregaríamos na cruz”. E, na mesma página, prosseguiu: “Em nome de Cristo, nós, eclesiásticos, pregamos uma doutrina que ele nunca ensinou: pelo contrário, condenou.” (Sérgio Zanella — *A Igreja Traída*, pág. 27).

O libelo desse padre contra o romanismo, o qual, com solércia aliada à cupidez, alastrou-se no globo, é lídima expressão da verdade.

Todavia, no caso de Jesus, é de justiça salientar que, antes de ser crucificado pelos eclesiásticos, com dramática repetição da torpe felonía dos sacerdotes mosaístas, o ínclito Mestre seria preso pela polícia, açulada por médicos despeitados com suas maravilhosas curas; e, sem dúvida, condenado como perigoso curandeiro ou, quiçá, enquadrado como ladino charlatão!

Como se infere, em benefício da humanidade, urge que se desvende a verdadeira personalidade de Jesus de Nazaré, a fim de que ele possa, com ajuda de seus emissários — Espíritos Instrutores da humanidade — apressar a evolução espiritual da Terra, a qual deixaria de ser Escola de dolorosas provações necessárias ao aperfeiçoamento moral de Espíritos ainda sujeitos a constantes fracassos, para transformar-se em Universidade destinada a Espíritos ávidos de perfeição moral e sequiosos de adquirirem profunda sabedoria.

Na verdade, não só a personalidade como a missão histórica de Jesus, assim como a onipresença e a incessante interferência dos Espíritos desencarnados, na qualidade de instrumentos da vontade do Criador na manifestação de todos os fenômenos naturais, deveriam ter ficado patentes no Espiritismo, não fora a ingerência de Protetores católicos vinculados às jovens médiuns que abriram ao Mestre Allan Kardec as portas do mundo dos ex-habitantes da Terra. Em consequência, ao lado de autênticas revelações ampliadoras da verdade divina, figuram, no *Livro dos Espíritos*, obra básica da codificação kardequiana, assertivas inverídicas, em mensagens de santos que, como vultos proeminentes duma religião antagonica, não poderiam possuir credenciais para colaborarem com nova revelação, que colide frontalmente com aquela que os santificou!

Contudo, se os santos que figuram na obra de Allan Kardec, depois de esclarecidos no mundo dos Espíritos, se convencessem de que a revelação

divina é gradativa e proporcional ao aperfeiçoamento espiritual da humanidade e, partindo dessa premissa, desejassem participar de nova revelação, por coerência, teriam de despojar-se, primeiramente, dos títulos que lhes foram outorgados pela religião que professaram durante sua encarnação. Nesta hipótese, anteporiam ao nome próprio apenas a palavra **irmão**, ou subscreveriam a mensagem mediúmica com um pseudônimo — nunca com o título a que automaticamente renunciaram, ao ingressarem no campo de nova revelação.

Aliás, complementando a revelação kardequiana, há mais de quatro décadas, venho recebendo, como revelação de caráter pessoal, preciosos ensinamentos, que, por expressa determinação de meus Mestres, deverão constituir a doutrina neo-espírita — doutrina que, fragmentariamente, vem sendo difundida, desde 1949, em preleções hebdomadárias nas sessões neo-espíritas da SEPE e, anteriormente, em artigos publicados em diversos jornais e em centenas de palestras radiofônicas e, posteriormente, em programas de televisão aos quais compareci como convidado. Contudo, a doutrina deverá ser sintetizada na obra básica do Neo-espiritismo, que, se Deus quiser, será publicada oportunamente.

Todavia, seria imperdoável omissão, se eu não esclarecesse que as Mensagens contendo os ensinamentos do Neo-espiritismo foram transmitidas mediunicamente, nos dois primeiros decênios, através de minha primeira esposa; e, nos restantes, por intermédio da mediunidade de minha segunda esposa, ambas dotadas de modesta cultura e incapazes de compreender muitos temas e teses que focalizaram, controladas por Espíritos eruditos.

O notável, porém, é que o Neo-espiritismo, sobre ser racional e confortadora filosofia religiosa, está vinculado à Ciência em geral e à Medicina, em particular. A ligação da Medicina com o Neo-espiritismo resultou de um quinquênio de “observações armadas”, por mim efetuadas na SEPE, com a participação de quantos colegas o desejaram. Com as mencionadas observações, comprovou-se a existência de numerosas enfermidades causadas, inicialmente, pela atuação de Espíritos sofredores, ou de Espíritos obsessores sobre o corpo espiritual, que, pelo perispírito, está ligado ao sistema nervoso e, mais especificamente ao córtex cerebral de suas vítimas. Essas enfermidades, que foram por mim denominadas Espiritopatias, se durarem, poderão afetar diferentes tecidos e órgãos, agravando o problema médico. Sem embargo, para solucionar o problema clínico, é imprescindível, em primeiro lugar, afastar compulsoriamente os Espíritos responsáveis pela Espiritopatia, proeza que depende da presença de autêntico doutrinador, apoiado pelo plano espiritual e cuja força moral domina os Espíritos prevaricadores. Caso contrário, os malfeitores zombam e mistificam, sem libertarem a presa; e, nessa situação, além do fluido vital que continuarão a surripiar do paciente, captar-lhe-ão as energias medicinais dos medicamentos prescritos pelo esculápio. Resultado: não haverá cura!

Esclarecido o ridicularizado problema das Espiritopatias, retorno a Jesus.

Em verdade, em face dos reiterados ensinamentos que recebi de iluminados Instrutores da humanidade, seria abominável covardia não deixar claramente dita toda a verdade acerca da insigne personalidade de Jesus de Nazaré, de sua assombrosa mediunidade e de seu magnífico magistério em favor do acrisolamento moral de seus irmãos, encarnados e desencarnados.

Com efeito, dotado de irresistível força moral, Jesus, coadjuvado por numerosos Espíritos e com ordens imperativas, afastou das vítimas muitos Espíritos perversos e vingativos e, destarte, realizou assombrosas curas de Espiritopatias obsessivas, que incluem todas as formas de loucura. Nesses casos, os Espíritos obsessores foram levados compulsoriamente para planos de correção por Espíritos a serviço do Mestre nazareno. Além disso, com o fluido curativo que possuía, em espantosa abundância, no seu perispírito e que se lhe escapava, durante o “estado de oração”, preponderantemente pelos olhos e pelas extremidades digitais, Jesus curou com, apenas, a fixação do olhar, com passes e, até, com leve toque as mais diversas moléstias agudas ou crônicas, a maioria provocada pela atuação de Espíritos sofredores, que, a despeito de estarem desencarnados, ainda sentiam a sintomatologia da doença causadora do óbito, cujo quadro, à míngua de espiritualização, lhe ficara gravado na mente e, por isso, era transmitido telepaticamente à vítima da atuação.

Sem embargo, não obstante as curas maravilhosas, que, com estupefação geral, Jesus efetuou à luz meridiana, o iluminado Mestre jamais deixou transparecer a veleidade de considerar-se Deus; ao contrário, colocou-se sistematicamente na humilde posição de “filho do homem”.

Aliás, a distinção entre o Mestre e o Criador está explícita na resposta de Jesus ao jovem rico e invejoso, que o procurou com intenção de propor-lhe a compra do segredo das curas que realizava. Mas, aniquilado em face da força moral do Mestre, disfarçou sua abjeta pretensão fingindo desejo de salvação e, por isso, formulou a pergunta nestes termos: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” Incontinenti, Jesus retrucou-lhe: “Ninguém é bom senão um só, que é Deus.” (Mc. X, 17-18).

Ora, se Jesus, que era boníssimo, declinou o qualificativo de bom por julgá-lo apanágio de Deus, a conclusão é que ele não se julgava divino, considerando-se tão-somente um homem comum, posto que fosse médium excepcional.

Contudo, não deixou sem resposta o apelo hipócrita do jovem judeu rico: convidou-o a praticar os mandamentos da Lei. Mas, abespinhado, o moço redargüiu que assim procedia desde muito jovem. Admirado com a prosápia, que estava em chocante contradição com os vis sentimentos de cobiça que, com sua criptestesia, o Mestre lhe detetou, pois a finalidade inconfessada era aprender o truque das curas realizadas por Jesus, a fim de explorar, por conta própria, esse campo sagrado interdito aos profanos e, sobretudo, aos falsários, Jesus, indulgente como era, e ainda é, quis pô-lo à

prova, e disse-lhe: “Só uma coisa te falta (para a salvação pedida): Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; então vem e segue-me”. Irritado com o conselho, o jovem ganancioso foi, e nunca jamais voltou, porque era sovina e dono de muitas propriedades...

Entretanto, não há admirar que um jovem avarento, desiludido com o plano de vender curas, não quisesse seguir a um Mestre que barganhou todos os bens terrenos pela conquista dos valores espirituais, pois, na verdade, a própria família, inclusive sua mãe, menosprezaram-no, não o aceitando como profeta e, muito menos, como Deus; ao contrário, julgaram-no “fora de si” e tentaram agarrá-lo! (Mc. III, 21). De resto, seus quatro irmãos, fazendo pouco de sua prodigiosa mediunidade curadora, chegaram ao cúmulo do atrevimento desafiando-o a enfrentar o poder e a ira dos sacerdotes de Jerusalém, com seu arriscadíssimo comparecimento à festa dos tabernáculos, quando a confusão era grande em meio de milhares de peregrinos, fato que tornava mais fácil a captura do iluminado profeta! (Jo. VII, 1-5).

Tudo que ficou dito se torna irrelevante diante da monstruosidade de metamorfosear Jesus de Nazaré em Deus, hipótese em que o próprio Criador, além de haver aberto no esquema do Universo a rotura para o politeísmo, com conflitantes atuações de diferentes deuses, e, por conseqüência, com a quebra da harmonia das leis naturais, ainda teria cometido duas revoltantes injustiças: a primeira seria a de ter criado, independentemente de qualquer mérito, um homem mais que perfeito, um homem-deus; a segunda, pior ainda, seria a de ter destinado o homem-deus a ser sacrificado, em horrenda crucificação, para salvar a humanidade pecadora, por Ele próprio criada imperfeitíssima e, por conseqüência, falível! Mas, apesar disso, a humanidade estaria, *a priori*, destituída de toda responsabilidade moral, não havendo mister de esforçar-se por seu aperfeiçoamento, de vez que haveria uma vítima predestinada a servir de holocausto pela salvação de todos!

Ora, admitido o princípio de pagar o justo pelo pecador, a repulsa da consciência não ficaria adstrita à monstruosa lei — atingiria o legislador, que, na hipótese, seria o próprio Criador do Universo!

Entretanto, a parcialidade de Deus, perfeito em todos os atributos, seria um fato de todo em todo impossível e, por conseguinte, absolutamente inadmissível.

Por outro lado, a hipótese da divindade de Jesus se, porventura, pudesse ser verdadeira, colocá-lo-ia infinitamente acima da possível perfectibilidade humana e, dessa maneira, obstaría que seus discípulos, por mais que se esforçassem, pudessem alcançar, um dia, na eternidade do Espírito, o mesmo nível de perfeição demonstrado pelo Mestre divino. Conseqüentemente, como Mestre, Jesus estaria implicitamente fracassado, de vez que não poderia servir de exemplo aos Espíritos imperfeitos, encarnados ou desencarnados, que, até hoje, conturbam a radicação da fraternidade, da paz e da felicidade em nosso planeta!

Além disso, se Jesus, à maneira do Criador, fosse Deus e, portanto, onisciente e onipotente, mas, a despeito disso, escolhesse como meio de salvar a humanidade transviada, sua própria crucificação, pior que absurdo deicídio, teria cometido paradoxal suicídio e, com isso, teria dado péssimo exemplo a todos os Espíritos terrenos, estivessem eles encarnados ou desencarnados!

Como se infere, a balela de que Jesus, filho de Deus como todos nós, é, ao contrário de nós, autêntico Deus, é absurdo que se destrói por si mesmo!

De resto, se Jesus, ao invés de um homem normal sublimado na luta pela conquista de sua perfeição, fosse esdrúxulo agênera, não poderia deixar de ser, à luz da Biologia, lamentável aberração da natureza e, portanto, um monstro, que, de maneira nenhuma poderia servir para nosso modelo e, muito menos, nosso Mestre!

Mas se, ao contrário, de acordo com a perfeita e indefectível justiça divina, Jesus de Nazaré foi criado exatamente idêntico a todas as criaturas humanas ou, melhor, igual a todos os Espíritos terrenos, imperfeito, mas eternamente perfectível e, após um número incalculável de séculos de luta íntima em prol de seu aperfeiçoamento, quer no setor intelectual, quer no plano moral, ora como Espírito desencarnado, ora como Espírito encarnado conseguiu sobrepujar todas as deficiências e atingir a culminância da perfeição terráquea, fato que demonstrou em sua derradeira encarnação, então sim, o admirável Espírito missionário nascido em Nazaré credenciou-se como profundo conhecedor das leis divinas e, *ipso facto*, assumiu perante os iluminadíssimos Mestres que governam o planeta o honrosíssimo posto de líder religioso da Terra, à frente do Neo-espiritismo!

JESUS LIDERA O NEO-ESPIRITISMO

Para a preservação da paz social e conforto moral de quantos sofrem desesperadamente, urge incrementar, com a máxima presteza, a difusão do Neo-espiritismo, filosofia religiosa vinculada à Ciência, máxime à Medicina, cujos postulados básicos abrem novas perspectivas à interpretação da finalidade da vida no plano terreno e à causalidade moral que rege o destino não só dos Espíritos encarnados, como dos Espíritos desencarnados.

Com efeito, no contexto da doutrina que me foi transmitida como revelação pessoal por Espíritos superiores, Emissários de Jesus, fulguram conceitos racionais, que, certamente, modificarão as relações humanas e inspirarão nova estruturação da vida comunitária, sem transigência com filosofias materialistas. E isso é muito importante, porque, a partir de três décadas o mundo civilizado entrou novamente em ebulição; e muitos líderes religiosos, que poderiam incrementar a confraternização mundial, estão incentivando retaliações e guerrilhas!

Em verdade, o fantasma do marxismo ateu, se a muitos assombra, a outros, quiçá em maior número, atrai e fascina. A própria Igreja Católica, de rija estrutura dogmática, de alguns anos para cá, principiou a apresentar insofismáveis indícios de deterioração. Em seu próprio âmago, já surgiram recalcitrâncias e, até, ostensivas rebeldias, que abalam sua inexorável hierarquia. Contra decisão pessoal do Papa Paulo VI, se me não falha a memória, insurgiram-se até padrecos sem prestígio. Destarte, fica em xeque a decantada infalibilidade papal.

De resto, em artigo publicado há mais de duas décadas no *L' Osservatore Romano*, órgão oficial do Vaticano, o cardeal Felici admitiu que, “sob a influência da pequenez da natureza humana”, o Papa pode, de fato, “não ter êxito em penetrar os profundos desígnios de Deus”. Vale confessar que nem sempre as resoluções do Papa são inspiradas pelo columbino “Espírito Santo”.

Donde se colhe que é difícil, senão impossível, decidir em que momento o Papa é falível ou infalível em matéria de doutrina católica; máxime se a interpretação ficar ao alvedrio de qualquer padre, conforme ocorreu no que concerne à pílula anticoncepcional, apoiada por uns, combatida por outros.

Por outro lado, enquanto na opinião do Cardeal Journet o Papa é o sucessor de Jesus Cristo, o abade Marc Oraison, ao contestar a assertiva, di-lo herdeiro de Pedro; e, para dirimir a celeuma entre o Cardeal e o Bispo entrou em cena um estranho ao corpo eclesiástico, Jacques Maritain, que, embora líder católico e apologista do humanismo integral, não se me afigura hermeneuta credenciado. Entretanto, tudo isso não teria maior significação para nossa civilização, se o esfacelamento da Igreja Católica, levando de roldão o protestantismo, não viesse facilitar a vitória do comunismo, com seu irreversível ateísmo.

Mas o pior foi que, depois do Vaticano II, uma ala da Igreja ficou asanhada para empolgar o poder político na América Latina com a falsa justificativa de que, para seguir as pegadas de Jesus, é necessário modificar as estruturas sócio-econômicas com um socialismo enquadrado nos moldes da liturgia!

Posto que o socialismo cristão, o único que asseguraria a justiça social e, por conseqüência, a paz mundial, porque se baseia no amor fraterno, nada tenha a ver com a liturgia católica, nem com quaisquer outras liturgias, essa é a tese defendida por Adrian Cunningham e Terry Eagleton em *Os Católicos e a Esquerda*. Ali, está enfaticamente afirmado: “Assim, é este tipo de vida que encontramos na liturgia e que (eis o ponto nevrálgico) temos de radicar no mundo.”

Todavia, o mais grave foi que, no insopitável afã de galgar o poder político, aqueles líderes não tergiversaram em afirmar que “um cristão nunca poderá ser conservador, nem liberal, nem mesmo um socialista da direita; terá de lutar contra o capitalismo como contra um flagelo; terá de alinhar-se possivelmente com todos aqueles inimigos tradicionais da Igreja, os socialistas da esquerda e os ateus marxistas”.

Quanto à absurda proposição feita por Cunningham e Eagleton não desejo, nem este modesto artigo de jornal comporta a apreciação do mérito da questão; quero, apenas, formular uma pergunta: desde quando a Igreja, ultraconservadora a ponto de ser retrógrada, deixou de sê-lo? E liberal, acaso o foi em alguma época de sua milenar existência? Para a resposta integral a este quesito, remeto o amável leitor à introdução de *O Papa e o Concílio*, primor da lavra de nosso genial Ruy Barbosa. Ver-se-á como, em todos os tempos, e por todos os Papas, o liberalismo e, por inferência, o socialismo sempre foram freneticamente combatidos por todos os chefes da Igreja, os quais nunca deixaram de propugnar por mundial reinado absolutista tendo à testa de cada Nação um soberano fantasma tutelado pelo Papa, autocrédenciado como representante de Deus!

Em contraposição, por incrível que pareça, os apologistas da Igreja “pra frente” não perceberam que, aliando-se ao comunismo ateu na ilusão de conquistarem, com a exótica simbiose política, a vitória do “socialismo litúrgico”, estão entregando os pulsos às algemas de adversários que massacram as mais lídimas aspirações religiosas!

Não é, pois, sem perplexidade que se observa o rumo tomado, em nossa Pátria, por numerosos membros do clero, que traíram a ingênua confiança neles depositada. Faz poucos anos, o General Comandante da 4ª Região Militar, em documento sereno, explicou ao povo mineiro as razões da prisão dos padres esquerdistas e estranhou, ao mesmo passo, a insólita reação do Bispo de Belo Horizonte, o qual, em represália à autoridade governamental, mandou modificar orações e textos da missa, a fim de defender, “num espetáculo nunca visto na História”, os apátridas que propugnam, pela “entrega de nosso país a um dos piores inimigos da Igreja”.

Como está claríssimo, em toda essa mistificação está havendo afrontosa conspurcação do sublime ideal acalentado por Jesus de Nazaré. Com efeito, quando o Mestre sentenciou: “A César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, delimitou implicitamente o poder temporal e o poder espiritual e deixou aos que pretendiam ser seus discípulos o arbítrio da prévia opção entre um e outro caminho.

Sem embargo, desde séculos, os próprios chefes da Igreja Católica sempre lutaram para enfeixar em suas mãos os dois poderes: o espiritual e o material. E muitos o conseguiram, fosse pela doação de territórios, feita por soberanos aduladores, fosse pela audácia com que os eclesiásticos se imiscuíram nos negócios do Estado, manobrando como títeres, tíbios estadistas, reis hereditários ou efêmeros governantes.

Agora, com a ascensão ao trono papal de um líder autocrata e discricionário, que se revelou ladino político e fraco evangelizador, a Igreja volta a tentar o domínio do mundo. Em curto lapso de pontificado, o atual Papa já visitou numerosas Nações, inclusive o nosso Brasil, e, em todas elas, com aparente ósculo de humildade dado no limiar do solo que iria palmilhar, firmou um “ponto” de submissão à sua autoridade, não só com Espíritos católicos das Nações visitadas, como com numerosos Espíritos de sacerdotes, que, quando encarnados, serviram nos países visitados, sem contar o grande número de Espíritos que, enganados pela religião, continuam vivendo como se ainda estivessem encarnados!

Como se infere, a tendência atual é para haver mais ampla expansão do catolicismo, embora muito maior em extensão do que em profundidade. Mas, talvez nunca tenha havido um Papa com tamanha responsabilidade no destino da humanidade, ameaçada como está de total destruição pelas modernas armas de guerra, cada qual mais arrasadora. De modo que, ou o Papa mantém a Igreja coesa e disciplinada em defesa do espiritualismo e da confraternização mundial, ou a vitória final será do materialismo marxista, com repúdio de Jesus de Nazaré. E, embora adocicado com a denominação de socialismo, a verdade é que não pode haver pior regime do que o comunista, porque ele mutila o homem, roubando-lhe a vida espiritual e reduzindo-o a insignificante dente na complicada engrenagem da máquina do Estado, sem direito de adorar o Criador do Universo e nem, sequer, de propugnar em favor do futuro de seus próprios filhos!

Força é reconhecer, porém, que o desvio para a esquerda ateuista se deve ao gradativo afastamento do catolicismo do verdadeiro cristianismo, decalcado na constante comunicação entre Espíritos desencarnados e Espíritos encarnados e nas instruções, por este meio, recebidas de Espíritos superiores, lídimos Instrutores da humanidade, à maneira de Jesus de Nazaré. Vale afirmar que, à revelia da prática da mediunidade e sem o concurso dos médiuns, não há nem pode haver cristianismo, embora possa prevalecer, no confronto com o materialismo monista, uma das modalidades de espiritualismo.

Acusado caluniosamente de querer conquistar o trono da Judéia e interrogado a esse respeito por Pilatos, Jesus limitou-se a responder-lhe: “O meu reino não é deste mundo.” Portanto, deixou bem claro que não viera implantar com Papas o governo da Terra; fato inadmissível, aliás, porquanto ele não passava de filho de humilde carpinteiro nazareno, não obstante ser um médium maravilhoso. É de ver que a desassisada pergunta do Procônsul foi fruto envenenado por torpes alevisias.

Aliás, como iniciado essênio no grau máximo de Mestre, Jesus foi portador de nova revelação divina, que exalta a justiça do Criador porque subordina o destino dos Espíritos terráqueos, quer estejam encarnados, quer estejam desencarnados, aos moldes de sábia lei de causalidade moral; e mais: modifica o conceito de Deus com a aposentadoria de Jeová, iracundo, vingativo, sanguinário e apreciador de nojentos cardápios e substitui-o por um Deus Pai, todo amor e indulgência, que oferece às suas criaturas infinitas oportunidades de correção e de evolução para a conquista da perfeição e, com a perfeição, a recompensa da felicidade eterna!

De resto, a revelação transmitida pelo assombroso profeta nazareno estabeleceu novo conceito de fraternidade, até então adstrita a restritos grupos regionais, tornando-a universal, com inclusão dos inimigos, aos quais Jesus no-los mandou amar, porque, em suas acusações, há verdades que nos estimulam o aperfeiçoamento!

Dedicado, exclusivamente, ao seu honroso e altruístico ministério, o maravilhoso profeta nazareno jamais cogitou de ideologias políticas. Iniciado de clausura, viveu segregado numa cela de eremita na comunidade do Qumrân até completar vinte e nove anos, quando se desligou dos ascetas essênios, para pregar no seio do povo os postulados da revelação que recebera, durante anos, em sua cela. Mas, para alcançar o nível que atingiu, obrigou-se a renunciar à família, aos bens materiais, ao trabalho remunerado e até ao sexo renunciou! Em síntese: Jesus ensinou e exemplificou uma doutrina de rejeição às glórias terrenas em favor da conquista de virtudes que iluminam o Espírito eterno. À ilusão das efêmeras alegrias terrenas antepôs a prolongada felicidade dos planos espirituais merecidos, após cada encarnação bem sucedida. Motivado pelo propósito de cumprir sua honrosa missão, Jesus incrementou, quanto pôde, a luta em prol de seu máximo aperfeiçoamento espiritual e, a despeito da felonía dos que o massacraram, sobreviveu para sempre na memória de quantos desejam encontrar, nas lides e provações terrenas, o galardão da paz e o prêmio da recompensa, em planos de uma vida mais autêntica, no mundo dos Espíritos.

É fato que Jesus, iniciado no grau de Mestre e vivendo na Terra, sem viver para a Terra, tinha plena consciência de que os sistemas de governo pouco ou, quase nada, influem para a felicidade da humanidade; ao passo que com cidadãos honestos, bondosos, fraternos e integralmente devotados ao bem comum, em suma, com homens mais perfeitos, quaisquer que sejam as ideologias políticas em vigor, o mundo tornar-se-á muito melhor; enquan-

to que, com cidadãos atrabiliários, egoístas, gananciosos, inescrupulosos, exploradores de concidadãos menos favorecidos e, sobretudo, cruéis, qualquer regime político é mau, se não péssimo.

De modo que, atualmente como outrora, o problema básico consiste em transformar o homem, melhorando-lhe os sentimentos, a fim de que aprenda a viver no planeta como irmão entre irmãos e, dessa maneira, contribua para a radicação da solidariedade e da paz em nosso orbe.

Independentemente do socialismo litúrgico e do socialismo marxista, um fanático, outro ateu, quando imperar na Terra sincero amor fraterno extinguir-se-á, automaticamente, a injustiça social com todo o seu cortejo de miséria e de cruéis sofrimentos, porque todos mutuamente se ajudarão, pois onde houver sofrimento de um, não haverá felicidade de nenhum!

Aliás, para mudar as características de nosso planeta, o qual deixaria de ser mundo de provação para transformar-se em oásis de evolução pelo amor, bastaria se aplicasse na prática a regra áurea da fraternidade universal, preconizada, há quase dois mil anos, por Jesus de Nazaré: “Não façais a outrem o que não quiserdes que se vos faça;” e, complementando a abstenção ao Mal, com a prática do Bem, o Mestre preconizou: “Fazei ao próximo todo o Bem que desejais que se vos faça!”

Mas, lamentavelmente, de tudo que Jesus, com sacrifício da própria vida, ofereceu à humanidade, com palavras e exemplos, pouco se aproveitou. Indiferentes ao aperfeiçoamento moral e à evolução espiritual, os Espíritos provisoriamente encarnados, da mesma maneira que os Espíritos desencarnados, que habitam a Terra, permanecem, em maioria absoluta, profundamente egoístas, desmedidamente gananciosos, supinamente vingativos e abominavelmente cruéis!

Contudo, ainda não feneceu completamente a esperança de que melhores dias surgirão. Com o advento do Neo-espiritismo, ampla faixa da revelação divina decalcada em postulados racionais e em fatos irremovíveis, certamente consolidar-se-á a convicção geral na sobrevivência do Espírito e na lei de causalidade moral que lhe governa impreterivelmente o destino. De modo que, para alcançar a felicidade, só há um roteiro — o da conquista da perfeição, com muita tolerância pela imperfeição alheia. Ora, associada à Ciência, máxime à Medicina, a doutrina neo-espírita, que, há quase quatro décadas, me vem sendo ministrada por Mensageiros de Jesus, descortina horizontes tão maravilhosos aos Espíritos sequiosos de evolução que não poderá deixar de impulsionar o progresso do planeta.

Aliás, bastariam as implicações da lei da reencarnação para implantar definitivamente a confraternização entre todos os habitantes da Terra e, destarte, transformá-la num mundo feliz, premiado com Paz e Amor! Ora, a reencarnação não é objeto de fé: é fato de convicção, comprovado, como está, por centenas de provas indiscutíveis testemunhadas por sábios de diversas nacionalidades. E, como é óbvio, confirmada a reencarnação, multiplicada ficará a família, porque, em cada encarnação, cada Espírito pertenceu a uma família, com vários membros. Conseqüência: não só encarnados,

embora não identificados no seio da população de muitos países, como desencarnados e invisivelmente situados em diversos planos de vida espiritual, todo ser humano possui um número quase infinito de parentes de sucessivas existências, dentre os quais se destacam pais, mães, irmãos, irmãs, tios, tias, sobrinhos, sobrinhas, etc... Resultado: quando alguém entra em contato com uma criatura terrena pode imaginar que, provavelmente, está junto de um parente muito amado em vida anterior, razão por que deve tratá-lo com a máxima consideração e muita simpatia, que é quase amor! Com a conscientização da imensa expansão da família humana, fica formada a indissolúvel cadeia da confraternização mundial, com paz perpétua.

Na verdade, com seus postulados básicos, a doutrina neo-espírita fortalece a fraternidade mundial e, assim, extingue a rivalidade e a agressividade que, desde séculos, incrementam descomunal destruição das obras da civilização e, muito pior, ceifam milhões de vidas preciosas com dramática libertação de Espíritos revoltados, aturdidos com o inopinado impacto de pavorosas armas bélicas!

Todavia, com os racionais esclarecimentos fornecidos pelo Neo-espiritismo, não só no que concerne ao roteiro a seguir durante a vida encarnada, com destaque das inter-relações entre Espíritos encarnados e Espíritos desencarnados, como no que diz respeito à vida desencarnada, expandida por toda a Terra e extrapolada para as mais elevadas camadas da atmosfera, ficam conseqüentes as aparentes iniquidades do destino dos Espíritos, que desaparecem em face de sábia e justa lei de causalidade moral, pela qual cada um recebe exatamente a felicidade ou o sofrimento que merece, sem intercessões nem pistolões.

De resto, a justiça de Deus não é, de modo algum, vingativa: é, apenas, punitiva; mas o Criador castiga para corrigir, corrige para aperfeiçoar e aperfeiçoa para premiar com a felicidade eterna. Donde se infere que Deus é alvo de nossa veneração; jamais de nosso temor. Onisciente, onipotente e infinitamente justo, Deus em tudo e por tudo só nos inspira Amor; e os Espíritos superiores, que, como seus Mensageiros, nos protegem e ajudam a evoluir, são credores de nossa sincera amizade e indefectível gratidão; máxime o de mais elevada hierarquia, o nosso Mentor, que nos assiste no cumprimento do destino que nos traçaram os Senhores do Carma, intérpretes das leis que regem a justiça do Criador do Universo.

Agora, o derradeiro esclarecimento e a última advertência: para a superação das provações incluídas ou, voluntariamente, agravadas no roteiro do destino de cada Espírito, encarnado ou desencarnado, é fundamental que ele reforce quotidianamente, com oração humilde e sincera, o vínculo que o une ao seu Mentor, árbitro de seu comportamento e que, de acordo com seu estado, pode, com morte precoce, cortar-lhe a encarnação, e, em se tratando de Espírito desencarnado, mandar levá-lo para um plano de correção. Donde se infere que o esforço pelo aperfeiçoamento próprio é dever indeclinável e, para a conquista da felicidade, a assistência do Mentor é imprescindível e tanto mais necessária quanto mais imperfeito ainda é o Espírito.

JESUS, O INCOMPREENDIDO

É de indisfarçável gravidade a crise religiosa, que ameaça derrocar o cristianismo. Não o cristianismo autêntico, porque este nunca prevaleceu no mundo. Mas o cristianismo transfigurado pelos Pais da Igreja, arvorados, por conta própria, em intérpretes infalíveis dos numerosos documentos antagônicos que surgiram a partir do século II d.C. Alguns foram considerados canônicos; a maioria, apócrifos. Mas nenhum era original. Tudo cópias; e todas, alteradas com a marca dos preconceitos dos copistas. Fabrício, teólogo protestante que viveu no século XVI, apontou cinquenta Evangelhos apócrifos; e Celso, em célebre polêmica com Orígenes, criticou rispidamente os cristãos pela versatilidade de sua doutrina, a qual sofria modificações, a cada dia, em textos considerados sagrados!

Aliás, o próprio autor da *Vulgata*, S. Jerônimo, em carta ao Papa Dâmaso, exculpou-se pelo fato de ter sido obrigado, dadas as contradições contidas nos documentos a ele confiados para traduzir, a optar entre textos controvertidos, escolhendo os que se lhe afiguraram mais verossímeis.

Donde se colhe que a autenticidade da *Vulgata* é mais que discutível: é duvidosa. E a prova é que o Papa Pio XII mandou revisá-la mais de uma vez. Revisão que reforça a suspeição de falsificações, sem garantir a revalidação da verdade histórica e, muito menos, da verdade evangélica!

Contudo, o pouco que, do primitivo cristianismo, sobrepairou no catolicismo e no seu rebento, o protestantismo, serviu, ao menos, para que grande parcela da humanidade pudesse alimentar a esperança na sobrevivência da alma.

Mas, lamentavelmente, com o hodierno advento da “Teologia sem Deus”, e do “cristianismo ateu”, paradoxos duma época de “padres de esquerda” e de “freiras pra frente”, os próprios fundamentos da civilização cristã estão arriscados a submergirem no atascal das paixões políticas, de mistura com os desvarios de mórbido erotismo. Urge, pois, que à revelia de hermeneutas facciosos e com desprezo de exegetas gananciosos, o cristianismo seja reposto no seu verdadeiro lugar, antes que seja tarde para livrar a Terra de apocalípticas calamidades jamais presenciadas! Essa, a grandiosa missão do Neo-espiritismo.

Antes de tudo, porém, é preciso ressaltar, em que pese aos partidários da Teologia Radical, teólogos católicos e protestantes, que Deus não morreu. Morto está, de fato, o Deus de mentira, antropomórfico, sanguinário e vingativo, imposto a criaturas indefesas, com inauditas torturas e, até, com carbonização do corpo carnal, pelos facinoras da Inquisição, acobertados com a autoridade de régulos covardes. Refiro-me, é óbvio, ao Deus do Éden, que fabricou Adão com barro, mas, por haver perdido a fórmula, formou Eva

com a costela do companheiro, de modo que a mulher, a prevalecer a hipótese, nada mais é senão “osso do homem”; Deus que se hospedou na casa de Abraão; que entreteve diálogos com Noé e fora admoestado pelo patriarca ao confessar-lhe seu arrependimento pela criação do homem; Deus carnívoro, que exigia holocaustos humanos até a época de Isaías e, além disso, escolhia cardápios, com sacrifício de cordeiros, novilhos e de outros quadrúpedes de tenra musculatura; Deus que se irritava e marcou, no calendário da eternidade, um dia consagrado à explosão de sua ira; Deus que, zangado, descarregava sua cólera nos inocentes, cujo crime se cifrava em não pertencerem ao “povo de Deus”; em suma: Deus mau e parcial, com todos os defeitos humanos!

Esse sim; esse Deus monstruoso, imaginado por judeus ignorantes e, posteriormente, patrocinado por teólogos suspeitos, esse Deus, de fato, morreu; e morreu de morte natural, sem alarme e sem alarde, na eclosão de liberdade de pensamento desencadeada com a Revolução Francesa.

Sem embargo, o verdadeiro Deus, o Deus Cósmico, Criador e Mantenedor do Universo, posto que irrepresentável, porque é incognoscível no ser e na essência, está e estará, sempre, vivo e atuante na consciência dos Espíritos de imensa evolução, que já mereceram vislumbrá-lo na grandiosidade do seu Poder e na portentosa sabedoria que rege todos os fenômenos naturais.

Ademais, com o conhecimento da lei da reencarnação, que abrange sábia lei de causalidade moral, a lei do carma, o Criador manifesta-se-nos como alvo de nossa veneração; porque sua justiça, no que tange ao nosso destino, seja como Espírito encarnado, seja como Espírito desencarnado, inspira-se em infinito amor por todas as criaturas.

Mas, o grande mal foi que os teólogos, estribados em credices, forjaram um Deus fictício, cópia do homem e, até, pior do que o homem, por seus baixos sentimentos! Em síntese, por falta de termo de comparação, ao invés de conceberem o homem à imagem de Deus, idealizaram Deus à imagem do homem; e, insatisfeitos com o rebaixamento de Deus ao nível de criatura humana, exaltaram uma criatura humana à culminância de Deus! Em suma: os teólogos barganharam a divinização de Jesus pela humanização de Deus!

Embora, no caso, não se trate de qualquer criatura, mas de um Espírito encarnado, que, por sua excepcionalíssima perfeição, adquirida em incontáveis encarnações intervaladas com períodos de intenso trabalho, como Espírito desencarnado, adquiriu com a personalidade de Jesus de Nazaré, a preeminência de melhor homem que, até hoje, habitou a Terra. Contudo, ainda assim, em matéria de perfeição e de tudo o mais, a distância que o separa do Criador é, simplesmente, infinita!

Não obstante, é precisamente pela profunda veneração que consagro ao Mestre Jesus, o mais perfeito Instrutor da humanidade, que, até hoje, encarnou em nosso planeta, e em defesa da verdade, que, reiteradamente, já analisei e continuarei a analisar à luz do Neo-espiritismo, vários textos consi-

derados sagrados e, por hipótese, intocáveis. É de ver, porém, que o Neo-espiritismo, nova faixa de revelação divina, que, em caráter pessoal, me vem sendo dada, incessantemente, por Emissários de Jesus, há cerca de quatro décadas — a princípio, por intermédio da maravilhosa mediunidade de minha primeira esposa e, após sua desencarnação, pela excepcional mediunidade de minha segunda esposa e, intuitivamente, a mim próprio — forçosamente teria de corrigir fatos e de retificar conceitos incluídos na *Bíblia*.

Filosofia religiosa de caráter científico, porque se apoia em fatos comprovados experimentalmente, dilata, particularmente, as fronteiras da Medicina com a inclusão, na Nosologia, das Espiritopatias, doenças causadas pela radiação morbígena de Espíritos sofredores ou obsessores e, por isso, resistentes a todo tratamento médico. Entretanto, curam-se com maior ou menor brevidade com o afastamento dos Espíritos responsáveis, tudo dependendo da força mediúnica e da inteireza moral do terapeuta, seja ele médico ou não.

Como se infere, a doutrina neo-espírita veio preencher a lacuna deixada no Espiritismo pelo fato de Allan Kardec não ter sido médico, embora haja sido provector pedagogo. Com efeito, o Neo-espiritismo dá imensa latitude à presença de Espíritos desencarnados em toda a esfera de nosso planeta: uns, atuam a partir da superfície até ao centro da Terra; outros, agem nas águas de todas as origens e de todas as composições — nos mares, nos lagos, nos rios, nas fontes naturais ou radioativas, nas cachoeiras e nos charcos; outros, finalmente, exercem suas atividades em diferentes camadas da atmosfera. Com uma particularidade: é que, exatamente nas camadas mais afastadas da superfície da Terra, se encontram os grandes Mestres, como Jesus de Nazaré, a maioria dos quais, por força de missões ainda inacabadas, se recusam a abandonar o nosso globo para ingressarem, conforme já têm credenciais, noutra planeta, imediatamente superior à Terra, no qual a vida se processa ao arrepio do corpo físico, de vez que, antes de lá chegarem, o corpo espiritual, circundado pelo perispírito, já perdeu a forma humana e transformou-se em esfera luminosa!

Sem embargo, a doutrina neo-espírita não se detém nesse ponto; vai muito além: esclarece, dentre outros, o complexo mecanismo do contato que se estabelece em virtude da afinidade dos pensamentos e, sobretudo, dos sentimentos existentes entre Espíritos encarnados e Espíritos desencarnados. Dessa maneira, a doutrina neo-espírita abre novas perspectivas à compreensão e à solução das interferências ocultas, que ocorrem nas provações terrenas.

De resto, a doutrina neo-espírita dirime muitas dúvidas, quer no intrincado campo da mediunidade, quer no dogmático domínio dos fatos religiosos, de modo que reforça, no crente, a convicção e, no descrente, estimula a conversão. Aliás, a razão precípua da inopinada transformação de cétricos e de sectários reside na racionalidade dos postulados doutrinários do Neo-

espiritismo, por mim difundidos pela palavra falada e pela palavra escrita em diversos jornais e em duas radioemissoras, a partir da década de quarenta. Haja vista o que concerne à justiça de Deus, descrita geralmente com aspecto faccioso e terrificante, apresenta-se-nos, na doutrina neo-espírita, equânime e benigna, motivada pelo amor do Criador às suas criaturas, independentemente de crenças e de raças. Donde se colhe que a humanidade inteira passa a ser “povo de Deus”, mesmo porque, de modo algum, poderia haver “povo de Belzebu”, de vez que Satanás nunca existiu senão na doentia imaginação de Espíritos perturbados com os esdrúxulos dogmas do catolicismo! E os diabos, que existem em número colossal, nada mais são do que Espíritos desencarnados, que, quando encarnados, foram homens perversos e vingativos, os quais, destituídos do corpo físico pela morte, permaneceram tão vingativos e perversos quanto o foram durante a encarnação.

Na verdade, são perigosos “caçadores de fluidos”, máxime do fluido vital humano, porque, mais do que qualquer outro, lhes assegura sensações corporais, além de lhes facilitar a volitação para locais compatíveis com suas tendências maléficas.

Entretanto, como é de justiça, todos os Espíritos, inclusive o de Jesus, foram criados exatamente iguais: ignorantes e ingênuos, sem noção do Bem e do Mal, mas dotados de idênticas potencialidades para progredirem moral e intelectualmente e, por conseqüência, com as mesmas probabilidades de evolução; evolução que se iniciou quando, por meio de fios fluídicos, um Espírito primitivo, que ainda não havia podido encarnar, foi ligado, por atração magnética, ao óvulo da fêmea de um hominídeo e transformou-se em ovo. Com essa ligação, o futuro hominídeo tomou posição erecta, demonstrou incipiente consciência do ambiente que o cercava, manifestou raciocínio e ensaiou arremedos de palavras, de modo que seus descendentes passaram a ser cada vez mais homens e menos macacos. É de ver que a ligação aqui mencionada num único exemplar se processou simultaneamente com muitos milhares, quiçá com muitos milhões de Espíritos prontos para ingressarem no reino hominal, com desprendimento do reino animal. E é óbvio que a evolução do Espírito humano, que principiou na ligação com hominidas, só terminará, na Terra, quando o Espírito houver conquistado a máxima perfeição compatível com o planeta, ocasião em que se deslocará para outro, mais aperfeiçoado ou, melhor, mais evoluído, já que os planetas também evoluem!

Nesse imenso e demorado roteiro terráqueo, o homem, sujeito à lei da palingenesia e à lei de causalidade moral, não dispõe, como se imagina, de livre arbítrio, mas apenas de relativo arbítrio, condicionado à faixa de liberdade compatível com o destino, que, em harmonia com seus pensamentos, com seus sentimentos e com suas ações em existências anteriores, com possíveis desvios na presente encarnação, foi traçado pelos Senhores do Carma e controlado pelo Mentor de cada um.

Dentro desse esquema, cada Espírito vai traçando, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, seu próprio futuro. De modo que, no final de contas, o Espírito, esteja encarnado ou desencarnado, se torna arquiteto de seu próprio destino, de vez que, sistematicamente, vai colhendo os frutos da árvore que plantou. De resto, enquanto não saldar as dívidas contraídas com seus semelhantes em vidas passadas, permanecerá sempre cercado de Espíritos inimigos, que, por semelhança de vis sentimentos, podem obstar a proteção dos Espíritos amigos, desejosos de ajudá-los na luta por sua evolução.

Como se deduz, nas inter-relações dos Espíritos predomina a lei de atração moral, caso particular da lei da atração universal e que pode ser assim formulada: os Espíritos se atraem na razão direta da identidade de seus sentimentos e na razão inversa do antagonismo de seus sentimentos, isto é, quanto maior o antagonismo, menor a atração e maior a repulsão.

Dessa lei, nem Jesus escapou: antes de iniciar seu ministério com a proteção de seus amigos, foi forçado a dirimir o antagonismo com os Espíritos inimigos, convertendo-os, com constantes doutrinações, em fiéis colaboradores, favorecidos com rápida evolução e gratificados com uma felicidade, que, até então, desconheciam!

Aliás, ao contrário do que sobre ele se inventou, Jesus de Nazaré foi um homem normal, enquadrado no esquema da justiça do Criador. Nasceu como toda criança e viveu como autêntico iniciado, isto é, viveu na Terra, sem viver para a Terra. Por isso, na hora da desgraça, abandonado por todos e traído pelos próprios discípulos, não lhe faltou o socorro de seus Protetores, os quais, apesar de tudo, conseguiram anestesiá-lo a ponto de pouco sentir as horripilantes dores provenientes da crucificação; e mais: abreviaram o tempo do martírio e da humilhação, apressando, com a máxima retirada de fluido vital de seu corpo, o desprendimento do Espírito, para que o óbito não tardasse. Foi assim que, para desonra da humanidade, desencarnou o homem mais perfeito que já habitou o nosso planeta. Espírito de escol, filho primogênito de José, modesto carpinteiro, e de Maria, virtuosíssima camponesa, Jesus de Nazaré foi portador de transcendental revelação divina, até hoje subestimada pela maioria, não só dos Espíritos encarnados, como dos Espíritos desencarnados presos à Terra.

É verdade que a revelação divina, Jesus não no-la deu integralmente. Primeiro, porque, constringido pela falta de liberdade religiosa imperante na Palestina, viu-se forçado a omitir muitas verdades, que só foram reveladas, em segredo, aos discípulos mais fiéis, ao passo que, publicamente, pregou quase sempre por parábolas, que ofuscaram muitos postulados doutrinários (Mt. XIII, 10-12); segundo, porque, condenado à morte pouco depois de haver iniciado seu ministério, não teve tempo de preparar um único discípulo, sequer, para substituí-lo.

De resto, à maneira de Sócrates, o Mestre galileu nada escreveu de próprio punho; e tudo que dele perdurou foram transcrições de documentos esparsos, de duvidosa autenticidade, ou reminiscências da tradição oral, propalada por discípulos de seus discípulos.

Menos aquinhado do que o filósofo grego, Jesus não contou com a colaboração de um Platão! Mas a pior desgraça é que não foi compreendido nem pelos parentes mais próximos, inclusive por sua própria mãe! Esse é, aliás, o dramático destino dos mais representativos benfeitores da humanidade!

De fato, decorridos vinte séculos após sua luta heróica em prol da confraternização mundial, luta que o levou ao martírio da crucificação, Jesus de Nazaré, o maior Instrutor da humanidade até agora encarnado na Terra, continua endeusado por uns, vilipendiado por outros, incompreendido por quase todos e, por isso, com sua missão histórica inteiramente desvirtuada! Daí a razão por que o mundo continua conturbado por guerras, guerrilhas, revoluções, assaltos e seqüestros; em poucas palavras: alagado de sangue pelo ódio de irmãos contra irmãos, em flagrante afronta aos ensinamentos do abnegado Mestre nazareno!

Neste singelo artigo, omito propositadamente pormenores da contravenção messianista, que, mercê de textos esparsos, sem nexos entre si, catados a dedo no *Velho Testamento*, configuraram, traço a traço, uma personalidade fictícia, incompatível com o vulto exponencial do Mestre nazareno, tudo para identificá-lo capciosamente com o esperado Messias escatológico de Israel, na verdade um Messias-Rei, que, no fim do milênio, entregaria o usufruto do planeta à injustificável ambição dos judeus, pretendo “povo de Deus”!

Contudo, a revoltante realidade é que perduram inauditas invencionices a conspurcaram a biografia do egrégio Mestre nazareno. A deturpação principia pelo local do nascimento. Jesus não nasceu em Belém. A viagem de José para ser recenseado naquela cidade, por força de vínculos de parentesco com David, é imaginária e visa confirmar falsas profecias. Renan contesta, com dados históricos, o hipotético recenseamento citado levemente pelo evangelista (Lc. II, 1 e ss). Recenseamento houve, de fato, mas com antecedência de cinco anos e circunscrito à Síria, excluída a Palestina.

Aliás, se José, sob alegação de parentesco com David, se deslocasse de Nazaré, onde sempre residiu, para Belém, por antonomásia cidade de David, seria fatalmente condenado à morte por suspeição de considerar-se herdeiro presuntivo do trono da Judéia. Com efeito, um sátrapa como Herodes, que, pelo fato de não haver conseguido identificar, entre as criancinhas belemitas o futuro reivindicador do trono, não hesitou em ordenar a matança de todas as crianças com menos de dois anos de idade, certamente não teria a mínima contemplação com um carpinteiro que se arvorasse em pretendente ao trono.

Mas, de toda maneira, um fato é absolutamente certo: Jesus, futuro Instrutor da humanidade e excepcional médium curador, em hipótese alguma poderia ter nascido numa estrebaria. Por mais repleta que estivesse a hospedaria, seu Mentor, dono de seu destino durante aquela encarnação, movimentaria quantos Espíritos fossem necessários para evitar tamanha calamidade, pois o impacto da emanação da espurcícia sobre o perispírito do recém-nascido, anularia, em grande parte, a mediunidade e destruiria o magnetismo do futuro fundador do cristianismo!

Ademais, se a balela bíblica houvesse ocorrido, não faltaria, na estalagem procurada pelo casal nazareno, quem oferecesse seu cômodo à esposa em trabalho de parto. Máxime em se tratando do povo judeu, o qual, por sonhar com a conquista do mundo, incrementava sobremaneira a proliferação da raça e, por conseqüência, sempre demonstrou o maior apreço às gestantes.

Não; Jesus nasceu, como não poderia ter deixado de nascer, num quarto rigorosamente asseado, na modesta residência de seus pais, em Nazaré. Portanto, era galileu e não judeu. E, como é óbvio, nasceu normalmente como todas as crianças; com uma única diferença: foi que, em virtude de seus excepcionais méritos e pela extraordinária missão que lhe fora confiada, nasceu cercado por Espíritos superiores, habitantes das mais elevadas camadas da atmosfera terrestre, todos preocupados em resguardar-lhe o corpo espiritual, em cujo envoltório externo, o perispírito, se acumulavam preciosíssimos fluidos destinados à sua missão de Instrutor da humanidade e de médium curador! Mas, não houve, absolutamente, nenhum milagre; e, portanto, não aconteceu qualquer fenômeno, com derrogação de leis inderrogáveis, de vez que são leis de Deus e, por conseqüência, tão perfeitas que são incorrigíveis!

Posto que dotado de excepcionalíssima evolução espiritual, Jesus de Nazaré foi um homem normalíssimo. Não foi nenhum agêner, nem poderia sê-lo, sem que, com a chocante exceção, ficasse desmerecida a impoluta justiça do Criador!

Aliás, se o seu nascimento fosse a aberração engendrada por evangelistas fanáticos, teria sido uma materialização duplamente impossível nas condições descritas. Em primeiro lugar, porque, na hipótese bíblica, a médium teria sido sua própria progenitora, a qual seria gradativamente desmaterializada à medida que o corpo ectoplasmático de Jesus se materializasse; em segundo lugar, porque, enquanto o Mestre permanecesse materializado, Maria ficaria parcial ou totalmente desmaterializada. Ora, como é notório, a encarnação do iluminado profeta nazareno durou cerca de trinta e três anos; por conseqüência, sua mãe seria forçada a permanecer igual prazo completamente desmaterializada — fato absolutamente impossível, não só porque contrário às leis biológicas, como porque sua prolongada invisibilidade seria fatalmente notada e propalada. Entretanto, a despeito dos

absurdos da *Bíblia*, nenhum evangelista ousou traçar uma linha, sequer, a respeito de um fenômeno tão insólito, o que confirma a falsidade da hipótese.

De resto, a rica fenomenologia mediúnic observada por numerosos sábios no século passado, confirmou que materialização duradoura nunca houve, nem pode haver, exceção feita para a que se processa lentamente, durante nove meses, dentro do útero materno, de acordo com as leis da embriogenia: é a encarnação!

Todavia, no que toca a Jesus, Espírito superior, que alcançou o apogeu da perfeição, é evidente que um Mestre de tal quilate de modo nenhum poderia materializar-se em meio do esterquilínio duma estrebaria. Tamanho disparate só poderia ser admitido por pessoas ingênuas, que ignoram completamente as precauções que se devem tomar nas sessões de materialização, a fim de evitar graves acidentes resultantes da contaminação do perispírito do médium, exteriorizado do corpo físico durante o transe. Vale dizer que o recinto da sessão, tanto quanto possível, deverá ser esterilizado; e se, apesar do desleixo de muitos dirigentes de sessões, as infecções dos médiuns de materialização não são mais freqüentes é porque Espíritos solícitos afluem para o local, com a responsabilidade de ozonizar o ambiente antes que o médium entre em transe!

Sem embargo, no que tange ao “miraculoso” nascimento de Jesus, inventado por teólogos suspeitíssimos, tenho um argumento que se me afigura decisivo: se o nascimento houvesse sido “sobrenatural”, o impacto teria sido tão violento que nem os parentes, nem os conterrâneos de Jesus deixariam de adorá-lo como um deus! No entanto, os próprios *Evangelhos* nos induzem à conclusão contrária. Presente em Nazaré, Jesus “entrou numa casa e, mais uma vez, a multidão afluíu de tal modo que nem podiam comer. Quando seus parentes souberam disto, saíram para o segurar; porque diziam: ele está fora de si” (Mc. III, 20-21).

Em verdade, o texto é ambíguo: fica-se na dúvida se o conceito de loucura partiu dos parentes ou dos estranhos. Mas, de toda forma, os parentes do Mestre concordaram com a infundada psicopatia, pois admitiram que Jesus estava “fora de si”! E não foi só. A malsinação ultrapassou o âmbito da família, para exacerbar o ódio de seus tradicionais adversários, os fariseus, os quais, ao testemunharem suas maravilhosas curas, acoimaram-no de “possesso de Belzebu”! (Mc. III, 22; Mt. IX, 34). E não faltou quem, acoitado no seio da massa dos enfermos à procura de instantânea cura, desferisse contra o incomparável Mestre a infâmia de que ele “estava possesso de um Espírito imundo”! (Mc. III, 30).

Ora, se Jesus houvesse sido gerado e nascido consoante a lenda bíblica, é evidentíssimo que, considerado como seria um ser “sobrenatural”, seus parentes jamais teriam a petulância de taxá-lo de louco. Entretanto, além de incompreendido, Jesus foi menosprezado pelos parentes mais íntimos, exa-

tamente aqueles que, como seus irmãos, não poderiam ignorar, se fosse verdadeira, a história de sua geração pelo “Espírito Santo” e de seu nascimento por partenogênese. Mas a verdade é que, como afirma o evangelista, “nem mesmo os irmãos criam nele” (Jo. VII, 5).

Aliás, sua decepção da família está patente nesta ocorrência: Jesus, em Nazaré, estava encerrado numa casa juntamente com discípulos e enfermos e, nesse ínterim, “chegando sua mãe (mãe, e não tia) e seus irmãos (irmãos, e não primos) ficaram do lado de fora e mandaram chamá-lo. Muita gente estava sentada, em seu derredor, quando lhe disseram: ‘Olha, tua mãe, teus irmãos e tuas irmãs estão lá fora à tua procura.’ Em resposta, Jesus perguntou ao mensageiro: ‘Quem é minha mãe? Quem são meus irmãos?’ E ‘olhando para os que estavam sentados em roda dele’, disse: ‘Eis minha mãe e meus irmãos.’” (Mc. III, 31-35).

Como se infere, tal como sói acontecer com os mais perfeitos Espíritos missionários que encarnam neste planeta, Jesus, em sua época, não foi valorizado, inclusive por seus parentes e, até, por sua própria mãe!

Mas o pior é que, ainda hoje, decorridos quase dois milênios, Jesus continua incompreendido, porque sua verdadeira personalidade foi transfigurada sua missão desvirtuada e seus ensinamentos inteiramente falsificados para servirem a inconfessáveis interesses duma religião que, no fundo, não passa de riquíssimo e poderoso partido político internacional!

Nada obstante, ainda resta a esperança de que o Neo-espiritismo possa lutar pela glória de esclarecer o verdadeiro papel histórico do Mestre muito explorado e pouco compreendido. Mas dia chegará, e não pode tardar, que Jesus de Nazaré, como Mestre dos Mestres, assumirá definitivamente a liderança, não de pretenso “povo de Deus”, mas de todos os Espíritos terráqueos, não só encarnados como desencarnados; e, destarte, evitará que um planeta privilegiado, como a Terra, no qual bilhões de Espíritos ganham corpo físico, para esquecimento de fracassado passado e construção de melhor futuro, seja, por momentânea loucura de estadistas rancorosos, esfacelado ou reduzido a pó em apocalíptica guerra atômica!

ONDE ESTÁ O CRISTIANISMO?

Em que pese às teorias vigentes nos meios acadêmicos, a verdade é que a origem da religião está na manifestação dos Espíritos.

Contra a escola materialista soviética, Tylor e Frazer têm razão. Desde os primórdios da civilização, à medida que o homem evoluiu e a inteligência se lhe aperfeiçoou, as leis do Criador, por intermédio de Espíritos superiores, com gabarito de Instrutores da humanidade, descortinaram-se-lhe gradativamente num crescendo harmonioso, de conformidade com sua capacidade de compreensão.

Vale dizer que todos os cultos e ritos são átomos da revelação divina disseminados neste mundo por Espíritos missionários. E, como os planos vivenciais dos Espíritos desencarnados, tal qual os nossos, são habitados por Espíritos nos mais díspares estádios de evolução, não há estranhar a diversidade de opiniões e conceitos por eles emitidos, razão dos diferentes cultos e ritos observados em nosso planeta.

De toda maneira, há sempre, na origem de um culto ou de uma religião, a participação de um médium ou, melhor, de um profeta, que transmite as mensagens de Espíritos missionários a serviço do progresso moral da humanidade; e pouco importa que tais mensagens sejam dadas em sonhos proféticos, com corretas precognições, ou por clariaudiência, com perfeita audição das palavras telepaticamente transmitidas ou por psicografia em escrita escorreita: o essencial é que as mensagens sejam lógicas e escoradas em fatos indubitáveis, convincentes. Por isso, o teor das mensagens mediúnicas fica condicionado à evolução espiritual e à austeridade do grupo social para o qual o recado foi enviado.

De toda forma, porém, as mensagens autênticas promanam indiretamente de Deus, porquanto, como tudo no Universo, as regras que prevalecem na comunicação dos planos espirituais com o nosso, e vice-versa, são lídimas expressões da onisciência e da onipotência do Criador.

Dada, pois, a universalidade e a gradativa ampliação da revelação divina, é, de todo em todo, irrisório se pretenda que haja uma única religião privilegiada, detentora da Verdade integral!

Com efeito, das mais primitivas às mais aperfeiçoadas, todas as religiões e cultos possuem uma cintilação da radiação divina, não obstante obumbrada pelas contingências humanas. Sem embargo, de quantas mensagens mediúnicas foram enviadas à Terra, até ao presente, nenhuma se comparou, em grandeza moral, às de que fora portador o iluminado profeta galileu: Jesus de Nazaré!

Todavia, para desgraça dos Espíritos encarnados e, também, dos desencarnados, que habitam os inúmeros planos da Terra e de sua atmosfera, Jesus não fora, até hoje, compreendido; e, por isso, sua maravilhosa doutrina, pregada verbalmente sem ter sido escrita, motivo por que foi mal com-

pilada com duvidosos textos de folhas soltas, a partir de cinqüenta anos depois de sua crucificação, razão por que, interpolada com mentiras catadas aqui e acolá por capciosos exegetas, não vingou, até agora, com a autenticidade imprescindível.

Frustrado porque, repudiado como profeta por seus próprios parentes e, além disso, escorraçado pelos conterrâneos e enredado na perfídia dos fariseus, máxime dos sacerdotes, que ataçaram contra ele a sanha de fanáticos, até que, por fim, o condenaram, sem julgamento, ao terrível suplício da crucificação, pouquíssimos avaliam o sofrimento de Jesus, maior moral do que físico, pelo fato de não haver cumprido integralmente a gloriosa missão a que se propusera. Mais infeliz, porém, foi a própria humanidade, a qual, por haver repulsado os edificantes ensinamentos do Mestre nazareno, há dois mil anos continua a sofrer cada dia mais, com retaliações individuais, com truculência coletiva e com vinganças incessantes, ao passo que, com o amor fraterno enaltecido por Jesus, perpétua paz reinaria na Terra!

Tudo isso que, *prima facie* poderia parecer mirabolante devaneio, é inestimável conhecimento colhido em sucessivos contatos com Espíritos instrutores, que, perante seus Mentores, assumiram o compromisso de preparar-me para o cumprimento de minha missão de doutrinador.

No que concerne a Jesus, força é reconhecer que, educado durante mais de vinte anos com a rígida disciplina ascética do essenismo e, em se tratando do mais perfeito dos homens e do mais bem dotado dos médiuns, o iluminado Mestre galileu teria realizado espantosa transformação moral nos habitantes da Terra, não fora o agressivo fanatismo dos judeus, que o mataram extemporaneamente e da maneira mais execrável! Morto depois de pouco mais de um ano de ministério, Jesus não dispôs de tempo para preparar sequer um discípulo à altura de sucedê-lo. Posto que houvesse escolhido para discípulos de preferência os médiuns e, com primazia, os que lhes eram credores por faltas cometidas em anteriores encarnações, de molde que pudesse protegê-los e doutriná-los e, dessa forma, jungisse a fraternidade à caridade, a ponto de, no momento propício, servirem de instrumento a Espíritos missionários, propaladores do cristianismo incipiente. É de ver, no entanto, que os discípulos de Jesus, exceção feita para Judas, eram pessoas rudes, arregimentadas na classe pobre e inculta, razão por que não poderiam assimilar com facilidade a doutrina pregada pelo Mestre. E tão violento fora o impacto que lhes causara a bárbara condenação do inocente nazareno, que, se Jesus, depois de desencarnado, não se lhes houvesse manifestado ostensivamente, tudo estaria perdido com a evasão dos discípulos!

Contudo, não bastou que Jesus, desencarnado, aparecesse, como Espírito, aos discípulos “videntes”; houve mister de materializar-se diante dos principais discípulos, amedrontados com os fariseus e, por precaução,

trincafiados num esconderijo domiciliário; e de reforçar a prova com a concitação feita pelo Espírito-Jesus no sentido de que Tomé, o cético, lhe tateasse o corpo e lhe tocasse nas chagas provocadas pelas lanças da soldadesca que lhe vigiou a crucificação!

Apesar da insofismável demonstração da sobrevivência que o Mestre lhes dera, os tíbios discípulos permaneciam inseguros e aguardavam ansiosamente a volta de Jesus para estabelecer o esperado “reino de Deus”, predito por profetas israelitas. Na verdade, imbuído da crença da escatologia messiânica de seu povo, Jesus, ainda encarnado, havia afirmado, duma feita, que, entre aqueles que, no momento, o escutavam, alguns havia que não morreriam sem verem implantado o “reino de Deus” (Mc. IX, 1). Daí a esperança dos discípulos, que, numa de suas aparições, interpelaram o luminosíssimo Espírito, pedindo-lhe conta de quando seria, finalmente, imposto o aguardado “reino de Justiça”. Todavia, mais bem informado em seu plano, na ionosfera, Jesus desmentiu-se e advertiu-os de que a indagação lhes era interdita, de vez que era segredo de Deus. Sem embargo, o Mestre preveniu-os de que receberiam Espíritos, que, por psicofonia, dariam mensagens em Jerusalém, para testemunhar, na cidade cosmopolita e inimiga dos profetas, (Mt. XXIII, 37), as verdades que Jesus pregara (At. I,6-8).

E foi, de fato, graças às manifestações dos Espíritos, substituídos, mais tarde, por hipotético “Espírito Santo”, que o cristianismo não se extinguiu com a injusta e precoce morte do seu iluminado fundador!

Ninguém ignora que os “Atos dos Apóstolos” estão refertos de manifestações espíritas, embora a Igreja as haja interpretado, propositadamente, pelo método confuso.

Só os cegos da alma não vêem que as primeiras comunidades cristãs foram organizadas sob a inspiração dos mesmos Espíritos protetores que assistiram Jesus em sua missão — Espíritos que, apesar da imprevista crucificação do grande missionário, continuaram a labutar, no Além, a seu lado, com intuito de salvar, ao menos, uma partícula da luminosa Verdade que Jesus, ao completar o prazo de sua encarnação, deveria doar à humanidade sofredora!

Desgraçadamente, porém, pouco mais de um século após a malsinada crucificação, Espíritos maléficos, encarnados e desencarnados, todos inimigos de Jesus por serem inimigos do progresso moral da humanidade, já se haviam insinuado entre os cristãos e, pouco a pouco, foram insuflando a vaidade, estimulando a cizânia e atiçando a ambição de poder temporal, de tal sorte que, por fim, desviaram o curso do cristianismo.

Esquecidos de que a doutrina era de renúncia e de sacrifício em prol da perfeição moral conquistada com veneração a Deus e muito amor entre as criaturas, os falsos cristãos do catolicismo nascente chafurdaram-se no charco das paixões políticas, barganhando Jesus por Constantino, com o vil objetivo de dominar o mundo, asfixiando-o com os terríveis tentáculos da mais autocrática teocracia até hoje concebida!

Não poderia haver, pois, maior derrogação dos postulados cristãos! Jesus, para viver em função do aprimoramento de seu Espírito, renunciou às riquezas terrenas. Sabia quanto o poder econômico estimula o orgulho, a vaidade, a luxúria, o egoísmo e a prepotência, causando, em consequência, terríveis sofrimentos no mundo espiritual. Sabia, sobretudo, quanto a fortuna e o excessivo conforto afastam o homem de Deus. “Porque onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.” (Lc. XII, 34). Sabia, outrossim, quanto as preocupações financeiras distraem o homem dos deveres espirituais. Por isso, preveniu aos discípulos: “Não podeis servir a Deus e às riquezas.” (Mt. VI, 21).

Por outro lado, ao moço rico que lhe pediu o roteiro da salvação, tratando-o por “bom Mestre”, Jesus, depois de adverti-lo de que “bom” só Deus o era — o que significa que Jesus nunca se julgou Deus, mas apenas “filho do homem”, antonomásia de profeta ou de médium, como está claro em Ezequiel (I, 1-3; II, 1-2) — ao moço rico, repito, Jesus recomendou que, primeiramente, se despojasse de todos os bens, e, só ao depois, poderia segui-lo e compreendê-lo!

Sem embargo, esses conselhos de Jesus não produziram eco, nem no catolicismo, nem no protestantismo. Ambos preferiram aos bens do Espírito, os bens da terra, à força espiritual a força política.

Por isso, atualmente, um teólogo católico, Charbonneau, pergunta se, em sã consciência, a civilização ocidental é cristã.

Não, não é! E não é, porque a própria Igreja não é cristã!

O motivo? O motivo di-lo Sérgio Zanella, um padre “pra frente”, com cuja tese não concordo, mas que, no que concerne à acusação à ostentação, à riqueza e ao desvirtuamento doutrinal da Igreja, que deveria seguir o exemplo de Jesus, tem carradas de razão. “A Igreja institucionalizada — diz o Padre — é podre. Traiu o Cristo. De esposa fiel que era, tornou-se prostituta, amante do Estado e das condições favoráveis ao seu oportunismo.” (*A Igreja Traída*, pág. 31).

Agravando ainda mais a situação, e por incrível que pareça, há, no Brasil, padres filocomunistas, que, como ficou provado com os documentos apreendidos pelas autoridades militares, incentivam guerrilhas — a mais traiçoeira tática de matar — em nome do evangelho de Jesus! De resto, aí está o exemplo da luta fratricida na Irlanda!

Católicos e protestantes, que se dizem cristãos, mas que, com efeito, nunca o foram, estão a trucidar-se mutuamente em anacrônica e detestável “guerra religiosa”, serôdia reminiscência das execráveis “cruzadas” instigadas pela Igreja.

O mais chocante, porém, é que, ao lado dos protestantes, muito mais numerosos, o comandante da chacina é um pastor aguerrido, arvorado em novo Josué, o famigerado judeu, que, na ficção gabola da *Bíblia*, mandou

parar o Sol e a Lua, a fim de que, com a claridade de um dia mais longo, mais fácil fosse a matança de inocentes crianças e de indefesas mulheres, como se já não bastasse a cruel espoliação da terra dos amorreus vítimas da pilhagem dos israelitas! (Js. X, 12-14).

O mais sintomático é que, na convulsão mística (ou política) da Irlanda o pastor, um latação de quase dois metros de envergadura, não apela para o Cristo, com cujo sangue pretende estar ungido — invoca Moisés e proclama: olho por olho, dente por dente!

É com essa sede de vingança que os “cristãos” protestantes avançam contra os “cristãos” católicos, muito mais frágeis do ponto de vista bélico, porquanto muito menos numerosos e desprotegidos do poder político, que apoia o truculento adversário.

Sem embargo, se protestantes e católicos fossem, de fato, cristãos, antes de se engalfinharem na luta fratricida, deveriam meditar nos ensinamentos de Jesus, que, há quase dois mil anos, retificou o erro de Moisés, condenando o ódio e a vingança e proclamando alto e bom som: “Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam; bendizei aos que vos maldizem; orai pelos que vos caluniam.” (Lc. VI, 27-28).

Ora, diante do filocomunismo, que está invadindo a Igreja Católica, e do mosaísmo guerreiro dos protestantes irlandeses, uma interrogação se nos impõe: onde está o cristianismo? E a resposta é uma só: o verdadeiro cristianismo só não desapareceu da Terra, porque está palpitante e redivivo nos ensinamentos do Espiritismo e, com maior riqueza de revelações, no Neo-espiritismo!

ONDE ESTÁ O CRISTIANISMO II?

A maior desgraça para a humanidade ocorreu no dia em que o despeito de um grupo de sacerdotes fanáticos e prepotentes levou à crucificação o melhor dos homens: Jesus de Nazaré.

Com efeito, em decorrência da morte extemporânea do maravilhoso profeta galileu, o mundo perdeu sensacional oportunidade de receber, em toda plenitude, a mais sublime revelação divina até então feita aos habitantes da Terra, válida não só para os Espíritos encarnados como para os Espíritos desencarnados!

Sacrificado, lamentavelmente, sem ter tido tempo para escrever sua doutrina, nem sequer de instruir uma plêiade de discípulos com capacidade de no-la transmitir integralmente, o que nos resta dos diversos evangelhos aparecidos algumas décadas após sua bárbara e injustíssima crucificação são conceitos e preconceitos transmitidos de boca em boca por sectários, que não conheceram pessoalmente o Mestre nazareno, nem seus discípulos; ou que foram catados dentre folhas soltas de vetustos alfarrábios, de duvidosa origem, e difundidos por ingênuos adeptos, mais deslumbrados com as prodigiosas curas, do que com os preciosos ensinamentos do assombroso profeta galileu.

Além disso, retidos maquiavelicamente em poder da Igreja, os documentos originais foram conspurcados e recheados com exóticas interpolações prelibadas por cavilosos hermeneutas, ciosos de dar ensanchas à argenteia locupletação da Igreja Católica. Aliás, é muito sintomático que, somente Fabricius, em 1703, mencionou cinqüenta evangelhos, todos rejeitados como apócrifos! (Vide *Codez Apocryphus Novi Testamenti*).

Mas, apesar de tudo, se a humanidade, ao invés de ter sido iludida com injusta salvação mediante o revoltante sacrifício do mais perfeito dos profetas, transformado em “cordeiro de Deus” e, pior ainda, em “cordeiro pascal”, e, conseqüentemente, em “animal de holocausto”, para servir, absurdamente, de Redentor de voluntários pecadores, fosse alertada sobre a impostergável obrigação de cada qual lutar por seu próprio aperfeiçoamento moral, única maneira de conquistar-se paz e felicidade, a população do planeta estaria definitivamente unida por sentimentos muito mais puros, com integral fraternidade!

Em verdade, é desconcertante e paradoxal que, quando o poder criador do homem já o induziu a visitar outros planetas, a nossa civilização permaneça agrilhoadada à dor, à miséria, à fome, à doença, ao assalto, ao seqüestro, às guerrilhas intermináveis, a guerras pulverizadoras de mulheres e crianças indefesas, incentivadas pelo poderio bélico de grandes potências; de toda maneira, oficiais da maior patente e estadistas de ridícula estatura, baldos de sentimentos depurados, que deveriam corresponder ao nível intelectual e moral de nossa época, continuam arquitetando a destruição da humanidade e, quiçá, da Terra!

Diante do panorama degradante que o mundo todo se nos apresenta, afigura-se-nos que à hipertrofia do cérebro ou, melhor, da mente, corresponde enorme atrofia do coração ou, melhor, do sentimento!

Entretantes, com a atual profusão dos mais sórdidos meios de comunicação e com a pandemia de reportagens sensacionalistas a espocar por toda parte e a todo momento pela imprensa escrita, falada e televisionada, as cenas mais degradantes de desenfreada libidinagem invadem-nos afrontosamente o recesso do lar, dispensando a procura dum prostíbulo!

Ninguém, já se não espanta de nada! Parece que, com a freqüente repetição das calamidades, das imoralidades e dos crimes, a humanidade ficou indiferente, como que condicionada numa hipnose coletiva, com obnubilação mental ou, pior, com total insensibilidade moral aos tremendos problemas do mundo atual!

Não obstante, gradativamente, de extremo a extremo, o orbe, rebelado com os “protestos” duma juventude corroída pelo ateísmo e contaminada por cínica pornofonia e, além disso, talado por “guerrilhas” e covardes seqüestros, vai rolando para o vórtice de apocalíptica guerra atômica!

Sem embargo, com o espetacular progresso da hodierna Ciência e os prodígios da tecnologia contemporânea, a Terra, para tornar-se um paraíso, precisaria, apenas, de pôr em prática os postulados da doutrina cristã, os quais, até hoje, continuam relegados!

Entretanto, para salvar nossa civilização, bastaria a obediência aos dois mandamentos que Jesus mais valorizou: “Amarás a Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento.” E mais este: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mt. XXII, 37-40).

Com efeito, com a prática desses dois sublimes mandamentos, que, até hoje, pouquíssimos Espíritos, encarnados ou desencarnados, obedecem rigorosamente, o mundo viveria em paz perene e com perpétua felicidade, evoluindo alicerçado em integral confraternização!

Todavia, para amar a Deus, é imprescindível que ele se nos revele dotado de inexcelsa perfeição e inspirado por incessante benevolência por todos os Espíritos, criados imperfeitos, mas contando com a eternidade para obterem a perfeição e, com a perfeição, a felicidade definitiva.

De fato, não seria o Deus antropomorfo, faccioso, carnívoro e sanguisugoso do *Velho Testamento*, cuja ira se aplaca com barganhas de holocaustos, inclusive de holocaustos de primogênitos humanos, que nos haveria de inspirar amor e, muito menos, adoração!

Entretanto, o verdadeiro Deus — fonte da Vida, da Sabedoria, da Justiça e do Amor existe; e o fluido vital irradiado pelo seu pensamento criador cintila em toda a criação universal!

Infelizmente, tolhido pelo poderio e pela intolerância do Sinédrio, com direito a condenar à “lapidação” por crime de heresia, Jesus, a despeito das perifrases e das cautelosas parábolas de que se valia para conceituar o Cria-

dor, não pôde ultrapassar a concepção de um Pai, Justo e Bom. Justo, porque, pela lei de causalidade moral, que rege o destino de todos os Espíritos, estejam eles encarnados ou desencarnados, Deus dá “a cada qual segundo suas obras”; Bom, porque, pela lei das reencarnações, dá a cada Espírito tantas encarnações quantas sejam necessárias para ele adquirir todas as virtudes que se conquistam na encarnação terrena e, também, todas as oportunidades para cada Espírito saldar suas dívidas, seja encarnado, seja desencarnado, de vez que a morte não é interrupção da vida — é mudança de vida, para melhor ou para pior, dependendo dos méritos e dos deméritos de cada um.

Como ocorre em todos os setores do saber humano, a revelação das verdades divinas é gradativa e proporcional à evolução moral da humanidade. Por isso, o Mestre Allan Kardec não considerou a revelação que lhe deram os Espíritos que o assessoravam como um ponto final, mas, apenas, como um ponto e vírgula, pois a continuação deveria vir, e veio, por intermédio de uma médium, de cultura primária, mas dotada de excepcional humildade e de profunda convicção na autenticidade dos ensinamentos de Jesus, pelo qual, mais do que imensa admiração, sempre demonstrou profunda veneração. Foi por ela, Palmyra de Carvalho Ribas, minha primeira esposa, que, durante anos, recebi, em caráter pessoal, muitas centenas de mensagens psicofônicas, que constituem o Neo-espiritismo, com ampliação das fronteiras do Espiritismo, inclusive com nova conceituação sobre o Criador e melhor compreensão do mecanismo de sua justiça, nos inúmeros planos espirituais que funcionam em nosso planeta, além de fazer ligação com a Medicina pelas pesquisas que, durante um lustro, efetuei com vários colegas, nas sessões experimentais da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, nas quais ficou demonstrado que os Espíritos sofredores ou obsessores podem causar doenças — as Espiritopatias!

De fato, pela melhor compreensão da justiça do Criador e maior simpatia por todas as criaturas, o Neo-espiritismo mostra que as palavras de Jesus não foram vãs. E se, porventura, houver dúvida em como pô-las em prática, aqui estão duas regras de ouro: “Não façais a outrem o que não quiserdes que se vos faça”; e essoutra: “Fazei aos outros o que desejardes que se vos faça.”

Com esses mandamentos, gravados na consciência e guardados no coração, o homem deixará de ser o lobo que devora o semelhante para tornar-se o irmão que ama o irmão, porque todos são criaturas de um mesmo Deus!

Todavia, para que essa revolução moral se processe no mundo, urge erradicar do seio da humanidade o gravíssimo erro de pretender salvar-se com a injusta e bárbara morte de Jesus, o Espírito mais perfeito que encarnou em nosso planeta.

Na verdade, dada a equanimidade da justiça do Criador, a única fonte de libertação dos sofrimentos terrenos é a obtenção da perfeição espiritual, que se conquista, de degrau em degrau, em múltiplas encarnações, inter-

caladas com existências desencarnadas, vividas nos mais díspares planos espirituais organizados nos diferentes setores de nosso planeta. Nesse colossal roteiro, independentemente da religião que professa, cada Espírito, esteja ele encarnado ou desencarnado, colherá exatamente o fruto da árvore que plantou. Méritos e deméritos receberão, no destino do Espírito encarnado ou na hierarquia do Espírito desencarnado, a resposta da justiça de Deus. Não há critérios diferentes para diferentes religiões. A lei de causalidade moral — a cada qual de acordo com seu comportamento — enunciada por Jesus, é válida para todas as criaturas humanas, embora a responsabilidade moral pelos atos praticados seja proporcional ao grau de discernimento de cada Espírito, pouco importando que esteja encarnado ou desencarnado.

Na verdade, todas as religiões são **caminhos** para relativo conhecimento dos desígnios do Criador e, por conseguinte, são **meios** para o aperfeiçoamento espiritual; mas nenhuma é, por si mesma, um **fim**, porque não há religião que possua a Verdade integral, a qual, em nosso planeta, é indecifrável segredo do Criador!

Nada obstante, a razão pela qual a civilização ocidental não é, até hoje, verdadeiramente cristã reside na mistificação do papel histórico de Jesus, que, de “varão aprovado por Deus” (At.II,22) e “profeta poderoso em obras e palavras” (Lc. XXIV, 13-19), deixou de ser o Mestre, cujos ensinamentos podem e devem ser praticados por todos os Espíritos, estejam eles encarnados ou desencarnados e cuja vida exemplar deverá ser imitada por quantos desejam rápido progresso espiritual, passou a ser incompreensível e inimitável, porquanto metamorfoseado em Deus, a perfeição que o diferencia da humanidade é a que separa o infinito do finito!

Contrariando a hipótese da divindade de Jesus, ele próprio a desmente em dezenas de textos bíblicos. Mas a mim se me afigura que este basta. Abordado por um moço rico, Jesus foi interrogado da seguinte maneira: — “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” A réplica foi taxativa: — “Por que me chamas de bom? Ninguém é bom senão um só, **que é Deus...**” (Mc. X, 17-21; Mt. XIX,16-22 ; Lc. XVIII, 18-23).

Em suma: Jesus, o Mestre dos Mestres, não foi Deus, nem nunca afirmou que o era. Ao contrário, fê-lo Deus a Igreja, por interesses inconfessáveis, mais de trezentos anos depois de sua desencarnação! E não lhe foi fácil a maquinação dessa mistificação. Depois de derrotada, sucessivamente, em três Concílios, a Igreja, por coação direta do Papa, conseguiu “eleger” Jesus Deus, no Concílio de Nicéia, por maioria, apenas, de um voto!

Mas o pior foi que Jesus, sobre ter sido transformado em “cordeiro de Deus”, ainda continua a ser, diariamente, ingerido, como animal de holocausto, para purificar Espíritos transgressores das leis de Deus, aparentemente arrependidos e sofisticadamente perdoados!

Além disso, considerado Deus e Redentor, Jesus centralizou a atenção de milhões de sectários do catolicismo e do protestantismo, com lamentável prejuízo de sua doutrina, cuja prática seria o verdadeiro caminho para o aperfeiçoamento do homem, “a porta estreita” aberta pelo conhecimento dos “Mistérios do Reino de Deus” — mistérios que Jesus aprendera não só com os essênios, que o educaram desde os oito anos, conforme a referência de Flávio Josefo, como, também, pessoalmente, mercê de sua prodigiosa mediunidade, que, a cada momento, o punha em relação com os Espíritos missionários, encarregados de prepará-lo para a gloriosa missão de ofertar à humanidade ampla faixa de nova revelação divina, revelação que, desgraçadamente, não foi compreendida e, muito menos, praticada até hoje!

Entretanto, Jesus, em várias oportunidades, deixou bem claro que Deus era seu pai e, conseqüentemente, seu criador. Logicamente, muito superior a ele. Aliás, Jesus a si mesmo se chamava “filho do homem”, qualificação que fora dada, por clariaudiência, ao profeta Ezequiel, para distingui-lo, como Espírito encarnado, das “aparições” que se lhe manifestavam e que eram Espíritos desencarnados.

Dadas as circunstâncias e a fenomenologia da ocasião, a expressão “filho do homem” tornou-se, por antonomásia, sinônimo de médium ou, se preferirem, de profeta (Ez. I, II, III e seus §§).

Jesus fora o maior dentre os profetas; mas não fora Deus, de vez que o finito jamais poderia encarnar o infinito!

De mais a mais, no decantado testemunho de Pedro, mil vezes invocado como prova da divindade de Jesus, nada existe de comprobatório. A simples comparação com os testemunhos de Marcos e de Lucas demonstra que, em Mateus, como sói acontecer noutros textos de seu *Evangelho*, a parte final fora interpolada posteriormente, para gáudio de seu reconhecido profetismo semita! (Mc. XVI, 18-19; Mc. VIII, 27-30; Lc. IX, 18-22).

Em verdade, da assertiva de Pedro, o que resta, confirmada, aliás, pelos outros evangelistas, é a prova insofismável de que, não só Jesus e seus discípulos, como elementos do povo, acreditavam na lei da reencarnação. Isso, só um cego de espírito não vê. Com efeito, eis o texto: “Quem diz o povo ser o filho do homem?” — pergunta Jesus aos discípulos. Resposta dos discípulos: “Uns dizem (que é) João Batista”, resposta absurda, aliás, porquanto João estava encarnado quando Jesus, com 29 anos, principiou a pregar. Logo, Jesus, de modo nenhum, poderia ter sido reencarnação do profeta acridófago!

Sem embargo, atentemos na continuação do versículo da *Bíblia*: “...outros, Elias; e outros, Jeremias ou algum dos profetas.”

Insatisfeito com a resposta, Jesus insistiu: “Mas vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, adiantando-se aos demais discípulos, tomou a palavra: “Tu és o Cristo (ou Profeta), o filho do Deus vivo!”

Até aí, Pedro não disse nada de mais, porque, não existindo Deus morto, evidente se torna que, como todos nós — Espíritos encarnados ou Espíritos desencarnados — Jesus não poderia deixar de ser filho do Deus “vivo”! Mesmo porque Deus é, em essência, a vida em si e o criador da vida, cujo pensamento onipotente registra sua emanção ou fluido vital em tudo que, no Universo, é obra de sua criação!

Donde se infere que a esdrúxula resposta de Pedro não trouxe nenhuma novidade, nem poderia, de modo algum, causar admiração a Jesus, a ponto de o iluminado Mestre afirmar que fundaria uma religião, cuja pedra angular seria a filiação do amável nazareno a um Deus vivo!

No que tange à hipótese de ter sido Jesus a reencarnação de um dos antigos profetas, dentre os quais fica obviamente excluído seu contemporâneo, João Batista, o fato é possível, sem ser provável.

O que se não pode negar é que não só Jesus e seus discípulos como muitos outros cidadãos, alheios ao cristianismo nascente, acreditavam na lei das reencarnações. O próprio Jesus, duma feita, afirmara que Elias, o profeta, “havia voltado”, isto é, reencarnado, e deu a entender que João Batista fora, outrora, o afamado profeta tesbita (Mt. XVII, 9-13; Mc. IX, 11-13).

Eliminada a hipótese da morte de Deus, invencionice da Teologia Radical e comprovada a aceitação da lei das reencarnações, é hora de mostrar que, a despeito da propositada confusão de expressões, Jesus, médium admirável, não duvidava, e nem podia duvidar, da comunicação entre Espíritos encarnados e Espíritos desencarnados. Por isso, quando Pedro disse que ele era o Cristo ou o Profeta, filho de Deus vivo, Jesus retificou o aparente conceito do discípulo com a afirmação de que não era de Pedro a opinião emitida, não proviera da “carne e do sangue”, mas do Espírito do médium, assistido, é claro, por um Protetor, em nome de Deus, de vez que o Criador, por sua infinita perfeição, jamais poderia entrar em contato direto com ínfimas criaturas terrenas!

O fato de Pedro, mediunizado ou não, haver dito que Jesus era o Messias, várias vezes anunciado, não significa que, para os discípulos, Jesus se confundisse com Deus. A prova é que, após a morte de Jesus, mesmo depois de suas aparições como fantasma ou, melhor, como Espírito desencarnado, e, até posteriormente à sua espetacular materialização, com toque de Tomé, Pedro continuou a considerar o Mestre vilmente crucificado, como um “varão aprovado por Deus” (At. II, 22); e, para Lucas, Jesus foi “varão profeta poderoso em obras e palavras.” (Lc. XXIV, 13-19).

Por outro lado, não é crível que um Mestre do gabarito de Jesus, plenamente cômico da responsabilidade da revelação da qual fora encarregado, houvesse confiado o futuro do cristianismo a um único mortal (Mt. XVI, 18). Máxime em se tratando de um discípulo versátil, como Pedro, cuja tibieza o próprio Jesus malsinou, tachando-o de Satanás, pois, com sua covardia tentou acovardar seu Mestre, quando este anunciou aos discípulos sua ida a Jerusalém e a tremenda represália dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas! (Mt. XVI, 22-23).

ONDE ESTÁ O CRISTIANISMO III?

A tese da origem diretamente divina da Igreja Católica não procede. O texto evangélico sobre o qual os teólogos decalcaram seus sofismas é, além do mais, suspeitíssimo. Tudo indica que os três versículos ali foram interpolados posteriormente, para escorar as pretensões da Igreja, já desviada do cristianismo (Mt. XVI, 18-20). E a prova é que as afirmações concernentes ao destacado papel outorgado a Pedro por Jesus, conforme figura nos referidos versículos, não estão incluídos nos demais evangelhos.

Entretanto, Papias, Bispo de Hierápolis no século II, o qual fora criterioso colecionador de documentos do primitivo cristianismo, afirma que o evangelho de Marcos fora ditado por Pedro.

Ora, aceito o testemunho, evidente se torna que, se, de fato, Jesus, entusiasmado com a resposta do discípulo a respeito de sua personalidade, lhe conferira excepcional preeminência no grupo dos apóstolos, a ponto de entregar-lhe “as chaves do reino dos céus”, o homenageado, ao relatar a Marcos suas memórias, jamais omitiria tamanha distinção! (Mt. XVI, 18-19).

No entanto, Marcos, como Lucas, não faz a mínima referência às palavras atribuídas absurdamente ao Mestre nazareno e, pior, freqüentemente invocadas pela Igreja Católica, com a maquiavélica intenção de apoiar sua pretensa hegemonia sobre as demais religiões!

Mas, a verdade sobre a afirmação de Marcos, ratificada por Lucas, é que, ao ouvir a opinião de Pedro qualificando-o como Cristo, sinônimo de Messias ou de Ungido, à maneira dos Reis de Israel, Jesus proibiu que os discípulos propalassem o descabido conceito. Mesmo assim, não só a Igreja Católica como a Protestante continuam a chamá-lo de Cristo ou, como preferem outros, de Cristo Jesus, quando seria muito mais lógico tratá-lo por Mestre ou, modestamente, por profeta galileu ou, em sentido mais restrito: profeta nazareno. De toda maneira, a proibição de divulgação feita por Jesus demonstra indubitavelmente que ele não se considerava o escatológico Ungido ou Messias de Israel.

De resto, depois de ter ensinado que a justiça do Criador dá “a cada qual segundo suas obras”, Jesus não cometeria a veleidade de prometer a Pedro um poder que é apanágio de Deus, somente. Com efeito, se Jesus afirmara que cada indivíduo receberia de conformidade com os seus próprios méritos, não poderia pretender que a Pedro coubesse o privilégio de abrir as portas dos céus; nem que deliberasse, em última instância, sobre os destinos humanos, ligando ou desligando, ao seu talante, criaturas que, perante o Criador, têm os mesmos direitos de Pedro e de Jesus!

Caso contrário, com a revogação da lei de causalidade moral, além de Jesus ter-se desmentido a si próprio, teria admitido que a justiça de Deus é à base do pistolão!

Não; Jesus, iniciado essênio no grau de Mestre e, por conseqüência, profundo conhecedor dos “mistérios do reino de Deus”, em tempo algum diria tamanha sandice acerca da justiça do Criador! Nem, tão pouco, poderia considerar-se o esperado Messias de Israel, que viria expulsar os inimigos da pátria e estabelecer, durante um milênio, o “Reino de Justiça”, exclusivo dos israelitas!

Era essa também a escatologia quiliástica dos ascetas essênios, em cuja seita Jesus se deparou com a luz da “iniciação”. O simples fato de Jesus haver rompido os vínculos disciplinares com a comunidade do Qumrân para vir pregar mitigadamente, cá fora, ao povo ignaro e fanático, a doutrina essênia, demonstra que Jesus não se considerava o Messias carismático dos judeus. Com aquiescência do “Senhor de Justiça”, seu Mestre essênio, Jesus veio proclamar ao mundo uma doutrina estimulante do aperfeiçoamento moral, que visava dar ao homem as virtudes imprescindíveis ao ingresso no “reino de Deus”, depois da morte, e não em vida. Por isso, Jesus dissera que o reino de Deus não viria “com visível aparência”, de vez que está dentro de nós mesmos, na pureza dos sentimentos (Lc. XVII, 20-21). Outra prova de que Jesus não pretendia, como seria missão do Messias, fundar o “reino de Justiça”, aguardado pelo pretense “povo de Deus” é a resposta dada a Pilatos: “O meu reino não é deste mundo.” (Jo. XVIII, 36). Na verdade, Jesus não fora mosaísta; ao contrário, encarnara para reformular as leis de Moisés. Conseqüentemente, Jesus nada tem a ver com a escatologia judaica; e muito menos com o egoísta quiliasma dos sectários de Javé! Conhecedor da lei da reencarnação, Jesus não poderia ignorar que a Terra, mundo de provação, mundo de provação continuará a ser, até que, pelo aperfeiçoamento moral do homem, a humanidade se torne melhor, a ponto de implantar, no planeta, a verdadeira fraternidade. Nesse dia, sim; o nosso mundo deixará de ser plano purgatorial, para transformar-se em “reino de Justiça”. Até lá, porém, nenhum Messias, só por sua presença física, poderá modificá-lo magicamente. Aliás, esse messianismo soteriológico não é apanágio do judaísmo — existe por toda parte, até em tribos primitivas, consoante o assinalou a talentosa patrícia, Maria Pereira de Queiroz (*O messianismo no Brasil e no mundo* — Dominus Editora — São Paulo). De fato, James Mooney assinou-o em tribos americanas, que não haviam tido contato com missionários religiosos — fato confirmado, outrossim, por A. Van Deursen, pesquisador dos mitos primitivos nas referidas tribos. Por outro lado, o fenômeno foi constatado na Oceania, máxime na Melanésia e na Guiné Holandesa. Donde se infere que a esperança messiânica não é privilégio do judaísmo, nem do cristianismo, e sim um mito primitivo e universal, ligado às crises sociais e às provações nacionais.

Na maioria dos casos, o Messias ou “Salvador” é antigo benfeitor da comunidade, dotado de poderosa mediunidade, que, depois de morto, é

aguardado ansiosamente como líder carismático, que extinguirá o sofrimento e implantará uma era de bonança. Como concluíram Paul Alphandéry e Max Weber, o Messias é um líder religioso destinado à salvação duma comunidade. Todavia, sua vinda depende do merecimento de todos. Basta que alguns se comportem mal para que toda a comunidade caia em desgraça, com retardamento indefinido da chegada do “salvador”.

Nessas condições, é fácil justificar-se por que a escatologia quiliástica do judaísmo, herdada pelo cristianismo católico-protestante, que, contrariamente ao verdadeiro cristianismo, originário do essenismo, fora indevidamente enxertado no tronco mosaico, não se confirmou até hoje. Nem se confirmará nunca. Ao contrário, tudo o que os “profetas” de Israel afirmaram a respeito da metamorfose final do mundo foi desmentido pela realidade dos fatos. Os judeus foram derrotados, o templo destruído, o povo expatriado. Mesmo assim, por volta do ano 1200, Mosé-bem-Maimom ou Maimonide ainda insistia no advento do Messias. E o pior foi que, em decorrência dos delírios paranóicos do mentecapto que escreveu o *Apocalipse* — livro que os pesquisadores soviéticos consideram anterior aos *Evangelhos* e que nenhuma relação tem com Jesus de Nazaré — o pior foi que, em plena Idade Média, o povo, enganado, estava ainda aguardando que Jesus voltasse do “retiro”, para implantar, na Terra, o “reino do céu”!

Diante, porém, do fracasso da escatologia judaica, os teólogos católicos e protestantes deliberaram protelar, *sine die*, a volta do Cristo. Até milênio já não é milênio, porque pode valer qualquer número de anos! (*Les fanatiques de l'Apocalypses* — N. Cohn).

Sem embargo, Jesus não é o Messias prometido pelos profetas judeus. Jesus é Mestre da humanidade toda. Encarnou para ensinar e exemplificar, mais para exemplificar do que para ensinar a nova doutrina, consoladora e corretiva do mosaísmo.

Com efeito, compreendida, sentida e praticada, sua doutrina dará forças ao homem para vencer-se a si mesmo, mediante a conquista de valores morais, que lhe garantirão rápida ascensão na hierarquia dos planos espirituais adstritos à Terra; fato que se torna mais evidente quando se conhece a doutrina espírita e, principalmente, quando se estuda a doutrina neo-espírita, que me foi revelada por Mensageiros de Jesus com a missão de ampliar a revelação divina, de conformidade com o assombroso progresso cultural da atualidade.

De fato, não só na filosofia espírita, como principalmente na filosofia neo-espírita, estão polarizados o sentimento e a razão de tal modo que a fé se transforma em convicção e o conceito sobre Deus se engrandece infinitamente por sua onisciência, por sua onipotência e, sobretudo, por seu incensurável amor a todas as criaturas. Mas o que importa, em primeiro lugar, é que todos os Espíritos, estejam eles encarnados ou desencarnados, se compe-

netrem de que o Criador é infinitamente justo, razão pela qual ninguém se salva senão pelo seu próprio merecimento; e que cada um deve cuidar de seu aperfeiçoamento moral, sem apontar os defeitos alheios, pois cada qual receberá o fruto da árvore que plantou...

Aliás, nem Jesus, nem nenhum outro Espírito missionário, poderá fazer algo pela humanidade senão mostrar o caminho da evolução espiritual. Não é por seu sacrifício na cruz que Jesus salva os pecadores: é a correção moral de cada um com a doutrina que ele pregou, e exemplificou, até no momento dramático de sua morte, a qual assegura o progresso e a paz aos Espíritos terrenos. Não é com sacramentos, nem com “promessas” que se conquistam méritos perante o iluminado nazareno: é seguindo-lhe as pegadas, com seus ensinamentos reluzindo na consciência!

Por outro lado, a volta de Jesus atualmente não teria sentido. Prendê-lo-iam como charlatão; acusá-lo-iam de estar “possuído” pelo demônio! Talvez não o torturassem, nem o comburissem inquisitorialmente. Mas, sem dúvida, o internariam num manicômio como louco perseguido pela mania de reformar o mundo, com imposição da confraternização geral. Pois aí não estão, há quase dois mil anos, os seus ensinamentos básicos? E por que os homens, indiferentes, lhe voltam as costas? E aqueles que se dizem cristãos, por que o estão traindo? Por que os Bispos, padres, frades e freiras o estão menosprezando e entregando os pulsos às algemas do marxismo ateu? E por que monges e frades, acobertados pelo prestígio político da Igreja romana, estão incentivando guerrilhas fratricidas e cometendo dupla felonía: a Jesus e à Nação que os acolheu? A resposta é fácil: todos esses religiosos nunca foram cristãos, nem imaginam o que é ser verdadeiramente cristão, embora todos eles imaginem ser bons católicos!

De toda sorte, Jesus não voltará a encarnar no palco de suas provocações, onde, pelo egoísmo dos homens, sua gloriosa missão abortou; e, pela perversidade dos sacerdotes, sua execrável punição culminou em injustíssima crucificação!

Contudo, como o fracasso não foi do missionário, mas dos homens da época, que o não quiseram compreender, Jesus, perante seus Mestres, e, acima deles, diante de seu Mentor, Espírito superior responsável por sua encarnação, não desmereceu, de modo algum, a confiança nele depositada pelos Espíritos dirigentes do planeta, que o enviaram para derradeira encarnação. E, como prêmio da tenacidade com que lutou para vencer todos os obstáculos que se lhe depararam, a despeito da lamentável frustração de sua missão decorrente da rebeldia dos Espíritos terráqueos encarnados e desencarnados, que se mostraram infensos aos seus ensinamentos, Jesus, com toda justiça, conquistou o direito de libertar-se do ciclo das reencarnações inerentes à Terra.

As mensagens que, pela precocidade de sua morte, não pôde completar durante sua breve vida terrena, deu-as ele, em decisivas manifestações póstumas, aos poucos apóstolos que não desertaram no momento do perigo e,

mais tarde, por seus enviados, confirmou-as no Espiritismo e aclarou-as muito mais no Neo-espiritismo. De sorte que os habitantes da Terra, encarnados e desencarnados, contam agora com a palavra e com o exemplo do Mestre nazareno para elucidarem e consolidarem os postulados de seus providenciais ensinamentos.

Todavia, para que, finalmente, Jesus possa implantar definitivamente perene paz na Terra e perpétua felicidade no Espírito do homem, é imprescindível que os cristãos, mirando-se no exemplo do Mestre, pratiquem o verdadeiro cristianismo, cuja essência é a fraternidade.

Com a união dos autênticos cristãos, todos os problemas morais e sociais poderão ser resolvidos preventivamente e, dessa maneira, anular-se-ão os argumentos do materialismo dialético a serviço do comunismo ateu.

O Brasil, pela índole de seu povo, jamais poderá consentir que seu solo seja empapado de sangue em guerrilhas fratricidas: nem a generosa população brasileira poderá permanecer indefinidamente inerte em face da covardia inominável dos assaltantes e dos seqüestradores!

Queiram ou não, chegou o momento carismático de todos os brasileiros, que se consideram cristãos, buscarem no Neo-espiritismo a inspiração para suas ideologias, elidindo o materialismo monista. Com o Neo-espiritismo a iluminar o Espírito eterno, todo ideal político, ou não, será sublime, porquanto inspirado na veneração ao Criador e no mais sincero amor ao próximo; com o Neo-espiritismo gravado na consciência, toda ação será nobilitante, de vez que motivada exclusivamente pelo bem da coletividade!

Colaborem, pois, na construção de um Brasil materialmente invencível e espiritualmente coeso e feliz, sob a égide do Neo-espiritismo, o moderno cristianismo liderado por Jesus de Nazaré e implantado por Espíritos missionários, Mensageiros dos Supremos responsáveis pelos destinos de nossa amada Pátria!

ONDE ESTÁ O CRISTIANISMO IV?

No trágico panorama moral do mundo atual, o crente ingênuo interroga-se, perplexo e angustiado, diante da avalanche do materialismo ateu, do pansexualismo desabusado, da permanente ameaça de hecatombe atômica e da desagregação da Igreja, em virtude de muitos sacerdotes haverem barganhado Jesus por Marx!

Todavia, a presente conjuntura radica-se no século III, quando cristãos ambiciosos trocaram Jesus por Constantino. Esquecidos de que “não se pode servir a Deus e às riquezas” (Mt. VI,24), falsos líderes permutaram os valores espirituais das primitivas comunidades cristãs pelos ouropéis do Império Romano.

Aliada ao Estado, a Igreja, de pobre, mas fraterna e caridosa, que era, tornou-se rica, poderosa e vingadora; e, durante séculos, aos poucos, foi impondo ao mundo, com ameaças e massacres, esdrúxulo acervo de dogmas contrários à razão. Haja vista o da divindade de Jesus e o da salvação da humanidade por sua exclusiva intercessão.

Com isso, um homem assumiu as proporções do Criador do Universo e, comparados com ele, todos os Instrutores da humanidade, como Buda, ficaram reduzidos a zero! Mas é dessa forma que a Igreja pretende ter recebido, diretamente, de Deus, delegação para o exercício do seu ministério soberano e universal!

Sem embargo, não se atenta no fato de que, se Jesus foi Deus, sua morte foi voluntária e, pior do que suicídio, paradoxal deicídio! E, se a morte foi determinação irrevogável do Criador, seu Pai, na imaginária Trindade católica, firmado ficou o princípio de pagar o justo pelo pecador, tese que revoga os postulados básicos da justiça.

De toda forma, o dogma, além de rebaixar Deus, humanizando-o com a encarnação, ainda o degradou ao nível de um antropófago, que cobra, como preço de resgate do pecado original, o sacrifício da vida do próprio filho!

Ora, o pecado original já é, por si mesmo, inadmissível, de vez que o próprio bom senso repele o crime hereditário. E muito menos admissível seria que Deus, para perdoar o pecado que a humanidade não cometeu, nem o casal do Éden, remotíssimos ancestrais, exigisse, como holocausto, o homem mais perfeito que até hoje encarnou no planeta! Como se não bastasse a asneira *do Velho Testamento*, que inventou a “aliança” com Deus mediante o sacrifício de animais, ainda se repetiu o disparate com “nova aliança” e ao preço do sangue de Jesus! Como se vê, não pode haver “justiça” mais injusta e revoltante!

Entretanto, repetindo Isaías, Jesus advertira aos fariseus que Deus não quer holocaustos. Lá está textualmente: “Misericórdia quero, e não holocaustos.” (Mt. IX,13). E, de fato, o Deus que Jesus aceitou é o Pai justo

e amoroso, que “dá a cada um, segundo suas obras” (Mt. XVI,27) e perdoou o “filho pródigo”, quando voltou à casa paterna arrependido (Lc. XV,11 e ss). Não impõe sacrifícios de intermediários, porque o pecado é pessoal e intransferível; e cada um deverá “pagar até o último ceitil” (Lc. XII,59). Exige, sim, que cada qual conquiste a felicidade à custa de seu próprio aperfeiçoamento moral, sem esperar que outros carreguem a sua cruz!

Foram os conceitos errados do catolicismo e do protestantismo, agravados pela intolerância clerical e pela asfixia da Ciência, que determinaram, com a Revolução Francesa, a eclosão do materialismo nas cátedras universitárias.

Se o cristianismo católico-protestante houvesse seguido as pegadas de Jesus na prática da caridade, com a riqueza de manifestações mediúnicas que o cercava, é provável que o monismo materialista já houvesse sido suplantado pelo dualismo espiritualista, consoante ainda esperam os Mentores do Neo-espiritismo.

Mas, infelizmente, com a postergação do verdadeiro cristianismo, o catolicismo assumiu, cada vez mais, a feição de uma teocracia internacional, a princípio manipulada pelos Bispos e, posteriormente, enfeixada na autoridade “infalível” do Papa, considerado como a representação visível do próprio Cristo!

Aliás, essa reivindicação, finalmente sancionada pelo Vaticano I, em 1870, vinha de longa data. Desde 1716, no “Ato de fé”, preparado pelos jesuítas, contra o protestantismo, já se estipulava que “o Santíssimo Padre deve receber honras divinas, com as mais profundas genuflexões, como ante o próprio Cristo”! E mais — que “todo e qualquer padre é maior que a mãe de Deus, Maria mesma, que apenas deu à luz Nosso Senhor uma vez, enquanto que o padre sacrifica e cria Jesus Cristo, não só em intenção, mas na realidade, onde quer que lhe pareça, e, depois de criá-lo, ingere-o completo”!

Por outro lado, o cura alemão Kinzelmann, proclamara em 1872: “Nós, os eclesiásticos, estamos tanto acima dos governos, imperadores, reis e príncipes deste mundo, quanto o céu da Terra. Os reis e príncipes diferenciam-se tanto dos padres quanto o chumbo do ouro mais fino e mais puro. Muito abaixo do padre estão os anjos e arcanjos; porque ele pode, em nome de Deus, perdoar os pecados, ao passo que os anjos nunca o puderam. Sim, os sacerdotes estão, até certo ponto, acima de Deus; visto que ele deve achar-se a todo tempo e em toda parte, à nossa disposição e, por ordem nossa, baixar do céu para a consagração da missa. Deus criou, é certo, o mundo com a simples palavra — seja — mas nós criamos o próprio Deus com três palavrinhas”!!! (Ruy Barbosa — Janus *O Papa e o Concílio*, pág. 113).

Completando tantos prodígios, um jesuíta, Dupanloup, acabou endeusando o Papa: “Ele é, por um *miracle perpétuel* o próprio Deus vivo entre os homens!” (*Op. cit.* pág. 114).

Como se vê, houve total deformação do cristianismo, com alienação de seu glorioso fundador, mistificado no endeusamento do Papa!

De fato, Jesus, para conquistar os dons mediúnicos que ostentou, renunciou a tudo, inclusive ao sexo, vivendo na pobreza e na humildade e consagrado à cura dos enfermos do corpo e da alma. Pregou uma doutrina de iluminação espiritual e estimulou o aperfeiçoamento moral do homem, como preparação imprescindível ao ingresso, depois da morte, no “reino dos céus”, isto é, nos planos espirituais de felicidade. Não se preocupou com as grandezas e as glórias efêmeras deste mundo — viveu na Terra, sem viver para a Terra.

Entretanto, os que se dizem autênticos representantes de Jesus neste mundo, como vivem? O Papa vive “endeusado” num trono, em suntuosos palácios, cercado de cortesãos, com ostentação de luxo e do máximo conforto material. Os Bispos também vivem como nababos em pomposos palácios. Os padres, quando podem, também. E todos vivem assoberbados com os problemas políticos da Terra. Nenhum deles pratica a mediunidade, como Jesus. Nem o próprio Papa entra em comunicação com o mundo espiritual. E nenhum cura ninguém!

Os Espíritos que, como intermediários de Jesus, comandam o mundo, foram repudiados; ou melhor — aceitos sob o disfarce de “Espírito Santo”, mas controlados, para que se não manifestassem, claramente, e desmentissem o pseudocristianismo, que o catolicismo criou, e o pseudocomunismo que os padres “pra frente” querem atribuir a Jesus!

O comunismo de Jesus foi muito diferente: visava ao “desligamento” do mundo, com isenção de obrigações corriqueiras, para maior consagração à meditação, à oração e à caridade — sobretudo a caridade mediúnica, tratamento espiritual de enfermos desprovidos de recursos pecuniários ou vítimas de enigmáticas Espiritopatias. O comunismo dos marxistas objetiva, ao contrário, ao engajamento do homem neste mundo — somente neste mundo.

Sem embargo, se não fora a radical repulsa à vida espiritual, a incompatibilidade entre os dois comunismos, o de Jesus e o de Marx, seria relativa, porquanto, pelo fato de preparar o homem para o mundo espiritual, o cristianismo não repudia as obrigações terrenas, exceção feita, apenas, para os que se consagram a uma “iniciação”, como foi o caso do Rabi galileu.

Todavia, em decorrência da obstinação ateísta do marxismo, não pode haver diálogo com autênticos cristãos. O problema não se cifra ao capitalismo, nem mesmo ao socialismo — a questão é de incompatibilidade filosófica. Um padre, para ser comunista, trai Jesus e nega-se a si mesmo.

Aliás, um teólogo insuspeito, porque partidário da evolução violenta, com revolução, equacionou magistralmente o problema. “Por trás do comunismo — escreve ele — é necessário reconhecer o marxismo, isto é, a filosofia elaborada por Marx. E é nesse campo que se trava a verdadeira batalha. Não nos iludamos: não se trata de economia ou de sociologia, simplesmente. Trata-se verdadeiramente de filosofia.” (Pe. Charbonneau — *Cristianismo, Sociedade e Revolução* — Ed. Herder — 1967 — pág. 238).

Na verdade, Jesus, do ponto de vista religioso, conforme conceitua afamado sociólogo, “foi um revolucionário acima de seu tempo”. Com efeito, “ultrapassa o judaísmo”, de tal sorte que “atravessa as fronteiras nacionais e reduz a pó o edifício religioso tradicional que o seu povo havia erigido à custa de tantos sacrifícios e de tantas angústias” (Max Beer — *História do Socialismo* — Laemmert — 1968, pág 118).

Angústias e sacrifícios — diga-se de passagem — em perseguição duma quimera: a de ser o “povo de Deus” — fato que Jesus desmentiu, quando, por sua doutrina universalista, deu à humanidade os mesmos deveres e direitos, perante o Criador. E não fora a lamentável brevidade de seu ministério, que lhe não deu tempo de conquistar discípulos à altura da revolução que pretendia empreender no campo da religião, com a ampla revelação de que fora portador, Jesus teria deixado claramente delimitada do mosaísmo a doutrina que desejou legar ao mundo.

Mas, infelizmente, a morte precoce do iluminado profeta galileu deixou o cristianismo, dada a incapacidade dos discípulos, emaranhado no mosaísmo. E, por culpa do catolicismo, que permaneceu maniatado ao judaísmo, o cristianismo que vingou acabou plasmando falsa imagem da personalidade de Jesus e do contexto de sua sublime doutrina.

Sem embargo, como ideal acalentado com amor não se extingue e como a vida não termina no esterquilínio do túmulo, com a sobrevivência de Jesus, sobreviveu o ideal pelo qual ele fora cruel e injustamente crucificado!

E hoje, decorridos vinte séculos, o glorioso missionário retorna à Terra, pela palavra de seus Emissários — Espíritos instrutores da humanidade — no recinto dos verdadeiros centros espíritas, e, com mais ampla Revelação, está presente no tabernáculo do Neo-espiritismo.

De modo que, no momento crucial para a salvação da humanidade, ameaçada de destruição pela guerra atômica, Jesus, por intermédio de seus Mensageiros, está lutando, heroicamente, para a reparação do erro histórico representado por sua divinização, agravado com a frustração de sua missão, a fim de que, finalmente, possa ser compreendido, amado e seguido incondicionalmente na luz irradiada pela doutrina neo-espírita sobre a consciência de todos os Espíritos que habitam a Terra, estejam eles encarnados ou desencarnados!

ONDE ESTÁ O CRISTIANISMO V?

Sem a prática da mediunidade, não há verdadeiro cristianismo. Com efeito, o que mais resplandece na marcante personalidade de Jesus, é a prodigiosa mediunidade. Em sua maravilhosa peregrinação, a cada momento, o ministério doutrinário está ilustrado com a intervenção do mundo espiritual na realização de curas assombrosas.

O mal do catolicismo e do protestantismo foi haverem construído por interesses inconfessáveis, um “muro da vergonha” entre o mundo espiritual e o mundo terreno, permanecendo o padre e o pastor como fiadores da justiça de Deus.

Sem embargo, a divina justiça, por ser perfeita, dispensa advogados. Deus julga por sua onisciência, sem atentar na arenga dos rábulas terrícolas. E não julga pela religião de cada criatura, mas pelo aproveitamento moral de cada pessoa na seita que escolheu. O que se computa é o mérito e o demérito; não a crença.

Toda religião é caminho para Deus, quando motiva a correção moral. Acreditando ou não na manifestação dos Espíritos, o homem pode evoluir espiritualmente.

Todavia, uma coisa é caminhar convictamente, com a certeza da sobrevivência, amparado pelos amigos do mundo espiritual, outra é palmilhar, gravígrado, o roteiro das provações, escorado, apenas, no testemunho do padre confessor ou do pastor evangélico.

A Igreja, para dar a ilusão de que o mundo espiritual a assiste, substituiu os Espíritos protetores por hipotético “Espírito Santo”. Todavia, se se quiser interpretar o “Espírito Santo” como sinônimo de “Espírito bom”, não poderá haver objeção. Na tradução latina da *Vulgata*, o que figura é *Espiritum bonum*, palavra por palavra — Espírito bom. Mas se se admitir a concepção dos teólogos, o problema complica-se. E complica-se desde que o “Espírito Santo” toma forma de pomba, ave muito inferior ao homem, criatura que, na hipótese, deveria ter sido preferida na opção morfológica do “Espírito Santo”.

Tudo indica, na verdade, que, ou o texto bíblico, como muitos outros, é mentiroso ou o vidente, isto é, João Batista, não teve vidência perfeita do Espírito, que, no momento do contestável batismo, teria irradiado Jesus.

De toda forma, um Espírito superior jamais tomaria a forma de pomba. Forma de animais tomam Espíritos atrasados. De fato, Espíritos perversos, inveterados na maldade, podem adquirir a aparência de animais ou monstros, visíveis pelos médiuns, com a finalidade de assombrá-los e desequilibrá-los. No caso referido na *Bíblia*, o “Espírito Santo”, isto é, a pomba que baixou na hora do batismo, tentou obsedar Jesus — o que prova, a ser verdadeiro o testemunho dos evangelistas, que não era um Espírito bom.

Para mostrar minha imparcialidade, cito os textos. Primeiro, Mateus: “Batizado, Jesus saiu logo da água e eis que se lhes abriram os céus e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: ‘Este é o meu filho amado’...” Logo após, vem essa chocan-

te assertiva: “A seguir, foi Jesus levado, pelo Espírito, ao deserto, para ser tentado pelo diabo!” (Mt. III, 16-17; IV, 1). Ora, como seria loucura imaginar que a pomba fosse o Espírito de Deus, de vez que Deus transcende aos sentidos humanos e a mais perfeita mediunidade, força é admitir-se que, com a expressão “Espírito de Deus”, o evangelista quis dizer um Espírito bom enviado por Deus.

Mas, nessa hipótese, não se justificaria que tomasse a forma de pomba, e, muito menos, que tentasse perturbar Jesus, pois quem perturba ou induz à perturbação é “Espírito mau”, Espírito que a Igreja prefere denominar **demônio**.

Aliás, demônio, traduzido do grego, nada mais é do que “espírito”. Por isso, nos primitivos documentos do cristianismo, falava-se em “demônio bom” e “demônio mau”, ao invés de “espírito bom” e “espírito mau”. Pelo mesmo motivo, Platão denominou o Criador “Demônio Onipotente.”

Mas deixo o demônio em paz, para voltar à pomba. Outro evangelista, Marcos, ao descrever a cena do batismo, não fala em “Espírito de Deus” — limita-se a falar em “Espírito descendo como pomba” sobre Jesus; Espírito que logo o “impeliu para o deserto, onde permaneceu sendo tentado por Satanás” (Mc. I, 10-13).

Lucas ainda é mais paradoxal. Depois de referir-se à pomba como “Espírito Santo”, afirma que Jesus, “cheio do Espírito Santo” foi guiado, por ele, para o deserto, a fim de ser tentado pelo diabo! (Lc. III, 22; IV, 1-2).

Parece incrível que se possa afirmar que um “Espírito santo”, isto é, um “Espírito bom” haja induzido alguém a ser tentado por Satanás! Mais incrível, ainda, quando o “tentado” fora um Mestre da força moral e da sensibilidade mediúnica de Jesus!

Não; ele jamais se deixaria embair pela mistificação. Pois não foi o mesmo Jesus que nos deu um critério para discernir o mal do bem, quando afirmou que, pelo fruto, se julga a árvore? (Mt. XVII, 15 e ss). Como, então, seria iludido por um Espírito mau, que, dizendo-se “santo” o entregaria ao diabo, como? Não; essa estória está mal contada. Quem conhece, de experiência própria, o convívio com os Espíritos, não embarca nessa canoa.

Mas o pior foi que, com substituir os Espíritos doutrinadores, irmãos mais evoluídos, que, abnegadamente, se propõem instruir a humanidade, por hipotético “Espírito Santo” faccioso, que só assiste a determinada religião, a Igreja perdeu o contato com o verdadeiro cristianismo; e, muito pior do que isso — cortou a ligação com o mundo espiritual, embora continue iludida de que é inspirada diretamente por Deus, coisa impossível para a criatura terrena.

Por isso mesmo, Papas que se julgavam infalíveis, erraram redondamente, mesmo quando falavam **ex-catedra**. Um exemplo, apenas: no mesmo momento em que as pretensões à infalibilidade papal haviam adquirido já em Roma certa consistência, Sisto V, com a sua edição da *Bíblia*, veio pô-la numa contingência melindrosa. Declarara o Sínodo de Trento que a versão de S. Jerônimo havia de ser o texto bíblico autêntico na igreja do Ocidente.

Contudo, da *Bíblia* latina não havia ainda nenhuma edição autêntica, isto é, aprovada pela Igreja. Abalçou-se a publicá-la Sisto V, e deu-a à estampa rodeada de anátemas e meios repressivos de longo tempo consagrados e estereotipados.

Declarava a bula de Sisto que só a edição “corrigida por seu próprio punho” devia ser empregada e produzir fé, como a só verdadeira e autêntica, sob pena de serem proscritos da Igreja os infratores, “ficando sujeita à excomunhão qualquer mudança de uma palavra que fosse”.

Entretanto, percebeu-se depois que ela estava inquinada de erros: cerca de duas mil inexactidões se deparam ali, “cometidas pelo próprio Papa”!

Aventou-se então publicar uma interdição da *Bíblia* sistina, mas Belarmino aconselhou abafar, pelo melhor modo possível, o perigo a que Sisto levava a Igreja. Era seu parecer que se recolhessem todos os exemplares; que se reimprimisse sob o nome do Sisto V a *Bíblia*, emendada de novo, afirmando-se, no prefácio, que “por culpa dos compositores e inadvertência é que tinham passado as incorreções”. E assim foi feito. (Ruy Barbosa — Janus — *O Papa e o Concílio*, págs. 391-2).

Como se vê, o “Espírito Santo” não assistiu àquele Papa e, mais uma vez, ficou patente que a *Bíblia* tem sido manipulada ao sabor dos interesses da Igreja!

Contudo, nos primeiros tempos, quando a Igreja ainda não havia deturpado o cristianismo para dominar na política, até membros da alta hierarquia eclesiástica consultavam os Espíritos.

O Papa Leão havia escrito a Flaviano, Bispo de Constantinopla, uma carta sobre a heresia de Eutíquio e Nestório. Na dúvida, porém, quis saber a opinião de Pedro. Mandou, pois, abrir o túmulo e lá colocou a carta, implorando, durante quatro dias de jejum e de oração, que o ex-apóstolo a corrigisse no que lhe aprouvesse. Ao fim desse prazo, o Espírito de Simão Pedro apareceu-lhe e disse-lhe: “li e corriji”. Diante disso, o Papa mandou abrir novamente o túmulo e, de fato, encontrou a carta corrigida. (Léon Denis — *Cristianismo e Espiritismo* — FEB. 5ª Ed. pág. 296).

Como se infere, se não houve mistificação, o fenômeno foi de metagrafia ou de “escrita direta” e a prova, incontestavelmente, notável.

É lamentável, pois, que a Igreja, que se diz herdeira do Cristo não houvesse prosseguido nessa trilha, seguindo as pegadas de Jesus.

Se, ao invés de voltar-se para as glórias da terra, houvesse cuidado das glórias do céu, há muito teria fundado suas “escolas de médiuns”, preparando instrumentos autênticos para a recepção da orientação direta de seus mentores, evitando, destarte, que a pretensa infalibilidade papal seja desmentida, a cada passo, pelos Sistos que a venham governar.

Além disso, com praticar o intercâmbio com os Espíritos, sobre seguir o exemplo de Jesus, poderiam dar aos adeptos provas convincentes da sobrevivência — o que é muito importante, qualquer que seja a religião.

Mas, como a Igreja preferiu à manifestação dos Espíritos a inspiração dada pela pomba da Trindade, Jesus viu-se desprezado no repúdio aos seus Mensageiros, razão por que preferiu, doravante, orientar a humanidade por intermédio de seus emissários no Espiritismo e, com maior clareza e profundidade, nos ensinamentos do Neo-espiritismo.

ONDE ESTÁ O CRISTIANISMO VI?

O cristianismo nasceu da mediunidade de Jesus. Portanto, não pode haver verdadeiro cristianismo sem a prática da mediunidade, e, por consequência, sem a manifestação dos Espíritos.

Na própria escolha dos discípulos, o critério foi a existência de mediunidade. De fato, desprovidos de mediunidade, pescadores analfabetos jamais se tornariam “pescadores de homens”. Clarividente, Jesus pôde perceber a distância, no perispírito dos escolhidos, a radiação da mediunidade. Foi assim com Pedro e André; e, logo após, com Tiago e João (Mt. IV, 18-21). Assim foi, também, com Natanael, que, a convite de Filipe, foi ao encontro de Jesus, embora duvidando de que, de Nazaré, pudesse “sair alguma coisa boa” (Jo. I, 45-46). Sem embargo, mal o convidado aproximou-se, Jesus prontamente diagnosticou-lhe a personalidade — fato que o convenceu incontinenti do valor do Mestre nazareno (Jo. I, 47-48).

Ora, médium e Mestre, força é admitir-se que Jesus, antes de confiar certas missões aos discípulos, desenvolveu-lhes as faculdades mediúnicas.

Só assim se compreende que, mais tarde, ao encarregá-los da pregação do “reino dos céus”, Jesus lhes houvesse dado autoridade para expelir Espíritos maus e para curar enfermos (Mt. X, 1-8).

Porque, na verdade, um médium, por si só, é absolutamente impotente para afastar um Espírito obsessor. Para curar um louco, é imprescindível que o médium, além de força moral, tenha o apoio de Espíritos protetores. Se os discípulos de Jesus, a despeito de não serem propriamente “iniciados”, não estivessem convictos da proteção de Espíritos socorristas e totalmente imbuídos do sentimento de caridade, não teriam nem a renúncia nem a coragem necessárias para o cumprimento de suas missões, nas condições estipuladas por seu grande Mestre.

Com efeito, naquela época, muito mais do que hoje, não era fácil viajar em terras desconhecidas, levando, apenas, a túnica do corpo, desarmado de todo meio de defesa e desprovido de qualquer reserva alimentar, conforme lhes ordenou Jesus (Mt. X, 9-14; Mc. VI, 7-9; Lc. IX, 1-13).

Tamanha coragem e tão assombrosa renúncia eram ingênicas em Jesus, que, sobre ser Espírito missionário em última encarnação, forjara sua personalidade no cadinho do ascetismo essênio. Mas, nos discípulos, só a certeza do amparo dos Espíritos lhes deu alento para enfrentarem os perigos e obstáculos das missões.

O próprio Jesus, depois de morto, na última aparição de seu Espírito, ao recomendar-lhes que pregassem o evangelho “por todo o mundo”, assegurou-lhes que permaneceriam assistidos pelo mundo espiritual. Disse-lhes mais que, controlados por Espíritos protetores, expeliriam demônios, isto é, Espíritos vingativos, empedernidos na maldade. Afirmou-lhes, também, que

falariam “novas línguas”, isto é, que receberiam Espíritos que, durante a encarnação, falaram um dos dialetos da Palestina, os quais, pela boca dos apóstolos, pregariam na língua em que outrora se expressavam, de tal modo que, por toda parte, fosse entendida a doutrina do nazareno. Poderiam, outrossim, pegar em serpentes, incólumes, de vez que a mordedura se lhes tornaria inócua, pois seriam invulneráveis aos venenos letais. Finalmente, como prova de que seriam assistidos por Espíritos curadores, curariam os enfermos mediante a “imposição das mãos”! (Mc. XVI, 14-18).

De resto, é incontestável que, não só os *Evangelhos*, como os *Atos*, estão repletos de manifestações dos Espíritos, mercê da mediunidade dos apóstolos, do cristianismo. Há, até, regras bem definidas, para facilitar as manifestações, além de critérios para discernir os bons dos maus Espíritos! “Quando vos reunis — encarece Paulo aos coríntios — quando vos reunis, um tem salmo, outra doutrina, este traz revelação, aquele outra língua e ainda outro, interpretação.” (I. Cor. XIV, 26).

Trocado em miúdos, Paulo quis dizer que, quando se reunirem em assembleia, os cristãos devem proceder conforme os dons mediúnicos e consoante a capacidade doutrinária de cada um. Os que não são médiuns, cantarão salmos, ou exporão doutrina. Quanto aos médiuns, uns trarão revelações, isto é, proferirão mensagens oriundas dos Espíritos por eles manifestados; outros, incorporando Espíritos de diferentes regiões, falarão línguas desconhecidas do médium (xenoglossia), cabendo, a quem as conhecer, traduzilas para os demais. As línguas, admite Paulo, constituem sinal para descrentes; ao passo que as profecias aproveitam aos crentes (I. Cor. XIV, 22).

Donde se infere que, por “profecias”, Paulo entendia as mensagens mediúnicas. E, porque as valorizava, recomendou: “Tratando-se de profetas (médiuns dotados de precognição) falem apenas dois ou três; e os demais, julguem.” (I. Cor. XIV, 29). Boa medida, aliás, porquanto, numerosos como são os médiuns psicofônicos, se não houver controle, a reunião prolongar-se-á indefinidamente e ficará sujeita a mistificações.

Como se vê, outrora, no cristianismo, como atualmente, no Espiritismo e no Neo-espiritismo, a metodização dos trabalhos é fator primordial para o bom êxito das sessões.

Todavia, como, em última instância, quem dirige a sessão é o mundo espiritual, pode ocorrer que, na ocasião, inesperadamente, um Espírito necessite comunicar-se, embora o médium por ele “desenvolvido” não haja sido escolhido, no momento, para a formação do grupo. Nesta hipótese, contra a expectativa geral, a mensagem poderá vir, compulsoriamente, pelo médium com o qual o Espírito conseguiu sintonizar as vibrações do perispírito.

Conhecedor do fato, Paulo teve a precaução de recomendar aos coríntios: “Se, porém, vier revelação por outrem, cale-se o primeiro.” (I. Cor. XIV, 30); e acrescenta: “Todos podereis profetizar (incorporar Espíritos) um após outro, para que todos aprendam e sejam consolados.” (I. Cor. XIV, 31).

Nesta altura, impõe-se um esclarecimento. Em primeiro lugar, há um equívoco de Paulo. Se o médium estiver em transe, a menos que ele seja “médium consciente” e esteja em leve transe, de modo nenhum poderá sustar a psicofonia, cortando, bruscamente, a mensagem verbal, que, por seu aparelho fonador, está dando o Espírito que o controla no momento.

Por isso, não tem valor dogmático a recomendação de calar-se um médium quando outro principia a falar — hipótese que, afastada toda mistificação, só ocorrerá se *motu próprio*, o Espírito manifestado, e não o médium, voluntariamente concordar em calar-se. Donde se colhe que, contrariando a tese paulina, nem sempre “os Espíritos (protetores) dos profetas (médiums) estão sujeitos aos próprios profetas” (I. Cor. XIV, 32).

Embora, nos médiuns bem assistidos, com o adjutório do Protetor responsável pela mediunidade psicofônica, o “médium consciente” possa censurar a mensagem, inconveniente ou obscena, evitando, por exemplo, que um Espírito inferior dê vazão à sórdida **psicorragia** pornofônica, a verdade é que os médiuns invigilantes, privados de proteção, não têm força para controlar a “atuação espiritual”, qualquer que seja a forma pela qual se lhes manifeste.

Com efeito, se a sujeição dos Espíritos aos médiuns fosse regra geral, certamente não estariam no hospício tantos médiuns desequilibrados, que, por suas fraquezas morais, repulsaram o amparo dos Protetores, mas não resistiram ao assédio dos maus Espíritos.

De fato, com pomposos diagnósticos, vazados em termos empolados, lá estão centenas de psicopatas, que, na verdade, são vítimas de proteiformes “Espiritopatias”, agravadas pelo desconhecimento científico do mecanismo psicossomático da “atuação espiritual”, conhecida, popularmente, como “encosto.”

Feita a ressalva, esmiucemos, agora, a recomendação do apóstolo na qual se evidencia que os primitivos cristãos, longe de condenarem a manifestação dos Espíritos, consideravam-na fonte de instrução e meio de consolação. A prova é que Paulo afirma que todos os cristãos (que sejam médiuns) podem profetizar, “para aprenderem e serem consolados” (I. Cor. XIV, 31).

Ora, “profetizar”, no contexto, não pode significar outra coisa senão transmitir verbalmente as mensagens dos Espíritos protetores, porque elas instruem sobre os problemas relacionados com o destino humano e, além disso, sempre confortam moralmente.

Se, como teimam alguns teólogos, Paulo houvesse empregado o verbo profetizar com a significação de vaticinar, dada a raridade da mediunidade de precognição e de clarividência, não haveria mister de disciplinar a seqüência dos trances, para que, sucessivamente, cada médium desse sua mensagem.

Contra a tese teológica, pode-se argumentar, ainda, que a profecia, como precognição ou como clarividência, aos céticos não convence nem emociona e, aos crentes, ao invés de conforto moral, geralmente causa perplexidade e ansiosa expectativa.

De toda forma, a precognição, mesmo quando auspiciosa, não compensa a longa angústia da espera, com o efêmero prazer da realização. É fenômeno assombroso, mas rarissimamente daria ensejo à aprendizagem ou à consolação. As mensagens doutrinárias, ao contrário, instruem e confortam. Logo, foi à ordenação das mensagens, mediante o transe isolado de cada médium, para evitar tumulto e confusão, que se referiu Paulo; e não a profecias do futuro, que, em regra, é pior do que se espera!

Todavia, para evitar a mistificação, não basta determinar a ordem cronológica em que cada médium deve entrar em transe — é indispensável a autocrítica do médium no que tange ao teor moral das mensagens que recebe — pedra de toque para aquilatar-se do valor do Espírito que a deu.

Por isso, às sensatas recomendações de Paulo, acrescentou João uma advertência valiosa. Ei-la: “Amados, não deis crédito a qualquer Espírito; antes provai os Espíritos, para certificar-vos se eles procedem de Deus.” (Ep. I. Jo. IV, 1).

Aliás, antes do evangelista, Jesus, pessoalmente, já nos havia dado o critério para o julgamento — “Acautelai-vos dos falsos profetas... pelos seus frutos os reconheceréis” (Mt. VII, 15-20).

Com efeito, se o fruto é venenoso, provenha do médium ou do Espírito que o controlou, de toda sorte é perigoso e deve de ser recusado! Se a mensagem moraliza e consola, é boa; se degrada ou apavora, é má e, portanto, inaceitável.

A finalidade das manifestações dos Espíritos evoluídos é ajudar-nos a progredir nunca a retrogradar! Estaciona ou involui a criatura que ao bom prefere o mau conselho, sintonizando seus sentimentos com os dos Espíritos atrasados, os quais, obrigatoriamente, permanecem em péssimo plano terreno, inconformados com a morte. Na ânsia de renovar sensações carnis, esses Espíritos retardatários, quando podem, vampirizam as energias vitais, não só dos médiuns recalcitrantes, infensos à prática da mediunidade, como de todas as criaturas com as quais haja sintonia de sentimentos!

Contudo, quer no primitivo cristianismo, quer no Espiritismo, quer no Neo-espiritismo, a finalidade da comunicação com os Espíritos é obter, com a certeza da sobrevivência à morte e a doutrinação recebida dos Espíritos benfeitores, consolo para os sofrimentos e estímulo para o aperfeiçoamento moral.

Antigos habitantes da Terra, com longa experiência de nossas vivências, os conselhos que esses Espíritos protetores nos trazem são inestimáveis adjutórios na luta íntima, que cada um de nós trava contra as próprias imperfeições. Sobretudo porque os ensinamentos que nos ministram são colhidos por eles na “experiência vivida” neste e no “outro mundo”, para onde caminhamos, implacavelmente, a cada batida do coração!

O que nem todos sabem, porém, é que, em seus primórdios, a Igreja Católica, conforme comprovou Léon Denis, o filósofo da codificação kardequiana, valorizava, sobretudo, a opinião dos “mortos”.

Aqui está um exemplo, extraído do *Discurso acerca do Concílio de Nicéia* (Lipoman. t. VI). Gregório de Cesaréia, confirmado mais tarde por Nicéforo (Liv. VIII, cap. XXIII), afirma que todo um Concílio evocou dois Espíritos, o do Bispo Crisantus e o do Bispo Misônus, ambos falecidos durante os trabalhos do referido Concílio.

Depois de terem lavrado o termo de encerramento do Concílio de Nicéia, os participantes compareceram, em comissão, ao túmulo dos dois Bispos e um padre, usando da palavra, dirigiu-se aos “falecidos” nestes termos: “Santíssimos pastores: terminamos juntos a nossa tarefa e combatemos os combates do Senhor (ou os da Igreja?). Se a obra vos agrada, dignai-vos no-lo fazer saber, apondo-lhe vossas assinaturas.”

Em seguida, a ata foi lacrada e depositada no túmulo dos Bispos, que, para maior garantia, ficou vedado com o selo do Concílio. Passada uma noite de vigília e de oração, os selos foram rompidos e, aberto o túmulo, retirou-se o manuscrito, no qual se encontrou uma mensagem autenticada com as rubricas e as assinaturas dos defuntos consultados. Ei-la: “Nós, Crisantus e Misônus, que havemos assentido, com todos os padres, ao primeiro e santo Concílio Ecumênico, posto que, presentemente, despojados de nossos corpos, subscrevemos, entretanto, de nosso próprio punho, a sua decisão.” (L. Denis *Cristianismo e Espiritismo* — 5ª Ed. pág. 296 e ss).

Nicéforo, patriarca de Constantinopla, afirma que a Igreja considerou a mensagem autêntica, atribuindo-lhe excepcional valor na vitória sobre os iconoclastas. (*Rev. Scientifique et Moral du Spiritisme*. Fev. 1900).

Antes de mais nada, porém, quero afirmar que tanto no primeiro, como no segundo Concílio de Nicéia, a verdade estava com os adversários e o erro com a Igreja vitoriosa.

De fato, o arianismo, negando a divindade de Jesus e os iconoclastas, combatendo a adoração às imagens, estavam, ambos, não só reivindicando a verdadeira personalidade de Jesus, como defendendo sua verdadeira doutrina, ao mesmo passo que profligavam a idolatria tributada aos “Santos”. O fato de dois Bispos “mortos” haverem apoiado o Concílio só reforça o que afirma o Espiritismo e confirma o Neo-espiritismo — que, depois da morte, o homem conserva, na situação de Espírito desencarnado, suas crenças e opiniões, até futura retificação. Sobretudo, quando se trata de convicção religiosa, arraigada, com paixão, no âmago do Espírito.

E, no caso, os Bispos não conservaram, apenas, as crenças, mas até a sensação de continuarem dotados de corpo físico! Tanto assim que, paradoxalmente, afirmaram haverem subscreto, “de próprio punho”, a mensagem dos Bispos. Mas, se houve a referida mensagem, materializaram-na os Bispos desencarnados, por força do pensamento, atuando sobre a energia vital que captaram em algum médium criptográfico lá presente.

Isto, porque admito *a priori*, que não houve mistificação. Não que a Igreja jamais haja mistificado. Ao contrário, é useira e vezeira em amoldar a verdade às suas conveniências.

Se duvidam, leiam a introdução de *O Papa e o Concílio*, de autoria de Ruy Barbosa!

Dou de barato, nada obstante, que, no momento da vigília e da oração, havia alguém que, talvez sem o saber, era médium de “escrita direta” ou, melhor, de criptografia.

Esse fenômeno, que Allan Kardec batizou de “pneumotografia” e J.R. Musso, parapsicólogo argentino, de “pragmagrama”, com dois prefixos que assinalam a complexidade do fenômeno e a ignorância do autor de *modus faciendi*, é, com efeito, assombroso e comprovante, porque elimina a hipótese de alucinação e, quando bem controlado, afasta a mistificação.

De resto, na própria *Bíblia*, a criptografia está patente na escrita misteriosa, surgida na parede do palácio real, durante o banquete de Belsazar, rei dos caldeus.

E, por incrível que pareça, o tirano era “vidente”. Tanto assim que foi o único que “viu” mão misteriosa a tracejar a criptografia — mais ninguém. Os outros, viram, todos, o que ficou “escrito”!

Como se deduz, o *modus operandi* foi supranormal, aparecendo as letras como que materializadas na parede. E a interpretação das palavras *Mene, mene, tequel, parsim*, como figura na *Bíblia* protestante, ou *mane, matékel, fares*, como está na católica — também foi realizada de modo supranormal: pelos Espíritos, através da mediunidade de Daniel (Dn. V, 1 e ss).

Todavia, onde o fenômeno adquiriu o prestígio da certeza foi no campo do Espiritismo experimental com o pioneirismo do Barão Guldenstubbé, o qual efetuou interessantes “observações controladas”, com irrecursáveis provas da sobrevivência de vários amigos falecidos. O processo foi tão simples quanto seguro. O Barão colocava numa gaveta uma folha de papel em branco e uma ponta de lápis; depois, trincafiava-a à chave, que guardava em seu próprio bolso, sem abandoná-la nem por um instante; e somente no dia seguinte abria a gaveta. Sistemáticamente encontrava a folha de papel inteiramente preenchida com escrita variável, na caligrafia e no estilo, com assinatura de diferentes amigos desencarnados. Com a identificação do autor das mensagens e com garantia da inviolabilidade da gaveta, ficou demonstrada a sobrevivência do Espírito e comprovada a comunicação dos “mortos”, que, aliás, estão mais vivos do que nós! (Barão Guldenstubbé — *La réalité des Esprits et le phénomène de leur écriture directe*, 1847).

Posteriormente, o fenômeno foi comprovado com métodos e técnicas muito mais aperfeiçoados.

Como se vê, os Espíritos sempre desejaram provar a sobrevivência, demonstrando ao homem, cego por preconceitos, que, mais do que um composto físico-químico, ele é um Espírito eterno, provisoriamente servido por maravilhoso organismo físico.

Donde se conclui que, mais importante do que a vida terrena, é a vida espiritual, porque, além de tudo, é eterna!

Entretanto, isso não equivale a negar o imenso valor da vida terrena com todas as lutas e sofrimentos que acarreta; ao contrário, é na encarnação terrena, que, com pertinácia e autocrítica, mais facilmente lapidamos as arestas de nosso Espírito, sobrecarregado de imperfeições, e conquistamos virtudes que nos conduzem à perfeição e à felicidade!

Conseqüentemente, a vida na Terra deve de ser vivida com a máxima dignidade, em função de nossa evolução espiritual, conquistada, sobretudo, pelo amor que dermos aos nossos semelhantes, companheiros da vida eterna e, como todos nós, no roteiro para planos espirituais de crescente perfeição e, portanto, de maior felicidade!

Essa é, dentre outras dádivas, a inabalável convicção que nos dão o Espiritismo e o Neo-espiritismo, nova revelação de Espíritos, em nível de Mensageiros de Jesus!

CRISTIANISMO E MEDIUNIDADE I

Iludida com a mistificação da Igreja, que fê-lo Deus para explorá-lo como herdeira, a humanidade, até hoje, ainda não percebeu que a sublime missão de Jesus, por vingança do sacerdócio da época, foi, em grande parte, frustrada. Frustrada, porque a morte extemporânea não lhe deu tempo de escrever a doutrina, nem de preparar discípulos com capacidade para transmiti-la, integralmente, à posteridade. Frustrada, também, em decorrência da propositada deturpação do papel histórico do iluminado profeta nazareno, que, de homem perfeito, foi metamorfoseado em Deus fracassado, que não melhorou o homem e, conseqüentemente, não melhorou o mundo. Fracassado, sobretudo, em resultado de gradativa e insidiosa deterioração de sua doutrina, adulterada pelos hermeneutas da Igreja, que, com o fito de dominação política, principiam por coroá-lo “Rei dos Reis” e terminaram por substituí-lo, na terra, pelo Papa, cuja tiara, por sofisticada transferência de título, deverá sobrepairar acima da soberania de todas as Nações!

Com essa abominável mistificação, o cristianismo, doutrina filiada à iniciação essênica, com imposição de renúncia aos valores sociais e econômicos deste mundo, em função de maior aperfeiçoamento moral para a conquista de elevados planos espirituais, transformou-se em esdrúxula ideologia política a serviço de uma teocracia internacional. Conseqüentemente, a essência do cristianismo pelo qual Jesus deu a vida acabou volatilizando-se completamente do catolicismo, e, como decorrência lógica, do protestantismo.

Com efeito, quer pela identidade de pontos de vista, quer pela semelhança da vida comunitária das primeiras comunidades cristãs, Jesus foi, incontestavelmente, autêntico Mestre essênio. Saduceu ou fariseu é que nunca poderia ter sido. Saduceu, porque a seita não admitia a sobrevivência; fariseu, porque, a cada passo, Jesus lhes verberava a hipocrisia. Por exclusão, restavam os essênios, muito mais espiritualizados. Além de versados nos Livros Sagrados do mosaísmo e, especialmente, nos Livros dos Profetas, esses ascetas judeus possuíam preciosos conhecimentos esotéricos, herdados dos “Mistérios de Deus”, da Índia Sagrada, do Egito e da Caldéia. Por isso mesmo sabiam valorizar a mediunidade, fonte de intercâmbio com os Espíritos desencarnados. Flávio Josefo informou, e os documentos do Mar Morto confirmaram, que os essênios recebiam em seus mosteiros crianças para educar e “iniciar”. Jesus foi uma delas. Eis por que, em favor de sua maravilhosa mediunidade, renunciou às riquezas e aos prazeres terrenos, concentrando o seu ideal no “reino de Deus”. E mais — para poupar energias vitais imprescindíveis à mediunidade curadora, abriu mão do prazer sexual, perdendo, na “iniciação”, a potência viril.

Aliás, ele foi claro, ao asseverar que “não se pode servir a Deus e às riquezas” (Mt. VI, 24). Sem embargo, na prática, quer a Igreja Católica, quer a Igreja Protestante, procedem exatamente ao contrário de Jesus — só servem por dinheiro!

Por outro lado, Jesus deixou evidente que renunciou ao sexo em proveito de sua mediunidade, “tomada” de contacto dos Espíritos desencarnados. A par dos eunucos de nascença e dos castrados, Jesus ressaltou o valor dos que “a si mesmo se fizeram eunucos (impotentes) por causa do reino dos céus” (Mt. XIX, 12).

Na verdade, não está explícito, no contexto, que Jesus se fizera “eunuco” em troca da mediunidade curadora. Contudo, se na justificação — “por causa do reino dos céus” — não estivessem implícitos os conceitos de mediunidade e de comunicação com os Espíritos desencarnados, a dedução lógica seria que, naquele reino, só entram eunucos — eunucos de nascença; eunucos porque castrados; e eunucos voluntários, por “iniciação.”

Ora, isso, no máximo, seria uma eunucolândia — nunca um reino do céu! Todavia, essa paradoxal inferência cai por terra, se, ao invés de passaporte para o céu, a impotência *coeundi*, pelo fato de tornar compulsória a abstinência sexual, poupa as energias nervosas consumidas na cópula em favor da mediunidade curadora. Ora, contribuindo, embora indiretamente, para aguçar a sensibilidade mediúnica, ou para reforçar o fluido vital que, no momento da cura, deve de ficar à disposição do “reino dos céus”, isto é, dos mensageiros do mundo espiritual, evidente se torna por que Jesus afirmou que, dentre os eunucos, há os que se fazem abstêmios por causa do reino dos céus, ou seja — por causa da mediunidade, que é porta de acesso aos planos dos Espíritos curadores e aos de todos os demais.

Como é óbvio, nessa hipótese, o sacrifício da renúncia ao sexo, é sublimado pelo prazer das curas assombrosas realizadas e gratificado pela ajuda ao próximo.

De resto, para sustentar o “eunuco” na angústia da renúncia, ele, a cada passo, percebe a presença e recebe mensagens consoladoras de Protetores espirituais.

Entretanto, contrariamente a Jesus, o padre não faz “iniciação” nem pratica a mediunidade. Logo, não vê motivação para preservação da castidade. Não admira, pois, que a maioria mantenha escondida uma “comadre” complacente e que outros constituam legalmente uma família. Nisso, eu não os culpo. A hipocrisia é da Igreja, que não atenta na fisiologia glandular de latagões sadios, sem o freio da mediunidade sublimada pela “iniciação”. Dir-se-á que Jesus impôs aos discípulos renúncia total. Renúncia à família (Lc. XIV, 26). Renúncia a todos os bens materiais (Lc. XIV, 33). E ele próprio não disse que “não tinha onde reclinar a cabeça?” (Mt. VIII, 19-20). Mas, com os discípulos de Jesus, foi diferente. Eles contaram com dois fatores decisivos para a reforma da personalidade. Em primeiro lugar, a presença mesma do Mestre, com seu impressionante magnetismo pessoal e sua mediunidade maravilhosa; em segundo lugar, receberam da boca do Mestre ensinamentos secretos, interditos ao público, oriundos, uns, da iniciação essencial, outros, dados diretamente a Jesus, por clariaudiência, em sua cela no Qumrân, pelos Mentores que o assistiriam em sua futura missão.

De fato, se Jesus, para escapar às armadilhas do Sinédrio, pregava publicamente em parábolas, em compensação “tudo explicava, em particular, aos seus discípulos” (Mc. IV, 34). Nessa duplicidade de ensino, Jesus separava, automaticamente, os “homens espirituais” dos “homens carnis”, como diria, mais tarde, o apóstolo Paulo (I Cor. III, 1).

Na verdade, somente aos da primeira categoria deveria ser confiada a honrosa missão de garantir a perpetuidade da doutrina cristã — doutrina para espíritos de escol, que aspiram à libertação do ciclo das reencarnações, meta desejada pelo próprio Jesus.

Sem embargo, pelo fato de Jesus ter sido portador de uma revelação para Espíritos amantes da perfeição e sequiosos de libertação das algemas terrenas, não significa que o Mestre tenha vindo de mãos vazias para o resto da humanidade, apegada à vida neste planeta. Ao contrário, para os que não almejam vida melhor do que a da Terra, presos que estão, ainda, ao planeta por indeclináveis compromissos inerentes à lei do carma, Jesus trouxe, e distribuiu às mancheias, inestimáveis ensinamentos, atualmente ampliados na doutrina neo-espírita, ensinamentos que, pela transformação moral provocada no homem, podem transformar o mundo, pelo amor fraterno, num verdadeiro paraíso! Para isso, bastaria seguir, à risca, o roteiro traçado por Jesus. Ei-lo, em síntese: amar a Deus e ao próximo; não fazer a outrem o que não quiser para si; proceder com os outros, como desejar que procedam consigo próprio; perdoar sempre; criticar os próprios erros, antes de condenar as faltas alheias. Em termos canônicos: tirar a trave do olho antes de tentar retirar o argueiro do olho do vizinho (Mt. VII, 5). Vale dizer: cuidar do auto-aperfeiçoamento moral para poder exemplificar aos semelhantes. Donde se colhe que a lei básica do cristianismo é a lei da fraternidade.

Espíritos eternos, filhos de um mesmo Pai, os homens, embora presentemente com destinos diferentes por força de diferentes méritos e deméritos de anteriores encarnações, estão caminhando compulsoriamente, coagidos por sábia lei de causalidade moral, no roteiro que conduz a Deus — fonte de eterna felicidade. Com os destinos entrelaçados, a felicidade de cada um depende da felicidade de todos. Portanto, com ser fraterno, o homem está a contribuir para sua própria felicidade.

De resto, ninguém está irremediavelmente condenado. O sofrimento é corretivo e, por conseguinte, proporcional à falta cometida. É dura, apenas, o tempo necessário à conquista da purificação. Não há, portanto, castigos eternos. Nem teriam finalidade. Seriam detestável vingança de Deus. E Deus não se vinga: corrige por amor e com amor, visando, com a correção, a conceder a felicidade almejada. Mas, em compensação, não perdoa: dá infinitas oportunidades ao Espírito faltoso para pagar as dívidas morais até ao último ceutil (Mt. V, 26). Caso contrário, com o perdão ao pecador, ficaria injustiçado aquele contra o qual fora cometida a falta. E, de toda sorte, o ódio provocado pelo erro de um, incrementaria o rancor no outro; ao passo

que, sem perdão, mas com reconciliação, a rixa entre ambos, ainda que isso custe várias encarnações reparadoras, acabará transformada, com o mútuo perdão, em sincera amizade. Cumpre-se, assim, a lei da fraternidade.

Como se vê, a justiça de Deus entrega a cada criatura a responsabilidade de conquistar a própria felicidade. De fato, com seus pensamentos, seus sentimentos e suas ações, o homem é o arquiteto da construção de seu destino e, portanto, de sua própria felicidade — felicidade que só se alcança integralmente com a perfeição do Espírito. Donde se infere que vale a pena ser bom e fraterno. E se tudo isso, que está explícito na doutrina neo-espírita, não ficou claro no cristianismo foi porque Jesus não teve liberdade de palavra. Pregando a um povo fanático, iludido pela mística de ser o “povo de Deus”, Jesus correria grande risco se, abertamente, condenasse os erros do mosaísmo. Vinculados a Jeová, por um pacto de sangue, os israelitas, para evitarem a “ira de Deus”, lapidavam os hereges, isto é, massacravam-nos a pedradas, como portadores de novas “revelações”. Por isso, Jesus viu-se obrigado a empregar metáforas e “sem parábolas não lhes falava” (Mc. IV, 34).

Sem embargo, quando o ouvinte era Espírito amadurecido, merecedor da “revelação”, como ocorria com os discípulos, Jesus, em particular, lhes dava ensino secreto (Mc. IV, 34). Ensino secreto que seria a essência do cristianismo.

Desgraçadamente, porém, os autores dos Evangelhos não foram discípulos de Jesus — foram discípulos de discípulos de Jesus, o que é muito diferente. De toda sorte, está historicamente provado que o primeiro Evangelho escrito foi posterior à segunda metade do primeiro século de nossa Era. Logo, escrito, de memória, no mínimo trinta anos depois da morte de Jesus! Mas, outros, como o de João, neoplatônico filiado à Escola de Alexandria, foi escrito mais de um século depois da crucificação do Mestre galileu! Além disso, a Igreja, na ânsia de conquistar o poder político, monopolizou toda a documentação do primitivo cristianismo; e, durante séculos, pôde alterá-la, impunemente, amoldando-a aos seus inconfessáveis objetivos terrenos. E nisso tudo a maior vítima foi o próprio Jesus, que, sendo homem normal e Mestre excepcional, acabou metamorfoseado, simultaneamente, em Deus e animal de holocausto, feito “cordeiro de Deus”, a serviço duma religião que transfigurou sua personalidade — o catolicismo. Não! Jesus não se preparou, com estóica “iniciação”, durante mais de vinte anos, para morrer, estupidamente, na cruz, à guisa de “cordeiro de Deus”, a fim de redimir o “pecado hereditário” da humanidade, pagando, com a vida, um erro que não cometeu! Não! Jesus preparou-se, com renúncia e sacrifício, para tornar-se autêntico Mestre, e corrigir os erros do mosaísmo, e abrir novo roteiro espiritual à humanidade! Não! Jesus não encarnou para salvar o homem com o sacrifício de sua preciosa vida — Jesus encarnou para ajudar, com sua doutrina, a evolução da humanidade. Não! Jesus, na verdade, foi barbaramente injustiçado pelo ódio sacerdotal e pela arbitrariedade coletiva duma multidão conturbada pela paixão, a qual, entre o Mestre e o bandido, optou a

favor do salteador, com omissão do juiz que deveria julgá-lo — Pilatos! Jesus não foi, portanto, julgado. Desprezado, como se fora o pior dos celerados, Jesus só não foi linchado, porque foi crucificado — morte degradante, reservada para os escravos responsáveis por crimes hediondos!

Com efeito, o Sinédrio, petrificado diante de sua indubitável inocência, não o julgou — mandou-o, com malévola insinuação, a Herodes Antipas. Herodes, aparvalhado com a dramática situação, não o julgou — mandou-o, por cortesia política a Pilatos. Pilatos, com a consciência a reclamar a soltura do inocente e com o coração tocado pela súplica da esposa, quis salvá-lo; mas, acovardado com as ameaças anônimas desferidas do seio da massa revoltada, e vendo, já, diante de si, o espectro de Tibério, instigado pelas intrigas da embaixada que ameaçou ir a Roma, temeu sua própria condenação. Por isso, “lavou as mãos” e lavrou sua própria sentença, perante a História. Com sua inominável pusilanimidade, Pilatos abandonou um réu inocente nas garras do populacho enfurecido pelas calúnias do Sinédrio!

Foi assim que se perpetrou o maior crime da humanidade — crime que, até hoje, clama reparação, porque, embora Mestre incompreendido, Jesus foi o melhor dos homens!

Entretanto, por incrível que pareça, a merecida execração dos algozes foi dirimida com a absurda invenção de que Jesus é Deus suicida, que, voluntariamente, morreu pela salvação de todos! E, com isso, ficou eternamente estipulado que é o bom que deve morrer pelo mau, que é o inocente que deve pagar pelo pecador!

Todavia, outras eram as razões do Sinédrio, cidadela da teocracia judaica. Para aquele tribunal, o “crime” do profeta nazareno — e não belemita como insistem os corifeus do messianismo israelita — estava caracterizado na doutrina heterodoxa que pregava e, principalmente, na condenação dos holocaustos (Mt. IX, 10-13). Aqui, abro um parêntese para rápida advertência. Confirmando Isaías, Jesus criticou a inépcia dos que, com sacrifícios cruentos, tentam comprar a justiça de Deus, limpando-se, magicamente, do pecado em que incidiram. Como poderia, então, o próprio Jesus cometer a mesma idiotice, agravada, no seu caso, porquanto, na espécie, a morte voluntária equivaleria a indisfarçável suicídio, como? Fecho o parêntese; e volto à turra do Sinédrio. De fato, os ensinamentos de Jesus, quer pelo caráter universalista, contrário ao estreito sectarismo mosaíta, quer, sobretudo, pela ameaça ao sórdido comércio do templo, constituíam inelutável perigo para os “exploradores de Deus”, que viviam à tripa forra com a fartura da dízima! Além disso, arrancavam de Israel a máscara de ser o único “povo de Deus”, privilégio que não poderia ser graciosamente outorgado, por Deus, a nenhuma nação, sem que, com a injustiça, o Criador ficasse eternamente degradado!

De resto, sendo o Criador o supremo injusto, autor do cúmulo da injustiça, quem teria obrigação de ser justo? Não. Jesus nunca poderia sancio-

nar a presunção do “povo eleito”, de vez que sabia que o povo de Deus é a humanidade toda inteira. Disso deu exemplo quando, contra a vontade de discípulos ainda presos à tradição abraâmica, atendeu, apesar de estar refugiado em terra estranha para escapar à vingança dos beleguins do Sinédrio, a mulher grega, de origem sírio-fenícia, que, desesperada com a loucura da filha, suplicou-lhe ajuda e cura para a enferma (Mc. VII, 26).

E, com efeito, enquanto perdurar, no mundo, o exclusivismo religioso, com seitas que se julgam privilegiadas, inclusive as que se dizem cristãs a despeito de nada praticarem do que Jesus exemplificou, enquanto perdurar o exclusivismo religioso — repito — não haverá verdadeira fraternidade entre as criaturas.

Jesus tinha, pois, carradas de razão quando reformulou a doutrina de Moisés, que, sobre ser facciosa e nacionalista, deu péssima conceituação de Deus, equiparando-o a Espíritos atrasados e, até, a Espíritos-vampiros, ultra-atrasados, que farejam sangue e exigem sacrifícios cruentos! Numa palavra — O Deus de Israel, pelo *Velho Testamento*, nivela-se aos mais degradados Espíritos de quimbanda!

Todavia, o Sinédrio, ao aprisionar Jesus em seus tentáculos, não atendeu no fato de que um profeta que os judeus sempre reverenciaram e que, agora, volta à baila, com a documentação do Mar Morto — Isaías — já havia, como Jesus, verberado a barganha do perdão pelo sangue dos animais. Cá está a apóstrofe do “Senhor dos Exércitos”, título guerreiro de Jeová: — “De que me serve a mim a multidão dos vossos sacrifícios? Já estou farto de holocaustos de carneiro e da gordura de animais cevados; e não me agrado do sangue de novilhos, ou de cordeiros, ou de bodes.” (Is. I, 11). Ainda mais. O Protetor de Isaías, com pseudônimo de “Senhor dos Exércitos”, não se limitou a profligar os holocaustos: impôs normas éticas, confirmadas, mais tarde, por Jesus. As diretrizes, em linhas gerais, são as mesmas do cristianismo: “Tirai de diante de meus olhos a maldade de vossas ações; cessai de fazer o mal; aprendei a fazer o bem; procurai o que é justo; fazei com que o opressor seja reto; fazei justiça ao órfão; defendei a causa da viúva.” (Is. I, 16-17). Em síntese — sede bons e justos e protegei os fracos. Numa palavra — sede fraternos. Eis a mensagem de um Espírito protetor, dada pelo médium Isaías, setecentos anos antes do nascimento de Jesus.

Contudo, os sacerdotes judeus, o Sinédrio em particular, não lhe prestaram atenção. Absorvidos pela ambição política, não estavam dispostos a renunciar ao lucro do matadouro que consideravam tabernáculo! E só não deram fim ao profeta porque a situação política lhes era adversa. Mesmo assim, Manassés, o rei apóstata, incomodado por ele, mandou-o serrar ao meio, já octogenário e, portanto, inofensivo!

Lamentavelmente, com Jesus, embora por meio de insídias e calúnias, os sacerdotes conseguiram o sinistro objetivo. Para preservarem interesses escusos, mal Jesus iniciou seu ministério público, instigaram contra ele os

fanáticos e com intrigas envenenaram as autoridades romanas, até, finalmente, levá-lo à morte oprobriosa! Com esse crime contra a humanidade, ficou, desgraçadamente, mutilada a inestimável revelação divina que Jesus deveria dar aos habitantes de nosso planeta e que, somente agora, decorridos vinte séculos, o Mestre injustiçado está ofertando novamente à humanidade, por intermédio de seus Emissários no cristianismo evoluído da filosofia neo-espirita!

Contudo, é profundamente deplorável que, escoados tantos séculos de falso cristianismo, marcado com ódio de irmão contra irmão, a geração atual esteja aturdida entre a apoteose à Ciência e à Tecnologia, de um lado, e o pavoroso poder destruidor de terríveis armas nucleares, de outro. Nessas condições, muitos e muitíssimos se sentem frustrados e, de todo em todo, desesperados num mundo sem perspectivas, que, dum momento para outro, pode extinguir-se na fornalha apocalíptica da explosão atômica!

Sem embargo, nem tudo está perdido. Resta ainda uma esperança: o Neo-espiritismo. Com ele, haverá compreensão e fraternidade entre os homens, convencidos, por fatos de observação e não somente por palavras, da realidade do Mundo dos Espíritos e da responsabilidade moral acarretada não só pelos atos praticados, mas também pelos pensamentos e pelos sentimentos alimentados na tecitura do destino pessoal de cada criatura, onde o que mais prevalece, perante Deus, é o bem que se faz ao próximo. Arraiçada, no mundo, tão salutar convicção, proscrias serão as guerras, porque os homens terão aprendido a se amarem como irmãos. O caminho da salvação de nossa civilização, queiram ou não, está desbravado pelos Mensageiros de Jesus, no Espiritismo e no Neo-espiritismo. Doutrinas filosófico-religiosas que são a atualização do verdadeiro cristianismo. E, como no tempo de Jesus, em ambas doutrinas, os Espíritos missionários continuam a orientar e a confortar a humanidade. E todos se consideram Emissários de Jesus. De modo que, em que pese aos que exploram Jesus em causa própria, o glorioso nazareno, através do Espiritismo e, principalmente, do Neo-espiritismo, restabeleceu o seu contato com a humanidade. E nada mais lógico, porque é a ratificação de seu passado e a continuação de sua missão, interrompida pela maldade dos sacerdotes mosaístas.

Com efeito, ao sair da congregação dos essênios, mal apareceu em público, Jesus cuidou de arrebanhar médiuns, para garantir o futuro de sua doutrina. Dotado de percepção extra-sensorial, era-lhe fácil a identificação dos médiuns. E, com a aura luminosa e curativa que o envolvia, ninguém lhe resistia ao atraente magnetismo. Foi assim quando, ao caminhar à margem do mar da Galiléia, deparou-se com dois pescadores — Pedro e André. “Vinde — disse-lhe Jesus — vinde, eu vos farei pescadores de homens.” (Mt. IV, 18-19). Sem tergiversações, ambos “deixaram imediatamente as redes e seguiram-no” (Mt. IV, 20). Pouco adiante, Jesus encontrou outros dois pescado-

res, João e Tiago, entretidos, com o pai, no conserto das redes. Sem preâmbulos, Jesus chamou-os. E eles, “no mesmo instante, deixando o barco e o pai, seguiram-no.” (Mt. IV, 21-22). O mesmo ocorreu com os demais convidados, que se tornaram discípulos, fascinados pela aura do Mestre galileu. E não fora essa providencial arregimentação de médiuns, com a morte trágica e precoce de Jesus, o cristianismo teria desaparecido sem deixar rastro. Foi graças à mediunidade de seus discípulos que Jesus pôde provar-lhes sua sobrevivência, e, por conseqüência, a sobrevivência de todos os homens. Durante quarenta dias — dizem os textos evangélicos — Jesus, numa luta titânica, que os espíritas e os neo-espíritas podem avaliar, conseguiu tornar-se visível a vários discípulos. Maria Madalena, antiga obsedada curada por Jesus, vira-o tão perfeito como se encarnado estivesse. Vira-o e ouviu-lhe a voz. Daí o terno diálogo, no qual, com apenas duas palavras, dois Espíritos, um encarnado, outro recém-desencarnado, traduziram a profunda amizade que os uniu: — “Maria! — Rabôni!” (Jo. XX, 16).

Todavia, como nem todos eram videntes e como, apesar de tudo, alguns continuavam a duvidar da sobrevivência do Mestre crucificado, Jesus se vira na contingência de ter de materializar-se. E mais — materializado, Jesus fê-los receber cada qual o seu Espírito protetor! (Jo. XX, 19-22). De modo que, com provas tão irrecusáveis, Jesus logrou sustar a iminente dispersão dos discípulos, apavorados com provável perseguição do Sinédrio. Ainda mais — pôde concitá-los à luta pela difusão da doutrina: “Ide e pregai o evangelho a todos; os que crerem em mim, expelirão demônios e falarão línguas desconhecidas; e, se impuserem as mãos sobre os enfermos, curá-los-ão.” (Mc. XVI, 17-18).

De tudo que foi dito, força é concluir-se que o primitivo cristianismo, o verdadeiro cristianismo, desde o início esteve indissolúvelmente ligado à mediunidade — à mediunidade de Jesus e à mediunidade dos apóstolos de sua doutrina. Por isso mesmo, no dia em que a Igreja sufocou a mediunidade para que, acima da autoridade dos Espíritos, pudesse prevalecer a opinião do padre confessor ou o arbítrio do Papa, o cristianismo abandonou o catolicismo para vir abrigar-se à sombra benfazeja do Espiritismo e do Neo-espiritismo, nos quais refulgem, mais aperfeiçoadas e adaptadas ao mundo atual, as revelações trazidas pela doutrina kardequiana e pelo Neo-espiritismo.

CRISTIANISMO E MEDIUNIDADE II

Não foi a doutrina que popularizou e imortalizou, o iluminado profeta de Nazaré. Jesus só passou à posteridade por força do esplendor de sua prodigiosa mediunidade curadora. A doutrina, posto que sublime e, quiçá, por isso mesmo, transcendia à capacidade espiritual da imensa maioria de seus humildes ouvintes. Os “milagres”, ao contrário, não exigiam compreensão — deslumbravam os sentidos e conquistavam o coração. Por isso, em torno de Jesus, gravitava agitada multidão de enfermos, fascinados com os portentos da mediunidade do nazareno, aguardando, ansiosos, o milagre da cura. E, apesar de o calor da gratidão ter sido, como sói acontecer, fogo fátuo em muitos corações volúveis, ainda assim, a murmuração das curas assombrosas e dos “milagres” do profeta galileu ecoou por toda parte; e acabou vencendo a barreira do tempo para consagrar o prodigioso taumaturgo em quase todo o orbe.

Jesus, dirigido, talvez inconscientemente, por seu Mentor, acertara em cheio, quando menino ainda, fora fazer “iniciação” com os ascetas essênios e, com eles, desenvolver suas faculdades mediúnicas, tornando-se, assim, autêntico médium curador, antes de iniciar seu ministério de doutrinador e reformador do mosaísmo. De fato, a vinculação da doutrinação à cura do doutrinado conquistava o prosélito pelo coração — caminho mais curto do que a conversão pela razão.

Aliás, não foi por outro motivo que, ao aliciar discípulos, Jesus os escolheu entre médiuns. Numa doutrina de renúncia e de sacrifício, como o verdadeiro cristianismo, só no trato direto com o mundo espiritual podem auferir-se energias para o aperfeiçoamento moral de si mesmo. Daí a razão por que, mesmo após sua desencarnação, o Espírito de Jesus continuou a concitar os apóstolos à prática da mediunidade.

Aliás, seria a única maneira de garantir a propagação da doutrina, de vez que, pessoalmente, os discípulos, na maioria pescadores ignorantes, não teriam competência para o cumprimento de tão espinhosa missão. Ninguém melhor do que Jesus, que, apesar de Mestre, fora massacrado pela iracunda inveja do poderoso Sinédrio, sabia disso. E, por isso mesmo, fora taxativo, quando lhes afirmou: “Recebereis poder ao descer sobre vós um Espírito bom e sereis minhas testemunhas...” No texto, em lugar de “Espírito bom”, como figura na *Vulgata*, está escrito “Espírito Santo”, criação de posterior Concílio e, portanto, espúria interpolação, para enquadrar Jesus na Teologia católica.

Feita a ressalva, prossigamos. Foi bom que Jesus, depois de “morto”, houvesse assegurado aos discípulos que contariam com a proteção dos Espíritos na difusão da doutrina que lhes havia ensinado.

Na verdade, perplexos com a inesperada morte do Mestre, a princípio, todos eles, ficaram apavorados e desorientados. Presos, por tradição, a ingênuo messianismo, os apóstolos propendiam à inércia, na ilusão da escatologia quiliástica, que previa, para breve, o fim do mundo e, em seguida, a implantação do “reino de justiça”, privativo do “povo de Deus” e, por conseguinte, apanágio dos judeus ortodoxos.

O próprio Jesus, influenciado pelas idéias da época, havia contribuído para esse estado de ânimo em seus prosélitos. Pois, duma feita, em sua pregação, o Mestre não afirmara que, dentre seus ouvintes, muitos havia que não morreriam sem, primeiro, verem o “reino de Deus”? (Mt. IX, 1). Natural, portanto, que, numa de suas “aparições” póstumas, os apóstolos, torturados pela dúvida, o houvessem interpelado, perguntando-lhe quando, finalmente, viria ele para estabelecer, na Terra, o reino de Israel? (At. I,6).

Contudo, Jesus, mais esclarecido no Além, e evitando decepcioná-los, limitou-se a obtemperar-lhes que o segredo era de Deus (At. I, 7). Mais uma prova, portanto, de que Jesus, quer durante a vida, quer depois de morto, nunca se considerou Deus, hipótese que, também, jamais passou pela cabeça dos discípulos, de vez que sempre o tiveram em conta de ser poderoso **Rabi** ou **Rabôni**, isto é, um Mestre.

Desencantados, pois, do retorno imediato de Jesus e por ele próprio estimulados à difusão da doutrina, com auxílio dos Espíritos, através de suas faculdades mediúnicas, os apóstolos passaram a lutar, com inaudita coragem e edificante devoção, pela vitória do cristianismo

Aliás, João Batista já fora advertido, pelo mundo espiritual, de que Jesus, ao contrário dele, batizaria com Espíritos, isto é, que, em virtude de sua força magnética, com a “imposição das mãos”, favoreceria o desenvolvimento dos médiuns, de tal sorte que, prontamente, receberiam Espíritos protetores (Mt. III, 11).

Na verdade, há certa analogia entre o batismo ao modo de João Batista e o batismo à maneira de Jesus, porque se, para o primeiro, o “batismo de arrependimento” marcava o início da renovação espiritual, para o segundo, a incorporação do Protetor assinalava o começo de nova vida para o médium, de vez que ele renascia para o mundo espiritual, a serviço do qual deveria permanecer o resto da encarnação.

Jesus, como Mestre e, sobretudo, como “iniciado”, conhecia o inestimável valor da mediunidade — fonte de consolação e de curas e instrumento de orientação nas lides terrenas, além de sustentáculo na porfia em prol do aperfeiçoamento moral. Por isso, mesmo depois de morto e, talvez, mais por isso mesmo, Jesus continuou a interessar-se pela mediunidade dos discípulos. Tanto assim que, pouco após sua crucificação, em “aparicação” de seu Espírito, Jesus lhes asseverou que breve receberiam Espíritos (At. I, 5). Isso, para os apóstolos, era importantíssimo.

Enquanto contaram com a presença de Jesus receberam, por intermédio do Mestre, todas as orientações do Além. Mesmo sem incorporar Espíritos, protegidos, apenas, pela radiação de seus Mentores e impulsionados pela

confiança nas instruções que lhes dava Jesus, os discípulos realizaram várias proezas, ora curando enfermidades somáticas, ora recuperando psicopatas, vítimas de Espiritopatias obsessivas. Mas, sozinhos, sem o apoio visível de Jesus e sem o recurso da mediunidade ostensiva, os apóstolos pouco poderiam fazer.

Acostumados à prévia orientação de Jesus, nem, sequer, se arriscariam a tentar afastar dos obsedados os Espíritos vingativos responsáveis pelas renitentes Espiritopatias que os atormentava e cuja cura depende, sempre, da força moral do médium desejoso de praticar a caridade e da cooperação de vários Protetores, em diferentes níveis espirituais. Portanto, foi ótimo para o cristianismo incipiente que, confirmando o presságio de Jesus pouco depois de ter sido crucificado, os apóstolos, decorridos alguns dias, houvessem ficado “cheios do Espírito Santo” e falassem, consoante o Espírito que se lhes manifestava por psicofonia, diferentes dialetos da Palestina.

Ora, como foi regra que cada apóstolo pregasse numa linguagem que desconhecia, mais evidente se tornou a comunicação de Espíritos que, quando encarnados, habitaram diferentes regiões da Palestina e, desencarnados, voltaram a falar pelo aparelho da fonação dos apóstolos o dialeto em que se expressaram durante a vida terrena.

Com essa primeira sintonização perispiritual, ficou aberta para os apóstolos a porta gloriosa da mediunidade sublimada pelo ideal.

Como ocorre em muitas passagens da *Bíblia*, o qualificativo “Santo” apostado ao substantivo “Espírito”, tal qual figura atualmente no texto, foi premeditada interpolação, com o fito de enquadrar os Espíritos protetores dos apóstolos na columbina terceira pessoa da imaginária Trindade, copiada da velha Índia.

Contudo, a astúcia pode ser desmascarada com o próprio contexto bíblico. De fato, sendo vários os apóstolos, se cada um falou “segundo lhe concedeu o Espírito”, de duas uma — ou havia, no local, vários Espíritos, exatamente os que, incorporados, falaram línguas desconhecidas pelos médiuns-apóstolos; ou o Espírito Santo, à maneira dos protozoários, dividiu-se, por fissiparidade, numa dezena de “Espíritos Santos-Filhos”, de tal sorte que, para cada apóstolo, pudesse tocar uma partícula do “Espírito Santo-Mãe!”

Afastada a primeira hipótese, que, sobre ser racional, é natural, porque faz parte da fenomenologia mediúcnica, observada em todos os tempos, até no seio de tribos primitivas, e comprovada, experimentalmente, no Espiritismo, afastada a primeira hipótese, surge gravíssimo problema com a aceitação da segunda, porquanto, com as divisões e subdivisões do Espírito Santo, a Divina Trindade deixa de ser trina para ser múltipla! O Criador passa a ser constituído pelo Pai, pelo Filho e, no mínimo, por centenas de Espíritos Santos!

Ora, um Deus trino já é, de si mesmo, tremendo paradoxo. Que monstro não seria, pois, o Deus teratológico implicado na fenomenologia de Pentecostes?

Felizmente, essa estória de Espírito Santo é ficção do primeiro Concílio de Constantinopla, inventada, portanto, mais de trezentos e cinquenta anos depois da morte de Jesus. Por conseguinte, Jesus, ao aparecer aos apóstolos, não lhes poderia ter dito que ficariam “cheios do Espírito Santo” e sim que receberiam santos Espíritos, isto é, bons Espíritos, que os amparariam na espinhosa missão de proselitismo em favor do cristianismo incipiente.

Com efeito, nos primitivos textos gregos, traduzidos do hebraico e do aramaico, o que figura é “demônio bom” e “demônio mau”, denominações que, na versão latina da *Vulgata*, foram substituídas respectivamente por “Espírito bom” e “Espírito mau”. Mas como demônio em grego é espírito em latim, de toda maneira, o que se manifestou nos apóstolos não foi o imaginário Espírito Santo do catolicismo — e sim o Espírito protetor de cada apóstolo.

E foi sob o influxo magnético de Espíritos protetores que, com a “imposição das mãos”, os apóstolos favoreciam a manifestação do Espírito-Guia do neófito, preparando-o para ser cristão.

Prova dessa assertiva foi a opinião de Pedro no sentido de considerar-se cristão o gentio que, sem prévia catequese, recebesse Espírito (At. X, 44-47). Donde se infere que, para os apóstolos, era mais importante a prova de mediunidade do que a exibição de conhecimentos doutrinários.

E, de fato, com mediunidade, embora sem conhecimentos da doutrina de Jesus, o neófito poderia pregar como quem a conhecia, de vez que, por sua boca, falaria um Espírito cristão, partidário da doutrina do iluminado galileu. E foi exatamente por isso que, ao comunicar-se com os apóstolos, para adverti-los de que, brevemente, receberiam Espíritos, Jesus acrescentou que, destarte, eles seriam suas testemunhas (At. I, 8).

Como se infere, o trabalho dos Espíritos na radicação do cristianismo foi fundamental, e decisivo, como foi imprescindível, e providencial, a mediunidade dos apóstolos.

E, embora Jesus não haja batizado ninguém (Jo. IV, 2), se se quiser encarar o batismo como marco de nova vida, ou princípio de iniciação, então o batismo, à moda de Jesus, consiste em favorecer ao neófito o desenvolvimento mediúnico, até a incorporação do Espírito protetor. Eis a prova! Partindo para Jerusalém, Pedro e João foram pregar em Samaria. Em lá chegando, oraram com os recém-convertidos a fim de que recebessem Espíritos.

Mas, como o transe estava difícil, Pedro e João, ambos já “desenvolvidos”, lhes “impunham as mãos” e, com isso, eles recebiam o Protetor (At. VIII, 14-17).

Admirado com a facilidade com que os apóstolos condicionavam o transe dos neófitos, Simão, mágico em Samaria, quis comprar o segredo aos apóstolos. Mas, como seria de esperar, fora energicamente repellido, com advertência de que não se comprem os “dons de Deus”, isto é, a mediunidade e a proteção que lhe é inerente (At. VIII, 18-20).

Como se vê, nisso tudo, não há nenhum “Espírito Santo”, posto que haja, e muitos, Espíritos protetores.

Contudo, na *Bíblia* dos protestantes, que tenho em mãos, o solerte tradutor, por conta própria, acrescentou, entre parênteses, ao vocábulo Espírito o espúrio qualificativo “Santo”. De sorte que, nas próximas edições, por simples elisão do sinal, o Protetor, Espírito desencarnado de um homem bom, será metamorfoseado em pomba da Trindade!

Seja como for, porém, um fato é inegável: a *Bíblia* está repleta de fenômenos mediúnicos, idênticos aos do Espiritismo e aos do Neo-espiritismo. Aliás, os profetas do *Velho Testamento* nada mais foram do que médiuns. Mas, para não me afastar muito de Jesus, prefiro ater-me aos chamados tempos apostólicos. Analisemos, pois, em primeiro lugar, a fenomenologia do dia de Pentecostes.

Como é sabido, na época da Páscoa, a maior festa do mosaísmo, Jerusalém, cidade cosmopolita, ficava regurgitando de forasteiros, a se expressarem em diferentes dialetos.

Ora, numa época, como a dos primórdios do cristianismo, em que escasseavam os meios de comunicação do pensamento, desprovida que estava de imprensa falada e escrita, a oportunidade era excepcional para maior divulgação da doutrina de Jesus, pois, numa única prédica, repetida em vários dialetos, a mensagem poderia ser transmitida a peregrinos de várias origens.

Todavia, aos precursores do cristianismo se lhes deparava irremovível obstáculo. A cidade era nova Babel. A mensagem cristã, para tornar-se eficiente, deveria ser poliglota. E os apóstolos, rústicos pescadores ou homens brancos, não possuíam recursos para dominar a algaravia de dialetos incompreensíveis.

Foi aí que, mais uma vez, se movimentou o mundo espiritual. Foram mobilizados Espíritos, que, quando encarnados, haviam pertencido às nações ali reunidas e que, portanto, sabiam expressar-se nos dialetos de antanho, única maneira de serem compreendidos pelos compatriotas. Isso poderá ser estranho aos que imaginam que um Espírito, pelo simples fato de ser Espírito, fala em todas as línguas. Pura ilusão. A menos que lhe seja dada a memória de anteriores encarnações, quando pertenceu a outras pátrias e falou diferentes línguas, o Espírito, ao desencarnar, só sabe pensar na língua que falou na Terra.

Apropriando, pois, os meios aos fins, os Protetores dos apóstolos convocaram Espíritos que se pudessem fazer entendidos pelos estrangeiros ou, mesmo, pelos semitas das diversas regiões da Palestina. Por isso, inesperadamente, os apóstolos, em conjunto, viraram políglotas, a fim de se comunicarem com os “homens piedosos de todas as nações debaixo do céu”, como diz a *Bíblia*, no seu peculiar exagero megalomaniaco.

Na verdade, foi um caso típico de xenoglossia, fenômeno comprovado pelo Espiritismo desde o século passado. E muito característicos foram, ou-

trossim, os demais fenômenos observados na ocasião. Reunidos os discípulos, diz a *Bíblia*, “de repente, veio do céu um som, como de vento impetuoso e encheu toda a casa onde estavam sentados, em oração. Em seguida, distribuídas sobre a cabeça de todos, surgiram línguas ‘como de fogo’; e, pousando uma sobre cada um deles, todos principiaram a falar línguas por eles desconhecidas.” (At. II, 1-13). Nessas condições, os apóstolos, incorporados, se tornaram aptos à catequese dos forasteiros presentes em Jerusalém.

Mas, tudo isso — ruídos, vento impetuoso, línguas luminosas e xenoglossia — tudo isso ocorre, sem milagre, quando, entre os presentes, existe algum médium de efeitos físicos.

E isso existia. Pedro foi um deles. Médium de materialização e, até, de desmaterialização, o que é mais raro. Que era médium de materialização prova a materialização de Jesus — materialização tão perfeita que, incontinenti, convenceu a Tomé. E que era, outrossim, médium de desmaterialização provam-no, de sobejo, suas misteriosas fugas das prisões. Preso, a primeira vez, por ordem do Sumo Sacerdote, desmaterializou-se-lhe o corpo somático, na cela, e, desmaterializado, foi transportado para o templo, onde se lhe rematerializou novamente o corpo carnal.

Fenômeno idêntico tem sido constatado no Espiritismo experimental, com vários médiuns. Aqui, mesmo, no Brasil, houve o caso de Carlos Mirabelli, estudado por pessoas idôneas, dignas de crédito. Duma feita, amarrado num cômodo hermeticamente fechado, fora totalmente desmaterializado e transportado, invisivelmente, para outro quarto, também fechado. Outra vez, Mirabelli, que viajava de trem de São Paulo para Santos, foi desmaterializado no vagão da Estrada de Ferro e, instantaneamente, rematerializado no centro espírita que o esperava, em São Vicente. Percorreu, nessa invisível viagem astral, cerca de seis quilômetros, distância maior do que a que separava o cárcere, onde fora recolhido Pedro, do templo, onde aparecera, com estupefação geral! Noutra ocasião, Mirabelli, depois de desmaterializado no alto da Serra de Santos, foi inopinadamente rematerializado na Praça dos Andradas, naquela cidade praiana! (Dr. Carlos Pereira de Castro — *O Espiritismo Científico* — Soc. Imp. Paulista — 1930 — págs. 5 e ss).

Como se vê, por toda a parte, e, em toda religião, os fenômenos mediúnicos são os mesmos. E, quando variam, não variam por causa do País, nem da religião — variam porque variam as mediunidades dos diversos médiuns. No caso de Pedro, à mingua de melhor explicação, o relator diz que, detido o apóstolo, à noite, se lhe abriram as portas da prisão, movimentadas pelo “Anjo do Senhor”. Na verdade, por força de sua mediunidade, poderia ter havido a abertura da porta da cela. Mas o que não poderia ter havido foi o fechamento da porta, depois que Pedro, o médium, já havia fugido, porque, de toda sorte, é com ajuda das energias do perispírito do médium — e somente do médium de efeitos físicos — que os Espíritos, e não os “Anjos”, cópia do masdeísmo, atuam fisicamente em nosso plano de vida.

Não obstante, a *Bíblia* afirma que, quando o Sinédrio mandou buscar o preso para julgá-lo, os guardas, assombrados, verificaram que, a despeito de estar o cárcere fechado, com toda segurança, e apesar da ininterrupta presença das sentinelas, Pedro lá não estava mais! E afirma mais — que, nesse ínterim, surge um emissário que vem preveni-los de que Pedro já se encontra pregando no templo! (At. V, 17 e ss).

A *Bíblia*, no seu costumeiro exagero, achou pouco que o fenômeno houvesse ocorrido apenas com Pedro, o médium que possuía as necessárias faculdades — inventou, por isso, um fenômeno coletivo, abarcando todos os apóstolos (At. V, 17 e ss).

Eu de mim, para não ter o desgosto de mais uma vez desmascará-la, prefiro admitir o fenômeno no singular, com um único médium, o que possuía a mediunidade adequada — Pedro. O fenômeno coletivo é inverossímil, porque é impossível. Portanto, de um fato provavelmente verdadeiro, a *Bíblia*, pela mística megalomania do relator, tornou-o inadmissível.

Cabe, no entanto, ao Neo-espiritismo a glória de restabelecê-lo no seu verdadeiro aspecto, porque, de toda maneira, é patrimônio do mundo espiritual, de vez que foi trabalho dos Espíritos.

Aliás, na própria *Bíblia* e também nos Atos, há outro caso, esse individual, no qual se repete o fenômeno da desmaterialização com consecutiva rematerialização do médium. É o caso de Filipe, que, desaparecido repentinamente, quando, num poço, batizava um etíope, fora transportado para Azoto (At. VIII, 39-40).

Dito isso, vejamos, agora, o que ocorreu na segunda prisão de Pedro, essa ordenada por Herodes: encarcerado e acorrentado, Pedro cochilava vigiado por sentinelas alertas. De repente, aparece-lhe um Espírito protetor, cuja radiação ilumina a cela, e o convida a fugir imediatamente. Entrementes, desprendem-se-lhe dos pulsos as correntes que o manietavam. Estimulado, Pedro resolve fugir. Controlado pelo Espírito protetor, Pedro tem a impressão que sonha, porque tudo se lhe afigura mera visão. Mas, incapaz de reagir, o apóstolo caminha impulsionado por seu Protetor. Passa pela primeira sentinela. Passa pela segunda. Ambas não reagem. Chega ao portão de ferro da prisão, que separa o cativo da liberdade. O portão abre-se-lhe automaticamente. Está livre. O Protetor desaparece. Só então Pedro dá acordo de si (At. XII, 4-10). Estava mediunizado. E fora desmaterializado. Caso contrário, as sentinelas o teriam visto. Desmaterializados os braços, as correntes, tal qual ocorreu no caso de Mirabelli, embora ligadas, tombaram ao solo. Não houve mister de rompê-las.

E o portão? O portão também não se abriu. Desmaterializado, Pedro atravessou-o num ápice. Mas, controlado pelo Protetor, Pedro teve uma vivência alucinatória, para preservar-lhe o equilíbrio emocional no interregno da desmaterialização de seu corpo carnal.

É de ver que, sentindo-se plenamente consciente de que, na ocasião, era um Espírito encarnado com o corpo carnal desmaterializado, Pedro certamente não resistiria ao impacto — seria fulminado pela emoção, porquanto a rematerialização do corpo somático, na fase de conturbação do Espírito, se lhe tornaria de todo em todo impossível!

Daí o estado de obnubilação mental em que permaneceu até sua rematerialização fora do portão da prisão.

Em suma, admitidos como fenômenos de desmaterialização, os fatos desenrolados na masmorra, com Pedro, e, em Gaza, com Filipe, afiguram-se-nos inteligíveis e perfeitamente aceitáveis, porque encontram supedâneo em provas experimentais colhidas por diversos pesquisadores que, no século passado, contaram com médiuns excepcionais, razão por que, ao contrário dos parapsicólogos, puderam apreender a verdadeira significação da fenomenologia mediúnica.

Não duvido, porém, que, para explicar as fugas de Pedro, haja quem invoque o exemplo de Houdin, que, acorrentado, algemado e aprisionado num caixão, era atirado ao rio e, poucos minutos depois, estava livre! Todavia, muito mais do que exímio prestidigitador, Houdin fora, talvez sem o saber, excepcional médium de efeitos físicos — razão por que suas proezas jamais foram reproduzidas por outros prestimanos. E, de toda sorte, Pedro, o apóstolo, não era escamoteador. Logo, o seu caso não encontra analogia com as façanhas de Houdin. Nele, a mediunidade ficou comprovada, como comprovada ficou com Paulo, o apóstolo dos gentios.

De fato, Paulo era vidente — viu o Espírito de Estevão, que supôs ser o de Jesus, na estrada de Damasco. Mas era também médium de efeitos físicos. Por isso, o diálogo do suposto Jesus com ele foi em “voz direta”, fenômeno acústico, percebido por todos os que estavam em companhia de Paulo. Sem embargo, como era injusto perseguidor, Paulo passou pelo dissabor de ficar cego com a luminosidade do perispírito de Estevão e sofreu a humilhação de ser curado com o “passe magnético” de Ananias, já visado como sua próxima vítima! (At. IX, 1 e ss).

Como se vê, a *Bíblia* está referta de médiuns e de mediunidade. Tão antigos quanto a humanidade, os fenômenos mediúnicos, não figuram apenas na *Bíblia*; ao contrário, estão registrados nos Livros Sagrados de todas as religiões. Não constituem, portanto, apanágio de nenhuma seita — pertencem a todas, como patrimônio da humanidade, doado por Deus. Nunca poderiam ser privilégio dos apóstolos, circunscritos no tempo e no espaço, aos chamados “tempos apostólicos”, como reivindica arditosamente a Igreja. O próprio Pedro, por via do qual absurdamente divinizaram Jesus e que, simbolicamente, ocupa o trono do Vaticano, o próprio Pedro confirmou que os pagãos, tanto quanto os cristãos, recebiam Espíritos (At. X, 47).

De resto, está provado e comprovado que, em sua origem o cristianismo girou inteiramente em derredor da prodigiosa mediunidade de Jesus e, também, da mediunidade dos apóstolos, estimulada pelo Mestre.

Por conseguinte, sem haver, como há no Neo-espiritismo — fruto sazoadado da semente plantada por Jesus — a prática da mediunidade, não haverá, de modo nenhum, o verdadeiro cristianismo!

JESUS, JUDEU OU GALILEU?

Jesus, que morreu em defesa da verdade, detesta a mentira. Por isso, e, como preito de veneração ao ínclito Mestre, barbaramente injustiçado com a crucificação, vou provar que ele era nazareno e não belemita e, portanto, galileu e não judeu.

Jesus não nasceu em Belém e, muito menos, num curral. Os depoimentos de Mateus e de Lucas, no que tange ao nascimento de Jesus, não são verdadeiros. Certamente foram modificados nos primeiros séculos do cristianismo, quando a Igreja, dona exclusiva da documentação, pôde manipulá-la de acordo com seus interesses.

Mas, de toda forma, não houve motivo para que Maria, nos derradeiros dias de gestação, viajasse para Belém. O edito de César Augusto obrigava somente as províncias romanas, com exclusão das tetrarquias. Portanto, não incluía, no recenseamento, a Palestina.

De resto, o censo mandado efetuar por Púbico Sulpício Quirinus, Cônsul romano nomeado governador da Síria, após a vitória de Tauro, realizou-se depois da deposição de Arquelau e, portanto, dez anos após a morte de Herodes, no ano 37 da Era do Actium. (*Hist. Univ. do Inst. de França* Trad. de Blasco Ibañez — Ed. 1909, pág. 386). Por conseguinte, se Jesus nasceu durante o reinado de Herodes, o Grande, como afirma Mateus, e somente Mateus (Mt. II, 1 ss), é evidente que quando Quirino ordenou o recenseamento de que fala Lucas, e somente Lucas (Lc. II, 1 ss), Jesus já era nascido. Ainda mesmo com a correção do calendário, atrasado quatro anos, pelo erro cometido, no século VI, por Dionísio, o Menor, de toda maneira Jesus já contava, no mínimo, seis anos de idade!

A ressalva interpolada, no contexto de Lucas (Lc. II, 2) para recuar a época do recenseamento, é de todo em todo mentirosa. Renan contesta a validade da inscrição sobre a qual se apóiam os teólogos. Ao tempo de Quirino, só houve um único recenseamento; e, mesmo assim, ficou circunscrito às demais províncias romanas. Não abrangue as tetrarquias e, por isso, excluiu os judeus.

Admitamos, porém, para discussão, que Mateus se haja equivocado na citação do nome e que o seu Herodes seja, de fato, Herodes Antipas, filho do primeiro e tetrarca da Galiléia. Aceita a hipótese, Jesus, havendo nascido quando já governava Antipas, o edito de César Augusto poderia ter coincidido com a época de seu nascimento. Mas, de qualquer forma, não obrigaria a viagem a Belém.

Ao contrário, ainda que, contra a verdade histórica, se admitisse que o recenseamento dos judeus estaria implícito no edito imperial, nada justificaria a viagem dos pais de Jesus à cidade de Davi. A ordem era alistar-se “cada um à sua própria casa” (Lc. II, 3).

Por conseqüência, José e Maria deveriam ser recenseados em Nazaré, onde residiam, e não em Belém. Dir-se-á que José era da linhagem de Davi (Lc. II, 4). E daí?

Já afirmei, noutro artigo e, agora, reafirmo, com a máxima convicção, que, se José, para justificar seu recenseamento em Belém, alegasse parentesco com o remoto rei Davi, sendo, portanto, candidato potencial ao trono da Judéia, não escaparia da condenação à morte. Mas, afirmei e torno a afirmar, que o edito de César Augusto estava adstrito às províncias romanas, como a Síria, não abrangendo as tetrarquias, como a da Galiléia. Por conseguinte, pelo censo, José nada teria a fazer em Belém e, muito menos, Maria.

De toda forma, a viagem do casal José e Maria fora mencionada, exclusivamente, por um evangelista, Lucas, motivo por que seu depoimento se torna, *a priori*, muito suspeito (Lc. II, 1-2). Mais suspeito, ainda, porque Marcos, único evangelista que recebeu informações de segunda mão, enquanto que os outros, como Lucas, as receberam, no mínimo, de terceira mão, não toca absolutamente no episódio. Ora, como discípulo de Pedro, que esteve em permanente contato com Jesus, se o nascimento do Mestre houvesse ocorrido nas fantásticas condições descritas por Lucas, de modo nenhum Marcos teria omitido fatos tão sensacionais!

Entretanto, Lucas, aluno de Paulo, que, por sua vez, só sabia o que “ouviu dizer”, dentre outros absurdos, acabou metendo Maria, em trabalho de parto, num estábulo, em Belém!

Contudo, para demonstrar que a viagem a Belém é arrojada ficção, vou apontar a origem da balela. Tudo se prende à preocupação de suspeitos teólogos no sentido de enquadrar Jesus no messianismo judaico, a fim de que possa ser considerado o Messias-Rei da escatologia quiliástica do “povo de Deus”!

Como é notório, a Igreja manteve, sob sua custódia, durante sete séculos, os primitivos documentos do cristianismo. Ora, em se tratando duma teocracia com desmedida ambição política, que sempre pretendeu dominar o mundo, através dos governantes de cada Nação, é de crer que, durante os setecentos anos que reteve a documentação do cristianismo, manipulou-a ao sabor de seus inconfessáveis interesses.

Em face disso, não se sabe se a culpa das inverdades registradas nos Evangelhos canônicos cabe à ignorância dos evangelistas ou à ingerência da Igreja, que, com o intuito de arvorar-se em única detentora da verdade divina, foi amoldando, gradativamente, os fatos, até que Jesus ficasse de Deus e o Papa de seu único herdeiro!

Sem embargo, como nos textos bíblicos encontram-se flagrantes interpolações, a suspeição é de que aos teólogos e não aos evangelistas caiba a defraudação da verdade histórica, em função de objetivos mais políticos do que propriamente religiosos.

Haja vista o episódio dos reis magos.

Antes, porém, de analisá-lo, faço uma ressalva. Como as traduções da *Bíblia* não primam pelo vernáculo e atentam contra a estilística, tornando

confuso o contexto, reservo-me o direito de sintetizar os textos, sem roubar-lhes, é óbvio, a autenticidade. Mas, desde já previno ao leitor, que, assim como a colocação de Jesus numa manjedoura de estábulo é infeliz invenção de Lucas, a visita dos magos a Jesus recém-nascido é aberração de Mateus — e somente de Mateus — fato que, por si só, é prova indicial de mistificação!

Não obstante, escalpelemos os fatos. Primeiramente a viagem dos magos: “Nascido Jesus, em Belém da Judéia, durante o reinado de Herodes, chegaram a Jerusalém uns magos do Oriente e perguntaram: Onde está o rei dos judeus, recém-nascido? Vimos uma estrela no Oriente e viemos adorá-lo.” (Mt. II, 1-2).

Primeira mentira: Jesus não nasceu durante o reinado de Herodes, o Grande. Herodes nasceu em Ascalon cerca de 67 anos antes da Era Cristã e morreu 5 anos antes do nascimento do Cristo. Portanto, quando Jesus nasceu Herodes estava morto.

Na verdade, Jesus nasceu, como admite o historiador E. Renan, sob o governo de Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande, e tetrarca da Galiléia.

Segunda mentira: os magos, que os gregos confundiram com feiticeiros, não eram reis — eram astrólogos e médiuns iniciados pertencentes à casta sacerdotal da Média, país primitivamente habitado pelos turanianos, mas que, por volta do século X a.C., fora conquistado por tribos iranianas.

Conquistada e reconquistada várias vezes, a Média sofreu a influência dos persas, dos babilônios e dos árabes.

Nesse caldeamento de raças e de culturas, a religião evidentemente não poderia ficar isenta de sincretismo.

Contudo, a despeito da obscuridade reinante no assunto, os magos conservaram os princípios básicos do masdeísmo, antiquíssima revelação zaratrústica, ocorrida mais de quinze séculos antes da Era Cristã. E é fato inegável a influência iraniana em muitos conceitos mosaicos.

Todavia, não se sabe como se deu a confluência das duas correntes religiosas. Mas é provável que, traduzidos todos os “Rolos do Mar Morto”, se descubra o exato ponto de intercepção do mosaísmo com o masdeísmo. Dessa opinião participam teólogos eminentes como Millar Burrows. (*Doc. do Mar Morto* — Porto Ed. pág. 272).

Com efeito, o dualismo do masdeísmo, pelo qual o mundo ficou dividido entre Ahura-Mazda (Gênio Bom) e Agra Mainys (Gênio Mau) ou, como são mais conhecidos, entre Ormuzd e Ariman (*Zend-Avesta* — Ed. Kier — Buenos Aires, pág. 9) encontra símile na *Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas*, tema fundamental do *Rolo da Guerra*, encontrado entre os documentos do Qumrân. Mas é, sobretudo, no *Manual de Disciplina*, como opina Dupont-Sommer, que está patente a influência das idéias de Zoroastro, com Belial substituindo Satanás (A. Dupont-Sommer — *Les Écrits Essentiels Découverts Près de la Mer Morte* — Payot, Paris — 3ª Ed. págs. 63 e ss).

Por outro lado, a influência zaratrústica está ressaltada na literatura apocalíptica. De toda forma, porém, os magos — iranianos e masdeístas — nada teriam a ver com o “recém-nascido rei dos judeus” e, muito menos, teriam motivo para adorá-lo!

Como médiuns e sacerdotes poderiam adorar a Deus e venerar os Espíritos superiores; nunca, porém, um “príncipe” judeu!

Além disso, os magos eram afamados, e temidos, precisamente porque, aos conhecimentos astrológicos, aliavam dons mediúnicos preciosos, como a precognição e a clarividência. Portanto, não se compreende que, ao partirem ao encontro de Jesus, não houvessem recebido orientação de Espíritos protetores sobre a exata localização da casa onde se encontrava o recém-nascido, que desejavam homenagear.

Mas a prova do contra-senso aqui está, colhida na própria *Bíblia*. De acordo com ela, após o encontro secreto com Herodes (já morto), os magos partiram em procura de Jesus e “eis que a estrela, que viram no Oriente, os precedia, até que, chegando, parou sobre onde se encontrava o menino” (Mt. II, 9).

Para não lhe roubar a originalidade, reproduzi a tradução capenga da *Bíblia*. Aliás, na espécie, o que importa não é a forma — é o fundo. Critiquemo-lo.

Como é notório, tão colossal é a distância que nos separa das estrelas que, para medi-la, os astrônomos só encontraram um recurso: tomar, como unidade de medida, o ano-luz, isto é, o espaço percorrido por um raio de luz, à razão de trezentos mil quilômetros por segundo, durante um ano. Uma distância que, comparada com as distâncias terrenas, provoca vertigem. Pois bem, a estrela mais próxima da Terra está à distância de quatro anos-luz! Vale dizer que, se por um cataclismo qualquer, ela explodisse e se desintegrasse em radiações, durante quatro anos consecutivos a estrela continuaria a ser vista no céu, como se, de fato, lá estivesse!

Não admira, pois, que, em virtude da imensidade da distância, o movimento duma estrela se nos torne imperceptível a olho nu. Ora, imperceptível o movimento do astro, não seria crível que os magos por ele se orientassem.

Excluída esta hipótese, fica de pé outra, muito mais provável — a “estrela” vista pelos magos, todos médiuns, e, alguns, “videntes” teria sido, na realidade, a radiação do perispírito de um Espírito protetor. Isso, em tese, não seria impossível.

Contudo, permanece uma dúvida atroz. Por que, então, o Espírito protetor não os guiou diretamente ao local do nascimento de Jesus? Por que os deixou bobecendo, a perguntar, aqui e acolá, pelo “rei dos judeus”, quando tal indagação importaria, inquestionavelmente, em acintosa represália ao ocupante do trono, fosse ele Herodes ou Herodes Antipas? Por acaso, não saberia o Espírito protetor que, admitida a suspeição de haver um inesperado “recém-nascido rei dos judeus” e aceita a hipótese de Herodes ainda

não haver desencarnado, o déspota fatalmente condená-lo-ia à morte, pois, por mera desconfiança de conspiração contra ele, mandara despedaçar, por tração de possantes cavalos, o corpo do próprio Antipater, seu filho e seu herdeiro?

Além disso, como conceber que um Espírito protetor, iluminado “como uma estrela” não houvesse pressentido que Herodes ou, mais corretamente, Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia, na qual se situava Nazaré, cidade natal de Jesus, ou se o nascimento houvesse ocorrido em Belém, Arquelau, etnarca da Judéia, qualquer deles, na impossibilidade de localizar o rival recém-nascido, não hesitaria em ordenar a cruelíssima chacina das criancinhas, fossem elas nazarenas ou belemitas?

De resto, pela displicência de não haver guiado os magos diretamente à casa onde nascera Jesus, o “luminoso” Espírito protetor não ficaria responsável pela execrável degola de centenas de crianças inocentes?

Mas a estória está mal contada. O relato de Mateus é, de todo em todo, inverossímil, porque, além de paradoxal, não encontra arrimo histórico: ficou adstrito à *Bíblia*, que, mais uma vez, agasalhou evidente mistificação.

Se, de fato, um mago, a despeito de ser sectário de Zoroastro, por motivo desconhecido, desejasse render homenagem a Jesus, filho de humildes mosaístas, certamente receberia, como médium “iniciado”, a indicação exata do roteiro a seguir.

Todavia, a verdade é outra; a verdade é que a estória dos reis magos é flagrante interpolação premeditada por solertes teólogos, com deliberado propósito de metamorfosear Jesus de Nazaré — portador de nova Revelação que reformula o mosaísmo — primeiramente, no Messias-Rei da escatologia judaica e, ao depois, em “Rei dos Reis” com o Papa a representá-lo na Terra e *ipso facto*, com autoridade sobre os governos de todos os povos!

Como se vê, uma astuciosa chantagem. Porque, na verdade, os dignitários da Igreja Católica inventaram todo o enredo da estória: a viagem a Belém, com estrela à frente; a indagação comprometedora sobre o local em que se encontrava o recém-nascido; a perplexidade dos judeus; o impacto de Herodes, que, aliás, já estava desencarnado havia, pelo menos, cinco anos; e, finalmente, a maquiavélica solicitação do tirano aos magos, pedindo-lhes a localização da criança, com secreto intuito de descobrir o paradeiro do rival recém-nascido.

Outra sub-reptícia interpolação foi a interpelação aos áugures do Sinédrio; “Onde nascerá o Messias?” — ter-lhes-ia perguntado o tetrarca da Galiléia ou o etnarca da Judéia, pois Herodes já havia desencarnado. — Em Belém da Judéia — responderam-lhes, erradamente, os arúspices consultados. Mas tentaram justificar: “Porque assim está escrito, por intermédio do profeta”. — “E tu, Belém, terra de Judá, não é, de modo algum, a menor

entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo, Israel.” (Mt. II, 4-6). Isto, que aí está, é capciosa interpolação de um texto do *Livro de Miquéias*, de vez que, lá, o profeta se reporta a outros fatos e se refere a outro personagem.

Com efeito, na apóstrofe de Belém o profeta diz: “de ti me sairá o que há de reinar em Israel.” (Mq. V, 2). E não é só. Na precognição do profeta, o Messias será um Rei ou, melhor, um Rei-Messias ou Messias-Rei, pouco importa, de vez que, na escatologia quiliástica judaica, quem governaria, durante o milênio, o “povo de Deus” seria, em última análise, uma teocracia autocrática.

Ora, Jesus, ao contrário do Rei-Messias, principiou por renunciar, como “iniciado” essênio, a toda aspiração de poderio terreno, para conquistar, exclusivamente, os inestimáveis valores que abreviam o aperfeiçoamento do Espírito eterno. Com esse escopo, renunciou a qualquer conforto material; renunciou à própria família e até ao prazer do sexo renunciou!

Em compensação, além de maior aprimoramento espiritual, Jesus conquistou gloriosa mediunidade. Na verdade, o Mestre viveu na Terra, sem viver para a Terra. Por isso, interrogado por Pilatos se ele era o Rei dos Judeus, Jesus enfatizou: “O meu reino não é deste mundo.” (Jo. XVIII, 36). Por conseguinte, Jesus, jamais, poderia ser o Messias anunciado por Miquéias, setecentos anos antes de nossa Era, o qual seria um Messias guerreiro, que consolidaria a paz em Israel, conquistando o mundo, “até os confins da terra” (Mq. V, 4). Pudera! Conquistando o mundo inteiro, com quem brigariam os judeus? De resto, contrastando com Jesus, o Messias-Rei, que nasceria em Belém, deveria, em companhia de sete governadores e de oito príncipes, espostear, à espada, os assírios. Porque é reduzindo a tassalhos o inimigo que o Messias-Rei “reinará em Israel” e “nos livrará da Assíria” (Mq. V, 5-6).

Um Messias, portanto, que só existiu na imaginação do profeta hebreu! Mas, se houvesse existido, teria sido o antípoda de Jesus. O belemita esperado seria belicoso, vingativo, sanguinário; o nazareno, que os teólogos naturalizaram belemita, foi pacífico, caridoso, boníssimo.

Fica, assim, totalmente invalidada a capciosa interpolação, sub-repticiamente colocada no Evangelho de Mateus — e somente no de Mateus.

Negado, outrossim, o imaginário recenseamento coincidente com o parto de Maria, não se justifica o nascimento de Jesus em Belém. Muito ao contrário, tudo indica que Jesus nasceu em Nazaré, onde sempre residiu sua família. Caso contrário, quando desconsiderado em Nazaré, Jesus não teria dito que um profeta não é menosprezado “senão na **sua terra** e na sua casa” (Mt. XIII, 57). Vale dizer, pois, que Jesus não foi judeu — foi galileu.

Desmentida a baldroca acerca de Jesus, é momento de perguntar-se: houve a degola das criancinhas belemitas? Não. Tudo foi produto do fana-

tismo messiânico de Mateus, outro que escreveu pelo que “ouviu dizer”, pois, também, não foi discípulo de Jesus!

E, se não foi fanatismo do evangelista, foi dolo de mãos sacrílegas, que lá meteram a interpolação.

Mas uma coisa é inegável. Todos os fatos da vida de Jesus, na narrativa de Mateus, só acontecem para confirmar os profetas! Em conseqüência, Jesus vive, como autômato, sem arbítrio algum, condicionado a toda tolice que pretensos profetas anunciaram no passado! Nem se percebe que, com esse messianismo estrábico, massacra-se a personalidade do maior dos Mestres, sujeitando-o a um determinismo implacável, em função de um ideal faccioso, contrário à justiça de Deus, para a qual não há povos eleitos, mas criaturas de um mesmo Criador e, portanto, irmãos com idênticos direitos e iguais deveres.

Entretanto, para Mateus e outros fanáticos bitolados, não importa que Deus fique minimizado — o que interessa é que os profetas sejam exaltados! A profecia, por mais idiota, não deve falhar! Jesus que se avenha e procure seguir, à risca, o que, outrora, um profeta, mesmo caduco, previu!

A chacina das criancinhas não fora predita? Por que tergiversar? À matança, pois, para gáudio dos sectários do Messias e glória póstuma dos manes de Jeremias! Pois o profeta não predissera que “ouviu-se um clamor em Ramá? Não afirmou que Raquel (Israel) estava chorando por seus filhos e inconsolável porque não mais existem?” (Jr. XXXI, 15).

Mas quem não vê que os filhos chorados em Ramá foram os prisioneiros, ali concentrados por Nabucodonosor, antes de levá-los, cativos, para a Babilônia?

E que tem isso a ver com a degola atribuída a Herodes, já morto, para meter Jesus num nauseabundo curral, em Belém?

Tudo isso só serviu para afrontar a dignidade de Jesus, colocado no momento solene do nascimento, início de arriscadíssima encarnação, entre quadrúpedes, no cocho duma asquerosa estrebaria!

E, com toda essa mistificação, onde ficaram a sabedoria, a bondade e a justiça de Deus? Não; já é tempo de a humanidade compreender que Deus jamais cometeria erros e, até, crimes registrados na *Bíblia* só para prestigiar as predições dos profetas de Judá e de Israel!

Afinal, que é um profeta senão um médium dotado de precognição ou de clarividência? Ora, cada médium recebe a proteção que merece e transmite a mensagem que comporta. Assim sendo, a mensagem pode ser certa ou errada, boa ou má — tudo dependendo dos sentimentos do médium e da hierarquia do Espírito que a dá. Quando certas e boas, são apropriadas à época e às circunstâncias e visam, sempre, ao progresso moral da humanidade. E foi assim, por intermédio dos Espíritos desencarnados e através da mediunidade, que, desde os primórdios de nossa civilização, Deus se nos revelou. Pessoalmente, Deus jamais se nos apresentou, embora, por igno-

rância, religiões e cultos existam que, desde épocas imemoriais, confundiram Espíritos desencarnados, que, na melhor das hipóteses, seriam iluminados Instrutores da humanidade, com o próprio Criador do Universo! Pior, ainda, consideraram como deuses até Espíritos de incipiente evolução, verdadeiros vampiros a exigir sangue e a fazer “aliança de sangue” (Ex. XXIV, 6-8), tal qual nos terreiros de macumba!

O mais grave, porém, foi que Espíritos vampiros disfarçados com o nome de Jeová, impuseram aos israelitas, até a época de Isaías, sacrifícios humanos, requestando-lhes os primogênitos! E tamanha crueldade foi exigida por intermédio dos profetas da *Bíblia*, tidos e havidos como infalíveis!

Contudo, a maior incongruência foi que Jesus, Espírito missionário, iluminado por excelsas virtudes, conquistadas durante séculos de lutas íntimas em prol de seu aperfeiçoamento moral, além de degradado com a hipótese de ter nascido numa manjedoura, ainda ficou acorrentado ao mosaísmo para satisfazer às ambições dos que o transfiguraram em Messias-Rei, para coroá-lo, mais tarde, “Rei dos Reis” e, finalmente, substituí-lo, na Terra, por um Papa-rei, com pretensão de hegemonia política sobre os governos de todas as Nações!

Não. Mil vezes não! Jesus de Nazaré, que, voluntariamente, se despojou de todos os bens materiais e que idêntico desprendimento exigiu de seus discípulos, não encarnou para governar o mundo. Veio à Terra para acelerar o progresso moral dos Espíritos terráqueos com os preciosos ensinamentos, que, heroicamente, se esforçou para difundir, principalmente na Galiléia. Em suma: encarnou para tentar aliviar o sofrimento humano, não só com sua mediunidade curadora, como pela prática de sua doutrina, cuja tônica é a confraternização mundial. Não veio, absolutamente, predestinado a morrer antes de conquistar autênticos discípulos e, muito menos, como salafário e criminoso, no martírio ignominioso da crucificação! Mas, para opróbrio da humanidade, seus gratuitos inimigos mataram-no vilmente, sem prévio julgamento e sem direito de defesa, não obstante haver comparecido perante o Sinédrio, perante Pôncio Pilatos, procônsul romano, perante Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia e, novamente, perante Pilatos, sempre sem culpa provada, até que, para desonra de seus pseudojuulgadores, foi entregue à ira duma turba multa infrene, açulada por sacerdotes e anciãos despeitados, a qual, por opção entre vulgar salteador de estrada e um luminosíssimo mensageiro da verdade divina, liberou o bandido e crucificou o inocente!

Cidadão livre e Espírito de escol, o maior e melhor Instrutor da humanidade que, até hoje, encarnou em nosso planeta, Jesus, morreu massacrado como se fosse escravo responsável por crime hediondo!

Todavia, o que lhe deveria ter combalido o Espírito e afetado o sistema nervoso, a ponto de “suar sangue” (Lc. XXII, 44) foi perceber a covardia dos discípulos, inclusive a conivência modorrenta dos três que levava consigo ao Getsêmani e a indiferença de uma multidão de ingratos que ele curara instantaneamente!

Entretanto, se, ao menos os discípulos, houvessem permanecido firmes, convictos e resolutos ao lado do Mestre, teriam formado uma cadeia magnética de fluidos vitais, que sustentaria o trabalho desejado por centenas e centenas de valorosos Protetores, ávidos de socorrer o grande missionário, dispersando os Espíritos vingativos, que assediavam seus verdugos e, além disso, provocariam violenta reação da multidão aparvalhada diante do drama que se esboçava. Dessa maneira, Jesus jamais teria sido crucificado, clamorosa injustiça, que constituiu a perpetração do maior crime registrado na História da humanidade!

E tudo por que? Porque despeitados com as curas espetaculares realizadas por humilde profeta nazareno, sem exigência de holocaustos, nem de oferendas — oferendas e holocaustos que locupletavam os cofres do Sinédrio — os sacerdotes estavam temerosos de que Jesus, com seu crescente fascínio sobre a massa sofredora, pudesse algum dia interferir na teocracia hierosolimita! De toda forma um fato é irremovível: foi o Sinédrio que, por seus agentes, tramou, traiçoeiramente, a morte do Mestre dos Mestres!

Contudo, a despeito da inominável perfídia contra ele maquinada, Jesus, condoído da ignorância de seus algozes, a ponto de pedir ao Pai que os perdoasse (Lc. XXIII, 34), mas inconformado por não haver cumprido integralmente sua gloriosa missão, permaneceu vinculado à Terra, porque ainda alimenta a esperança de melhorar os sentimentos dos Espíritos encarnados e dos Espíritos desencarnados que interferem, a cada instante, na vida terrena, a fim de implantar definitivamente a confraternização geral no planeta!

Agora, com a revelação do Neo-espiritismo, Jesus, com a cooperação de incontáveis mensageiros, pode atuar com maior amplitude e intensidade na Terra, para incrementar o amor fraterno entre todos os seus habitantes; e, ao mesmo passo, estreitar os vínculos, que sempre uniram invisivelmente os Espíritos provisoriamente encarnados e os Espíritos temporariamente desencarnados, a fim de que da mútua ajuda dos Espíritos de ambos os planos de vida, aliada à extinção de toda hostilidade entre eles, possa haver ininterrupto progresso e perpétua paz em nosso maravilhoso planeta, único que, dentro de nossa galáxia, oferece aos Espíritos que o habitam privilegiada oportunidade para a encarnação.

Ora, dotados de corpo físico e sujeitos a leis terrenas os Espíritos de incipiente evolução terão maior facilidade para compreenderem os aparentes paradoxos do destino humano e vislumbrarem a perfeição da justiça divina, fato que os induzirá à adoração do Criador do Universo!

JESUS, CORDEIRO PASCAL?

Algumas dezenas de séculos antes do nascimento de Jesus, Moisés recebeu, mediunicamente, de seu Mentor, o “Senhor” instruções concernentes à comemoração da libertação da escravatura egípcia. A festa foi denominada páscoa, porque lembra a “passagem” do “Senhor” a executar a décima praga. Marcando o baixo nível de espiritualização da época, o “Senhor” arcou com a responsabilidade da vingadora mortandade infantil, que, por mera coincidência, favoreceu a fuga dos escravos; e estipulou, como salvatério para os primogênitos israelitas, um ritual sangrento, equivalente ao dos cultos africanos mais atrasados.

Com efeito, o “Senhor” escolheu, como hora propícia ao morticínio dos inocentes, a “hora grande” da macumba — meia noite; e, como sinal de aliança, exigiu que a verga e as ombreiras das portas fossem besuntadas de sangue. “Tomai um molho de hissopo, molhai-o no sangue, posto na bacia, e marcai a verga da porta e suas ombreiras.” (Ex. XII, 22). E acrescentou: “O sangue será sinal nas casas em que estiverdes. Quando vir o sangue, passarei e não haverá, entre vós, praga destruidora.” (Ex. XII, 12).

Como se vê, o “Senhor” não era Deus. Onisciente, Deus dispensaria qualquer “sinal”. Saberria onde estariam os israelitas. Mas o Senhor era, apenas, temível Espírito feiticeiro, que carregava “pragas”; e que a si mesmo se “despachava” com sangue! Portanto, era vampiro! Por isso não garantia a vida dos que rompessem o “despacho” feito à porta da casa. A prova é que advertiu que, uma vez besuntada de sangue a porta, ninguém poderia sair de casa, até a manhã seguinte — tempo necessário para que o “fluido vital” do sangue fosse consumido pelos vampiros. E, como prometera, “à meia noite”, o “Senhor” feriu todos os primogênitos na terra do Egito... (Ex. III, 29). Todos não: poupou os dos israelitas; poupou-os, mas os requestou. “Consagra-me todo primogênito... assim de homens como de animais.” (Ex. XIII, 1). Aos dos animais nunca poupou — sempre exigiu-lhes a vida, como holocausto. Mas dos primogênitos humanos abriu mão: barganhando-os por cordeiros (Ex. XIII, 13).

Sem embargo, o “Senhor” não era infenso ao holocausto humano. Eis a prova: “Ninguém que, dentre os homens, for dedicado irremissivelmente ao ‘Senhor’ poderá ser resgatado — será morto!” (Lv. XXVII, 28-29). Isto prova o atraso espiritual do “povo de Deus”. E comprova o péssimo conceito que formavam de Deus!

De resto, denotando o seu atraso espiritual, o “Senhor” escolheu, para a páscoa, um cardápio prosaico, de glutão. “Um cordeiro para cada família.” (Ex. XII, 3). Com um requinte: “não lhe quebrareis osso nenhum.” (Ex. XII, 46).

Séculos depois, teólogos capciosos, para reforçar a tese de que Jesus é “cordeiro pascal”, afirmaram que, por causa disso, não lhe quebraram as pernas!

Mas, na verdade, não quebraram as pernas de Jesus, como soíam proceder com os crucificados que demoravam a morrer, porque, amparado por numerosos Espíritos protetores, que facilitaram o desligamento do corpo espiritual das diferentes estruturas nervosas, o grande profeta desencarnou em poucas horas, causando admiração até a Pilatos (Mc. XV, 44).

Rebatido o argumento, volto à páscoa. O cordeiro era assado ao fogo e comido com ervas amargas e pães ázimos (Ex. XII, 8). Nada de fermento, em casa, durante sete dias (Ex. XII, 15).

Sabem por que? Porque, na precipitação da fuga, os israelitas não tiveram tempo de levedar o pão. Dessa forma, comeram, durante uma semana, pães ázimos, isto é, desprovidos de fermento. Daí, para a páscoa, a denominação de “festa dos pães ázimos” (Ex. XII, 14-17).

Por outro lado, o repasto pascal obedecia a estranho ritual: “lombos cingidos, sandálias aos pés, cajado à mão e devorado às pressas.” (Ex. XII, 11). Não aparenta refeição tranqüila. Ao contrário, dá-nos a impressão de que a família, apavorada, está prestes a fugir! Todavia, força é reconhecer que, de fato, a páscoa dos judeus rememora o momento carismático da libertação, quando cataclismos e epidemias talaram o país, desorganizando a administração pública, quebrando a disciplina militar e subvertendo a hierarquia no reino do Faraó!

Tais calamidades foram exploradas, mais tarde, como sendo “pragas de Deus” contra o Egito! Mas, para isso, fora necessário metamorfosear Deus — fulcro do Amor Universal e Criador de tudo que existe, seres e coisas — em feiticeiro-mor de Israel!

Não! Em tudo que descrevi, e transcrevi, Deus não está presente. Porque, no *Velho*, como no *Novo Testamento*, o que abunda é a manifestação dos Espíritos. Espíritos nos mais díspares graus de evolução. Proscritos os Espíritos, Deus se rebaixa ao nível dos feiticeiros!

Imperscrutável à razão e intangível aos sentidos humanos, Deus, na verdade, paira muito acima das vãs especulações teológicas. E conceituado no padrão primário da *Bíblia*, choca-se com a lógica e com a Ciência! Além disso, não satisfaz às imposições do sentimento.

Entretanto, se ao invés de atribuir a Deus as maldades, as injustiças e as prevaricações registradas nos livros canônicos, os teólogos quisessem abrir os olhos à luz da Verdade, certamente já teriam identificado, nos fenômenos da *Bíblia*, a presença irremovível dos Espíritos como executores dos divinos desígnios! Com isso, ter-se-ia estancado o caudal do materialismo que está invadindo o orbe, estimulado por padres comunistas e por teólogos da “morte de Deus”!

Contudo, focalizada a páscoa dos judeus, analisemos, de relance, a páscoa chamada “cristã”. Nela, o cordeiro dos israelitas é substituído por

Jesus, feito “cordeiro pascal” (I. Cor. V,7). Para isso, principiou-se por confundir-se o Mestre galileu, com o “homem de dores”, que “tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores”, dores e enfermidades que não desapareceram — diga-se de passagem — e que “como cordeiro foi levado ao matadouro” (Is. LIII, 4-7). Com um gravame: consideraram-no Deus. E alegou-se que, como Deus, veio redimir a humanidade da ofensa contra Deus! Que ofensa? O pecado de Adão!

Nada mais ilógico. Ninguém pode responder pelos erros dos antepassados. E ninguém pode ser punido, inocente, para dirimir crimes alheios. Seria a subversão total dos princípios jurídicos. E se o mau exemplo houvesse partido de Deus, tanto pior — implantada ficaria no mundo a obrigação de pagar o justo pelo pecador! Hipótese em que melhor seria ser pecador do que justo!

Por outro lado, a alegação de que a ofensa fora infinita, porque contra Deus, e, por conseguinte, exigia reparação infinita, possível, apenas, mediante o sacrifício de Deus, é mera petição de princípio.

Deus, infinito, nem de leve é atingido pela ofensa do homem, finito, finitíssimo! Com errar contra Deus, o homem, por força das leis que regem o seu destino, castiga-se a si mesmo. De toda forma, Jesus, Deus ou homem perfeito, jamais poderia sofrer, na carne, as conseqüências dos crimes da humanidade, sem que, com isso, o Criador não se tornasse um monstro de injustiça!

De resto, Jesus, argumentando contra o “fermento” dos fariseus, lembrou-lhes que, como dissera o profeta Oséias (VI-6), Deus quer misericórdia, e não holocaustos! (Mt. IX-13). Poderia, outrossim, Jesus invocar Isaías. “De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? Estou farto de holocaustos.” (Is.I,11). Em tudo e por tudo, Jesus não foi “cordeiro de Deus” — foi um servidor de Deus, como Mestre da humanidade. Também não foi Deus, pois, como Deus, de natureza completamente diferente da nossa, não nos serviria de modelo moral. Foi, ao contrário, um Espírito criado exatamente igual ao nosso, que, por seu auto-aperfeiçoamento, conquistado em milhares de séculos com milhares de encarnações, atingiu a perfeição que demonstrou na última encarnação — perfeição que lhe custou a vida, pela incompreensão de seus conterrâneos.

Na verdade, se Jesus fosse Deus, pelo menos uma pessoa existiu que não poderia duvidar — sua mãe! No entanto, quando, ao principiar o apostolado, Jesus apareceu em Nazaré, sua cidade natal, ninguém lhe deu valor! Mal principiou a pregar, uma interrogação geral assomou à multidão: “Não é este o filho do carpinteiro (e não de Maria)? Não se chama Maria a sua mãe e Tiago, José, Simão e Judas os seus irmãos? Não vivem entre nós todas as suas irmãs?” (Mt. XIV, 55-56). Estavam todos perplexos, escandalizados. E Jesus, contristado, recriminou-os: “Não há profeta que não receba honras senão na sua terra, entre seus parentes e na sua casa.” (Mc. V1, 4).

Em conseqüência da incredulidade dos conterrâneos e dos parentes, Jesus não encontrou ambiente para mostrar a grandeza de sua mediunidade. “Não pôde ali fazer nenhum milagre, senão curar uns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos.” (Mc. VI, 5).

O que aqui está já é prova suficiente para contestar a divindade de Jesus. Se ele houvesse nascido de modo “sobrenatural”, ainda que os conterrâneos o ignorassem, o que não seria provável, sua mãe não poderia alimentar a menor dúvida de que o filho era um ser sobrenatural, quiçá divino!

No entanto, ela mesma, juntamente com outros filhos, admitiu que Jesus, pelo que ensinava e pelo que fazia, estava louco! Eis a prova: “E quando os parentes de Jesus ouviram isso (que estava curando) saíram para o prender, porque diziam: está fora de si. Os escribas que haviam descido de Jerusalém, diziam: ele está possesso de Belzebu e é pelo maioral dos demônios que ele expele os demônios.” (Mc. III,21-22). Os parentes de Jesus concordaram, portanto, com os escribas. Tanto assim que o foram agarrar.

Da mesma forma, ainda hoje, dizem que os médiuns que recebem Espíritos são possessos do demônio!

De resto, se o nascimento de Jesus foi normal, normal foi também sua morte, à qual, como ocorrerá com todos nós, o seu Espírito sobreviveu.

Para enquadrá-lo como Deus, evangelistas e teólogos idealizaram ficções, que, por si mesmas, se contradizem. Se o relato de Mateus fosse autêntico, nenhuma dúvida perduraria no mundo sobre a divindade de Jesus. Além do eclipse, que seria fenômeno natural, “tremeu a terra, fenderam as rochas, abriram-se os sepulcros e muitos corpos ressuscitaram e entraram na cidade e, apareceram a muitos” (Mt. XXVII, 45 ss).

Duvido que, com a presença dos ressuscitados em Jerusalém, a conviver, novamente, com a família, não houvesse um impacto mundial, registrado por todos os historiadores! Entretanto, nenhum deles falou do “milagre”. Além disso, se Jesus houvesse ressuscitado, interessado como estava na consolidação do seu prestígio, como Mestre, e na propagação da doutrina que, para ele, era “caminho, verdade e vida” e pela qual renunciou a todos os prazeres terrenos, impreterivelmente teria comparecido imediatamente ao Sinédrio, para desmascarar os sacerdotes, e, também, perante Pilatos, que passaria a adorá-lo como Deus!

No entanto, Jesus só apareceu aos discípulos dotados de mediunidade. Isso causou dúvidas e discussões entre os próprios apóstolos. De modo que, para comprovar sua sobrevivência, Jesus viu-se forçado a materializar-se totalmente diante dos onze (Mc. XVI, 14).

Por outro lado, foi muito significativa a reação do seu Espírito, quando se manifestou a Madalena, médium “vidente” e “audiente”, outrora curada por Jesus de grave obsessão. Tentando comprovar sua sobrevivência, o Es-

pírito de Jesus a chama: “Maria!” Ela o “ouviu” e “viu-o.” — “Rabôni!”, exclamou admirada. E fez-lhe perguntas. Mas Jesus não pôde demorar-se. “Não me detenhas, porque eu ainda não subi para meu Pai; mas vai ter com meus irmãos (os discípulos) e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.” (Jo. XX, 16-17).

As palavras são claras — meu Pai, meu Deus! Como sofismar, depois disso, que Jesus foi Deus? Acaso, depois de sua morte e de suas “aparições”, Pedro não continuou a referir-se a ele como um Deus, mas como “Varão aprovado por Deus com milagres, prodígios e sinais?” (At. II, 22). Acresce, ainda, que, em vida, nunca Jesus se disse Deus. Pelo contrário, quando um estranho o chamou de “bom Mestre”, Jesus, incontinenti, atalhou: “Por que me chamais de bom?” E, modestamente: “Ninguém é bom, senão Deus, unicamente.” (Lc. XVIII, 19).

Como se infere, o próprio Jesus desmentiu sua divindade. Logo, não é lícito considerá-lo como Deus, redentor e salvador, hipótese em que o pecador descarregaria sobre ele o peso de suas iniquidades. Ao contrário, urge que a humanidade aprenda a venerar o iluminado profeta da Galiléia como o Mestre dos Mestres, cujos inestimáveis ensinamentos, agora esclarecidos pelo Neo-espiritismo, revelação a mim feita, em caráter pessoal, por Mensageiros de Jesus, tornaram-se tão racionais e convincentes que poderão melhorar não só os Espíritos encarnados como os Espíritos desencarnados que habitam nosso planeta, muitos dos quais foram massacrados outrora por verdugos implacáveis e, por isso, revoltados até hoje, clamam vingança contra a Terra!

Sem embargo, aperfeiçoados os Espíritos encarnados e cessada a ira dos Espíritos desencarnados, nosso planeta poderá conquistar, finalmente, a paz perpétua resultante da confraternização dos Espíritos, obra prima do Criador do Universo!

JESUS, PÃO DA VIDA?

Houve dois grandes responsáveis pela deturpação do papel histórico de Jesus: o evangelista João e o apóstolo Paulo. Ambos não conheceram pessoalmente o profeta galileu; escreveram de ouvida. De Paulo não se conhece exatamente a opinião, porque as epístolas que se lhe atribuem são contraditórias. Comparadas entre si, mutuamente se desmentem em questões fundamentais. De João, um neoplatônico filiado à escola filosófica de Alexandria, sabe-se pouco mais que escreveu em Éfeso, cerca de cento e cinquenta anos depois da morte de Jesus.

Sem embargo, foi com as ficções desses dois arautos que capciosos teólogos maquinaram uma doutrina teratológica, que principiou por divinizar Jesus e acabou por rebaixá-lo à posição de "cordeiro pascal"! De sorte que o "Deus encarnado" não salva os pecadores pela doutrina que ensinou e exemplificou, mas pelo sangue que derramou na cruz! Em síntese: Deus mata Deus para aplacar a ira de Deus! Com tamanho paradoxo, não se sabe quem ficou em pior posição: se o Deus Pai, que matou por sadismo; se o Deus Filho, que morreu por masoquismo! Mas, o mais espantoso foi que, à crueldade do Deus Pai e ao holocausto do Deus Filho, se imputou a salvação da humanidade!

Contudo, com uma pitada de bom senso, logo se atina com os despau-térios que Paulo e João inventaram por conta própria. Com efeito, se Jesus, em Cafarnaum, houvesse proferido a dramática prédica que lhe atribuiu o evangelista, incontestavelmente estaria acometido de grave psicopatia! De fato, onde já se viu um Mestre, austero e equânime como Jesus, afirmar sesquipedal disparate como este: "Eu sou o pão vivo, que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão, que eu darei pela vida do mundo, é a minha carne." (Jo. VI,51)? Entretanto, se, com tamanho absurdo, Jesus quisesse significar que ele era vetor duma doutrina capaz de servir de pábulo aos Espíritos famintos de Verdade, poder-se-ia justificar a perífrase. Todavia, logo após, o evangelista esmaga-nos a ilusão colocando na boca de Jesus esta apologia ao antropofagismo: "Se não comerdes a carne do 'Filho do homem' (muito diferente de 'Filho de Deus') e não beberdes o seu sangue (à maneira dos vampiros!), não tereis vida em vós mesmos." (Jo. VI, 53).

Agora, pergunto eu: como não ter vida em si mesmo, se todos os ouvintes do iluminado nazareno estavam vivos, e bem vivos? E como o mirrado corpo de um asceta, como Jesus, poderia alimentar eternamente os seus adeptos? Não; Jesus jamais diria tão absurda incongruência! Que haja primitivos simiescos e antropófagos que devoram, no campo de combate, o mais valente adversário na ilusão de que, com a ingestão do bravo, absorverão bravura é façanha da qual não duvido. Mas que Jesus, o Espírito mais perfeito que, até hoje, encarnou na Terra, houvesse pretendido transformar

seus sectários em glutões antropófagos ou, pior ainda, em soezes teófagos em busca de salvação é consumada asneira, da qual duvido e faço pouco.

Aliás, o próprio contexto bíblico dirime a questão. Lá está, claramente dito, que o próprio Mestre galileu afirmou, estribado nos fatos e na lógica, que “é o Espírito que vivifica; a carne nada aproveita” (Jo. VI, 63). Notem bem: a carne nada aproveita. Ora, se a carne nada aproveita, como poderia Jesus ter assegurado que, com sua carne e com o seu sangue, transmitiria vida eterna? Além disso, completando seu pensamento, o Mestre acrescentou: “As palavras que eu vos tenho dito são espírito e vida.” (Jo. VI, 63).

Logo, era com suas palavras, com sua doutrinação e, conseqüentemente, com a correção moral de seus ouvintes e, principalmente, de seus discípulos que o Mestre prometia a conquista da “vida eterna”, isto é, a libertação do ciclo purgatorial das reencarnações purificadoras da vida terrena e, finalmente, o ingresso em planos de felicidade distribuídos no roteiro da vida eterna.

De resto, depois de Jesus ter dito que a carne nada aproveita e que o seu ensino era “espírito e vida”, força é repelir, como refalsada mentira, o horripilante conselho que, na inventada ceia pascal, privativa de judeus, se lhe atribuiu, pois mentecapto estaria se, figurados no pão e no vinho, houvesse ordenado aos discípulos que lhe comessem o corpo e lhe bebessem o sangue! Máxime porque, como “iniciado” essênio, de modo algum, Jesus beberia vinho ou qualquer outra bebida alcoólica. E a prova foi que, pregado na cruz e torturado pela sede resultante das hemorragias, Jesus, por duas vezes, recusou terminantemente as beberagens que se lhe ofereceram, exatamente porque ambas continham álcool!

Não há estranhar. Desde os tempos dos patriarcas, o nazireu, médium que se consagrava a Deus, não cortava os cabelos, nem bebia produto da uva. Era lei do nazireato (Nm. VI, 1 ss).

Na SEPE, Sociedade que tenho a honra de presidir desde sua fundação, em 1949, a disciplina da iniciação não se compara à da comunidade do Qumrân, na qual Jesus fora educado e “iniciado” mas, nela, todas as bebidas alcoólicas são interditas aos médiuns. Não seria, pois, Jesus quem iria postergar esse postulado de sua iniciação.

Por outro lado, Jesus jamais cometeria a sandice de oferecer-se em holocausto para anular as dívidas morais da humanidade pecadora. E a prova é que, ao contestar os fariseus, o Mestre invocou o testemunho de um profeta (Os. VI-6) para obtemperar-lhes que Deus quer misericórdia e não holocaustos! (Mt. IX, 13). Donde se conclui que Jesus não ofertou seu sangue para selar “nova aliança” com Deus, a fim de remir pecados alheios — fato que equivaleria a condenável suicídio!

De resto, antes do iluminado galileu, outro profeta de menor porte, Ezequiel, já havia ensinado, com toda razão, que “o filho não paga pela iniquidade do pai, nem o pai pela iniquidade do filho; e que a justiça mereci-

da pelo justo cairá sobre ele, assim como a maldade do perverso recairá sobre ele” (Ez. XVIII, 20). Vale dizer que a responsabilidade pelos erros praticados é pessoal e intransferível; ninguém pode pagar por ninguém. Por que motivo então Jesus deveria servir de bode expiatório, para dirimir absurda culpa dos que acreditaram na palavra de Deus, quando lhes ordenou: “Crescei e multiplicai-vos!” De mais a mais, se a humanidade infringiu leis divinas e cometeu numerosos desatinos, que impuseram a intercessão de Jesus, a culpa, *prima facie*, é de Deus, que criou os Espíritos imperfeitos e, portanto, falíveis. Sem embargo, o Criador está exculpado *a priori*, porquanto lhes concedeu, como compensação, a eternidade para evoluírem e conquistarem definitiva felicidade!

Como justificar-se, pois, a “nova aliança de sangue” com sacrifício do mais perfeito Espírito encarnado na Terra, se Deus não é vampiro e rege nosso planeta com justiça inspirada no amor e regulada por sábia lei de causalidade moral, em face da qual méritos e deméritos são imparcialmente computados?

Não; Jesus não encarnou para obter o perdão do Criador em favor dos pecadores, à custa de sua crudelíssima crucificação: encarnou, muito ao contrário, para incentivar, com sua doutrina e, principalmente, com seu exemplo, a resignação dos Espíritos sofredores e a correção dos Espíritos malfeitores!

Na verdade, o Espírito que atenta, não contra o Criador, porque os erros do finito não afetam o infinito, mas contra as leis divinas, recebe, automaticamente, a resposta adequada nos sofrimentos que, para si mesmo, acarreta. Em suma: a vida escreve e o tempo corrige; e Deus aguarda, pacientemente, a evolução de suas criaturas.

Entrementes, ao reformular o mosaísmo faccioso e vingativo, Jesus entremostrou-nos um Deus onisciente, onipotente e infinitamente bom e justo; e o Neo-espiritismo, rasgando o véu do mistério, revelou-nos a presença do Criador no Fluido Cósmico Universal, presente, como radiação do seu pensamento criador, em tudo que existe em a natureza, não só em nosso pequeno planeta, como em todas as galáxias e astros extragalácticos, até confundir-se com o Infinito!

De resto, é importantíssimo lembrar que, para cumprir fielmente a honrosa missão que lhe fora confiada por Espíritos superiores, intérpretes da vontade divina, Jesus assumiu a liderança religiosa de nosso planeta, e para o êxito de seu compromisso o Mestre nazareno não mediou sacrifícios. Sacrificou todo conforto, com voto de pobreza; sacrificou o prazer da mesa, alimentando-se frugalmente, apenas com sopa de legumes e pão, como todo iniciado essencial; sacrificou o prazer sexual, com voto de total abstinência para máxima poupança dos fluidos da mediunidade, que circulam no perispírito e irradiam-se por todo o sistema nervoso; sacrificou, enfim, a própria vida para não negar a Verdade. Renunciou à luta pela vida e pela con-

quista de bens materiais, porque “não se pode servir a Deus e às riquezas” (Mt. VI, 24). Noutras palavras: “onde está teu tesouro, está teu coração.” (Lc. XII, 34). De modo que o “amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” (I Tm. VI, 10). Renunciou, outrossim, ao prazer sexual em favor da mediunidade curadora, e justificou: “Há eunucos, que foram castrados por maldade; mas há outros que se fizeram eunucos por devoção ao reino dos céus.” (Mt. XIX, 12).

Jesus perdeu, voluntariamente, a potência sexual no processo de desenvolvimento de sua assombrosa mediunidade curadora. Ato de heróico altruísmo. Contudo, o maior heroísmo foi sua opção pela crucificação quando se viu só, pela covardia da maioria dos discípulos, antes de ter escrito sua doutrina, e chegou à conclusão que uma morte tranqüila, por velhice, sem impacto social, ficaria despercebida por seus contemporâneos e, até, por seus conterrâneos! Com isso, perder-se-ia toda uma vida consagrada ao ensinamento dos “mistérios do reino de Deus”, fato desastroso para a humanidade, que perduraria sem qualquer incentivo à confraternização mundial — fato que somente agora, com o evento do Neo-espiritismo, deverá empolgar toda a população da Terra, unindo entre si não só os Espíritos encarnados como os Espíritos desencarnados, para maior harmonia entre o plano terreno e o plano espiritual. Nesse dia, ainda aguardado por Jesus, só haverá Amor e Paz na Terra!

JESUS, DEUS OU HOMEM?

A fascinação pela verdade, a convicção da existência de um Criador infinitamente poderoso, sábio e justo, a veneração pelo iluminado profeta Jesus de Nazaré e a preocupação com os colossais valores de nossa civilização, ameaçados com provável guerra atômica, obrigam-me a interromper a seqüência de artigos hebdomadários escritos em defesa dos médiuns e dos cientistas pioneiros, que observaram e atestaram a veracidade dos fenômenos espíritas, para reivindicar, mais uma vez, a verdadeira personalidade do incomparável Mestre galileu e de seu incontrastável papel histórico!

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que a divindade de Jesus jamais fora proclamada por ele próprio e, muito menos, reconhecida por seus contemporâneos. Os próprios contrerrâneos e, até, sua família, ao menosprezarem-no como Mestre e ao repulsarem sua sublime missão, repudiaram, implicitamente, sua divindade. De resto, em Nazaré, sua cidade natal, não se reconheceu motivo algum para excepcional consideração ao filho de José, modesto carpinteiro. Nem sua educação pelos ascetas essênios da comunidade do Qumrân e o grau de Mestre que alcançou em sua iniciação lhe granjearam o esperado prestígio, quando, um dia, retornou ao local onde nascera e vivera até os oito anos de idade. Ao contrário, o cepticismo de uns e a perplexidade de outros, cercaram-no de interrogações: “Não é este o filho do carpinteiro; Não se chama Maria a sua mãe? E seus irmãos não são Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Onde lhe vem, pois, tudo isso?” (Mt. XIII, 54-56).

É evidente que, no caso, “tudo isso” significa pregações feitas e curas realizadas; e o menoscabo de uns e o espanto de outros caracterizam a mentalidade tacanha dos habitantes das vilas do interior. Sai um filho da terra para estudar na metrópole. Decorridos alguns anos, regressa ao lar paterno munido de diploma universitário. Médico que seja, pouco valor terá. Toda gente o conheceu garoto e tratou-o com intimidade. Era o filho de fulano e, como filho de fulano, continuará. Por isso, duvidam que possa curar; e se as curas se sucederem, foi mera coincidência. O bom doutor vem de fora, com infância desconhecida...

Ora, Jesus, como Mestre e como médium, sofreu idêntica decepção, tamanha a frieza com que fora recebido em Nazaré. “E não fez ali muitos milagres por causa da incredulidade geral.” (Mt. XIII, 58). Por isso, desabafou-se: “Um profeta não é desprezado senão em sua terra, entre seus parentes, na própria família.” (Mc. VI, 4).

Mas o pior foi que não houve, apenas, desprezo — houve represálias. A família, a mãe e os irmãos, escudada na ridícula acusação dos fariseus, que atribuíram as prédicas e as curas de Jesus à colaboração de Belzebu, foi

ao seu encaço para seqüestrá-lo. “E quando os parentes de Jesus ouviram isto (que ele estava possesso por Belzebu), ficaram convictos de que o Mestre estava ‘fora de si’.” (Mc. III, 21-22).

Em face do absurdo, Jesus, com grande pesar, viu confirmado, na prática, um dos postulados da iniciação: a família terrena é efêmero agrupamento, seja de Espíritos afins, que, com sincero amor fraterno, mutuamente se ajudam a vencer as provações programadas para cada membro do conjunto família; seja de Espíritos hostis, que, entre si, se atritam para lapidarem seus defeitos e desenvolverem a tolerância, a fim de resgatarem as dívidas morais contraídas em anteriores encarnações. A verdadeira família é a espiritual, na qual se reúnem Espíritos fortemente ligados por acrisolado amor fraterno e desejosos de conquistarem um ideal comum. Com esse sentimento e com essa aspiração, os Espíritos estarão permanentemente vinculados na cadeia das existências sucessivas, umas encarnadas, outras desencarnadas, todas contribuindo para maior perfeição e, por conseqüência, para maior felicidade!

Grande iniciado, Jesus conhecia perfeitamente a finalidade espiritual da constituição das famílias terrenas. Sem embargo, Espírito extremamente bondoso e profundamente amoroso, Jesus não deixou de sofrer violento impacto e tremenda decepção com o esdrúxulo comportamento da família. Por isso, quando estava a doutrinar pequeno grupo de discípulos, abrigado dentro de modesta casa, e lá “chegaram sua mãe, seus irmãos e suas irmãs e, tendo ficado do lado de fora, mandaram chamá-lo”. Mal ouviu o recado, Jesus foi peremptório: “Quem é minha mãe e meus irmãos?” Em seguida, correndo o olhar pelos que o cercavam, sentenciou: — “Eis minha mãe e meus irmãos, porquanto, quem quer que faça a vontade de Deus (e siga os meus ensinamentos) esse é meu irmão, minha irmã, minha mãe.” (Mc. III, 31-35).

Como se vê, não há, no contexto dos *Evangelhos*, únicos documentos provavelmente válidos, a despeito de arbitrárias modificações e de capciosas interpolações, nada, absolutamente nada que induza a suspeitar que a família de Jesus, inclusive sua própria mãe, o considerasse autêntico Deus. Ao contrário, até como profeta missionário, seus quatro irmãos o repudiaram e desafiaram-no a enfrentar, em Jerusalém, a ira dos fariseus e a vindita do Sinédrio (Jo. VII, 1-5).

Incompreendido em vida pela própria família, Jesus, depois de execrável desencarnação, permaneceu, até hoje, com sua marcante personalidade falseada por um núcleo de ambiciosos cristãos que lutaram ferozmente para transformar o cristianismo — doutrina de fraternidade e renúncia — em poderosa e intolerante teocracia internacional — a Igreja Católica — cuja desmedida cupidez a induziu ao absurdo de forçar, no Concílio de Nicéia, a decretação da divindade de Jesus e a arrogar a si o direito de herdeira de Deus!

Aliás, repudiada por vários Concílios, a divindade de Jesus só saiu vencedora, e, mesmo assim, pela ridícula maioria de, apenas, um voto, em face da terrível ameaça do Papa de privar de alimento e de água os membros do Consistório, até que eles aprovassem a divindade do portentoso profeta nazareno!

Tudo diz que o columbino “Espírito Santo”, envergonhado com a farsa, se absteve de votar. Mas, é de ver que, nas correntes antagônicas, estavam comprometidos proeminentes representantes da hierarquia eclesiástica; razão suficiente para que o Espírito-Pomba ficasse neutro. De toda forma, por causa da deificação de Jesus, durante alguns séculos, os Bispos mutuamente excomungaram-se e foram enquadrados como hereges. Contudo, para evitar revolver o lixo do passado, deixo à margem a inglória luta contra o arianismo, que se rebelou, com toda razão, contra a mistificação da divindade de Jesus e a teratológica Trindade de Deus; luta que, a despeito do envenenamento de Ario e do ataque a suas igrejas, durou cerca de quatrocentos anos, durante os quais lumináres da Igreja Católica se digladiaram, até que, finalmente, venceu o ardil político com a truculência de Teodoro e a covardia de Ariberto I.

Sem embargo, Jesus, com suas próprias palavras, mil vezes desmentiu sua divindade e afirmou sua subordinação ao Criador. Eis a prova: “Quem quer que me receba, recebe aquele que me enviou...” (Lc. IX, 48). E reafirma: “...porque eu vim de Deus... não vim *motu proprio* mas Ele me enviou.” (Jo. VIII, 42).

O esquipático dogma da Trindade impõe igualdade entre Jesus, o Filho, e o Pai, Deus. Entretanto, a simples assertiva: “aquele que me enviou” e, principalmente, esta: — “não vim por vontade própria”, significam, inofismavelmente, não só desigualdade como subordinação do Filho ao Pai. Com efeito, se Jesus fosse Deus, não falaria como enviado de Deus: falaria como o próprio Criador. Caso contrário, teria de considerar-se como enviado de si mesmo!

Como se colhe, Jesus armou uma proporção: os discípulos estavam para ele como ele estava para Deus. Proporcionalidade, nunca igualdade. Ainda mais: Jesus coloca-se, modestamente, abaixo dos “santos anjos”, que nada mais são do que Espíritos dotados de intensa luminosidade pela perfeição que já conquistaram, pois anjo é pura invencionice do masdeísmo ou zoroastrismo, copiada por ingênuos adeptos do cristianismo incipiente!

Contrariamente aos apologistas da divindade do médium nazareno, Jesus em tempo algum se arvorou em Deus, ao contrário, no que concerne à chamada “escritura sagrada” o que está patente é que Jesus se considerava um “enviado de Deus” — nada mais.

E aqui está outra prova de que Jesus fora um Espírito enviado em missão. Ao dirigir-se aos discípulos, o Mestre afirmou: “E aquele que me despreza, despreza aquele que me enviou”, prova de que era portador duma mensagem remetida por um Espírito superior (Lc. X, 16). Portanto, nada faz suspeitar a divindade de Jesus; ao contrário, tudo o identifica como um homem normal, embora possuidor de suprema evolução, e, por isso mesmo, tão modesto que não se considerava bom. Eis a prova: quando um jovem muito rico foi ao seu encontro para consultá-lo como deveria proceder para “her-

dar a vida eterna”, iniciou a solicitação com a expressão — Bom Mestre. Incontinenti, Jesus atalhou-lhe a palavra e retificou: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um só, que é Deus.” (Mc. X, 17-18). Aqui, a distinção, feita pelo próprio Jesus, entre ele e Deus salta aos olhos!

Noutra ocasião, ameaçado pelos fariseus, Jesus justifica-se: “Mas agora procurais matar-me a mim que sou um homem que vos tenho dito a verdade.” (Jo. VIII, 40). Note-se: a palavra — homem — que figura no texto grego, foi escamoteada na tradução latina da *Vulgata*. Não é de admirar. O tradutor, S. Jerônimo, perplexo diante das contradições dos exemplares da “*Sagrada*” *Escritura*, tão diferentes entre si, prevenira ao Papa Damaso que os combinara como pôde — *ita calamo temperavimus*. Não importa. Mil frases de Jesus confirmam que ele nunca se julgou senão um emissário de Deus. E convicto de que a doutrina que aprendera com os Mestres essênios, enriquecida com os ensinamentos, que, por clariaudiência, recebera de seu Mentor e de outros Espíritos superiores na quietude de sua cela, era derradeira expressão da verdade divina, é compreensível que, ao pregar, se considerasse portador da palavra de Deus ou, o que dá no mesmo, do Verbo de Deus. Nesse sentido, o neoplatonismo de João, que escreveu seu Evangelho no meado do século II, poderia tê-lo induzido a asseverar: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós ...” (Jo. I, 14).

Sem embargo, de toda maneira, Jesus representaria, apenas, o Verbo de Deus e jamais o próprio Deus em pessoa; hipótese, aliás, desmentida pelo próprio Mestre galileu, que, depois de confessar — “meu Pai é maior do que eu” (Jo. XIV, 28) — afirmou, no que diz respeito a Deus: — “Vós nunca lhe ouvistes a voz, nem lhes vistas jamais o semblante...” (Jo. V, 37). Certíssimo. O Deus antropomorfo do *Velho Testamento*, com suas repugnantes “alianças de sangue”, poderia ter sido, quiçá, “Protetor” de um dos bizarros patriarcas de Israel, talvez do próprio Moisés. Mas, de qualquer forma, era Espírito atrasado, categorizado como vampiro, pois ainda exigia, à maneira de repelentes cultos africanos, “despachos com sangue” para “proteger” ou “limpar” os israelitas que se tornassem “imundos”! Conseqüentemente, tudo se resumia num pseudodeus. Por isso mesmo, atualmente, os hermeneutas da Teologia Radical, quando não o colocam precavidamente “entre parêntese” usam matá-lo para gáudio do marxismo!

Todavia, o Deus verdadeiro quem no-lo revelou, com sua onisciência, com sua onipotência, com sua infinita bondade e com sua justiça perfeita, foi, de fato, o Mestre dos Mestres — Jesus de Nazaré! Com este, Jesus, em tempo algum, pretendeu equiparar-se; ao contrário, a Ele humildemente sempre se subordinou e até nas ocasiões em que, por força de sua prodigiosa mediunidade, realizava curas aparentemente milagrosas, o maravilhoso médium nazareno reconhecia, agradecido, o amparo divino que, no momento, recebia por intermédio de seu Mentor e de muitos outros Espíritos benfeitores que o assistiam em sua árdua, embora gloriosa missão.

Haja vista a cura de Lázaro, estranhamente relatada por um único evangelista e, ainda assim, mais de cento e cinquenta anos após a espetacular ocorrência do fenômeno! Daí as incongruências do evangelista, com Jesus desdizendo-se a cada passo! Vou sintetizar, apenas, o que se me afigura verossímil, porque é lógico.

Jesus, alertado, por clariaudiência, a respeito das sinistras maquinações dos fariseus, com ele ressentidos desde que recusou a abjeta proposta do Sumo Sacerdote para cobrar as curas que fizesse e entregasse o produto integral ao Sinédrio, estava na mira de seus rancorosos adversários, prestes a capturá-lo, deliberou afastar-se de Jerusalém. Lázaro, seu amigo, adoeceu repentinamente. Suas irmãs enviaram mensageiro ao Mestre, pedindo-lhe urgente socorro. Mas, Jesus, ao receber o aflito recado, esclareceu aos discípulos sobre o problema: “Esta enfermidade não é de morte.” (Jo. XI, 4). Em seguida, confirmou: “Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou despertá-lo.” (Jo. XI, 11). E, imediatamente, passou a orar em favor do letárgico. Mas ainda protelou três dias, para resolver regressar a Betânia, onde residia Lázaro e as irmãs. Em lá chegando, o Mestre ouviu de Marta, já desalentada, a opinião de que o irmão já deveria estar cheirando mal, porquanto estava morto havia quatro dias. (Jo. XI, 39). Jesus limitou-se a concitá-la a ter confiança, e disse-lhe: “verás a glória de Deus.” Não lhe disse: verás minha glória, hipótese que se imporia se, acaso, o incomparável médium nazareno se considerasse Deus. Mas, convicto de que estava certo, quando afirmou que Lázaro apenas “adormecera” e, em sono letárgico permanecera, ordenou aos que rodeavam o túmulo que lhe levantassem a pedra que o tampava e desenfaixassem o “morto”. Arredada a pedra, Jesus, por sua hiperestesia mediúnica, sentiu a confirmação de que o caso era de letargia por Espiritopatia, isto é, por “atuação espiritual”, que pode aparentar, com perfeição, morte natural. Emocionado, Jesus levantou os olhos para o céu e disse: “Pai, graças te dou, porque me ouviste.” (Jo. XI, 41). E, sem tardança, despertou Lázaro, ordenando-lhe autoritariamente que abandonasse o túmulo!

Como está evidente, não houve ressurreição, milagre que, como todo milagre, nunca aconteceu, porque seria revogação de lei ou de leis divinas, que são absolutamente perfeitas e, por conseqüência, inamovíveis! Na realidade, houve apenas sensacional cura espiritual feita mercê do ímpar magnetismo do médium nazareno, com cooperação de numerosos Espíritos subordinados ao Mestre galileu e que afastaram compulsoriamente os Espíritos causadores da Espiritopatia letárgica.

O mesmo ocorreu com a filha de Jairo e o filho da viúva de Naim. Tudo fruto da mediunidade curadora de Jesus e da excepcional proteção que, por seus excelsos méritos, lhe dispensavam Espíritos de suprema hierarquia. Enfim, o mesmo fenômeno de sempre, repetido indefectivelmente quando as circunstâncias o justificam. Conseqüentemente, pelas curas maravilhosas que

fez, Jesus não se distinguiu como Deus; apresentou-se-nos, apenas, como médium e, com toda certeza, o mais representativo de todos os tempos, não só por seu excepcional valor moral, como por sua imensurável bondade. Contudo, a despeito de ter sido médium integérrimo — e mais do que médium, Mestre e Missionário — Jesus, à maneira de todo Espírito encarnado, fraquejou e só não fracassou porque, no momento da maior provação, apelou para a oração com todo o fervor!

Mas, sem dúvida, o fator decisivo no inesperado comportamento do Mestre no Getsêmani, foi a tremenda decepção que sofreu com os discípulos, acovardados uns, indiferentes outros, a ponto de cochilarem, no dramático momento em que eram aguardados disfarçados beaguins do Sinédrio para aprisioná-lo! É fora de dúvida que o compungia, profundamente, a frustração por lhe não sobrar tempo para terminar sua missão, tão açodados se mostravam em tirar-lhe a vida os fariseus mancomunados com os sobas do Sinédrio! Pois, a morte não na temia, porque, como iniciado essênio, saberia arrostá-la com ufania, sorrindo. Nem se abateu com a injusta conjuração dos fariseus, máxime dos sacerdotes, todos eles envenenados pelo despeito e pelo temor da concorrência das curas gratuitas de Jesus, que dispensavam onerosas ofertas e dispendiosos holocaustos vendidos no templo, e atraíam multidões de enfermos em busca de cura para males incurados, que, debelados, conquistariam novos prosélitos para a doutrina do prodigioso médium galileu, em detrimento do mosaísmo. Daí a ojeriza dos sectários de Moisés pelo extraordinário médium da Galiléia, razão por que, sempre que se via forçado à incursão em Jerusalém, núcleo de seus mais temíveis adversários, Jesus, ao entardecer, recolhia-se ao Jardim das Oliveiras ou Getsêmani, protegendo-se com a penumbra vespéral ou, quando retardava, com a treva noturna. E foi, com efeito, para lá que se dirigiu, quando, presente em Jerusalém, “ouviu” por clariaudiência, o conselho de seu Mentor, no sentido de esconder-se porquanto seus inimigos estavam tramando como prendê-lo e matá-lo!

Era óbvio que o local preferido em tais circunstâncias deveria ser o menos suspeitado por seus verdugos — Getsêmani. Obediente, como sempre, aos Espíritos que o protegiam incessantemente, partiu sem demora para o discreto jardim. Em lá chegando, ainda com o sinistro aviso de seu Mentor a vibrar-lhe na mente, sentiu-se acovardado, com receio de morte precoce e mutilação de seus ensinamentos em benefício da humanidade, antes que tivesse tempo de preparar um discípulo para substituí-lo. Por isso, apelou para os discípulos que levava com ele, esperando que, convictos, orassem e formassem uma “corrente” de fluidos, na qual os inúmeros Protetores de Jesus, que já se haviam arregimentado, encontrassem forte energia para dominarem e afastarem os fariseus que caminhavam ao encalço do inocente e inofensivo Mestre nazareno. Mas, não obstante, a incisiva advertência de

Jesus para que “orassem e vigiassem” afirm de não se acovardarem e do exemplo do Mestre, que, de rosto prostrado ao solo orou e suou sangue, Pedro, Tiago e João, não tiveram a devida elevação e, por isso, foram atuados por Espíritos inimigos da Verdade, que os adormeceram, para impedir a formação da “corrente” necessária à defesa do Mestre visado (Mt. XXVI, 37-46; Mc. XIV, 32-42; Lc. XXII, 39-44).

Abatido com o péssimo comportamento dos três discípulos escolhidos, justamente no momento decisivo para seu destino, Jesus continuou a orar fervorosamente, buscando forças com os amigos desencarnados, até que “ouviu” seu Mentor concitando-o ao autodomínio, porquanto, ainda que os Protetores não contassem com uma quota de fluidos suficiente para defendê-lo e evitar sua condenação, jamais seria abandonado e, depois de desencarnado, prosseguiria em sua missão de líder religioso, com ajuda de incontáveis Espíritos amicíssimos. Ao “ouvir” o lamentável vaticínio do supremo Protetor, humildemente conformou-se com a desgraça e enfrentou serenamente todas as torpezas dos cruéis sicários que o levaram à crucificação e, desta forma, privaram a humanidade do convívio com seu grande Instrutor; embora, depois do tumultuado julgamento a deslocar-se entre Herodes, o Tetrarca da Galiléia, e Pôncio Pilatos, o Procônsul romano, sob a batuta do Sumo Sacerdote, oculto covardemente no proscênio do terrível drama, o próprio nazareno haja concordado com seu Mentor que, para maior repercussão na posteridade, seria mais proveitosa a infâmia de sua crucificação do que sua sobrevivência, com a palavra amordaçada. Dessa confabulação, o epílogo foi o drama do Gólgota!

Todos os fatos aqui relatados, e que não figuram nos *Evangelhos*, me foram revelados pelos Mestres que me ministraram os postulados do Neo-espiritismo: doutrina que tem a seu favor a prova de fatos de observação, reforçada, em muitos casos, com experimentos inquestionáveis, além da lógica de seus princípios básicos, de tal modo que o neo-espírita convicto não crê, sabe que os postulados de sua filosofia religiosa constituem a mais autêntica expressão da verdade divina, até ao presente revelada aos Espíritos terráqueos encarnados, acrescidos de muitíssimos Espíritos desencarnados desejosos de maior conhecimento acerca dos “mistérios do reino de Deus”, por enquanto apanágio de raros iniciados!

No entanto, dadas as dúvidas existentes entre judeus e, sobretudo, entre saduceus, que sempre negaram a sobrevivência, Jesus, pouco depois de expirar na cruz, sentiu-se no dever de eliminar o cepticismo e confirmar, pessoalmente, não só a sobrevivência como a comunicação entre Espíritos desencarnados e Espíritos encarnados, privilégio da mediunidade, e, também, entre Espíritos encarnados e Espíritos desencarnados, prerrogativa da oração.

Para atingir o objetivo em mira, Jesus valeu-se da “vidência” ou metáfora de seus próprios discípulos, a principiar por Maria Madalena, dotada

de rara sensibilidade mediúnica; dias após, incrementou a evidência da prova: materializou-se como se encarnado ainda se encontrasse! Para tamanho prodígio, Jesus utilizou abundante quota de fluido vital retirada do perispírito de seus discípulos, ocultamente reunidos para confabularem sobre o rumo a tomar sem a direção do Mestre barbaramente sacrificado. A materialização foi tão perfeita que o Mestre pôde dirimir a dúvida de Tomé, vacilante em relação à sua sobrevivência (Jo. XX, 26 e ss). É de ver que, não obstante a estupenda manifestação desses assombrosos fenômenos, nenhum discípulo, em momento algum o considerou Deus. Aliás, com razão; pois o próprio Jesus, ao desencarnar, não fizera comovente apelo a Deus, interrogando-o nestes termos: “Eli, Eli, lamá sabactâni?” — “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt. XXVII, 46). Donde se colhe que, se Jesus fosse Deus, teria apelado, absurdamente, para si mesmo! E, no encontro póstumo com Maria Madalena, que lhe recomendara Jesus? O seguinte: “Não me toques! Porque ainda não subi para meu Pai; mas vai ter com meus irmãos e dize-lhes que vou subir para meu Pai e vosso Pai, para ‘meu Deus’ e ‘vosso Deus’.” (Jo. XX, 17). A razão do pedido de Jesus a Maria Madalena foi que o Espírito de Jesus, recém-desencarnado e com o “corpo espiritual” protegido por sensibílimo perispírito não poderia ter contato com o corpo físico, fosse de quem fosse, sem sofrer violento impacto! Contudo, o fato não significa que Jesus era Deus, nem que houvesse ressuscitado, porque, do homem, o que, de fato, ressuscita é o Espírito eterno.

Eis as opiniões e os conceitos de alguns discípulos: para Pedro, Jesus continuou sendo “varão aprovado por Deus com virtudes e prodígios” (At. II, 22); e para Lucas “um profeta poderoso” (Lc. XXIV, 19).

Na verdade, Jesus é, como afirmam os Mestres que me revelaram o Neo-espiritismo, o supremo líder religioso de nosso planeta e, por isso, continua em incessante labuta para ampliar a veneração pelo Criador do Universo e para estabelecer definitivamente a fraternidade entre todos os Espíritos terráqueos não só encarnados como desencarnados, façanha que apresentará, outrossim, a evolução da Terra, com maior ascensão na hierarquia dos planetas, que rodopiam em diferentes galáxias, sob o impulso do infinito amor de Deus!

JESUS NASCEU NUMA ESTREBARIA?

Em defesa da dignidade de Jesus, Espírito Missionário, que, em última encarnação, veio à Terra na posição de Instrutor da humanidade, para retificar o mosaísmo e proclamar nova revelação divina, urge desmascarar a mistificação concertada em derredor de seu nascimento.

Todavia, para que se me não acuse de parcialidade, valer-me-ei, para argumentar, dos próprios textos bíblicos. Por isso, dou a palavra ao evangelista: — “Naqueles dias, saiu um edito de César Augusto para ser recenseado todo o Império. Este recenseamento é o primeiro que se fez enquanto Quirino era governador da Síria. E todos iam registrar-se cada qual à sua própria cidade. Também José, portanto, subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, até a Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, sendo ele da casa e da linhagem de Davi, a fim de registrar-se com Maria, sua esposa, que se achava grávida. E, enquanto eles ali se encontravam, completou-se para ela o tempo da gestação, e deu à luz o seu filho primogênito, que envolveu em faixas e deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.” (Lc. II,1-7).

Aí está *ipsis litteris*, em estilo estropiado, a tradução da *Vulgata* que figura na *Bíblia* corrigida pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma (Ed. Paulinas, 1967).

Com todo o desconchavo, porém, o contexto não conseguiu esconder a simulação. A inautenticidade está palpável. A interpolação ficou com o rabo de fora. Não há provas históricas de que Públio Sulpício Quirinus, Cônsul romano, nascido em Lanúvio, alguns lustros antes de nossa Era e, depois de vitorioso em Tauro, nomeado governador da Síria, haja mandado realizar mais de um recenseamento. Ao contrário, a inscrição que deu origem à propositada confusão, era comprovadamente falsa, como demonstrou Renan. Logo, não faz sentido dizer que “este é o primeiro recenseamento que se fez enquanto Quirino era governador da Síria”, conforme está em Lucas.

A finalidade, logo se vê, era alterar a cronologia histórica, recuando o recenseamento para fazê-lo coincidir com a data do nascimento de Jesus.

Contudo, o fato irremovível é que o recenseamento ordenado por César Augusto efetuou-se depois da deposição de Arquelau, no ano 37 da Era do Actium, um decênio após a morte de Herodes, o Grande. Por conseqüência, se Jesus nasceu sob o governo de Herodes, força é concluir que, na época do recenseamento, o Jovem nazareno já estava, no mínimo, com dez anos de idade! Vale dizer que a Era Cristã iniciou-se, no mínimo, um decênio antes da época geralmente admitida.

Cumpra ainda assinalar que o recenseamento ordenado por César Augusto não abrangeu senão os territórios convertidos em províncias romanas e, conseqüentemente, com exclusão das tetrarquias — caso da Galiléia, onde residiam José e Maria.

Em verdade, os textos pelos quais se pretendem encontrar provas de que algumas operações de estatística e de cadastro ordenadas por Augusto se estenderam aos domínios de Herodes ou não traduzem o que deles se quer deduzir, ou são de autores cristãos, que se estribaram em duvidosas assertivas do evangelho de Lucas (*História Universal do Instituto de França*, 1909, Vol. 2, pág. 386, no rodapé. Tradução de Blasco Ibañez).

De toda forma, de acordo com os relatos de Mateus e de Lucas, com omissão de Marcos e de João, à época do recenseamento Jesus contava pelo menos dez anos de idade. De modo que, não obstante o erro perpetrado, quiçá voluntariamente, pelo Papa Dionísio, o Menor, no século VI, erro que acarretou, para o atual calendário, um atraso de quatro anos em relação à data exata do nascimento de Jesus, ainda assim, sobriariam seis anos para marcarem a idade do primogênito do casal José e Maria, quando se processou o recenseamento na Síria e não na Galiléia.

Como se infere, o de que se não pode duvidar é que o nascimento de Jesus não coincidiu com nenhum recenseamento. Portanto, não havia motivo algum para a viagem do casal nazareno a Belém. Mas ainda que admitamos, por absurdo, que haja havido recenseamento na Palestina, é, de todo em todo, inadmissível a imposição de que o recenseamento fosse feito nas cidades onde residiram os ancestrais dos recenseados, fato que obrigaria José, pretendo descendente de Davi, a viajar da Galiléia para a Judéia ou, mais explicitamente, de Nazaré para Belém; ao passo que Maria, destituída de vínculo com Davi e, muito menos, com a “cidade de Davi” estava obrigada, pelo hipotético recenseamento, a registrar-se na cidade em que vivia — Nazaré. Dedução lógica: absurda separação de um casal feliz, a fim de que o marido, em longa e penosa viagem, reatasse laços de parentesco com milenares ancestrais!

Todavia, tamanho disparate só teria cabimento se o casal se visse obrigado a participar, por força de um edito imperial, do famigerado recenseamento, fato que não ocorreu, porquanto o edito de César excluía as tetrarquias, como a da Galiléia. Portanto, independentemente da data do nascimento de Jesus, o casal José-Maria, no que diz respeito ao recenseamento ordenado por Quirino, nada teria a fazer em Belém.

E se, porventura, o edito de César incluísse a Palestina, quem o executaria seria Arquelau, herdeiro de Herodes, governando com o título de etnarca; ou Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia, ambos docilmente submissos à autoridade romana — e nunca Quirino, como afirma o evangelista. Conseqüentemente, a estória da acidentada viagem de Maria, nos derradeiros dias de gestação, é pura ficção.

Mas o pior foi que, com roubar a Jesus a cidadania nazarena e, em troca, dar-lhe a belemita, tudo para enquadrá-lo na profecia de Miquéias (Mq. V,2), acabaram por metê-lo, com pai e mãe, num infecto curral, cercado de quadrúpedes! E, para maior escárnio ao iluminado instrutor da humanidade, adeptos de diferentes seitas continuam, ingenuamente, a colocá-lo no presépio, sinônimo de estábulo!

Nesse mistifório todo, se ao hermeneuta coube a cavilação da alteração da data do nascimento de Jesus, ao evangelista tocou a insensatez de colocá-lo numa manjedoura!

Todavia, ao escriba se lhe releva a gafe, de vez que errara por ignorância; mas ao teólogo, não se lhe desculpa o erro, porque foi deliberadamente consumado, para enquadrar Jesus no messianismo judaico!

Na verdade, o memoralista Lucas não conhecera Jesus, nem privara com seus discípulos. Desconhecia, por falta de “iniciação”, que um Mestre, como Jesus jamais poderia ter nascido numa estrebaria!

Como é notório, Lucas foi discípulo de Paulo. Ora, Paulo fora inimigo de Jesus, perseguidor dos cristãos e co-autor da morte de Estevão, que, de todos, seria, sem dúvida, o melhor discípulo de Jesus. Nenhum, como ele, sentiu a grandeza moral de Jesus. Como ele, nenhum compreendeu a sublimidade da doutrina do profeta nazareno.

De modo que, com sua convicção, com sua coragem e com sua valiosa mediunidade, Estevão estava predestinado a ser o arauto do verdadeiro cristianismo. Por isso, enquanto era barbaramente lapidado, teve o consolo de ver, a seu lado, o Espírito iluminado de Jesus!

Não importa que, mais tarde, nos toques e retoques dados à *Bíblia*, os teólogos hajam inventado, para Estevão, uma visão celestial mais ortodoxa. O que importa é que, na hora em que lhe esmagavam, a pedradas, o corpo carnal, Jesus, amorosamente, veio abraçar-lhe o “corpo espiritual”. Isso prova seus méritos e agrava o erro de Paulo, que deveria ser seu futuro cunhado e que, podendo salvá-lo, por fanatismo, omitiu-se covardemente.

Apesar disso, foi o abnegado Espírito de Estevão que, com aparência de Jesus, o converteu, na estrada de Damasco!

De fato, Jesus, em virtude da luminosíssima pureza de seu corpo espiritual, teria imensa dificuldade e graves prejuízos, se tentasse mediunizar Paulo, fariseu intolerante a bufar de ódio contra os cristãos! Máxime quando Paulo, impulsionado pela vingança, palmilhava a estrada de Damasco ao encalço de vítimas indefesas do ódio do Sinédrio.

Mas, para salvar os inocentes, urgia interceptar-lhes os passos a qualquer preço.

Ora, Estevão possuía, em seu perispírito, apreciável quota de “fluido vital” de Paulo, com quem conviveu, quando lhe namorava a irmã. Em consequência disso, Estevão teria maior facilidade que Jesus em sintonizar-se, na mediunização, com Paulo.

Aliás, todo “iniciado” sabe que, quando um médium possui consigo “fluidos” perispirituais de um Espírito já desencarnado, com o qual conviveu, tem muito maior facilidade em “vê-lo e ouvi-lo” do que a qualquer outro Espírito.

A recíproca também é verdadeira. Quando um Espírito, ao desencarnar, leva, no perispírito, uma quota de fluido vital de determinadas pessoas com as quais conviveu, pode induzi-las ao transe com maior facilidade.

Por isso, são mais comuns, nos médiuns “não desenvolvidos” as manifestações de parentes e de amigos íntimos.

Os Espíritos desconhecidos do médium não lhe rompem a barreira vibratória do perispírito a não ser em casos excepcionais — fato que não ocorre, no entanto, nos médiuns “desenvolvidos”, com o perispírito já preparado para sintonizar-se com o perispírito de qualquer Espírito, desde que haja consentimento do Protetor que o desenvolveu.

Ora, Jesus, pela pureza e sutileza de seu perispírito, não poderia sintonizar-se senão com aqueles que com ele conviveram, e com os quais tivera vínculo doutrinal e afinidade espiritual. Pôde aparecer aos discípulos que eram “videntes”; e, com o ectoplasma dos apóstolos, máxime de Pedro, que era médium de efeitos físicos, pôde, até, materializar-se.

Todavia, aos estranhos não se lhes poderia manifestar; e, muito menos, materializar-se com os “fluidos” do perispírito deles.

Aliás, o problema dos “fluidos” e o da afinidade espiritual ficaram patentes na aparição a Maria Madalena. Médium sensível, curada por Jesus de violenta Espiritopatia, Madalena, mulher de vida airada, regenerou-se com as prédicas do Mestre e, por sincera gratidão, dedicou-lhe entranhado amor fraternal. Por isso, mal desencarnou, Jesus conseguiu mediunizá-la para que ela pudesse “vê-lo” e “ouvir-lhe” a primeira mensagem póstuma. Ao passo que, com os outros discípulos, foi mister maior interregno. Com eles, a sintonização foi mais difícil, porque não havia tanta sensibilidade mediúnica e, talvez, não houvesse tanto amor!

Tudo isso vem a pêlo apenas para explicar por que, na estrada de Damasco, foi o Espírito de Estevão, e não o Espírito de Jesus que apareceu a Paulo. Missão fácil a Estevão e difícilima a Jesus, compreende-se que, com prévio consentimento do Mestre, tenha sido lícito ao discípulo tomar-lhe a aparência terrena para sustar a marcha do verdugo e salvar os cristãos visados.

O Neo-espiritismo sanciona esse mimetismo sublimado, a serviço da caridade. Entre Espíritos afins, que lutam pelos mesmos ideais e trabalham para a consecução de idênticos objetivos, não há emulação. O lema é — um por todos e todos por um! No caso, Jesus e Estevão tinham a mesmíssima finalidade — salvar os cristãos de Damasco.

E tão radiosa foi a “aparição” e tão violento o impacto emocional, que, estarrecido, Paulo tombou ao solo, hipotônico e cego! E, para maior humilhação, só se curou com a “imposição das mãos” de Ananias, cujo nome estava no rol das próximas vítimas, visadas por Paulo, a serviço do Sinédrio. Destarte, Paulo sentiu, na própria carne, o valor de um cristão autêntico, a serviço dos Espíritos curadores. Pouco depois, comovido com sua cura, empolgado com a apologia de Ananias a Jesus, Paulo converteu-se lá mesmo em Damasco.

Mas, iludido por fértil imaginação, Paulo concebeu um Jesus Cristo paradoxal. Com antecedência de mais de 150 anos, ganhou de João, o retardatário evangelista de Éfeso, a ingloria corrida para transformar Jesus num monstro, simultaneamente homem e Deus!

Não contente com isso, Paulo esparramou pelo mundo um cristianismo *sui generis*, cujos postulados, obumbrados por fantasmagóricas alegorias, foram fixados nas Epístolas contraditórias que se lhe atribuem atualmente. Foi dessa maneira que Jesus, de Instrutor da humanidade, se tornou o mediano universal e, em detrimento do Criador, detentor perpétuo da salvação da humanidade!

Cometeu-se, assim, grave injustiça contra os demais Espíritos missionários, como Buda, os quais, muito antes de Jesus, reencarnaram com compromisso de divulgarem novas faixas da incessante revelação das verdades divinas. E, pior que isso, Paulo minimizou o verdadeiro Deus, que, a despeito de ser o criador e o mantenedor do Universo, ficou reduzido a insignificante títere, cuja justiça só se movimenta com o pistolão de Jesus!

Ora, com tão estrábica visão da personalidade do Mestre nazareno e tão absurda conceituação de Deus, não é de admirar que o materialismo ateu haja invadido o mundo!

Admito que haja quem ame a Jesus tanto quanto eu, mais do que eu, não, mil vezes não! Contudo, é preciso convir que a distância entre um homem, embora tão perfeito quanto Jesus, e o Criador do Universo é tremendamente infinita! Exaltar, pois, a Jesus e, ao mesmo passo, apoucar Deus, não é maneira de engrandecer a Jesus, porque é intolerável ofensa ao Supremo Criador!

De resto, é profundamente lamentável que Jesus, além de não ter sido valorizado como incomparável Mestre, ainda haja sido, paradoxalmente, convertido, depois de sua desencarnação, em deus fracassado; pois, a despeito das admiráveis curas que realizou e dos inestimáveis ensinamentos que ministrou, não conseguiu converter senão um número desprezível dos que exploraram sua maravilhosa mediunidade. Por isso, o mundo, não obstante ter tido colossal progresso material, moralmente pouco se modificou.

Na verdade, Jesus não conseguiu evitar que, ao invés da fraternidade por ele pregada e exemplificada, o egoísmo, a rivalidade, o ódio, a vingança e as guerras, com indescritíveis crueldades, continuassem a imperar na Terra!

Entretanto, se Jesus fosse Deus e, por conseqüência, onipotente, não se compreenderia por que, havendo estipulado, como norma de conduta, o amor fraternal “até aos inimigos” não houvesse conseguido, com sua palavra, seu exemplo e sua força moral, transformar os homens, para transformar o mundo!

Além disso, força é reconhecer que, depois de ignominiosa crucificação, Jesus, como Espírito desencarnado, não pôde amparar nem aos discípulos!

De fato, Paulo, depois de convertido, foi chicoteado e preso. Preso também esteve Pedro. E Estevão, coitado, foi barbaramente esmagado a pedradas! De resto, quantas virgens, convertidas ao cristianismo, por sua própria mediunidade, não foram execravelmente estraçalhadas pelas feras famintas nos circos romanos? E os cristãos que, amarrados a postes e besuntados de

betume, iluminaram Roma, enquanto Nero, o monstruoso imperador que os condenou, dedilhava a cítara e cantarolava num êxtase de tarado!

Ora, se Jesus fosse Deus e, com toda sua onipotência, permanecesse inerte, indiferente ao sofrimento de seus sectários, teria, incontestavelmente, desmentido tudo que, na vida terrena, havia ensinado!

Em suma: se fosse Deus, Jesus, absurdamente, teria fracassado!

Mas como não era Deus, embora haja sido o médium mais bem dotado, o melhor profeta e o Espírito mais perfeito que, até hoje, encarnou na Terra, que poderia fazer Jesus depois de desencarnado em favor dos discípulos, se ele próprio, repudiado como Mestre, por vingativos inimigos, depois de vilmente caluniado, pereceu degradado com a crucificação? Apenas como procedeu com Estevão: confortá-los com sua presença espiritual e, dentro das possibilidades, suavizar-lhes as dores físicas com a maravilhosa radiação de seu iluminado perispírito! E isto, consoante os méritos de cada qual, Jesus jamais deixou de fazer, aliviando-lhes as torturas das penas de morte a que foram condenados pelo “crime” de serem cristãos!

Sem embargo, para que Jesus possa fazer mais do que tem feito, por intermédio de seus incontáveis emissários, urge que a humanidade, além da adoração ao Criador, cultive, com a máxima sinceridade, o amor ao próximo, como ele ensinou e exemplificou.

Contudo, apesar da clareza e da franqueza com que Jesus expôs os postulados de sua doutrina, o homem ainda não quis compreender que ele é o arquiteto de seu destino; e que somente com a luta em prol de seu auto-aperfeiçoamento poderá conquistar definitiva felicidade!

E de quem é a culpa pelo retardamento da evolução moral da humanidade? A culpa é, em grande parte, de Paulo, que, deslumbrado com a “visão” supostamente de Jesus, fê-lo Deus; e curado, em nome do Mestre, da súbita cegueira, esparramou a ilusão de que Jesus, com sua crucificação, libertou os homens de seus pecados! Com isso, postulou, por absurdo, que, na justiça de Deus, o justo paga pelo pecador!

Ora, se Paulo, o professor, não compreendeu a missão de Jesus, imagina-se Lucas, o aluno, que viveu mais apartado ainda do teatro dos acontecimentos!

Relatando, conforme confessa no prefácio de seu *Evangelho*, o que colheu “por ouvir dizer”, é claro que Lucas não nos poderia ter dado um depoimento fidedigno.

Contudo, admitida, como hipótese provisória, a versão de Lucas a respeito do nascimento de Jesus, versão omitida pelos outros evangelistas, várias contestações se impõem.

A primeira é que, se José, para justificar seu registro em Belém, invocasse parentesco com Davi, cometeria um erro de imprevisíveis consequências, quer perante as autoridades romanas, que dominavam a Palestina, quer perante Arquelau, etnarca da Judéia, quer perante Herodes Antipas,

tetrarca da Galiléia, porquanto estaria, *ipso facto*, reivindicando para si direitos sucessórios ao trono de Israel!

Além disso, não houvesse havido o propositado anacronismo histórico e Jesus houvesse nascido, de fato, durante o reinado de Herodes, o Grande, a alegação de José seria sua sentença de morte, pois o déspota, por mera suspeição de duvidosa conspiração, não hesitou em mandar despedaçar, por tração animal, Antipater, o filho herdeiro!

A crueldade foi tão espantosa que Augusto, cientificado, em Roma, da ocorrência, comentou que “entre aquela gente, era melhor ser porco do que ser filho”! Portanto, se o reinante fosse Herodes, como erradamente figura na *Bíblia*, José estaria em maus lençóis; e se o governante fosse, como de fato era, Arquelau, cuja maldade era temida pelos judeus a ponto de haverem enviado embaixada a Roma, numa desesperada tentativa de obstar sua ascensão ao poder, José, pretense parente de Davi, seria impiedosamente eliminado! (Lc. XIX, 14). Aliás, como prova da atrocidade do sátrapa, basta apontar que, em plena páscoa, a maior festa religiosa do povo judeu, Arquelau não tergiversou em chacinar friamente três mil descontentes!

Todavia, o pior nisso tudo não foi Lucas haver inventado a viagem a Belém; o pior de tudo foi ter colocado Jesus, ao nascer, no cocho duma estrebaria! E, lamentavelmente, até hoje ainda há criaturas ingênuas, que consideram prova de humildade o que seria inescrupulosa porcaria!

Sem embargo, a estória de Lucas é de todo em todo mentirosa. Mentirosa, porque ofende os escrúpulos da parturiente — Maria de Nazaré; mentirosa, porque atenta vilmente contra a dignidade do nascituro — Jesus, o grande missionário; mentirosa, porque contrária à tradição do povo judeu, que reverenciava a mulher gestante e protegia a parturiente; mentirosa, outrossim, porque é desmentida, na prática, pela fenomenologia da mediunidade experimental!

Aliás, para desmascarar a invencione do evangelista, bastaria um pouquinho de raciocínio. Para isso, transportemos os fatos para os nossos dias e vejamos se, outrora, poderiam ter ocorrido como foram descritos pelo leviano evangelista.

Como é notório, no mundo hodierno, seja pelas múltiplas solicitações da azáfama diária, seja pelo medo de abrigar, no lar, pessoas estranhas — temor incrementado pelos constantes assaltos e seqüestros; seja pelo que for, a verdade é que o homem tornou-se cauteloso, egoísta mesmo, e, portanto, menos hospitaleiro. Até mesmo no interior do país já se não observa a cálida acolhida de antanho, com a qual eram obsequiados os viajantes transviados do roteiro em mira e, também, as vítimas de violentas e inesperadas intempéries.

Mas, ainda assim, se atualmente, em qualquer rincão de nossa pátria, uma parturiente a gemer com contraturas uterinas, bater à porta do mais rústico caboclo e pedir abrigo jamais deixará de encontrar agasalho e proteção. E, por mais repleta que esteja a choupana, o caipira, de modo nenhum, mandará a parturiente parir no curral, entre alimárias!

Com muito maior razão, se, em vez da palhoça do capiau, a gestante, já em trabalho de parto, dirigir-se, com o marido aflitíssimo, a uma hospedaria, por mais lotada que esteja, não faltará quem lhe ofereça o quarto, ainda que, ao depois, vá dormir num desvão qualquer!

Ora, os judeus, com a ilusão de serem o “povo de Deus” e confiantes na falsa promessa de dominar o mundo, aspiravam a maior multiplicação possível da raça. Por isso, desprezavam a mulher estéril, dando-lhe carta de divórcio. Em compensação, cercavam de considerações a mulher grávida.

Como aceitar, pois, que, no caso de Maria, ninguém, na hospedaria de Belém, se condoesse dela? Como admitir que, contrariamente à tradição da raça, o estalajadeiro, alegando falta de cômodos, ousasse mandá-la parir na estrebaria, cercada de animais e de estrume? Não, naquela época, em Israel, um comportamento tão ignóbil, certamente provocaria indignação dos hóspedes, de modo que o dono da estalagem, mais que uma surra, talvez fosse massacrado!

Mas, de toda maneira, não faltaria quem, sensibilizado, cedesse seu próprio cômodo à parturiente aflita. O próprio mundo espiritual movimentar-se-ia nesse sentido. Jesus, Espírito de elevadíssima hierarquia, encarnado em missão honrosíssima como portador de nova e mais ampla revelação divina, nunca poderia nascer em ambiente infecto, emporcalhado com dejeções nauseabundas! Ainda que o recinto estivesse limpo, a simples presença de animais, com a emanação ácida que emitem do próprio organismo, seria suficiente para alterar o delicadíssimo perispírito de Jesus, de modo que ele ficaria prejudicado não só em sua mediunidade curadora, como no magnetismo aliciador, que fascinava os ouvintes que o rodeavam!

Com efeito, para nascer numa cocheira, sem maiores prejuízos, é preciso que seja Espírito de incipiente evolução, dotado de perispírito condensado e protegido por Espíritos relativamente atrasados, cuja radiação perispiritual é antibiótica, matando micróbios à guisa de certos Espíritos encarnados dotados de “mau olhar”, cuja radiação mata não só avezitas implumes, passarinhos e pintainhos, como murcha e fenece plantas cobiçadas!

Com Jesus, porém, tudo era muito diferente. O seu “corpo espiritual” luminosíssimo e delicadíssimo era, sem a mínima dúvida, sensibilíssimo a toda radiação ou emanação mal odorante ou morbígena. O mesmo ocorria com os Mestres que protegeram o trabalho do parto e com os que assumiram a responsabilidade de protegê-lo desde o nascimento. Nenhum deles poderia permanecer, impunemente, numa estrebaria. E, nesta hipótese, o parto teria sido tremendo fracasso, com provável morte do feto e, quiçá, da parturiente, que não escaparia de perigosa infecção!

Na verdade, a Ciência, materialista, ignora, por enquanto, os maravilhosos fenômenos espirituais que se manifestam em derredor duma gestante, no momento solene do parto — porta aberta ao mistério da encarnação!

A verdade, porém, é que, no complexo *processus* do nascimento, assim como no da morte — o primeiro reforçando e o segundo suprimindo os vínculos que ligam o “corpo espiritual” ao corpo físico, por intermédio do sistema nervoso, ninguém leva em conta a valiosa cooperação dos Espíritos cientistas, a maioria constituída de antigos médicos terrenos, que fizeram jus à honrosa missão. Caso contrário, na maioria das vezes, o parto seria arriscado e, se houvesse óbito do feto, a desencarnação poderia ser angustiante, conservando o Espírito desencarnado todas as sensações da *causa mortis*!

Outro fato ignorado: o nível de espiritualização da equipe de Espíritos desencarnados que colabora, quer no nascimento, quer na desencarnação, varia consoante a hierarquia do Espírito que está encarnando ou desencarnando.

Ora, posto que Jesus não fosse, absolutamente, o Messias-Rei da escatologia quiliástica de Israel, era muito mais que isso — o maior Instrutor da humanidade, reencarnado para reformular todas as religiões de modo a unir, com o mais puro amor fraterno, todos os Espíritos encarnados e todos os Espíritos desencarnados, que, há bilhões de anos, estão evoluindo em nosso planeta. Por conseguinte, um Mestre, como Jesus, jamais poderia ter nascido senão num lar higiênico e aureolado por excelsas virtudes e consagrado pela veneração ao Criador, à maneira da modesta casa do honrado carpinteiro de Nazaré! Isso na hipótese de parto natural.

Imagine-se, agora, que, se ao invés de ter nascido normalmente Jesus houvesse sido materializado, conforme pretendem os teólogos que se inspiram em Lucas! Mais do que noutra qualquer, nesta hipótese absurda, a esterilização do ambiente seria peremptória.

Com efeito, nas autênticas sessões de materialização de Espíritos desencarnados, os Mestres desencarnados, que controlam a fenomenologia, efetuam previamente a ozonização do ar, com integral esterilização do ambiente. Caso contrário, ao reabsorver o ectoplasma emitido para a produção da efêmera materialização, o médium, fatalmente, ficaria contaminado com os microrganismos que pululassem no local!

Como se infere, a materialização duma criança, máxime com a sensibilidade de Jesus, no contaminado ambiente duma estrebaria, seria um fenómeno perigosíssimo, provavelmente de conseqüências fatais, numa época em que a Medicina principiava a engatinhar!

Na verdade, numa cocheira, somente animais irracionais poderiam ser materializados.

Aliás, no Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, em conseqüência do ceticismo dos pesquisadores — sumidades na ciência terrena — e da abstenção da oração na abertura da sessão experimental, tudo isso aliado à má assistência espiritual dos pesquisadores e do médium, obrigou os cientistas desencarnados responsáveis pela programação da fenomenologia a des-

viarem de roteiro e, em lugar de um ser humano, antigo habitante da Terra, materializaram um antropóide e um abutre!

Donde se conclui que, talvez, na estrebaria de Belém fosse fácil obter efêmera materialização de um bezerro ou de um potro — nunca, porém, de um Mestre do quilate de Jesus de Nazaré!

De resto, se o corpo de Jesus fosse uma materialização permanente e resistente à luz solar e a todas as intempéries, por que deveria ter a conformação de um recém-nascido, quando poderia ter sido materializado adulto e pronto para iniciar seu ministério, sem um interregno de trinta anos?

Além disso, admitindo-se que o seu corpo físico fosse resultante da materialização do ectoplasma da médium, no caso, Maria, como ficaria o corpo da fictícia parturiente? Acaso não é sabido que, durante a permanência da materialização de um Espírito, o corpo físico do médium fica parcialmente desmaterializado? E, em casos excepcionais, a desmaterialização do médium pode abranger o corpo inteiro ou, apenas, com exclusão da cabeça, como aconteceu com D'Esperance, controlada por cientistas cépticos.

Diante disso, torna-se evidente que, para o corpo de Jesus perdurar materializado durante trinta e três anos, o corpo da médium, sua própria mãe, deveria permanecer, durante todo esse tempo, parcialmente desmaterializado ou, pelo menos, tão mutilado que Maria não poderia sobreviver!

Por outro lado, é fato provado que uma materialização não resiste, por muito tempo, ao impacto da radiação fotônica. Como poderia, pois, Jesus, com o corpo somático artificialmente materializado, resistir à luz solar durante tantos anos?

Por tudo isso, vê-se que o corpo de Jesus não poderia ter sido nem corpo astral, conversível, a seu arbítrio, em corpo material, como imaginam os teóricos do agêner, nem, tão pouco, um corpo artificialmente materializado com ectoplasma duma médium, sua própria mãe. Foi corpo materializado sim, mas de acordo com as leis biológicas; e protegido da luz, na câmara escura da cavidade uterina, durante os nove meses da gestação. O resto é deslavada invencione.

Aliás, a melhor prova de que Jesus foi uma criatura normal é que os próprios parentes mais íntimos nunca viram nele senão um profeta como outro qualquer. Talvez nem isso. E aqui está a prova: ao abandonar o monastério essênio, no qual, por solicitação de um Mestre deslumbrado com a "aura" do menino, fora internado desde os 8 anos de idade, a fim de que, na época regulamentar, fosse "iniciado" nos "mistérios do reino de Deus", Jesus primeiramente dirigiu-se a Nazaré, sua cidade natal, onde pretendia iniciar, entre parentes e concidadãos, seu ministério como médium curador e porta-voz de nova revelação divina. No entanto, que receptividade encontrou? Mal Jesus principiou a pregar e a curar os enfermos, a perplexidade dos parentes e dos conterrâneos o surpreendeu. Espantados, os nazarenos se interrogavam: "Donde lhe veio tal sabedoria e tal poder de fazer milagres?"

Não é ele o filho do carpinteiro? Não se chama Maria sua mãe, e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E suas irmãs não vivem, todas, entre nós? Donde lhe veio, pois, todas essas coisas?" (Mt. XIII,54-56).

Lamentavelmente, contra a expectativa do próprio Jesus, os conterrâneos, sem atentarem no fato de ser ele agora um terapeuta, isto é, um "iniciado" essênio, só viram no Mestre o filho de José, o modesto carpinteiro de Nazaré. E Jesus que, com seus ensinamentos e, sobretudo, com suas curas espetaculares, contava com a adesão de numerosos prosélitos, ficou tão decepcionado que sentenciou: "Não há profeta que não receba honras senão na sua terra e na sua casa!" (Mt. XIII,57).

De resto, para que não perdesse a mínima dúvida a respeito dos compungitivos acontecimentos, junto o depoimento de Marcos, que fora discípulo de Pedro e, conseqüentemente, recebeu de segunda mão aquilo que Lucas, discípulo de Paulo, só recebeu de terceira mão.

No seu depoimento, mais explícita ainda está a tremenda decepção do Mestre: "Um profeta não é desprezado senão na sua terra, entre seus parentes, na sua própria família." (Mc. VI, 4). Note-se: em todas as oportunidades, Jesus se intitulou **um profeta**, isto é, um médium dotado de clarividência ou de precognição ou de ambas as mediunidades; e nem uma só vez sequer arrogou-se possuidor de predicados divinos!

Além disso, em face do desconcertante ceticismo de seus conterrâneos e dos próprios parentes, como se poderá admitir que ele haja nascido de parto sobrenatural, sendo, por conseqüência, um ser anormal, desligado das leis biológicas?

Ora, se Jesus houvesse sido gerado e nascido milagrosamente, não só os parentes como os nazarenos haveriam de considerá-lo como um semideus!

De toda maneira, não ficariam perplexos com os maravilhosos feitos do filho do carpinteiro, um deus encarnado!

De resto, ainda que a família, assombrada com a partenogênese, guardasse o máximo sigilo sobre o fenômeno, quem não poderia duvidar de que Jesus era um agêner, isto é, um ser gerado ao arpejo das leis naturais, seriam os seus irmãos e os seus pais, particularmente sua mãe!

Entretanto, estando Jesus refugiado na Galiléia, "visto que os judeus procuravam matá-lo", seus irmãos foram ao seu encontro e, nas vésperas da festa dos judeus, a dos tabernáculos, desafiaram-no a partir para Jerusalém, centro do poder teocrático e capital do fanatismo farisaico, onde o Mestre fatalmente correria risco de vida (Jo. VII,1-9). E não foi apenas isso. Não só os irmãos, mas a própria mãe chegou ao cúmulo de considerá-lo louco!

Eis a prova: "E quando os parentes de Jesus (mãe e irmãos) ouviram dizer que ele estava **fora de si**, ou, como o caluniavam os escribas, **posses- so de Belzebu**, saíram para prendê-lo!" (Mc. III, 21-22).

Por esperteza, teólogos e hermeneutas tentaram confundir o texto. Mas o caso ocorreu assim: Jesus, que acabava de chegar a Nazaré, estava fazendo curas assombrosas e, conseqüentemente, viu-se rodeado de uma multidão de enfermos e de curiosos.

Despeitados com as curas, os fariseus afirmavam: “É pelo maioral dos demônios que ele expele os demônios!” (Mc. III, 22).

A calúnia dos adversários fanáticos é compreensível; mas a tentativa de seus irmãos e de sua mãe no sentido de agarrá-lo, isso é lamentável ter acontecido.

Com efeito, para Jesus, iluminado Mestre e maravilhoso médium, sempre protegido por numerosos Espíritos superiores, e, conseqüentemente, infenso a toda forma de psicopatia ou de qualquer outra Espiritopatia, a inesperada coação de sua própria família constituiu abominável violência e ignóbil ofensa!

Por isso mesmo, quando, posteriormente, seus irmãos e sua mãe chegaram à casa onde o Mestre estava pregando e curando, encontraram-na tão repleta, “que nem se podia comer”, razão por que seus parentes não conseguiram entrar. Por isso, pediram a um dos presentes que transmitissem a Jesus que sua mãe e seus irmãos desejavam falar-lhe.

Jesus, dotado de maravilhosa clarividência, percebeu imediatamente a felonía e, profundamente contristado, interpelou o prestimoso mensageiro de seus parentes: “Quem é minha mãe e meus irmãos?” (Mc. III,33). Em seguida, apontou para os discípulos, que o cercavam e, atentamente, ouviam seus ensinamentos e, filosoficamente, sentenciou: “Eis aqui minha mãe e meus irmãos;” e acrescentou: “qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe.” (Mc. III,31-35). Trocado em miúdos, Jesus quis dizer que aqueles que aceitassem os seus ensinamentos constituiriam sua verdadeira família.

De fato, a genuína família é a família espiritual, a que comunga dos mesmos ideais. A família terrena é efêmero agrupamento de Espíritos, afins ou não, para mútuo amparo nas provações imprescindíveis à evolução de cada um de seus membros. Terminada a encarnação, cada membro da família irá para o plano espiritual que mereceu, embora, telepaticamente, possa permanecer a comunicação entre todos, máxime entre aqueles que, durante a encarnação, incrementaram a fraternidade.

Sem embargo, na maioria dos casos, os membros da família estão em diferentes graus de evolução espiritual, razão por que ficam sujeitos a freqüentes entrechoques de opinião, com indisfarçável antagonismo de ideais. No seio dessas famílias, encontram-se Espíritos mutuamente faltosos, alguns compulsoriamente encarnados por determinação dos Senhores do Carma, a fim de resgatarem faltas de anteriores encarnações. Nesta hipótese, terminado o período de encarnação, o resgate prossegue, na vida espiritual, até ao pagamento do último centavo. Somente depois disso, cada antigo membro

da família terrena será levado para um plano espiritual compatível com seus méritos e seus deméritos, no qual continuará a lutar, indefinidamente, pela conquista do auto-aperfeiçoamento e da felicidade almejada.

Justificado o desapego de Jesus à família, dada a imensa diferença de evolução espiritual que os separava, tornou-se compreensível, por sua vez, à luz do *Evangelho*, o menosprezo dos parentes pelo Mestre, inclusive por parte de sua própria mãe, que, dando eco à acusação dos fariseus despeitados, concordou com os caluniadores, considerando-o “fora de si”, isto é, louco (Mc. III,21). Por outro lado, desmascarado o nascimento de Jesus ao arrepio das leis naturais, por que motivo se deveria admitir o aviltante nascimento do egrégio instrutor da humanidade no fedorento curral de Belém?

Pulverizando tais embustes, urge apagar da memória dos homens essas afrontas à dignidade do supremo líder religioso de nosso planeta — afrontas que estariam agravadas pela displicência do Mentor e dos numerosos Protetores do nascituro, os quais, injustificavelmente, não se teriam valido da mediunidade auditiva de José, seu pai, para orientá-lo a respeito de um lar condigno, no qual o casal, na interpolada viagem imaginária a Belém, pudesse solicitar abrigo!

Mas, lamentavelmente, ainda existem muitos médiuns, que, embora dotados de preciosas mediunidades, não contribuem, por falta de cultura doutrinária, para maior evolução de seus próprios Protetores, os quais, a despeito de sua bondade, permanecem, indefinidamente, arraigados às religiões que aceitaram durante a derradeira encarnação!

Conseqüentemente, tais médiuns recebem, à margem de mensagens autênticas, errôneas referências ao local e ao próprio nascimento de Jesus, por muitos deles considerados, por absurdo que pareça, um agêneré! De resto, Protetores desse quilate ainda conservam o ranço de suas antigas crenças, fazendo referências à manjedoura de Belém!

Entretanto, é notório que, pelo fato de encontrar-se desencarnado, o Espírito não se despoja, incontinenti, de antigas convicções, máxime de sua religião — fato que só ocorrerá gradualmente, de conformidade com seu esforço no sentido de conquistar crescente número de virtudes; e quando começar a aspirar maiores conhecimentos no que concerne ao Criador do Universo e ao mecanismo de sua indefectível justiça e das sapientíssimas leis que regem os destinos dos Espíritos encarnados e dos Espíritos desencarnados, que estão evoluindo no planeta Terra.

Donde se colhe que, qualquer que seja a religião, todo Espírito encarnado deve orar, sistematicamente, em benefício não só de amigos e de inimigos, como de seus Protetores, sobretudo de seu Mentor; e, se possuir conhecimentos doutrinários concernentes à correção moral, doutriná-los e esclarecê-los, retificando, sem constrangimento, errôneos conceitos, que, porventura, ainda conservem em detrimento de maior evolução espiritual.

Como salta à vista, é a evolução paralelamente efetuada em dois planos de vida, que estão indissolivelmente associados: o plano dos Espíritos encarnados e o plano dos Espíritos desencarnados.

Donde se colhe que, do progresso de ambos os planos de vida dependerá não só a confraternização geral de todos os Espíritos ligados à Terra, como a segurança de nosso próprio planeta, cada dia mais ameaçado pelo incomensurável poder destruidor das apocalípticas armas hodiernas, conhecidas umas, outras mantidas em rigoroso sigilo!

Em face do iminente perigo mundial, urge que a humanidade conheça a autêntica personalidade, a verdadeira doutrina e o papel histórico de Jesus de Nazaré, a fim de pôr em prática, enquanto antes, seus valiosíssimos ensinamentos.

Ora, afirmando o permanente intercâmbio sentimental existente entre os Espíritos encarnados e os Espíritos desencarnados, que, em harmonia com a evolução de cada um, habitam diferentes planos de vida espiritual pertencentes à Terra, é natural que haja mútua ajuda entre Espíritos afins e recíprocas represálias entre Espíritos antagônicos, esclarecimento dado pela revelação neo-espírita, com estímulo à oração e ao perdão, a fim de elidir hostilidades e incrementar o amor, de molde a implantar definitivamente a fraternidade e a paz mundial!

De fato, aplacada a ira e a vingança dos Espíritos desencarnados destituídos de maior evolução e coadjuvada à caridade dos Mensageiros do bem, preservado estará da terrível hecatombe, que se aproxima, esse incomparável oásis para os Espíritos sequiosos de evolução, que é nosso planeta!

JESUS NASCEU DUMA VIRGEM?

No mês do Natal, em homenagem a Jesus, que à lenda prefere a verdade, sinto-me no dever de criticar as ficções tecidas em torno do nascimento do iluminado profeta nazareno. Com material extraído da própria *Bíblia*, já demonstrei que um Mestre do quilate de Jesus jamais poderia ter nascido na imundícia duma estrebaria. Com subsídios da mesma fonte, provarei agora que a partenogênese de Maria é sub-reptícia interpolação, de vez que, na realidade, Jesus, filho do humilde casal José e Maria, nasceu, como todo feto, de um parto natural.

Com efeito, em defesa dessa tese eu poderia invocar, desde logo, a perplexidade dos conterrâneos e a hostilidade da própria família, quando, ao deixar a comunidade do Mar Morto, Jesus iniciou seu ministério em Nazaré, sua cidade natal, tentando impor-se como médium curador e profeta portador de nova revelação divina (Mt. XIII, 54-58; Mc. III, 20-21). Lamentavelmente, Jesus “não fez ali muitos milagres por causa da incredulidade deles” (Mt. XIII, 58). Apenas pôde curar alguns enfermos “impondo-lhes as mãos”, isto é, aplicando-lhes “passes” (Mc. VI, 5). Entretanto, apesar de haver realizado algumas curas “milagrosas”, Jesus foi acusado pelos nazarenos de estar “posseído de um Espírito imundo”, isto é, atuado por um obsessor (Mc. III, 30). Como se vê, nem a pregação nem as curas instantâneas que efetuou lhe deram prestígio entre conterrâneos e, até, entre parentes!

À maneira dos padres e pastores da atualidade, que atribuem a Satanás as curas maravilhosas efetuadas por Espíritos protetores, os nazarenos e os parentes de Jesus também admitiram que um “Espírito imundo” poderia fazer curas “milagrosas”!

Diante de tamanho disparate, Jesus, constrangido, viu-se forçado a reconhecer que “um profeta não é desprezado senão na sua terra, entre seus parentes, na própria família” (Mc. VI, 4). Ora, bastaria esse menoscabo para provar que os parentes de Jesus não o consideravam senão como um homem comum, fato inadmissível se, porventura, o seu nascimento houvesse sido “sobrenatural”, hipótese em que, forçosamente, o teriam em conta de um semideus!

De resto, um nascimento sobrenatural seria tão assombroso que nenhum evangelista poderia silenciar a respeito do fenômeno. No entanto, somente dois o mencionaram: Mateus e Lucas. Além disso, Marcos, que fora discípulo de Pedro e que, por conseqüência, não poderia ter deixado de tomar conhecimento de um fato tão sensacional, nada disse a respeito — o que é muito significativo. Em contraste, Lucas que pouco sabia, porque apenas fora discípulo de Paulo, que só sabia o que “ouviu dizer”, esse, precisamente, foi o que mais inventou!

De fato, escreveu ele que o “anjo Gabriel” manifestou-se a Maria, esposa de José, saudando-a desta maneira: “Salve! agraciada; o Senhor é contigo... Eis que conceberás e darás à luz um filho, que chamarás Jesus. Ele será grande e será chamado filho do Altíssimo; Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; e ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó...” (Lc. I,30-33).

Raciocinemos: José era descendente de Davi; Maria não. Ora, se Jesus não foi filho de José e sim do “Espírito Santo”, é evidente que não descendia de Davi. Logo, não poderia ser, como afirma a *Bíblia*, “filho de Davi”; e, por conseqüência, não tinha o direito de herdar-lhe o trono.

Além disso, na vida terrena, Jesus não foi “grande”: foi obscuro filho de modesto carpinteiro, que só se tornou conhecido quando apareceu em público pregando e curando. Mas, mesmo assim, nem sua família o valorizou; ao contrário, desprezou-o.

Sem embargo, perante o Criador, Jesus foi grande Missionário com a gloriosa missão de ampliar, com novas verdades, a incessante e progressiva revelação divina. Contudo, para preparar-se espiritualmente a fim de alcançar seu sublime objetivo, Jesus renunciou aos ilusórios prazeres deste mundo; e, dos oito aos vinte e nove anos, viveu enclausurado no seio duma comunidade essênica, da qual se afastou, como autêntico iniciado dos mistérios do “reino de Deus”, em função dos compromissos assumidos com Mestres desencarnados, que, durante anos, o instruíram com “sonhos proféticos”, coadjuvados por clariaudiência de ensinamentos superiores aos da comunidade do Qumrân.

Como é óbvio, a mensagem pessoal do “anjo Gabriel” foi inteiramente falsa. Deus não deu a Jesus o trono de Davi; nem, tão pouco, o reinado eterno sobre a casa de Jacó. De resto, Jesus não encarnou para ser o Messias escatológico de Israel, guerreiro místico que, sete séculos antes do nascimento do profeta nazareno, deveria expulsar os assírios e implantar, durante um milênio, o “reino de justiça”, apanágio dos judeus, que se julgavam o “povo de Deus”! (Mq. V, 1 e ss).

Aliás, não pode haver dúvida de que Jesus não foi compreendido por seus contemporâneos e, muito menos, pelos judeus, cujos sacerdotes, ambiciosos e fanáticos além de o caluniarem, não titubearam em expô-lo à execração pública, a ponto de uma turba irada e infrene arrastá-lo, sem julgamento legal, ao martírio degradante da crucificação!

Mas a verdade é que Jesus não encarnou neste planeta para reinar sobre o trono de Jacó: encarnou para ser Instrutor da humanidade inteira, propalando admirável doutrina anti-sectária, de confraternização mundial.

Foi a desmedida ambição política dos sacerdotes católicos, agravada posteriormente com o fanatismo visionário do protestantismo que provocaram a distorção do cristianismo mediante a deturpação do papel histórico de

seu iluminado fundador, ao preço da falsificação de numerosos postulados básicos da verdadeira doutrina pregada pelo assombroso profeta nazareno!

Como conseqüência, decorridos quase dois milênios da encarnação do Mestre galileu, sua verdadeira doutrina, diluída no caldo de cultura dos miasmas do Concílio de Nicéia, eclodiu na baldroca da divinização do maravilhoso médium nazareno, com postergação da doutrina providencial que ensinou e exemplificou com esperança de arraigá-la no Espírito de todos os habitantes da Terra, para construção de um mundo melhor.

Todavia, a humanidade, ao invés de seguir as pegadas do Mestre incomparável, limitou-se a aceitá-lo como um Deus frustrado, que não conseguiu a vitória de seu grandioso ideal!

Nessa altura, fecho o parêntese e volto à *Bíblia*.

Diante da esdrúxula mensagem dada pelo “anjo”, Maria, perplexa, perguntou-lhe: “Como pode ser isso, pois não tenho relação (sexual) com homem algum?” (Lc. I,34).

O absurdo seria aceitável na Índia, onde o casamento é ou pode ser feito entre crianças, por escolha e deliberação dos pais. Lá, a menina ou a jovem casada pode continuar virgem, até a idade adulta. Mas, em Israel, o fato seria inadmissível, porque a tradição sempre propugnou em favor de numerosa procriação com a finalidade de assegurar o domínio do mundo. A mulher estéril não tinha e, provavelmente, ainda não tem valor. Por isso, era e, talvez, ainda seja, repudiada pelo marido.

No caso de Maria, já casada com José, que mal poderia haver na prática da cópula? Mas a fértil imaginação do evangelista colocou na boca do “anjo” esta absurda precognição: “Descerá sobre ti o ‘Espírito Santo’ e o poder do Altíssimo te envolverá com sua sombra; por isso, o ente santo, que há de nascer, será chamado ‘Filho de Deus’.” (Lc. I,35). Com este pasmoso versículo, o gongorismo do evangelista criva de acerbas dúvidas o espírito do leitor. Em primeiro lugar, não se sabe se, ao afirmar que o “Espírito Santo” desceria sobre Maria, o “anjo” Gabriel tinha em mente a traição da esposa de José com o “Espírito Santo” ou se quis dizer, apenas, que o “Espírito Santo” “baixaria” na virtuosa médium — em Maria. E a dúvida se torna mais cruel porque o “anjo” materializou o Altíssimo, pois asseverou que Ele envolveria Maria “com sua sombra”, o que equivale dizer que, como qualquer corpo opaco, Deus interceptaria a luz e projetaria sua sombra. Ora, se o Altíssimo é, na opinião do “anjo”, um corpo material, por que o “Espírito Santo”, criatura do Altíssimo, haveria de ser puramente espiritual? E, se o “Espírito Santo”, à maneira do Altíssimo, é material, o “anjo” Gabriel não levantou terrível dúvida sobre a honradíssima esposa de José?

Como se infere, o confuso evangelista viu matéria onde somente Espírito havia, e, em contradição, não viu o corpo material de Jesus. Todavia, no final de contas, o “ente santo”, isto é, Jesus, foi um homem com um corpo

tão material quanto o corpo físico dos demais. A diferença estava, e está, no Espírito de Jesus, que, após milênios de lutas íntimas em prol do auto-perfeccionamento, lutas travadas ora como Espírito desencarnado, ora como Espírito encarnado, galgou o cimo da perfeição na última encarnação, quando foi Jesus de Nazaré.

Aliás, depois de conceituar mirabolantes fantasias sobre a geração de Jesus, o próprio evangelista caiu em si e, para localizar o parto de Maria numa infecta estrebaria, justificou que foi porque “aconteceu completarem-se-lhe os dias” lá em Belém, assertiva mentirosa porquanto Jesus nasceu na modesta residência de seus pais, em Nazaré. Mas, de toda maneira, gestação sujeita a um ciclo biológico, com parto compulsório, que não comporta protelação, é, fora de dúvida, fenômeno normal, que remonta à aparição da encarnação dos Espíritos neste planeta.

É certo, outrossim, que José e Maria não tiveram como filho apenas Jesus; tiveram outros quatro filhos e, pelo menos, três filhas (Mt. XIII, 55-56; Mc. VI,3). E, com essa prole, José e Maria só se engrandeceram perante o Criador, porquanto contribuíram para a reencarnação de, pelo menos, oito Espíritos e, dentre eles, um de elevadíssima hierarquia — o assombroso profeta nazareno, atualmente líder religioso de nosso planeta!

Em verdade, para admitir-se que Jesus fora gerado sem a participação de José, necessário seria considerá-lo como materialização de um Espírito, mercê do ectoplasma de um médium ou, melhor, de uma médium que, na hipótese, seria sua própria mãe. Ora, como no fenômeno da materialização o médium doador perde não só fluido vital como matéria, que se desmaterializa em algumas partes do organismo, mutilando efemeramente o médium; e, como no caso de Jesus, a materialização teria durado aproximadamente trinta e três anos, segue-se que Maria ficaria gravemente mutilada por um período incompatível com a vida encarnada. Por conseqüência, fica afastada a hipótese de materialização e, *ipso facto*, confirmada a formação de um corpo físico normal, gerado durante nove meses no útero materno.

Tudo afirma, pois, que Jesus foi um homem “natural”, embora já fosse um Espírito luminosíssimo, reencarnado com a missão de Instrutor da humanidade. A desconcertante fecundação pelo “Espírito Santo” prende-se a antiquíssimas lendas. A própria mitologia grega aponta-nos Dánae, a virgem que, não obstante ter sido enclausurada pelo pai numa torre de bronze, para resguardar sua virgindade, fora fecundada por Júpiter, metamorfoseado em chuva de ouro, que gerou Perseu.

Sintetizada a mirabolante estória de Lucas, passemos aos devaneios de Mateus, que não compreendeu a missão de Jesus porque não se despreendeu do mosaísmo. Para esse evangelista, tudo que ocorresse com o profeta nazareno seria para confirmar as precognições de Jeová transmitidas pelos

profetas do *Velho Testamento*. De sorte que o Criador, apoucado em sua sábia justiça, ficaria obrigado a executar as aberrações e, até, as asneiras proclamadas pelos profetas israelenses!

Convicto dessa predestinação histórica, Mateus não hesitou em afirmar, conforme o fizera Lucas, que a esposa de José “achou-se grávida pelo Espírito Santo” (Mt. I, 18). Contudo, Mateus, posto que em termos paradoxais, fala da inconformação do marido: “Mas José, seu esposo, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la.” (Mt. I, 19). A contradição é flagrante. Se José não quis infamar a esposa é porque a sabia inocente; e se Maria estava inocente, por que José esteve a pique de abandoná-la? Mateus justifica a mudança de atitude de José alegando que o “anjo” se lhe manifestou em sonho e advertiu-o que o responsável pela fecundação fora, de fato, o “Espírito Santo”! (Mt. I, 20). E, por cima, ainda o previne que Maria “dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo do pecado” (Mt. I, 21).

À maneira do que se constata em Lucas, também no texto de Mateus notam-se várias antinomias. Em primeiro lugar, o “anjo” não aclarou o mistério da gravidez por obra do “Espírito Santo”. Em segundo lugar, o “anjo” errou no vaticínio que formulou sobre Jesus.

Com efeito, Jesus não salvou “o seu povo”, porquanto os judeus, máxime os sacerdotes e os fariseus, desde o início de seu ministério, o repudiaram com baldões e felonias! Agarrados, por temor, ao Deus de Moisés, permaneceram hostis à reformulação da “Lei” preconizada pelo iluminado profeta galileu, reformulação que revela um Deus cuja justiça se inspira no Amor e que impõe a confraternização de todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados!

De resto, é evidente que o Mestre só poderia instruir e exemplificar, de vez que a salvação é individual e depende da moralização e do aprimoramento dos sentimentos de cada um. Entretanto, obstinado pelo messianismo judaico, Mateus viu, em cada ato ou palavra de Jesus, a confirmação do que dissera, por intermédio do profeta, o “Senhor dos exércitos” (Mt. I, 22). Por isso, repete Isaías: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho...” (Is. VII, 14). Mas, quando Isaías disse isso? E por que o disse? Disse-o cerca de setecentos anos antes do nascimento de Jesus; e disse-o, exclusivamente, para dar um “sinal” de proteção a Acaz, rei de Judá, apavorado com as ameaças de Rezim, rei da Síria, e de Peca, filho do rei de Israel, ambos com olho em Jerusalém. E ainda acrescentou Isaías que o filho da virgem, depois da idade da razão, só comeria manteiga e mel. Ora, embora abstinência e frugal na alimentação, como todo iniciado essênio, Jesus não foi butirófago, nem melífago!

Além do mais, Isaías afirmou que, antes que o filho da virgem soubesse distinguir o bem do mal, o reinado de Acaz estaria talado pelo vandalismo do rei da Assíria (Is. VII, 17). Por conseguinte, o filho da virgem imaginada por Isaías, setecentos anos mais velho que Jesus, nada tinha a ver com o profeta nazareno.

Além disso, a crendice de que todo profeta excepcional, todo “Filho de Deus”, deveria nascer, infalivelmente, de uma virgem eleita pelos Espíritos superiores, que traçam o destino humano, é antiquíssima.

Haja vista o caso de Krishna, lendário Mestre indiano, que viveu trinta séculos antes de Jesus. Destinada a conceber o “Salvador do Mundo”, Devaki, virgem, casta e pura, que “vivia como que dentro de um sonho”, refugiou-se entre anacoretas para preparar-se espiritualmente para sua gloriosa missão. Recebida com alegria, ouviu dos lábios do Mestre dos eremitas que é “nas entranhas de uma virgem que o raio de sol do esplendor divino receberá a forma humana.”

Isolada no seio da floresta sagrada e abrigada à sombra da “árvore da vida”, Devaki entra em êxtase e ouve vozes celestiais, como essas: “Glória a ti, Devaki! Ele virá aureolado de luz... Ele virá e a vida desafiará a morte...” Até que um dia entra em transe mais profundo e vê abrir-se-lhe o céu em esplendorosas claridades. Espíritos luminosos a contemplam. De repente, em um raio fulgurante de luz, manifesta-se-lhe o Sol dos Sóis: Mahaveda (Deus)!

Nesse instante, fora fecundada pelo “Espírito dos Mundos” e concebera um “filho divino”! E, depois que sete luas descreveram sete círculos mágicos em torno da floresta sagrada, Vasxita, o venerável Mestre dos anacoretas, afirmou à virgem Devaki: “De ti nascerá o Salvador do mundo!” (E. Schuré — *Os Grandes Iniciados*, Vol. 1, pág. 95 e ss.).

Compare-se, agora, a tradição hindu, que conta mais de cinco mil anos, com a lenda tecida em torno de Maria e de Jesus. A similitude é perfeita. Mas ver-se-á como interesses inconfessáveis deterioraram a personalidade de Jesus, que, de um homem quase divino, fora metamorfoseado num Deus muitíssimo humano!

Com tamanho absurdo, o verdadeiro Deus, o onisciente e onipotente criador do universo ficou de tal modo minimizado que petulantes teólogos protestantes, com cobertura de ousados teólogos católicos não titubearam em decretar a “morte” de Deus e “promover” Jesus a “agitador social”!

Em conseqüência, bispos, padres e pastores deixaram de evangelizar para imiscuirem-se na politicalha, açulando revoltas, incrementando “guerras santas”, acoitando guerrilheiros...

Contudo, Jesus, o incomparável líder religioso, continua a lutar dia e noite para convencer à humanidade de que todos nós, estejamos encarnados ou desencarnados, somos irmãos e, como irmãos, urge que aprendamos a nos amar, como ele nos ama. Somente assim haverá paz perpétua e pere-ne felicidade em nosso maravilhoso planeta.

Aliás, essa assombrosa transformação advirá com a expansão da doutrina neo-espírita em nosso orbe, em virtude da racionalidade de seus postulados e da amplitude de seus conhecimentos acerca dos mistérios do reino de Deus, tudo revelação de Espíritos superiores, na categoria de Instrutores da humanidade, liderados pelo supremo Mestre — Jesus de Nazaré!

JESUS AMALDIÇOOU A FIGUEIRA?

Por paradoxal que pareça, a assombrosa conquista da Lua abalou a fé de muitas criaturas. Porque a elas se lhes afigura que a epopéia dos cosmonautas arredou a presença de Deus do Universo.

De fato, com as novas dimensões, que adquiriu, o homem terá, doravante, a aparência de semideus auto-suficiente. Volta, assim a ressoar, por toda parte, o eco fúnebre da trágica sentença do Zaratrusta de Nietzsche — Deus morreu! E já se pressente o júbilo e a empáfia da Teologia Radical a proclamar o advento do cristianismo ateu e, quiçá, do cristianismo marxista!

Sem embargo, longe de minimizar Deus, o maravilhoso poder criador demonstrado pelo homem, na Ciência e na Tecnologia, só exalta a sabedoria do Supremo Criador! Nunca se viu uma obra prima desmerecer o artista. Não seria diminuindo a criatura que se engrandeceria o Criador. A falsa ilação provém, sem dúvida, do ridículo conceito de Deus formulado pela maioria das religiões.

O próprio catolicismo não escapou à regra. O Deus do católico é o Deus de Moisés, com todos os erros e paixões. É o mágico jardineiro do Éden, que “formou o homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego da vida.” (Gn. II, 7). É, também, o anatomista feiticeiro, que, desprezando a fórmula usada para o varão, fez a varoa com uma costela de Adão! (Gn. II,21). Mas o pior não foi ter feito a mulher simples “osso” do homem. O pior é a impulsividade e a atrabiliaridade desse Deus do *Velho Testamento*, arrolado com a herança mosaica. Irritado com o comportamento do homem, arrepende-se de tê-lo criado (Gn.VI,6). Furibundo, comunica a Noé: “Resolvi dar cabo de toda carne.” (Gn. VI,13). Mas não excetua “aves e reptis”, que nada tinham a ver com as “violências dos homens”.

Em todo caso, Noé ainda foi um privilegiado. Salvou-se do dilúvio num chiqueiro flutuante. Pior susto passou Abraão, convidado “pessoalmente” por Deus para oferecer-lhe, em holocausto, o filho estremecido (Gn. XXII, 2). A “onisciência” de Deus não ia ao ponto de saber, *a priori*, se o patriarca lhe era fiel — foi preciso pô-lo à prova.

De resto, a parcialidade desse Deus não tem limites: a simpatia pelos semitas fê-lo perder a compostura. Com a mediunidade de Aarão, Deus arvorou-se em macumbeiro, para vingar-se dos egípcios! Transformou as águas em sangue. Devastou a agricultura com invasões sucessivas de rãs, gafanhotos, piolhos, moscas, chuvas de granizo. Destruiu a saúde do povo com pestes e úlceras. Do povo e animais, que nada tinham com a questão! E como se não bastasse tanta perversidade, Deus, para coibir a maldade dos homens, decretou a maior crueldade — a morte dos primogênitos dos homens e dos animais! (Ex. VII-11).

Diante de paixões tão vis do pseudodeus do *Velho Testamento*, não admira que, para fazer aliança com sua própria criatura, houvesse estipulado o ritual sangrento do Levítico!

Com efeito, para perdoar erros humanos, converteu a “tenda da congregação” em autêntico matadouro, onde inocentes irracionais pagavam com a vida o preço do resgate! O mais grave, no entanto, foi que Moisés, na sua ignorância, inventou “aliança” com Deus, mediante o sangue dos animais do holocausto aspergido, porcamente, sobre a multidão embasbacada! (Ex. XXIV, 8).

O mais lamentável, porém, foi que, por interesses inconfessáveis, a “nova aliança” proclamada por Jeremias, inteiramente isenta de holocausto cruento e condicionada, tão-somente, à evolução da humanidade, foi totalmente mistificada, a fim de que Jesus fosse feito **cordeiro** de Deus! No entanto, o texto bíblico é claro: diz o Senhor: “Esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel. Na mente lhes imprimirei as minhas leis e também no coração lhes inscreverei”; e acrescenta: “todos me conhecerão desde o menor até o maior.” (Jr. XXXI, 33-34). Isto, se as palavras ainda têm a mesma significação de outrora, quer dizer que, com a evolução espiritual, a mente, arquivo dos pensamentos e das ações humanas, atingiria um nível no qual poderia compreender as leis divinas, sentindo-as no íntimo do Espírito e, conseqüentemente, praticando-as honestamente, com toda convicção — única maneira de demonstrar verdadeira aliança com o Criador! É isso, exatamente, o que ocorrerá com o Neo-espiritismo — filosofia religiosa que trouxe nova conceituação sobre Deus, sobre o destino humano e sobre as relações entre Espíritos encarnados e Espíritos desencarnados.

Todavia, o texto de Jeremias foi deteriorado de tal sorte, pelos autores desconhecidos das falsas epístolas paulinas, que, com a segunda aos coríntios (II Cor. III, 1-6) e a epístola dos hebreus (Hb. VIII, 13; IX, 11-15; 23-28; X, 10-12), esta diferente das outras no fundo e na forma, Jesus, de iluminado Instrutor da humanidade, fora reduzido à situação de animal de holocausto, para redimir erros que não cometeu e eximir os verdadeiros culpados das provações que, pela lei de causalidade moral, para si mesmos acarretaram!

Embora muita gente prefira iludir-se com a salvação pelo sacrifício de um mártir inocente, essa não é, positivamente, a justiça de Deus, de vez que não seria a de um juiz íntegro no mundo depravado em que vivemos!

Urge, portanto, maiores e melhores esclarecimentos sobre Deus e, sobretudo, sobre Jesus, que, como criatura humana idêntica a nós, está ao alcance de mais profunda análise crítica, à luz dos conhecimentos fornecidos pelo Neo-espiritismo.

Na verdade, nos textos bíblicos que escaparam à suspeita “depuração” do primitivo catolicismo, a prodigiosa mediunidade curadora de Jesus resalta entre atitudes paradoxais e palavras incongruentes. Ao lado das provas inequívocas da grandeza do seu Espírito, há mesquinhas interpolações que o rebaixam sobremaneira. Haja vista a passagem da figueira sem frutos, men-

cionada por dois evangelistas. Ei-la: regressando de Betânia, Jesus, no caminho, teve fome, e, vendo uma figueira, encaminhou-se para ela. Mas, “não tendo achado senão folhas”, amaldiçoou-a nesses termos: “Nunca mais nasça fruto de ti!” No mesmo instante a “figueira secou”. (Mt. XXI, 17-20). Ora, é evidente que há uma época adequada à frutificação. No outro evangelista, o fato está explícito. “Porque não era tempo de figos”, confessa ele (Mc. XI, 13). Logo, não é admissível que Jesus, inspirado como era, cometesse o erro de malsinar o arbusto que obedecia ao ritmo biológico da natureza. E se, porventura, num momento de irritação, injustificável num Mestre como ele, houvesse proferido a praga, ela não pegaria.

Já vi, com meus próprios olhos, toda uma ninhada de marrecos ser dizimada em poucos minutos, com uma exclamação de inveja de um cliente que me procurou em minha residência. Sei que, na Inglaterra, uma mulher, observada por cientistas, no laboratório, esterilizava, com o olhar, uma cultura de micróbios feita num tubo de ensaio. Conheço outro caso, ocorrido na família, no qual a inveja incontrolada dum visita em face do apetite dum criança que tomava mingau, fê-la empurrar o prato para nunca mais suportar tal forma de alimento! Com todos esses indivíduos, dotados de perigosas radiações perispirituais, talvez a figueira pudesse sofrer um impacto antibiótico. Mas, com Jesus, nunca! Laura Regnaud, médium que se não pode comparar com Jesus, mas que, como ele, possuía mediunidade curadora, mediante a radiação que lhe escapava pelas extremidades digitais, sustava a putrefação dos animais e revijava as plantas. O fato fora observado, dentre outros, pelo Professor Ch. Richet. Não é de espantar, pois, que sua radiação revitalizante curasse os enfermos. Essa radiação é, aliás, menos rara do que se imagina. Muitos dos antigos “magnetizadores” a possuíam. La Fontaine, por exemplo, que realizou curas admiráveis, magnetizou um grupo de peixes que, comparativamente, aos do grupo testemunha, adquiriu enormes proporções. As roseiras “magnetizadas” pelo Dr. Picard produziram rosas belíssimas e colossais. Da mesma sorte, as alfaces de H. Durville, os cereais de F. Campville e o agrião de E. Magnin, atingiram proporções inesperadas. Em resumo — o “fluido” curador dá vida; não mata.

Jesus curava como nenhum outro médium. Só de tocar-lhe a fimbria da túnica, a mulher metrorrágica ficou instantaneamente curada (Mt. IX, 20-22; Mc. V, 25-34; Lc. VIII, 43). Logo, ainda que, por absurdo, se admitisse que Jesus houvesse praguejado contra a figueira que não frutificou, nada, absolutamente nada, aconteceria à árvore, porque tão luminoso já era o seu perispírito que nenhuma vibração de contrariedade poderia enegrecê-lo a ponto de torná-lo mortífero!

Mas tudo nos induz a crer que, ao deparar-se com a figueira privada de frutos, Jesus a revijaria para que frutificasse, ainda que extemporaneamente. Para isso, bastar-lhe-ia tocar-lhe com as extremidades digitais, pelas quais escapa intensa radiação de fluidos restauradores da vitalidade.

O que se não pode admitir é que Jesus, indulgente e sereno nas mais dramáticas conjunturas, amaldiçoasse uma árvore, porque, não sendo época, não lhe deu o fruto desejado!

Aliás, são ensinamentos deste jaez, propalados durante séculos consecutivos, que criaram conceitos ridículos sobre Deus e juízos erradíssimos sobre Jesus de Nazaré, o incomparável profeta galileu, que, atualmente, é o líder religioso de nosso planeta!

Ao terminar este artigo, desejo enfatizar que, por maior que seja o progresso de nossa cultura e por mais espetaculares que possam ser as futuras descobertas da Ciência, ocorram elas na Terra, noutros planetas ou no espaço interplanetário do sistema solar, o Criador, cuja onisciência e onipotência estão evidentes nas mínimas manifestações da natureza, jamais poderá ser arredado do Universo.

Acresce ainda a circunstância de Deus, que é a própria essência da Vida, estar onipresente em toda a criação, porque, em tudo que foi criado pela onipotência de seu pensamento, permanecerá, com sucessivas sublimações nos cinco reinos da natureza — eterna emanção do Fluido Vital Divino, consoante esclarece a revelação neo-espírita!

JESUS VERGASTOU OS VENDILHÕES?

O pior atentado que se possa imaginar contra o cristianismo foi a deturpação de muitos atos e palavras de Jesus. Vários fatores contribuíram para que isso acontecesse. Um deles foi a brevidade do ministério do Incomparável Mestre. Morto precocemente, não teve tempo de escrever, nem de preparar ao menos um discípulo com imprescindível competência para transmitir à posteridade sua autêntica doutrina. Coligida de documentos esparsos, escritos de memória e discordantes entre si, o que dela restou nos livros canônicos está eivado de lamentáveis distorções.

Contudo, a maior desgraça para a humanidade foi que, após curto prazo de empolgação, depois das aparições e, sobretudo, das materializações do Espírito do Mestre, durante o qual as comunidades cristãs preservaram o verdadeiro espírito do cristianismo, a Igreja intrometeu-se no proselitismo e barganhou o reino de Deus pelo reino de Mamon. À renúncia dos bens materiais em favor do auto-aperfeiçoamento do Espírito eterno, preferiu a aliança política com Constantino, implacável perseguidor dos cristãos e cruelíssimo déspota que, além de horripilante filicida foi, outrossim, bárbaro uxoricida!

Entretanto, fechando os olhos à tirania do Imperador romano, a Igreja só os arregalou para prelibar as delícias do Poder e desfrutar o fascínio da riqueza. Mas, conhecedora da instabilidade emocional do sátrapa, a Igreja, receosa de intempestivo rompimento da aliança, numa das costumeiras crises de sadismo do monstro, fê-lo, por bajulação, “Bispo exterior” e não tergiversou em convidá-lo para presidir um Concílio!

O resultado desse esdrúxulo conluio foi que, se a Igreja não houvesse planejado, com incrível rapidez, sua hegemonia no campo da instrução pública sincronizada com a invasão das repartições estatais, para bisbilhotar secretamente a vida e as atividades dos funcionários do Império, Constantino, com maquiavélica solércia, teria desarticulado a estrutura da Igreja, destroçando-a antes que ela o houvesse fagocitado!

O mais grave, porém, foi que, com a opção em favor do poder e da ostentação, a Igreja, nessa altura dos acontecimentos, já se apossara da primitiva documentação do cristianismo e não hesitou em manipulá-la consoante seus inconfessáveis interesses, frontalmente contrários aos objetivos de Jesus, estribada no apotegma que “os fins justificam os meios”! São dados históricos, que, embora a miúdo esquecidos, merecem lembrados.

Em verdade, a antinomia entre o verdadeiro cristianismo e o catolicismo ressalta da comparação entre a extrema simplicidade e a edificante renúncia do Mestre nazareno e a afoita ganância dos sacerdotes, agravada com a ostensiva magnificência do Papa. De fato, Jesus, íntegro iniciado essênio, abdicou os bens materiais e os prazeres terrenos e renunciou ao uso

do sexo, a fim de poupar energias e manter a potência de sua mediunidade curadora, a qual depende de fluidos específicos conservados no perispírito. Ora, o perispírito, orla condensada de fluidos vitais, reveste e protege exteriormente o Espírito, que é vida, e, por isso, expande-se por todas as células do organismo, abrangendo integralmente, como é óbvio, o sistema nervoso e, no conjunto, forma o corpo espiritual. Portanto, não há duvidar que, no orgasmo da cópula, haja forte descarga energética, córtico-medular, com desprendimento de apreciável quota de fluidos úteis ao processo de mediunização e necessários à mediunidade curadora. Daí a abstinência sexual dos médiuns curadores iniciados, seja em que culto for.

Além disso, é defeso ao médium iniciado, máxime ao médium curador, o mínimo laivo de vaidade e qualquer vestígio de ambição, devendo restringir os objetos de uso pessoal ao estritamente indispensável, incluída, também, a indumentária, motivo pelo qual Jesus possuía uma única túnica, por ele próprio lavada à noite. Aliás, essa regra foi imposta aos discípulos, cuja mediunidade ele desenvolveu; e não havia exceção nem quando viajavam em roteiro de proselitismo. (Mc. VI, 8-9). De resto, nem o Mestre nem os discípulos cobravam um ceitil sequer pelas curas que realizavam. Por isso, todos permaneceram paupérrimos. E, no que diz respeito ao Mestre galileu, a verdade é que viveu na Terra, sem viver para a Terra e lutando heroicamente, em função da vida espiritual após a desencarnação, procurando conquistar cada dia maior número de virtudes, pois nunca se julgou perfeito, nem mesmo bom como quisera ser. E a prova é que, quando um moço rico hipocritamente se lhe ajoelhou aos pés e perguntou-lhe: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” Jesus, incontinenti, atalhou-lhe a palavra contestando-o: “Ninguém é bom senão um só, que é Deus.” (Mc. X, 18). Mas, apesar da comovente modéstia de Jesus, o homem mais perfeito que, até hoje, viveu na Terra, ele provou possuir, dentre tantas virtudes, o mérito de haver pugnado para estabelecer a fraternidade entre todos os Espíritos encarnados. E não parou aí. Conceituou o Criador como um Pai infinitamente poderoso, sábio e justo, que deve ser objeto de nosso amor e não do nosso terror. Por conseqüência, por pior que seja no momento a situação, ainda nos resta resignação para extravasar nossa confiança nos desígnios divinos, proferindo, ao fim de toda oração, esta sentença: mas em tudo seja feita a vontade de Deus!

Outro ponto que merece lembrado é que Jesus, por ser iniciado, jamais tocou as mãos no dinheiro dos óbolos, que, por gratidão, lhe ofertavam os seus beneficiários: confiou-o a Judas. Em chocante contraste, toda a hierarquia da Igreja Católica e, também, da Igreja Protestante, sempre viveu exclusivamente para a Terra, à maneira de profissionais, cobrando dízimas, espórtulas e taxas por tudo; e, quando têm oportunidade, ameamham abundantemente o “vil metal”. Muitos fazem fortuna; outros galgam posições po-

líticas. E os padres, quando sabem fazer salamaleques aos hierarquicamente superiores, conquistam rendosas dioceses e vivem à tripa forra em luxuosos palácios. Sem embargo, alardeiam “voto de pobreza” e preconizam diálogos com operários oprimidos e espoliados, assistindo-os, quando os assistem, com fundos arrecadados, porque da Igreja mesmo não sai um centavo! Mas, para humilhação da dita cuja, seus sacerdotes, ao contrário de Jesus, não curam ninguém, nem do corpo nem da alma; quando muito, aliviam o remorso com a catarse da confissão. Mas, em contradição, desestimulam o auto-aperfeiçoamento moral com a falsa promessa de perdão dos pecados, hipótese absurda, porquanto as leis de Deus são infinitamente justas e, por consequência, irrevogáveis. A norma é que cada qual resgate suas próprias dívidas, ressarcindo “até o último ceitel”, as faltas cometidas contra seus semelhantes.

Contrastando com a reduzida utilidade do sacerdócio na atual sociedade, que exige lógica e fatos, ao invés de dogmas e fé, nunca é demais enfatizar que, não só Jesus, como seus discípulos, com a colaboração de Espíritos curadores, efetuaram, até ao fim do século I da Era Cristã, curas tão assombrosas que foram consideradas pelos ingênuos como “curas milagrosas!”

Donde se infere que o verdadeiro cristianismo não pode prescindir do concurso da mediunidade, nem da participação dos Espíritos desencarnados.

Aliás, não menciono tais fatos com intuito de molestar adeptos de qualquer religião, mas para repor Jesus de Nazaré em seu verdadeiro papel histórico e alertar que o cristianismo, apesar de não haver vingado no mundo com toda veracidade, está ressurgindo com a revelação do Neo-espiritismo dada por Espíritos missionários, dentre os quais se destacam Emissários do Mestre galileu. Despojado de dogmas absurdos com os quais o desfiguraram capciosos teólogos, o cristianismo redivivo, que fulgura na doutrina neo-espírita, satisfaz as exigências do mundo hodierno, porque é evolutivo, dinâmico e está ligado à Ciência e, particularmente, à Medicina pelo estudo clínico e pelo tratamento das Espiritopatias — doenças causadas por Espíritos sofredores ou obsessores — e, portanto, condiciona a fé ao beneplácito da razão e ao consenso da “observação armada”, quando a experiência científica é impossível.

Ora, dentre outros atos paradoxais atribuídos ao iluminado profeta nazareno por evangelistas mal informados ou por copistas inescrupulosos, destaca-se, à luz da razão, a chocante cena da “purificação do templo”. Aceita como descrita nos evangelhos canônicos, Jesus teria sofrido a atuação de um Espírito obsessor! Com efeito, os evangelistas canônicos afirmam, com pequenas divergências, que, ao entrar no templo e deparar-se com a abominável mercancia de bois, ovelhas e pombas, Jesus exasperou-se, vociferou contra os cambistas e, num arremesso de fúria, empunhou “um azorrague feito de cordas” e vergastou indiscriminadamente vendilhões culpados e alimárias inocentes, e virou cadeiras, e tombou mesas, e esparra-

mou no chão o dinheiro do “sagrado” mercantilismo! (Jo. III, 14-15; Mt. XXI, 12; Mc. XI, 15). Como se vê, uma cena tragicômica, indigna de um Mestre e, sobretudo, de um Mestre do gabarito de Jesus de Nazaré, iniciado de último grau nos “mistérios de Deus” do essenismo.

Em que pese à suposta autoridade dos textos bíblicos, a dramática e degradante agressão descrita no templo, se fosse verdadeira, seria espetáculo de mentecapto, incompatível com a austeridade e o equilíbrio emocional de um Mestre que, até pregado na cruz, mostrou-se sereno e indulgente! Não; essa é uma das mais estupefacientes mentiras incluídas no *Novo Testamento*!

De fato, desligado do mosaísmo, Jesus nada tinha que se intrometer no comércio do templo, altamente rendoso para o Sumo Sacerdote; além disso, descendente de família destituída de expressão social, filho de humilde carpinteiro, se o profeta nazareno hostilizasse a negociata correria grande risco de vida, porquanto o Sinédrio era poderoso e implacável. De resto, os cambistas que lá mercadejavam eram comparsas dos membros do Sinédrio, que se locupletavam com a farta coleta da dízima, que incluía os “animais de oferenda”, que convergiam de todos os recantos da Palestina e que eram revendidos no “mercado negro”. Por conseguinte, qualquer agressão aos cambistas do templo importaria em desacato ao Sumo Sacerdote. Conseqüentemente, a repressão seria imediata: ali mesmo, o atrevido seria chicoteado ou morto por lapidação, isto é, massacrado a pedradas. E se o agressor fosse Jesus, conforme afirma a *Bíblia*, certamente ele não teria escapado do castigo ou da morte, porque, na época, ainda era profeta sem prestígio, no início de seu ministério, conhecido, apenas, em parte da Galiléia, mas ignorado em Jerusalém, o centro político e religioso da Palestina; e, com exceção dos poucos discípulos que o acompanhavam e dos numerosos doentes que ele já havia curado, ninguém suspeitava de seu incomensurável valor! A prova é que não fora incluído entre os profetas de Israel e, até hoje, é repudiado como o Messias quiliasta de Judá; e, para crucificá-lo, os judeus nem se preocuparam que houvesse julgamento legal: entregaram-no à sanha de turba enraivecida com intrigas e calúnias dos sacerdotes mosaístas e, além disso, amedrontada com imaginárias represálias do Imperador romano contra o “povo de Deus”. Para justificar a clamorosa injustiça, os sacerdotes partiram da premissa de que era melhor morrer um homem do que ser sacrificado um povo.

No entanto, Jesus jamais instigou revolta contra as tropas de ocupação; ao contrário, arditamente consultado se se deveria ou não pagar tributo a César, o Mestre limitou-se a pedir aos interpelantes uma moeda em circulação. Deram-lhe um denário. Jesus colocou-o na palma da mão e, depois de contemplá-lo, perguntou-lhes: — “De quem é esta efigie?” — “De César” responderam-lhe. Incontinenti, Jesus devolveu-lhes a moeda com a sentença histórica: — “Pois então dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus!” (Mt. XXII, 21).

Como se vê, não houve, na resposta de Jesus, a mínima insinuação a qualquer movimento revolucionário contra os romanos. Mas a peçonha derramada no seio da massa ignara foi tão venenosa que, para ridicularizarem o Mestre, seus algozes pregaram na cruz uma tabuleta com execrável inscrição: “Jesus de Nazaré, rei dos judeus!” Entrementes, o cúmulo da irrisão e da barbaridade atingiu o vórtice da ignomínia quando, contra seus direitos de cidadão livre, posto que súdito romano, levaram-no à crucificação, como se fosse escravo incriminado como réu de crime hediondo!

Sem embargo, a obnubilação no discernimento de seu inestimável valor não foi apanágio dos estranhos: sua própria família não soube aquilatar o esplendor da hierarquia espiritual e a grandeza moral do Mestre, nem a transcendência de sua mediunidade, predados mitigados pela simplicidade e pela humildade do iniciado essênio. Com efeito, depois de desligado da comunidade do Mar Morto, quando pregou, pela primeira vez, em sua terra natal, com tanta modéstia falou que, ao fazer, “com passes”, a primeira cura, a perplexidade foi geral. Todos mutuamente se interrogavam: “não é este o filho do carpinteiro? Não se chama Maria a sua mãe e os seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Onde lhe vem, pois, tudo isso?” (o saber e o poder mediúnicos) (Mt. XIII, 54-56).

Contudo, o mais desolador não foi o ceticismo dos concidadãos — foi a descrença dos próprios parentes mais próximos; “pois nem mesmo os irmãos criam nele!” (Jo. VII, 5). E a mãe, porventura, acreditava no prodigioso filho que possuía? Certamente, não; e eis a prova: “E quando os parentes de Jesus ouviram isto (que ele estava curando em Nazaré) saíram para agarrá-lo porque diziam — ‘está fora de si’.” (Mc. III, 21). Diante disso, o Mestre teve carradas de razão quando, decepcionado com a família e com os conterrâneos, desabafou-se: “Um profeta não deixa de receber honras senão na sua terra, entre parentes e em sua casa!” (Mc. VI, 4).

Outra prova evidente da decepção que lhe causou a família foi a recusa de receber a mãe e os irmãos, quando, estando o Mestre dentro duma casa, rodeado de discípulos, a curar e a ensinar a nova doutrina, surgiu, inesperadamente, um emissário de sua mãe e de seus irmãos, que lhe declarou: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar-te.” (Mt. XII, 47). Sem titubear, Jesus virou-se para o emissário e interpelou-o: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” (Mt. XII, 48). Em seguida, apontou os discípulos e afirmou: “Eis minha mãe e meus irmãos.” (Mt. XII, 49). Dessa forma, Jesus deixou claramente dito que a verdadeira família é a que comunga nos mesmos ideais e, por isso, sobrevive à destruição do corpo físico, unindo-se novamente no plano espiritual; ao passo que a família terrena é, apenas, oportunidade para a mútua ajuda no cumprimento das provações cármicas ou ensejo para ressarcimento de dívidas morais contraídas em anteriores encarnações. Todavia, em casos excepcionais, pode ser providencial união de Espíritos afins, para suavização das provações de ambos, com o alento de sincero amor ou, pelo menos, de sólida amizade!

De tudo que ficou dito, a conclusão é que, durante a vida terrena, Jesus não foi valorizado nem por sua própria família, a qual jamais pressentiu a elevada hierarquia de seu Espírito, iluminadíssimo.

Ora, incompreendido pelos conterrâneos e ainda destituído de prestígio como profeta, Jesus, mesmo que fosse mosaísta ortodoxo, não ousaria flagelar os mercadores do templo. A bravata, incompatível com sua iniciação, além de não ter sentido para um essênio, custar-lhe-ia feroz desagravo!

Atente-se no que ocorreria, ainda hoje, quando a Igreja não dispõe de prestígio equivalente ao do Sinédrio de antanho, o qual podia condenar à lapidação, ao seu alvedrio, os heterodoxos que arrostavam corajosamente os seus interesses inconfessáveis, nem possui a força e a influência política das quais usou e abusou no obscurantismo da Idade Média. Se um católico intransigente ficasse furibundo com a venda, às escâncaras, dos “Santinhos” de porta de Igreja, mascarada com o eufemismo de “troca”, e, de repente, empunhasse um rebenque, principiasse a bradar impropérios e a chicotear as beatas a serviço do padre da paróquia, escorraçando-as espavoridas do comércio clerical, que lhe poderia acontecer? Se não fosse linchado *in loco*, dois roteiros o aguardavam: o da cadeia ou o do hospício! Isso, hoje. Imagine-se no tempo de Jesus, há dois mil anos, com a preponderância e a maldade do Sinédrio!

Como se colhe, o degradante espetáculo dos vendilhões do templo é mais uma trapaça incluída na *Bíblia* pelos inimigos de Jesus de Nazaré! De fato, indulgente a ponto de mandar perdoar os inimigos não sete, mas sete vezes setenta vezes, Jesus jamais cometeria tamanho desatino; bondoso a ponto de mandar amar até aos inimigos, Jesus, de modo nenhum, desancaria quem quer que fosse! A mão que curava instantaneamente doenças incuráveis, nunca jamais seria conspurcada pelo látego infamante! O Mestre que ensinou: “Não façais a outrem o que não quiserdes que se vos faça”; e complementou: “Fazei aos outros o que desejais que se vos faça” jamais se transformaria em iracundo verdugo! Bom, indulgente e fraterno, em hipótese alguma Jesus agiria com inqualificável violência contra os cambistas do templo, vítimas da cupidez estimulada pelos próprios sacerdotes!

Não; quer pela lei da abstenção à prática do mal, quer pela lei da caridade atuante, ambas incentivadas como roteiros divinos por Jesus de Nazaré, Mestre que só amou e ensinou amor fraterno e que, portanto, de maneira nenhuma macularia sua vida consagrada exclusivamente ao bem do próximo, com um comportamento de louco na inopinada expulsão dos vendilhões do templo mosaísta, com o qual ele nada tinha a ver! Risque-se, pois, da *Bíblia*, mais essa deslavada patranha!

JESUS TRANSFIGUROU-SE OU ILUMINOU-SE?

Como todo Instrutor da humanidade, Jesus viveu em contato com o mundo espiritual, através de suas prodigiosas mediunidades.

Com efeito, além da mediunidade curadora, que, sobre ser assombrosa, é raríssima, Jesus fora dotado de outras mediunidades, que, embora vislumbradas nos textos evangélicos, foram mal interpretadas por hermeneutas capciosos e interesseiros.

Haja vista o fenômeno descrito nos evangelhos sinóticos como transfiguração e no qual se escoram os apologistas da divindade de Jesus.

Na verdade, o fenômeno não foi de transfiguração, nem serve para comprovar divindade — demonstra, apenas, que Jesus fora, também, médium de efeitos físicos.

Relatado por três evangelistas que o não testemunharam pessoalmente, relevam-se as divergências. Num ponto, porém, todos estão de acordo: é que, depois de escolher três discípulos — Pedro, Tiago e João — Jesus isolou-se, com eles, numa colina, para orar.

Logo se vê que Jesus pretendia obter uma comunicação importante, razão por que selecionou, dentre todos, três discípulos com maior sensibilidade mediúnica, dentre os quais Pedro era médium de materialização.

E que aconteceu? Mateus afirma que, ao orar, Jesus “foi transfigurado” de tal modo que “seu rosto resplandeceu como um Sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz” (Mt. XVII,2); Marcos silencia a respeito da fisionomia do Mestre e limita-se a confirmar que “suas vestes tornaram-se resplandecentes” (Mc. IX,3); Lucas é mais minucioso e explica que “enquanto orava, a aparência de seu rosto se transfigurou e suas roupas resplandeceram de brancura” (Lc. IX,29).

Contudo, Lucas não informa qual a alteração observada no rosto de Jesus. Sem embargo, se Mateus falou a verdade, o “rosto resplandeceu como um Sol”.

Como se vê, não houve verdadeira transfiguração — houve, apenas, iluminação do rosto e das vestes.

Apesar da omissão, adivinha-se que o fato ocorreu à noite, na escuridão; caso contrário, a luz solar ofuscaria o resplendor do corpo espiritual ou perispírito de Jesus.

Por outro lado, os três evangelistas afirmam que os discípulos lá presentes “viram” Moisés e Elias “falando” com Jesus.

Ora, se os três “viram” os dois antigos profetas, é evidente que ambos estavam “materializados”. Se assim não fora, somente o que fosse médium vidente poderia “ver” os profetas. E ainda que os três estivessem em transe, não é crível que todos fossem videntes, forma rara de mediunidade.

Tudo diz, pois, que Moisés e Elias estavam, de fato, materializados. Nessa condição, eles poderiam realmente “falar” com Jesus, embora, via de regra, um fantasma materializado não consiga articular as palavras senão depois de certo treino, no decurso de várias sessões. Mas, falando ou não falando, o fato é que, diante dos textos, Moisés e Elias estavam materializados. Uma coisa, porém, é certa: é que, em transe profundo, como se encontrava, Jesus não poderia falar, a menos que houvesse uma incorporação. Mas, nesta hipótese, quem falaria com os profetas não seria Jesus e sim o Espírito incorporado em Jesus — fato paradoxal, porquanto, para comunicar-se com Moisés e Elias, o Espírito desencarnado não teria necessidade da mediunidade de Jesus! Não; o mais provável é que a presença dos profetas foi prova para os discípulos e não para Jesus.

De toda maneira, a comunicação entre o Mestre em transe e os profetas “mortos”, fora telepática, sem palavras articuladas. E se Lucas adianta que o tema da palestra fora concitação para que Jesus abandonasse Jerusalém, é quase certo que foi o próprio Mestre que, após o transe, deu a informação aos discípulos que o acompanharam.

Caso contrário, não se compreenderia porque, estando materializados e falando com Jesus, os profetas não aproveitassem a ocasião para falar aos discípulos.

Entretanto, não falaram. E, para falarem, provocaram outro fenômeno notável — a “voz direta”.

Estavam “aterrorizados” os discípulos com a visão dos profetas, quando, de acordo com os evangelistas “uma nuvem os envolveu e dela saiu uma voz”.

Como se vê, autêntico fenômeno mediúnico. Da nuvem formada com o ectoplasma de Jesus surgiu a voz dirigida aos discípulos. É exatamente assim que ocorre muitas vezes nas sessões espíritas de materialização!

Todavia, no caso em tela, apesar de ter havido dupla materialização e, em seguida, “voz direta”, ou, em termos parapsicológicos, endometaplasia e metafofia, não houve, na verdade, transfiguração.

Transfiguração houve no caso citado por Allan Kardec (*Rev. Esp.* Vol. II, pág. 67). A médium, uma jovem ingênua, tomava os traços, a voz e os gestos dos parentes mortos, que ela não conhecia; ou do irmão, que conhecia, mas que, ao incorporar nela, modificava-lhe a estatura e dava-lhe hercúlea força muscular, compatível com a robusta compleição física que tivera em vida, mas incompatível com a gracilidade feminina da médium!

Transfiguração houve, também, com Hélène Smith, médium admirável, que o Prof. Flournoy, a despeito de psicólogo e psiquiatra, quiçá por isso mesmo, não soube valorizar. O Mentor da jovem médium, Leopoldo, noutra encarnação fora José Bálsamo, o famigerado Conde de Cagliostro. Em certas ocasiões, Leopoldo regredia à encarnação anterior, voltando à personalidade italiana. Trata-se de fenômeno do máximo interesse, falsamente interpretado à luz de hipotéticas concepções freudianas.

A médium, que nada sabia sobre o Conde italiano, quando incorporava Cagliostro, falava com voz grossa e com sotaque italiano, que, na opinião de Flournoy, “nada tem de comum com o seu claro e bonito timbre de voz feminina”. Por outro lado, a caligrafia é muito diferente e a ortografia, a do século XVIII! Diferente, também, a maneira de pegar o lápis. A atitude torna-se grave, imponente, quase sacerdotal. Numa palavra: a médium sofre uma transfiguração “que não esquece nem o queixo duplo de Cagliostro, nem os gestos maçônicos”!

Isso sim — é transfiguração, porque a fisionomia da médium de feminina, transforma-se em masculina, com as características da fisionomia do “morto”! Ou melhor — a ideoplastia, organizada à custa do ectoplasma do médium pela radiação mental do “morto” é superposta ao rosto do próprio médium, à guisa de máscara do “morto”. É, portanto, um fenômeno *sui generis*, totalmente diferente do de materialização.

Ora, o fenômeno observado no rosto e nas vestes de Jesus foi inteiramente diverso. Com o transe profundo, houve desprendimento parcial do Espírito de Jesus, com larga faixa de irradiação perispiritual. Espírito de missionário, em derradeira encarnação e, portanto, dotado de excelsas virtudes, é óbvio que o seu perispirito, depositário de preciosas mediunidades, deveria ser, forçosamente, resplandecente! Para tornar-se visível, bastaria que Jesus, na penumbra ou na escuridão, estivesse em “concentração” ou em leve transe mediúnicos. Ficaria envolvido na luz de sua própria “aura”!

Mas, de toda maneira, o fato não seria prova de divindade, de vez que aparece também em médiuns de materialização, com pouca evolução moral.

O Prof. Hislop viu luzes desprenderem-se do corpo da médium Ana Burton e, às vezes, até a saliva se lhe tornava luminosa! O sábio Russel Wallace, êmulo de Darwin, viu uma coluna nevoenta sair do corpo do Dr. Monck, pastor evangélico e médium, convertido ao Espiritismo. Outro sábio, William Crookes, viu uma “nuvem luminosa” sair do corpo de Home e formar perfeita mão. O Dr. Speer, médico, afirma que viu muitas vezes “colunas de fumaça fosforescente” desprenderem-se do corpo de Stainton Moses, pastor anglicano convertido ao Espiritismo. Ochorowicz, psiquiatra polonês, observou várias vezes “relâmpagos mediúnicos” desprendidos do corpo de Stanislaw Tomczyk.

Indubitavelmente, poderia citar muitos outros exemplos. Mas não quero omitir a prata da casa. Cícero Valério, pseudônimo que oculta um colega ilustre, cita em *Fenômenos Parapsicológicos e Espíritos* “intenso facho de luz”, projetado da cabina do médium. Finalmente, em *Materializações Luminosas*, Ranieri afirma que, numa feita, todos os assistentes, dois a dois, foram introduzidos na cabina para observarem como, em transe profundo, o corpo do médium Peixotinho estava “todo iluminado interiormente”!

Como se colhe, o fato de o rosto e as vestes de Jesus haverem resplandecido “como o Sol” não prova sua divindade — comprova, apenas, sua mediunidade!

Sem embargo, consoante venho reiteradamente afirmando e reafirmando, o valor de Jesus não se mede por suas assombrosas faculdades mediúnicas: sente-se pela sublimidade de sua doutrina, que, embora deturpada durante séculos, ressurgiu na revelação confiada ao Mestre Allan Kardec e estará ampliada e unida à Medicina no Neo-espiritismo, revelação que, há longos anos, me vem sendo feita por uma equipe de Espíritos missionários em nome do atual líder religioso de nosso planeta — Jesus de Nazaré.

JESUS ANDOU SOBRE AS ÁGUAS DO MAR?

Educado no ascetismo essênio, Jesus, como todo “iniciado”, em certos momentos, sentia necessidade de isolar-se, para meditar e orar.

O fato está registrado em algumas passagens bíblicas e é mais uma prova de que ele não era Deus. Caso contrário, pela oração, Deus suplicaria a si mesmo em seu próprio benefício!

Todavia, a verdade é que, apesar de ter sido Espírito de última encarnação, hierarquicamente no posto de Instrutor da humanidade e com o compromisso de ampliar a gradativa revelação das verdades divinas, Jesus foi uma criatura de natureza idêntica à nossa. Por isso, é compreensível que freqüentemente se visse obrigado a implorar ao Criador a força espiritual imprescindível ao cumprimento de sua árdua missão.

Aliás, foi o que aconteceu, quando, exausto pelo atendimento a uma multidão de enfermos, ordenou que os discípulos embarcassem no barco, que estava ancorado à margem do Lago de Genezaré, e regressassem, sem ele, não se sabe bem para onde, porque Mateus silencia sobre o episódio. Marcos diz que foi para Betsaida e João informa que o objetivo era Cafarnaum. (Mt. XVI, 22 ss; Mc. VI, 45 ss; Jo. VI, 16 ss).

Mas, para o caso, isso pouco importa. O que importa é que Jesus preferiu permanecer onde estava e que, depois da partida dos discípulos, “subiu, sozinho, ao monte, para orar” (Mt. XIV, 23; Mc. VI, 45-46).

Entretentes, a viagem dos discípulos não fora bonançosa. Houve ventania contrária, com mar encapelado. O barco deslocava-se a custo. Os discípulos certamente deveriam estar apavorados, porque não contavam com a presença do Mestre. Sem embargo, por volta da “quarta vigília da noite, Jesus foi ter com eles, andando sobre o mar” (Mt. XIV, 25; Mc. VI, 48; Jo. VI, 19).

Assombrados com a aparição, os discípulos exclamaram: “É um fantasma! E, tomados de medo, gritaram!” (Mt. XIV, 26). Jesus, porém, retrucou-lhes: “Tende ânimo, sou eu, não temais!”

Até aí, há concordância entre Marcos e João. Mas Mateus exagerou a ponto de afirmar que Pedro — o mais medroso, o que negou conhecer o Mestre, no momento da desgraça — pôs à prova o fantasma, desafiando-o nestes termos: “Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas.” (Mt. XIV, 28). Jesus teria aceito o repto e Pedro, mal tentara caminhar sobre a água, “sentiu vento e teve medo e começou a submergir! “Horrorizado, Pedro pediu socorro ao “duplo espiritual” de Jesus, que o salvou e o repreendeu: “Por que duvidastes, homem de pouca fé?” (Mt. XIV, 28 ss).

O relato de Mateus é, inquestionavelmente, mentiroso.

Ao contrário do que estava ocorrendo com o Mestre Jesus, presente como Espírito momentaneamente exteriorizado do corpo físico, Pedro, mé-

dium de efeitos físicos, somente em transe e com o corpo inteiriçado em catalepsia, poderia ter sido levitado em pé sobre as águas do lago, também conhecido como mar da Galiléia. Mas, nesta hipótese, Pedro estaria com os maxilares rigidamente contraídos, com trismo, e, por conseqüência, não articularia uma palavra sequer, nem para pedir socorro! Levitação com conservação da palavra poderia haver, sem dúvida, mas exclusivamente em médiuns previamente desenvolvidos e com incorporação do Espírito protetor responsável pelo fenômeno; mas, neste caso, a palavra seria do Protetor, por psicofonia.

Aliás, sob o controle científico do sábio William Crookes e em sua própria residência, o médium D.D.Home foi levitado, pelos Espíritos que o assistiam, mais de uma centena de vezes. É de ver, porém, que, nessas ocasiões, o Espírito que falava estava incorporado no médium, embora não se identificasse, razão por que os pesquisadores confundiam a voz do Protetor com a voz do médium. Vale ressaltar, outrossim, que, no caso de Home, as levitações colocaram sua cabeça em contato com o teto; e que, ao atingir tamanha altura, os Espíritos operadores giravam seu corpo, pondo-o em posição horizontal, na qual o conservavam alguns segundos, para restabelecer a circulação sangüínea do médium, fato que lhe dava a sensação de recuperação de forças, conforme ele próprio o declarou.

De resto, para evitar a hipótese de alucinação coletiva e consolidar a autenticidade do prodigioso fenômeno, Home, levitado até ao teto, nele escreveu com um pedaço de carvão diversos sinais; e, doutra vez, o extraordinário médium, controlado por quatro Lordes da Inglaterra, todos homens de Ciência, reunidos no quarto andar de um prédio londrino, foi levitado com o corpo curvado para trás, até ficar em posição horizontal e, em seguida, saiu, em transe, por uma janela do prédio, voou de costas para movimentada rua e entrou por outra janela na sala de onde fora levado pelos Espíritos desencarnados responsáveis pelo assombroso fenômeno!

Na verdade, se alguém, na movimentada rua, viu um homem voando, em decúbito dorsal, à altura do quarto andar, certamente não compreendeu nada... Mas, para compreender o êxito dessa façanha, é preciso considerar que Home, além do mérito de jamais ter negado que os fenômenos com ele ocorridos sempre foram de autoria dos Espíritos que o protegiam, tinha comprovada tarimba. Pedro, não: apesar de ter sido médium de efeitos físicos, como ficou provado durante sua prisão, com a desmaterialização de elos das correntes que o prendiam e com a abertura, aparentemente espontânea, do pesado portão de ferro da prisão, não era dotado de levitação. De modo que a levitação sobre as águas do lago, para ir ao encontro de Jesus, ou foi invenção de Mateus, ou interpolação de capciosos teólogos. Caso contrário, não se compreenderia como um fato tão sensacional fosse omitido por Marcos e por João. Mas, de toda maneira, o que está patente no testemunho dos evangelistas, com exclusão de Lucas, que nada disse, é que o fantasma ou,

melhor, o Espírito de Jesus, livre do corpo físico e ligado ao corpo espiritual, apareceu próximo do barco, no qual se encontravam os discípulos, flutuando sobre o Mar da Galiléia, e, por não ter sido imediatamente reconhecido, causou pânico em todos.

O resto é fantasia, a menos que o corpo espiritual, também denominado corpo astral, duplo etérico e *alter ego* estivesse, momentaneamente, materializado com os fluidos dos discípulos, máxime de Pedro.

Aliás, a materialização do corpo espiritual ou duplo etérico já foi constatada, desde o século passado, com alguns médiuns de materialização, controlados experimentalmente por vários cientistas de diferentes nacionalidades. Entretanto, nessa hipótese, o médium, enquanto dura a manifestação, permanece alheio aos fatos, em profundo transe, com suspensão quase total dos fenômenos fisiológicos, mal respirando e com pulso impalpável; e, no que concerne ao corpo espiritual materializado, fica sujeito à lei da gravidade e, portanto, não se transporta, volitando, nem à pequena distância. Para novamente integrar-se no corpo físico, precisa desmaterializar-se.

Na verdade, no caso em pauta, o que houve foi que, no seu isolamento, Jesus, médium clarividente, como demonstrou no encontro com a samaritana, percebeu o pavor dos discípulos, no barco acossado pelo vendaval.

Para socorrê-los, o Mestre, após invocar a proteção dos Espíritos que o assistiam em sua gloriosa missão, realizou profunda concentração mental e entrou em transe. No “corpo espiritual”, que, desde as primícias da embriogênese, vai tomando, gradativamente, a forma anatômica do corpo físico, como se fora um “duplo” do corpo material, seu Espírito, luminosíssimo, desprende-se do corpo carnal, para ir ao encontro dos discípulos alvorotados.

Entretanto, como acontece em todos os casos de desprendimento do Espírito de seu corpo físico, para que a morte não ocorra, é imprescindível que, seja qual for a distância do local visado, o perispírito, revestimento do Espírito, permaneça ligado ao organismo por “linhas de força” de fluido vital, que alimentam a vida orgânica, enquanto perdura a separação entre os dois corpos — o espiritual e o material.

Apoiados em fatos experimentais, cientificamente observados desde o meado do século passado, podemos ter a certeza de que, depois de voitar até ao local do iminente soçobro, Jesus, na condição de Espírito conhecedor dos “mistérios do reino de Deus”, pôde captar não só energias electromagnéticas da água do lago, como, principalmente, fluido vital dos próprios discípulos, sobretudo de Pedro, que era médium de efeitos físicos (At. XII, 7-8); e, dessa maneira, conseguiu condensar seu perispírito a ponto de tornar-se visível por todos os discípulos que o aguardavam ansiosamente!

Dessa maneira, fica claro por que o fantasma, que, a princípio, fora percebido apenas pelos discípulos dotados de vidência espiritual, em poucos minutos, mais condensado, foi identificado por todos como o Mestre semimaterializado!

De toda maneira, a surpreendente aparição de Jesus foi efêmera exteriorização de seu Espírito, em seu corpo espiritual reforçado, na periferia, pelo perispírito, que se distingue pela maior densidade da energia vital; e cujo conjunto, exteriorizado do corpo físico, constitui o duplo etérico — duplo etérico que, consoante as hipóteses formuladas, recebe diferentes denominações. No âmago do problema, o que está patente é a irremovível presença do Espírito eterno, radiação do pensamento criador de Deus!

Tudo que afirmo encontra comprovação, por analogia, em milhares de observações, realizadas desde muitos séculos, em todo o planeta, no seio das mais díspares religiões, seitas e cultos. Na verdade, são fenômenos naturais, embora raros. Estão ligados à mediunidade, faculdade universal, que não é nem apanágio do gênero humano, porquanto, em alguns níveis, pode manifestar-se até nos animais. Não constitui privilégio de nenhuma religião — manifesta-se em todas. As interpretações dos fenômenos mediúnicos é que ficam, muitas vezes, ao sabor dos interesses religiosos e dos preconceitos científicos, sofrendo lamentáveis distorções, que desviam o homem — Espírito provisoriamente encarnado — do encontro com o mundo dos Espíritos desencarnados, para onde todos nós, sem exceção, iremos um dia. Não há, portanto, para a humanidade, mais nefasta obstinação que a da Ciência, porque, armada com maravilhosa tecnologia prestes a comprovar a sobrevivência do Espírito e a comunicação com os Espíritos desencarnados, desvia a verdade, tão evidente, com eufemismos capciosos em defesa do materialismo e do ateísmo.

Sem embargo, confirmando o fenômeno ocorrido com Jesus, poderia citar mais de uma centena de casos de desprendimento do “duplo espiritual”, alguns confirmados apenas pela autenticidade dos fatos descritos pelo *alter ego*, ao regressar ao corpo físico; outros, observados durante a libertação do Espírito, com semimaterialização do perispírito.

Para a primeira hipótese, tomo como exemplo uma observação do Prof. Cesário Hossri, que leciona Hipnose Clínica, em Santos, e que realizou interessantes pesquisas em médiuns lisergizados. Devo ressaltar, porém, que, quer no treinamento autógeno de Schultz, quer no treinamento autógeno com drogas que atuam sobre a mente, os efeitos *Psí*, isto é, as faculdades mediúnicas só se manifestam nos pacientes que as possuem em estado latente; e, com mais forte razão, poderá reforçá-las nos indivíduos que já as possuem desenvolvidas.

Foi assim que, sob a ação do LSD, o *alter ego* ou, melhor, o Espírito, provido com o “corpo espiritual”, — radiação do Espírito circundada pelo perispírito — de um médico paulista foi transportado, por volitação e invisivelmente, até à sala de partos duma Maternidade, onde se encontrava “em trabalho”, uma cliente que o chamava aos gritos, sem ter tido explicação por que motivo seu parteiro não a fora assistir! Em lá chegando, o Espírito do

esculápio, momentaneamente libertado do corpo físico, observou as cenas que se desenrolaram e constatou inclusive o nascimento de um feto do sexo masculino, ocorrido às 2h35m.

Asseverando a autenticidade dos fatos, o Prof. Hossri, em *Prática do Treinamento autógeno & L.S.D.*, escreveu: “Foram confirmados e comprovados totalmente os relatos feitos pelo lisergizado, sobre a ocorrência, como a hora exata do nascimento, sexo da criança e chamamento da parturiente.”

Como se infere, trata-se de um caso de exteriorização e de transporte à distância do Espírito encarnado, protegido com a orla mais condensada, que constitui o perispírito, conservando, livre do corpo carnal, plena consciência dos fatos desenrolados, com preservação da memória, de tal sorte que o médico, ao sair do transe mediúnico, favorecido pelo ácido lisérgico, com invisível cooperação espiritual, pôde descrever tudo que se passara na Maternidade.

Apesar de não haver, no obra do Prof. Hossri, a mínima referência se, na ocasião, a parturiente ou qualquer outra pessoa pôde ver o “duplo etérico” do médico, tudo diz que, durante a exteriorização, o “duplo espiritual”, permaneceu invisível, pois, na Maternidade, ninguém fez referência ao fato.

Todavia, há, na literatura espírita, muitas observações nas quais o “duplo espiritual”, semimaterializado, fora visto, simultaneamente, por várias testemunhas, tal como ocorreu, no barco, com os discípulos e Jesus!

Para abreviar, vou restringir-me a um único exemplo.

O caso foi relatado, primeiramente, em *Footfalls on the Boundary of Another Life*, livro de autoria de R. Dale Owen; e, posteriormente, com novos dados, na revista *Light*, onde o colheu Alexandre Aksakof e que o publicou na réplica que deu ao filósofo Von Hartmann, em *Animismo e Espiritismo*. Ei-lo, em síntese: Num internato de moças de famílias nobres, na Livônia, perto de Riga, havia uma professora francesa, Emília Sagée, sábia, inteligente e esmerada nos seus deveres pedagógicos, que era dotada da faculdade de desdobrar-se, com exteriorização do “duplo” ou, melhor, do “corpo espiritual.”

O fenômeno ocorria espontaneamente, “em ocasiões em que ela estava muito preocupada ou muito aplicada a seus serviços”. Vale dizer: quando concentrada. Por causa da incontrolável ocorrência, a professora fora despedida, anteriormente, de dezoito educandários! Como se infere, o fenômeno fora visto por centenas de jovens normais, sem alucinações anteriores. No último colégio, havia quarenta e duas jovens. E todas viram, mais de uma vez, o “desdobramento espiritual” da professora!

Duma feita, Emília Sagée estava ministrando uma aula e toda a classe viu duas Emílias, uma ao lado da outra, exatamente semelhantes, a “material” escrevendo a giz no quadro negro e a “espiritual” imitando-lhe os gestos.

Noutra ocasião, todas as moças (quarenta e duas) estavam reunidas no salão de costura, com quatro portas de vidro dando para o jardim, onde

Emília cuidava das flores. De repente, numa poltrona vazia, dentro do salão, apareceu o “duplo espiritual” da professora. De modo que ela foi vista, simultaneamente, por todas as alunas, no jardim e no salão de costura! Um fato, porém, não escapou à observação das mais argutas: foi que, à medida que o “duplo espiritual” sentado na poltrona se tornava mais “material”, a gesticulação do corpo físico da professora, que permaneceu no jardim, se tornou cada vez mais lenta e automática.

Isto significa que, com o afastamento do Espírito, que é o mantenedor da vida humana, o corpo físico demonstrou debilidade do sistema nervoso, com morosa coordenação muscular.

Com o ceticismo de Tomé, duas alunas mais afoitas resolveram tocar no “duplo espiritual” sentado na poltrona. Mas ficaram estupefactas, porque sentiram consistência: o “duplo espiritual” estava semimaterializado!

Noutra oportunidade, uma aluna estava a vestir-se diante do espelho. Emília ofereceu-se para ajudá-la. A jovem aceitou a gentileza, mas não tardou a dar um grito de pavor, porque viu, refletidas no espelho, as imagens de duas Emílias!

A reflexão no espelho prova que o “duplo espiritual”, junto do corpo físico e, provavelmente, com inconsciente reforço de fluido vital retirado da aluna, estava materializado!

Como se conclui, no caso de Emília Sagée, como no de Jesus de Nazaré, o “corpo espiritual” ou, o que dá no mesmo, o “duplo espiritual” adquiriu certo grau de materialização, em virtude de maior condensação do perispírito, pela abundância de “fluido vital” existente no ambiente. Somente assim, o Espírito de Jesus, como o Espírito de Emília Sagée, ambos momentaneamente desprendidos do corpo físico, puderam ser vistos, sincronicamente, por várias pessoas; o de Jesus, pelos discípulos, no barco ameaçado de naufragar e o da modesta professora francesa, por numerosas alunas e em diferentes oportunidades.

Todavia, não há termo de comparação entre a autonomia do “duplo espiritual” de um “iniciado” de elevadíssima hierarquia, autêntico Instrutor da humanidade, como o iluminado profeta Jesus de Nazaré, e a limitada liberdade do “duplo espiritual” de uma humilde médium, sem “iniciação”, como Emília Sagée, cujo Espírito não poderia, sem que ela corresse risco de vida, afastar-se muito do corpo físico.

Em suma — não houve milagre no Lago de Genezaré, porque o Criador é onisciente, não erra e, por isso, suas leis são incorrigíveis. Nem Jesus, com seu corpo carnal, andou sobre as águas. Foi o “duplo espiritual” ou o “corpo espiritual”, como preferia o apóstolo Paulo, que, durante profundo transe mediúnico, se desprendeu do corpo físico e, com rapidíssima volitação, alcançou o barco em perigo; depois de permanecer alguns instantes como “fantasma”, levitado sobre o lago, conseguiu captar fluidos vitais da água e, também, dos discípulos, a ponto de materializar-se, razão por que pôde falar! Dessa forma, entrou no barco e conseguiu encorajar com veemência os discípulos apavorados e evitar o naufrágio!

Agora, decorridos quase dois mil anos, o barco que está em perigo é milhões de vezes maior e o número de tripulantes, entre Espíritos encarnados e Espíritos desencarnados, é quase infinito. Refiro-me à Terra, da qual Jesus é, presentemente, o supremo líder religioso. Verdadeiro oásis, dentro de nossa galáxia, porque é o único planeta que dá aos Espíritos a oportunidade da encarnação, para abreviarem o ciclo da evolução em busca da perfeição e da felicidade!

Sem embargo, com armas nucleares e horripilantes radiações, que, por um acesso de loucura do governante de uma das grandes potências, podem entrar em ação, os Espíritos encarnados e os desencarnados, que estão evoluindo em numerosíssimos planos espirituais localizados na Terra, estão ameaçados de inimagináveis sofrimentos!

Urge, pois, que, seguindo o roteiro apontado, há vinte séculos, por Jesus de Nazaré, a humanidade compreenda que somente pela veneração ao Criador e pela confraternização geral dos Espíritos encarnados e dos Espíritos desencarnados, como ensina a mais recente revelação divina — o Neo-espiritismo — será possível evitar a destruição da vida e, até, o esfacelamento de nosso maravilhoso planeta!

JESUS ACALMOU O MAR E ESTANCOU A TEMPESTADE?

Até hoje, na concatenação desses artigos hebdomadários, focalizei a onimoda mediunidade de Jesus de Nazaré, destacando a curadora. Agora, mostrá-lo-ei nimbado com a auréola de autêntico iniciado no grau máximo de Mestre, razão por que, a qualquer momento, podia movimentar numerosa hierarquia de Espíritos desencarnados sempre dispostos a servi-lo; quer em sua perigosa missão junto a um povo fanático, que punia com a morte quem quer que tentasse ultrapassar o mosaísmo com nova revelação; quer na modificação do curso dos fenômenos naturais — todos eles dirigidos por Espíritos desencarnados em diferentes níveis de evolução e que atuam como intérpretes da vontade de Deus!

Aliás, no que concerne a Jesus, o fato está patente nos três primeiros Evangelhos. Ei-lo, segundo Marcos, que, de acordo com Papias, Bispo de Hierópolis, fora intérprete de Pedro, testemunha pessoal dos acontecimentos: “Naquele dia, à tarde, disse-lhes Jesus: passemos para o outro lado (do lago de Genezaré, afirma Lucas). Despedindo a multidão, eles o levaram, assim como estava (?), no barco; e outros barcos o seguiam.”

Nesse ínterim, forma-se violento tufão e desencadeia-se forte temporal, com ameaçadores marouços, que punham em risco a frágil embarcação, já “fazendo água” e prestes a soçobrar. Apanhados de surpresa, os discípulos ficaram apavorados, máxime porque o Mestre estava a dormir na popa. Não confiaram; acordaram-no e perguntaram-lhe: “Mestre, não se te dá que pereçamos?” Em despertando, “Jesus repreendeu o vento e disse ao mar: Acalma-te, emudece! O vento se aquietou e fez-se grande bonança” (Mc. IV, 35-39; Mt. VIII, 23-26; Lc. VIII, 22-25).

Não obstante a linguagem desleixada do tradutor da *Bíblia*, o fato, aparentemente milagroso, está evidente. De resto, fora relatado por três evangelistas. Logo, não poderá ser negado; a menos que se admita que a primitiva Igreja, que, durante séculos, sonegou os documentos do cristianismo incipiente, os haja falsificado, interpolando posteriormente, no contexto da *Bíblia*, a mentira forjada!

Sem embargo, prefiro aceitá-lo como verdadeiro, e mais: perfeitamente explicável. Afasto, de início, a hipótese de hipnose, porque os discípulos estavam espavoridos, a suplicarem socorro ao Mestre. Ora, o hipnotismo, para surtir efeito, exige um mínimo de concentração com o máximo de sugestão. Conseqüentemente, não é crível que, horrorizados com a ventania e a água a penetrar no barco, ameaçados de naufrágio, os discípulos pudessem concentrar as idéias nas sugestões verbais de Jesus.

Além disso, “seguiram-no outros barcos”, afirma Marcos. Em tais condições, para que o fenômeno fosse aceito por todos, seria imprescindível a hipnose coletiva. Ora, para os que acompanhavam Jesus, houve *signo-sinal*

da palavra, mas para os que estavam distantes ou noutros barcos, nem palavra, nem qualquer outro gesto capaz de sinalar uma ordem imprevisível do Mestre! Não, não houve hipnotização e, apesar disso, o fato aconteceu com toda certeza, porque, desde épocas remotíssimas, aconteceu com a intervenção de outros Mestres, também iniciados nos mistérios das atividades dos Espíritos desencarnados em nosso planeta; e, até, sem iniciação, somente com fervorosa oração de criaturas dotadas de profunda convicção religiosa!

Haja vista o “milagre” ocorrido, durante a última guerra, com o barco que recolheu náufragos de um navio torpedeado e que, depois de vagar sem rumo durante vários dias, fora acossado por violento temporal com apavorantes vagalhões, estando em perigo de ser completamente destruído, quando alguém sugeriu fervorosa oração coletiva. Aceita a opinião, em poucos minutos, estabeleceu-se a bonança. Mas é óbvio que o poder da oração não poderia ter influído diretamente sobre o vento, nem sobre a água do mar; e sim, como ensinam os Mestres que me revelaram o Neo-espiritismo, sobre os Espíritos que se encontram, aos milhões, na atmosfera e no mar, fontes de sua alimentação energética e campos de suas atividades em colaboração com as leis naturais, os quais, reforçados com as radiações vitais emitidas durante o “estado de oração” pelos que suplicavam o socorro divino, puderam controlar, pela força do pensamento, os elementos da natureza, de modo a aplacar a ventania e a amainar os vagalhões!

No caso do iminente soçobro do barco castigado pela borrasca do mar de Genezaré, prevaleceu a incontestável autoridade de Jesus. Feito o veemente apelo do Mestre, rapidamente principiaram a agir, além de muitos Espíritos que humildemente o assessoravam nas fainas de seu ministério, imenso número de Espíritos responsáveis, em consonância com as leis naturais, pela produção dos fenômenos atmosféricos e marítimos, cujo ritmo normal deveria ser prontamente restabelecido para sustar o vendaval!

Em verdade, embora esmagando preconceitos e reformulando conceitos, o Neo-espiritismo confirma a participação dos Espíritos desencarnados, nos mais diversos graus hierárquicos, em todos os fenômenos da natureza. Diante disso, é oportuno ressaltar a autenticidade do animismo, aceito por todos os povos desde os primórdios da civilização e, lamentavelmente, repudiado *a priori* pelo monismo materialista, que inspira a Ciência hodierna. Contudo, não desejo, no momento, entrar no mérito dos notáveis trabalhos realizados, no século passado, por conhecidos antropólogos, etnógrafos e especialistas em origens das religiões. Atento à façanha de Jesus, limitar-me-ei a aventar fatos e a ventilar idéias que tornam inteligível a resposta que o tufão e os marouços deram à ordem do Mestre.

Como é notório, é crença universal entre povos primitivos que os fenômenos naturais são acionados por deuses, semideuses ou gênios. Entrementes, salto sobre conceitos de Taylor, Max Müller, Ellis A. Long, Durkheim, Max Weber e muitos outros de igual gabarito. Não discuto Nina Rodrigues, nem

Artur Ramos, nem Métraux. Também não analiso o diálogo de L.V. Thomas. Empolgado por profunda convicção nascida em constante convívio com diferentes Espíritos desencarnados, vou direto à questão. Um astrônomo afamado e talentoso escritor, Camille Flammarion, num momento de genial intuição, afirmou que o Universo é um dinamismo psíquico. Eu diria: um dinamismo divino, porque, por trás da causalidade física, oculta-se a causalidade espiritual, expressão da mente divina a atuar em toda a fenomenologia de nosso planeta por intermédio do pensamento dos Espíritos; desde os de elevadíssima hierarquia, que, com a integral absorção do corpo espiritual, perderam a forma humana e transformaram-se em luminosíssimos pequenos sóis, os quais, como intérpretes da vontade do Criador, governam a Terra, até os Espíritos de incipiente evolução, encarregados de tarefas grosseiras, mas, que, a despeito disso, são de suma importância para a perfeita harmonia das realizações das finalidades de nosso orbe, o qual também evolui, criando condições cada vez mais propícias à permanência de Espíritos mais evoluídos e, por conseguinte, mais perfeitos, estejam eles encarnados ou desencarnados.

Em síntese, o Neo-espiritismo afirma a onipresença dos Espíritos em todos os ambientes naturais de nosso planeta: na atmosfera, das camadas mais próximas às mais distantes da superfície da Terra, precisamente onde se encontram os Grandes Mestres, Espíritos de elevadíssima hierarquia, a maioria dos quais não reencarnará, porque, para manter-se, não necessita absorver nenhuma forma de energia ou de fluidos terrenos — todos se alimentam com prana, emanção do Criador; outros, labutam e evoluem em planos marinhos, que vão da superfície ao fundo do mar, e alimentam-se com fluidos vitais minerais, vegetais e animais, inerentes à composição da água salgada, à flora e à fauna, lá existentes em abundantíssima escala; outros, evoluem em água doce, nos lagos, nos rios e cachoeiras, donde retiram as energias vitais imprescindíveis à sua manutenção; outros, evoluem e alimentam-se com fluidos vitais captados em meios sólidos, nos quais penetram com maior facilidade do que a luz atravessa os corpos transparentes, como os que estão dentro da Terra, em planos superpostos, que vão do centro do planeta, onde se encontram, circundados por terrível radiação calorífica, planos infernais destinados à correção compulsória de Espíritos obstinados na prática do mal, até à superfície, em cujas proximidades mil formas de vida principiam a pulular, todas elas trabalhadas pelo pensamento de Espíritos em diferentes níveis de evolução; outros, evoluem dentro de rochedos ou de minas de minérios nos quais captam, para sua alimentação, fluidos vitais minerais, que lhes fortalecem o perispírito e lhes equilibram a mente, apanágio do Espírito eterno, que arquiva todos os sentimentos, todos os pensamentos e todas as ações praticadas no ciclo total das vidas sucessivas, encarnadas umas, desencarnadas outras, mas todas entrosadas entre si e regidas por sábia lei de causalidade moral; outros, muito atrasados, evoluem dentro do

angustiante recinto de tenebrosas furnas, nas quais captam, pelo pensamento, para seu alimento, fluidos deletérios, compatíveis com as vibrações de seu grosseiro perispírito; outros, mais aperfeiçoados, evoluem e alimentam-se com fluidos vitais vegetais exercendo, com a força do pensamento, múltiplas atividades nas florestas e matas virgens, nos parques e em todos os locais onde haja floricultura, pomicultura ou horticultura, sendo que, nestas três hipóteses, o êxito depende da associação do trabalho dos Espíritos encarnados e dos esforços psíquicos dos Espíritos desencarnados; finalmente, outros Espíritos evoluem ligados magneticamente ao animal cujo fluido vital mais se afina com as vibrações de seu perispírito. Isso é lei impostergável para os animais de grande, médio e pequeno porte, sofrendo exceção apenas para os de mínimas dimensões, máxime os microrganismos, com os quais a barganha de fluidos vitais com os Espíritos desencarnados se processa com a emanção da massa constituída por milhares e, mais provavelmente, por milhões ou bilhões dos microscópicos seres! Vale dizer que, por exemplo, num enxame de abelhas ou num mosqueiro, não existe um Espírito desencarnado ligado a cada inseto, mas, em compensação, há numerosos Espíritos, em diferentes graus de evolução, a usufruírem da emanção coletiva emitida por todos os insetos reunidos.

Assunto para obra de fôlego, não me seria possível minuciar, em desprezioso artigo, a colossal e espetacular colaboração dos Espíritos desencarnados em todos os setores da natureza. Essa assertiva que, à primeira vista, poderia parecer exagerada ou, mesmo, absurda, tornar-se-á inteligível desde que atentemos no fato de que foi pela onipotência de seu pensamento que Deus criou o Universo; e que o homem, como Espírito encarnado, antes de realizar qualquer ação ou trabalho, primeiramente pensa, e, somente depois, realiza. Mas como a atuação do seu pensamento está adstrita à fisiologia do sistema nervoso, com limitação de sua vontade, ele é obrigado, para transformar a idéia em trabalho, a agir mecanicamente movimentando os membros; ao passo que os Espíritos desencarnados, com o pensamento livre, podem atuar com muito maior intensidade, a ponto de interferirem nos fenômenos naturais somente com a potência do pensamento!

Para ilustrar a conceituação formulada, vou descrever o trabalho invisível realizado numa árvore frutífera. Note-se a hierarquia dos Espíritos em atividade. A germinação da semente, com a planificação da futura árvore, está gravada no fluido vital que sustenta a vida e assegura a proliferação celular para a formação do ou dos cotilédones e crescimento da plântula embrionária e é tarefa de Espíritos botânicos, que, na vida encarnada, ficaram devedores de horas de trabalho ao planeta. Estes, não se demoram muito junto à plântula: quando já rompeu o pericarpo e lançou radículas à terra, partem para idêntica missão noutra semente. Mas são substituídos por Espíritos, que, durante a encarnação, trabalharam em locais de pútridas emanções, como os esterquilínios, os esgotos urbanos, caixas de gordura, privadas, pântanos fedorentos, etc., razão por que, depois de desencarnados,

conservam no perispírito, durante um período variável consoante seus méritos e deméritos, fétida exalação que os retém no ambiente onde labutaram, até que, com orações e sincero arrependimento dos erros cometidos na vida terrena, mereçam a volatilização do repugnante odor que emitem. Ora, para Espíritos desse jaez, é dádiva divina a oportunidade de trabalharem, com a força do pensamento, nas raízes da nova planta; porque não só beneficiam a árvore desde o nascimento como se beneficiam a si próprios; beneficiam a árvore, porque materializam bactérias úteis, indispensáveis mesmo, à transformação dos princípios nutritivos que, além da água e dos sais minerais do solo, mantém e desenvolvem o vegetal; beneficiam-se a si próprios porque, à medida que favorecem a árvore, se livram duma quota cada vez maior dos mefíticos fluidos conservados em seu perispírito como reminiscência das atividades terrenas, fluidos que alimentam, fortalecem e apressam a divisão e, por conseqüência, a multiplicação dos micróbios, inclusive dos fermentos, que modificam os materiais do solo, tornando-o assimilável pelas radículas nutridoras da árvore.

Como se infere, o trabalho desses Espíritos dura enquanto durar a árvore. Mas, além desses, trabalham na árvore muitos outros Espíritos de maior hierarquia. Assim: para a elaboração da seiva, tanto ascendente como descendente, trabalham no caule Espíritos que, quando encarnados, foram químicos; químicos foram, também, muitos Espíritos que trabalham nas folhas, quer impulsionando a circulação da seiva nos vasos capilares do limbo, onde o precioso líquido é aperfeiçoado como nutrimento, quer acelerando as trocas gasosas que aí se efetuam; e não é só: físicos também trabalham nas folhas controlando a incidência da radiação solar indispensável à fotossíntese das matérias orgânicas, com aproveitamento do carbono e eliminação do oxigênio — tudo produto da força do pensamento dos Espíritos, que dirigem os elementos da natureza em conformidade com as leis naturais, que são formulações do pensamento do Criador. Todavia, a colaboração dos Espíritos desencarnados, no setor em tela, não pára aqui: prossegue nas flores, nas quais, além da contribuição de Espíritos, que, quando encarnados, foram desenhistas ou pintores, participam, outrossim, Espíritos químicos, especialistas em perfumes. De resto, é espantosa a colaboração de Espíritos, de várias especialidades, que trabalham nos frutos, desde sua gênese, no ovário da flor, até o complexo processo de maturação, com evidentes transformações químicas de sua composição até a formação das diversas vitaminas, que permanecem na fruta!

Depois do que ficou dito, em linhas gerais, acerca do maravilhoso trabalho dos Espíritos desencarnados realizado numa árvore frutífera, é preciso ressaltar que, de quantos Espíritos lá trabalham, apenas selecionado grupo que, dependendo das condições inerentes à árvore, poderá ser mais ou menos numeroso, permanecerá ligado a ela, seja nas raízes, seja no tronco, seja

nas folhas, seja nos frutos. Mas os Espíritos responsáveis pelas flores e pelos frutos foram, e continuam sendo, cientistas de várias especialidades, cuja hierarquia já lhes assegura o direito de, cumprida a missão diária, retornarem aos planos espirituais que correspondem às suas aspirações. Os primeiros carecem, como alimento, do fluido vital vegetal; os segundos, nem sempre. Mas, de toda maneira, no reino vegetal há, sempre, Espíritos desencarnados a trabalhar: uns, porque, ao mesmo passo que se valem dos fluidos como alimento fortificante do perispírito, aproveitam a oportunidade de conquistarem, pelo trabalho, maior evolução e, conseqüentemente, maior felicidade; outros, porque, quando encarnados, foram displicentes como agricultores, horticultores, jardineiros, guardas florestais etc. e, por isso, desencarnados, ficaram estacionados, até que foram compulsoriamente ligados ao vegetal, não só para pagarem as horas de trabalho que ficaram devendo à Terra, mas para que, alimentados com o fluido vegetal, se lhes reavivam as recordações dos erros cometidos na vida terrena e, torturados pelo remorso, lutem em favor de seu aprimoramento moral e adquiram bônus-hora em favor da felicidade até então desconhecida!

Como se colhe, muito mais vasto do que o trabalho realizado pelos Espíritos encarnados é o ciclópico trabalho invisível efetuado, em todos os reinos da natureza, pelos Espíritos desencarnados; Espíritos que, excepcionalmente, podem ser localizados mercê da percepção extra-sensorial dos médiuns videntes!

Aliás, consideradas erradamente como seres que nada têm a ver com os Espíritos desencarnados, figuram nas mitologias de todos os povos, desde a mais remota antigüidade, numerosas Entidades protetoras da natureza, que, de acordo com suas funções, tomam diferentes denominações. Na mitologia grega, por exemplo, as Dríades eram ninfas protetoras das florestas e dos bosques, ao passo que as Hamadríades eram ninfas de vida efêmera, cujo destino dependia de determinadas árvores com as quais nasciam e morriam. Por outro lado, as montanhas eram lugares sagrados, às vezes adoradas como divindades. Haja vista o monte Parnaso, com seus dois cumes; um, consagrado a Apolo e às Musas e outro a Baco. Os ventos, por sua vez, eram perigosos filhos dos Gigantes Tifeu, Astreu e Perseu, excetuando-se, apenas, Moto, Bóreas e Zéfiro, ventos favoráveis. Todos foram considerados divindades! Tempestade, por seu turno, era ninfa do ar. As Oceânides, em número de mil, eram ninfas marinhas. Quanto a Oceano, Nereu e Netuno eram deuses marinhos, vivendo o último no fundo do mar, mas sabia de tudo que se passava na superfície e, além disso, possuía poder para serenar vagalhões e acalmar tempestades. No mar, viviam também as Nereidas, ninfas meio mulher, meio peixe. Anfitrite, deusa marinha, passeava num carro em forma de concha tirado por Delfins e Cavalos Marinhos, enquanto as Sereias, pela beleza de seu canto, seduziam marinheiros incautos e faziam soçobrar suas

embarcações. As Náiades eram ninfas que protegiam as fontes d'água. As Oreádes eram ninfas caçadoras, que viviam nas grutas das montanhas. As Napéias, ninfas formosas, preferiam os pendores arborizados das colinas...

Contudo, depois dessas referências às mitologias grega e romana, não é justa a omissão da mitologia africana, certamente a mais antiga. Nela os Espíritos são deuses ou semideuses, presentes nas águas e nas matas. Acima de todos, Olorum, o verdadeiro Deus, muito distante dos homens e, por isso mesmo, pouco cultuado. Segue-se toda uma hierarquia de orixás, intermediários entre as criaturas e o Criador; e, por toda parte, abundam Espíritos, cuja função é proteger, a troco de “despachos”, os crentes. Aliás, entre os ameríndios impera a mesma convicção ou, melhor, a mesma fé, porque explicação racional não se dá nem se exige.

Em princípio, o Espiritismo também admite a intervenção dos Espíritos desencarnados nos fenômenos naturais, embora as afirmações feitas ao Mestre Allan Kardec hajam sido muito perfunctórias. Assim: consultado pelo codificador, um dos seus Protetores limitou-se a dizer-lhe que é “por meio deles que Deus dirige o Mundo” ; e mais: “que todos concorrem à harmonia do Universo”. Na mesma linguagem reticenciosa, prosseguiu o Protetor: “os Espíritos devem sucessivamente percorrer as diferentes fases da ordem cósmica e da ordem moral do Universo. Desta forma, enquanto uns ficam assistindo no solo aos fenômenos geológicos, outros estão dirigindo fenômenos atmosféricos, aquáticos, vegetativos; os do nascimento e morte dos seres vivos; os da produção e os da destruição de todas as coisas. É por intermédio deles que se cumprem as revoluções que transformam a face dos Mundos.” (*Livro dos Espíritos*, Cap. III, § § 63 e 64 — Ed. do Centenário).

Como se vê, embora haja, no contexto acima, as premissas de nova concepção do dinamismo espiritual de nosso planeta e, por absurdo que pareça, até do Universo, a realidade é que a Verdade permaneceu ofuscada por falta de explicação do *modus operandi* dos Espíritos desencarnados nos fenômenos da natureza.

É lamentável, porém, que, à maneira das citadas mitologias, o Espiritismo, que foi revelação de um grupo de Espíritos profíctes do catolicismo, também haja silenciado a respeito da mútua influência exercida entre os animais e os Espíritos desencarnados: os primeiros, funcionando à guisa de máquinas transformadoras de fluidos vitais imprescindíveis à alimentação de Espíritos desencarnados em determinado estágio de evolução; os segundos, controlando o comportamento e zelando pela vida do animal, que lhe dá sensação de vida e de força — sensações que se apagam à medida que o Espírito se afasta ou é desligado do animal. A inferência é que, junto de todo animal, há, sempre, pelo menos um Espírito desencarnado, que a ele foi ligado, magneticamente, por Protetores peritos nesta especialidade. Todavia, animais há que emitem do sistema nervoso uma quota tão abundante de fluido vital, fluido que difere de animal para animal, que podem alimentar, como o gato, até sete Espíritos!

Por absurda que pareça, a imantação com animais é providencial para Espíritos que, quando encarnados, foram materialistas e, por isso, não tiveram oportunidade de fortalecer o perispírito — orla protetora do Espírito eterno — com radiações doadas por seus Protetores, durante o “estado de oração”. Resultado: desencarnaram com o perispírito tão enfraquecido que não puderam voitar. Conseqüência: se possuem bons sentimentos, permanecerão dentro do lar em que desencarnaram, unidos aos parentes com os quais têm maior afinidade, a surripiar-lhes fluidos vitais, que lhes darão ilusória sensação de continuarem encarnados, até que, pouco a pouco, com sucessivas decepções, tomem consciência de seu verdadeiro estado, comecem a sentir cruciante remorso pelos erros cometidos durante a encarnação e supliquem o socorro de seus Mentores; mas, se sempre alimentaram maus sentimentos, por castigo, continuarão agarrados ao corpo em putrefação dentro do caixão, até que, por intercessão de um Espírito socorrista, parente ou não, sejam magneticamente imantados a um animal, cujos fluidos vitais lhes preservarão a consciência, o raciocínio e a memória, a fim de que meditem e sofram purgação de suas faltas e, aliviados da impressão de peso corporal, consigam voitar amparados por Espíritos socorristas, que os levarão para um dos muitos planos de readaptação à vida espiritual, existentes na superfície da Terra.

Na verdade, a imantação de Espíritos desencarnados a animais explica por que muitos irracionais demonstram, além de sentimentos humanos, grande inteligência e rápido raciocínio, que não são deles, mas dos Espíritos que com eles se sintonizaram. Sirvam de exemplo os célebres cavalos de Eberfeld, os quais, controlados por Espíritos matemáticos, davam em poucos segundos o resultado, absolutamente correto, da raiz quadrada e, até, da raiz cúbica de números formados por muitos algarismos; fato que, hodiernamente, foi constatado com vários animais em diversos países. E não é só: diferentes animais, ligados a Espíritos que foram médiuns desidiolos, apesar de dotados de precognição, revelaram possuir a referida faculdade **psi**. Numa palavra: a ligação de Espíritos desencarnados aos animais levará fatalmente à revisão da psicologia animal, que, afinal de contas, é, em grande parte, autêntica psicologia humana!

Aliás, a afirmação não deve causar espanto, porque os animais não possuem alma ou espírito para raciocinar, mas tão-somente instinto e fluido vital num grau de depuração correspondente à sua evolução dentro da escala zoológica; fluido vital que, com a morte, desprende-se de todo o organismo e é, imediatamente, aproveitado por Espíritos veterinários, quiçá geneticistas, para fertilizar um ovo recém formado numa fêmea de idêntica espécie.

Como se deduz, também o reino animal, mercê do fluido vital animal, emitido pelo organismo de cada espécie, é fonte de alimentação e campo de evolução para determinada categoria de Espíritos desencarnados.

Todavia, além dos três reinos da natureza já citados, também o quarto reino, o hominal, paradoxalmente repudiado pela Ciência, ainda empolgada pelo materialismo monista, dá incalculável contribuição à alimentação e à evolução de um número inimaginável de Espíritos desencarnados. De fato, restringindo cifras, é preciso salientar que todo Espírito candidato à reencarnação, assume perante os Senhores do Carma o compromisso de doar fluidos e de favorecer, com oportunidades de trabalho, a evolução de Espíritos amigos, que serão seus Protetores, e de reparar as faltas ou os crimes praticados, em anterior existência, contra os Espíritos que serão seus inimigos. Amigos ou inimigos, esses Espíritos serão alimentados com o fluido vital do que encarnou. Os amigos agirão sobre a mente positiva, incrementando virtudes e propiciando maior felicidade; os inimigos atuarão, por vingança, sobre a mente negativa intensificando os sofrimentos. Portanto, para obter paz e alegria, o Espírito encarnado deverá, em primeiro lugar, conquistar os inimigos com humildes doutrinações e sinceras orações. E, se todos se tornarem amigos, a vitória será completa, porque, reunidos ao grupo dos Protetores, fortalecerão a proteção do ex-inimigo encarnado e, dessa maneira, suavizar-lhe-ão os embates com as provações terrenas, que lhe foram traçadas pelos Senhores do Carma com a finalidade de apressar-lhe a evolução.

Como se infere, nas inter-relações de Espíritos desencarnados com Espíritos encarnados, quaisquer que sejam as conjunturas, o bem arraiga-se com indulgência e amor e o mal dirime-se com perdão e oração.

Contudo, para completar o quadro dos reinos da natureza, é imprescindível destacar, com o Neo-espiritismo, o quinto reino, o maior de todos e o mais atuante, embora invisivelmente — o reino espiritual — ao qual pertencem todos os Espíritos desencarnados, que, em número absolutamente incalculável, exercem onímoda atividade que abrange integralmente nosso planeta.

Na colossal hierarquia do plano espiritual encontram-se, na cúpula, os Mestres gloriosos, dirigentes do planeta, os quais não carecem de alimentar-se com qualquer espécie de energia terrena, porque se mantém com prana, radiação divina que absorvem nas mais altas camadas da atmosfera. Em seguida, decrescendo na hierarquia, encontram-se os Senhores do Carma, intérpretes da justiça divina na planificação dos destinos humanos. Imediatamente abaixo, destacam-se os Grandes Missionários, dentre os quais figuram os Instrutores da humanidade. Esses, para cumprirem sua missão, transferem-se, pela encarnação, para o reino hominal. Mas, de toda forma, é imenso o número de Espíritos que agem desprovidos de corpo físico e, dentre eles, os Mentores que controlam o cumprimento do destino traçado para seus protegidos, além dos Protetores que tentam amenizar as provações e intuir o melhor caminho a ser seguido por seus protegidos. Podem atuar imperceptivelmente ou, quando há condições, por intermédio de um médium psicofônico, psicógrafo ou clariaudiente. Descendo sempre na hierarquia, encontramos

um número quase infinito de Espíritos desencarnados no exercício das mais díspares e, até, antagônicas atividades em todos os demais reinos da natureza. Dentre eles, duas categorias, pelos malefícios que provocam, exigem especial atenção: os caçadores de fluidos, Espíritos errantes sempre à procura de fluidos vitais e que espoliam o organismo de suas vítimas, e os agentes de magia, máxima da magia negra, que se deleitam com a maldade. Todavia, com o tempo e o sofrimento, todos evoluirão para o repúdio ao mal e o cultivo do bem.

Aliás, é notório que a revelação das verdades divinas é gradativa e proporcional ao progresso moral e intelectual dos Espíritos encarnados e dos Espíritos desencarnados, que, dentro da infinidade de galáxias que constituem o Universo, estão confinados na Terra.

Agora, chegou o momento de ampliar a faixa da revelação divina com os ensinamentos do Neo-espiritismo, filosofia religiosa associada à Medicina, que me vem sendo transmitida gradativamente, há quatro décadas, por eminentes Mensageiros de Jesus, cuja identidade não estou autorizado a revelar, mas cujo valor se poderá aquilatar pelo teor da revelação a mim confiada pessoalmente.

Nada obstante, força é reconhecer que, atualmente, muitos fatos revelados pelo Neo-espiritismo podem parecer fantasiosos. Sem embargo, com o avanço da Ciência e o aperfeiçoamento da tecnologia eletrônica, os fatos que alicerçam a doutrina neo-espírita deixarão de ser esdrúxulos, porque serão verdades experimentalmente comprovadas, com prevalência do espiritualismo científico e aniquilamento do materialismo monista!

É de crer, porém, que não tardará muito o dia auspicioso em que se reconheça que coube ao Neo-espiritismo a gloriosa missão, não só de esclarecer o valor moral e as múltiplas atividades dos Espíritos desencarnados nos diferentes planos terrenos, para os quais foram atraídos por seus sentimentos, como também de revelar as leis que regem as relações entre Espíritos encarnados e Espíritos desencarnados; leis que, muitas vezes, dão origem à atuação de Espíritos sofreadores ou de Espíritos obsessores sobre o perispírito de Espíritos encarnados, médiuns ou não, de molde a afetar-lhes o sistema nervoso e, *ipso facto*, causar-lhes renitentes enfermidades por mim denominadas Espiritopatias, desde a década de 60.

Como se vê, o Neo-espiritismo, além de elucidar inúmeros problemas concernentes ao mundo espiritual, abre novas perspectivas à Medicina em geral e, particularmente, à Neurologia e à Psiquiatria. E não é só: apresenta valiosos recursos terapêuticos para solucionar a cura integral de quadros mórbidos que desafiam todos os recursos da Medicina!

Donde se colhe que o Neo-espiritismo, posto que seja racional filosofia religiosa, está indissolúvelmente ligado à Medicina, fato que acarretará incalculáveis benefícios para os doentes, além de impor a correção e maior evolução para os Espíritos sofreadores ou obsessores responsáveis pelas Espiritopatias em mira de cura.

Por outro lado, de tudo que foi dito sobre a interferência dos Espíritos desencarnados nos fenômenos naturais, pode concluir-se que todo Espírito missionário, quando encarnado, conta com irrestrito apoio de numerosos Espíritos desencarnados, por meio dos quais poderá provocar fenômenos aparentemente milagrosos.

Ainda que me custe falar de mim próprio, não poderia omitir, sem desdouro para minha iniciação, feita diretamente com os Mestres que me protegem, e grande ingratidão com toda uma hierarquia de Espíritos desencarnados que me assistem, a numerosa gama de fenômenos, que, em presença de discípulos e, até, de curiosos, tenho provocado repetidas vezes. Para evitar que os leitores formulem desairosos conceitos a meu respeito e, pela injustiça, paguem elevado preço após a desencarnação, vou restringir propositadamente o número de fatos. Contudo, não seria digno silenciar que, diversas vezes, estanquei violentas ventanias, sustei temporais e acalmei vagalhões do mar revolto nas praias de Icaraí, das Flechas, de Itaipu e de Itacoatiara, onde resido presentemente. A finalidade foi sempre, evitar desmoronamentos com destruição de casebres nas favelas; ou propiciar o banho de mar de discípulos em fase de iniciação. Com a mesma finalidade, isto é, favorecer o banho de cachoeira aos discípulos quando a SEPE estava em Friburgo e o dia nublado e muito frio, solicitei aos Espíritos que trabalham na atmosfera para rasgarem uma brecha entre nuvens de modo que o Sol despontasse e aquecesse o local da queda d'água. De todas às vezes fui prontamente atendido. E, terminado o banho, novamente as nuvens movimentavam-se, eliminavam a abertura, cobriam o Sol e o frio recrudescia.

Além disso, sempre com a cooperação dos Espíritos, várias vezes tenho comandado enxames de insetos agressivos. Certa vez, quando residia em Niterói, pude evitar, com a graça de Deus, que um enxame de abelhas africanas atacasse conhecida família. Eram tantas que, no local, formou-se um teto sombrio. Ouviam-se gritos de pavor e súplicas à misericórdia divina, partidos da casa vizinha à minha. Ciente da gravidade do ataque daquelas abelhas, resolvi enfrentá-las, gritando, antes, que os vizinhos conservassem portas e janelas fechadas e que, em hipótese alguma, matassem um único inseto. Em seguida, com minha casa aberta, pus-me de pé com relógio à mão e chamei às falas o chefe da falange de Espíritos africanos selvagens que estavam dirigindo o enxame. Rodeado e protegido por enorme falange de indígenas, lancei o desafio ao chefe africano: ou ele retirava as abelhas dentro de cinco minutos ou eu ordenaria que os indígenas que estavam comigo extraíssem o fluido vital das abelhas, fulminando-as em massa. Diante da intimação, a retirada não durou mais de três minutos!

Noutra ocasião, fui descansar um mês em Friburgo. Aluguei um apartamento localizado fora do hotel, de modo que, à hora das principais refeições, era forçado a atravessar um pátio que confinava com a mata. Desde o

primeiro jantar, eu e minha esposa fomos surpreendidos por um grupo de enormes sapos que coaxavam e saltitavam no pátio. A mim não me causaram preocupação, mas à minha esposa amedrontaram a ponto de preferir jantar no quarto para evitar a travessia do pátio. Em face disso, deliberei intimar os Espíritos responsáveis pelos batráquios. Fui ao encontro deles. Não eram menos de dez, nem mais de vinte; mas a penumbra, quase noite, não permitiu distingui-los nitidamente. Sem embargo, repreendi os Espíritos, que, ao anoitecer, levavam os sapos para o pátio e, já cercado por Espíritos doutrinados, mas que outrora estiveram ligados a batráquios, ordenei aos “donos” dos sapos que os levassem para a mata próxima e que não retornassem enquanto lá estivesse, em temporada, com minha consorte. Dito e feito. Durante o tempo que lá estivemos, nem sinal de sapo houve! E o único inconveniente foi que o copeiro do hotel que assistiu à cena de minha intimação e o rápido regresso dos sapos à mata, passou a ter por mim, mais que respeito, um medo infundado!

Outras vezes, dei ordens às formigas. Certo dia, ao entrar no salão da SEPE, em Niterói, para presidir à sessão neo-espírita, fui surpreendido com um número enorme de formigas saúvas, que haviam invadido o salão e já fervilhavam em toda a extensão duma das paredes e tendiam a caminhar para outra. Com o salão repleto de criaturas em busca de lenitivo, contrabalançadas apenas por reduzido grupo de médiuns, mesmo assim o ambiente era favorável às falanges que cumpririam minhas ordens. Não perdi tempo. De pé, na porta da entrada, ordenei ao chefe da falange de indígenas brasileiros, que retirasse imediatamente todas as formigas. Caso contrário, principiariam a morrer em massa dentro de poucos segundos. Diante do número de indígenas que já me cercavam, o chefe da falange invasora bateu em retirada, levando com os membros de sua falange todas as formigas. Desta vez, mais de duzentas pessoas testemunharam o fato. Doutra feita, quando residi em Friburgo, no bairro de *Sans Souci*, junto à mata, tive minha casa invadida por enorme quantidade de formigas taludas e ameaçadoras. Um biscateiro que lá se encontrava avisou-me do perigo que eu e minha esposa estávamos correndo, dada a agressividade daqueles himenópteros e propôs matá-los com incandescentes chumaços de panos embebidos em querosene. Discordei e proibi que ele tocasse nas formigas. Depois, concentrei-me e invoquei uma das falanges de Espíritos indígenas que me servem. Presentes os amigos, intimei o chefe da falange de bravios indígenas que conduziam as formigas e levá-las de retorno à mata próxima, de onde saíram, sob pena de mandar extingui-las com a retirada do fluido vital que lhes mantinha a vida! O regresso foi imediato e, nunca mais, enquanto lá morei, elas voltaram. Noutra ocasião, em Itacoatiara, ocorreu o mesmo fenômeno. Mas, dessa vez, foi mais grave, pela presteza da invasão. Em poucos minutos, as paredes estavam cobertas de grandes formigas negras e,

muitas, já haviam penetrado em meu quarto de dormir! Como sempre procedo em semelhantes oportunidades, intimei o chefe da falange de indígenas, que as guiaram para ostensiva provocação, que as retirasse incontinenti de meu lar, pois, caso contrário, mandaria que outras falanges de Espíritos de aborígenes, já de prontidão, captassem integralmente o fluido vital das invasoras, matando-as em massa! Mas eram tantas que, a princípio, se me afigurou que havia resistência à minha ordem; e como me pareceu, pela rápida movimentação, que estava aumentando o número de invasores dentro de meu quarto, já estava disposto a ordenar o formicídio, quando raciocinei: com tamanha gana de vingança, se as mando matar, é quase certo que, durante a noite, quando estiver dormindo, a falange invasora irá buscar outras formigas na mata e invadirá a casa. Por isso, resolvi munir-me com violento inseticida, que seria utilizado na hipótese de persistir a desobediência. Mas era tarde: o comércio já estava fechado. Sem titubear, regressei ao lar disposto a convocar outras falanges e liquidar as formigas invasoras. Mas foi desnecessário. Ao chegar ao meu lar, tive a agradável surpresa de verificar que, de fato, minha ordem havia sido cumprida à risca, embora o imenso número de formigas me houvesse dado a ilusão de recalcitrância, pois a verdade é que já não encontrei uma única formiga sequer, dentro ou fora de minha residência, inclusive no jardim. Havia desaparecido como que por encanto, poupando-me, assim, o desgosto de ordenar a matança!

Na verdade, poderia citar outros exemplos. Contudo, os mencionados são suficientes para provar que, com a ajuda de vários Espíritos desencarnados, qualquer iniciado poderá intervir em muitos fenômenos naturais!

Ora, se eu, Espírito imperfeitíssimo e humílimo iniciado, há tantos anos venho dando sucessivas provas de interferência no reino espiritual, no reino hominal, no reino animal, no reino vegetal e no reino mineral, que não poderia fazer Jesus de Nazaré, o Espírito mais perfeito que até hoje encarnou em nosso planeta e que, além de ter sido iniciado essênio no grau máximo de Mestre, foi incontestável portador de nova faixa da progressiva revelação divina? É evidente que, com sua autoridade moral, reforçada com a cooperação de milhares de Espíritos desencarnados, nos mais dispares graus de evolução, não poderia ter, como não teve, a mínima dificuldade em dominar os elementos da natureza para aplacar o vendaval e serenar os marouços do “mar” de Genezaré!

Tudo com aplicação de forças espirituais, mas sem revogação de leis naturais e, portanto, sem milagres!

JESUS E A PESCA MILAGROSA

Antes de demonstrar o valor de Jesus como Mestre, faço empenho em focalizá-lo como médium excepcional, expungindo de sua vida exemplar os falsos milagres com que o divinizaram.

Como hipotético Deus, Jesus nada lucrou; em compensação, o verdadeiro Deus muito se rebaixou. O milagre, se houvesse, seria a revogação duma lei natural.

A natureza é criação de Deus. Conseqüentemente, as leis que a regem são formulações do pensamento divino. Ora, Deus é onisciente e, por conseguinte, não erra; e, se não erra, não pode corrigir-se, corrigindo ou abolindo uma lei que ele mesmo criou! Logo, não há milagre.

A ilusão dos milagres provém da incapacidade do homem em face da complexidade fenomenal do ambiente que o cerca. Tudo o que se lhe apresenta em contradição com os fatos habituais, ou que se choca com os conhecimentos adquiridos, afigura-se-lhe milagroso. Todavia, à medida que amplia sua sabedoria ou que se acostuma com os fenômenos, a aparência sobrenatural volatiliza-se, aparecendo a realidade natural do fato.

Durante séculos, as intrincadas manifestações da mediunidade foram tidas e havidas em conta de fatos sobrenaturais; e, por muitos, atribuídas a artimanhas de imaginário Satanás! Em decorrência, em parte, da ignorância e, em maior parte, da cobiça de ouro e da ambição de poder, que empolgaram a Igreja Católica, milhares de médiuns indefesos foram, impiedosamente, carbonizados nas fogueiras da Inquisição!

Mas, não obstante tantas barbaridades perpetradas, em nome de Deus, nenhuma sobrepujou a que foi cometida contra o próprio Jesus, sob instigação de sacerdotes mosaístas!

Médium prodigioso e Mestre magnífico, Jesus só distribuiu alívio e amor. Contudo, não escapou à fúria do Sinédrio, nem à traição de muitos de seus próprios beneficiários!

Para vergonha eterna do gênero humano, o melhor dos homens, depois de ter estado perante três autoridades facciosas, acabou sendo condenado, sem julgamento, por uma turba irresponsável, condicionada por agentes do Sinédrio, a qual o arrastou ao suplício da crucificação! E o pior é que, por incrível que pareça, a despeito do progresso multidimensional realizado em vinte séculos, se Jesus retornasse à Terra, com sua mediunidade e sua doutrinação, seria fatalmente excomungado como “possuído do demônio” e preso como curandeiro!

Entretanto, nunca este planeta precisou tanto de Jesus. Não do falso Deus do Concílio de Nicéia, mas do Jesus autêntico, do Mestre incomparável que está atuante no Neo-espiritismo!

Pelo fato de não haver revogado leis divinas, Jesus não se diminui; e Deus se engrandece! Os que me malsinam por combater a divindade de

Jesus estão obnubilados pelo fanatismo. Não percebem que, em compensação, estou a exaltar o Criador do Universo, o verdadeiro Deus, aquele que os teólogos radicais **mataram**; e que muitos outros padres estão barganhando por Karl Marx!

Mas, na verdade, a distância entre Jesus, que, na última encarnação, fora mensageiro de nova revelação divina para um planeta purgatorial, onde a evolução espiritual se processa empurrada pela dor, a distância entre Jesus e o Criador do Universo é infinita, como infinita é, ainda, a distância que nos separa da perfeição alcançada por Jesus.

Nada obstante, quer para Jesus, nosso Mestre, quer para nós, humildíssimos vermes a rastejar na podridão de nossas próprias iniquidades, o futuro não está adstrito ao palco terreno — desdobra-se, esplendoroso, em milhões de mundos, que rodopiam garbosamente em longínquas galáxias, a nos acenarem o imenso roteiro que, um dia, nos levará até à compreensão de Deus!

A explicação racional dos fenômenos provocados por Jesus, além de exaltar a sabedoria do Criador, mostra a universalidade das manifestações mediúnicas, mal interpretadas, até hoje, pelos materialistas e — o que é mais grave — por muitos religiosos!

Sem embargo, vou analisar mais um fato ocorrido com Jesus. Refiro-me à pesca maravilhosa relatada por Lucas.

Como é notório, esse evangelista não privou da intimidade de Jesus. No próprio prefácio de seu Evangelho, ele confessa, lisamente, que não fora testemunha ocular dos acontecimentos. Confirma, também, que “muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos”. Vale dizer que **houve muitos Evangelhos**, dentre os quais a Igreja, arbitrariamente, escolheu os que lhe convinha. Esclarece ainda Lucas que, de posse de informações “que nos transmitiram”, e após acuradas investigações, houve por bem escrever, por sua vez, uma “exposição em ordem”.

Apesar de documento de segunda mão dou-lhe um crédito de confiança e admito haja havido a pesca “milagrosa”.

Vejamos como o fato aconteceu. Jesus estava curando os enfermos na praia do lago de Genezaré. A multidão, ansiosa de socorro, comprimia-o cada vez mais. Atracadas, duas barcas vazias. Os pescadores, desanimados depois duma noite sem pescado, acabavam de sair dos barcos, com as redes vazias. Jesus, com permissão de um deles, chamado Simão, entrou num dos barcos, mandou afastá-lo uns metros da praia e, mais seguro, pregou à multidão ali aglomerada. Terminada a alocação, Jesus concitou o pescador a lançar, novamente, a rede ao mar. Ele alegou que já tentara debalde a noite inteira, mas, confiado na palavra de Jesus, tentaria outra vez. Tentou. A rede aflorou pejada de peixes. O cardume quase rompera a rede! Simão e seus companheiros chamaram a tripulação do outro barco para ajudá-los. Pescaram-se tantos peixes que os barcos, de pesados, quase foram a pique. Esta, em síntese, a descrição do evangelista (Lc. V, 1-7).

A explicação é fácil. Jesus era clarividente. A prova é que, quando do encontro com a samaritana, junto ao poço de Jacó, pôde desvendar-lhe um segredo que ela quisera ocultar-lhe. Afirmara-lhe ela que não tinha marido. Incontinenti, retrucou-lhe o Mestre: “Disseste bem que não tens marido; porque cinco maridos tiveste, e o que agora tens não é teu marido.” (Jo. IV, 17-18).

Confirmando a veracidade da assertiva, a mulher exclamou: “Senhor, vejo que tu és profeta.” (Jo. IV, 19).

Ora, profeta ou médium clarividente é a mesmíssima coisa. Como clarividente, Jesus poderia ter “visto” um cardume de peixes a aproximar-se da praia, enquanto ele, no barco, pregava à multidão. Nessas condições, quando, em retribuição à gentileza de haver-lhe emprestado o barco, convidou Simão a lançar a rede em determinado local, estava certo do êxito. Nesta hipótese, não houve milagre. Tudo fora fruto da mediunidade de Jesus. De fatos equivalentes estão refertos os anais de algumas religiões e as tradições de numerosos cultos. São fatos naturais, embora inabituais, como diria o Prof. Richet.

Na verdade, a clarividência é faculdade rara, confundida, às vezes, com precognição. Sem embargo, para explicar a pesca do lago de Genezaré há outra hipótese, defendida pelo Neo-espiritismo e que figura, veladamente, no *Livro dos Espíritos* do Mestre Allan Kardec (Ed. do Centenário, Capítulo IV, §§ 63 e 64). A explicação está decalcada no animismo, tão ridicularizado por cientistas materialistas.

Contudo, a verdade é essa: a atividade dos Espíritos desencarnados, que se encontram no interior, na superfície ou na atmosfera de nosso planeta, gira em torno da disputa de “fluidos vitais”, que recompõem o perispírito, zona de energias protetoras do Espírito eterno.

Nenhum Espírito, por mais perfeito que seja, ao desencarnar, tem credenciais para desvincular-se da Terra e ingressar noutros planetas. Pouquíssimos têm liberdade de volitação e permissão para ingressar em planos de cooperação com as leis divinas, que regem a natureza, ou em planos de estudos e pesquisas científicas. Imensa maioria permanece presa à superfície do planeta, pelo magnetismo dos afetos ou, o que é muito pior, pela atração dos vícios. E muitos não se conformam com a destituição do corpo e conseqüente privação das sensações carnis. Por isso, logo que se libertam do corpo em putrefação e abandonam o túmulo, retornam para o lar onde viveram e, unidos aos parentes com os quais têm maior afinidade, voltam a sentir a sensação de possuírem corpo físico, com todas as necessidades fisiológicas, sobretudo sede e fome, razão pela qual, além dos fluidos que usurpam do organismo dos parentes, captam energias dos alimentos, comportando-se como assíduos comensais.

Outros Espíritos, conscientes de que estão desencarnados e ávidos de liberdade, levam vida errante como “caçadores de fluidos”, surripiando-os onde quer que os haja, compatíveis com sua evolução moral. Indiferentes à vida espiritual, ao invés de se auto-analisarem e pedirem socorro aos seus

respectivos Mentores, preocupam-se exclusivamente com a absorção de fluidos que lhes reforcem o grosseiro perispírito e, desta forma, lhes assegurem a volitação rumo aos ambientes que lhes dão prazer, como os restaurantes e os antros de libidinagem.

Nos restaurantes, onde há forte condensação de fluidos vitais humanos e abundante emanção dos alimentos, chegam a sentir a sensação de estarem encarnados e, por isso, abraçados aos freqüentadores que não rezam à mesa, saboreiam o paladar dos acepipes. Nos ambientes de lascívia e devassidão, juntam-se ao casal durante a cópula e gozam a sensação do orgasmo!

Embora se nos afigure paradoxal que um Espírito desencarnado, sintonizado com o perispírito de um Espírito encarnado, possa acusar sensações inerentes ao corpo físico, o fato tem explicação. De acordo com a revelação que me foi dada pelos Mestres do Neo-espiritismo, todo Espírito em fase de preparação para nova encarnação, sofre ostensiva metamorfose: o corpo espiritual, expansão do Espírito eterno, que conservou até então a morfologia da derradeira encarnação, retrai-se até formar, com a mente no centro, um globo mais ou menos luminoso consoante sua evolução. Com essa forma, é ligado por Espíritos geneticistas ao ovo recém formado, dando-lhe vida e, concomitantemente, expandindo-se com a multiplicação das células do feto durante a embriogênese. Dessa maneira, o corpo espiritual do Espírito reencarnante vai tomando, pouco a pouco, a forma do novo corpo físico. É de ver, pois, que a vida do corpo somático depende da união com o Espírito. Afastado o Espírito, a morte é irremediável. Não há estranhar, portanto, que o sistema nervoso, controlador de toda a atividade córtico-visceral e instrumento de todas as sensações, receba maior atuação do Espírito eterno, com seu corpo espiritual, protegido pelo perispírito.

Ora, em face dessa estreita união do corpo espiritual com o corpo carnal, torna-se inteligível que, se um Espírito desencarnado conseguir sintonizar as vibrações de seu perispírito com as vibrações do perispírito de um Espírito encarnado, médium ou não, poderá sentir, simultaneamente com o Espírito encarnado, as mesmas sensações — fato que lhe dará nítida impressão de ainda possuir corpo carnal!

Em face disso, não é de admirar a insistência dos Espíritos pouco evoluídos, ainda apegados aos prazeres terrenos, em conseguirem a sintonização do seu com o perispírito de Espíritos encarnados, quer durante as refeições, quer durante as fornicações!

Sem embargo, de acordo com sua hierarquia, os Espíritos desencarnados buscam fluidos vitais para sua alimentação e recomposição de seu perispírito em todos os reinos da natureza: no reino mineral, no reino vegetal, no reino animal, no reino hominal e, até, no reino espiritual, o maior de todos, no qual se encontram Espíritos nos mais diversos graus de evolução, desde os atrasadíssimos, que se alimentam com emanção de carniça, de privadas ou de esgotos, até os mais gloriosos Mestres, que só se alimentam com prana, radiação divina!

Restringindo-me, neste artigo, ao reino animal, à custa do qual se recompõe e cumpre provações necessárias à sua evolução um número incalculável de Espíritos desencarnados, é preciso esclarecer que, dependendo do porte e da quota de fluido vital de cada animal, há muitos que podem sustentar um ou mais Espíritos; ao passo que a maioria só coletivamente pode emanar uma quantidade de fluidos suficiente para manter o equilíbrio perispiritual de grupos de Espíritos desencarnados. O gato, por exemplo, possui tanto fluido que pode sustentar, em equilíbrio mental, até sete Espíritos. Daí o adágio de que esse felídeo possui sete fôlegos.

Todavia, a prova de que os animais de certo tamanho em diante não só alimentam como facilitam a evolução dos Espíritos desencarnados que lhes foram ligados por Espíritos magnetizadores, é o comportamento humano que demonstram. Haja vista o caso do golfinho: o cetáceo não só aparenta possuir raciocínio como sentimentos humanos. Nada obstante, tudo provém do Espírito desencarnado, que, por provação, lhe foi imantado. *Mutatis mutandis*, é o que acontece com os “sensitivos” que, por sugestão *post-hipnótica*, ficam colados à cadeira ou grudados à parede, até que o hipnotizador ordene a separação.

No que toca, porém, aos animais de pequeno porte, providos de restrita taxa de fluidos vitais e, por conseqüência, sem capacidade para proverem o perispírito de um Espírito desencarnado, como no caso dos peixes do lago de Genezaré localizados por Jesus de Nazaré, a captação dos fluidos vitais é feita na emanação global do cardume. Contudo, de grande ou de pequeno porte, todos os animais são dirigidos por Espíritos desencarnados, estejam ou não diretamente ligados a eles. A obediência às ordens telepáticas dos Mestres encarnados comprova, também, que Espíritos desencarnados controlam os irracionais, mas acatam as resoluções de seus superiores hierárquicos.

Ora, Jesus de Nazaré, Espírito missionário, vivia rodeado por inúmeros subordinados, em diferentes níveis de evolução, que lhe davam cobertura em todas as suas iniciativas. À valiosa cooperação desses Espíritos são devidas muitas curas efetuadas por Jesus. Curas somente, não; também trabalhos admiráveis, como ocorreu no episódio da chamada pesca “milagrosa” do lago de Genezaré, na qual, de fato, não houve milagre algum.

O que aconteceu foi o seguinte: o Mestre estava pregando e curando à margem do lago; a multidão crescia de momento a momento e já o comprimia a ponto de tirar-lhe a liberdade de movimento. Próximo, havia, atracado, um barco vazio. Era de Simão, o pescador. Jesus pressentiu que deveria precatar-se, afastando-se da multidão descontrolada pela ânsia de obter curas “milagrosas”. Por isso, pediu o barco emprestado. O pescador não se fez de rogado: emprestou-o gentilmente. Jesus entrou no barco, afastou-se da praia e, à pequena distância, pôde pregar e curar, sem tocar nos doentes nem nos aleijados.

Todavia, enquanto praticava a caridade, Jesus, dotado de admirável clarividência, “viu” pouco abaixo da superfície da água, um cardume que se aproximava...

Terminada a caridade, Jesus, ao sair do barco, perguntou a Simão por que não tentava lançar n’água sua rede. O pescador respondeu-lhe que, juntamente com seus companheiros, tentara de balde a noite inteira a captura de um único peixe e nada obtivera. Agradecido pelo empréstimo do barco e condoído com o insucesso do pescador, Jesus apontou-lhe o ponto em que deveria lançar a rede. Simão nem hesitou; e ainda chamou os outros pescadores. O resultado foi o rompimento duma das redes e dois barcos cheios de pescado! (Lc. V, 1 e ss).

A explicação do fenômeno não oferece dificuldade. Com sua incontestável autoridade espiritual, Jesus ordenou, telepaticamente, aos trabalhadores graduados do “mar” de Genezaré que induzissem os Espíritos imantados aos peixes do cardume a levá-los e a mantê-los em determinado ponto, próximo à margem do lago, no qual mandaria, momentos depois, que Simão lançasse sua rede. A indicação foi estritamente seguida, com imitação de outros pescadores, também frustrados. E o resultado foi a fartura da pesca e mais uma comprovação da admirável força espiritual de um grande Mestre, iniciado nos mistérios de Deus, o qual, sem milagres, pôde realizar autênticos prodígios!

JESUS MULTIPLICOU OU DIVIDIU OS PÃES?

Consoante tenho dito e redito, antes de entrar no âmago da doutrina de Jesus, projetando-o como Instrutor da humanidade, portador de nova revelação divina, quero esgotar a análise dos **milagres** que realizou, a fim de exaltá-lo como médium a serviço da Alta Espiritualidade.

Até agora, todos os casos que relatei foram explicados à luz da fenomenologia mediúnica. Hoje, no entanto, focalizarei um, de difícil aceitação. Refiro-me à “multiplicação” dos pães, fenômeno que, em contradição com os outros evangelistas, Mateus afirma que se reproduziu segunda vez.

Todavia, é preciso atentar no fato de que os evangelhos canônicos não são documentos originais. Todos eles foram escritos muitos anos depois da morte de Jesus. Isto está comprovado pela crítica científica.

Os próprios hermeneutas católicos reconhecem que o vocábulo **segundo** (em grego, *catá*) justaposto ao nome do evangelista significa que os depoimentos não são originais, mas compilações de dados colhidos, uns da tradição oral, outros de escritos mais primitivos, desaparecidos ou destruídos, como heréticos, ao arbítrio da Igreja, que os reteve durante séculos.

Aliás, o próprio Lucas inicia o seu evangelho justificando que, como “muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos” a ele lhe “pareceu bem” escrever, outrossim, o seu relatório.

De resto, embora a Igreja teime em asseverar que Mateus e João foram discípulos de Jesus, não ousou afirmar o mesmo em relação a Marcos e Lucas — contentou-se em afirmar que foram discípulos, respectivamente, de Pedro e de Paulo. Tenho minhas dúvidas no que toca a Mateus; mas, no que tange a João, tenho certeza que nem de longe viu Jesus! Pela idade e pela doutrina. Os teólogos católicos situam a composição dos sinóticos no meado do século I e o quarto evangelho no fim do século. Admitida a cronologia, João, quando escreveu, já seria um macróbio desmemoriado. Seu depoimento estaria eivado de lacunas, e, por conseguinte, duvidoso. Por outro lado, a doutrina que coloca na boca de Jesus é neoplatônica e parece mais de Filon de Alexandria do que do Mestre galileu.

É verdade que Harnack, teólogo protestante, para dar autenticidade aos canônicos, tentou encurtar os prazos, afirmando que os Evangelhos foram escritos entre os anos 50 e 75, de nossa Era.

Sem embargo, o próprio Renan, que se mostrou conciliador, opina que todos os Evangelhos foram escritos no fim do primeiro século. Mas Strauss, teólogo talentoso e afamado autor de *Vida de Jesus*, obra que lhe custou a perseguição da Igreja e a privação da cátedra de Teologia da Universidade de Zurique, Strauss afirma que todos os canônicos foram escritos depois da segunda metade do século II! Conseqüentemente, mais de cento e cinquenta

anos depois da morte de Jesus! Por outro lado, o abade Loisy, especialista em história do cristianismo primitivo, excomungado por tentar estudar as fontes cristãs à luz da Ciência, o abade Loisy é de opinião que os Evangelhos foram escritos no princípio do segundo século. De toda forma, mais de um século após a morte de Jesus!

De resto, até a ordem cronológica estipulada pela Igreja para os documentos do *Novo Testamento* não corresponde à realidade. Como afirmou J. Lentsman, historiador russo, a “análise científica demonstrou de modo irrefutável o caráter perfeitamente artificial desse esquema”.

Aliás, a Escola de Tubingue, com F. Baur à frente, já havia demonstrado que as Epístolas são anteriores aos evangelhos e que o mais antigo evangelho é o de Marcos. Ainda mais — do contexto das pesquisas científicas, resultou a comprovação de que o *Apocalipse*, escrito por volta do ano 70, é o documento mais antigo no *Novo Testamento*.

Donde se colhe que os evangelistas não foram, de fato, discípulos de Jesus. Como Lucas, todos escreveram o que “ouviram dizer”. Daí os erros e contrastes que se apontam no confronto entre os quatro evangelhos.

Depois desse preâmbulo, passo ao fato, à célebre “multiplicação” dos pães.

Como seria de esperar, há divergências nos relatos. Mateus diz que, ao saber da decapitação de João Batista, Jesus retirou-se num barco, para lugar deserto. Dá a entender que Jesus fugiu, com medo. Hipótese falaz, porquanto, como iniciado essênio, Jesus não temia a morte. E a prova foi a serenidade com que caminhou para a crucificação! Marcos e Lucas confirmam a retirada de Jesus, para dar oportunidade de repouso aos discípulos, que acabavam de regressar de exaustiva missão.

Por ordem de Jesus, haviam partido, dois a dois, sem dinheiro e sem viandas, para uma incursão proselitista entre cétricos, com prédicas e curas dos enfermos.

Ora, mal alimentados e sobrecarregados com a incumbência de afastar os “demônios” causadores de Espiritopatias, é lógico que, ao voltarem, deveriam estar exauridos. É justo, pois, que Jesus Ihes houvesse dito: “Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto”, como está em Marcos. Mas não é lógico que, ao recebê-los exaustos, Jesus os levasse para o bulício duma cidade, como opina Lucas. João não fala nem na decapitação, nem na exaustão: atribui a Jesus uma alocução megalômana, contrastante com sua modéstia, quando, ao ser chamado “bom Mestre” pelo moço rico, retrucou-lhe “bom só Deus o é”. E “depois dessas coisas atravessou Jesus o Mar da Galiléia, que é o Tiberíades”, seguido de numerosa multidão. Depois da travessia, João diz que Jesus subiu ao monte, com os discípulos. Lucas informa que foi para Betsaida. Marcos e Mateus falam que, ao desembarcar, Jesus fora surpreendido com uma multidão de enfermos que o aguardava. Subentende-se, pois, que o encontro se dera na praia.

Sem embargo, na praia ou no monte, o fato é que a prédica e as curas foram demoradas. De modo que a hora avançou, o local era deserto, o povo estava faminto e não havia alimentos. Ou melhor — havia cinco pães e dois peixes para cerca de cinco mil pessoas!

Em face da situação, os discípulos concitaram a Jesus que ordenasse a dispersão, em busca de abrigo e de alimento. O lógico seria isso. Mas a fantasia prevaleceu na imaginação dos evangelistas, que, muitos anos depois, estribados em informações hiperbólicas, desfiguraram a verdade. Vejamos: segundo eles, Jesus ordenara que a multidão, em grupos de cem ou de cinquenta, se sentasse na relva do chão; depois, erguendo os olhos ao céu, abençoou pães e peixes e, em seguida, “partindo os pães, deu-os aos discípulos para que os distribuíssem; e por todos repartiu também os peixes”. É isso, exatamente, que está escrito. Nenhum fala em “multiplicação” — todos falam em “divisão”. Um momento, pois, para raciocinarmos juntos. Cinco pães para cinco mil pessoas. Um milésimo de pão para cada uma. O pão era uma espécie de broa achatada. Admitamos que tivesse um diâmetro de quinze centímetros. Para dividi-lo por mil, cada fatia teria a espessura de quinze centésimos de milímetros! Para cortá-las, só o micrótomo! Admitamos, agora, que o peso de cada pão fosse de cinquenta gramas. Divididos por mil, cada partícula pesaria cinquenta centimiligramas! Para pesá-las, a balança de precisão; para pegá-las, a micropinça da moderna microcirurgia!

Entretanto, o absurdo vai além. “Todos comeram e se fartaram” e “dos pedaços que sobejaram, recolheram ainda doze cestos!”

Como se vê, é difícil maior mentira. Todavia, há outras hipóteses, mas todas negativas. A primeira, seria a ilusão do fenômeno por hipnose coletiva. Mas terá de ser afastada, *in limine*. É difícil hipnotizar um faminto. A fome impede a concentração, anulando a sugestão. Além disso, numa multidão de cinco mil pessoas, a maioria, pela distância, não ouviria a palavra de Jesus, signo-sinal imprescindível no caso. De resto, para que todos continuassem a ver os doze cestos dos sobejos, teriam de permanecer em condicionamento *post-hipnótico*, em verdadeiro suplício de Tântalo!

Entretanto, admitamos, para discutir, que Jesus houvesse conseguido, com a captação de fluidos nas fontes da natureza, pelos Espíritos que o serviam, a materialização de milhares de pães necessários para saciar a multidão faminta, que o rodeava; ou que, noutra hipótese também absurda, houvesse realizado, com a cooperação dos Espíritos que o assistiam em sua missão, o “transporte” dos pães de alguma padaria, certamente inexistente naquela época, para o seio da multidão estacionada junto à margem do lago de Genezaré, por hipérbole denominado Mar da Galiléia.

Aliás, em unidade ou em pequena proporção, o fato não seria de todo em todo impossível, porquanto, desde o meado do século passado, ficou

insofismavelmente comprovado o “transporte” de objetos para recintos hermeticamente fechados, hipótese em que os objetos a serem “transportados” devem de ser previamente desmaterializados e, ao atingirem o alvo visado, novamente rematerializados! Se assim é, força é reconhecer que a Ciência do Além está muito mais adiantada do que a da Terra.

Sem embargo, suponhamos que, no caso da pretensa multiplicação dos pães ou, mesmo, do “transporte” dos pães, tudo se deveu ao incontrastável prestígio do Mestre nazareno perante os Espíritos que o coadjuvavam em seu ministério; qual seria, do dia do “milagre” em diante, a situação de Jesus? É evidente que, numa Nação talada pela guerra e acossada pela miséria, o Mestre, transfigurado em padeiro mágico, seria disputado não só pelo Rei como pelo Sumo Sacerdote, porque ele era a “fonte da vida”, a “fonte do pão”! Mas, de toda maneira, perderia a liberdade, porque valeria um tesouro em terra arrasada e com habitantes famintos!

A verdade é que, contradizendo a *Bíblia*, Jesus não multiplicou pães “milagrosos”; e, desmentindo a narração da *Bíblia*, também não os dividiu, porque, para cortá-los, precisaria de um micrótomo e, depois, para que as fatias se tornassem visíveis, seria imprescindível o emprego de poderoso microscópio eletrônico — aparelhos que foram descobertos muitos séculos após a desencarnação de Jesus!

Mas o fato é que Jesus de Nazaré, iniciado essênio no grau de Mestre, não encarnou para multiplicar miraculosamente os pães de Genezaré: encarnou para incrementar a veneração ao Criador e para multiplicar, isso sim, o amor fraterno no Espírito do homem, sublime ideal que não pôde realizar integralmente, até hoje, em consequência da obstinação da humanidade no desprezo à verdadeira vida, a vida espiritual, e no egoístico apego a todos os bens e a todos os prazeres materiais.

Contudo, a despeito de incompreendido e de metamorfoseado em Deus, para acabar como “cordeiro” de holocausto, Jesus de Nazaré, atualmente o supremo líder religioso de nosso planeta, volta à luta, impavidamente, decidido a implantar, com a revelação do Neo-espiritismo, Paz e Amor entre todos os Espíritos encarnados e desencarnados, cuja evolução ainda está adstrita à Terra.

JESUS BEBIA VINHO?

Está provado pela crítica científica que os autores dos evangelhos canônicos não foram discípulos de Jesus. Os fatos e as palavras foram colhidos da tradição oral e de outros evangelhos primitivos, desaparecidos uns, destruídos outros, pela igreja primitiva. Portanto, é indubitável que atos e palavras atribuídos ao iluminado médium nazareno nem sempre representam a expressão da verdade. Aliás, como adverte a sabedoria dos adágios, “quem conta um conto aumenta um ponto.”

De resto, sabe-se muito pouco no que concerne à vida e à doutrina de Jesus; da vida, porque, além de ter sido oriundo de família humilde, sem expressão social, permaneceu, desde a infância, internado na comunidade essênia do Qumrân, localizada próximo da foz do rio Jordão no “mar” Morto, de modo que seu vulto inconfundível só principiou a projetar-se no cenário da Palestina, máxime da Galiléia, com seu efêmero, mas fulgurante, ministério público a partir de 30 anos de idade, aproximadamente; e, no que toca à sua verdadeira doutrina, também pouco se conhece, porque, massacrado precocemente no martírio da crucificação, não teve oportunidade para escrevê-la; e, havendo vivido cercado de pescadores analfabetos e de reduzidíssimo número de admiradores letrados, como Judas, não teve tempo de preparar, à maneira de Sócrates com Platão, um único discípulo sequer à altura de entendê-lo e de difundir fielmente seus valiosos ensinamentos, enriquecidos com admiráveis revelações a respeito do Criador do Universo, de sua sábia justiça e do portentoso destino reservado aos Espíritos, cuja felicidade está condicionada a irremovível lei de causalidade moral, estejam ou não unidos a efêmero corpo físico.

Posto que o Mestre houvesse restringido a pequeno grupo de discípulos a revelação das verdades mais conflitantes com o mosaísmo a fim de evitar represálias do Sinédrio, valhacouto de sacerdotes gananciosos abespinhados com o maravilhoso médium, desde que ele repulsou a indecorosa proposta do Sumo Sacerdote no sentido de que as curas fossem efetuadas, exclusivamente, no templo e cobradas pelos sacerdotes, a verdade é que, pregando por onde passava, Jesus sempre empregou linguagem simples, mas clara, ao alcance até dos mais incultos ouvintes que o escutavam. Isso foi o que mo afirmaram os Espíritos instrutores, que, durante anos, me vêm revelando o Neo-espiritismo. Donde se colhe que, não obstante a precaução de não contestar afrontosamente arcaicos postulados do mosaísmo, Jesus jamais ocultou seu pensamento sob o manto de esdrúxulas parábolas.

Com efeito, as parábolas que figuram na *Bíblia*, algumas, espantosos amontoados de asneiras, outras, ridículos arremedos dos autênticos ensinamentos do Mestre, são espúrios produtos de interpolações e de mistificações, que deturpam os verdadeiros ensinamentos do iluminado médium galileu!

E foi por vê-lo sempre seguido por grande multidão de sofredores, que ele graciosamente socorria, sem insinuar qualquer oferenda ao templo, que os membros do Sinédrio, temendo a concorrência, o enredaram na intriga política a ponto de arrastá-lo ao infamante martírio do Gólgota!

Contudo, a despeito do curtíssimo prazo de sua atividade mediúnica, Jesus provou à luz meridiana, com as curas maravilhosas que efetuou, que era, de fato, autêntico terapeuta essênio; e, pela sublimidade dos fragmentos da doutrina que nos legou, comprovou que foi, outrossim, verdadeiro iniciado nos “mistérios do reino de Deus”. Em que pese, pois, a argumentação da “escola mitológica”, as deficiências dos *Evangelhos*, como prova documental, não vão ao ponto de impor a negação da existência de Jesus de Nazaré. Apesar de ter sido desfigurado propositadamente por solertes hermeneutas católicos e protestantes, Jesus perdura, inconfundível, nas entrelinhas do *Novo Testamento* no qual se nos revela médium polivalente e Mestre incomparável.

Entretanto, para que seja mais bem compreendido e mais sinceramente amado por quantos anseiam encontrar em seus retalhados ensinamentos e, sobretudo, nos exemplos de sua vida edificante o estímulo para seu próprio aperfeiçoamento moral, é imprescindível retratar a verdadeira personalidade de Jesus, alijada não só das invencionices dos evangelistas — ou dos copistas — como das interpolações posteriormente acrescentadas ao alvedrio da casta que o explora como Deus!

A verdade é que Jesus foi discípulo dos ascetas essênios desde os 8 anos de idade, época em que, observada sua luminosíssima aura por um Mestre do Qumrân enquanto o menino permanecia sentado e meditativo à beira da estrada, próximo de sua residência, em Nazaré, foi imediatamente requestado de seus pais, com o compromisso de ser educado, e iniciado como terapeuta, desde que se sujeitasse à rigorosa disciplina daquela comunidade. Aliás, as exigências da comunidade justificavam-se porque ela se consagrava também ao desenvolvimento da mediunidade curadora, dom de inestimável valor, quer pela raridade, quer pela finalidade. Nela, os iniciados submetiam-se a rígida disciplina, fosse em vida comunitária, fosse isolados em clausuras.

Não contesto que, em algumas comunidades essênias, além da sopa e do pão, o vinho entrasse no frugal cardápio tradicional. Mas, com Filon e Josefo, posso garantir que, para os iniciados da comunidade do Mar Morto ou mais precisamente, do Qumrân, a abstenção de bebidas alcoólicas era total. Conforme se lê em *Guerra dos Judeus*, a alimentação dos essênios, com os quais Josefo privou, consistia exclusivamente de pão e sopa de legumes. Absolutamente não bebiam vinho; somente água. E não poderia ser de outra maneira, porquanto é sabido por todo iniciado que o álcool ingerido, seja em que quantidade for, é chamariz para Espíritos de antigos alcoólatras, os quais, a despeito de desencarnados, permanecem apegados ao vício que alimentaram durante a vida terrena; e, por isso, lutam para estabelecer sinto-

nização com as vibrações do perispírito das criaturas que conseguem dominar; e o motivo é muito simples: o perispírito, nos Espíritos encarnados, está ligado ao sistema nervoso todo inteiro e, por conseqüência, a todas as células do organismo. Donde se colhe que o Espírito alcoólatra, com atuar sobre o médium invigilante, pode degustar a bebida ingerida como se ele próprio ainda possuísse papilas gustativas! Mas o pior é que, com o pernicioso parasitismo, agrava-se o vício do Espírito encarnado e incrementa-se a obstinação do Espírito desencarnado! Por isso, é de estarrecer que, em flagrante contradição com a indefectível abstinência do Mestre Jesus, os coríntios, reunidos na igreja para comemorarem a “Nova Aliança”, hajam abusado do “sangue de Jesus até se embriagarem”! (I Cor. XI, 21).

Fato digno de ser ressaltado foi que Jesus, embora integérrimo iniciado, não hesitou em obedecer à ordem que, ao completar vinte e nove anos de idade, por clariaudiência, recebeu de seu Mentor no sentido de desligar-se da comunidade essênica, a fim de pregar publicamente nova, e ampla, faixa da incessante e gradual revelação divina. Por outro lado, urge desmentir a descarada invencionice intrometida na *Bíblia* para afirmar que “estando ele em casa, à mesa, muitos publicanos e pecadores tomaram lugar ao seu redor” (Mt. IX, 10). Não duvido que muitos publicanos e pecadores dele se aproximassem em busca de lenitivo e de cura. Mas desafio que o encontro houvesse ocorrido em torno de uma mesa de refeições; por uma simples razão: na comunidade do Qumrân, na qual Jesus estudara e fora iniciado, para que o neófito tivesse acesso à mesa comunitária, era previamente testado durante três anos consecutivos! Conseqüentemente, embora desligado da comunidade, é quase certo que Jesus não comeria em companhia de pessoas destituídas de iniciação, exceção feita, talvez, para os discípulos a ele mais afeiçoados. Contudo, posso afirmar que Lucas mentiu espantosamente quando afirmou que Jesus estava num grande banquete, em casa de Levi, a comer e a “beber” em companhia de pecadores (Lc. V, 29).

Aliás, é muito significativa a divergência entre a *Bíblia* da Sociedade Bíblica Britânica (Ed. de 1931) e a *Bíblia* da Sociedade Bíblica do Brasil (Ed. de 1968). Na primeira, Lucas relata o banquete com comidas e bebidas e realça a reação dos fariseus e dos escribas com interrogação feita aos discípulos do nazareno: “Por que comeis e bebeis com publicanos e pecadores?”; na segunda, “revista e atualizada”, Marcos fala no banquete em casa de Levi e destaca a reação dos escribas e dos fariseus, na qual há uma interpolação entre parêntese, que rebaixa Jesus, o qual, como autêntico iniciado, seria de todo em todo incapaz de trair, mesmo com risco de sua própria vida, as normas da iniciação essênica. Com efeito, no capítulo II, versículo 16, do evangelho segundo Marcos, está escrito que os escribas, “vendo-o comer com publicanos e pecadores”, perguntaram aos discípulos: “Por que

ele come (e bebe) com os publicanos e pecadores?” Não há duvidar que o conteúdo do parêntese não tardará a ser metido no texto com afronta a Jesus!

Como se vê, além das inverdades esparramadas pelos evangelistas es-tribados em cavilosas informações, mãos sacrílegas vão gradativamente modificando os textos originais para adaptá-los às suas maquiavélicas aspirações! Por outro lado, não deixa de ser muito estranho que João, sempre imaginoso, não haja feito qualquer menção ao banquete oferecido por Levi; com pecadores à mesa. Mas, em compensação, inventou detestável “milagre”, incompatível com a iniciação de Jesus. Refiro-me à fictícia transformação da água em vinho (Jo. II, 1 e ss). Em primeiro lugar, duvido e faço pouco que Jesus houvesse comparecido às bodas de Caná. Um iniciado autêntico não entra em ambiente de comilança ou de beberria, sempre procurados por Espíritos caçadores de fluidos. De resto, abstêmio convicto, Jesus jamais contribuiria para que alguém bebesse alcoólicos; e, sem estabelecer comparações, posso assegurar que nenhum médium do grupo que eu presido na Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas não só repeliria qualquer bebida alcoólica como esquivar-se-ia de sentar-se à mesa com apreciadores de alcoólicos. Além disso, qualquer deles, de modo algum incentivaria o hábito de beber, a menos que se refira a água. Portanto, não é crível que, acabado o vinho do banquete nupcial, Jesus concordasse em “fabricar” mais vinho para saciar o desejo dos presentes. Sem embargo, se o fato fosse verdadeiro encontraria supedâneo na hipnose coletiva. Mas se prevalecesse a hipótese de hipnotismo, seríamos forçados a reconhecer que somente uma pessoa fora hipnotizada: o mestre-sala, o qual, na água, sentiu o sabor de vinho!

Mas, sem dúvida, o fato foi inventado como inventada foi a atrevida resposta colocada na boca de Jesus. Com efeito, dada a bondade do Mestre, é absolutamente inadmissível que, havendo acabado o vinho do banquete nupcial, Maria, aflitíssima, e desconhecendo o rigor da iniciação feita por Jesus, ingenuamente apelasse para o seu “milagroso” filho convicta de que só ele poderia minorar a vexatória situação dos nubentes perante seus parentes e convidados; e, ao invés de solidariedade filial, recebesse, como resposta, o arrogante desprezo: “Mulher, que tenho eu contigo?” (Jo. II, 4). Que belo exemplo e que grande incentivo para os maus filhos de todos os tempos! E que péssimo comportamento de um Mestre, que renunciou a todos os prazeres da vida terrena para consagrar-se ao aperfeiçoamento moral e à felicidade do próximo, com repulsa de sua mãe!

Não; como quase tudo que escreveu de ouvida, sem ter tido convivência com o Mestre, de vez que seu *Evangelho* foi escrito no fim do primeiro século depois da morte do iluminado profeta nazareno, João concebeu um Jesus imaginário, ridícula caricatura do verdadeiro! Mas, seja como for, a

verdade é que Jesus jamais transformaria água em vinho, não só porque nunca bebeu como sempre proibiu aos discípulos de tomarem vinho ou qualquer outra bebida alcoólica. Aliás, vale a pena de rememorar o raconto que me foi feito, há muitos anos, pelo Mestre que, a sós comigo e incorporado em minha primeira esposa, iniciou o ciclo de mensagens, que constituem a revelação neo-espírita. A despeito das reiteradas advertências de Jesus, Pedro, sempre que ia pescar, levava num escaninho do bote, uma garrafa de vinho, porque temia que, exposto às rajadas do frígido vento noturno do Mar da Galiléia, seus membros se lhe inteiriçassem, impedindo-o de remar e deixando-o ao léu. Na verdade, sua covardia fazia-o esquecer-se da recomendação do Mestre: o frio não se aquece com álcool; esquentar-se com sincera oração, implorando o amparo do Mentor, Espírito protetor, sempre solícito na prestação de socorro e, no exemplo em pauta, na ativação da circulação sanguínea. Mas Pedro ouvia e duvidava, até que certa madrugada, já tiritante de frio, parou de remar e, cambaleando, foi ao encontro da garrafa de vinho. Entrementes, uma onda mais forte balançou o bote a ponto de lançar n'água a esperança do discípulo desobediente. Aterrado com a perda do vinho, Pedro, num ápice, recordou-se do conselho de Jesus: em lugar do vinho, a oração! Ora, posta à prova a recomendação do Mestre, mal terminou a oração, imediatamente todo o organismo se lhe aqueceu como jamais se lhe aquecera com o álcool! Desde então permutou o vinho pela oração.

Outra assertiva revoltantemente mentirosa registrada na *Bíblia* foi a absurda oferta feita por Jesus a seus discípulos na ceia da Páscoa. Como é notório, a Páscoa é a comemoração da fuga dos judeus do cativeiro do Egito, data rememorada solenemente pelos mosaístas. Ora, Jesus filiou-se ao essenismo, no qual se iniciou e alcançou o grau máximo de Mestre. Desta forma, desligou-se, automaticamente, do judaísmo e, por conseqüência, jamais comemoraria a Páscoa. Sem embargo, admitamos, por absurdo, que o Mestre houvesse reunido os discípulos numa ceia de confraternização, na qual havia vinho e pão. Pão poderia haver; vinho, nunca. Porque Jesus, abstinente por convicção e por dever de iniciação, jamais admitiria qualquer bebida alcoólica em sua mesa. Contudo, o mais espantoso é que os evangelistas afirmam que o Mestre, depois de dividir o pão, ofereceu-o aos discípulos com estas apavorantes palavras: "este, é o meu corpo; comi-o em minha memória". Depois, completando a oferta, repartiu o vinho e disse-lhes: "este, é o meu sangue; bebei-o em minha memória!" (Mt. XXVI, 26-27; Mc. XIV, 22-24).

Como se vê, Jesus, com os discípulos sentados ao seu derredor, em vez de fazer-lhes uma pré-dica doutrinária, deu-lhes macabra aula de antropofagia e, desta maneira, incitou os apóstolos a transformarem-se em autênticos canibais!

A verdade, porém, é que nem a Velha Aliança se tornou válida pelo holocausto dos animais; nem a Nova Aliança consagrou-se com o corpo e o sangue de Jesus, transformado em “animal de holocausto” para salvação da humanidade, imperfeita por vontade do Criador, pois onipotente como é, poderia criá-la sem o mínimo defeito. Mas, se assim não a criou, é óbvio que preferiu sobrecarregá-la com o ônus de conquistar, com esforço próprio, a perfeição e a felicidade. Logo, não se justifica a existência de um Redentor!

Em síntese, um fato deve ficar bem claro: Jesus não redimiu a humanidade nem com vinho, nem com o sangue que se lhe extravasou das chagas da crucificação; mas pode salvá-la com a prática da doutrina que difundiu a mancheias, fato para o qual a maioria não atenta porque vive iludida com dogmas capciosos. De resto, é grave afronta a Jesus a afirmação de que ele transformou o vinho da ceia, da qual ele não participou, nem poderia participar, em símbolo do seu sangue, porquanto o impoluto instrutor da humanidade jamais tocou os lábios em qualquer bebida alcoólica! A prova mais convincente é que: pregado na cruz, torturado de dores e atormentado por tremenda sede, o Mestre recusou veementemente a beberagem contendo vinho aromatizado, que, segundo E. Renan, a piedade da mulher judia levava aos crucificados com o intuito de minorar-lhes o pavoroso e prolongado sofrimento. E não foi só: quase morto de sede, Jesus repulsou, outrossim, a “posca” que se lhe ofereceu, porque era bebida alcoólica, apreciada pela soldadesca romana!

Como se vê, como Mestre e grande iniciado, Jesus preferiu, ao fugaz alívio proporcionado pelo álcool, o martírio integral da cruelíssima crucificação. Desta forma, evitou desencarnar com o perispírito a recender odor de álcool, fato que lhe causaria sérias dificuldades para ingressar no plano espiritual, ao qual tinha direito por sua excepcionalíssima evolução.

Glória, pois, a Jesus de Nazaré, nosso irmão e nosso supremo Mestre, que, até o derradeiro momento de sua encarnação, deu os mais sublimes exemplos de inteireza de caráter e de irreversível fidelidade aos postulados de sua iniciação. E agora, à frente do Neo-espiritismo, o incomparável instrutor da humanidade, assumiu a liderança espiritual da Terra para implantar definitivamente a paz mundial, com a confraternização de todos os Espíritos encarnados e desencarnados que a habitam!

JESUS RESSUSCITOU?

Na sequência de artigos que escrevi para focalizar, à luz do Neo-espiritismo, a espetacular mediunidade curadora de Jesus, critiquei três casos de “ressurreição” apontados na *Bíblia*: o da filha de Jairo, o do filho da viúva de Naim e — o mais sensacional — o de Lázaro.

Na verdade, demonstrei que, em nenhum deles, houve verdadeira ressurreição pelo simples fato de que os “mortos” estavam vivos, não obstante se encontrarem em catalepsia sob o domínio de Espíritos pouco evoluídos.

Hoje, analisarei o caso mais significativo de todos os tempos — a ressurreição do próprio Jesus de Nazaré.

Para tão arrojada empresa, louvar-me-ei nos evangelhos, ressaltando, mais uma vez, que os seus verdadeiros autores não foram diretamente discípulos do Mestre galileu, porquanto os documentos originais foram escritos, no mínimo, no fim do século I.

Ora, para admitirmos que os evangelistas houvessem privado com Jesus, teremos de reconhecer que, ao escreverem seus relatos sobre a vida e os ensinamentos do Mestre, já eram macróbios e centenários, provavelmente caducos!

Mas a verdade é que todos eles escreveram escorados em evangelhos hoje desaparecidos ou, o que é mais provável, baseados em informações que colheram da tradição oral. Por conseqüência, é justificável que entre eles haja antinomias.

Começemos por Mateus, provável autor do mais primitivo evangelho, perdido e substituído pelo atual primeiro canônico. A crer nesse evangelista, a natureza protestou dramaticamente contra a injustiça do martírio imposto ao iluminado Mestre galileu. Com efeito, afirma Mateus que, durante a agonia de Jesus, houve um eclipse que durou “desde a hora sexta até à hora nona, com trevas sobre toda a Terra”. E, pouco antes de voltar a luz solar, o mártir, torturado por dores pungentes, exclamou: “Eli, eli, lamá sabactâni?” — frase que, traduzida para o vernáculo, significa: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparastes?” E, pouco depois, “clamando com grande voz”, morreu. Incontinenti, informa Mateus “o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo” e “tremeu a terra, fenderam-se as rochas, abriram-se os sepulcros e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos” (Mt. XXVII, 45-53).

Agora, em face de tantos despautérios, um momento para respirar e raciocinar. O primeiro paradoxo é que o evangelista afirma que, durante a catástrofe, os sepulcros se abriram e que muitos corpos de “santos” **que dormiam**, ressuscitaram. Ora, se os “santos” dormiam, *ipso facto*, estavam vivos. Logo, só poderiam acordar, nunca ressuscitar! Mas o pior é que o

evangelista não explica de que maneira os “santos”, sem morrerem, puderam “dormir” tantos anos, quicá tantos séculos, completamente privados de oxigênio, de água e de alimentos, encerrados como estavam dentro dos túmulos! O segundo paradoxo é que, estando vivos e já acordados, permaneceram absurdamente dentro dos sepulcros até a “ressurreição” de Jesus! Duvido que se possa encontrar qualquer relação entre os dois fatos: o abandono pelos “santos” judeus do cárcere sepulcral e a “ressurreição” do Inocente benfeitor da humanidade, crucificado por instigação dos sacerdotes e dos anciãos judeus. Certamente, nisso tudo houve muita invencionice, posteriormente interpolada na *Bíblia*.

Com efeito, se por ocasião da cruel e injusta crucificação do iluminado Mestre nazareno houvesse havido os tremendos cataclismos anunciados por Mateus e, sobretudo, se os “santos”, depois de “ressuscitados” voltassem ao convívio de mult centenários parentes ou amigos em Jerusalém, é óbvio que o assombroso impacto causado na Palestina não poderia deixar de repercutir em todo o mundo civilizado como o fato mais sensacional até então ocorrido em nosso planeta!

Entretanto, Suetônio e Tácito, historiadores quase contemporâneos dos assombrosos fenômenos descritos por Mateus, embora houvessem feito irrelevantes referências a Jesus, nem de leve tocaram em catástrofes correlatas com a crucificação do profeta nazareno. O próprio Flávio Josefo, contemporâneo de Jesus e conhecido historiador judeu, que enquadrou o profeta nazareno entre os “terapeutas” essênios, ao referir-se à execrável crucificação, não faz a mínima menção a qualquer fenômeno anormal verificado na ocasião.

Por outro lado, é muito significativo o silêncio dos outros evangelistas. Marcos fala, apenas, em “trevas sobre a terra” (Mc. XV, 33). Fato que, se fosse verdadeiro, não escaparia ao registro de outros habitantes do planeta. Lucas, por sua vez, diz que “escurecendo-se o Sol, houve trevas sobre toda a terra” (Lc. XXIII, 44). Exageração sesquipedal, que reduz a Terra a uma nesga da Palestina. Contudo, a mentira destrói-se por si mesma, em face do silêncio da História. João, nesse particular, foi mais circunspecto. Limita-se a dizer que Jesus exclamara que estava “tudo acabado” e, inclinando a cabeça, seu Espírito despreendeu-se do corpo físico, sem convulsões telúricas (Jo. XIX, 30).

Donde se colhe que os medonhos cataclismos descritos por Mateus, inclusive o despertar dos “santos” varões judeus, que “dormiam” nas tumbas não se sabe desde quando, tudo isso só existiu em sua fértil imaginação ou, o que é mais provável, na solerte imaginação dos teólogos que retocaram seu *Evangelho*.

Aliás, é curioso que também no seio de tribos primitivas, ao lado do messianismo, prevaleça a crença de que o advento do paraíso tenha como arauto tremendas conturbações da natureza. Dilúvios, tremores de terra, chu-

vas de fogo e eclipses prenunciarão não hecatombes, mas, ao contrário, a volta à tribo de um “salvador”. E o mais impressionante é que o mito já existia antes do contato com a raça branca, não só nas tribos norte-americanas, como nas da Oceania, particularmente nas da Melanésia, conforme opinam J. Mooney e Van Deursen.

Todavia, depois que o branco chegou e lutou para escravizar os aborígenes, a lenda modificou-se: “um novo deus viria salvá-los, todos os mortos ressuscitariam e, juntos, mortos e vivos venceriam os homens brancos.”

Sem embargo, no conceito de Maria Izaura de Queiroz, talentosa socióloga, a lenda de um messias salvador, ressuscitado dentre os mortos, “não é proveniente de difusão cultural de nações cristãs — é mito inteiramente primitivo”.

Em face disso, não é de admirar que Mateus houvesse enxertado uma lenda em torno da morte dramática de Jesus. Contudo, abandono as especulações e volto aos textos bíblicos.

Todos os evangelhos confirmam que, morto, Jesus ficou aos cuidados de José de Arimatéia, o qual o envolveu em um pano de linho e o colocou num túmulo aberto na rocha e tapou com “grande pedra”. Mateus inventou uma estória fantástica, que não fora ratificada pelos outros evangelistas. Refiro-me à guarda do sepulcro, ordenada por Pilatos a pedido dos sacerdotes mosaístas. Não vou pegar a mentira pelo rabo.

Em primeiro lugar, é preciso atentar no fato de que a crucificação era morte desonrosa para degradação de escravos que cometiam crimes hediondos. Portanto, se Pilatos, apavorado com a ameaça da multidão de mandar delegação a Tibério para delatá-lo como cúmplice do “revolucionário” nazareno, não hesitou, com sua reconhecida pusilanimidade, em entregar Jesus à sanha dos fanáticos, covardemente açulados pelos sacerdotes e pelos anciãos, foi porque estava convencido da insignificância da vítima que seria imolada ao ódio do Sinédrio!

Incapaz de aquilatar da grandeza moral e da elevadíssima hierarquia espiritual do incomparável Mestre, que, sem julgamento de ninguém, abandonou à fúria de gratuitos inimigos, Pilatos não ordenaria a vigilância dum guarda sepulcral, porque, como romano, era o primeiro a não acreditar na ressurreição, embora pudesse admitir a sobrevivência. E, de fato, a guarda do túmulo não fora confirmada nem por Marcos, nem por Lucas, nem por João. É pura mistificação!

Ao que consta, Jesus foi crucificado numa sexta-feira. No dia seguinte, sábado, dia de repouso, para não quebrar a tradição, ninguém cuidou dele. De modo que, somente no domingo, de manhã, Maria Madalena e outras discípulas de Jesus compareceram ao túmulo. Com grande surpresa, encontraram-no aberto e o corpo do Mestre ausente! O único consolo foi que as discípulas, todas médiuns, tiveram “visões” alentadoras e ouviram vozes

esclarecedoras. Mateus e Marcos, somente os dois, dizem que um jovem “anjo”, dirigindo-se às discípulas decepcionadas, comunicou-lhes que Jesus havia ressuscitado (Mt. XXVIII, 5-6; Mc. XVI, 1-8). Em contradição, Lucas assevera que os informantes foram dois, ambos “varões com vestes resplandecentes” (Lc. XXIV, 4).

Instruído pelos Mestres que me revelaram o Neo-espiritismo, eu tenho outra versão para esclarecer por que as discípulas de Jesus não o encontraram no túmulo.

Logo após a morte do mártir, Maria, sua mãe, transida de dor foi prosternar-se aos pés do Sumo Sacerdote para suplicar-lhe que lhe consentisse enterrar o filho enquanto não raiasse o dia de sábado e antes que as aves de rapina lhe devorassem os olhos e iniciassem, assim, a faina necrófaga. A custo o Sumo Sacerdote cedeu ao pranto da mãe massacrada por intraduzível sofrimento. Mas, pela concessão, cobrou elevado preço: exigiu que o crucificado, logo que retirado da cruz, fosse levado imediatamente para fora da “cidade santa” e enterrado em local profano. Além disso, toda a família do crucificado ficava terminantemente proibida de algum dia retornar a Jerusalém.

Como não podia deixar de ser, tudo foi humildemente aceito; de modo que, com auxílio de alguns discípulos, inclusive de Maria Madalena, que nem um só instante arredou pé de junto do Mestre que ela tanto amava; o corpo foi retirado do infamante madeiro; e, ainda no mesmo dia, secretamente levado, pela família proscrita, para fora de Jerusalém e enterrado à pequena distância em local até hoje ignorado, porquanto os que participaram da translação e do enterro comprometeram-se, por um pacto de honra, a jamais revelar, a quem quer que fosse, o exato local do túmulo. E havia uma razão muito forte para essa precaução: todo crucificado deveria ter o corpo estraçalhado pelas aves de rapina, motivo por que o enterro era interdito. Ora, se os inimigos de Jesus localizassem o seu túmulo, certamente tirá-lo-iam de lá e deixá-lo-iam exposto à voragem dos abutres!

É de ver, pois, que a fugaz permanência do cadáver no túmulo de José de Arimatéia, que, à maneira de Nicodemo, era discípulo oculto do Mestre galileu, só serviu para despistar os próprios discípulos, os quais, se soubessem da transferência feita pela família proscrita, poderiam, num momento de indiscrição, rasgar o véu do segredo e deixar o verdadeiro túmulo de Jesus à mostra.

Depois de ter dado minha desvaliosa opinião sobre o enterro de Jesus, sem posterior túmulo aberto e vazio, volto à *Bíblia* para afirmar que a divergência de Mateus e Marcos, que falam na presença de um “jovem anjo” junto ao hipotético túmulo de Jesus, com Lucas, que se refere a “varões com roupas resplandecentes”, não tem grande importância. O importante é que os que viram o “anjo” ou os “varões” eram, todos, médiuns videntes,

porque o que lá havia eram Espíritos desencarnados, quiçá desejosos de soerguerem o ânimo abatido dos discípulos de Jesus, que, apavorados com o despotismo do Sinédrio, evidente na crueldade praticada contra um Mestre boníssimo, já principiavam a dispersar!

Aliás, João, o evangelista, não menciona os arautos da ressurreição. Diz, apenas, que, ao encontrar o túmulo aberto e vazio, Maria Madalena, na suposição de que o corpo fora roubado, chorava copiosamente. Mas, nesse ínterim, surgiu-lhe à frente o Espírito recém desencarnado de Jesus com seu deslumbrante corpo espiritual e exclamou: “Myriam!” Maravilhada com a presença inesperada do Mestre, a fiel discípula, também o saudou em hebraico: “Rabôni!” Em seguida, Madalena, fascinada, tentou tocar na “aparição”, provavelmente para certificar-se da realidade da “visão”. Mas Jesus, dotado de sensibíllimo corpo espiritual, a emitir forte radiação luminosa, não poderia suportar, sem grave prejuízo, o impacto da “radiação humana”, que é apanágio dos Espíritos encarnados. Por isso, preveniu à discípula, ainda atônita: “Não me toques”. Contudo, cõscio de que, no momento, contando, apenas, com o fluido vital de um único médium — Maria Madalena — sua manifestação ou, se preferirem, sua aparição não poderia ser senão efêmera, o Mestre evitou o diálogo e limitou-se a recomendar-lhe: “Vai ter com meus irmãos e diga-lhes que subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.” (Jo. XX, 16-17).

Nessa recomendação, feita pelo Espírito de Jesus à Maria Madalena, mercê da conjugação da vidência com a clariaudiência da médium, está claro como água que Jesus não se considerava Deus e que não ressuscitou. Demonstrou, com sua aparição, apenas, a sobrevivência do Espírito à morte do corpo carnal e, por conseqüência, provou a imortalidade do homem e reforçou a convicção dos discípulos.

No que tange ao pedido feito à sua médium predileta, força é reconhecer que ele coincide com a precaução tomada, nas “sessões de efeitos físicos”, pelos Espíritos orientadores, na fase inicial da materialização, a fim de evitarem o contato com a “radiação humana”, de vez que ela tem a propriedade de desagregar o ectoplasma em incipiente materialização. Entretanto, depois que o Espírito desencarnado está adaptado ao ambiente da reunião e que o seu perispírito foi condensado no decorrer de várias sessões, o corpo espiritual suporta, sem problemas, o contato físico com determinadas pessoas, quando bem assistidas.

Com Jesus também foi assim. A princípio, recém-desencarnado, com o perispírito em seu estado natural, delicadíssimo e sensibíllimo, o Mestre evitou o mínimo contato com devotada discípula — recusou o toque de Madalena. Mas, decorridos alguns dias, completamente materializado com o concurso da radiação perispiritual de Pedro — prodigioso “médium de efei-

tos físicos”, como provou mais tarde, quando recolhido à prisão, e, com o reforço do fluido vital emanado do organismo dos discípulos reunidos num pequeno cômodo e de portas e janelas fechadas, o Mestre pôde convidar tranqüilamente o céptico Tomé para tocar-lhe no corpo ectoplasmático, meter a mão em suas feridas e, destarte, certificar-se de sua sobrevivência!

Como se infere, Jesus não ressuscitou com seu corpo físico: sobreviveu com seu corpo espiritual, *fac-símile* do corpo carnal. Na verdade, há colossal diferença entre os dois corpos: enquanto o corpo físico é efêmero, o corpo espiritual é eterno, embora mude de aparência em cada nova encarnação, tomando a forma de novo corpo físico.

Aliás, se o corpo que pereceu na cruz houvesse revivido, Jesus não teria necessidade de aparecer às escondidas e exclusivamente aos discípulos. Poderia entrar calmamente no templo e deixar desmaiados alguns sacerdotes pelo impacto do imprevisto. Poderia, outrossim, visitar o covarde Pôncio Pilatos e deixá-lo chumbado ao solo com enfarto do miocárdio causado pelo terror!

De toda maneira, a sobrenaturalidade de Jesus ficaria definitivamente comprovada logo após a crucificação e ele poderia viver em paz, até terminar a sua honrosa missão terrena, porque ninguém jamais ousaria importuná-lo!

De resto, sua sofisticada divindade não teria dependido de mais de três séculos de sutilezas metafísicas, de sofismas teológicos, de capciosa hermenêutica e de coação do Papa, para finalmente prevalecer no primeiro Concílio de Nicéia, por maioria de apenas um voto, depois de ter sido negada por três concílios anteriores! Com sua ressurreição, ele próprio a teria comprovado!

Contudo, Jesus não ressuscitou. Nunca jamais ninguém ressuscitou, porque a ressurreição seria flagrante atentado contra as leis biológicas, que, como todas as leis naturais, são formulações do Criador do Universo e, por consequência, irremovíveis.

A realidade é que Jesus sobreviveu, como todas as criaturas sobreviverão. Com toda a razão e grande propriedade, Paulo, o apóstolo, já ensinava: “Semeia-se o corpo animal, ressuscita o corpo espiritual. Se há corpo animal há também o corpo espiritual” — denominação preferível a duplo etérico, corpo bioplasmático ou quaisquer outras (I Cor. XV, 44). Aliás, a própria Igreja Católica não pode negar a sobrevivência com o corpo espiritual, conforme afirma o Neo-espiritismo.

Com lógica, Tertuliano defende a tese da corporiedade da alma, com base nos Evangelhos *Corporalitas animae in ipso Evangélico relucescit* e argumenta que se a alma não tivesse corpo, “a imagem da alma não teria a imagem dos corpos”. A mesma tese fora aceita por Basílio, Gregório, Cirilo de Alexandria, Ambrósio, Cirilo de Jerusalém, Bernardo, João de Tessalônia e, até, por Agostinho, todos tidos e havidos como “santos” pela Igreja Católica.

Na verdade, os próprios evangelistas estavam convencidos de que o corpo de Jesus, que ora aparecia totalmente materializado, ora apresentava-se-lhes ligeiramente materializado, ora desmaterializava-se e desaparecia como que por encanto, era sem dúvida um corpo espiritual e não um corpo carnal.

Se assim não fora, não se compreenderia como, depois das ostensivas metamorfoses do corpo do Mestre, Pedro ainda o considerasse como “um varão aprovado por Deus diante de vós, com milagres, prodígios e sinais” (At. II, 22).

Quanto a Lucas, menos pródigo em elogios, encarou-o simplesmente como “profeta poderoso em obras e palavras” (Lc. XXIV, 19).

Em síntese: se Jesus houvesse ressuscitado com o mesmo corpo físico morto na cruz, estaria, *ipso facto*, muito acima dos conceitos formulados por seus discípulos, de vez que o Mestre ultrapassaria os limites das leis naturais e, por conseqüência, assumiria o lugar de um Deus, êmulo do verdadeiro Criador do Universo!

Sem embargo, posto que não haja ressuscitado, o iluminado profeta nazareno, hoje líder religioso de nosso planeta, sobreviveu gloriosamente nas páginas do *Novo Testamento*, não somente pelas maravilhosas curas que realizou, mas, sobretudo, mercê do horripilante martírio de sua revoltante crucificação! Contudo, como todas as criaturas humanas, o Mestre continuará eternamente vivo e, porque é indulgentíssimo, jamais cessará de intervir, direta ou indiretamente, por intermédio de Espíritos superiores, que lhe servem de emissários, na solução dos complexos problemas morais da Terra — problemas que abrangem não só os planos dos Espíritos encarnados, como abarcam, outrossim, os planos muito mais numerosos dos Espíritos desencarnados, por enquanto indevassáveis ao julgamento humano.

Lamentavelmente frustrado por não haver conseguido, a despeito de seus inauditos esforços, implantar definitivamente na Terra, o verdadeiro amor fraterno entre todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados, Jesus, abnegadamente, renunciou ao direito que lhe assistia, por sua perfeição, de libertar-se de nosso orbe para ingressar noutra planeta imediatamente superior à Terra; preferiu prosseguir altruisticamente na ingente luta de orientar os Espíritos, que, por suas imperfeições, permanecem presos à Terra, Espíritos que, inspirados e amparados pelo Mestre dos Mestres e motivados pelos ensinamentos do Neo-espiritismo, a mais recente revelação divina, poderão conquistar admirável perfeição, compatível com perene felicidade!

O TOQUE CURATIVO DE JESUS

Os Espíritos instrutores afirmam que, quaisquer que sejam as convicções religiosas do médium, o segredo da mediunidade está gravado no perispírito, emparelhado com a moral do médium e adstrito ao controle dos Espíritos exercido nos fluidos inerentes a cada forma de mediunidade. Onde se colhe que, no perispírito, não existe somente, o fluido magnético vislumbrado por Mesmer, incontestável pioneiro, a despeito das increpações que lhe assacaram ferrenhos adversários. Ao contrário, o “campo mediúnic” do perispírito é composto de várias faixas de diferentes radiações, cada qual com específica vibração e característico comprimento de onda; radiações que, com atuar sobre o sistema nervoso, provocam toda a fenomenologia mediúnica.

Contudo, à míngua de adequado revelador ultra-sensível, esse atraente setor da natureza permanece interdito à Ciência. Sem embargo, assim como o telescópio, o espectroscópio e o radar, tecnicamente associados, permitiram esmiuçar a composição físico-química de astros dispersos nos confins de nossa galáxia, à distância de milhares e, até, de milhões de anos-luz, a moderna tecnologia eletrônica, mais dias, menos dias, descobrirá aparelhos sensibilíssimos que captarão as vibrações do perispírito específicas das diferentes formas de mediunidade.

Com efeito, de acordo com os Mensageiros de Jesus que me revelaram o Neo-espiritismo, o perispírito, radiação do Espírito eterno, cuja constituição é, até hoje, ignorada pela Ciência, é formado por uma orla de fluidos espirituais condensados, semimateriais, que protege o Espírito de prejudiciais radiações ambientais e é delimitada pela periferia do corpo físico.

Vale dizer que o perispírito envolve o Espírito humano e, por isso, toma as proporções do corpo físico e, no conjunto, modela o corpo espiritual ou duplo etérico, o qual, em dadas circunstâncias, pode afastar-se do corpo carnal no decurso de limitado prazo, durante o qual continua ligado ao sistema nervoso por um fio com dupla corrente de energias; uma, que parte do Espírito libertado momentaneamente para o corpo físico profundamente adormecido ou em letargia; outra, que se exterioriza do sistema nervoso e é imediatamente absorvida pelo Espírito efemeramente afastado do corpo físico. O fato é corriqueiro em determinados médiuns, máxime se fizeram iniciação, como foi o caso de Jesus, cujo Espírito, despido de corpo físico, apenas com o corpo etérico, transportou-se da colina onde isolou-se, para melhor meditar, e pairou sobre o lago, impropriamente denominado mar da Galiléia, e caminhou ao encontro dos discípulos apavorados, flutuando sobre a água, para concitá-los à luta contra o naufrágio do barco, prestes a soçobrar!

Nada obstante, a função primacial do perispírito não é servir duma espécie de membrana isolante a proteger o Espírito dos fluidos nocivos oriun-

dos de outros seres, inclusive de homens de baixos sentimentos, como das diversas fontes de fluidos deletérios produzidos pela própria natureza. De fato, muitíssimo mais importante do que a referida função, são duas outras imprescindíveis à manutenção da vida e exercidas através de duas diferentes categorias de poros existentes no perispírito: uma, destinada a absorver incessantemente o prana, radiação do Criador, presente em tudo que por Ele foi criado e, por conseqüência, difundida em todo o Universo — é a Vida nos cinco reinos da natureza; a outra categoria dos poros perispirituais exerce magnífica função depuradora do Espírito, pois, através deles, eliminam-se todos os detritos dos maus sentimentos, deteriorados pela força de vontade do Espírito eterno para expungir-se dos defeitos morais, substituindo-os por virtudes imperecíveis, quer o Espírito esteja encarnado, quer esteja desencarnado.

Força é reconhecer, entretanto, que somente tangido pela Dor e estuado por torturantes provações o Espírito terráqueo sempre rebelde à perfeição, delibera aprimorar seus sentimentos e propende a incrementar a veneração a Deus e a repartir o amor fraterno com todas as criaturas da Terra!

Conhecidos que sejam esses fatos, fatalmente ruirá o materialismo monista e surgirá, definitivamente, o homem integral, que é Espírito eterno envolvido, até alcançar a perfeição compatível com nosso planeta, por uma ourela constituída por sua própria emanção, o perispírito, e por um organismo material, que, destruído pela morte, será barganhado por outro ao fim de certo número de anos, enquanto o Espírito, livre do corpo físico, permanecerá sempre vivo, com a forma, as dimensões e a aparência que possuiu na derradeira encarnação, porque conserva com ele, como duplo etérico, o mesmo perispírito, o qual só será remodelado nas primícias da futura encarnação, durante a formação do embrião.

Nessa ocasião, o perispírito da última encarnação é totalmente absorvido e substituído por outro, planejado pelos Senhores do Carma e configurado pelo Mentor do candidato à reencarnação. De modo que, ao reencarnar, cada Espírito recebe exatamente o corpo que, por seu comportamento em anteriores existências, mereceu na que se inicia. É a lei de causalidade moral em ação; única maneira de haver perfeita justiça no traçado do destino de cada criatura!

Sem embargo, no que concerne às vibrações do perispírito, tanto do que foi absorvido, como do que foi reconstruído, o único aparelho com sensibilidade suficiente para detectá-las é, inquestionavelmente, o médium humano, fato que merece ressaltado, porquanto, menos aperfeiçoada, existe comprovada mediunidade entre irracionais.

Em verdade, contra todas as fraquezas e deficiências humanas e a despeito das inevitáveis mistificações dos médiuns desprovidos da força moral conquistada durante a iniciação, a mediunidade autêntica está demonstrada não só mercê da criptestesia de centenas, quiçá de milhares de “dota-

dos”, como pelas provas objetivas colhidas em muitas “observações provocadas” controladas por notáveis cientistas de diversas nacionalidades, nas quais ficou patente possante radiação desprendida do organismo dos médiuns, principalmente quando em estado de transe. Por conseguinte, é inegável que a teoria fluidista continua de pé, em que pese a repulsa de abalizados hipnólogos contemporâneos.

O próprio Braid, forçado pela evidência dos fatos, foi obrigado a reconhecer que sua teoria sobre o “sono-nervoso” e o seu método de hipnotizar não abarcavam toda a fenomenologia mesmérica.

Com efeito, em face de façanhas realizadas pelo maior magnetizador de todos os tempos, J. Esdaille, o qual sem emprego de qualquer método ou técnica hipnótica e, até, sem a mínima sugestão, abordando os pacientes por costa, à revelia dos enfermos, operou mais de uma centena de doentes, que, sem qualquer anestesia, se submeteram a intervenções cirúrgicas dolorosíssimas, sem acusarem a mínima dor e permanecendo ainda, durante algum tempo, em tranqüilo sono, o braidismo minimiza-se.

Como sói acontecer com os grandes pioneiros, Esdaille, a despeito de suas sensacionais curas, foi vilmente massacrado pela afamada Associação Médica Britânica, que, sem conhecimento de causa, optou pelas hipóteses aventadas por James Braid, injustamente considerado como fundador do hipnotismo científico. E não foi só: além da odiosa preterição, a poderosa associação britânica cometeu a revoltante arbitrariedade de proibir que o genial magnetizador continuasse a exercer a Medicina!

Digno de nota é o fato de que, ultrapassando os feitos dos dois médicos pioneiros, um, com o “sono-nervoso”, provocado pela estafa do aparelho ocular com inibição dos centros nervosos correspondentes; outro, com seu fortíssimo magnetismo pessoal coadjuvado por sua perícia cirúrgica, numa época em que a Cirurgia estava engatinhando, Jesus de Nazaré, o médium mais perfeito e mais completo que, até hoje, encarnou na Terra, porquanto aliava à força moral de suas excelsas virtudes, o possante magnetismo de autêntico doutrinador e a prodigiosa radiação de médium curador, conseguiu realizar em, apenas, um ano de doutrinação, numerosas conversões e centenas de curas maravilhosas somente com a atuação dos fluidos curadores que se lhes desprendiam do perispírito, quando de perto ou de longe, desejava curar fosse qual fosse a doença ou, na hipótese de Espiritopatia, a enfermidade ou a deformidade provocada por Espíritos sofredores ou vingativos, que eram compulsoriamente afastados por ordem do Mestre nazareno!

É de ver que, no momento, estou preocupado exclusivamente em consolidar a posição do exponencial profeta nazareno como médium curador e iniciado essênio, dentre os quais destacavam-se outros, em reduzido número, que curavam uns com ervas medicinais, outros, com passes sobre a ca-

beça do enfermo, de molde a controlar a energia electromagnética do córtex cerebral e, por seu intermédio, reequilibrar as funções de todos os órgãos afetados no processo mórbido.

Com referir-me a outros médiuns curadores lá mesmo no Qumrân, onde Jesus fora instruído e iniciado, quero evitar que o Mestre nazareno, com as curas aparentemente milagrosas, permaneça com sua personalidade transfigurada e, até, metamorfoseado em Deus frustrado, aliás, porque, apesar de tido e havido como onisciente e onipotente, faltou-lhe sabedoria para fazer o homem perfeito e feliz e, ao constatar-lhes as deficiências, minguou-lhe forças para corrigi-las, sem necessidade de dolorosas provações!

Co-autor do erro que angustia toda a humanidade, Jesus foi amalgamado ao Criador do Universo e ao ridículo Espírito-pomba em ininteligível Trindade, ficando, assim, com a liberdade tolhida para redimir-se da quota de fracasso que lhe coube na criação e na destinação dos Espíritos terráqueos, encarnados e desencarnados. Todavia, não se sabe como, o Deus Filho rompeu os liames que o amarravam à fabulosa Trindade e, por conta própria, deliberou ressarcir a colossal dívida contraída, desde a criação dos Espíritos, com todos que para cá vieram para conquistarem, com sofrimento e trabalho, o progresso moral e intelectual. Contudo, a balela dos teólogos não estancou aqui; foi muito além, com drástica agravação da pantomima: Jesus, Mestre iluminadíssimo, libertado da Trindade, regrediu ao reino animal, transformou-se em “cordeiro de Deus” e serviu de holocausto, para redimir os erros da humanidade, que, ele próprio, na mesma pessoa de Deus criador, por monstruosa injustiça, criara imperfeita e previamente condenada a eterno sofrimento. Em suma: na Trindade havia um Pai carrasco, um Filho boníssimo e um Espírito-pomba ambiciosíssimo, que acabou por ofuscar a onipotência de Deus e intrometer-se nos fuxicos do clero de certa igreja congênere.

Lamentavelmente, como quase sempre acontece com os precursores, o Filho generosíssimo teve como paga o cruelíssimo martírio da crucificação; e, como se não bastasse a terrível degradação, padres cobiçosos e teólogos inescrupulosos, decorridos alguns séculos após a morte infamante do iluminado benfeitor da humanidade, passaram da apologia da cruz como símbolo de aprimoramento espiritual pela dor para o escandaloso comércio de pedacinhos de madeira impingidos como relíquia da verdadeira cruz, pedacinhos que, reunidos, dariam para formar uma cruz com muitos quilômetros de extensão!

Mas, o pior é que, insatisfeitos com o rendoso comércio com o “sagrado lenho”, cínicos sacerdotes não se vexam de exhibir, até hoje, como o verdadeiro, um prepúcio de origem desconhecida, trincafiado em valioso relicário e incessantemente vigiado por um grupo de ingênuas freiras!

Como se vê, da exploração tramada em torno de Jesus, nem seu falso prepúcio escapou!

Mas, apesar de tudo, mais adiante, quando focalizar os “milagres” produzidos por Jesus, mostrarei a atuação do fluido curador emitido pelo perispírito do Mestre galileu; hoje, quero apenas ressaltar que, para curar, bastava que o médium nazareno tocasse levemente ou, simplesmente, se aproximasse do doente com vontade de curá-lo. Incontinenti, sentia que se lhe desprendia do organismo o *quantum* de energia imprescindível à recuperação da saúde do enfermo, por mais grave que fosse sua doença e, até, sua deformidade, se o caso fosse de Espiritopatia. De resto, em se tratando de enfermidade enquadrada na Patologia Médica, com paciente localizado à distância do Mestre, seu prodigioso fluido curativo chegava até lá conduzido por vigilantes mensageiros e, em seguida, era doado ao doente visado pelo notável médium curador; mas, quando a doença era Espiritopatia, provocada por Espíritos sofredores ou, pior, por Espíritos obsessores, a cura a distância exigia a mobilização de numerosos Espíritos, em diversos níveis de evolução, desde humildes africanos, peritos em fazer e desfazer trabalhos de “magia negra”, até iniciados de várias seitas, todos sequiosos de servir a um Mestre do quilate de Jesus de Nazaré!

Na realidade, a emanção de importante quota de fluido perispiritual não ocorre, exclusivamente, na mediunidade curadora: ocorre, outrossim, em todas as manifestações mediúnicas, máxime na produção de efeitos físicos, na qual a sensação subjetiva de exaurimento de energia orgânica acusada pelo médium, em seguida à manifestação dos fenômenos, é confirmada pela queda do peso corporal, conforme provou, em repetidas experiências efetuadas com médiuns de materialização, W. J. Crawford, catedrático de Física na Universidade de Belfast. Contudo, vale assinalar que a emanção do perispírito do médium, seja qual for o caso, não se perde: é captada por seu Mentor ou por um delegado de sua vontade e, durante o sono, novamente reintegrada, com mínima perda energética, recuperável pela alimentação, no perispírito do abnegado que se prestou à caridade ou que se submeteu desinteressadamente à experimentação.

O fato de a Ciência conservar dúvidas acerca da existência do fluido vital, radiação do Espírito eterno adstrito ao corpo bio-plasmático e fonte da vida do corpo físico no plano terreno, não é decisivo, nem definitivo. A verdade científica só é inquestionável quando escorada em rigorosos experimentos; mas falha, quando refuta *a priori*, movida por preconceitos. Com efeito, mil fatos negados outrora constituem, presentemente, valioso patrimônio de nossa cultura. Além disso, é fora de dúvida que, no que tange às forças ignoradas existentes no microcosmo do organismo humano, ainda há todo um mundo a descobrir.

Se, há alguns anos passados, alguém afirmasse que a idéia ou a imagem mental provoca descargas elétricas e imperceptíveis contrações fibrilares nos grupos musculares ligados ao pensamento, ou, melhor, à idéia imaginada, certamente seria ridicularizado. Entretanto, com a aplicação de uma câ-

mara pneumática especial na parte superior do pescoço e com a implantação de eletrodos na base da língua e nos músculos da laringe, Platonov, sábio pesquisador russo, pôde registrar as microcorrentes geradas no órgão da fonação, quando o paciente, completamente mudo, raciocinava na solução de problemas que lhe foram formulados. Isto prova que, embora não houvesse havido linguagem verbal, houve “linguagem elétrica” da ideomotricidade traduzida em ruídos audíveis em alto-falantes de grande sensibilidade.

De fato, bastava o paciente pensar ou, melhor, imaginar o ato de fechar a mão para que os ruídos se produzissem!

Estribado nesses fatos, o Instituto de Prótese de Moscou construiu engenhosa mão eletrônica, com dedos articulados, que, ligada ao braço duma pessoa, executava os movimentos implicados no ato imaginado!

Contudo, muito mais importante foi a descoberta de Reutler, o qual, trabalhando no laboratório com intestino de inseto conservado em solução fisiológica, observou que, toda vez que contraía seus músculos, provocava a distância violenta contração peristáltica na preparação microscópica! Vale dizer que: de seus músculos escapava uma energia (fluido vital) que, através do espaço, era captada pelo músculo do intestino do inseto! A descoberta foi confirmada na Rússia pelo entomólogo Steblin.

Ora, diante de fatos tão ostensivos, como diria Bacon, é arbitrário negar a existência de forças ignoradas que se irradiam do corpo humano. Aliás, o fato está comprovado, sobretudo nos médiuns. A força electromagnética ou, melhor, a radiação perispiritual que escapava pelas extremidades digitais de Mlle. d'Espérance “endoidava” a agulha magnética de qualquer bússola. Também com Home, com Slade, com Klouski, com Stanislawa e com muitos outros médiuns, menos afamados, o esdrúxulo fenômeno foi observado centenas de vezes pelos mais renomados sábios europeus e americanos da época. Diante de uma plêiade de cientistas de diferentes nacionalidades, Eusábia Paladino, sem o mínimo contato físico, descarregou, muitas vezes e em diferentes oportunidades, vários modelos de electroscópio!

Vale a pena de ressaltar que os “fluidos perispirituais” dos médiuns não provocam tão-somente fenômenos elétricos e magnéticos — provocam, também, a materialização parcial ou integral de um corpo carnal, exatamente idêntico ao corpo físico possuído pelo Espírito desencarnado durante o período em que esteve encarnado; e mais: produz a desmaterialização parcial ou integral do corpo físico do médium encarnado! Embora raros, esses fenômenos assombrosos foram constatados por grande número de sábios e de professores universitários no meado do século passado. Não podem ser negados. E não foram ultrapassados pela Parapsicologia!

Além disso, o fluido perispiritual de determinados médiuns pode provocar trabalho mecânico, como provaram, no século passado, dentre outros William Crookes, considerado, na época, o maior sábio da Inglaterra, Charles Richet, afamado fisiologista francês, Von Notzing, conhecido pesquisador alemão e, antes de todos, o professor Hare, da Pensilvânia, cujas experiências foram revolucionárias. Na verdade, centenas de sábios, dentre os quais destaco César Lombroso, psiquiatra internacionalmente afamado, cujo materialismo fora derrocado com a materialização e a identificação do Espírito de sua própria mãe, numa das célebres sessões de Milão. Todavia, nenhum sábio obteve provas mais decisivas do que William Crookes. Tendo como médium a insuspeita Miss Cook, o sábio inglês pôde “conviver”, em sua residência durante quatro anos, com o Espírito de Katie King materializado durante horas seguidas, a ponto de se lhe tornar familiar e de divertir seus filhos, contando-lhes estórias da Índia, onde tivera uma encarnação. E não foi só. Com outro afamado médium, Home, o sábio inglês, valendo-se de aparelhos por ele mandados construir, efetuou memoráveis experiências, dentre elas, uma na qual, sem a mínima possibilidade de qualquer contato físico, o médium, controlado por seu Espírito protetor, produziu um efeito mecânico que nem o corpo inteiro do sábio, com seus setenta quilos, conseguiu reproduzir!

Não há negar. Do Espírito humano, através do perispírito, emana diferentes fluidos dotados de apreciável potencial energético, apenas pressentidos pela Ciência, cega pelo materialismo. Mas nenhum dos referidos fluidos é tão maravilhoso quanto o curador, de vez que, ao arrepio das leis biológicas conhecidas, regenera instantaneamente tecidos e, até, órgãos gravissimamente afetados pelas mais recalcitrantes afecções patológicas. Contudo, os fluidos curativos constituem apanágio do mundo espiritual e, em regra, só são integrados no perispírito de Espíritos evoluídos, possuidores de acendrados sentimentos para maior garantia do cumprimento de sua missão como médiuns curadores, sem risco de fracasso pela vaidade.

Sem embargo, em casos excepcionais, o fluido curativo poderá ser concentrado em ambientes de exaltado misticismo, como na gruta de Lourdes. O trabalho cabe a Espíritos faltosos, os quais, encarnados como médiuns curadores, foram infensos à prática da caridade mediúnica. Ora, relapsos como foram, deixaram de socorrer os doentes que, antes de reencarnar, prometeram ao seu Mentor que curá-los-iam, quando se lhes deparasse oportunidade. Entretanto, com a egoística abstenção, desencarnaram com o perispírito saturado de fluidos curadores, que deveriam ter aliviado ou, mesmo, curado graves doenças de muitos sofredores! Conseqüência: carregando no perispírito tão valioso patrimônio e sentindo-se acusados pela própria consciência, porque, por displicência, deixaram de utilizá-lo em benefício do próximo, sofrerão a tortura do remorso, até que encontrem médiuns com os

quais, por semelhança de sentimentos, possam estabelecer sintonização com as vibrações do perispírito e, dessa forma, completarem um número de curas equivalentes ao dos doentes que, na vida espiritual, prometeram curar. Caso contrário, não darão um passo no progresso espiritual e continuarão a sofrer horrivelmente, enquanto não conseguirem saldar, “até o último centavo”, a ominosa dívida que levaram para o outro lado da vida!

Mutatis mutandis, fato análogo sucede nas chamadas “casas mal-assombradas”, nas quais a turbulenta fenomenologia decorre da presença de Espíritos que, na vida terrena, possuíram, no perispírito, os fluidos específicos à produção de “efeitos físicos”, mas que, por superstição religiosa ou, simplesmente, por estulto preconceito, relegaram os indeclináveis deveres de médium. Dessa forma, quando desencarnaram, levaram no perispírito os fluidos que deveriam ser utilizados por seus Protetores nas manifestações dos fantásticos fenômenos.

Ora, com essa valiosa sobrecarga no perispírito e fustigados pelo remorso da traição cometida contra os Espíritos com os quais se comprometeram a servir de instrumento à produção dos apavorantes fenômenos das “casas mal-assombradas”, prova do trabalho dos Espíritos desencarnados e acicate para a conversão dos incrédulos obstinados, ver-se-ão obrigados a lutar denodadamente para consumarem, como Espíritos desencarnados, o que refugaram como médiuns — única maneira pela qual poderão transferir a outrem os fluidos que não souberam valorizar e, por isso, retiveram egoisticamente no perispírito. Pagas as dívidas, os médiuns relapsos serão levados para planos de readaptação ao progresso espiritual apropriados à conquista de valores morais e intelectuais.

O interessante é que, não só na manifestação de curiosos fenômenos de “efeitos físicos” como na eclosão de bulhentos e horripilantes tumultos das “casas mal-assombradas”, os fatos podem ocorrer sem a presença de médium, somente com a concentração dos fluidos adequados no local das esdrúxulas manifestações, obra de Espíritos de relativa evolução. Donde se conclui que diversas assertivas feitas ao genial Mestre Allan Kardec por Espíritos que o assessoraram na escrita de *O Livro dos Espíritos* revelam especulação acerca de assuntos que desconheciam!

Com efeito, para que os fenômenos se manifestem, quer nos “santuários”, quer nas “casas mal-assombradas”, basta que haja prévia impregnação do ambiente com fluidos específicos, doados, em tese, por Espíritos desencarnados de médiuns curadores ou de médiuns de efeitos físicos, adversos à prática da mediunidade, razão por que sonegaram toda a quota de fluidos que deveriam oferecer aos seus Protetores, a fim de que eles provocassem a fenomenologia programada.

Por outro lado, nos ambientes consagrados a curas “milagrosas”, além dos fluidos curativos doados por Espíritos, que, encarnados como médium,

foram infensos à prática da mediunidade, há abundância de fluidos vitais oferecidos pelos Mentores dos acompanhantes dos doentes que lá comparecem a suplicar cura. Além disso, acrescidos aos fluidos vitais humanos, oriundos, uns, de Espíritos desencarnados, outros, de Espíritos encarnados, o local das curas “milagrosas” é, também, saturado, mercê do trabalho de Espíritos de medíocre evolução, com fluidos vitais vegetais extraídos da vegetação circunvizinha e com fluidos vitais minerais, ainda desconhecidos pela Ciência, e captados nas rochas adjacentes, se as houver, é óbvio, e dos metais e metalóides subterrâneos ou expostos na superfície da terra.

Como se infere, é com esse “complexo de fluidos vitais” que se processam as curas erroneamente tidas e havidas como milagrosas, sem que se atente que o “milagre”, se o houvesse, seria a anulação de leis naturais inarredáveis, porquanto o Criador, onisciente e, por conseqüência, onipotente como é, jamais poderia cometer o mínimo erro; logo, nada teria a corrigir e, muito menos, a anular nas eternas leis universais, todas com o timbre de perfeição!

Fato altamente significativo é que, no Espírito que deverá encarnar com a missão de médium, a quota de fluido curador que lhe é destinada pelos Senhores do Carma e que ficará sob a guarda de seu principal Protetor, o Mentor, é fixada em seu perispírito, orla constituída de fluidos protetores do Espírito eterno desde as primícias da embriogenia. Ora, fixado no perispírito do médium curador, o precioso fluido expande-se, gradativamente, desde os primórdios da vida fetal, por todas as células do organismo, concentrando-se no sistema nervoso, máxime no córtex cerebral, que controla toda a fisiopatologia do corpo físico. Presente, outrossim, em todas as secreções de glândulas externas e das glândulas de secreção interna, justifica-se plenamente a atitude de Jesus no que concerne ao cego de Betsaida, curado com o fluido curador existente na saliva do Mestre (Mc. VIII, 23-25).

É oportuno salientar que o Mestre nazareno não possuía fluido curador apenas no sistema nervoso e aprisionado no protoplasma das células de seu organismo: o fluido irradiava-se e curava em rápido contato. Foi assim com a sogra de Pedro; acamada com febre alta, o Mestre segurou-lhe as mãos e pô-la de pé: estava completamente curada! (Mt. VIII, 14; Mc. I, 30).

Aliás, outra prova insofismável de que, de todo o organismo de Jesus irradiava-se, na maior parte do tempo e, sobretudo, quando estava dedicado à missão de curar, grande quota de fluido curador foi a cura duma mulher, metrorrágica havia já doze anos, a qual só de tocar-lhe na fimbria da túnica de iniciado essênio estancou-se-lhe a hemorragia! (Mt. IX, 20-22; Mc. V, 25-35; Lc. VIII, 43-48).

De resto, a comprovação de que a cura da metrorrágica dependeu, exclusivamente, do fluido curador emitido pelo perispírito do sensacional médium nazareno encontramos-na nas próprias palavras do Mestre, o qual acusou a sensação do desprendimento do fluido vital. Por isso, depois de inter-

pelar os circunstantes, inquirindo-os sobre quem o tocara, acrescentou que havia sentido, no momento da cura da hemorrágica, a sensação de perda de fluido vital (Mc. V, 25-35; Lc. VIII, 43-48).

Ademais, curas assombrosas não ocorriam somente quando o enfermo, fascinado pelo magnetismo do Mestre e empolgado pela fé, forcejava para roçar-lhe no corpo; curas que se multiplicavam quando a iniciativa partia, ocultamente, do fantástico médium curador, que, sem palavras, se limitava a sobrepor a mão espalmada na região afetada; ou quando, sem contato físico, aproximava suas extremidades digitais da zona doente e impregnava-a de fluidos curadores.

É de ver que, apesar de centenas de curas maravilhosas realizadas por Jesus com efêmeros contatos ou com fugazes passes mediúnicos, é indubitável que, apertado nos sucessivos cercos de multidões angustiadas pela ânsia de “curas milagrosas”, salvou, imperceptivelmente, com a radiação curadora de seu perispírito, um número de enfermos muito maior do que os que foram ostensivamente restabelecidos. Haja vista o que aconteceu em Cafarnaum, embora lá houvesse, também, muitas curas com aposição das mãos sobre a cabeça, de modo a facilitar que a radiação curadora do Mestre galileu atravessasse os ossos cranianos e atingisse em cheio o córtex cerebral, que controla toda a patofisiologia e, assim, com o concurso do fluido curador, pôde realizar curas rápidas e perfeitas, inclusive de aleijados (Lc. IV, 40).

Todavia, em última análise, a fonte dos fluidos vitais, inclusive do fluido curador, é o “corpo espiritual”, que dá vida ao corpo físico, embora possa afastar-se, momentaneamente dele, sem desligar-se completamente do sistema nervoso, porque isso seria a morte irremediável!

De tudo que ficou dito, deve inferir-se que toda a fenomenologia desenvolvida nos recintos de curas “milagrosas” ou no tumultuado ambiente das “casas mal-assombradas” depende somente dos fluidos específicos concentrados no perispírito dos Espíritos encarnados ou no corpo espiritual dos Espíritos desencarnados.

JESUS CURAVA COM OS ESPÍRITOS

8 Em que pese à opinião de especialistas agnósticos, a origem das religiões provém da onipresença dos Espíritos desencarnados em nosso planeta. No dia em que a evolução biológica do homem permitiu a eclosão da mediunidade no perispírito dos Espíritos encarnados, conhecidos como homem, a vidência, a clariaudiência e a incorporação dos Espíritos de parentes ou de amigos desencarnados, a primitiva clã totemista viu-se cercada de Espíritos desencarnados, em regra invisíveis e imperceptíveis, que lhe espreitavam os atos mais íntimos e, não raro, interferiam compulsoriamente no comportamento de seus membros.

Arraijada a convicção da sobrevivência dos parentes desencarnados, presentes ora em sonho, ora em “visões”, ora em “vozes”, ora em comunicação psicofônica dada por intermédio de “mestres” ou de “feiticeiros” africanos ou manifestada nos “pajés”, não só dos ameríndios como de tribos das mais diversas partes do globo e, além disso, comprovada a intervenção dos Espíritos desencarnados nas ações humanas, aberta estava a porta para a criação de cultos e de rituais propiciatórios à comunicação dos Espíritos desencarnados, impropriamente denominados “mortos”, com os Espíritos provisoriamente encarnados.

Entretanto, a disparidade das manifestações — benéficas umas, nefastas outras — comprovou que o “outro mundo” não era privilégio dos parentes e dos amigos desencarnados, de vez que, na maioria das vezes, a atuação era de Espíritos malfeitores. Fato compreensível, aliás, porquanto os habitantes do “outro mundo” são os habitantes “deste mundo”, que, despojados, pela morte, do corpo carnal, para lá são transportados com o “corpo espiritual”, *fac-símile* “gasoso” do corpo terreno.

Ora, quanto mais primitiva a civilização, piores os homens. Por consequência, no passado, mais do que no presente, o número de Espíritos atrasados, sintonizados com as paixões e os vícios humanos, sobrepunha o de Espíritos benfeitores. Donde se infere que, pela própria imperfeição do homem, as manifestações dos Espíritos maus prevaleciam sobre as dos Espíritos bons. Por isso, na sua ignorância, a humanidade generalizou a repulsão ao mundo espiritual, combatendo as manifestações e massacrando os médiuns. De sorte que, para socorrer seus protegidos, os Mentores se viram obrigados a atuar discretamente, por intuição, através de médiuns ultra-sensíveis. E quando a comunicação era imprescindível à evolução da humanidade, o Mentor, ou seu Mensageiro, para não ser repellido, era compelido a identificar-se como Deus. Isso não só com os “feiticeiros” e “pajés” de tribos primitivas, como com Abraão, Moisés ou Jacó.

Numa palavra — com todos os fundadores de seitas e religiões. E a consequência dramática da confusão dos Espíritos missionários, encarregados da fundação de seitas adequadas ao nível de evolução espiritual de cer-

tos grupos sociais com o próprio Criador do Universo foi a estereotipia de um Deus antropomorfo, que se deteriora à medida que a humanidade evolui intelectualmente. Tudo porque a humanidade permanece cega, sem querer enxergar um Espírito, isto é, um homem desencarnado, onde ela colocou um Deus!

E o pior é que, ainda hoje, depois que o Espiritismo já provou, experimentalmente, a sobrevivência da alma e a permanente intercomunicação dos “mortos” com os “vivos”, ainda hoje, para um Espírito manifestar-se, terá de precaver-se contra a ignorância e o preconceito! Máxime nos ambientes fanatizados, onde os Espíritos são rejeitados *a priori*, tidos e havidos como solertes e proteiformes demônios! Por isso, um Espírito iluminado, incapaz duma farsa, para salvar do desespero um católico ou um protestante, se vê na contingência de, pelo amor à criatura torturada, tomar a “aparência” do Santo da devoção ou a do Cristo!

Só assim, a “aparência” é valorizada e o conselho obedecido. Como se vê, iludidas por seitas que permanecem desligadas do “outro mundo”, porque preferem agarrar-se aos interesses materiais da terra, esses ingênuos sectários rechaçam os amigos do Além e perdem a oportunidade de se certificarem de que Deus, que incrementa o Amor, não rompe, com a morte, os laços afetivos atados neste mundo.

Sem embargo, como a evolução universal é lei, estão chegando os tempos em que a humanidade compreenderá quanto deve aos Espíritos.

Com efeito, foi graças à cooperação de Espíritos superiores, no posto de mensageiros dos Senhores do Carma, que a revelação das leis de Deus se nos foi ampliando gradativamente, à proporção que se nos desenvolveu a capacidade para entendê-las. E, desta regra, não escapou nem o cristianismo, a despeito de ter tido encarnado, como médium e Mestre, um Espírito exponencial, de derradeira encarnação — Jesus de Nazaré!

De fato, com o profeta galileu, a presença dos Espíritos foi uma constante no seu efêmero ministério; e, depois de sua trágica morte, ele próprio, como Espírito desencarnado, testemunhou, nas “aparências” aos videntes e na espetacular materialização perante os discípulos, a realidade da sobrevivência e a contribuição dos Espíritos doutrinadores em prol do progresso moral da humanidade! De suas numerosas curas, algumas de mecanismo discutível atualmente, por força de conceitos vigentes na medicina psicossomática e na hipnologia, restrinjo-me, hoje, àquelas que não deixam dúvida quanto à intervenção dos Espíritos, na posição de protetores de Jesus.

Em primeiro, a filha da cananéia. Jesus estava refugiado em terra estranha, portanto, fora do ambiente de sua atuação como médium curador. Não queria aparecer (Mc. VII, 24). Todavia, mãe aflita surpreendeu-o na rua e, informada de suas curas, suplica-lhe a cura da filha, que ficara em casa, “horripelmente endemoniada” (Mt. XV, 22). Os discípulos mostraram-se-lhe hostis. Jesus, a princípio, não a atendeu. Mas, vencido pela insistência da mãe desesperada, declarou-lhe: “por causa da tua confiança e humildade, podes ir — o demônio já saiu de tua filha.” E ela,

voltando para casa, já encontrou a menina calma, estirada na cama (Mc. VII, 28-30). Um caso típico de Espiritopatia, que seria diagnosticado como grave psicopatia, semelhante aos apresentados na SEPE, pelos Mestres do Neo-espiritismo, à classe médica, conforme documentos arquivados em nosso Departamento de Investigações Científicas. Cura impossível pela hipnose, porque não haveria possibilidade de condicionamento, nem de *rapport*, com uma louca furiosa. E, muito menos, a distância, por telepatia! E, sobretudo, quando a própria “louca” ignorava que a tentariam curar.

Na verdade, belíssima cura, realizada por Jesus, a distância, mercê da intervenção dos Espíritos que o assistiam em sua missão.

Agora, a cura do filho do oficial do rei. Jesus regressara à Galiléia. Ao saber disso, o oficial foi ao seu encontro, implorando-lhe voltasse à Judéia para salvar-lhe o filho “antes que morra”. Mas Jesus não voltou. Ali mesmo, curou-lhe o filho, a distância, sem que, em Jerusalém, o doentinho soubesse a hora do diálogo paterno com o Mestre galileu. Jesus, ao pai aflito, apenas disse: “Volta, teu filho vive.” (Jo. IV, 50). Ao regressar ao lar, o oficial topou, no caminho, os servos que lhe vinham dar as alvíssaras. O rapaz estava curado; e curou-se, exatamente, no momento em que Jesus, da Galiléia, afirmou sua cura na Judéia! (Jo. IV, 51-53). Houve infecção aparente, com febre renitente. Mas, como no caso anterior, o quadro mórbido fora provocado pela atuação de um Espírito sofredor, vitimado por doença infectuosa. Afastado o Espírito, por intervenção dos servidores de Jesus, o menino prontamente se restabeleceu. Se fora uma infecção comum, por mais grave que fosse, Jesus, pessoalmente, mediante a “imposição das mãos”, poderia curá-lo instantaneamente, de vez que era médium curador, forma raríssima de mediunidade, que exige “iniciação”, alimentação adequada e renúncia ao sexo. Mas, a distância, Jesus só pôde curá-lo com a intervenção dos Espíritos que o assistiam.

Outro exemplo: a cura da filha de Jairo. Jesus estava à beira do mar da Galiléia, cercado por uma multidão. Jairo rompeu o cerco e suplicou-lhe: “Minha filhinha está à morte; vem, impõe as mãos sobre ela, para salvá-la.” (Mc. V, 23). Alguém recrimina-o: “Tua filha já morreu; por que incomodas o Mestre?” (Mc. V, 35). Jesus escolheu três discípulos — Pedro, Tiago e João — e, com Jairo, todos partiram para a residência da doentinha. Havia choros e gritos. Jesus pede calma. “Por que tanto alvoroço? A criança não está morta, apenas dorme.” (Mc. V, 39). Em seguida, entrou no quarto, pegou-lhe nas mãos e ordenou-lhe: “Talita koum! — levanta-te menina!” Imediatamente, a menina levantou-se. Jesus mandou alimentá-la e proibiu que divulgassem a cura. Por que? Por medo? Não. Porque Jesus sabia que, em última instância, a cura proveio dos Espíritos: foi trabalho de seus servidores, com utilização de fluido vital extraído de seu organismo. Médium e Mestre, não quis enfeitar-se com pena de pavão. Na realidade, a menina dormia, em

letargia, também por atuação espiritual; era autêntica Espiritopatia. A força moral de Jesus, aliada à sua poderosa assistência espiritual, realizaram o “milagre”, explorado, posteriormente, como “ressurreição”!

Mas, vamos adiante. Agora, o caso do filho da viúva de Naim. Ao entrar na cidade, Jesus deparou-se com o enterro. Condoeu-se da mulher, que, além de viúva, perdera o arrimo do filho. E certamente “ouviu” que o rapaz não estava morto, mas em catalepsia provocada por Espiritopatia. Fenômeno idêntico ao que, várias vezes, fora provocado, em sessões experimentais, pelos Mestres da SEPE — morte “aparente” por atuação espiritual! Grande “iniciado”, Jesus sustou o enterro, tocou no esquife e ordenou: “Levanta-te, jovem!” O “morto” despertou e principiou a falar (Lc. VII, 12-15). Mais uma vez, trabalho dos Espíritos a serviço da revelação divina, confiada a Jesus. *Mutatis mutandis*, com Lázaro o fenômeno foi equivalente. Ameaçado pelos sacerdotes, Jesus afastara-se da Judéia. Lázaro adoeceu em Betânia, próximo de Jerusalém. As irmãs, aflitas, pediram ajuda a Jesus, amigo da família. Mas, ao receber a notícia, o Mestre declarou: “Esta enfermidade não é de morte.” (Jo. XI, 4). E, calmamente, permaneceu no mesmo local, onde se ocultara, mais dois dias. Depois, enfrentando o perigo de cair na órbita do Sinédrio, partiu ao encontro de Lázaro. Encontrou-o enterrado numa gruta, cuja porta fora obstruída com volumosa pedra. Uma das irmãs de Lázaro, Marta, adiantou, por conta própria, que o “defunto” já cheirava mal, porque enterrado havia quatro dias (Jo. XI, 39). Jesus sabia que não. E mais convicto ficou depois que removeram, da entrada do túmulo, a pedra. Elevou, então, os olhos para o céu e exclamou: “Pai, graças te dou, porque me ouviste.” (Jo. XI, 4). Depois, voltou-se para Lázaro e ordenou-lhe com veemência: “Lázaro, vem para fora!” (Jo. XI, 43). Aqui, há um lapso flagrante. Sem atentar no fato de que Lázaro estava “com os pés e as mãos ligadas por ataduras”, Jesus ordenou-lhe que saísse do túmulo. E, a crer no evangelista, o “defunto” saiu! Só depois foi que Jesus determinou: “Desatai-o e deixai-o ir.” (Jo. XI, 44).

Todavia, subentende-se que o corte das peias precedeu à ordem do Mestre. O pior, porém, é que, a propósito dessa cura, o evangelista coloca na boca de Jesus uma auto-conceituação paranóica! Contra isso, eu protesto veementemente. Mas a “cura” não lhe contesto. Ao contrário — solidarizo-me com ele. Porque, sem equivalência, ocorreu, em Niterói, com uma médium da SEPE, uma catalepsia espontânea, que durou mais de dez horas e que resistiu a todas as tentativas feitas para acordá-la. Contudo, para sustar incontinenti a catalepsia, bastou que eu solicitasse, mentalmente, ao Mentor da médium que a despertasse!

Aliás, na Índia, há séculos, os grandes “iniciados” são freqüentemente enterrados **como mortos**, mais de trinta dias! Todavia, na Índia, na Betânia ou em Niterói, a vitória é sempre dos Espíritos desencarnados, que merecem colaborar com Missionários encarnados!

JESUS EXALTOU O SENTIMENTO

Apesar das capciosas alterações do primitivo contexto e das espúrias interpolações sub-repticiamente introduzidas nos textos bíblicos, o *Novo Testamento* preservou muitos traços da fulgurante personalidade de Jesus, configurada nos trechos esparsos de sua doutrina, reunidos após sua crucificação.

Grande iniciado essênio e autêntico terapeuta, o Mestre galileu sempre colocou acima de tudo sua inelutável vocação à prática da caridade, valendo-se de sua prodigiosa mediunidade curadora em benefício dos numerosos doentes que, a cada momento, o assediavam. E, como é notório, Jesus efetuou curas verdadeiramente assombrosas, muitas das quais foram omitidas pelos evangelistas, canônicos ou não, que, alguns decênios depois da morte do heróico missionário, rememoraram os ensinamentos e as curas do prodigioso médium nazareno.

Contudo, é importante ressaltar que, além de haver curado, instantaneamente, diversas doenças do corpo somático, o Mestre curou, outrossim, muitas enfermidades do corpo espiritual, as quais, desde 1950, em artigos publicados em vários jornais, foram por mim denominadas Espiritopatias, provocadas por insidiosa atuação de Espíritos sofredores ou de Espíritos obsessores, os quais, a despeito da apriorística repulsa da Medicina, ainda decalcada no monismo materialista, provocam não só quadros clínicos como psiquiátricos marcados pela tremenda resistência a todos os tratamentos científicos.

Entretanto, quaisquer que sejam os quadros mórbidos, as Espiritopatias, na maioria dos casos, são rapidamente debeladas com o afastamento compulsório dos Espíritos causadores da enigmática enfermidade — fato que comprovei centenas de vezes em minha clínica particular; e que provei, com muitas “observações armadas” realizadas, durante cinco anos consecutivos, não só com médiuns da SEPE como com muitos visitantes, que lá compareciam por mera curiosidade ou impulsionados por secreto desejo de contestação, mas que se surpreendiam com o quilate dos controladores das pesquisas, clínicos uns, especialistas outros, todos médicos conceituados.

Sem embargo, é preciso assinalar a diferença entre “Espiritopatias de laboratório”, nas quais as observações são feitas em médiuns sadios e controlados por vários Protetores durante a atuação dos Espíritos sofredores ou obsessores, propositadamente ligados ao perispírito do paciente para a manifestação da sintomatologia clínica; e as “Espiritopatias de consultório ou de ambulatório”, nas quais os pacientes, em regra médiuns infensos à prática da mediunidade, já chegam à presença do médico com o sistema nervoso fortemente impregnado de fluidos morbígenos oriundos dos Espíritos causadores da Espiritopatia.

Aliás, exceção feita para os casos efêmeros, resultantes de momentânea sintonização de baixos sentimentos entre o médium invigilante e Espíritos “caçadores de fluidos vitais”, casos nos quais a sintomatologia clínica pode cessar somente com a contrita oração do “Espiritopata” suplicando a proteção de seu Mentor, Protetor que controla seu destino, e, logo após, rogando a intervenção do Mentor do Espírito causador dos sofrimentos no sentido de concitá-lo a afastar-se e deixá-lo em paz; exceção feita para os casos efêmeros, repito, todas as outras modalidades de Espiritopatias são originadas pelos maus sentimentos ou pela irascibilidade do médium, com atração de Espíritos vingativos, que, gradativamente, vão impregnando de fluidos morbígenos a orla externa e protetora do corpo espiritual — o perispírito — que está em contato imediato com todo o sistema nervoso e, por isso, acaba afetando, também, o corpo físico do “Espiritopata”, causando-lhe numerosos distúrbios funcionais e estruturais, de modo que todas as Espiritopatias tendem a ser agravadas por doenças orgânicas.

Como se conclui, nas Espiritopatias, curada a enfermidade de etiologia espiritual, é imprescindível complementar a cura definitiva com o tratamento da doença orgânica que permaneceu como seqüela — verdade que pude observar, muitas vezes, durante os cinquenta anos que cliniquei.

Dotado de todas as formas de mediunidade e, por conseqüência, em permanente comunicação com toda uma hierarquia de Espíritos altamente esclarecidos, Jesus conhecia profundamente todos os segredos das Espiritopatias, razão por que pôde realizar grande número de curas “milagrosas”.

Na verdade, no que concerne aos “mistérios do reino de Deus” os conhecimentos de Jesus eram superiores aos ensinados secretamente na comunidade do Qumrân, porque, sobre abrangerem a doutrina essênica, superior à mosaica, o iluminado nazareno, mercê de sua clariaudiência, recebeu, durante anos consecutivos, na solidão de sua cela de anacoreta, como revelação individual, novos e valiosos ensinamentos, que ultrapassaram em larga escala a craveira dos conhecimentos secretos dos ascetas essênios.

Instruído por seu Mentor de que não encarnara para viver em reclusão, isolado do mundo, de vez que era portador de nova revelação divina, mais ampla e mais perfeita do que a que fora dada aos ascetas do Qumrân e destinada a quantos estivessem à altura de entendê-la, Jesus, cômico de sua missão, suplicou ao Mestre da comunidade — o Senhor de Justiça — que o libertasse dos vínculos da iniciação.

Concedido o desligamento da comunidade do Qumrân, na qual fora internado, como educando, aos oito anos de idade, e da qual saíra, apesar de iniciado, por obediência ao seu Mentor, “supervisor” de seu destino, aos vinte e nove anos de idade, livre dos vínculos da iniciação, Jesus partiu diretamente para Nazaré, sua cidade natal, na qual inaugurou o seu ministério

como Instrutor da humanidade. Mas, entre seus conterrâneos não obteve o êxito esperado. Seus próprios parentes, inclusive sua mãe, não lhe atribuíram o merecido valor (Mc. III, 21-22). Decepcionado, Jesus desabafou-se: “Um profeta só não recebe honrarias em sua terra, entre seus parentes, e na sua própria casa.” (Mc. VI, 4). Por isso, o Mestre pouco se demorou; foi pregar e curar noutras cidades da Galiléia.

Todavia, com a liberdade de palavra cerceada pelo solene juramento feito de acordo com o *Livro dos Mistérios* e com a Regra da comunidade, no qual se comprometeu a jamais revelar os segredos da iniciação e os ensinamentos do essenismo e, além disso, coarctado pela intolerância farisaica, Jesus viu-se coagido a pregar freqüentemente com circunlóquios e parábolas, de molde que somente os discípulos mais ligados a ele e, quiçá, alguns ouvintes espiritualmente mais evoluídos poderiam entendê-lo (Mc. IV, 10-12).

É óbvio que, em suas prédicas, Jesus sempre manteve grande circunspeção e falou com precaução, porquanto não só o essenismo como a doutrina que, durante anos, “ouviu” de seu Mentor, colidiam frontalmente com o mosaísmo e, conseqüentemente, feriam os interesses materiais do Sinédrio, que, na época, era constituído por poderoso grupo de sacerdotes mancomunados no comércio ilícito dos animais de holocausto, oferecidos para o cruento ritual destinado a “limpar” solertes ofertantes!

Na realidade, sacrificavam-se poucos animais e, ocultamente, vendiam-se muitos. De modo que a renda era vultosa e cobiçada. Por isso, quem se opusesse ao comércio estabelecido no próprio templo era ameaçado e, se insistisse nas invectivas, morria “lapidado”!

Aliás, Jesus não era bem visto pelos sacerdotes mosaístas, dentre outros motivos porque nunca aconselhou a quem quer fosse a oferta de holocausto em retribuição das curas que realizava.

Contudo, a animosidade contra o Mestre recrudesceu muito, conforme me ensinaram os Espíritos missionários que me revelaram o Neo-espiritismo, quando, convidado pelo Sumo Sacerdote para permanecer entre sacerdotes, com todas as regalias, desde que passasse a cobrar as curas efetuadas exclusivamente no templo, ficando toda a arrecadação para o Sinédrio, o prodigioso médium nazareno repudiou altivamente a aviltante proposta. Desde então Jesus ficou marcado e seus passos vigiados discretamente, por espíões do Sinédrio. E força é reconhecer que, para os “negocistas” do templo, Jesus foi uma pedra no caminho: coibiu-lhes a ganância, recusando-se a servir de instrumento à exploração do trabalho dos Espíritos. Mas Jesus, caráter sem jaça, jamais temeu as conseqüências de suas arrojadas deliberações.

Com efeito, não fora sua força moral, aliada à excepcional proteção espiritual que constantemente o cercava, Jesus não se teria desvencilhado impunemente dos laços sacramentais que o prendiam à comunidade essênica. De fato, os iniciados que, antes dele, a tanto se arrojavam sem prévio

consentimento do Senhor de Justiça, arcaram com as funestas conseqüências da retirada do perispírito da totalidade dos “fluidos da iniciação”, sagrado patrimônio da comunidade. Resultado: a maioria ficou mentalmente desequilibrada, com amnésia; outros, privados do regime alimentar adequado ao iniciado e, dada a sensibilidade do organismo, não tiveram tolerância pelos alimentos comuns e morreram de fome!

Exemplo típico da primeira hipótese encontramos-lo em João Batista, que, por ter rompido, por conta própria, os vínculos da iniciação essênica para deambular livremente, deblaterar iminentes calamidades e proclamar a próxima vinda do Messias que salvaria Israel, acabou no deserto, desgredado e seminu, coberto, apenas, por curta pele de camelo e transformado em exótico acridófago e melífago!

Sem embargo, no que tange a Jesus, tudo deveria ser, como foi, muito diferente. O iluminado médium galileu já encarnou com seu delicado corpo espiritual protegidíssimo por luminoso perispírito dotado de forte magnetismo propício para atrair os médiuns e aliviar os aflitos e, o que é mais notável, munido de diferentes radiações curativas, que lhe deram oportunidade de restabelecer muitos enfermos crônicos e, até, de corrigir instantaneamente os defeitos físicos de muitos aleijados!

Em verdade, os ensinamentos e a férrea disciplina dos iniciados essênicos deveriam ser, como foram, apenas o meio, pois o fim era outro, muito mais glorioso — a reformulação dos conceitos concernentes ao Criador do Universo e a revelação de novas facetas da sábia e onipotente justiça divina, para corrigir moralmente a humanidade e incrementar a confraternização mundial!

Mas, desgraçadamente para os habitantes da Terra, não só encarnados como desencarnados, os ignaros e cruéis inimigos de Jesus não lhe deram tempo para escrever sua luminosa doutrina, a qual ficou apenas esboçada em documentos esparsos rascunhados por terceiros, que a conheciam de ouvida, porque, com pouco mais de um ano de ministério, mataram-no da maneira mais execrável que se poderia conceber!

Ressalvando, desde já, que as eternas verdades divinas são reveladas, gradativamente, à medida que os Espíritos encarnados e os Espíritos desencarnados evoluem intelectual e moralmente a ponto de poderem valorizá-las, comparemos a revelação trazida pelo boníssimo profeta nazareno com a revelação anterior, a mosaísta.

Enquanto o Deus de Moisés é o antropomorfo “Senhor dos exércitos”, truculento e atrabiliário, além de faccioso e vingativo, o Deus de Jesus é o Pai de infinita sabedoria, cuja justiça se inspira no amor por todas as suas criaturas; e que se rejubila quando o filho pródigo e ingrato, arruinado e remorseado, retorna arrependido ao lar paterno (Lc. XV, 11 e ss.).

De resto, o Deus de Moisés, embora mande amar os amigos, clama vingança e manda cobrar “olho por olho e dente por dente” as represálias

dos inimigos (Lv. XXIV, 20); ao passo que o Deus de Jesus contradiz: “Se amais os que vos amam, qual é o vosso mérito?” (Lc. VI, 32).

Em contraste, o Deus de Jesus, sem restringir-se à interpelação, impõem-nos a obrigação da veneração ao Criador e da fraternidade entre os Espíritos: “Amarás o Senhor teu Deus de toda tua alma e de todo teu entendimento e Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mt. XXII, 37 e 39). E mais — como norma de comportamento, o Deus de Jesus deu a seguinte regra: “Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles.” (Lc. VI, 31).

Em suma: ao Deus de Moisés, teme-se; ao Deus de Jesus, adora-se.

Como se vê, é enorme a distância entre a revelação de Moisés e a revelação de Jesus de Nazaré.

Aliás, Jesus tinha plena consciência de que não lhe cabia o direito de guardar para si os conhecimentos adquiridos não só com os ascetas essênios como, sobretudo, os inestimáveis ensinamentos que, em revelação pessoal, recebeu de seu Mentor e de vários Mestres, para serem propalados em benefício da humanidade. Daí a necessidade de libertar-se do isolamento dos eremitas essênios, exclusivamente preocupados em assegurar, para si próprios, um lugar no “reino de justiça” que o hipotético Messias-Rei de Israel deveria implantar no fim do milênio, depois de esmagar o inimigo e de inaugurar a sonhada teocracia do “povo de Deus”, racismo, aliás, absolutamente incompatível com a justiça do Criador.

Contra a invencionice de haver um único povo eleito de Deus, prevalece a verdade do carma coletivo das Nações. De fato, assim como cada indivíduo, de conformidade com seus méritos ou deméritos, caminha para a felicidade ou para o sofrimento, cada País, de acordo com o nível espiritual de seus habitantes, poderá ser contemplado com dilatados períodos de paz social e de prosperidade ou acerbamente castigado com tormentosas fases de desolação, de estagnação do progresso e, o que é pior, de deterioração moral!

De toda forma, indivíduos e coletividades evoluem sob a égide de indefectível lei de causalidade moral. Assim como os erros pessoais acarretam conseqüências imediatas ou mediatas, que podem coincidir com a encarnação durante a qual as faltas foram cometidas, mas que, em regra, incidem sobre o período da desencarnação e, com maior probabilidade, refletem-se nas provações planejadas pelos Senhores do Carma para a próxima reencarnação, também os freqüentes crimes coletivos redundam, com maior ou menor interregno, em drásticas provações nacionais, que afetam as futuras gerações.

Ora, Jesus, como iniciado nos “mistérios do reino de Deus” sabia perfeitamente que o sonho messiânico dos judeus, como “povo de Deus”, era pura utopia porquanto Deus, infinitamente justo, não poderia distinguir os

habitantes da Terra senão por seus méritos e deméritos, deméritos e méritos que escapam à nossa análise, de vez que se ligam a um passado remoto, do qual, enquanto encarnados, não temos a mínima memória. Mas, apesar disso, deveremos pagar as dívidas morais outrora contraídas até o último centavo! (Mt. V, 26).

Para evitar futuros sofrimentos, Jesus deu ênfase ao dever de cada qual lutar pela conquista de seu aperfeiçoamento moral, mediante o aprimoramento de seus sentimentos; pois, sujeitos como estamos a uma lei de causalidade moral, cada um de nós se torna o arquiteto de seu destino e o construtor de sua própria felicidade!

Na verdade, o sentimento é a “tomada” de ligação entre os Espíritos, quer estejam encarnados, quer estejam desencarnados. Bons sentimentos estabelecem ligação, por simpatia, com Espíritos bons; maus sentimentos vinculam, por similaridade, com Espíritos maus. E isso acontece quando ambos os Espíritos estão encarnados ou quando um Espírito está encarnado e o outro desencarnado. Por isso, em suas prédicas, o Mestre nazareno nunca deixou de proclamar que urgia a confraternização dos homens de bons sentimentos, não só para exemplificação dos de maus sentimentos, como para tornar melhor a vida em nosso planeta, fato que até hoje não ocorreu porque as criaturas não se amam sincera e desinteressadamente e, por todo o bem que fazem ao próximo, julgam-se credores de vantajosa retribuição.

De modo que o amor que prevalece neste mundo não é o autêntico amor fraterno — é amor egoísta, quase sempre exclusivamente sexual.

Emparelhado com o egoísmo, prolifera, a miúdo, outro sentimento detestável — a hipocrisia. E não foi por outra razão que, arrostando a empáfia dos fariseus, Jesus comparou-os a túmulos caiados, brancos por fora e imundos por dentro, pois, embora aparentassem, hipocritamente, austeridade e bondade, no íntimo cultivavam egoísmo, usura e desmedida ambição — sentimentos abomináveis (Mt. XXIII, 27-28).

Além disso, aos que não reconhecem seus próprios defeitos, e, não obstante, são implacáveis com as faltas alheias, o Mestre repreendeu-os e ordenou-lhes que, antes de atentarem no argueiro que está no olho do vizinho, retirassem a talisca retida em seus próprios olhos (Mt. VII, 3). Vale dizer: intransigência na correção dos próprios defeitos; tolerância com as faltas alheias.

Por outro lado, confirmando a têmpera de seu caráter sem jaça, Jesus malsinou a tibieza dos que abroquelam com falsos juramentos as mentirosas assertivas que fazem; e exigiu que as afirmações feitas por seus discípulos reunissem a força da convicção à veemência da sinceridade. E cá está a prova: “Eu, porém, vos digo: de modo algum jureis... Seja a vossa palavra: sim, sim; não, não.” (Mt. V, 34 e 37).

Conhecedor da responsabilidade moral dos atos praticados durante a encarnação terrena, pelas conseqüências que acarretam depois da desencarnação e, até, nas próximas reencarnações, Jesus constantemente alertava os discípulos contra as tentações intuídas por inimigos desencarnados, recomendando-lhes vigilância e oração — vigilância para autocrítica dos sentimentos, dos pensamentos, das palavras e das ações; e oração para suplicar aos Espíritos superiores, sobretudo ao Mentor, autodeterminação para vencer as fraquezas morais e para conquistar outras virtudes.

Com uma simples advertência — vigiai e orai — o iluminado Mestre nazareno abriu caminho para rápida evolução e maior felicidade dos Espíritos encarnados na Terra. Mas, para que se compreenda o motivo da afirmação, é imprescindível que se saiba que todos os atos praticados durante a encarnação perduram indelevelmente marcados em dois “campos de força” do Espírito eterno: a mente positiva, que arquiva todos os bons sentimentos emitidos, simultaneamente com os pensamentos construtivos e com as palavras sinceras proferidas durante a vida terrena; e a mente negativa, na qual se registram os maus sentimentos, imantados aos maus pensamentos, às más palavras e às más ações praticadas durante toda a encarnação. De sorte que, ao desencarnar, todo Espírito leva, em sua dupla mente, o arquivo integral de seus sentimentos, de seus pensamentos, de suas palavras e de seus atos, verificados durante o período da encarnação, e responde por eles em harmonia com a lei de causalidade moral. E, se porventura não pôde ressarcir, como Espírito desencarnado, todas as suas dívidas, completará o pagamento, até o derradeiro centavo, nas futuras reencarnações!

A mente positiva, que poderá fortalecer-se pelo constante esforço no sentido do aperfeiçoamento moral, é o ponto de apoio para a proteção do Mentor e de todo Espírito protetor, que, com prévia aquiescência do Mentor, deseje orientar ou socorrer o Espírito encarnado ou, mesmo, desencarnado; a mente negativa, ao contrário, embora possa, e deva, ser enfraquecida pela luta íntima em favor do auto-aperfeiçoamento moral, é o campo energético sobre o qual atuam os Espíritos adversários, vingativos ou causadores de Espiritopatias, além dos Espíritos “caçadores de fluidos vitais”, que se apegam ao Espírito encarnado, médium ou não, com exclusivo intuito de robustecerem seu perispírito a ponto de readquirirem sensações carnis, dentre outras as do cigarro, das bebidas alcoólicas, dos psicotrópicos, dos acepipes e, até, as do prazer sexual!

Na realidade, os Espíritos das mencionadas categorias são mais necessitados de compaixão que de repulsa, porque a tolerância em relação aos erros dos que estão em escalões inferiores ao nosso é prova de fraternidade e teste de evolução espiritual.

Aliás, o exemplo vem de Jesus. Certa vez, pregando aos discípulos, o Mestre criticava arraigados preconceitos hipocritamente conservados pela

tradição judaica. E como os fariseus ortodoxos se mostrassem indignados e ameaçadores por causa da lição, Jesus, demonstrando serena tolerância, advertiu os discípulos, já dispostos a reagirem, com esta admoestação: “Deixai-os; são cegos, guias de cegos...” (Mt. XV, 14).

Com efeito, a arrogância dos fariseus não era arroubo em defesa de suas idéias — era prosápia da ignorância petulante dos que não sabem que não sabem!

Seria o caso de lembrar-lhes velho adágio: “A palavra é de prata, mas o silêncio é de ouro!” E não há negar que, em muitas conjunturas da vida, confirma-se o vetusto apotegma.

Não obstante, a palavra é de incalculável valor, porquanto, sobre expressar o pensamento, ela transmite, perceptível ou imperceptivelmente, os sentimentos dignificantes ou degradantes, uns emitidos pela mente positiva e outros pela mente negativa.

De toda forma, os sentimentos originam-se do âmago do Espírito e, em tempo algum, da alma mutilada da antropologia católica, a qual somente unida ao corpo físico se completa e dá ao homem “ressuscitado” a sua verdadeira personalidade!

Sem embargo, o verdadeiro homem é o Espírito, que perdura eternamente, embora esteja despojado de efêmero corpo carnal, que não é, apenas, roupa provisória, porque representa precioso aparelho de alta precisão, indispensável às atividades da vida terrena e, conseqüentemente, imprescindível à evolução do Espírito encarnado, conforme assevera a ontologia neo-espírita.

Por incrível que pareça, é incalculável o número dos espertalhões que tentam justificar suas prevaricações com a alegação de que “a carne é fraca”. Mas a verdade é que, por pior que seja a doença, a carne nunca é moralmente fraca. É o Espírito, dominado por vis paixões, que utiliza a carne para satisfazer sensações que somente por intermédio dela, poderá gozar. Portanto, o fraco é o Espírito e não a carne, que não tem arbítrio, porque é matéria.

Em síntese — encarnado ou desencarnado, o Espírito, como existente, é o homem autêntico, que sobrevive, destituído do adminículo do corpo físico, com a mesmíssima personalidade que o caracterizou durante a encarnação. De fato, fulminado pela morte o corpo físico, sobrevive o Espírito eterno com plenitude de suas faculdades intelectuais e morais e, por conseqüência, com todas as características de sua personalidade na derradeira encarnação.

De resto, pelo fato de conservar o corpo espiritual resultante da modelagem à anatomia do corpo físico, o Espírito desencarnado é o *fac-símile* do corpo material que possuiu na derradeira encarnação, com preservação de dupla mente, a positiva e a negativa, ambas reunidas como páginas de um livro fechado, situado à altura do lobo frontal do cérebro.

Nessas mentes, que, com a evolução do Espírito, tendem a tornar-se uma só — a positiva — ficam arquivadas todas as vibrações correspondentes a cada ação realizada ou imaginada, a cada palavra proferida ou não, a cada pensamento e a cada sentimento emitidos durante a encarnação. De modo que todo Espírito, sem exceção, ao desencarnar, leva para o plano espiritual, que mereceu, o arquivo integral de sua vida terrena; arquivo que o exaltará com indescritível felicidade ou que o malsinará com compungitivo remorso!

Jesus ensina, exemplifica e cura

Os verdadeiros Instrutores da humanidade são Espíritos de escol, acrisolados na multivivência de incontáveis encarnações e, também, nas lides e nos sofrimentos da vida espiritual, nos interregnos das encarnações. Sem exceção, possuem indubitáveis faculdades mediúnicas, que os colocam em constante contato com diferentes Espíritos desencarnados.

Como ocorre com todos os Espíritos, os Mestres da humanidade são criaturas que, em sua multimilenar evolução, partiram da estaca zero — inocentes e ignorantes — e, mercê de ingentes esforços, conquistaram, em penosa escalada, elevadíssimo nível de perfeição evidente em sua profunda sabedoria e, sobretudo, na pureza de seus sentimentos.

De natureza idêntica à nossa e dotados das mesmíssimas potencialidades intrínsecas imprescindíveis à conquista da perfeição inerente ao nosso planeta, esses admiráveis Espíritos iluminaram-se em árdua luta em prol de seu aperfeiçoamento moral e cultural, máxime moral.

Possuidores de excepcionais predicados, transformaram-se em autênticos Mestres, de vez que, com a palavra e com o exemplo, mais com o exemplo do que com a palavra, induzem-nos a imitá-los e a segui-los no imenso roteiro do auto-aperfeiçoamento integral, embora, para igualá-los, tenhamos de pelejar e de sofrer durante muitos séculos ou, mesmo, de muitos milênios, até conseguirmos expungir de nosso Espírito eterno toda mácula de imperfeição. Mas, de toda maneira, os iluminados Instrutores da humanidade, inclusive o maior de todos — Jesus de Nazaré — foram criados exatamente idênticos a nós e, a despeito da distância de aperfeiçoamento que hoje nos separa, pertencem à nossa família: são nossos irmãos; não são deuses por nós inimitáveis! O próprio Jesus, sensacional médium galileu, posto que haja sido o Espírito mais perfeito, que, até ao presente, encarnou na Terra, jamais poderia ser divino e, por conseqüência, de natureza antagônica à nossa, sem que, com a aberração, ficasse conspurcada a indefectível justiça do Criador do Universo e inutilizada a finalidade de sua encarnação!

De resto, se o prodigioso profeta nazareno, por incompreensível facciosismo do Todo-Poderoso, houvesse sido criado divino, de modo nenhum nos poderia servir de modelo, Espíritos ainda tão imperfeitos que só evoluímos tangidos pela dor! De sorte que, por maior que seja nossa perfectibilidade, em tempo algum alcançaremos suficiente perfeição para imitá-lo e, muito menos, para igualá-lo.

Como se infere, a divinização do profeta galileu, nascido em Nazaré, ao invés de robustecer sua posição como autêntico Instrutor da humanidade e, por conseguinte, como emissário dos Espíritos de elevadíssima hierarquia, que, em nome de Deus, governam nosso planeta, torná-lo-ia infinitamente perfeito e, por conseqüência, absolutamente inimitável pelos Espíritos terrenos, encarnados ou não.

Donde se colhe que, se o Mestre nazareno, em vez de ter sido, como foi, um homem quase perfeito, fosse verdadeiramente Deus, pouco ou quase nada teria incentivado o aprimoramento dos Espíritos, encarnados ou desencarnados. Portanto, Jesus teria sido um deus frustrado!

Mas o pior foi que, além da deturpação do verdadeiro papel histórico do grande Mestre e da execrável exploração, que, há quase dois mil anos, ladinos sacerdotes fazem em torno de sua pseudodivindade, Jesus permaneceu postergado como o supremo Instrutor da humanidade e, hodiernamente, está ameaçado de ser metamorfoseado, por padres filocomunistas disfarçados em incentivadores do amor fraterno, em invisível “agitador social”!

Sem embargo, com o decorrer dos séculos, todos os que lhe seguirem as pegadas poderão alcançar a perfeição já conquistada por ele em sua derradeira encarnação; e, se pros seguirem com irremovível autodeterminação, alcançarão, sem dúvida, a mesma perfeição que, no presente, é apanágio do abnegado Mestre galileu. Ainda mais: com o transcurso dos milênios, todos os adeptos de sua admirável doutrina poderão conquistar a mesma perfeição que Jesus, com sua incessante evolução, atingirá no futuro remoto! Todavia, nunca haverá paridade entre o Mestre e os discípulos, porque Jesus continuará a evoluir eternamente e sempre à frente dos que lhe disputam as pegadas. Mas, como Deus cria eternamente, é óbvio que há Espíritos mais antigos e mais evoluídos que Jesus, transferidos de planeta!

Como se depreende, perante a justiça divina, todos os Espíritos encarnados ou desencarnados são potencialmente idênticos, mas, no curso de interminável aperfeiçoamento, todos se diferenciam porque cada um colhe o fruto da árvore que plantou. Mais explicitamente: no decurso da evolução, cada qual recebe de acordo com seus sentimentos, com seus pensamentos e com suas ações.

Donde se conclui que o problema é cultivar todas as virtudes morais, máxime praticar incessantemente a fraternidade, perdendo os inimigos, sendo complacente com os adversários, condescendente com os presunçosos, altruísta com os desvalidos, caridoso com os indigentes e indulgente com os defeitos morais dos Espíritos encarnados ou desencarnados, todos carecentes de orações em seu favor, conforme enfatizou Jesus (Mt. V, 43-47). Além disso, para acelerar a evolução, é de grande valia que só se emitam pensamentos positivos e generosos e que se cultivem, com pureza de consciência, sentimentos nobilitantes e estritamente fraternais. Aliás, viver dessa maneira é proceder em harmonia com a lei de causalidade moral que rege o destino de todos os Espíritos, estejam eles encarnados ou desencarnados. De fato, em face da referida lei, a cada ação — boa ou má — corresponde uma reação equivalente, de modo que, no final de contas, cada Espírito, esteja ele encarnado ou desencarnado, é o arquiteto de seu próprio destino e, portanto, o único construtor de sua verdadeira felicidade!

Donde se deduz que ninguém salva ninguém e que cada qual se salva ou se condena consoante seus sentimentos e seu comportamento, seja nos planos de vida espiritual, seja nos planos de vida encarnada. De resto, com a prevalência da lei de causalidade moral, por muitos denominada lei do carma, é óbvio que a missão dos Instrutores da humanidade se restringe a explanar os postulados doutrinários que induzem à perfeição espiritual e a exemplificar como pô-los em prática.

Entretanto, com o advento do Neo-espiritismo, nova revelação que complementa e enriquece a do Espiritismo e que me vem sendo feita, em caráter pessoal, desde 1935, por uma plêiade de Espíritos missionários, os quais se valeram, a princípio, da mediunidade de minha primeira esposa e, posteriormente à sua desencarnação, até ao presente, servem-se da mediunidade de minha segunda esposa, chegou o momento de o Mestre dos Mestres, Jesus de Nazaré, assumir a liderança religiosa dos Espíritos terráqueos.

Com as alvíssaras desse evento, incrementar-se-á a confraternização geral entre os Espíritos, porquanto, assimilados os postulados do Neo-espiritismo, todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados, sentir-se-ão verdadeiramente irmãos e companheiros de viagem no infindável itinerário da vida eterna.

Aliás, somente assim, com sincero amor fraterno, poder-se-á amainar a multimilenar rivalidade entre os habitantes da Terra e aplacar, definitivamente, o ódio causado pelo antagonismo de opiniões e de objetivos almejados, quer por Espíritos encarnados, quer por Espíritos desencarnados. O mais grave, porém, é que baixos sentimentos provocam inelutavelmente sintonização com Espíritos afins, geralmente invejosos, vingativos e sempre à espreita duma oportunidade para causarem sofrimentos individuais, se não provocarem horripilantes hecatombes, com a chacina de milhões de habitantes de nosso planeta, todos espostejados em crudelíssimas guerras fratricidas — guerras cuja potência destruidora será de tal monta que poderão arrasar a Terra!

Mas o pior é que, se no futuro a horrenda ameaça tornar-se catastrófica realidade, desaparecerá de nossa galáxia o único planeta que é habitado por Espíritos encarnados, favorecidos com múltiplas reencarnações indispensáveis ao resgate de dívidas morais e à conquista de maior número de virtudes. Como é justo, essas reencarnações são controladas por sábia lei de causalidade moral, em face da qual todos os méritos e todos os deméritos de cada Espírito são computados pelos Veneráveis Senhores do Carma para a planificação do destino de cada um.

No que concerne aos demais planetas e aos inumeráveis astros de nossa galáxia, a opinião dos Mestres, que, em nome de Jesus, me revelaram o Neo-espiritismo, é de que todos são habitados por Espíritos desprovidos de corpo físico, uns porque ainda não mereceram encarnar na Terra, outros, porque, em consequência da perfeição conquistada nas provações da vida

terrena, já dispensam o corpo carnal e, por isso, absorveram no Espírito eterno o corpo espiritual e permanecerão para sempre com forma de luminosíssimo globo, à guisa de minúsculo sol!

Portanto, força é concluir que a Terra, ao invés de ser tormentoso “vale de lágrimas”, é maravilhoso oásis, que dá valiosas oportunidades de evolução não só aos iluminados Espíritos missionários, como oferece guarida a fabuloso número de Espíritos em incipiente evolução, indiferentes ao próprio aperfeiçoamento moral e intelectual. Na verdade, são Espíritos que se contentam com a vida errática e aventureira de “caçadores de fluidos”, máxime de fluidos humanos porque lhes garantem a revivescência das sensações carnis, sempre que controlam, por intermédio do perispírito, o sistema nervoso de suas vítimas. Além disso, fortalecidos com o fluido vital captado nas fontes da natureza e, de preferência, no perispírito humano, podem satisfazer seu sadismo, vingando-se, por todos os meios e modos, das arbitrariedades e maldades que sofreram em anteriores encarnações, por causa da prepotência de irmãos perversos.

Entretanto, dia chegará em que eles próprios compreenderão que a vingança não compensa e que o perdão é o primeiro passo para a libertação de suas próprias imperfeições e, conseqüentemente, de todo sofrimento!

Sem embargo, à medida que o Neo-espiritismo expandir-se em nosso orbe, a complementação e o esclarecimento dos ensinamentos do Mestre Jesus apressarão, sem dúvida, o progresso e a felicidade dos Espíritos terrícolas, não só encarnados como desencarnados.

Com efeito, a nova filosofia religiosa, sobre exaltar a justiça do Criador, deslinda os paradoxos do destino humano, desvenda os mistérios do entrosamento entre os Espíritos encarnados e os Espíritos desencarnados, de molde a elidir a rivalidade e o egoísmo e estreitar os vínculos de fraternidade entre todos os Espíritos terráqueos.

Todavia, a vitória definitiva do Neo-espiritismo como filosofia religiosa de cunho científico, vinculada à Ciência em geral e, particularmente, à Medicina pelo estudo das Espiritopatias somáticas; ou psíquicas, moléstias causadas exclusivamente pela radiação patogênica retida no perispírito de Espíritos sofredores ou pelo desequilíbrio mental provocado por sugestão subliminar de Espíritos vingativos, ainda tardará alguns anos. Porque terá de aguardar engenhosas pesquisas científicas para a descoberta de sensibilíssimos aparelhos eletrônicos, os quais, semelhantemente aos aparelhos de TV, reproduzirão a imagem do corpo espiritual, *fac-símile* do corpo físico, que, durante a última encarnação, possuíra o Espírito cuja imagem deverá ser projetada!

Além desse prodígio, outros aparelhos aperfeiçoadíssimos detectarão as vibrações do pensamento do Espírito desencarnado e transformá-las-ão em voz, fato assombroso que garantirá o diálogo entre Espíritos desencarnados e Espíritos encarnados, para glória do espiritualismo — fonte de todas as religiões!

De fato, colocada diante de provas tão convincentes, a Ciência ver-se-á obrigada a aceitar a existência e a proclamar a sobrevivência do Espírito humano, com a mesma personalidade que o identificou na derradeira encarnação. Destarte, não poderá negar a constante comunicação entre Espíritos desencarnados e Espíritos encarnados, consoante sempre afirmaram os médiuns videntes, “iniciados” ou não.

Na verdade, para milhões de criaturas, esta crença é válida desde os primórdios de nossa civilização e, para mim, a prova está feita, desde o meado do século passado, com participação dos mais renomados sábios da Europa e da América. Nada obstante, não vou discuti-la aqui. Neste artigo, minha pretensão é mais modesta. Desejo, apenas, dar despreziosa contribuição de minha longa experiência no trato com os Espíritos e de minha arraigada convicção nos verdadeiros ensinamentos de Jesus aos irmãos que, à míngua de religião, se sentem perplexos num mundo conturbado por ininterruptas “guerras frias”, intercaladas com “guerrilhas” e com “guerras quentes”, além de aviltantes seqüestros e de cruéis assaltos, tudo maquiavelicamente maquinado com a frieza cínica de sicários sanguiscentos!

Mas, apesar de tudo, ainda alimento alentadora esperança de que, ao menos, alguns milhares de habitantes deste mundo atualmente desesperado e moralmente depravado encontrem, no Neo-espiritismo, que é o cristianismo atualizado e, portanto, mais evoluído e mais esclarecido, o roteiro para seu soerguimento espiritual, além de consolo para seus sofrimentos e solução para seus problemas morais, sempre piores do que os problemas materiais. E foi com o intuito de consolar e estimular irmãos abatidos pelas adversidades da vida que, durante mais de um decênio, focalizei em palestras radiofônicas semanais, os postulados da doutrina que me foi revelada. Por outro lado, desde a década de 40, sempre que tive oportunidade, escrevi, graciosamente, em jornais de Niterói e do Rio, elucidando temas religiosos.

Entretanto, entre todas as colaborações, destaco as que dei a *O Jornal*, no período compreendido entre 30 de junho de 1968 e 6 de fevereiro de 1972, às quais se inclui, ampliado e creio que melhorado, o presente artigo, no qual me esforcei para focalizar o verdadeiro Jesus de Nazaré, médium sem igual que, além de ser nosso amado irmão e nosso venerado Mestre, é, sem dúvida, o maior líder religioso que, até hoje, encarnou na Terra. Aliás, minhas ilações estão, todas, decalcadas em conhecimentos adquiridos, durante muitos anos, no contato com numerosos Espíritos instrutores, em diferentes graus hierárquicos. Deles recebi, como revelação individual, os postulados de nova doutrina dos Espíritos expungida de sincretismos religiosos.

Em verdade, como é justo e racional, as verdades religiosas, à maneira das verdades científicas, são reveladas gradualmente, à medida que a humanidade progride moral e intelectualmente. De modo que, para os Espíritos terre-

nos, não há verdades estáticas — todas são dinâmicas e tendem a ampliar-se cada vez mais, porque acompanham, *pari passu*, a evolução da humanidade.

Partindo dessas premissas, não aceito a *Bíblia* como livro sagrado, eivada, como está, de erros grosseiros e de flagrantes antinomias, que se ocultam com os antolhos do fanatismo. Repudio, sobretudo, o *Velho Testamento*, quase todo recheado com disparates e com absurdos conceitos, que atentam contra a sabedoria e a justiça do Criador! Contudo, admito, com restrições, o *Novo Testamento*, no qual sucessivas interpolações desfiguraram não só a personalidade de Jesus como deturpam os verdadeiros ensinamentos do Mestre e ressaltaram fábulas engendradas por solertes teólogos para proveito material do catolicismo! De toda maneira, a aceitação dos ensinamentos atribuídos a Jesus e a realização de pretensos “milagres” ficam subordinados ao crivo da razão e à experiência por mim adquirida no campo da vasta fenomenologia mediúnica, a princípio no Espiritismo no qual pontifiquei durante quase duas décadas e, em seguida, no Neo-espiritismo, que me foi gradativamente revelado a partir de 1935 e, desde então, por mim propalado pela palavra escrita e falada como reformulação e ampliação da doutrina espírita. E não há motivo para perplexidade, de vez que, em sua obra, o Mestre Allan Kardec deixou claro que o Espiritismo, embora filosofia religiosa, não é dogmático; é evolutivo e deverá progredir com a Ciência para não estacionar e deteriorar-se. Logo, sua tendência é crescer com novos conhecimentos e eliminação de hipóteses superadas.

Por isso, com a fundação da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas (SEPE), em 12 de junho de 1949, imprimi caráter científico às sessões experimentais da fenomenologia mediúnica, máxime às Espiritopatias, doenças provocadas por atuação espiritual, e illustrei as palestras doutrinárias com ensinamentos da Nova Revelação que me foi dada por Mensageiros de Jesus, o Neo-espiritismo. Todavia, sempre hostilizado pelos espíritas, em geral, que, por desconhecerem a origem, repudiaram as novidades dos meus ensinamentos, com pesar, deliberei desvincular-me do Espiritismo, doutrina à qual servi com entranhado amor alimentando ardente aspiração de retificar, com a correção de diversos equívocos dos Espíritos católicos que inspiraram o Mestre Allan Kardec na escrita de suas obras, principalmente em *O Livro dos Espíritos*. De resto, a todos os volumes da obra kardequiana desejava dar a contribuição de muitas Verdades, que me foram reveladas, em caráter pessoal, e que, modéstia à parte, atualizariam e valorizariam o Espiritismo. Contudo, para evitar melindres e cumprir minha missão resolvi, aconselhado por meus Mestres, limitar minha ininterrupta luta de quatro décadas ao vasto campo do Neo-espiritismo, finalmente fundado em 8 de abril de 1972.

Aliás, com raras exceções, a fenomenologia mediúnica, em todos os tempos e em todas as seitas, foi sempre a mesma. A diferença entre elas está no contexto da doutrina de cada uma. Sem embargo, com o sensacional médium galileu tudo foi diferente, porque, além de contar com poderosa proteção, que lhe permitia amparar Espíritos sofredores e repelir Espíritos obsessores Jesus de Nazaré era dotado de prodigiosa radiação de fluidos curativos, com capacidade para regenerar, instantaneamente, lesões orgânicas crônicas e, até, defeitos corporais.

Além disso, como iniciado essênio, Jesus de Nazaré, por seus méritos excepcionais, tornou-se autêntico Mestre com força moral para movimentar em torno de seus objetivos numerosos Espíritos prontos a servi-lo em quaisquer circunstâncias. Com tanto apoio, Jesus pôde curar, também, numerosas Espiritopatias obsessivas e, até, Espiritopatias possessivas, que constituem as mais recalcitrantes formas de loucura!

Como em Ciência e, por extensão, na Medicina os fatos valem mais do que as palavras e como as doenças orgânicas, sobretudo as crônicas, em regra, são mais rebeldes à terapêutica do que as enfermidades psicossomáticas, vou iniciar as citações das curas assombrosas feitas por Jesus com um exemplo inquestionável: a cura do cego de nascença (Jo. IX, 1-7). O *modus operandi* foi o seguinte: o Mestre cuspiu num punhado de terra e, com a saliva, fez pequena porção de lama; em seguida, aplicou-a nos olhos do cego e ordenou-lhe fosse lavar-se no tanque de Siloé de onde regressou completamente curado! Agora, a explicação: a radiação curativa ou, se preferirem, o fluido vital curativo é emanção do perispírito do médium curador, a qual se expande, por intermédio do sistema nervoso, máxime do córtex cerebral, por todas as células do corpo somático. Na totalidade, essa emanção do perispírito, curativa ou não, forma o corpo espiritual, imagem luminosa do corpo carnal, o qual, ainda quando está momentaneamente apartado do corpo físico mantém ininterrupta ligação com o córtex cerebral para a preservação da vida.

Da difusão do fluido vital por todo o organismo, colhe-se que, não só as secreções como as excreções do médium curador ficam impregnadas de fluidos curativos.

Ora, como é notório, Jesus não dispunha duma “corrente de médiuns” para fortalecer a quota de fluidos indispensáveis à cura do cego. Por isso, o iluminado nazareno viu-se forçado a valer-se exclusivamente de seu próprio fluido curador contido na saliva e reforçá-lo com fluido vital mineral retido na terra, fluido ainda desconhecido pela Ciência, mas, há milênios, percebido pela criptestesia de muitos médiuns, inclusive africanos, motivo por que muitos “santos” veneram diferentes pedras, com fluidos específicos, como a “pedra de Ogum”, a “pedra de Xangô”, etc.

De toda forma, o fato é que, misturando sua saliva com terra, Jesus fez uma lama que, lavada com água saturada de energia electromagnética do tanque de Siloé, curou um cego de nascença!

Contudo, perplexos com a injustiça do Criador, que consentiu nascesse cego um inocente, os discípulos interrogaram ao Mestre: “Neste caso, quem pecou? O cego ou seus pais?” Sem liberdade de palavra, coagido pelo “juramento de túmulo” da iniciação essênica e pela intolerância do mosaísmo, Jesus apelou para a alegoria: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestassem nele as obras de Deus.” (Jo. IX, 2-3).

Como se vê, a justificativa fora terrível. Se as obras de Deus se nos manifestassem com cruéis injustiças praticadas contra inocentes, longe de merecer nossa veneração, o Criador só nos infundiria pavor!

Entretanto, tudo ficaria esclarecido se Jesus houvesse declarado que a justiça de Deus se inspira no amor e é regida por duas sábias leis: a da palingenesia ou da pluralidade de vidas para expansão da confraternização e a do carma ou de causalidade moral, para retificação de todos os erros e maior evolução do Espírito encarnado ou não. Apoiado nessas leis, qualquer um concluiria que o cego de nascença errara, reiteradamente, pela visão em sucessivas encarnações, sempre cobiçando tudo que via e, pela cobiça, cometeu reiteradamente graves faltas e, talvez, até crimes revoltantes. E certamente foi para evitar que, em futuras encarnações, houvesse reincidência nos mesmos erros ou, noutros piores, como, por exemplo, matar para roubar jóias ou outros objetos de valor e, dessa maneira, agravasse cada vez mais o seu carma e sobrecarregasse seu destino que os Senhores do Carma, intérpretes da justiça divina, esgotado o prazo de tolerância, privaram-no da visão desde o nascimento. Portanto, a aparente injustiça de Deus no caso do cego de nascença foi prova de indulgência e oportunidade para o ressarcimento de antigas dívidas morais!

Depois do que foi dito, torna-se inteligível a evasiva de Jesus, porque, como “obras de Deus” se deve entender a correção, pela cegueira, de um Espírito useiro e vezeiro nos erros e crimes atizados pela cobiça de tudo que via. Mas, como é fácil inferir, no consentimento da cura, o Mentor do cego tomou em consideração a paciência e a resignação com que ele vinha sofrendo a provação, motivo por que concordou que Jesus o curasse.

Outro caso sensacional foi a cura imediata de um paciente, que, havia trinta e oito anos estava parálitico, chumbado ao leito e, no leito, fora levado ao tanque de Betesda na esperança de curar-se. Vendo-o, Jesus interrogou-o: “Queres ser curado?” Desolado, o parálitico alegou que não havia encontrado ninguém que o levasse ao tanque. Sem perturbar-se, o Mestre ordenou-lhe: “Levanta-te, toma teu leito e anda!” Imediatamente o parálitico ficou curado e, tomando o leito, pôs-se a andar! (Jo. V, 1-9).

Discussão: como no caso anterior, este caso foi de origem material, provocado por lesão do sistema nervoso. Se, ao contrário, a paralisia fosse de origem espiritual, causada pela impregnação com fluidos deletérios emitidos por Espíritos sofreadores ou obsessores, quando o Mestre ordenou que o paralítico se erguesse e andasse, o paciente, refletindo o estado psíquico de seus acompanhantes, seria cometido de compulsivas crises de choro ou, demonstrando grande irritação, proferiria escabrosos improperios, de vez que, a obediência à ordem exigiria o prévio afastamento dos Espíritos que, à maneira de sevandijas, desde longos anos se alimentavam com o fluido vital do paralítico!

De todo modo, para efetuar a cura, Jesus teria de afastar ou, melhor, de mandar afastar previamente os Espíritos que, não só absorviam energias vitais da vítima como lhe afetavam o sistema nervoso com a constante infiltração de fluidos patogênicos.

Entretanto, não houve nada disso; foi o próprio Mestre que se ofereceu para curá-lo, prova provada de que o paralítico, em trinta e oito anos de provação, conquistara, por sua resignação, méritos excepcionais em face da lei do carma. Mas, o admirável nisso tudo foi que o paralítico, sob o maravilhoso efeito da radiação do Mestre, pôde obedecer-lhe a ordem e, incontinenti, colocou-se de pé e, ademais, pôde carregar o catre em que jazia a tanto tempo!

Ora, com tão prolongada imobilização, não poderia deixar de haver acentuadíssima atrofia muscular, que, logicamente, o deveria impossibilitar de permanecer de pé, de caminhar e, sobretudo, de carregar sua cama, por mais leve que fosse! De modo que, no exemplo do veterano paralítico, façanhas de tamanha monta se nos afiguram de todo em todo inconcebíveis!

Nada obstante, com a palavra e a radiação de Jesus, todos os músculos do paralítico se lhe movimentaram, restabeleceu-se-lhe a força muscular, equilibrou-se-lhe a estática e, em seguida, caminhou e carregou seu leito — estava definitivamente curado!

Agora, outra cura obtida somente com o fluido curativo de Jesus. Foi numa de suas repetidas visitas a Cafarnaum. Tamanha multidão o cercou que, para aproximar do Mestre um paralítico, os quatro homens que o carregaram no próprio leito, viram-se forçados a empregar inesperada estratégia: descobriram o telhado no ponto correspondente ao em que se encontrava Jesus e fizeram uma abertura através da qual desceram, amarrado, o leito, onde jazia o paralítico. Admirado com aquela demonstração de fé, e percebendo, por clarividência, que o paciente já havia resgatado, com seu resignado sofrimento, a dívida moral contraída em anterior encarnação, o Mestre, com prévia aquiescência do Mentor do paralítico, disse-lhe: “Eu te mando: levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa.” No mesmo instante, o paralítico levantou-se, apanhou o leito e retirou-se à vista de todos... (Mc. II, 2-4; Lc. V, 18-24; Mt. IX, 1-8).

À primeira vista pode parecer absurdo que Jesus, no cume da hierarquia espiritual para curar o parálitico, carecesse do assentimento de quem quer que fosse, exceto Deus. Mas como o Mentor, principal Protetor do Espírito encarnado, é o responsável perante Deus pelo cumprimento do destino traçado, para cada Espírito, por Mestres da máxima hierarquia, os Senhores do Carma, é curial que, na hipótese de sustação duma provação, seja por doença, seja por defeito físico, ao Mentor lhe caiba o direito de ser previamente consultado se concorda com o benefício projetado para seu tutelado, ainda mesmo que o médium curador seja um Espírito do quilate do Mestre Jesus de Nazaré!

Outro exemplo típico é o da monoplegia do paciente de “mão ressequida”, que ficou instantaneamente perfeito somente com a radiação curativa do maravilhoso médium nazareno; com prévia aquiescência do Mentor do aleijado, Jesus concitou-o: “Estende a tua mão!” Sem hesitação, o aleijado estendeu a mão direita, já curada e tão perfeita quanto a esquerda! (Mt. XII, 9-13; Mc. III, 1-5; Lc. VI, 6-10).

Ora, dada a pronunciada atrofia muscular e a irreversível retração dos tendões palmares e digitais, ainda hoje, com todo o seu espetacular progresso, a Cirurgia não conta com recursos capazes de realizar, em poucos segundos, nem em poucas horas ou em alguns dias e, quiçá, em vários meses, uma cura tão sensacional quanto essa! Somente a radiação perispiritual dos médiuns curadores pode efetuar tamanho prodígio!

Na verdade, como sói acontecer, por trás da deformidade da mão do pobre homem ocultava-se a indefectível atuação da lei do carma ou lei de causalidade moral, que governa discricionariamente o destino, não só dos Espíritos encarnados, como o dos Espíritos desencarnados!

Com efeito, o Mestre Jesus proclamara que: “Quem com espada fere, com espada será ferido.” (Mt. XXVI, 52). Todavia, é óbvio que, com a formulação do postulado, o iluminado nazareno não pretendeu, nem poderia pretender incentivar a vindita; apenas desejou tornar claro que, quem pratica o mal contra alguém, receberá, mais cedo ou mais tarde, o pagamento por mãos de outrem. Vale dizer que, em tudo, quer no plano físico, quer no plano moral, predomina a lei de ação e reação!

Portanto, não foi por acaso que o paciente da “mão ressequida” foi afetado por paralisia da mão, seguida de impressionante atrofia muscular e tendinosa. Sem dúvida, em anterior encarnação, com a mão direita praticou graves falsificações com prejuízo de muitos; ou cometeu horripilantes atrocidades como, por exemplo, mandar vazar os olhos de indefesos prisioneiros de guerra; ou, por crime de furto ou de roubo, cortou ou mandou cortar a mão de um larápio; ou assassinou impiedosamente, a punhaladas ou a facadas, inerte inimigo ou rico portador de valiosas jóias...

Tudo indica, pois, que, no caso em foco, cumpriu-se sábia lei do Criador, que visou o resgate de dívidas morais do passado inspiradas pela crueldade de um potentado de antanho. Saldadas as dívidas de tantas maldades praticadas em anterior encarnação com os cruciantes sofrimentos e a permanente humilhação de um membro paralítico e atrofiado, se a provação foi suportada com paciência, extingue-se o débito do passado e acelera-se a evolução espiritual, único caminho para a conquista de verdadeira felicidade.

Donde se colhe que, aquilo que, à primeira vista, parecia chocante injustiça do Criador, foi, em verdade, grande benefício para o monoplégico. Contudo, sua cura só se deu de maneira assombrosa porque o aleijado cumpriu sua provação com humildade e resignação, resignação e humildade que foram imediatamente percebidas pela admirável sensibilidade mediúnica do Mestre nazareno!

Outra cura assombrosa, que dependeu exclusivamente do fluido curativo de Jesus foi a da metrorrágica, a qual, a despeito de repetidos tratamentos médicos, havia doze anos que estava sujeita a freqüentes hemorragias uterinas.

Mas, nesse exemplo, é de justiça ressaltar que, não obstante Jesus ter sido co-autor, o verdadeiro autor da cura foi o Mentor do maravilhoso médium nazareno. E é fácil explicar. Todo médium possui no perispírito, à maneira de arco-íris — várias faixas de radiação, cada uma correspondendo a determinada forma de mediunidade. Jesus, verdadeiro super médium, possuía em seu perispírito faixas energéticas de todas as diferentes mediunidades, inclusive, com grande potência, a faixa da mediunidade curadora. Por isso, sempre que ele ardentemente o desejava, podia curar as mais graves doenças com um simples “toque” e, até, sem contato algum, somente pela emissão de sua prodigiosa radiação curativa, acionada por sua vontade de praticar a caridade!

Contudo, no caso da mulher hemorrágica, Jesus não desejou, absolutamente, curá-la, porque nem, sequer, a viu. Cercado e comprimido por grande multidão de doentes e de aleijados, o Mestre estava com enorme dificuldade de selecionar, entre tantos, os pacientes que o seu Mentor, acolitado por numerosos Protetores de enfermos ali presentes, lhe ia indicando como merecedores de cura.

Empolgada com as curas, que presenciara, ou das quais obtivera informações, a mulher metrorrágica, com grande esforço, intrometera-se nos interstícios da multidão, impulsionada pela ânsia de, ao menos, tocar na túnica do Mestre! Mas fê-lo por costas, sem que Jesus a visse. Portanto, o Mestre não poderia ter desejado curá-la. Sem embargo, mal tocou na fímbria da túnica de Jesus, estancou-se-lhe a metrorragia e sentiu a estranha sensação, também acusada por outros beneficiados, de estar completamente curada!

De resto, concomitantemente com a cura da metrorrágica, Jesus apresentou, em todo o corpo, máxime no dorso e nos membros superiores, gene-

realizada horripilação sintomática de forte emanção de fluidos perispirituais. Preocupado com o destino dado aos seus valiosos fluidos, Jesus imediatamente interrogou aos que o circundavam: “Quem me tocou?” Ninguém se acusou. Os discípulos permaneceram calados, com exceção de Pedro, que deu uma desculpa esfarrapada. Entrementes, trêmula de emoção, foi a ex-hemorragica que se rojou aos pés do Mestre, suplicando-lhe perdão pela ousadia de havê-lo tocado e confirmando a cura instantânea! (Mt. IX, 20-22; Mc. V, 25-33; Lc. VIII, 43-48).

De tudo se conclui que, não havendo partido de Jesus o desejo de curar a hemorrágica e permanecendo ele, como todo Mestre, sempre cercado por numerosos Espíritos protetores, não só para auxiliá-lo como para protegê-lo contra o revide de Espíritos rancorosos, revoltados com o fato de se verem desligados dos doentes que mereciam ser curados, um único Protetor poderia ter livre trânsito para aproximar-se do iluminado médium nazareno e captar-lhe, no perispírito, uma quota de fluido curativo para socorrer a hemorrágica — o seu próprio Mentor. Logo, quem, de fato, curou a metrorragica foi o Mentor de Jesus!

Em contraposição, a cura da infecção da sogra de Pedro foi devida, exclusivamente, ao fluido curativo de Jesus. Com efeito, acamada e “ardendo em febre” bastou que o Mestre lhe segurasse as mãos para que a doente imediatamente ficasse curada e, levantando-se, foi cuidar das tarefas domésticas (Mt. VIII, 14-15; Mc. I, 30-31; Lc. IV, 40-41). O mesmo aconteceu com o leproso, que, de joelhos, rogou a Jesus que o curasse. Profundamente compadecido, o Mestre estendeu a mão até tocá-lo e afirmou-lhe com veemência: “Fica limpo”. No mesmo instante, limpou-se-lhe a pele! (Mc. I, 40-42; Mt. VIII, 2-3; Lc. V, 12-16).

Noutra ocasião, de caminho para Jerusalém, ao atravessar a Samaria e a Galiléia, Jesus entrou numa aldeia na qual lhe saíram ao encontro dez leprosos, a suplicar-lhe humildemente, de longe, a cura. O Mestre limitou-se a aconselhar-lhes: “Ide e mostrai-vos aos sacerdotes”, prova de que o Mestre já os considerava curados. (Lc. XVII, 11-14).

Se se pudesse garantir a autenticidade da afirmação de Lucas, a recuperação imediata e simultânea de uma dezena de leprosos teria sido um dos exemplos mais impressionantes da poderosa mediunidade curadora do incomparável médium nazareno.

De fato, assombrosa cura coletiva ter-se-ia dado, sem qualquer sugestão e sem o mínimo contato do Mestre com os leprosos, somente por sua palavra ao recomendar-lhes o caminho a seguir!

Lamentavelmente, os fatos contradizem a descrição de Lucas, o qual, se não mentiu propositadamente, foi ludibriado com falsas informações. Com efeito, em primeiro lugar, além de haver omitido o nome da aldeia na qual se encontravam os leprosos, quando pediram socorro a Jesus, Lucas foi o úni-

co evangelista que fez referência à cura simultânea de dez leprosos; e, a despeito do valor da cura coletiva, os outros canônicos, Mateus e Marcos, nem piaram! Em segundo lugar, Jesus, visto com maus olhos pelos sacerdotes, desde que, instigado pelo Sumo Sacerdote a cobrar as curas que realizasse e a entregar, em troca de abrigo e de proteção, o montante do pagamento ao Sinédrio, repulsou com indignação a afrontosa proposta, pois jamais cometeria a leviandade de enviar aos inamistosos sacerdotes dez leprosos por ele curados instantaneamente. Seria atizar contra si a ira de poderosos inimigos despeitados e deliberados a massacrá-lo na primeira oportunidade que se lhes deparasse! Conseqüentemente, não houve ordem para o encontro com os sacerdotes, nem cura coletiva de leprosos. E é por essas e outras inverdades que, num programa de TV, afirmei não aceitar a *Bíblia* como livro sagrado. Aceito-a, sim, como livro histórico do povo de Israel, despido, porém, de todos os dogmas e carecendo de corrigendas, algumas radicais, para merecer credibilidade!

Sem embargo, foram tantas as curas feitas por Jesus que ele nada tem a perder com a elisão da invencionice de Lucas ou de quem a escreveu, abusivamente, em nome do evangelista.

Apesar de Jesus haver curado muitos cegos, vou citar, por seu valor elucidativo, mais duas curas. Uma foi quando, ao sair de Jericó, acompanhado por seus discípulos e por numerosa multidão, Jesus deparou-se com Bartimeu, mendigo cego, sentado à beira da estrada. Avisado da presença do Mestre, Bartimeu pôs-se a clamar: “Jesus, tem misericórdia de mim! O Mestre parou e ordenou: chamai-o. Chamaram-no. O Mestre perguntou-lhe: Que queres de mim? Respondeu-lhe o cego: Mestre, que eu torne a ver! Jesus nem o tocou; apenas afirmou-lhe: a tua fé te salvou. E, imediatamente, voltou-lhe a visão!” (Mc. X, 46-52; Mt. XX, 29-34; Lc. XVIII, 35-43).

Na realidade, nesse caso, tratava-se de cegueira por Espiritopatia, motivo por que Jesus, para evitar a contaminação de seus luminosíssimos fluidos perispirituais com os fluidos enegrecidos dos verdugos do mendigo, evitou o contato direto com o cego. Afastados, porém, os Espíritos causadores da cegueira, por impregnação do perispírito da vítima, imediatamente voltou-lhe a visão porquanto não havia nenhuma lesão, mas, apenas, maldosa saturação do aparelho ocular com fluidos nocivos à vida celular, para satisfação de premeditada vingança!

A outra cura foi mais trabalhosa. Refiro-me ao cego de Betsaida. Sensibilizado com as lancinantes súplicas do infeliz, Jesus, depois de haver-se certificado, por meio de sua maravilhosa vidência, de que o caso não era de Espiritopatia, deu a mão ao cego e levou-o para fora da aldeia, em local discreto. Depois, aplicou-lhe saliva nos olhos e impôs-lhe as mãos sobre a cabeça, dando-lhe demorado passe. Em seguida, perguntou-lhe: “Vês alguma coisa?” Eis a resposta: “Vejo os homens, porque, como árvores, os divi-

so andando.” Então, novamente, Jesus impôs-lhe as mãos estendidas com as extremidades digitais rentes aos olhos do cego e ele passou a ver e ficou completamente curado! (Mc. VIII, 22-25).

Como está claro, nessa cura não bastou a quota de fluido curativo contida na saliva do Mestre, mesmo reforçada pelos fluidos que se lhe escaparam pelas extremidades digitais no primeiro passe: foi necessário novo passe, aplicado diretamente sobre o aparelho ocular, fato que atesta a gravidade da lesão, em contraste com o caso do cego de Jericó, no qual o prévio afastamento dos Espíritos causadores da cegueira, operação consumada por Espíritos auxiliares de Jesus e, em seguida, a atuação da radiação curativa do Mestre, ativada pelo seu desejo de curá-lo, foram suficientes para efetuarem, instantaneamente, a cura do cego!

Sem minúcias, Mateus refere-se à cura de um “endemoninhado” cego e mudo, que, para Lucas, era, apenas, mudo. E Marcos, com capítulo e parágrafos citados na *Bíblia*, nada disse, deixando o *Livro Sagrado* em xeque! (Mt. XII, 22 ; Lc. XI, 14 e ss).

Sem embargo, um fato é certo. Se o paciente era um “Espiritopata”, isto é, estava “atuado” por Espíritos maus, impropriamente denominados “demoníons”, Jesus, como iniciado, não lhe poria as mãos até que os Espíritos que o assistiam houvessem afastado todos os fluidos dos obsessores que cegaram e ensurdecaram o paciente. Caso contrário, além da contaminação de seu luminosíssimo perispírito com fluidos enegrecidos e deletérios, característicos de Espíritos perversos, Jesus seria espoliado por Espíritos “caçadores de fluidos”, duma quota de fluidos curativos destinados ao cego e mudo. De modo que, captados pelos obsessores os fluidos de Jesus, além de não haver cura, o Mestre ficaria sobremaneira prejudicado com sua ligação com obsessores, a menos que os Espíritos que o auxiliavam nas curas se apoderassem novamente dos fluidos roubados do Mestre.

Entretanto, noutro surdo, com lesão do aparelho auditivo, sem imantação com Espíritos maus, Jesus introduziu-lhe, sem risco, a ponta de um dedo em cada conduto auditivo e foi quanto bastou para que o surdo, incontinenti, principiasse a ouvir! Mas, como, além de surdo, o paciente era também gago, Jesus tocou-lhe a língua com uma gota de sua saliva e a gagueira desapareceu (Mc. VII, 31-35).

Aliás, por estranho que se nos afigure, o *modus operandi* de Jesus tem explicação: o Mestre introduziu um dedo em cada conduto auditivo do surdo, porque, pelas extremidades digitais, escapa forte radiação de fluidos perispirituais os quais, na mediunidade de Jesus, eram assombrosamente curativos; e colocou uma gota de saliva na língua do gago, porque, nas secreções de todo médium curador existe grande quota de fluidos curativos.

Ora, absorvido instantaneamente pelos filetes nervosos da língua e circulando prontamente no sistema nervoso, até alcançarem o córtex cerebral

do surdo e gago, os fluidos curativos de Jesus atuaram rapidamente e regeneraram os neurônios afetados, fato que garantiu a recuperação, em perfeitas condições, da audição e da fonação. Conseqüentemente, além da apurada audição, manifestou-se-lhe a palavra com ótima dicção!

Outra cura maravilhosa realizada pelo Mestre foi a do jovem “lunático”, vítima de epilepsia por Espiritopatia. O pai, alegando que os discípulos debalde tentaram curá-lo, apelou para o Mestre, suplicando-lhe a cura do filho que “sofre muito, pois muitas vezes cai no fogo e, outras muitas, na água”. O atendimento não tardou: “Trazei-mo aqui”, ordenou-lhe Jesus. Levado o rapaz à presença do Mestre, “Jesus repreendeu o **demônio**”, o qual imediatamente foi desligado do jovem pelos ajudantes do Mestre, deixando-o totalmente curado. (Mc. IX, 17-27; Mt. XVII, 14-21). Humilhados, os discípulos foram interrogar o Mestre porque não haviam conseguido expulsar o Espírito obsessor causador da epilepsia. Aliás, foi uma indagação intempestiva, porquanto eles não podiam duvidar quanto o Mestre lhes era superior; e que, como sublime missionário, contava com o apoio de grande número de Espíritos, em diferentes níveis hierárquicos, sempre solícitos na colaboração para a realização das curas, sem o mínimo prejuízo para Jesus, de vez que, antes de tudo “limpavam o caminho”, prendendo os Espíritos causadores da enfermidade visada pelo portentoso médium nazareno. Somente depois dessa preservação, Jesus aproximava-se dos obsessados para curá-los. Mas, apesar da incontestável rapidez da cura da disritmia cerebral do epilético, vítima da atuação de um Espírito que, quando esteve encarnado, fora também epilético, mãos inescrupulosas escreveram, entre parênteses, que aquela espécie de Espíritos só se afastava com oração e jejum, desdizendo assim o que acabara de fazer o Mestre Jesus! (Mt. XVII, 14; Mc. IX, 14-29; Lc. IX, 37-42).

Na verdade, o problema não é de mortificação, nem mesmo de oração: é de hierarquia espiritual, de pureza de sentimentos e de força moral.

Não há negar que o finalzinho impertinente não figura em Marcos, fato que reforça a hipótese de capciosa interpolação.

De resto, Jesus não curava somente junto ao doente; curava, outrossim, à distância do paciente, cedendo, para tanto, sob o controle de seu Mentor, uma quota de fluido de sua mediunidade curadora aos mensageiros a seu serviço, os quais, por sua vez, a irradiavam no perispírito do enfermo distante do Mestre.

Foi o que aconteceu, *mutatis mutandis*, com o servo do centurião. Ao entrar em Cafarnaum, Jesus deparou-se com o oficial romano, que lhe implorou: “Senhor, meu criado jaz na cama paralítico e sofrendo horrivelmente!” (Mt. VIII, 5-13; Lc. VII, 1-10). Como acontece em muitas passagens da *Bíblia* os relatos de Mateus e de Lucas não coincidem e, por isso, perdurará a dúvida sobre qual dos dois falou a verdade. Mas, grosso modo, os fatos se desenvolveram como se segue: Jesus, por sua notável sensibilidade mediúnica per-

cebeu imediatamente que se tratava de paralisia provocada por Espiritopatia e prometeu ao centurião que o curaria. “Eu irei curá-lo” disse o Mestre. Entretanto, muito admirado, ouviu o centurião desculpar-se para não importuná-lo. “Senhor, não sou digno de que entreis em minha casa. Mandai, apenas, com uma palavra, (que os Espíritos que vos obedecem o curem) e o meu rapaz será curado.” “Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faz isto e ele faz.”

Ao ouvir essas palavras, Jesus, depois de chamar a atenção dos discípulos a respeito da fé do romano, afirmou ao centurião: “vai-te e seja feito conforme a tua fé.” No mesmo instante, o paralítico, a distância, foi curado (por Espíritos às ordens do Mestre). (Mt. VIII, 5-13; Lc. VII, 1-10).

Com narrações diferentes e, até certo ponto, antagônicas, na cura do servo do oficial romano, apenas numa lacuna se igualam: é quando Mateus e Lucas, depois de ressaltarem a obediência dos subordinados do centurião, mutilam abruptamente a dissertação, no ponto em que deveria ficar claro, que, com uma palavra, Jesus poderia ordenar aos Espíritos a seu serviço que partissem levando uma quota de seu fluido para curar o enfermo!

Ora, afastados os Espíritos sofredores e, quiçá, alguns obsessores, todos a impregnar o sistema nervoso do paciente com fluidos patogênicos e, em seguida, retirados os fluidos deletérios remanescentes, os enviados de Jesus recompuseram o perispírito do doente com fluidos curadores do perispírito do Mestre, que foram transportados por Espíritos de elevada hierarquia e depositados no perispírito do servo do centurião. É de ver, pois, que, com o revestimento do perispírito do enfermo com fluidos curativos, deveria processar-se, como de fato se processou, a cura perfeita do paralítico!

Outra cura sensacional foi a realizada de longe pelo iluminado médium nazareno, não se sabe bem se ordenada de Sidom, nos domínios dos cananeus, ou se comandada de Tiro, na Fenícia, porque a *Bíblia*, na dúvida, acabou juntando as duas cidades. Mas o fato é que Jesus, já na mira dos rancorosos fariseus dispostos a capturá-lo e massacrá-lo, afastara-se dos locais mais visados, na Galiléia, e, por precaução, homiziou-se numa das referidas cidades. Não obstante a cautela, o Mestre não conseguiu manter-se incógnito, porquanto não tardou que uma mulher cananéia, impulsionada pelos comentários que ouviu a respeito do profeta nazareno, fosse ao seu encontro e lhe suplicasse: “Senhor, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada — curai-a!” Contudo, impassível em face da súplica, Jesus “não lhe respondeu palavra”! E os discípulos ainda agravaram a aparente falta de caridade do Mestre, porque, com medo de que fossem descobertos por espiões dos fariseus, incentivaram-no a escorraçar a desgraçada, antes que, no seu desespero íntimo, ela o denunciasse, involuntariamente, gritando-lhe o nome nas angustiantes súplicas em favor da filha louca!

Sem embargo, Jesus, aviltado por cruel interpolação, que aniquila tudo que ele havia ensinado e exemplificado, teria repudiado a mãe desvairada com ásperas palavras: “Não é bom tomar o pão dos filhos (os israelitas) e lançá-los aos cachorrinhos (os gentios)”.

Contudo, ultrapassando a bondade e, com mais forte razão, sobrepujando a caridade do Mestre, a cananéia, apesar de não ser cristã, retrucou-lhe: “Sim, Senhor, todavia os cachorrinhos comem das migalhas que caem das mesas de seus donos...”

Reduzido à mais simples expressão diante da hipotética argumentação da cananéia, Jesus ficou minimizado pela parvoíce de teólogos afeitos em meter interpolações na *Bíblia*!

Em todo caso, talvez tangidos pelo remorso, os falsários concederam a Jesus serotina oportunidade de reparação. De fato, comovido com as palavras da cananéia, Jesus não pode deixar de exclamar: “Ó mulher, grande é a tua fé; e, por causa de tuas palavras, podes ir: o demônio já saiu de tua filha.” (Mt. XV, 21-28; Mc. VII, 24-30). Foi como se dissesse: os Espíritos que me auxiliam já arrancaram os obsessores imantados à tua filha!

Agora, pergunto eu: pode haver pior imagem de Jesus, o Mestre supremo da humanidade, do que a revelada nesse detestável contexto bíblico?

Com efeito, irredutível em sua indiferença ao primeiro apelo de uma pobre mãe desesperada, Jesus só a atendeu tocado pela sublime lição de humildade que teria dado a cananéia! Se tamanha balela fosse verdadeira, quem poderia amar um Mestre desse quilate? Mas, lamentavelmente, com tantas distorções, interpolações e alterações de textos, a imagem de Jesus perdurou, na *Bíblia*, profundamente desfigurada, embora disfarçada com o paradoxo de sua deificação em coagida eleição, com ameaça de privação de alimento e, até, de água!

O fato irredutível é que a filha obsedada da mulher cananéia, no momento em que Jesus anunciou a cura, ficou definitivamente boa. Portanto, expurgadas as ridículas interpolações, a verdade é que o Mestre, com a cooperação de numerosos Espíritos a ele subordinados, debelou, a distância, a loucura ou, melhor, a Espiritopatia psicótica da jovem cananéia!

Agora, a mais prodigiosa cura de Espiritopatia obsessiva realizada por Jesus. Refiro-me ao possesso gadareno, vítima de tremendo “trabalho de magia”. Desgrenhado e maltrapilho e, muitas vezes, completamente nu, o obsedado vivia chafurdado entre túmulos, no cemitério de Gadara, de onde só saía à noite, para deambular, furioso, na rua a deblaterar contra Deus e a agredir os transeuntes que se lhe deparavam!

Por sua periculosidade, o louco já havia sido, várias vezes, agarrado, acorrentado e agrilhado. Mas tudo em vão. Porque, atuado por grande falange de Espíritos obsessores, adquiria força hercúlea e partia os grilhões, e arrebatava as correntes, e libertava-se mais agressivo do que nunca!

Ora, certo dia, depois de ter atravessado de barco o lago, impropriamente denominado Mar da Galiléia, Jesus chegou, cercado pelos discípulos, à terra dos gadarenos. Incontinenti, o possesso de Gadara partiu ao seu encontro com intuito de afrontá-lo. Contudo, protegido por centenas de Espíritos, inclusive por numerosa falange de Espíritos, que, quando estiveram encarnados, muito antes do nascimento de Jesus, foram africanos e, por isso, aprenderam com seus feiticeiros como fazer e desfazer um trabalho de magia com Espíritos sempre agrupados em número de sete ou de um múltiplo de sete, é fácil deduzir que a defesa do Mestre estava garantida.

Dominados pela força do pensamento dos defensores de Jesus, os obsessores perderam o controle do médium gadareno, que, exaurido, ficara hipotônico e não pudera, sequer, gritar ameaças e proferir palavrões.

Certo de que o aprisionamento dos obsessores fora consumado, restando, apenas, “amarrado”, o chefe dos malfeitores, que ainda controlava o aparelho fonador do gadareno, com normalidade da audição, Jesus intimou-o: “Espírito imundo, sai deste homem!” Antes, porém, o Mestre perguntou-lhe: “Qual é teu nome?” Eis a resposta: “Legião é o meu nome, porque somos muitos.” (Mt. VIII, 28-33; Mc. V, 2; Lc. VIII, 26-34). Legião ou falange, a afirmação do obsessor confirmou a existência de um trabalho de magia, fato que dificultava muitíssimo a cura do possesso!

É interessante ressaltar a contradição entre o relato de Mateus, que elevou para dois o número de loucos gadarenos, ambos com sintomatologia absolutamente idêntica, o que é praticamente impossível, e a narração de Marcos, que, depois de imaginar o possesso a adorar Jesus como “filho de Deus Altíssimo”, restituiu-lhe a psicopatia nesse desafio ao Mestre: “Que tenho eu contigo?” E, mais grave ainda: “Conjuro-te, por Deus, que não me atormentes!” (Mc. V, 6-7).

Como se vê, contra a opinião de Mateus, em Gadara havia apenas um louco furioso. E contra a opinião de Marcos, um médium em estado de possessão, que é a pior forma de obsessão, jamais invocaria o nome de Deus para vituperar a quem quer que fosse e, muito menos, para tomar satisfação com um Mestre, dotado da grandeza espiritual de Jesus e intimá-lo que não o aborrecesse!

Por outro lado, como iniciado, Jesus sabia que o mínimo contato com o possesso ser-lhe-ia muitíssimo prejudicial, em conseqüência da contaminação de seu luminosíssimo perispírito, saturado de fluidos curativos, com a maléfica radiação do perispírito não só do louco como dos Espíritos obsessores que formavam sua falange. Portanto, a cura não poderia ser feita pessoalmente por Jesus; e sim pelos numerosos Espíritos, em diferentes níveis de evolução, muitos com regressiva aparência de africanos e que o seguiam com a máxima humildade e indiscutível obediência.

Aliás, no caso em foco, a maior dificuldade provinha da escassez de fluido mediúnico para fortalecer não só o perispírito dos Espíritos africanos como o dos demais Espíritos que participaram da operação destinada a “desmanchar” o trabalho de magia negra e a capturar todos os Espíritos obsessores implicados na vingança de algum inimigo perverso e rancoroso, movido por questões pessoais com o gadareno ou em troca de pagamento prometido por algum covarde vingador contra o gadareno!

Para suprir a falta de fluido mediúnico, de vez que Jesus chegou a Gadara acompanhado, tão-somente, por pequeno grupo de discípulos, os Espíritos africanos, que chefiaram o trabalho de desligamento dos obsessores, os quais viviam agarrados, como sugadores de fluido vital, ao infeliz obsedado, não tiveram outra opção senão a de utilizarem o fluido vital suíno, captado de colossal vara de porcos que pastavam nas proximidades. Todos os trabalhadores, já fortalecidos com o fluido vital porcino, aguardavam, apenas, a determinação do Mestre. E não tardou que o sublime nazareno, com sua incontestável força moral e seu dominante magnetismo de liderança, ordenasse veementemente a rápida retirada de todos os Espíritos obsessores que se haviam apoderado do obsedado. Imediatamente, foram arrancados do médium obsedado todos os obsessores e, sem perda de tempo, imantados por compulsivo pensamento coletivo dos coadjuvadores de Jesus, em grande número de suínos. Apavorados com a presença dos Espíritos obsessores, os porcos dispararam ribanceira abaixo, até se afogarem no lago!

Com a morte dos porcos, despreendeu-se-lhes de todo o organismo a totalidade do fluido vital, que os mantinha vivos. Captando integralmente o fluido vital desprendido, os Espíritos a serviço de Jesus obtiveram a força imprescindível para desligarem os Espíritos obsessores que haviam sido, momentos antes, imantados a uma parcela da vara de porcos; e, além disso, puderam manter aprisionados os restantes, até entregá-los num plano purgatorial de correção.

Terminada, finalmente, a missão dos Espíritos comandados pelo grande Mestre, que é Jesus de Nazaré, o “posseço” gadareno ficou totalmente curado! (Mc. V, 1-13; Mt. VIII, 28-33; Lc. VIII, 36-39).

Descritos alguns casos de loucura ou, melhor, de obsessão, dentre os quais enquadrei um de dramática possessão, passo a relatar três Espiritopatias doutra categoria: uma de letargia e duas de catalepsia.

Em primeiro lugar a letargia da filha de Jairo. Segundo o evangelista, Jesus estava cercado pela multidão. No meio dela, Jairo, Chefe da Sinagoga. Alguém aproxima-se de Jairo e censura-o: “Tua filha já morreu; por que ainda incomodas o Mestre?” Jesus ouviu a admoestação e “sem atender a estas palavras”, incitou Jairo a não temer e a crer. Em seguida, partiu com ele, levando apenas três discípulos — Pedro, Tiago e João.

Ao chegar à residência de Jairo, encontrou um pandemônio. Jesus interpelou os parentes da “morta” e afastou as carpideiras. “Por que fazeis alvoroço e chorais? A menina não está morta — está dormindo”, afirma o Mestre. Depois, afastou todo mundo e entrou no quarto, levando, apenas, os pais da menina e os discípulos escolhidos para formarem a “corrente mediúnica.”

Os que se riram de Jesus, por duvidarem estivesse a menina a dormir, ficaram isolados, no outro cômodo. Com os discípulos em semicírculo e mentalmente concentrados para maior doação de fluidos, o Mestre galileu, já afastado o Espírito que a pôs em estado letárgico, tomou-a pela mão e ordenou-lhe: “Talitha koum!”, isto é, menina, levanta-te! (Mc. V, 41). “Imediatamente, a letárgica, já acordada, levantou-se e começou a andar.” (Mc. V, 35-43; Mt. IX, 23-26; Lc. VIII, 49-56).

No sucinto relatório do evangelista não ficou registrado em que termos Jairo solicitara a intervenção de Jesus em favor da filha. Todavia, pela crítica do emissário, que não via motivo para Jairo importunar o Mestre, quando sua filha “já estava morta”, deduz-se que, ao sair de casa, Jairo cria que sua filha ainda estava viva e nutria esperanças de que Jesus a salvasse. Válida que seja a hipótese, força é admitir-se que, antes da “morte” houve letargia provocada por atuação espiritual.

Entretanto, a assertiva de estar “dormindo”, ao invés de “morta”, feita a distância, por clarividência, pelo Mestre, afasta a hipótese de doença orgânica mortal. Fica de pé, exclusivamente, a hipótese psicogenética. E, aparentemente ou não uma crise histérica, o que havia, de fato, era Espiritopatia.

Com efeito, muito jovem, com apenas 12 anos e, certamente, com a mediunidade ainda não desabrochada, não foi possível a manifestação ostensiva dos Espíritos que a assediaram e levaram-na ao coma letárgico, com aparência de óbito!

Com sua força moral e com a ajuda dos Espíritos que o assistiam, Jesus pôde facilmente afastar os Espíritos perturbadores responsáveis pela letargia. Em síntese: um exemplo típico de letargia por Espiritopatia!

Agora, um caso de catalepsia — o do filho da viúva de Naim.

Com a prática adquirida durante quatro anos, nas sessões experimentais da SEPE, em Niterói, posso afirmar, com a máxima convicção, que não houve ressurreição, como assevera o evangelista, mas apenas o despertar de um jovem em coma cataléptico, mercê da poderosa radiação magnética de Jesus, o fabuloso médium nazareno.

Eis, em síntese, o relato bíblico: ao aproximar-se da porta de entrada da cidade de Naim, o Mestre deparou com um cortejo fúnebre. O pranto desesperado da mãe do “defunto” comoveu-o. Clarividente, dotado de todos os dons mediúnicos, Jesus, num ápice, percebeu que o caso não era de mor-

te; e, arrostando a dramática conjuntura, sustou a marcha para o cemitério. O cortejo estacou. Aberto o caixão, o “morto” acordou, sentou-se no esquife e principiou a falar! A multidão apavorou-se com o poder do profeta, mas rejubilou-se com o “milagre”, “prova de que Deus visitou o seu povo” (Lc. VII, 11-15).

A primeira hipótese a aventar neste caso seria a de histeria. Bernheim, afamado mestre de escola de Nancy, “ressuscitou” um “histérico” numa Delegacia de Polícia, para lá removido como morto! Contudo, o “morto”, embora inteiriçado e aparentando rigidez cadavérica, conservou a audição. Por isso, através do “analisador auditivo”, Bernheim pôde estabelecer o *rapport* e conseguiu acordá-lo.

O “morto” de Naim estava dentro do caixão e, a menos que hajam aberto o ataúde, nada poderia ver, nem ouvir. Todavia, se o evangelista colocou na boca do Mestre as seguintes palavras: “Moço, eu te ordeno, levanta-te” é porque o esquife fora aberto e, por isso, o cataléptico, tido como morto, pôde ouvi-lo e, depois de desenfaixado, obedeceu a ordem de levantar-se. Portanto, não estava morto. Logo, não poderia ressuscitar! Além disso, omissa como sempre, a *Bíblia* silencia a respeito da *causa mortis*. Donde se colhe que o filho da viúva de Naim, embora em coma cataléptico, estava vivo, e bem vivo. Portanto, não fora a providencial intervenção de Jesus, o rapaz teria sido enterrado vivo!

Focalizarei, finalmente, a mais sensacional cura realizada pelo Mestre nazareno: a “ressurreição” de Lázaro.

A narração de João, único evangelista que a ela se refere, é bastante longa. Principia com o capítulo décimo primeiro e estica-se em quarenta e quatro versículos pontilhados de incongruências. Aqui e acolá repontam interpolações, para enquadrar Jesus como “dono da vida e da ressurreição” e, *ipso facto*, fundador da “única religião verdadeira”. Mas, logo no começo, pega-se a mentira pelo rabo! É quando, para identificar o “morto”, di-lo irmão de Marta e de Maria, “a que ungira o Senhor com perfume e lhe enxugara os pés com os próprios cabelos”. Isso é mentira. Como iniciado essênio, Jesus repudiaria a vaidade da unção perfumada, hábito de sibaritas. Flávio Josefo, contemporâneo de Jesus, que privou com os essênios do Qumrân, afirma, peremptoriamente, que aqueles ascetas consideravam uma afronta o uso do perfume e que “se algum deles fosse untado de óleo contra sua expressa vontade, imediatamente limparia o corpo, porquanto têm o feio por formoso, salvo no que toca às vestes, que conservam sempre limpas”.

Contudo, continuemos. Ao receber o recado de que Lázaro estava doente, Jesus disse: “Esta doença não é para morte, mas para a glória de Deus, a fim de que o filho por ela seja glorificado.” Notaram a mistificação? Que a doença não fosse de morte, estava certo; mas que fosse “para a glória de Deus”

é absurdo! Deus não é tão sádico que se glorifique com doença duma criatura, nem tão injusto que exalte um filho tripudiando sobre a desgraça de outro! Mormente porque, no caso, Jesus por mera vaidade teria retardado propositadamente o socorro suplicado. De resto, calmamente afirmara: “Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou despertá-lo do sono.” Clarividente e clariaudiente como era, Jesus percebeu a distância ou foi avisado “auditivamente” por seu Mentor que a “morte” era aparente. Por isso não havia pressa no atendimento.

Contudo, linhas abaixo, João deixa Jesus em muito má situação: fê-lo mentiroso! Porque, depois de afirmar que Lázaro estava dormindo, Jesus se contradisse asseverando que o amigo estava morto! Afinal, quando falou a verdade? Quando afirmou que Lázaro estava dormindo e que ia acordá-lo ou quando disse que Lázaro estava morto e que iria ressuscitá-lo?

Pobre Mestre! Exemplo de renúncia e de penúria, que “não tinha onde repousar a cabeça”, transformado, por João de Éfeso, cujo Evangelho veio a público mais de um século depois da morte de Jesus, em “Senhor da Vida”! Mas a contradição está flagrante no próprio texto, porque João diz que, ao aproximar-se do túmulo, em presença das carpideiras, Jesus “perturba-se e chora”! Perturbar-se por quê? Por que chorar? Jesus não era o “dono da vida”? Não, Jesus jamais se arvorou em dono da vida, porque só Deus o é. Mas era iniciado essênio e um essênio não chorava diante da desgraça, pois enfrentava, sorrindo, a própria morte, como se viu quando os romanos assaltaram o Qumrân!

De resto, Jesus sabia que Lázaro não morreria. Quem supôs que Lázaro estivesse morto, e podre, e fedorento, foi Marta, sua irmã, de vez que havia quatro dias que o “defunto” jazia no túmulo. Entretanto, isso ela disse (notem bem) antes que o túmulo fosse aberto e se pudesse verificar o estado do “cadáver”. Mas Jesus não concordou com ela. Ao contrário, concitou-a a ter fé para que visse “a glória de Deus”. E logo que abriram o túmulo, Jesus, volvendo os olhos para o céu, disse: “Pai, graças te dou porque me ouviste.” Donde se infere que, ao saber da “morte” do amigo, Jesus, que não era Deus, rogou a Deus por Lázaro e, por via de sua mediunidade, ficou ciente de que Lázaro apenas dormia, isto é, que sofrera um ataque cataléptico, podendo, sem perigo, permanecer mais alguns dias enterrado, em coma cataléptico, porquanto naquela época e, até, antes daquela época, os faquires já eram enterrados, sem respiração e sem alimentação, por trinta ou mais dias! E Jesus, como iniciado, sabia disso. Mas, na estória de Lázaro, até o epílogo está mal acabado. João inverteu a ordem dos fatos. Diz que Jesus clamou em voz alta: “Lázaro, sai daí!” E esqueceu-se de que Lázaro estava peado, maniatado e enfaixado e, por conseqüência, completamente imobilizado! O normal seria, pois, primeiramente libertá-lo das peias e das faixas e, ao depois, mandá-lo sair do túmulo.

De toda forma, em princípio, o caso de Lázaro poderá ser verídico, desde que enquadrado na catalepsia debelada pelo magnetismo de Jesus. Todavia, como antes da catalepsia, Lázaro já estava enfermo, de acordo com o que afirmou sua irmã Maria no pedido de socorro enviado a Jesus; e como à doença sucedeu a crise cataléptica, é mais que provável que a enfermidade fosse causada por Espíritos inimigos e, nesta hipótese, o caso foi de catalepsia por Espiritopatia!

Afastados, em primeiro lugar, os Espíritos perturbadores mercê da intervenção dos Espíritos desencarnados que assistiam a Jesus, Lázaro, com o perispírito limpo, pôde receber diretamente a radiação curativa do Mestre e, por isso, ficou completamente bom, sem ter havido morte e, muito menos, ressurreição! (Jo. XI, 1 e ss).

Todavia, não seria pelo fato de não haver havido revogação das leis fisiológicas — expressão do pensamento criador de Deus — que Jesus ficaria diminuído. Ao contrário, como Instrutor da humanidade terrena, a glória do Mestre nazareno foi ter iluminado o caminho para nossa perfeição, com melhor compreensão da justiça do Criador no que tange ao destino dos Espíritos terráqueos.

Aliás, de tudo que, até aqui, foi dito força é concluir que, até hoje, só houve um médium, Jesus de Nazaré, o qual, sobre ter sido superdotado, foi, outrossim, iniciado de elevada hierarquia e, portanto, com credenciais para efetuar, como efetudou, curas tão numerosas, tão variadas e tão assombrosas.

De fato, educado desde os oito anos de idade pelos ascetas essênios da comunidade do Qumrân, Jesus, ao completar vinte e um anos, deliberou fazer o “juramento de túmulo” do ritual da “iniciação”, consagrando-se como médium curador e conservando-se no seio da comunidade, como autêntico eremita, isolado em sua cela, até completar vinte e nove anos. Instruído por clariaudiência na solidão de sua cela desde a puberdade, época em que se lhe afloraram todas as modalidades de mediunidade, controladas não só por seu Mentor como por outros Mestres de elevadíssima hierarquia, além disso, Jesus recebeu, por clariaudiência, valiosíssimos ensinamentos, muito superiores aos ministrados aos demais iniciados essênios e, ao mesmo passo, fora alertado sobre a honrosa missão que deveria cumprir como Instrutor da humanidade e revelador de nova e mais larga faixa de revelação da verdade divina!

Côncio da imensa responsabilidade que, futuramente, lhe deveria pesar sobre os ombros e advertido, por seu maior Protetor, o seu Mentor, Jesus, já iniciado, compreendeu a iniludível necessidade de, em primeiro lugar, extinguir toda animosidade que, porventura, houvesse acarretado contra si, por suas infrações à lei da fraternidade, em anteriores encarnações.

Ciente e consciente de que todo Espírito encarnado, em sucessivas encarnações, com boas e más ações, conquista amigos e assanha inimigos,

Jesus, o anacoreta essencial, exceção feita para os momentos em que era convocado para curar doentes, que, em desespero de causa, procuravam a comunidade do Qumrân, dedicava integralmente sua solidão para meditar e lutar em prol de seu aperfeiçoamento, já transcendental, sem esquecer-se de amparar, com ardentes orações e convincentes diálogos telepáticos, os inimigos de outrora que continuaram desencarnados e que se sentiam desarmados diante da vida exemplar e da indulgência, sem restrições, do futuro Mestre da humanidade. De modo que, enquanto o homem comum, embora reencarnado, conserva poucos amigos e muitos inimigos desencarnados, porque, por displicência e agnosticismo, lhes sonega amor fraterno e não lhes pede perdão nem lhes oferece orações, Jesus, ao contrário, ao fim de poucos anos e, até, de alguns meses, com sinceras preces, havia soerguido moralmente seus inimigos e, também, seus respectivos Mentores, a ponto de tê-los, todos, consigo como dedicados servidores, que muito o ajudaram nas curas que publicamente realizou, depois que, orientado por seu Mentor, pediu ao Senhor de Justiça permissão para desligar-se da comunidade e iniciar, no seio do povo, o seu ministério em favor dos desvalidos e dos sedentos da Verdade, a respeito dos “mistérios de Deus”!

Como se infere, o retumbante êxito do nazareno como médium espetacular foi devido à tenacidade com que perseverou na conversão de todos os inimigos de anteriores encarnações em amigos ou, pelo menos, em admiradores e, destarte, eliminou totalmente sua assistência negativa pela barganha do ódio pelo amor fraterno. Portanto, Jesus não exagerou, quando aconselhou que se amassem aos inimigos, de vez que, com suas provocações, nos ajudam a evoluir! (Mt. V, 44; Lc. VI, 27).

De fato, vencida a fase de obtenção do perdão e da conquista da simpatia dos inimigos, Jesus pôde contar com integral apoio de uma assistência positiva, constituída por inimigos convertidos em admiradores e por todos os amigos de anterior encarnação, com compromisso de assisti-lo no cumprimento de sua arriscada missão, em territórios nos quais não havia liberdade religiosa!

Em face da rígida disciplina à qual se submeteu com inabalável determinação, da renúncia e do amor ao próximo exemplificados pelo Mestre para a consecução de seus alevantados ideais, qual o médium que, por mais bem dotado que seja, poderá alimentar a veleidade de exercer impunemente sua mediunidade, sem prévia “iniciação” e, por conseqüência, destituído da proteção de Espíritos suficientemente esclarecidos e com capacidade para assumir o encargo de resguardar suas faculdades? E se, porventura, qualquer crença ou religião pretender, na atualidade, “desenvolver” seus médiuns, depois de prévia “iniciação”, como poderá alcançar tão difícil objetivo numa época conturbada pelo agnosticismo, pelo erotismo, pelo egoísmo e pela agressividade?

Entretanto, sem prévia “iniciação”, o médium que, por conta própria, deliberar exercer a mediunidade, fa-lo-á lamentavelmente iludido por um inimigo disfarçado em “Espírito desenvolvedor”, não obstante ser um dos partícipes de sua “assistência negativa”; e, exatamente, aquele que, pelos sofrimentos que lhe causam, em incógnita Espiritopatia, levaram-no a buscar socorro numa das muitas instituições onde, mais por ignorância do que por má fé, se finge “desenvolver” médiuns incautos! Mas, o pior será que, em vez de o médium “em desenvolvimento” obter o equilíbrio da saúde e paz de Espírito, ao fim de pouco tempo sofrerá piora da saúde e agravação da ansiedade e da angústia, com sintomatologia e síndromes que se lhe exacerbaram desde que ingressou no “grupo de desenvolvimento”. Na verdade, o médium, por sua ingenuidade, antes de corrigir-se moralmente, para poder sintonizar as vibrações de seu perispírito com as do perispírito de autêntico “Espírito desenvolvedor”, sintoniza-as com as de solerte Espírito “caçador de fluidos vitais”, que tanto pode levá-lo ao depauperamento, à tuberculose, como causar-lhe lamentável “neurose de angústia por Espiritopatia”, ou arrasá-lo com violenta “psicopatia por Espiritopatia”, fatos que comprovei nas sessões experimentais da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, que duraram de 1965 a 1971.

Todavia, para coibir o descalabro — fruto duma época de torpe sibirismo — o Neo-espiritismo eliminou o “desenvolvimento” da mediunidade, exceção feita para os casos em que é exequível prévia “iniciação”, e revelou o mecanismo da prática da mediunidade pela oração e pelo trabalho.

Aliás, para evitar dúvidas, devo frisar que todas as novidades consignadas, neste artigo, a respeito do profeta nazareno, em particular, dos médiuns em geral e das diversas práticas da mediunidade, constituem autênticas revelações que, durante anos consecutivos, me foram feitas, em nome de Jesus, por uma plêiade de Espíritos superiores com a missão de acelerar a evolução dos Espíritos terrenos, não só encarnados como desencarnados.

Sem embargo, um fato deverá ficar evidente desde já. Dentre outras vantagens, a prática da mediunidade pela oração ou pelo trabalho isenta o médium de ser ilaqueado em sua boa fé, além de dar-lhe oportunidade de amparar a um número muito superior ao dos sofredores que poderia socorrer com a “incorporação” e conseqüente psicofonia. Portanto, sobre não correr nenhum risco, o médium onerado com vários cargos ou encargos, não precisa omitir a prática da mediunidade. Mas é óbvio que, para obter êxito, seja na mediunidade pela oração, seja na mediunidade pelo trabalho, o médium deverá lutar, pertinazmente, em primeiro lugar, pelo seu aperfeiçoamento moral e converter em amigos os Espíritos inamistosos que ainda guardam mágoas dos atritos havidos em anteriores existências, tal qual ensinou e exemplificou o Mestre Jesus, no trato com seus adversários desencarnados.

De resto, somente quando seus sentimentos, pensamentos, palavras e atos receberem o beneplácito da voz de sua consciência — que é mensagem telepática de seu Mentor, dono de seu destino — somente então, repito, o candidato à prática da mediunidade poderá contar com a reconciliação dos inimigos de anteriores encarnações e nutrir esperança de aplacar o assédio de seus credores, porquanto é da Lei que cada qual está obrigado a pagar suas dívidas “até o último centavo” (Mt. V, 26).

O fato é que, com diárias orações, nas quais o médium devedor ofertará ao seu Mentor uma quota do fluido de sua mediunidade, a fim de que, a seu critério, o respeitável Protetor, por sua vez, reparta com os Mentores dos inimigos do médium uma porcentagem de fluidos suficientes para fortalecê-los e dar-lhes oportunidade de colaborarem nas doutrinações de credores vingativos, o médium devedor, com a doação de fluidos feita juntamente com a prece e com a intercessão de seu Mentor, exercerá a mediunidade pela oração, tão útil ou mais do que as restantes formas de mediunidade! Dessa maneira, o médium, sem necessidade de entrar em “estado de transe mediúnico”, elidirá, um a um, todos os Espíritos de sua “assistência negativa”, sempre propensos a atraí-lo com mistificações e agravações de suas provações. Ora, livre dos inimigos de anteriores encarnações, o médium poderá atuar com maior eficiência e amparar, em suas orações devocionais, imenso número de Espíritos sofredores, por ele conhecidos apenas de ouvida, os quais, desde que desencarnaram, nunca receberam, sequer, um sentimento afetuoso de caridade, nem, ao menos, um pensamento encorajador, estimulando-os a lutar, despojados do corpo físico, em favor de seu Espírito eterno, que é o verdadeiro homem!

Fácil de praticar, a mediunidade pela oração depende, apenas, da eliminação das fraquezas morais, máxime dos vícios, de poucas palavras, articuladas ou não e de sincero sentimento filantrópico de “fazer o bem, sem olhar a quem”.

De resto, à guisa da mediunidade pela oração, a mediunidade pelo trabalho, discreta e fácil de praticar, depende, apenas, da determinação do médium em vencer-se a si próprio, de breves palavras, articuladas ou não, e de acrisolados sentimentos de amor ao próximo. Ambas poderão ser praticadas onde quer que compareça o médium na rotina de suas lutas consuetudinárias.

No que concerne à mediunidade pelo trabalho, vale ressaltar que, em todos os locais onde se exercem as mais diversificadas atividades humanas, há, sempre, ao lado dos encarnados, grande número de Espíritos desencarnados que não preencheram o número de “horas trabalho” prometidas antes da reencarnação, com o escopo de conquistarem mais rápida evolução. Perdidas as oportunidades, que, por displicência deixaram de trabalhar, os Es-

píritos relapsos, embora despidos do corpo físico, permanecerão presos à crosta da Terra, a aguardarem, por tempo indeterminado, o aparecimento de profissionais, dotados de sensibilidade mediúnica compatível com a deles e, também, desidiosos no cumprimento de seus deveres profissionais, a fim de juntar-se a um deles e incrementar-lhe o desejo de maior dedicação ao trabalho, de molde a sentir-se aliviado da tortura do remorso pelo tempo malbaratado durante a encarnação!

Dessa forma, lucra o Espírito desencarnado, porque, amparado e fortemente estimulado, deliberou esforçar-se para conquistar “bônus trabalho” e, dessa forma, obter maior evolução; lucra, outrossim, o Espírito encarnado, porque, ao mesmo passo que anula as dívidas oriundas da ociosidade de antanho, põe em prática a lei da fraternidade, soerguendo um irmão desencarnado infenso ao trabalho inerente ao plano espiritual no qual vegetava.

Côncios da existência de um plano espiritual, organizado por Espíritos relativamente evoluídos em todos os locais de trabalho, o operário, o técnico, o doutor ou o professor que, diariamente, antes de iniciar suas atividades, fizer sincera oração suplicando ao seu Mentor a caridade de designar um profissional que esteja espiritualmente em condições de orientá-lo em suas respectivas tarefas, jamais se arrepende dessa atitude. De fato, com tal procedimento, o trabalhador, seja ele proletário ou plutocrata, trabalhará assistido por Espíritos que, além de inspirá-lo no aperfeiçoamento do trabalho, esforçar-se-ão para recomporem seu perispírito e, *ipso facto*, protegem o sistema nervoso; lutarão, outrossim, para evitar o assédio de Espíritos “caçadores de fluidos vitais”, esparramados no seio de toda aglomeração humana e que o esfalfariam em desproporção com o esforço feito no trabalho, ao passo que, com prévia oração proferida, não só em favor de seu Mentor como em benefício dos Mentores de todos os Espíritos lá estacionados, o trabalhador ou o intelectual, por mais que trabalhem, mais refeitos e bem dispostos sentir-se-ão ao findar o dia de labuta!

Em resumo: com a oração pelo trabalho, o lidador, médium ou não, não só se protege como ajuda a evolução de um número de Espíritos necessitados muito maior do que poderia fazê-lo com qualquer outra forma de mediunidade! Portanto, diante do que ficou esclarecido e em face da presente conjuntura mundial, que impede autêntica “iniciação”, não se pode negar que o Neo-espiritismo veio descortinar novas perspectivas para os médiuns frustrados e oferecer-lhes melhores oportunidades para o exercício de suas faculdades! Donde se colhe que o Neo-espiritismo, com a mediunidade pela oração e a mediunidade pelo trabalho, veio intensificar e reforçar o intercâmbio entre Espíritos encarnados e Espíritos desencarnados.

Contudo, constatado o desinteresse dos líderes espíritas pela Nova Revelação, destinada a enriquecer a revelação kardequiana com valiosos conhecimentos concernentes ao mecanismo da justiça divina e, sobretudo, ao desti-

no dos Espíritos, não só durante a encarnação como após a desencarnação, os Mestres que, em nome de Jesus, m'a revelaram não se conformaram que a nova filosofia religiosa, ligada à Ciência e, especificamente à Medicina pelo estudo das Espiritopatias, permanecesse, por mais tempo, sufocada pela "conspiração do silêncio" e, por isso, ordenaram-me que a apartasse do Espiritismo e fundasse o Neo-espiritismo, fato que ocorreu em 8 de abril de 1972, conforme consta da Ata da Assembléia Geral dos fundadores.

Aliás, para valorizar o Neo-espiritismo, que nasceu unido à Medicina, bastariam as centenas de "observações armadas" efetuadas durante um quinquênio, em sessões experimentais hebdomadárias, não só com um grupo de médiuns da SEPE selecionados por sua excepcional sensibilidade mediúnica, aliada a perfeito estado de saúde mental e corporal e até com bisonhos curiosos, que lá compareciam para verem doenças provocadas pela "atuação" de Espíritos sofredores ou obsessores, conforme as que figuram na *Bíblia* e que foram por mim denominadas, desde 1949, Espiritopatias clínicas, causadas por Espíritos sofredores, Espiritopatias psíquicas, provocadas por Espíritos obsessores e subdivididas em Espiritopatias obsessivas e Espiritopatias possessivas. Noutros termos: Espiritopatia por doença funcional, Espiritopatia por obsessão e Espiritopatia por possessão.

Na verdade, se os médicos colocassem de lado a vaidade profissional, e se libertassem dos preconceitos de classe, e buscassem a verdade pela verdade, certamente já teriam entrevisto, em numerosos quadros clínicos e psiquiátricos, sintomas enigmáticos que modificam os padrões nosológicos e desafiam a etiologia clássica com manifestações esdrúxulas, de caprichosa evolução, além da rebeldia com que resistem aos mais poderosos recursos terapêuticos; e, não raro, cedem prontamente à intervenção de modestos curandeiros, porque não ignoram que Espíritos sofredores ou obsessores podem atuar sobre o organismo humano e causar surpreendentes distúrbios e esquisitas moléstias, que não cedem senão à oração e à força moral de criaturas devotadas à caridade, as quais conseguem realizar o desligamento dos Espíritos patogênicos, libertando suas vítimas.

Em face do exposto, urge que a Medicina rompa a cadeia do materialismo ateu e siga as pegadas de Jesus, o médium curador por excelência.

Somente assim os médicos compenetrar-se-ão de que, acima de profissionais, são beneméritos sacerdotes, que velam não só pela saúde como pela própria vida humana; e, cientes da realidade das Espiritopatias, aprendam a fazer o diagnóstico diferencial entre uma doença causada por microrganismos ou vírus e uma enfermidade provocada pela sintonização dos sentimentos negativos do paciente com os sentimentos deteriorados do Espírito que se lhe apegou!

Com tamanho progresso, a Medicina ampliará os seus quadros nosológicos, o esculápio será médico do corpo e do Espírito e, no exercício de sua profissão, terá sempre presente em sua consciência as maravilhas que, pela pureza de seus sentimentos e pelo seu entranhado amor fraterno à humanidade, Jesus pôde nos herdar por toda a eternidade!

JESUS PRESERVAVA SEUS FLUIDOS

Em artigos anteriores, desvinculei, a bem da verdade, Jesus de Nazaré do messianismo israelita e, conseqüentemente, do mosaísmo com o qual solertes teólogos arduosamente o imiscuíram, para salvaguarda de interesses inconfessáveis; e fi-lo não só para restabelecer a verdade histórica acerca do supremo Mestre, como para exaltar a fascinante personalidade do admirável iniciado essênio, cuja espinhosa missão, embora traiçoeiramente interrompida nas primícias de suas pregações, deixou marcas indelévels com seu altiloqüente Sermão da Montanha.

De resto, escorado na própria *Bíblia*, que, a despeito de suas antinomias e, até, de erros grosseiros, permanece acatada como escritura sagrada, despojei o venerado Mestre nazareno da fictícia divindade com a qual o exornaram, sem atentarem que, ao encarnar, seu objetivo era implantar, na Terra, o amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Entretanto, inesperadamente frustrado em face da recalcitrância da maioria dos Espíritos encarnados, ocultamente estimulados por incontáveis Espíritos desencarnados, Jesus, com sua palavra e com seu exemplo, não conseguiu alijar de nosso planeta o fratricídio, a crueldade, a vingança, nem a corrupção moral!

Contudo, se Jesus fosse Deus e, por conseqüência, infinitamente poderoso, bastar-lhe-ia querer para que toda a humanidade instantaneamente se aperfeiçoasse, pois quem do nada fez tudo, do que está criado poderá fazer coisa melhor.

Donde se colhe que a pretensa divindade de Jesus, sobre constituir anacrônico retrocesso ao politeísmo, ainda tornaria de todo em todo irrelevante seu heróico sacrifício na cruz, de vez que, como Deus, ele só sofreria se o desejasse e, desejando, identificar-se-ia como masoquista, hipótese em que seria um anti-Deus!

Mas, como Jesus não é, nem nunca disse que era Deus, revelando-se, nada obstante, Espírito missionário a serviço da humanidade, não se lhe pode increpar a mínima responsabilidade pelo lamentável fracasso de seu alcandorado objetivo. Com efeito, a culpa não foi de quem ensinou e exemplificou, mas dos que, até hoje, não lhe seguiram, nem lhe seguem as pegadas, preferindo optar pelo charco das mais torpes paixões, sintonizados com Espíritos caçadores de fluidos vitais, sôfregos de reviverem sensações carnis mediante a adaptação ao sistema nervoso de suas vítimas.

Sem embargo, a imantação entre algozes e vítimas só se processa quando, entre ambos, há afinidade de sentimentos, porque, acima de tudo, prevalece a sábia e amorosa justiça divina.

Outro fato a assinalar é que nenhum Espírito terreno, esteja ele encarnado ou desencarnado, possui capacidade mental, nem nenhum sentido específico para conceber, exatamente, como é Deus. Contudo, os Mestres do Neo-espiritismo, que m'os revelaram, admitem que o Criador é o Fluido Vital Universal, presente, em diferentes níveis de sublimação, em toda a criação e, na Terra, nos cinco reinos da natureza — no reino mineral, no reino vegetal, no reino animal, no reino hominal e no reino espiritual, que é o maior de todos!

Onisciente e onipotente, o Criador não só governa o Universo, que criou, com as sapientíssimas leis que formulou, algumas já reveladas à Ciência terrena, como mantém a harmonia de toda a Criação.

Consciente ou inconscientemente, os Espíritos encarnados e os Espíritos desencarnados nos mais díspares níveis de evolução, estão sujeitos, em todas as suas onímodas atividades, a leis naturais, todas de origem divina; e — com prevalência da fraternidade, que também é lei divina, enquanto geniais cientistas, intuitivamente inspirados por doutos Espíritos protetores, descobrem novas leis naturais e fazem sensacionais descobertas científicas — outras criaturas, muitíssimo mais numerosas, embora iletradas, merecem orientação por Espíritos competentes, que as induzem a aplicar empiricamente leis naturais que lhes assegurarão, por exemplo, farta colheita do solo fertilizado, quando não as levam a tirar bom proveito noutra qualquer campo de trabalho.

De toda maneira, nos fenômenos naturais oculta-se a atuação de incontáveis Espíritos desencarnados, que, por simpatia, orientam e ajudam telepaticamente os Espíritos encarnados, isto é, os homens, em todas as suas iniciativas. Por isso, quando há merecimento perante Deus, os fenômenos naturais podem responder positivamente às orações que se lhes dirigem. Aliás, o fenômeno poderá ser constatado em mil oportunidades, como, por exemplo, na debelação duma epidemia, máxime se as vítimas, paupérrimas e privadas de assistência médica, confiam humildemente na misericórdia divina e suplicam socorro aos Espíritos protetores especializados na desmaterialização de micróbios e de vírus! E não é só. A interferência, dos Espíritos desencarnados estende-se, sem dúvida, aos animais em geral, dependendo, é óbvio, da sinceridade da oração feita em seu favor. Caso curioso é a cura das bicheiras, cujas larvas vão caindo à medida que o rezador profere a jaculatória!

Além disso, o trabalho de ex-habitantes deste mundo não se efetua, apenas, no reino hominal e no reino animal — realiza-se, outrossim, no reino vegetal. De fato, a radiação da oração fortalece os Espíritos que estão trabalhando nas plantas e, por consequência, incrementa o crescimento dos vegetais, desenvolve a floração, apressa e multiplica a frutificação!

Tudo que foi referido se explica pela valiosa ajuda prestada pelos Espíritos socorristas de seus irmãos encarnados, de diferentes animais e da

cooperação de numerosíssimos Espíritos que labutam nos vegetais, do mais mínimo espécime à mais colossal árvore da floresta virgem. No fundo, todos estão interessados seja no “fluido hominal”, seja no “fluido animal”, seja no “fluido vegetal” — fluidos esses que, consoante a evolução dos Espíritos desencarnados, lhes serve de alimento, porquanto são, todos, **fluidos de vida**, emanção de Deus!

Diante do exposto, fica evidente que, dirigida diretamente aos Espíritos que assumiram, perante seus Mentores, o compromisso de zelarem por diferentes setores da natureza, a oração surtirá maior e mais rápido efeito sobre os homens, sobre os animais e sobre as plantas. Ainda mais: se houver excepcional merecimento de quem reza, a oração, por intermédio dos Espíritos que controlam, dentro de certos limites, muitos fenômenos meteorológicos, poderá provocar ou sustar copiosa chuva!

Como se infere, um número colossal de Espíritos que, encarnados, habitaram a Terra, desencarnados e orientados por Mentores diligentes, cooperam com o Criador, trabalhando em diferentes planos da natureza — verdade afirmada pelo Neo-espiritismo.

De resto, a resposta de antigos habitantes deste mundo, que, em atendimento a fervorosas orações modificam fenômenos naturais, destroça o materialismo monísta e confirma, com a prova da sobrevivência, a autenticidade do espiritualismo — fonte de todas as religiões e filosofias religiosas existentes. E, por incrível que pareça, se perduram dúvidas e escárnio, a culpa é dos suspeitos exegetas do *Velho Testamento*, que, durante séculos, impuseram, com torturas e fogueiras, a hegemonia de cruel Deus antropomorfo, repellido pelo coração e pela razão! Contudo, para gáudio de toda uma juventude transviada e angustiada e duma humanidade perplexa em face da trágica perspectiva de pavorosas catástrofes, resta o consolo do Deus revelado por Jesus de Nazaré, cuja justiça, condicionada à sábia lei de causalidade moral, se inspira no amor universal!

Entretanto, é profundamente lamentável que, ao arrepio dos esclarecimentos trazidos pelo profeta nazareno, teólogos bitolados, incapazes de vislumbrarem o verdadeiro Criador muitíssimo acima da mesquinha concepção do *Velho Testamento*, houveram por bem proclamar a “morte de Deus”! E, como se não bastasse, astuciosos sacerdotes filomarxistas metamorfosearam o pacífico Mestre galileu em agressivo “agitador social”! Mas, apesar de tudo, sempre lutei, e continuarei a lutar, para incrementar o amor e a veneração ao iluminado Espírito missionário. Além disso, esforçar-me-ei para difundir a conceituação formulada pelo Neo-espiritismo no que tange à repartição dos Espíritos em numerosos planos, organizados por Mestres especializados e localizados em diversos setores de nosso planeta.

No interregno entre uma e outra encarnação, os Espíritos, de acordo com seus méritos e deméritos, poderão ascender a planos de maior felicidade ou permanecerem, até sua correção, em planos purgatoriais ou infernais!

E um fato é certo: somente Espíritos retardatários no ciclo da evolução permanecem inativos, desprovidos de nobilitantes aspirações ou, pior ainda, voltados exclusivamente para a prática do mal.

Por outro lado, nenhum habitante da Terra, esteja ele encarnado ou desencarnado, nunca está sozinho: todos estão em ininterrupto contato com Espíritos de diferentes categorias, amigos uns, inimigos outros, todos sintonizados entre si pela afinidade dos sentimentos. Tudo de acordo com uma lei moral, que reflete, no estado vibratório do perispírito — orla semimaterial protetora do “corpo espiritual” — a simpatia, que atrai, ou a antipatia, que repele. Como se vê, um caso particular de uma lei geral — a lei da atração universal.

Como é fácil concluir, para melhorar a assistência que o rodeará após a desencarnação, cada Espírito encarnado deverá melhorar as vibrações de seu perispírito, mediante a sublimação de seus sentimentos, de modo que não haja mais a possibilidade de sintonização entre ele e os maus. Em se tratando, no entanto, de Espíritos mutuamente faltosos, o desligamento definitivo só se processará se, além do esforço em prol de seu aperfeiçoamento, o Espírito que deseja progredir suplicar diariamente o apoio de seu Mentor para sua luta íntima, além da colaboração dos Mentores dos Espíritos inimigos, dos quais pretende desvincular-se. Desta forma, ele evolui e é admitido noutra plano espiritual hierarquicamente mais elevado e, simultaneamente, resgata dívidas morais de anteriores encarnações, ao mesmo passo que ajuda antigos desafetos a conquistarem maior evolução e, por conseqüência, maior felicidade. É a lei da fraternidade em ação, sob a égide dos Mentores dos Espíritos em equação!

Em verdade, o Mentor, abnegado protetor, parente ou amigo de anterior encarnação, assume perante os Senhores do Carma — intérpretes da justiça divina e planejadores dos destinos humanos — o grave compromisso moral de velar pelo cumprimento do destino de seu protegido, não só durante a encarnação como depois da desencarnação, até a preparação para nova encarnação, época em que outro Mentor assume o posto. Vale dizer que, em virtude da responsabilidade assumida, em quaisquer conjunturas, é ao Mentor que, em primeiro lugar, se deve suplicar socorro, porquanto é ele que, com prioridade, delibera se a súplica feita na oração pode ou não ser atendida!

Outro fato que deve ser ressaltado é que todos os Espíritos encarnados, ainda que não sejam dotados de mediunidade ostensiva, nunca deixam de possuir intuição, mediunidade tão discreta quanto valiosa, não só pelas oportunidades de amparo espiritual que oferece aos seus possuidores, como pelas orientações espirituais que ensinam em todos os campos do conhecimento humano. Com efeito, por intermédio da intuição, são transmitidos todos os conceitos que originam, como hipótese de trabalho, a formulação de novas leis científicas e, também, as idéias para a descoberta de tudo que a Ciência realiza em benefício da humanidade!

Lamentavelmente, o ritmo do progresso científico é retardado pela vaidade da maioria dos sábios, que, com repelirem, *a priori*, a hipótese da inspiração dada por Espíritos cientistas, julgam-se donos das “hipóteses de trabalho” que, de repente, sem premissas e sem raciocínio, lhes iluminaram o Espírito e, confirmadas *a posteriori*, deram-lhe inesperadas descobertas, enquanto os inventos desejados permaneceram frustrados!

Como se conclui, a mediunidade, em conjunto, é polivalente. Se, por um lado, serve de instrumento à manifestação dos Espíritos, com comprovação da sobrevivência dos ex-habitantes deste mundo e demonstração da imortalidade do Espírito, por outro lado, de acordo com os sentimentos do médium, pode tornar-se instrumento para hetero e, até, para automistificações! Donde se colhe que, para ser autêntica e de inestimável valor, é imprescindível que haja probidade e humildade no médium, a fim de que ele possa contar com a assistência permanente de Protetores de elevada hierarquia. Caso contrário, o médium, cercado de Espíritos infensos ao auto-aperfeiçoamento e que, por isso, conservaram, no perispírito, as sensações do corpo físico, acaba apresentando o quadro clínico da doença que causou o óbito do Espírito que, por afinidade de sentimento, com ele pôde ligar-se. Nesta hipótese, a doença do médium é “atuação espiritual”, ou, melhor, Spiritopatia, conforme denominei, há dois decênios, essa categoria de enfermidade; e aos Espíritos que a provocam qualifiquei de “caçadores de fluidos”, porque, ao se imantarem aos encarnados, o que eles visam, acima de tudo, é fortalecerem-se com o fluido vital roubado de suas vítimas, para desfrutarem efêmeras sensações carnis!

Ora, espoliados os médiuns de copiosa quota de fluido vital, quebra-se-lhes a imunidade e manifesta-se-lhes uma doença qualquer, acoplada com recalcitrante Spiritopatia.

Eis a razão por que todo médium “iniciado” é muito zeloso por seu fluido vital. Com isso ele preserva a saúde e conserva, no perispírito, uma quota de fluido vital suficiente para o exercício da mediunidade. O exemplo está patente no caso da mulher metrorrágica. Comprimido por uma multidão de enfermos à espera de cura, Jesus nem a enxergou. Mas a afoita hemorrágica insinuou-se no seio da massa popular e, abordando o Mestre, por costas, apenas tocou-lhe na fímbria da túnica. Imediatamente estancou-se-lhe a hemorragia uterina (Lc. VIII, 44). Evidentemente quem a curou não foi Jesus, o qual nem a viu. Foi, sem sombra de dúvida, o Mentor de Jesus — único Protetor com credenciais perante os Senhores do Carma para transportar do perispírito do Mestre para o perispírito da paciente a quota de fluido vital necessária à instantânea hemóstase!

Mas, apesar de viver rodeado por uma plêiade de protetores encarregados de resguardarem sua valiosíssima radiação curativa, o Mestre, mal sen-

tiu a característica sensação de perda de fluido, interpelou os circunjacentes: “Quem me tocou?” Pedro, adiantando-se aos demais, deu-lhe uma resposta evasiva. Insatisfeito, Jesus obtemperou-lhe que havia perdido fluido e, precavido, procurou identificar a pessoa felizarda que se beneficiara com uma quota de seu fluido. E só se tranqüilizou quando analisou a assistência espiritual da metrorrágica e se convenceu de que a caridade fora resolução de seu Mentor!

O caso focalizou excepcional iniciado essênio, que, depois de desencarnado, se tornou o líder religioso do planeta.

Em se tratando, porém, de médiuns despídos de “iniciação”, é preciso frisar que a mediunidade autêntica exige sincero desejo de aperfeiçoamento moral, aliado à espontânea deliberação de renunciar a efêmeros prazeres que debilitam a mediunidade. Possuidores desses méritos, os médiuns serão galardoados com a proteção de Espíritos devotados à caridade, os quais principiarão por enfraquecerem os vínculos perispirituais de seus protegidos com os Espíritos sofredores por eles prejudicados em anterior encarnação ou, mesmo, na atual existência. Caso contrário, os que desencarnarem primeiramente tentarão vingar-se dos que continuarem encarnados. Numa ou noutra hipótese, o que está em equação é a violação da lei da fraternidade, ressaltada por todos os Mestres, máxime por Jesus de Nazaré, líder religioso de nosso planeta.

Além disso, a justiça divina está decalcada numa lei de causalidade moral pela qual cada um colhe o fruto da árvore que plantou ou, noutras palavras, depois da desencarnação, cada Espírito recebe o troco dos sentimentos que acalentou, dos pensamentos que emitiu e das ações que praticou, tudo agravado por incessantes acusações daqueles a quem prejudicou. Aliás, não é lícito o afastamento compulsório dos Espíritos credores antes que os devedores lhes paguem as dívidas morais até a última falta contra eles cometida!

Sem embargo, com sincero arrependimento e diárias orações, o prazo do resgate das dívidas morais poderá ser abreviado para felicidade dos devedores e satisfação dos credores. Contudo, para que haja maior eficiência da oração é imprescindível que o apelo do Espírito encarnado devedor seja antecipado com o pedido de proteção ao seu Mentor, único protetor credenciado perante as leis divinas para intervir nos problemas concernentes ao destino de seu protegido. Outrossim, é indispensável que o Espírito devedor implore a intercessão dos Mentores dos Espíritos que outrora prejudicou com atos e palavras e, no presente, torturado pelo remorso, busca lenitivo na oração.

Outro fato, que merece lembrado, é que o fluido vital é sagrado patrimônio individual, que se empresta na prática da mediunidade, mas que se recebe, integralmente restituído, depois da desencarnação do médium que o doou e dos enfermos que o receberam de empréstimo no ato da cura. Todavia, quando o fluido vital é roubado do perispirito de um indivíduo qualquer,

médium identificado ou ignorado, que, por seus condenáveis sentimentos, sintonizou-se com Espíritos “caçadores de fluidos vitais”; ou quando, à mínima de proteção, a usurpação é feita indiretamente nos objetos de uso pessoal da vítima visada, as futuras conseqüências poderão ser desastrosas, porque, com os vínculos fluídicos estabelecidos, se fortalece o assédio dos Espíritos inimigos e dificulta-se o progresso dos faltosos arrependidos, que lutam para libertarem-se de seus algozes.

Por outro lado, nos locais de “curas milagrosas”, como a gruta de Lourdes, embora não haja a presença de nenhum médium curador, congregam-se inúmeros Espíritos curadores que, quando estiveram encarnados, não utilizaram, na prática da caridade, a quota de fluidos curativos que, desde as primícias da vida embrionária, receberam no perispírito de sua última encarnação. Resultado: desencarnados, viram-se com o perispírito saturado de fluidos curativos e sentiram-se presos à superfície da Terra e compungidos pelo remorso de não os haver empregado na cura de muitos doentes. Por isso, na tentativa de repararem a displicência e libertarem-se de ínfimo plano terreno, os Espíritos curadores, que foram médiuns relapsos, procuram sofregamente oportunidades para doarem o valioso patrimônio que, por preconceito ou por tibieza, conservaram em seu perispírito.

Entretanto, para que ocorra a “cura milagrosa”, não basta que o médium curador, assistido por Espíritos curadores, ou que os Espíritos curadores destituídos do concurso do médium, desejem realizá-la, nem que o doente implore a Deus a sua cura. É fundamental que o paciente mereça ser curado, porque, em tudo que concerne ao destino humano, prevalece, irremovivelmente, a lei do carma, isto é, a lei de causalidade moral, pela qual cada um recebe o que merece. Daí a razão por que, nos ambientes de “curas milagrosas”, procurados por muitos doentes, poucos se curam e a maioria se decepciona, apesar da máxima boa vontade que possa haver para curá-los incontinenti.

De resto, destinados como são à prática da caridade, é dever de todo médium a preservação de seus fluidos vitais, evitando, com um comportamento exemplar, a sintonização com Espíritos “caçadores de fluidos”; cuidado que deverá ser redobrado quando se trata de fluidos curadores, exatamente os que consagraram o edificante ministério de Jesus a ponto de elevá-lo ao glorioso posto de líder religioso de nosso planeta!

JESUS E AS RADIAÇÕES HUMANAS

Jesus reuniu, ao profundo conhecimento do mundo espiritual adquirido com os Mestres essênios do Qumrân, maravilhoso conjunto de mediunidades, que o colocavam em constante contato com Espíritos de elevada hierarquia.

Embora incompreendido até hoje, o iluminado profeta galileu foi, sem sombra de dúvida, o mais perfeito emissário dos veneráveis Espíritos que governam o nosso planeta e trouxe, como missão, a fundação de nova religião com revelação de preciosas verdades divinas. E, com certeza, nenhum dentre os fundadores de religião, que o precederam ou que o sucederam, se lhe tenha equiparado até hoje na potência da mediunidade curadora.

É óbvio que, quando digo mediunidade curadora, não me refiro às que dão ensejo a curas banais, que qualquer médium bem intencionado poderá efetuar: específico mediunidade raríssima, que, além de excepcionais predicados morais, exige do médium decidida renúncia aos prazeres efêmeros da vida terrena, inclusive abstinência sexual, porque poupa fluido vital do sistema nervoso, o que dá não só maior vigor ao organismo, como economiza fluido curador no perispírito, ambos imprescindíveis ao *processus* da cura mediúnica.

Em compensação, nessa categoria de mediunidade, as curas são tão assombrosas pela gravidade das lesões debeladas, como maravilhosas pela instantaneidade da regeneração dos tecidos dos órgãos deteriorados por doenças consideradas irreversíveis pela Ciência!

Sem embargo, mais do que para a prática da caridade, a finalidade dessas curas “milagrosas” é alertar a classe médica no que concerne à atuação dos colegas desencarnados com o concurso de um médium curador, mercê da existência de leis biológicas ainda desconhecidas, mas que, descobertas, revolucionarão a Medicina do futuro!

Aliás, em face dos infinitos enigmas da natureza, ainda que considerados restritamente no que tange ao nosso pequenino planeta, o verdadeiro sábio, à maneira de Sócrates, só sabe que nada sabe!

Todavia, posto que não ignore a minha imensa ignorância, afirmo com a máxima convicção todas as verdades que, durante anos, aprendi com os Espíritos missionários que me revelaram o Neo-espiritismo. Dentre elas, destaca-se a revelação de que cada modelo de mediunidade, ainda que coexistam várias no mesmo médium, depende duma radiação perispiritual específica, oriunda do mundo espiritual e absorvida pelo perispírito do feto, com gradativa expansão sobre o córtex cerebral e o diencefalo, desde as primícias da vida intra-uterina.

Na verdade, a mediunidade representa, para o médium, valioso empréstimo feito pelos Senhores do Carma, os quais, além de planejarem o corpo físico do candidato à encarnação, traçam-lhe o destino atentos à lei de cau-

salidade moral, que avalia os méritos e os deméritos de anteriores existências, encadeando as vidas encarnadas com as desencarnadas, de vez que não há solução de continuidade na responsabilidade moral do Espírito eterno, esteja ele encarnado ou desencarnado, porquanto, duma ou doutra forma, o Espírito está sempre em ação e a provocar a correspondente reação!

De toda sorte, o médium é um “aparelho” a serviço dos Espíritos bons ou maus, consoante os sentimentos de que está dotado. Na primeira hipótese, sintonizado com Espíritos devotados ao bem do próximo, será inestimável instrumento para a prática da caridade com maior evolução e felicidade para si; na segunda hipótese, sintonizado com Espíritos vingativos, será instrumento para maldades, com sofrimentos alheios e futuro remorso para si próprio...

Na realidade, os fluidos ou radiações do perispírito do médium já lhe asseguram, durante a encarnação, faculdades excepcionais, que os parapsicólogos empedernidos no monismo materialista atribuem ao inconsciente genético, mas que, em verdade, dependendo do padrão de evolução do Espírito, são atributos normais na vida de após túmulo.

Vale dizer que a “vidência” e a “audição” mediúnicas, em regra interpretadas como alucinações, são, muitas vezes, mais reais e verdadeiras do que a vidência e a audição proporcionadas, respectivamente, pelo órgão da visão e pelo aparelho da audição, sujeitos a leis físicas e a leis fisiológicas.

Da mesma forma, a telepatia, a clarividência, a precognição, a retrocognição e outros fenômenos atualmente abordados pela Ciência, com idéias preconcebidas, são apanágio de Espíritos desencarnados, que alcançaram elevado nível de evolução.

De toda maneira, porém, o homem, em geral, e o médium, em particular, retém, no perispírito, complexo “campo de força”, há séculos vislumbrado pelos médiuns videntes, mas, infelizmente, ainda não detectado, de modo decisivo, pela tecnologia científica. Daí a dúvida que impera nos círculos científicos a respeito do fluido vital ou força vital, outrora aceita pela Medicina e que, hoje, ainda constitui postulado fundamental da Doutrina Hahnemanniana. Todavia, não só pelo fato de aceitar, embora com restrições, a doutrina vitalista de Samuel Hahnemann, mas pela inabalável convicção que mais de quarenta anos de “observações provocadas” com numerosos médiuns me asseguram, estou absolutamente convicto da existência de diversas radiações humanas, provenientes do corpo espiritual e, particularmente, de sua orla exterior, que Allan Kardec denominou perispírito. Não importa que se lhes denominem “magnetismo animal”, com Mesmer; ou “força nêurica radiante”, com Baily; ou “força etênica”, com Thury; ou “antropoflux”, com Cazzamalli ou “corpo bioplasmático”, com os cientistas russos.

O que interessa é que, nas diversas formas de mediunidade, constata-se, com fatos objetivos, a presença de energias exteriorizadas do organismo, ou, melhor, do corpo espiritual do médium. O mesmo pode ocorrer com autênticos hipnotizadores, atualmente raríssimos, porque foram escorraçados pela classe médica, mas cuja “radiação específica” pode atuar, sem prévio condicionamento e, até, contra a vontade do “sensitivo”. O hipnotizador pode, inclusive, hipnotizar, com a emanção que lhe escapa pelos olhos, animais de diferentes espécies. James Esdaille, que, dentre os médicos, foi o mais destemido mesmerista, podia hipnotizar, com a maior facilidade e sem a mínima sugestão, até pacientes que, no momento, ignoravam sua atuação. Duma feita, chegou por costas de um paciente, sem ser visto, nem pressentido, colocou-lhe as mãos espalmadas sobre a cabeça e fê-lo entrar em transe tão profundo que nada sentiu durante dolorosa intervenção cirúrgica. Doutra vez, um jovem paciente hospitalizado, com os olhos previamente vendados, fora, também, hipnotizado, sem o pressentir, com passes magnéticos, dados a distância. Por outro lado, é sabido que La Fontaine — o mesmo que convenceu James Braid, considerado fundador do hipnotismo científico — hipnotizou o leão do Jardim Zoológico de Paris e, diante de testemunhas insuspeitas, meteu a mão na boca da fera, sem que ela pudesse reagir.

Nesses casos, não houve condicionamento, nem sugestão: houve somente emissão duma radiação específica contida no perispírito de todo autêntico hipnotizador, que não confunde hipnose com relax.

Embora diferente, na mediunidade curadora, é uma radiação específica do médium curador que, aproveitada por Espíritos desencarnados, efetua a cura supranormal. Nem Jesus escapou à regra. Por isso, quando desejava curar, “tocava” os enfermos, doando-lhes, com ajuda de seus protetores, uma quota de fluido vital. E, quando não os “tocava” havia justificativa porque a causa da enfermidade era outra — atuação de Espíritos sofredores ou, pior, de Espíritos obsessores; numa palavra: **Espiritopatia**. Nesta hipótese, com a força moral de autêntico Mestre e a colaboração de inúmeros Espíritos que, solícitamente, o assistiam em sua missão terrena, bastava-lhe ordenar a retirada dos Espíritos responsáveis pela Espiritopatia, para que eles se vissem coagidos pelos Espíritos coadjuvantes do iluminado nazareno, a abandonar suas vítimas, as quais, rapidamente, readquiriam a saúde!

Entretanto, no caso da sogra de Pedro, acamada com infecção e febre, Jesus, aproximando-se da enferma, já assistida por vários Protetores, tomou-a pela mão e levantou-a do leito completamente curada! (Mc. I, 30-31). Também no caso do leproso, que, de joelhos, lhe rogou a cura, Jesus, com retificação da assertiva do evangelista, sem o mínimo contato corporal, de vez que a doença é contagiosa, estendeu-lhe as mãos, dedos inteiriçados, e curou-o imediatamente (Mc. I, 40-42).

Noutra ocasião, levaram-lhe um surdo e gago e suplicaram-lhe que lhe desse um passe. Jesus, como sempre, movido pelo mais puro sentimento de caridade, retirou-o do meio da multidão e, à parte, pôs-lhe os dedos nos condutos auditivos e tocou-lhe a língua com o dedo molhado em sua saliva; depois, erguendo os olhos para o céu, suspirou à guisa de solução e ordenou: Efatá! — que significa: Abre-te!

Incontinenti, abriram-se-lhes os ouvidos e se lhe soltou o empecilho da língua, passando a falar desembaraçadamente! (Mc. VII, 32-35). Neste caso, o fenômeno mediúnicamente está evidente. O “suspiro” foi brusca contração do diafragma, indício do controle da respiração pelo Protetor presente, precaução indispensável à “incorporação” e à psicofonia ou mensagem falada. Portanto, Jesus agiu irradiado ou, talvez, com incorporação de seu Mentor.

Quanto à utilização da saliva, embora chocante, foi aproveitamento de fluido vital, sempre presente em todas as secreções do médium curador.

Aliás, os essênios, que educaram e iniciaram Jesus, por sua iniciação tinham instruções a respeito da preservação de seus fluidos e, por isso, protegiam a saliva que cuspiam e enterravam suas dejeções. É de ver que Jesus, autêntico iniciado, sempre procedeu de idêntico modo. E se jamais mencionou as regras da iniciação essênica foi porque, apesar de não haver permanecido na comunidade, continuou preso a ela pelo “juramento de túmulo”, que marcava o término da iniciação e que interditava taxativamente a revelação dos segredos da seita.

Entretanto, como todo iniciado, Jesus conhecia a importância dos fluidos curadores retidos no perispírito, fluidos que, em mínimas porcentagens, se desprendem no momento de curar um enfermo, mas que, durante o sono, são compensados pelo Mentor do médium, responsável pelo cumprimento de seu destino.

A responsabilidade do médium em relação ao seu fluido curador ficou clara na cura da metrorrágica, a qual, ao tocar na fímbria da túnica de Jesus, fê-lo sentir horripilação com rápido tremor, característica sensação de perda de fluido vital, fato que ocorre com todos os médiuns dotados de grande sensibilidade, máxime em se tratando de fenômenos físicos.

De resto, ainda que se reputasse como falsa ou ilusória a sensação subjetiva, a existência do fluido vital encontra apoio em comprovações irrecusáveis. Contudo, é preciso atentar no fato de que a exteriorização dessa misteriosa radiação está sob o controle imediato do Mentor do médium, o qual supervisiona o destino de seu tutelado, quer esteja ele encarnado ou desencarnado, situação que se manterá até a próxima encarnação do protegido, época em que o Mentor será substituído por outro.

Na produção dos fenômenos físicos, a vontade do médium pouco influi, porquanto os fenômenos ocorrem, outrossim, ao arrepio de seu desejo. De sorte que a psicobolia dos parapsicólogos é pura fantasia!

Slade, médium e médico, coadjuvado por Espíritos, podia influenciar à distância duas ou mais bússolas, que, embora encerradas juntas na mesma caixa transparente acusavam campos magnéticos muito diferentes. Numa, o ponteiro girava lentamente, noutra, o ponteiro deu rápida volta no quadrante! Por outro lado, uma agulha de crochê, “contra a opinião do médium”, tornou-se fortemente magnetizada. E mais — apenas numa extremidade, com formação de polo sul! Os observadores eram notáveis cientistas: Weber, Scheibner e Zöllner. E é de notar que o fenômeno não ficava isolado: era cercado doutros, assombrosos. Entre eles, a ruptura de uma galeria de madeira, com tremendo estampido, embora estivesse distante do médium — fenômeno que, com contato, teria exigido força de um Hércules! Concomitantemente, havia mensagens em línguas desconhecidas pelo médium, em “escrita direta”, sem contato manual. O médium permanecia lúcido, normal, não cabendo a invencionice de **psicorragia**.

Com Stanislawa, Von Notzing constatou, mediante simples aposição das mãos, a distância, desequilíbrio dos pratos numa balança. De resto, num grupo de cinco bolas de celulóide, cobertas por uma campânula de vidro, cada bola podia deslocar-se, isoladamente, não pela vontade da médium, mas pelo desejo do pesquisador, atendido pelos Espíritos que provocavam o fenômeno!

Por outro lado, os Espíritos protetores do médium Home, em plena luz do dia e na residência do sábio inglês W. Crookes, pararam, sem contato físico, as oscilações de um pêndulo, encerrado dentro numa vitrina hermeticamente fechada e fixada à parede da sala! E mais: com Home, o médium, a deambular na sala, enquanto Crookes, o sábio, sentado, segurava um acordeão com as teclas voltadas para o soalho, os Espíritos que cooperavam com o afamado médium executaram, sem contato visível, uma melodia. Ora, música só músico toca.

De resto, no Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, Osty, mediante o emprego de raios infravermelhos e célula fotoelétrica, pôde comprovar a radiação emitida pelo médium Rudy Scheneider, durante o transe.

Além disso, Cazzamalli, juntamente com uma equipe de físicos, depois de ter isolado os médiuns numa câmara revestida de chumbo à prova de ondas hertzianas, numa tentativa para registrar as ondas cerebrais, ouviu, surpreso, além dos ruídos esperados, sons musicais e vozes humanas! Cabe, portanto, a Cazzamalli a primazia de haver registrado o pensamento dos Espíritos transformado em voz. Este fato que, a despeito da covardia de alguns cientistas, os quais, nesses últimos anos, tiveram a ventura de ouvir gravadas em fitas magnéticas virgens indubitáveis mensagens de parentes falecidos, vale como prova da sobrevivência do Espírito e da comunicação entre Espíritos desencarnados e Espíritos encarnados, independentemente da presença de médiuns!

De toda maneira, doravante, a Ciência não tem o direito de negar a sobrevivência, provada como está pelo intercâmbio entre Espíritos encarnados e Espíritos desencarnados; nem a existência do “fluido vital” apregoadado há séculos, pelos partidários do vitalismo, não obstante esteja presentemente ofuscado, por preconceito, pelo materialismo científico.

Sem embargo, com o progresso da tecnologia, não tardará que, ao arripio da colaboração dos médiuns, os Espíritos que, providos de corpo físico habitaram a Terra, provarão, não só sua sobrevivência, como sua permanência aqui mesmo, em nosso planeta, em inúmeros planos espirituais, localizados uns, no centro, outros, na superfície da Terra e a maioria na atmosfera, desde as camadas mais próximas da superfície do orbe até a ionosfera, onde se encontram os Espíritos superiores e, dentre eles, veneráveis Mestres, como Jesus.

Aliás, exceção feita para os cegos voluntários, que não vêem porque não querem ver, a sobrevivência, a manifestação dos Espíritos e a existência de radiações vitais e de diversos fluidos, como o fluido curativo, o fluido magnético e o fluido de efeitos físicos, inclusive a materialização de corpos animados e inanimados, foram comprovados, desde o meado do século passado, por todos os pesquisadores que, arrojadamente, realizaram inúmeras investigações no campo da fenomenologia mediúnica.

Contudo, vale a pena de ressaltar a importância do fluido curativo, apatágio de médiuns curadores, coadjuvados por Espíritos que, quando estiveram encarnados, foram médiuns curadores infensos à prática da caridade, motivo por que, com torturante arrependimento, conservaram no perispírito, depois da desencarnação, grande quota dos preciosos fluidos não utilizados em favor do próximo. Desse jeito, podem cooperar com o médium, reforçando-lhe os fluidos por ele emitidos durante a cura e, dessa maneira, ressarcirem a displicência de antanho.

Em verdade, da colaboração dos Espíritos desencarnados nem Jesus prescindiu, nas prodigiosas curas que efetuou. E, atualmente, numa época marcada por asquerosa degradação moral, por desenfreado erotismo e por monstruosas crueldades, o Mestre dos Mestres, acolitado por milhares de Espíritos desencarnados devotados à felicidade do próximo, continua a lutar, como sempre lutou, para melhorar os sentimentos dos terráqueos e salvar o planeta de pulverizantes e aterrorizadores instrumentos bélicos, que ameaçam de destruição o mais privilegiado mundo de nossa Galáxia, único que dá ao Espírito um corpo físico para abreviar sua evolução e conquistar maior felicidade, máxime se ele puser em prática os admiráveis postulados do Neo-espiritismo, revelação a mim feita, em caráter pessoal, por solícitos Mensageiros de Jesus!

O ENIGMA DAS CURAS “MILAGROSAS”

À maneira de Manu, Manés, Minos e Moisés, quatro luminares de antigas civilizações, Jesus de Nazaré, fundador do cristianismo, foi autêntico emissário de gloriosos Mestres, Espíritos que alcançaram a suprema hierarquia na trilha da evolução e, por isso, na posição de sábios intérpretes das leis divinas, governam o nosso planeta.

De fato, com a palavra e com o exemplo, mais com o exemplo do que com a palavra, o iluminado profeta galileu revelou-se-nos o maior Instrutor da humanidade que, até ao presente, encarnou na Terra.

Realmente, com seus valiosíssimos ensinamentos, Jesus ampliou sobremaneira a crescente faixa da incessante revelação das eternas verdades divinas, porquanto, além de descortinar novas facetas do Criador do Universo, deu ênfase às sábias leis que condicionam não só o destino dos Espíritos encarnados, como o dos Espíritos desencarnados ainda presos à Terra.

Com efeito, o Deus que Jesus nos revelou, embora seja absolutamente justo, é suficientemente indulgente para submeter todos os Espíritos, estejam eles encarnados ou desencarnados, à providencial lei de causalidade moral, que computa todos os méritos e todos os deméritos de cada Espírito; e como a cada ação, boa ou má, corresponde uma reação de alegria ou de remorso, é lógico inferir-se que, no imenso ciclo da conquista da perfeição, cada Espírito é o arquiteto de sua própria felicidade!

De toda a sorte, para compensar a imperfeição com que foram criados, Deus concede a todo Espírito a eternidade para evoluir, em alternados períodos de encarnação e de desencarnação. Terminado o incomensurável ciclo de sucessivas encarnações, os Espíritos, sublimados em árduas lutas e demorados sofrimentos em prol de seu aperfeiçoamento, libertam-se definitivamente da obrigatoriedade da encarnação para continuarem a viver, como puros Espíritos, em ascensão para planos cada vez mais perfeitos até expungirem-se de todos os sentimentos que os retêm na órbita da Terra e merecerem ingressar noutra planeta mais evoluído, no qual o progresso dos Espíritos prescinde da encarnação.

Entrementes, ressaltadas essas verdades, retorno ao profeta nazareno.

Elucidado, em revelação de caráter pessoal, por Espíritos missionários em diferentes níveis hierárquicos, os quais, há quase cinco décadas, me instruem a respeito de questões concernentes à vida nos planos espirituais da Terra, tenho pelejado para desvincular o assombroso profeta galileu do intolerante messianismo israelita e, conseqüentemente, apartá-lo do mosaísmo, ao qual Jesus absolutamente não aderiu, antes reformulou-o com novos postulados doutrinários, que ensinou e exemplificou. Por isso, sua fascinante individualidade até hoje refulge, incontrastável, na tocante mensagem, que, em palavras soltas, legou à posteridade — a mensagem do Amor Universal!

De resto, a bem da verdade, não hesitei em despojar o Mestre nazareno da fictícia divindade com a qual ladinos teólogos hipocritamente aparentaram exaltá-lo, quando, na realidade, a verdadeira finalidade foi reivindicar para a religião católica o privilégio de haver sido fundada pessoalmente por Jesus, já eleito Deus, hipótese que a tornaria, como doutrina religiosa, intocável e única verdadeira. Contudo, a prevalecer a jactância clerical, com Jesus amalgamado ao Criador e ao columbino Espírito Santo em esdrúxula Trindade, Deus haveria cometido execrável injustiça no que concerne às demais crenças e religiões!

Ora, admitido o absurdo, não seria de admirar que, não obstante todas as religiões existentes na Terra apregoarem a fraternidade como irremovível lei divina, verdade esta confirmada por todos os Instrutores da humanidade desde a mais remota antiguidade, além de ter sido insistentemente enaltecida pelo maior de todos, Jesus de Nazaré, chegaríamos à conclusão de que o abominável egoísmo da imensa maioria dos habitantes de nosso planeta, sobrepondo-se, até agora, à “onipotência” do Deus Filho, obstou que o mais puro amor fraterno unisse todos os Espíritos terrenos, não só encarnados como desencarnados!

Verdadeiramente paradoxal seria admitir que Jesus, o Filho, houvesse formado com o Pai um só Deus, hipótese em que o próprio Criador do Universo teria sido degradado com torturada encarnação e vexatória crucificação, ambas incompatíveis com sua infinita perfeição e reconhecida onipotência; ao passo que Jesus, considerado como homem, embora autêntico profeta e iluminado Mestre, encontra justificativa para sua inesperada frustração, porquanto não teve culpa de que, apesar de sua luta diuturna e dos constantes prodígios que efetuou, não houvesse conseguido melhorar os sentimentos dos Espíritos terrenos, uns encarnados, outros desencarnados, quase todos indiferentes à conquista da perfeição, motivo por que o Mestre, até ao presente, não pôde radicar em nosso planeta o seu sonhado reino de Deus, cuja tônica seria a implantação da justiça social com perene confraternização mundial!

Entretanto, se Jesus, ao invés de ter sido homem, fosse Deus, é evidente que, pela onipotência de sua vontade, teria realizado tudo que quisesse, inclusive a instantânea transformação moral dos mais imperfeitos Espíritos, encarnados ou desencarnados, em Espíritos perfeitos!

De toda sorte, estimulado pelo exemplo de Jesus, continuarei a propugnar no sentido de arraigar na consciência dos céticos de ambos os planos de vida — o terreno e o espiritual — a convicção de que, se corrigirmos nossos defeitos morais e amarmos fraternalmente os nossos semelhantes, conquistaremos, mais cedo ou mais tarde, completa felicidade, a despeito da deletéria atuação dos teólogos materialistas que proclamam a “morte de Deus” e não obstante a sub-reptícia catequese dos padres filocomunistas, que deturpam a personalidade de Jesus, rebaixando-o a mero “agitador social”!

Sem embargo, enquanto puder, hei de lutar para incrementar a veneração ao Mestre Jesus, autêntico líder religioso de nosso planeta; Mestre que, apesar de seus heróicos esforços em favor do aperfeiçoamento e, conseqüentemente, da felicidade de milhares de Espíritos terrenos, encarnados e desencarnados, morreu degradado na cruz, como se fora reles escravo, responsável por crime hediondo!

Em prosseguimento à honrosa missão, que, por imperativo de consciência, a mim mesmo me impus, focalizarei neste artigo alguns aspectos da “iniciação”, além de curas admiráveis efetuadas, instantaneamente, pelo assombroso médium nazareno, curas que, por seu enigmático *modus operandi*, contribuíram para que Jesus fosse absurdamente endeusado!

Na verdade, embora a mediunidade curadora seja raríssima, é notório que, nos cultos iniciáticos, ela sempre existiu nos santuários consagrados aos “mistérios do mundo espiritual”. Entretanto, se o médium desejar pô-la em prática, com constante êxito, deverá submeter-se, previamente, a um período de “iniciação” destinado à correção de suas fraquezas morais e ao consuetudinário exercício de rígida disciplina pessoal, objetivando maior integração nos alevantados objetivos de seu Mentor e sincera colaboração com os Espíritos protetores, que o ampararão no exercício da mediunidade.

Ora, educado desde os oito anos de idade no seio da comunidade essênica do Qumrân, Jesus, ao completar vinte e um anos de idade, optou pela iniciação em reclusão, apanágio dos que escolhiam, a trilha dos médiuns curadores. Dotado de todas as mediunidades, inclusive da curadora, Jesus, depois de iniciado, permaneceu na comunidade por mais oito anos, durante os quais teve oportunidade de realizar muitas curas apenas com a “imposição das mãos” e, até, com um simples “toque” aplicado em determinados enfermos, que, em desespero de causa, recorriam aos curadores essênios.

Contudo, chegada a época, Jesus, em sua cela, “ouviu” por clariaudiência a determinação de seu Mentor no sentido de libertar-se dos vínculos com a comunidade a fim de atuar no meio profano, para difundir as verdades divinas que lhe foram reveladas pessoalmente. Com prévio consentimento do Mestre da comunidade, Jesus, sem quebrar o “juramento de tûmulo”, inerente à iniciação, pôde obedecer a ordem de seu Mentor e, de pronto, iniciou publicamente seu árduo ministério.

Entretanto, dentro ou fora da comunidade, em todas as curas que realizou, Jesus foi, sempre, coadjuvado por numerosos Espíritos, que, quando encarnados, foram médiuns curadores relapsos, os quais por tibieza moral ou, simplesmente, por comodismo, não praticaram a mediunidade e, por conseguinte, não utilizaram em favor do próximo os fluidos curativos que, desde a vida intra-uterina, haviam recebido, no perispírito, como valiosíssima doação de seus respectivos Mentores. Conseqüentemente, ao desencarnarem esses médiuns displicentes ou egoístas, levarão para o plano espiritual que,

por justiça, lhes couber, um perispírito saturado de fluidos curativos, que, mais cedo ou mais tarde, terão de ofertar, como reparação à caridade omitida a um número de enfermos equivalente aos que prometeram curar, mas que, depois de encarnados, não quiseram socorrer!

Na verdade, Espíritos curadores desse quilate não podem imaginar as dramáticas conseqüências de seu egoísmo: além das constantes e humilhantes acusações de todos aqueles que, antes de reencarnar, haviam prometido que, ao se reencontrarem na vida terrena, curá-los-ia com a radiação de sua mediunidade, mas, esquecidos do compromisso, deixou-os entregues à própria sorte, torturá-los-á, também, o incessante remorso pelas oportunidades perdidas no ciclo da evolução, com retardamento da anelada felicidade.

Quando se conscientizarem do erro cometido e de suas lamentáveis implicações no roteiro do progresso em busca da felicidade, os referidos Espíritos esforçar-se-ão para se redimirem da culpa e, para tanto, tentarão sintonizar as vibrações de seus sentimentos com as de algum médium que se lhes equipare moralmente, de modo que, juntos, possam curar grande número de pacientes, muitos em estado desesperador!

Nessa hipótese, todos lucrarão: o médium curador, que terá seus fluidos vitais poupados com o reforço dos fluidos curativos cedidos pelos Espíritos que o assistem; os Espíritos curadores, outrora desidiosos, que, encarnados, foram infensos à prática da mediunidade, mas agora, sintonizados com médiuns devotados à prática da mediunidade curadora, doarão aos doentes que se lhes depararem os fluidos sonogados aos enfermos. Ressarcida a dívida, os Espíritos dos ex-médiuns curadores serão levados para um plano de readaptação espiritual e, em seguida, para sucessivos planos de trabalho, até que mereçam nova encarnação ou que, para corrigenda de erros inveterados, sejam submetidos a uma reencarnação compulsória, sempre sobrecarregada de cruciantes sofrimentos!

De tudo que ficou dito, força é concluir que Jesus de Nazaré, posto que haja sido o mais perfeito de quantos médiuns curadores encarnaram na Terra, jamais atuou sozinho; para poupança de seus inestimáveis fluidos curativos, também responsáveis pela vida de seu corpo físico, e, em face da multidão de doentes que lhe imploravam cura, o Mestre nazareno, por iniciativa dos Senhores do Carma, viveu na Terra acolitado por Espíritos encarnados que, inconscientemente, participavam das curas, como máquinas geradoras de fluidos vitais, e, em muito maior número, por Espíritos desencarnados, que o assistiam em sua assombrosa atividade.

Aliás, como sói acontecer com todo médium curador, do luminosíssimo Espírito de Jesus irradiava constantemente, através dos poros do perispírito, forte fluxo energético, que, mediante ligeiro contato, poderia provocar curas instantâneas, fosse pelo desejo do médium, fosse à sua revelia, por vontade de seu Mentor. Exemplo muito significativo foi o da mulher metrorrágica, curada à revelia de Jesus, por iniciativa do Mentor do admirável médium nazareno, o qual se valeu do fluido curativo emitido por seu protegido.

Atentemos no depoimento de Lucas: “Uma mulher que, durante doze anos, sofria de hemorragias rebeldes aos tratamentos médicos, aproximou-se por detrás de Jesus, tocou-lhe a fimbria da túnica e, imediatamente, cessou-lhe a hemorragia.” Médiun iluminado por excepcionais virtudes, Jesus era sensívelíssimo ao mínimo contato físico e, até, à simples aproximação dum enfermo; por isso, incontinenti interrogou aos presentes: “Quem me tocou?” Ninguém sabia. Pedro, querendo adivinhar, tentou justificar a sensação acusada pelo Mestre como decorrência da disputa da multidão que o comprimia. Mas Jesus não aceitou a explicação do discípulo e obtemperou-lhe: “Alguém me tocou, porque senti que saiu de mim uma virtude.” (Lc. VIII,43; Mt. IX,20,22; Mc. V,25-34).

Aqui, faço uma retificação: em vez de virtude, leia-se radiação; radiação de fluido perispiritual curativo, é evidente. Com efeito, se a “virtude” assinalada pelo evangelista fosse, de fato, virtude, a conclusão seria um paradoxo. Porque, quanto mais caridade Jesus praticasse, mais virtudes perderia, de modo que, no final de contas, o Mestre, de tanto perder virtudes nas prodigiosas curas que fazia, ao invés de evoluir, retrograria espiritualmente, até a consumação de sua total deterioração moral! De sorte que, a prevalecer a incongruência, a realização das curas deixaria de ser louvável para tornar-se condenável, porque seria a falta de caridade na prática da caridade! Poderia haver maior absurdo?

Entretanto, tudo mudará se alijarmos do texto a palavra virtude, acolá propositadamente intrometida, a fim de que não ficasse claramente dito que o notável médium acusou, com o toque da hemorrágica, característica sensação de perda de fluido perispiritual inerente à prática da mediunidade, máxime da curadora e da de efeitos físicos.

Atentemos no episódio: Jesus nunca havia visto a paciente. Nem a viu na ocasião da cura, porque ela se aproximou sorrateiramente do Mestre, penetrando, como pôde, nos interstícios de compacta multidão ávida de cura, até conseguir tocar-lhe, por costas, na orla da túnica inconsútil de iniciado essênio; toque que, de tão leve, só poderia ter sido percebido mercê da hiperestesia mediúnica do profeta nazareno. Todavia, tolhido pela multidão, Jesus não fez o mínimo gesto para curá-la. Quem a curou então? Evidentemente, um Espírito protetor. Ora, Espírito superior com autoridade para captar fluido curativo no perispírito de Jesus, permanentemente cercado por numerosos Protetores, só havia um único — o seu Mentor — que, como supervisor de seu destino, tinha liberdade para lançar mão da quantidade de fluido vital necessária à cura da metrorrágica. Em conclusão: quem curou a hemorrágica foi o Mentor de Jesus, o qual se valeu, para realização de tamanho prodígio, do fluido curativo que captou no perispírito de seu assombroso protegido.

E, a julgar por outras curas feitas por Jesus, é de crer que, com a instantânea hemóstase, houve, outrossim, cura definitiva do fibroma uterino, com integral regeneração do órgão.

Por outro lado, Alexis Carrel, notável cientista francês, teve oportunidade de observar na gruta de Lourdes, na França, curas quase instantâneas de

“tuberculose óssea ou peritonal, abscessos frios, chagas supurantes, lupus, câncer, etc...” Como afirmou o sábio biólogo, “são fatos irredutíveis”. E o interessante foi que, em todos os pacientes, houve “sentimento repentino de cura completa”.

Estribado nos ensinamentos que recebi dos Mestres do Neo-espiritismo, posso afirmar que as curas de Lourdes sempre foram feitas por Espíritos católicos com finalidade proselitista, os quais, para a consecução de seu desiderato, se valeram dos fluidos curativos previamente acumulados no recinto da afamada gruta — fluidos que, há muitos anos, vêm sendo captados por numerosos Espíritos, em diferentes níveis de evolução nos numerosos médiuns ingênuos e espontâneos que lá comparecem diariamente e nas fontes da natureza: nos vegetais, nos minerais, máxime na água e, sobretudo, nos visitantes dotados de mediunidade curadora. Tudo exatamente idêntico ao que acontece em todas as grutas tidas e havidas como “milagrosas”, apesar de não haver milagre, de vez que seria a derrogação das irrevogáveis leis do Criador. Sem embargo, convém esclarecer que o mencionado trabalho dos Espíritos no reino vegetal e no mineral, em regra, só se processa nas grutas ou noutros locais onde não haja, na ocasião, a presença de autênticos médiuns curadores, cujos fluidos vitais, por si sós, bastariam para a realização de curas instantâneas, conforme acontecia com o maravilhoso profeta nazareno.

É sabido que a fenomenologia mediúnica cobra uma parcela do fluido vital do médium, emanado de seu perispírito durante o estado de transe. Em consequência, torna-se imprescindível rápida recomposição do perispírito, que, a partir do córtex cerebral, se liga a todo o sistema nervoso e controla a patofisiologia do organismo inteiro, a fim de que, de modo nenhum, haja queda da imunidade com perigosa invasão do organismo por micróbios patogênicos.

Em verdade, todos os médiuns, após demorada mediunização, acusam desagradável sensação de fraqueza geral, acompanhada de subjetivo tremor interno, sintomas que constituem a síndrome da perda de fluido vital. Essas sensações são mais intensas nos “médiuns de materialização e de efeitos físicos”, os quais, na gênese do ectoplasma e subsequente manifestação dos fenômenos, perdem abundante quantidade de fluido perispiritual, com brusca diminuição do peso corporal, podendo haver ou não desmaterialização parcial ou total de um membro superior ou inferior e, excepcionalmente, do corpo inteiro, com apenas exclusão da cabeça — fatos observados e controlados, desde o meado do século passado, por uma plêiade de cientistas europeus e americanos.

Além disso, há centenas, quiçá milhares de fatos que, desde séculos, provam a existência, no corpo espiritual, de diferentes fluidos ou radiações, a maioria ainda não identificada, embora pequeno grupo já haja sido detectado pela hodierna tecnologia eletrônica. Por isso, seria inútil redundância retornar a Mesmer, o qual, a despeito de seu charlatanismo, foi incontestável

pioneiro no campo das radiações magnéticas humanas. De fato, não há negar o valor terapêutico dos “passes magnéticos”, nem dos “passes mediúnicos”, ambos sempre reforçados pela atuação de Espíritos desencarnados, os quais, quando estiveram encarnados, foram médiuns curadores displicentes e, por conseqüência, ficaram devedores de “horas de caridade” à humanidade. Todavia, para o resgate da dívida é condição *sine qua non* que o magnetizador ou o médium curador aplique os “passes” sem interesse pecuniário, pois o que dão não é obra sua, mas trabalho dos Espíritos.

Aliás, da extraordinária ação terapêutica dos “passes mediúnicos” força é confessar que, durante anos, obtive provas incontrovertíveis dentro de meu próprio lar; e, na impossibilidade de citá-las *in totum*, restringir-me-ei a, apenas, dois casos, escolhidos por sua gravidade. As curas fê-las minha própria filha, excepcional médium curador desde as primícias da vida; e que, por força de seu carma, desencarnou, com toda sua radiante formosura, quando completara quinze anos!

De toda maneira, afigura-se-me interessante ressaltar que, na ocasião da cura aqui mencionada, ela era uma menina de apenas dez anos, “iniciada” por mim, desde os primeiros anos de idade, com inflexível obediência aos postulados básicos do Neo-espiritismo.

Duma feita, aconteceu que sua avó, minha mãe, já bastante idosa, vieram passar uma temporada em minha residência, em Niterói, e certo dia, após o almoço, minutos depois que parti para o consultório, ela principiou a queixar-se à minha esposa de indefinível mal-estar e, em seguida, manifestou-se-lhe copiosa disenteria acompanhada de estado lipotímico. Sem demora, tudo se lhe agravou: amiudaram-se-lhe os vômitos, incrementou-se-lhe a disenteria com numerosas dejeções sanguinolentas e a temperatura, em menos de duas horas, ascendeu a quarenta graus!

Em face da gravidade do quadro, minha esposa pediu-me regressasse ao lar com a máxima urgência. Não perdi tempo. Parti imediatamente ao encontro da enferma. Encontrei-a em estado comatoso, depois de já haver defecado mais de vinte vezes em poucas horas. O estado de minha mãe era muito grave, aparentando fulminante disenteria bacilar. Por isso, pedi a presença de abalizado colega. Todavia, no momento, ele se encontrava em local ignorado pela família. Mas, notando minha preocupação, minha filhinha veio ao meu encontro e pediu-me: “Paizinho, deixe-me curar vovó.”

Comovido com a espontânea iniciativa da pequenina médium, eu a interroguei: “Filhinha, porventura você se preparou para efetuar uma cura de tamanha responsabilidade?” A resposta foi taxativa: “Paizinho, desde que percebi a gravidade do estado da vovó, às dezesseis horas tomei banho frio de chuveiro, lavei cuidadosamente a cabeça, mas evitei qualquer perfume e, como alimento, bebi exclusivamente uma chávena de café com biscoitos desengordurados. Estou pronta.”

Em face do prévio cumprimento das regras da “iniciação” que lhe ministrei, desde que completou sete anos, nada havia a opor. Entrei com ela pela mão no quarto da avó e, juntos, oramos solicitando a colaboração de nossos Mentores e a contribuição dos Espíritos curadores, nossos companheiros da vida eterna, que, no momento, pudessem salvar a amada enferma. De tão prostrada, a paciente não percebeu nossa presença, nem atentou em nossa oração. Não obstante, logo que a pequenina médium colocou as mãozinhas espalmadas sobre a cabeça da doente, ela despertou espantada, sentou-se na cama e exclamou: “Foi milagre! Eu estou completamente curada!” Coloquei-lhe o termômetro: a temperatura já estava absolutamente normal!

Era a chamada “cura milagrosa”, fato que me levou a dispensar imediatamente a visita do colega, antes que ele chegasse e imaginasse que eu fizera com ele brincadeira de mau gosto!

Noutra ocasião, minha esposa, já quarentona, depois de haver perdido uma gestação, estava novamente grávida de três meses e tudo parecia correr normalmente, quando saí de casa para o consultório. Mas, de repente, tudo mudou. A gestante havia sido surpreendida por tremenda hemorragia, que, em pouco tempo, ensopara o lençol da cama! Parteira muito competente, minha esposa percebera incontinenti o enorme perigo que a ameaçava, mas como não queria assustar-me, a amada consorte, embora com risco de vida, protelou por algum tempo o apelo ao meu socorro. Todavia, minha filhinha, inconformada com a placidez da mãe, correu ao telefone e comunicou-me a tragédia! Deixei tudo e parti, imediatamente, de táxi, recomendando máxima velocidade. Felizmente, para socorrer os clientes em casos de emergência, sempre tive, em meu lar, algumas centenas de medicamentos homeopáticos. Mas sendo muitos e todos com rótulo em latim, seria temeridade prescrever pelo telefone o remédio, que se me afigurou indicado, e pedir a minha filhinha que o procurasse na “farmácia” e principiasse a ministrá-lo, sem perda de tempo, com ritmo de dez minutos até que eu chegasse a casa. Contudo, para liquidar o impasse, preferi recorrer à mediunidade de minha filha e à proteção de Espíritos curadores. Instruí, pois, à menina-médium, como deveria proceder: enquanto eu me deslocasse para junto dela em “estado de oração”, a minha Eloá também deveria orar, com a máxima compenetração, suplicando a Deus a salvação de sua afetuosa mãe e, simultaneamente, aplicar “passes” no hipogástrio da metrorrágica. E quando, minutos após, cheguei ao lar, encontrei-a ainda em profunda concentração, com ambas as mãozinhas espalmadas à pequena distância da epiderme do baixo ventre de sua mãezinha, a nossa amantíssima Palmyra. Incontinenti, levantei o lençol que a cobria e deparei-me com quadro pavoroso! Minha inesquecível esposa, a despeito de ser trigueira, estava espantosamente lívida e deitada numa poça de sangue! Sem embargo, a hemorragia já havia sido estancada instantaneamente com os “passes” de Eloá, nossa queridíssima filha!

Mercê do referido prodígio, tive tempo para restabelecer integralmente a saúde da amada paciente contando com a rapidez da atuação dos medicamentos homeopáticos. De modo que, nessa assombrosa cura, a vitória foi fruto da associação da terapêutica dos Espíritos, graças ao concurso da jovem médium curadora, e da terapêutica médica criada por um gênio — Samuel Hahnemann!

Embora em casos menos espetaculares, testemunhei, muitas vezes, minha primeira esposa, a inesquecível Palmyra, médium excepcional, debelar, apenas com “passes” ou com “água fluídica”, graves infecções em nossos filhos ainda nos primeiros meses de vida! Também vi, repetidas vezes, “água irradiada”, preparada pela mesma médium ou, mais especificamente, a água saturada com as radiações curativas, que, em “estado de oração” se lhes desprendiam pelas extremidades digitais, efetuar curas de recalcitrantes doenças crônicas em pacientes céticos, que recebiam a distância, como oferta de amigos crentes, uma garrafa de “água milagrosa”!

Donde se conclui que as curas mediúnicas, sejam elas realizadas por meio de “passes”, de “água fluídica” ou de prescrição psicográfica, podem ocorrer sem o adjutório da fé, ou da sugestão, com grande espanto do próprio doente!

Aliás, desde o meado do século passado, muitos pesquisadores de elevado gabarito científico, inclusive afamados médicos e, até, professores universitários chegaram à conclusão da existência de diferentes radiações humanas, dentre as quais se destaca uma, que realiza curas instantâneas até de casos considerados incuráveis, razão por que são denominadas “curas milagrosas”.

Posto que as provas da atuação das radiações curativas humanas sejam muito abundantes, para não me alongar demasiadamente, limitar-me-ei a dar apenas alguns exemplos.

Liebaut, modesto médico francês, despido de preconceitos de classe e de ganância, curou várias crianças, cuja faixa etária oscilava entre dois e três anos, somente com aplicação de “passes magnéticos” ou, melhor, de “passes mediúnicos”, de vez que, no passe, não há necessidade de ostensiva manifestação de nenhum Espírito desencarnado — fato que confunde não só o magnetizador como o médium passista desprovido de conhecimentos doutrinários, motivo por que, em ambos os casos, os “passistas” podem alimentar, de boa fé, a ilusão de que as curas não dependem de mais ninguém senão deles próprios!

Por outro lado, Ochorowicz, afamado pesquisador polaco no campo da fenomenologia mediúnica, afirmou ao sábio fisiologista francês Charles Richet haver curado, apenas com “passes”, diversas crianças com menos de dois anos de idade!

Não obstante o valor das curas feitas por Liebaut e por Ochorowicz, força é reconhecer que a irremovível atuação dos Espíritos poderia ter ficado evidente não fora a omissão e a ingratidão dos referidos pesquisadores; omissão da horripilação, geral ou parcial, consoante a sensibilidade de cada um, aliada à sensação de dormência e de peso dos membros superiores, durante a aplicação dos passes; e ingratidão aos Espíritos curadores que os irradiaram durante a cura e cuja presença se caracterizou pela taquicardia e pela taquipnéia, isto é, pela aceleração da circulação e da respiração do “passista”, com íntima sensação de bem-estar e de incontrolável alegria!

Sem querer estabelecer confrontos, sinto-me na obrigação de declarar, alto e bom som, que, irradiado por Espíritos curadores, tive oportunidade de curar, repetidas vezes, apenas com “passes mediúnicos”, meus próprios filhos, inclusive quando recém-nascidos, afetados por diferentes enfermidades agudas. Entretanto, ressalvo desde já que nunca vi no êxito motivo para gabar-me, porquanto, desde a década de trinta, pude certificar-me de que todo “passe” é, indefectivelmente, trabalho conjugado do “passista” com Espíritos curadores.

Aliás, no tema em foco, a contribuição de E. Boirac, filósofo e psicólogo francês, merece ser exaltada. Ele provou que as radiações humanas que escapam pelas extremidades digitais podem atuar, a distância, em pacientes normalmente adormecidos. Como se depreende, com essa precaução arredam-se as hipóteses de hetero e de auto-sugestão, proteu freqüentemente invocado por intransigentes adversários da existência, da comunicação e da atuação dos Espíritos desencarnados.

Acresce ainda a circunstância de um professor universitário de Física, William Barret, haver relatado, num congresso científico internacional, as observações de treze médiuns, os quais, comprovadamente, viam a “aura” humana, que nada mais é senão a radiação do perispírito, orla de energia concentrada que protege o Espírito imortal, no qual reside a energia ou fluido vital, que dá vida a todas as células do organismo humano, por intermédio de milhões de neurônios que partem do córtex cerebral.

Outro pesquisador, Blondlot, afirmou haver descoberto, na radiação humana, os raios N dotados de surpreendentes propriedades. Contudo, exceção feita para outras formas de radiação humana, os raios N de Blondlot aguardam maior desenvolvimento da tecnologia eletrônica para serem identificados.

Por sua vez, Kilner, do Colégio de Médicos de Londres, apesar das dúvidas de alguns parapsicólogos, afirmou que, mediante a excitação da retina de seus pacientes pela dicianina, conseguiu que eles acusassem a visão da “atmosfera humana”, mais conhecida com a denominação de “aura humana”. E não é só. Com o emprego de sensibílimo galvanômetro balístico, Grünwald conseguiu registrar a “radiação humana”. Além disso, Yourievitch, no Congresso científico de Copenhague, afirmou que a “radiação humana” torna condutores os meios gasosos e dielétricos e atravessa placas metálicas com maior penetração do que os raios X!

Em síntese: independentemente das radiações vitais provenientes do pensamento criador de Deus, presentes em todos os reinos da natureza — o reino mineral, o reino vegetal, o reino animal, o reino hominal e o reino espiritual — as radiações humanas transcendem o corpo físico e sempre foram identificadas pelos médiuns videntes de todos os cultos, sem exceção dos vigentes nas tribos selvagens.

Aliás, foi valendo-se da vidência de médiuns em estado sonambúlico ou hipnoidal que De Rochas se certificou de que o campo energético do corpo espiritual do ser humano pode dilatar-se até uma distância de mais de três metros do corpo físico.

Como se vê, as radiações humanas foram pressentidas, registradas e “vistas” muito antes da descoberta de Kirlian, que conseguiu fotografar as radiações da periferia do perispírito, mas, que se saiba, não o transpôs e, por conseqüência, não alcançou o corpo espiritual, que é o Espírito eterno provisoriamente amoldado à morfologia do corpo físico; corpo espiritual ou duplo etérico que conserva a mesma forma depois de desencarnado, até a ocasião da preparação do Espírito para a seguinte encarnação, ou para a definitiva destituição da forma humana e ingresso, com aparência de sol, num dos planos extraterrenos!

Notável, também, é o fato de que, nos autênticos médiuns curadores, as radiações curativas que emanam de seu Espírito, através dos poros do perispírito, possuem a propriedade de regenerar instantaneamente, por intermédio do sistema nervoso, todas as células do organismo, afetadas no processo mórbido!

Era exatamente o que ocorria com Jesus, médium insuperado e Mestre inigualado, detentor da máxima perfeição moral e, por isso mesmo, possuidor de elevadíssimo potencial de radiações curativas, as quais, controladas por seu Mentor e reforçadas pelos Espíritos curadores que o assistiam, podiam efetuar, no mesmo dia, muitas curas aparentemente “milagrosas”, com parcimônia de fluidos curativos perispirituais, de molde a não lhe causar prejuízo à saúde.

Lamentabilíssima, porém, foi a frustração do iluminado Mestre galileu, que não obstante haver encarnado com a gloriosa missão de ampliar, com novos dados, a incessante revelação das verdades divinas e, ao mesmo passo, arraigar a confraternização entre todos os Espíritos terráqueos, encarnados e desencarnados, não foi compreendido, nem valorizado por seus contemporâneos, nem por seus próprios conterrâneos, razão por que, depois que desencarnou, deliberou prosseguir na luta, até a transformação moral dos Espíritos localizados, por tempo indeterminado, em nosso planeta, ora encarnados, ora desencarnados.

Contudo, com tantos méritos acumulados, Jesus não poderia deixar de assumir, como assumiu, a liderança religiosa da Terra, a fim de prosseguir em sua gloriosa luta, até conseguir a vitória definitiva de seus sublimes ideais, evento que assinalará a transformação de nosso orbe, de mundo de provação, habitado por Espíritos imperfeitos, carentes de corrigenda pelo sofrimento, em mundo de perene felicidade, habitado por Espíritos de acendrada perfeição, autênticos discípulos do Mestre dos Mestres!

JESUS CUROU ESPIRITOPATIA EPILETIFORME

Dentre as múltiplas curas feitas por Jesus, escolhi, até agora, as que se processaram em virtude da radiação do fluido curativo do perispírito do prodigioso médium nazareno.

Hoje, entro num terreno no qual, pela categoria das curas, Jesus se nos depara como autêntico Mestre, aureolado pelo prestígio do mundo espiritual e cercado de Espíritos protetores, que participam de sua atuação como médium. Refiro-me especificamente às enfermidades que, desde 1960, à míngua de termo técnico, denominei Espiritopatias — doenças que tanto podem ser causadas pela radiação do pensamento de Espíritos vingativos, como provocadas pela emanção do perispírito de Espíritos sofredores, com reprodução das sensações mórbidas patognomônicas das doenças responsáveis pelo óbito.

Na primeira hipótese, a cura da Espiritopatia por psicopatia não depende, apenas, do médium curador — exige a cooperação de vários Espíritos desencarnados, de preferência dos que, na encarnação, foram africanos ou descendentes de africanos, porque conhecem não só o mecanismo da obsessão como o da magia e, por conseqüência, sabem como arrancar da vítima o seu perseguidor e como detê-lo em plano de correção (que se poderia denominar plano infernal), até que haja corrigenda, de vez que, na justiça divina, só existem punições corretivas e, por conseguinte, provisórias.

Na segunda hipótese, o médium curador só terá sucesso se, em primeiro lugar, os Espíritos que o assistem afastarem o Espírito sofredor e, em seguida, retirarem de seu perispírito os fluidos patogênicos nele impregnados pela emanção do perispírito do sofredor que se lhe imantou. Somente depois dessa prévia operação, os fluidos curativos do médium, muito mais depurados e luminosos, poderão agir sobre todas as células do organismo, afetadas no processo mórbido; e o mesmo sucederá em relação aos medicamentos, qualquer que seja o quadro clínico da Espiritopatia.

Como se infere, a ineficiência do tratamento médico nos casos de Espiritopatia prende-se à falta de cooperação de Espíritos protetores, que, sobre não serem invocados, ainda são repudiados!

Na verdade, tais assertivas, feitas com a convicção adquirida em mais de quarenta anos de constante contato com diversos médiuns, e reforçada com um quinquênio de “observações armadas”, efetuadas nas sessões experimentais da SEPE, aberram dos conceitos vigentes nos círculos científicos, infensos à manifestação dos Espíritos desencarnados. Sem embargo, força é convir que muitas hipóteses contrárias à comunicação dos Espíritos foram formuladas em conseqüência do rebotalho de mediunidade aflorado na anamnese psiquiátrica de médiuns desequilibrados por Espíritos obsessores, porque repulsaram o sagrado ministério da mediunidade, e, con-

seqüentemente, não merecem o amparo de seu Mentor, nem de qualquer outro Protetor com capacidade para ampará-lo nas provações inerentes ao destino que lhes traçaram os Senhores do Carma, intérpretes da justiça divina. São, de fato, médiuns neuróticos ou psicóticos, mas nenhum deles sincero sectário duma doutrina apologista da prática da mediunidade. Donde se colhe que, do exame de tais pacientes, não se pode concluir a responsabilidade de qualquer teoria que inclua em seus postulados a prática da mediunidade, como assoalham presunçosos psiquiatras, que confundem a doutrina com a prática defeituosa da mediunidade — fato tão estranho quanto confundir metagnomia com parapsicologia!

Contudo, a confirmação dos fatos e dos conceitos duma doutrina espiritualista, como o Neo-espiritismo, só poderá ser feita no convívio com médiuns autênticos, dotados de integridade de caráter e de pureza de sentimentos, e que hajam feito previamente um curso teórico da doutrina que pretendem abraçar. Daí a vantagem da escola de médiuns; porque, antes de qualquer tentativa para “desenvolver” a mediunidade, o médium deve compenetrar-se que é um Espírito eterno, com numerosas e sucessivas reencarnações; e mais: que, não só encarnado como desencarnado, errou e prejudicou muitos irmãos, independentemente dos que amou e amparou. Nessas condições, ao reencarnar mais uma vez, veio confiante nos amigos do passado, que se comprometeram a ajudá-lo a vencer as provações e, por sua vez, prometeu aos que foram, outrora, por ele prejudicados, que tudo faria para resgatar as dívidas, com o empréstimo de sua mediunidade e com orações. De modo que, todo Espírito encarnado tem, em seu derredor, duas espécies de companheiros desencarnados: os amigos, que reforçam a mente positiva e intuem boas idéias e boas ações para o progresso moral e para a felicidade de seus protegidos; e os inimigos, que aguardam, com rancor, o cumprimento da promessa de ajudá-los e, enquanto isso, fortalecem a mente negativa para eventual vingança e dão-lhes péssimas intuições, influenciando-os na prática das piores ações!

Contudo, perante a justiça do Criador, a prioridade na utilização da mediunidade é deles. De modo que, se o médium tentar desenvolver sua mediunidade sem, primeiramente, aprimorar seu caráter e sublimar seus sentimentos, a fim de adquirir força moral para converter seus inimigos, fatalmente terá como “desenvolvedor” um inimigo de antanho disfarçado em Protetor, fato que não só afetará sua saúde, como lhe incrementará as más inclinações!

Vale dizer que: nenhum médium deverá tentar desenvolver a mediunidade antes de haver convertido todos os inimigos do passado com o exemplo de seu próprio aperfeiçoamento moral e pela sinceridade de suas orações em favor dos que o odeiam, conforme recomendou Jesus.

Convertidos os inimigos, debilitada sua mente negativa e, por consequência, reforçada a sua mente positiva, chega-se ao momento propício para o desenvolvimento da mediunidade, que se realiza com a sintonização das vibrações perispirituais, seja com os amigos, que, pacientemente, aguardavam a conversão e o perdão dos inimigos do médium com eles comprometido, seja com um dos inimigos, convertido em amigo!

Em síntese, com essas precauções, o desenvolvimento da mediunidade não corre risco de mistificações, nem o médium fica sujeito a qualquer desequilíbrio mental ou somático.

Todavia, médiuns imbuídos de preconceitos ou reconhecidamente mistificadores pela vaidade de aparentarem faculdades que não possuem, de modo algum poderão contar com o apoio de Espíritos evoluídos para protegê-los e incentivar-lhes o aperfeiçoamento moral; somente o sofrimento de duras provações levá-los-á ao arrependimento e à correção de suas tendências maléficas. Por outro lado, é muito importante que todo médium saiba que grande número de Espíritos “caçadores de fluidos”, moralmente atrasados, embora, dentre eles, se destaquem intelectuais de apreciável cultura, movidos por sórdidas paixões e algemados a antigos vícios, farejam por toda parte médiuns vaidosos, impulsivos ou propensos a vícios, ligados aos quais podem usufruir, num arremedo de simbiose, que, na realidade, é vampirismo de fluidos do perispírito, o qual, pelo fato de estar ligado ao sistema nervoso do médium, transmite ao Espírito desencarnado as sensações carnis que desejar!

O pior, no entanto, é que o comportamento anormal do médium influenciado pela atuação de tais Espíritos pode descambar para uma Espiritopatia, com aparência de psicopatia, que o levará ao hospício!

Sem embargo, essa desgraça nada tem a ver com qualquer doutrina que exalte a mediunidade como instrumento de comunicação entre Espíritos encarnados e Espíritos desencarnados, todas elas altamente moralizadoras e profundamente consoladoras, como é o caso do Neo-espiritismo.

Aliás, sem desmerecer a Ciência, mas apoiado em fatos *a priori* relegados pela Medicina, o Neo-espiritismo, em muitos casos, pode sobrepujar a terapêutica científica, obtendo curas de pacientes considerados irrecuperáveis!

À guisa de introdução às Espiritopatias debeladas por Jesus, vou relatar, dentre centenas de observações pessoais, um caso que se me afigura comprobatório. Posto que antigo, o fato teve a vantagem de haver ocorrido no seio de minha família e inesperadamente para todos, eliminando, assim, esdrúxulas interpretações parapsicológicas.

Meu irmão, dentista, estava com problema num dente. Residindo, na época, em Paraíba do Sul, resolveu passar alguns dias em minha residência, no Rio, para submeter-se a um tratamento mais eficiente. Muito preocupa-

do, mal chegou, radiografou o dente suspeito. Mas ficou perplexo, porque a radiografia nada acusou. Contudo, à noite, em sessão domiciliar, minha esposa, médium “fora de série”, incorporou inesperadamente o Espírito de meu avô materno, meu homônimo, que, encarnado, fora ótimo médico. Dir-se-ia que viera dar prova de sua sobrevivência aos dois netos, embora para mim a imortalidade e a comunicação dos Espíritos já estivessem superadíssimas.

Na verdade, meu avô veio discordar da radiografia e do diagnóstico do dentista-radiologista. Na oportunidade, afirmou que a chapa fora trocada por afobação do radiologista e que o dente estava condenado, contendo, na raiz, grande granuloma e que, portanto, deveria ser extraído, porquanto constituía foco perigoso. Em seguida, meu avô dialogou comigo, recordando fatos de minha infância e ocorrências esquecidas da família. Espantado e ainda incrédulo, meu irmão, por curiosidade, perguntou ao nosso avô o que estava fazendo, no momento, em Paraíba, a sua esposa? “Está lendo, recostada num divã, um livro que nada lhe aproveita” — foi a pronta resposta. Minutos depois, meu avô despediu-se, afastando-se da médium.

Mas, com grande surpresa para mim próprio, minha esposa, ao invés de voltar à sua personalidade, apresentou-se-me com quadro de tuberculose pulmonar: tosse cavernosa, dispnéia, gemidos e queixas de dores torácicas, tudo num crescendo compungente, até à crise de choro, com súplica de um passeio de automóvel, que lhe valia como sedativo para a falta de ar! Nessa altura, meu irmão, de olhos arregalados, voltou-se para mim, dizendo-me: “É exatamente o quadro da doença de minha mulher; até a maneira de lamentar-se e a exigência do automóvel! E o pior é que, até hoje, nenhum médico pôde diagnosticar, nem curar!”

A declaração foi surpreendente, de vez que eu e minha esposa ignorávamos a enfermidade da cunhada.

Nada obstante, principiiei a palestrar e a doutrinar a entidade sofredora. Era de ver o espanto com que ela analisava o corpo da médium, reclamando que era esbelta e alva e, no entanto, via-se corpulenta e trigueira! Aos poucos, pude convencê-la de sua situação e dos motivos por que, a despeito de não possuir mais o corpo carnal, continuava com todas as manifestações mórbidas da doença. Em seguida, fi-la identificar-se. Eis sua ficha, com as restrições da ética. Era de Juiz de Fora. Casada com advogado, apaixonara-se por um médico que residia defronte de sua casa. Resultado: abandonou o lar e foi viver com o médico. Mas a união foi fogo de palha — durou pouco mais do que as rosas de Malherbe! A amante, de família tradicional, viu-se abandonada e só. Apaixonada e desesperada, não se alimentava, nem dormia. Conseqüência: tuberculose pulmonar, sanatório em Barbacena, enterro no cemitério da Boa Morte, com o número do túmulo revelado para comprovação!

Terminada a reunião, instiguei meu irmão a telefonar para a esposa e apurar a veracidade da comunicação. É difícil descrever-lhe o assombro, quando, de Paraíba do Sul, a esposa, entre perplexa e jubilosa, disse-lhe que, de fato, estava a ler um romance, recostada no divã, com falta de ar e dores torácicas, a lamentar-se intimamente que ele lá não estivesse para levá-la ao costumeiro passeio de automóvel, quando, de repente, se sentiu totalmente curada!

Dominado pela emoção, meu irmão dirigiu-se para o quarto, a fim de repousar um pouco. Mas dum salto pulou da cama. Acabava de “ver”, como num filme, muito ampliado, o dente infectado, ouvindo, simultaneamente, a “voz” de nosso avô, insistindo na extração. No dia seguinte, o dente foi extraído e, de fato, além da infecção, já apresentava granuloma!

Diante de fatos tão ostensivos, parece incrível ainda haja quem negue a manifestação dos Espíritos.

De resto, no que toca ao problema de minha cunhada, os fatos se desenrolaram à revelia de todos — da médium, de meu irmão e de mim próprio, pois a finalidade da reunião era consultar um Espírito de dentista, face a discordância entre a radiografia e a sintomatologia odontológica.

Entretanto, ao invés do dentista, manifestou-se meu avô. Por outro lado, a doente, distante cerca de duzentos quilômetros e ignorando o que se passava em meu lar, curou-se repentinamente duma enfermidade que havia seis meses vinha desafiando os médicos!

Ora, analisado sem preconceitos, o caso se enquadra nas Espiritopatias, não raro confundidas com enfermidades de diferentes etiologias, mas cuja cura radical só se dá com a cooperação, ostensiva ou discreta, de Espíritos protetores!

Os exemplos pululam nos textos sagrados de todos os povos. A *Bíblia* não faria exceção. A cura do menino aparentemente epiléptico é típica. Um pai aflito suplicou a Jesus a cura do filho mudo e surdo possesso dum Espírito obsessivo que, onde quer que o apanhasse, lançava-o por terra, a espumar e a rilhar os dentes. “O menino era doente desde a infância.” Muitas vezes, o obsessivo tentara matá-lo, atirando-o “tanto no fogo, como na água”. Os discípulos de Jesus não conseguiram afastar o obsessivo. Jesus pediu a presença do menino. “Ao ver Jesus, logo o Espírito o convulsionou; ele caiu por terra, estorcendo-se, espumando.” Com sua força moral e assistido por numerosos Protetores, Jesus, que era vidente, imediatamente identificou o autor da Espiritopatia. “Espírito mudo e surdo, sai dele e nunca mais nele entres.” Embora o menino fosse, até então, surdo e mudo, a ordem se cumpriu. Com gritos e contraturas, o obsessivo retirou-se e o menino “ficou como morto”. Tomando-o, porém, pela mão, Jesus soergueu-o curado! (Mc. IX, 14-29).

Ora, normalmente, ninguém susta uma crise epiléptica com sugestão verbal. Muito menos num **surdo**. Além disso, a obnubilação mental não cessa incontinenti, como ocorreu com o menino. A síndrome do menino, embora epileptiforme, era, de fato, autêntica Espiritopatia.

Casos semelhantes ocorreram na fenomenologia da SEPE, onde foram constatados por vários médicos, conforme comprovam as atas das sessões experimentais. Por outro lado, quando à epilepsia se juntam manifestações psicóticas, inclusive impulsos criminosos, já não se trata somente de doença orgânica, de disritmia cerebral paroxística! Trata-se, em verdade, de epilepsia psicogenética ou, melhor, de Espiritopatia.

O caso citado por Iracy Doyle é evidente por si mesmo, embora a saudosa e talentosa psiquiatra, fascinada por conceitos psicanalistas, talvez não o haja percebido. A moça, de vinte e três anos, apresentava, como **aura visual** precedendo às crises convulsivas, o vulto de seu falecido pai, morto quando ela contava apenas três anos de idade.

O caso só se explica admitindo-se que, por mútuas faltas cometidas em encarnação anterior, perseverou, no Espírito do pai desencarnado, o ódio e o desejo de vingança contra a filha encarnada, com a qual ele havia prometido ressarcir a dívida!

De toda sorte, em se tratando de Espiritopatia, sobretudo as de caráter obsessivo, a atuação da lei de causalidade moral é compulsória. É por isso que, para curá-las, torna-se imprescindível que o curador, médico ou não, faça jus, pela inteireza de caráter e pelo sentimento de caridade, ao apoio de grande número de Espíritos desencarnados.

Os discípulos, pescadores improvisados em precursores, fracassaram diante do obsessor que assediava o rapaz. Jesus, Mestre educado no ascetismo essênio, ao ordenar o afastamento do Espírito obsessor, movimentou numerosos Espíritos, que o serviam em sua missão, de modo que a cura se processou incontinenti, com a prisão do Espírito vingativo!

Todavia, com o advento do Neo-espiritismo, filosofia religiosa de cunho científico ligada à Medicina, que me foi revelada, em caráter pessoal, por intermédio da prodigiosa mediunidade de minha primeira esposa, os médicos disporão de recursos espirituais e medicamentosos para curar as Espiritopatias, sempre rebeldes à terapêutica.

De resto, abreviarão sobremaneira muitas doenças somáticas ocultamente enxertadas com indistinguíveis Espiritopatias. Será a era da Medicina espiritualizada, para maior sucesso da “arte de curar” e maior felicidade para a humanidade sofredora!

A “RESSURREIÇÃO” DA FILHA DE JAIRO

Prosseguindo na análise das maravilhosas curas feitas por Jesus de Nazaré, escolhi para tema deste artigo a “ressurreição” da filha de Jairo.

Antes, porém, permito-me focalizar uma observação pessoal, que facilitará, penso eu, a compreensão do “milagre”. Refiro-me ao caso de antiga cliente, esposa de um coronel do Exército, que, na época, residia em Icaraí, Niterói.

Médico da família durante anos, tive oportunidade de socorrê-la diversas vezes de súbitas Espiritopatias, provocadas não só por Espíritos sofredores, como por Espíritos obsessores, dentre os quais se destacavam Espíritos zombeteiros, de todos os mais recalcitrantes à doutrinação e, até, à compulsória correção.

De fato, embora estejam conscientes de seu verdadeiro estado, pois não ignoram que já morreram e, por conseqüência, perderam o corpo físico; mas, apesar de tudo, se agarram resolutamente ao médium no firme propósito de desfrutarem, por intermédio do perispírito de sua vítima — revestimento do “corpo espiritual” integrado na totalidade do sistema nervoso — as sensações carnisais, que, sem médium, jamais poderiam usufruir!

Ora, essas inopinadas Espiritopatias só poderão ser distinguidas de repentinas enfermidades quando o médico é dotado de sensibilidade mediúnica para identificar, junto ao paciente, o invisível responsável pelo quadro clínico ou psiquiátrico. Em não havendo a percepção extrasensorial da mediunidade, o recurso é aguardar o desenrolar dos acontecimentos, até que algum Espírito desencarnado se manifeste ou que a etiologia do mal súbito se evidencie.

No caso em foco, a paciente, a despeito de ser médium inconsciente e de rara sensibilidade, não fizera “iniciação”, nem tivera a mínima preparação para o exercício da mediunidade; tão pouco colocara suas preciosas faculdades a serviço de seu Mentor ou doutro Protetor por ele designado: utilizava-as por vaidade, visando à solução de problemas irrelevantes. O resultado foi o que se viu.

Entretanto, se ela tivesse tido um Mestre terreno para guiá-la no dédalo da mediunidade, aprenderia que todo Espírito, ao encarnar, se compromete a ajudar o progresso de amigos e a regenerar inimigos de anteriores existências, transformando-os, se não em amigos, pelo menos em Espíritos indiferentes. Aliás, desta regra não se eximiu nem Jesus, o qual, terminado o triênio da iniciação essênica, continuou na comunidade, até conseguir converter em amigos os inimigos do passado, luta que durou dos vinte e três aos vinte e nove anos, época em que se desligou do Qumrân, para exercer no meio do povo seu fenomenal ministério, incorporando entre os seus colaboradores e os seus defensores os ex-inimigos!

Mas, no caso da médium em tela, o pior era que ela se dizia espírita, sem atender à ética da doutrina kardequiana. Em consequência, tornou-se vítima de Espíritos zombeteiros, disfarçados com nome de eminentes vultos históricos, que se propunham escrever obras doutrinárias!

Entretanto, pelo fato de ignorar que há Espíritos obsessores, inclusive zombeteiros, dotados de sólida cultura, a médium não analisava o teor moral de suas psicografias, que é a pedra de toque das mensagens dos Espíritos, de modo que só conseguia escrevinhar páginas gongóricas e desconexas, reveladoras de incipiente desequilíbrio mental! Além disso, dizia-se médium receitista e, no entanto, prescrevia remédios homeopáticos à revelia da “lei de cura”, fundamento da Terapêutica Hahnemanniana.

É de ver, porém, que, sem a aplicação da lei dos semelhantes, os medicamentos homeopáticos não surtem o mínimo efeito. Todavia, o mais curioso é que ela receitava para os otários; para ela e o marido, não: quem prescrevia era eu!

Certa vez, chamei a atenção do coronel. Expliquei-lhe que a mediunidade receitista é raríssima e não colima a prática da Medicina e sim o amparo de enfermos paupérrimos e, sobretudo, a comprovação da sobrevivência dos médicos. Sem embargo, se o médico desencarnado precisa do médium como instrumento de seus designios, é óbvio que, receitando para estranhos, não poderia deixar de prescrever para o médium que lhe serve de aparelho! Contudo, a advertência não modificou o comportamento da médium, porque, no fundo, ela sabia que mistificava ou que era mistificada; e o marido, apesar da ineficácia do receituário da esposa, era daqueles que acreditam que os Espíritos tudo sabem e tudo podem e que a mediunidade da consorte era autêntica, exceto quando lhe atacava a precordialgia da angina do peito, hipótese em que apelava para mim.

A médium, por sua vez, repetidamente pedia ao marido que me chamasse para prestar-lhe socorro de emergência.

Lembro-me que, numa feita, fui solicitado porque a médium, depois de escrever oito horas consecutivas, sem interrupção para alimentar-se ou para satisfazer necessidades fisiológicas, não conseguira, por vontade própria, estancar a psicografia ou, melhor, a **psicorragia!** Entrementes, ao aproximar-me de seu apartamento, antes que tocasse a campainha, o obstinado escrevinhador escafedeu-se, deixando a médium completamente exausta, tamanha fora a quota de fluido de mediunidade que vampirizara em seu perispírito, que lhe esgotara o sistema nervoso!

Li, constrangido, um texto do bestialógico; e, mais uma vez, aconselhei a imprudente psicógrafa a abster-se da prática da mediunidade, até adquirir melhores conhecimentos doutrinários. Enfatizei que é ao preço do burilamento dos mais íntimos sentimentos que se conquista a assistência do Mentor e a colaboração de outros Protetores autênticos.

Ferida na vaidade, a médium retrucou-me, abespinhada, que seus guias eram Paulo de Tarso e... Jesus! Resultado: a prosápia decepou o diálogo. Não adianta dar água a quem não tem sede, já aconselhava o Mestre galileu.

Todavia, não tardou novo chamado. Desta vez, dramático, com risco de tragédia — a médium estava à morte! Fora de minha residência, só recebi o apelo três horas depois. Apesar de ainda não ter almoçado, quis partir imediatamente; mas um de meus Protetores, médico, preveniu-me de que não havia mister de afobação, de vez que o caso era de Espiritopatia e grande número de companheiros da vida eterna já se encontravam no lar da médium, razão por que a situação estava controlada, ensejando-me a alimentação e, em seguida, a partida com a mesma confiança que sempre encontraram em mim. “Ouvindo” e feito. Almocei calmamente e calmamente dirigi-me para a residência do coronel, distante da minha quatro quarteirões.

Encontrei ambiente de câmara mortuária. Ao receber-me, o coronel participou-me o desenlace da esposa! Lá estava um colega alopata, filho do coronel e enteado da médium, que, depois de examiná-la demoradamente, considerou-a morta. Sem me perturbar, antes de entrar no quarto da “morta”, pedi ao marido e ao colega um relatório minucioso das ocorrências. Quem mo deu, foi o marido. Ei-lo, em síntese: a “morta” acordara bem disposta, com perfeita saúde. Mas, por volta das dez horas, sem motivo aparente, a “falecida” mostrou-se muito nervosa, impaciente, angustiada e a acusar insuportável dispnéia, como se lhe obstruíssem os pulmões! A lacrimejar às bâtegas, implorava que me chamassem com urgência, pois se sentia à morte. Mas eu, como já disse, não me encontrava em casa, a despeito de ser domingo. Contudo, ela não quis outro médico. Entrementes, a situação agravou-se a galope. A terrível sensação de asfixia aumentou num crescendo apavorante. Muito agitada, ora de pé, ora sentada, ora levada até à janela, a paciente tentou desesperadamente minorar a falta de ar. Tudo em vão!

Por fim, manifestaram-se-lhe convulsivas crises de choro, entrecortadas com lancinantes e ininteligíveis lamentações e de cruciantes monólogos. Quase simultaneamente, queixava-se de que, aos poucos, se lhe esvaíam as forças; até que, vencida na luta contra o mal-estar, atirou-se no leito. Momentos depois, parecia morta! Não respondia aos apelos da família, nem gritados junto ao conduto auditivo. O colega, filho do coronel, já presente, esforçou-se para dirimir a dúvida; e constatou que não se lhe ouviam as bulhas cardíacas; nem se lhe palpava o pulso; nem se lhe escutavam ruídos respiratórios. A paciente estava hipotônica e pálida; depois, enrijeceu-se-lhe o corpo e persistiu a lividez e lívida e rija continuou, até que eu lá cheguei. Em suma, para a família ela estava morta e só não passaram o atestado de óbito porque o colega, membro da família, me imputou, como médico assistente, o desagradável dever.

Contudo, terminado o relato, eu permaneci tranqüilo, porque estava convicto da validade do diagnóstico feito pelos Protetores médicos, que, desde o início de minha carreira, sempre me assistiram; e porque, com muitos anos de prática, além de mais de um quinquênio de observações armadas, no Laboratório da SEPE, de janeiro de 1967 a maio de 1972, conheço quanto são proteiformes os quadros clínicos das Espiritopatias. Daí, sem relutância, haver convidado o coronel para entrar, comigo, no aposento onde se encontrava a esposa. A aparência era de morte. E, não obstante os protetores indígenas e africanos haverem “limpado” o ambiente, afastando os obsessores e os zombeteiros ligados ao casal, a fim de proteger-me o perispírito da contaminação com fluidos deletérios durante minha permanência no trevoso ambiente, ao deparar-me com a “morta”, vislumbrei imediatamente, por trás do dramático quadro que se me apresentou, a presença de dois Espíritos, um deles vestido de oficial de Marinha, com o corpo mutilado e a roupa ensanguentada!

A médium que, desde o momento em que se prostrou no leito sob a ação da Espiritopatia, passara do total relaxamento muscular da letargia à rigidez cadavérica da catalepsia, com minha presença regredira novamente da catalepsia à letargia. Ao aproximar-me mais dela, sem tocar em seu corpo, a “morta” deu os primeiros sinais de vida: rápidos tremores palpebrais. Calado, coloquei à pequena distância ambas as mãos espalmadas sobre sua cabeça; e, mentalmente, concitei o Espírito que a irradiava a manifestar-se-me. Rápido estremecimento percorreu o corpo da médium. Com profunda inspiração, restabeleceu-se-lhe a respiração. Movimentaram-se-lhe os membros. Contraíu-se-lhe a fisionomia num espasmo de choro. Depois, arregalaram-se-lhe os olhos, com *facies* de pavor, e gritou e chorou, suplicando socorro, porque se afogava.

Sem embargo, tranqüilizado com minha oração em seu favor, o Espírito pôde identificar-se ao coronel, seu parente. Oficial da Marinha de Guerra, fora morto com o torpedeamento do Cruzador Bahia. O episódio ocorrera durante a guerra, e, quando houve a manifestação, havia decorrido seis meses. Mas, o ex-oficial, se imaginava encarnado, preso nos destroços do navio, padecendo a asfixia do afogamento!

Todavia, por mim doutrinado, ficou mais lúcido e pôde esclarecer que ali fora levado pelo “tio Antoninho”, também aparentado com o coronel e desencarnado desde alguns anos. Depois, muito aflito, pediu notícias da esposa e dos filhos e indagou se eles ainda moravam no Grajaú. O coronel tentou acalmá-lo, dando-lhe todas as informações desejadas.

Terminado o diálogo com o coronel, eu o convidei a regressar sob a proteção de um dos meus amigos africanos, juntamente com o tio que o socorreu e, por vias indiretas, trouxe-o à minha presença.

Com o afastamento do Espírito sofredor em monoideísmo de afogamento, a “morta” despertou, espantada, inquirindo o que lhe havia acontecido. Com poucas palavras compreendeu tudo; e, com um pulo, saiu do leito e, lépida e sorridente, penetrou na sala a palestrar comigo. Era de ver a estupefação dos familiares que lhe foram “fazer quarto”!

Na verdade, tudo não passou duma Espiritopatia mascarada com a sintomatologia dramática de temível afecção cardiopulmonar. Durante o período da sintonização das vibrações do perispírito do Espírito desencarnado com as vibrações do perispírito da médium, ela ia captando gradativamente todas as pavorosas sensações e a desesperada emoção que atormentavam o afogado; e quando a adaptação atingiu certo nível, a médium perdeu a consciência e entrou em letargia, que durou cerca de uma hora, passando, a seguir, à catalepsia e assim permaneceu até que, com o apoio do Neo-espiritismo, pude socorrer não só o oficial desencarnado como a médium que lhe serviu de táboa de salvação!

Agora, o caso da “ressurreição” da filha de Jairo, líder fariseu.

Relata o evangelista que Jesus, a ensinar e a curar, estava cercado pela multidão. Participando dela, Jairo, chefe da Sinagoga de Cafarnaum. Alguém aproximou-se dele e censurou-lhe o procedimento: “Tua filha já morreu; por que ainda incomodas o Mestre?” (Mc. V, 35). Jesus ouviu a admoestação e “sem atender a estas palavras” incitou Jairo a não temer e a crer. Clarividente e clariaudiente, duma ou doutra forma, o Mestre ficou ciente de que o caso era de Espiritopatia letárgica; e, depois de doutrinar e de curar os que mereciam, o Mestre convidou apenas três discípulos, Pedro, Tiago e João, para “formarem corrente” junto ao leito da “morta” e, destarte, facilitarem o trabalho dos Protetores, que, como sempre, acompanhariam o poderoso profeta nazareno. Em seguida, Jesus partiu, seguido pelo pai da jovem “morta” (Mc. V, 37;40).

Em chegando à residência de Jairo, o Mestre encontrou verdadeiro pandemônio, com gritos de parentes, choros de carpideiras e ruídos estridentes de flautas nervosamente sopradas... Mal atravessou a soleira da porta, Jesus repreendeu os barulhentos: “Por que estais em alvoroço e chorais? A criança não está morta — dorme.” (Mc. V, 39). Os presentes não acreditaram na afirmação; “riram-se dele”. Entretanto, iniciado essênio no grau de Mestre, Jesus não poderia admitir que duvidassem de sua palavra. Por isso, ordenou que todos se retirassem. Depois, com os pais da “morta” e os discípulos que levou com ele, penetrou no quarto onde jazia imóvel, em coma letárgica, a jovem considerada morta. É evidente que, nesta altura dos acontecimentos, os Espíritos protetores a serviço de Jesus já haviam depurado o ambiente do lar, levando compulsoriamente para planos de correção, não só os Espíritos zombeteiros, que estavam com os que riram dele, como os Espíritos obsessores, que, por vingança contra Jairo, colocaram sua filha em “morte aparente”!

Com essas prévias precauções, o Mestre, sem perigo de contaminação com fluidos deletérios peculiares aos zombeteiros e aos obsessores, pôde segurar a “morta” pela mão e incitá-la: “Talitha koum!” ou seja — Levanta-te, menina! (Mc. V, 41).

A jovem, que tinha doze anos, levantou-se imediatamente e andou, com assombro dos que menosprezaram a assertiva do Mestre. Muito debilitada, por copiosa perda de fluidos perispirituais, surripiados por Espíritos obsessores, perigosos “caçadores de fluidos” que a levaram ao coma letárgico, o primeiro cuidado do Mestre foi ordenar que a alimentassem (Mc. V, 43).

À primeira vista, poderá parecer paradoxal esse vampirismo de fluidos. Contudo, Espíritos “caçadores de fluidos”, sejam eles sofredores, obsessores ou zombeteiros, têm o perispírito tão grosseiro que sentem sensações correspondentes às do corpo físico e, dentre elas, as da sintomatologia da doença que originou o óbito, hipótese que ocorreu nos Espíritos sofredores; enquanto que, nos obsessores e nos zombeteiros, o que prevalece é a debilidade conjugada à impressão de que o corpo espiritual, condensado com fluidos repelentes, que conservam o fedor da putrefação do cadáver, está tão pesado que lhes obsta a volitação, obrigando-os a estacionarem longo tempo no mesmo lugar. Além disso, atormenta-os a fome e a sede, ambas insaciáveis até que, vencidos pelo sofrimento, supliquem a misericórdia de Deus e recebam o amparo de seus Mentores.

Ora, diante disso, é compreensível o assédio dos Espíritos “caçadores de fluidos”, os quais, à míngua de religião e, por conseqüência, de renovação energética do perispírito por intermédio da oração, conservam as sensações das funções fisiológicas do corpo físico, que perderam; sensações que só desaparecerão com o remorso dos erros perpetrados e o pedido de socorro ao Criador. Até lá, as principais vítimas serão os médiuns invigilantes, porque, com a decepção e o afastamento do Mentor, ficarão com a mediunidade aberta ao assalto dos caçadores de fluidos. E pior será se o médium for criança ou jovem, porquanto, nestas hipóteses, o perispírito contém enorme percentagem de fluidos valiosíssimos, destinados à multiplicação celular e imprescindíveis ao crescimento corporal.

Ora, na expectativa de apoderarem-se de uma quota dos preciosos fluidos, a cobiça dos caçadores de fluidos atinge o clímax. E o motivo é óbvio: com a absorção de fluidos específicos à reprodução celular, o Espírito desencarnado sente-se forte e remoçado de tal modo que pode ampliar a volitação e dilatar seu campo de atuação, em detrimento das vítimas visadas.

Aliás, foi o que ocorreu com a filha de Jairo, jovem de doze anos de idade. Médium sensível e com o perispírito impregnado de fluidos de crescimento corporal, não poderia deixar de ser alvo ambicionado pelos caçadores de fluidos. Seu pai, não obstante ser chefe da Sinagoga de Cafarnaum,

certamente não proferia diariamente em seu lar verdadeiras orações. Se as rezava, eram apenas faladas, mas não sentidas. Família de médiuns destituídos, por falta de elevação espiritual, da indispensável proteção, pelo repúdio aos Espíritos protetores, conforme impõe o mosaísmo, não foi difícil o ataque dos caçadores de fluidos ao seu ponto mais vulnerável: a jovem de doze anos. Dominada por Espíritos zombeteiros, satisfeitos com o desafio ao chefe da Sinagoga, a jovem apresentou o quadro de Espiritopatia letárgica. Mas roubaram-lhe tanto fluido perispiritual que a paciente entrou em coma letárgico, com iminente queda de imunidade e conseqüente invasão do organismo por microorganismos patogênicos, calamidade evitada mercê dos pedidos de socorro de seu Mentor, dono de seu destino naquela encarnação!

Caso contrário, Jesus não teria apenas de acordar uma espiritopata em coma letárgico: teria de salvar uma vítima de grave auto-infecção, quiçá duma septicemia!

Na verdade, o fenômeno ocorrido com a filha de Jairo foi análogo ao acontecido com a esposa do coronel. De resto, a mediunidade com suas múltiplas implicações foi sempre uma constante inerente ao nosso planeta; e médiuns curadores com capacidade para efetuarem curas tidas e havidas como milagrosas, que incidiam com as Espiritopatias, também sempre os houve, em todas as crenças e cultos, desde os primórdios de nossa civilização. Nunca, porém, com o quilate das maravilhosas curas do Mestre galileu; e muito mais importante do que suas curas foi a nova faixa da revelação divina que ele nos doou, na qual refulge a incrementação do amor a Deus e ressalta a obrigação da confraternização mundial. E, agora, com maior faixa de revelação divina, surgiu o Neo-espiritismo, obra dos Mensageiros de Jesus. Nele, ao lado da onipotência, da onisciência e magnânima justiça do Criador, regida por sábia lei de causalidade moral, evidencia-se não só o mecanismo das inter-relações entre Espíritos desencarnados, muitíssimo mais numerosos, e Espíritos provisoriamente encarnados, como, também, as inter-relações dos cinco reinos da natureza e as onímodas atividades dos Espíritos desencarnados nos referidos reinos, tema totalmente desconhecido pela Ciência e pela Religião, as quais, amalgamadas, constituirão uma Religião científica detentora da Verdade integral do futuro!

JESUS RESSUSCITOU O FILHO DA VIÚVA DE NAIM?

A exaltação de Jesus, ao ponto de confundi-lo na teratogenia da Trindade, promove implicitamente a degradação do Criador do Universo ao nível de mísera criatura humana. Com isso, Deus se torna passível de praticar os mesmos erros que são cometidos não só pelos Espíritos encarnados como pelos Espíritos desencarnados. Conseqüentemente, o destino de todos nós fica pendente de um ser falível, sujeito a paixões, cuja Justiça oscila entre simpatias e idiosincrasias momentâneas. Portanto, ninguém terá garantias quanto ao futuro que o aguarda.

Por mais que o homem se aperfeiçoe moralmente, sujeito à onipotência de um Deus parcial, tanto pode ir o justo para o Inferno como o pecador para o Céu! Em prevalecendo tão terrível hipótese, os méritos e os deméritos nada influiriam no destino dos Espíritos. O que valeria, de fato, seria o pisto-lão da “graça” concedida arbitrariamente por “predestinação”! E, muita vez, nem a “graça” vale, porque a salvação obriga a intercessão do Salvador, no caso, o Filho, que, como o Pai também é Deus, mas que, no final de contas, vale mais do que o Pai, porquanto é ele quem salva os Espíritos encarnados e, também, os desencarnados, embora para salvar os irmãos faltosos o Deus Filho não haja encontrado melhor fórmula do que a de deixar-se crucificar!

Ora, admitindo-se, por absurdo, que o Filho, confundido na Trindade, também seja Deus, e, por conseqüência, onisciente e onipotente, sua morte voluntária importou em lastimável suicídio; porque, de toda forma, foi péssimo exemplo para os Espíritos encarnados, de vez que, além de ser amoral pagar o justo pelo pecador, seu execrável sacrifício voluntário foi esdrúxula apologia da autodestruição do maravilhoso corpo físico! Com um agravante: foi que, a despeito do cruel holocausto do Deus Filho, o planeta pouco lucrrou. O homem continua a hostilizar o homem, esquecido de que só o amor constrói para a eternidade!

Aliás, de acordo com capciosos teólogos, quem santifica pelas obras de Amor não é o Deus Filho, o venerado Mestre Jesus: é o excêntrico Deus columbino, denominado Espírito Santo!

Donde se colhe que, nessa embromação teológica, quem ficou minimizado foi o Deus Pai, o criador do Universo, e, portanto, o criador do Deus Filho e do Espírito Santo, mas que, nada obstante, acabou neutralizado, na alquimia da hipotética Trindade, por perfeitíssimo Espírito encarnado e por uma pomba!

Não é de admirar, pois, que, no mundo atual, empolgado pelo progresso da Ciência e radicado em obstinado materialismo, a monstrosidade mitológica de um Deus tripartido, isto é, constituído por três pessoas num só Deus, é fórmula desassisada prestes a caducar. A prova é que, com a bomba na mão, teólogos solertes escaparam pela tangente — “mataram” Deus e criaram o cristianismo ateu!

Sem embargo, inconformado com essa deturpação, moldada no marxismo, e cômico de que, na presente conjuntura, caberá ao Neo-espiritismo a glória de reivindicar o verdadeiro papel histórico de Jesus de Nazaré e de desvendar, diante do mundo, o verdadeiro cristianismo, ousei entrar na liça, instruído por Espíritos missionários, com o objetivo de elevar a apoucada conceituação sobre o Todo-Poderoso e de expungir a fulgurante personalidade de Jesus dos falsos adminículos com os quais arditamente a exornaram.

Como é notório, excluído o falso messianismo, que mergulha raízes no mistifório de arcaicos textos bíblicos, catados a dedo e, posteriormente, interpolados nas chamadas escrituras sagradas, com a finalidade de enquadrar Jesus na posição do “esperado Messias escatológico” de Israel, excluído o falso messianismo, repito, o que prevalece como tônica para a divinização do fenomenal médium nazareno são as impropriamente chamadas curas milagrosas. Isso prova, apenas, que os promotores da divinização do Mestre galileu ignoravam ou fingiam ignorar, que, desde épocas remotíssimas, muitas curas “milagrosas” ocorreram nos tabernáculos de seitas iniciáticas, mercê da cooperação de médiuns curadores e da intervenção de Espíritos superiores e, até, de Espíritos de mediana evolução! Mas, apesar de os inimigos da Verdade terem complicado o nome das coisas e, além disso, haverem afivelado ao rosto de ingênuos sectários um par de antolhos, o ruído dos fatos há de vencer a inércia dos incautos.

Na verdade, os fenômenos da mediunidade pululam por toda parte. Não há negá-los. Chamar de anjos aos Espíritos bondosos e de demônios aos Espíritos maus não afeta ao Neo-espiritismo. Denominar profetas aos médiuns clarividentes e de Santos aos Espíritos superiores, muito menos; porque o que importa não é o nome que se lhes dê: é o nível de perfeição espiritual que alcançaram na escalada evolutiva da eternidade.

Quanto a mim, a veneração que sinto por Jesus provém do fato de sabê-lo criado imperfeito, como todos os Espíritos, e, à custa de ingentes esforços desenvolvidos em incontáveis séculos, ora como Espírito encarnado, ora como Espírito desencarnado, haver atingido o zênite da perfeição terráquea na posição de Instrutor da humanidade, com a missão de revelar maior amplidão da verdade divina e de atrair grande número de ouvintes, perplexos com as curas “milagrosas” que efetuava, com os fluidos de sua mediunidade curadora e a cooperação de seus protetores, coadjuvados por muitos outros Espíritos colaboradores. Aliás, não há nenhum desdouro quando afirmo que o mecanismo das curas realizadas por Jesus foi o mesmíssimo utilizado, em todos os tempos, pelos “iniciados” nos mistérios do reino de Deus: dependeram da presença do médium curador com interferência de Espíritos cooperadores.

Por outro lado, independentemente dos fatores patogênicos descobertos pela Medicina, numerosas enfermidades existem que, não obstante se encontrarem mascaradas com quadros clínicos de etiologia conhecida, são provenientes da atuação de Espíritos sofredores ou, o que é pior, de Espíritos obsessores — doenças essas por mim denominadas Espiritopatias.

À míngua de sensibilidade extra-sensorial ou, mais explicitamente, de vidência mediúnica para identificar junto do paciente o Espírito causador da Espiritopatia, o único critério para o diagnóstico diferencial entre uma doença conhecida pela Medicina e uma Espiritopatia que se lhe assemelha, é a rebeldia desta aos mais poderosos recursos terapêuticos, em contraste com a rapidez que cede à intervenção de um Mestre encarnado e, até, à mediação de uma pessoa dotada de caráter sem jaça e devotada à prática da caridade.

Absolutamente convicto da realidade das Espiritopatias, em regra confundidas com neuroses ou psicoses e, principalmente, com psiconeuroses, pude acumular, com a ajuda de muitos Espíritos, Mestres da doutrina neo-espírita e cientistas uns, outros modestos colaboradores, centenas de observações colhidas nas sessões experimentais da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas (SEPE), cujas portas sempre estiveram abertas aos Médicos e aos demais pesquisadores da fenomenologia mediúnica.

Com as credenciais que me confere longa prática em estreito contato com Espiritopatias aparentemente espontâneas ou propositadamente provocadas pelo comando compulsório dos Espíritos, que comigo colaboram, sobre Espíritos sofredores e Espíritos obsessores; fato que deu origem à produção de inúmeros quadros clínicos, além de anômalas manifestações de letargia e de catalepsia, posso afirmar que, no caso do filho da viúva de Naim, não houve morte e, por consequência, não houve “ressurreição”, como afirma levemente Lucas, único evangelista que mencionou o fenômeno.

Mas para que se me não acoime de parcialidade, apresento uma síntese do relato bíblico: Ao aproximar-se da porta de entrada da cidade de Naim, Jesus deparou com um cortejo fúnebre e o pranto desesperado da mãe do “defunto” comoveu-o profundamente. Médiun dotado de todas as modalidades de mediunidade (talvez o único, que, até hoje, existiu em nosso planeta), num ápice, Jesus “ouviu” o pensamento de seu Mentor advertindo-o que o caso não era de morte. Por isso, pediu que sustassem o enterro. O cortejo parou. Jesus tocou no caixão fechado e, portanto, não teve contato direto com o corpo do “morto”; limitou-se a dizer-lhe: “Moço, eu te ordeno: levanta-te!”. Incontinenti, o “morto” ressuscitou, sentou-se no caixão e começou a falar. A multidão apavorou-se com o poder do profeta nazareno; mas rejubilou-se com o “milagre”, prova de que “Deus visitou o seu povo” (Lc. VII, 11-17).

Como se vê, no raco de Lucas há várias incongruências. Com efeito, com o corpo enfaixado da cabeça aos pés e, portanto, com os ouvidos tapa-

dos e, além disso, preso dentro de um esquife hermeticamente fechado, de que maneira o “morto” poderia ouvir a voz de Jesus e, ademais, obedecer-lhe a ordem? De resto, se o “morto” despertasse e se sentisse privado da visão, completamente imobilizado por fortes faixas e asfixiado num ambiente irrespirável, seria pior a emenda do que o soneto; ao invés de “morte aparente”, o tremendo impacto ser-lhe-ia fatal, tamanho seria o pavor que dele se oporia! Donde se conclui que Jesus jamais o exortaria a acordar, sem prévia libertação do “morto”, porque o mesmo seria que fulminá-lo pelo terrificante pressentimento de estar prestes a ser enterrado vivo!

Para felicidade do “morto” ele estava com os ouvidos tapados e, com os ruídos abafados dentro do caixão, de modo que, para acordá-lo, Jesus agiu de um modo muito mais racional, conforme mostrarei. Antes, porém, para proveitosa comparação, vou citar um fato ocorrido no fim do século passado com Bernheim, autor de *Hypnotisme, Suggestion, Psychothérapie* e chefe da escola de Nancy, rival da escola de Paris, inspirada por Charcot. Certa vez, Bernheim foi convidado a opinar a respeito de um “histérico”, aparentemente morto, o qual, pelo fato de ser indigente, foi removido para a Delegacia de Polícia. Em lá chegando, ao aproximar-se do “morto”, Bernheim notou-lhe acelerado pestanejo, que o denunciou como efêmero cataléptico. Depois de alguns testes, o afamado mestre de Nancy chegou à conclusão que o “morto” ouvia. Estribado nisso, Bernheim valeu-se do “analisador auditivo”, como se expressam os pavlovianos e estabeleceu *rapport* com o cataléptico e condicionou-o para voltar ao seu estado normal. Aí está a esdrúxula “ressurreição” processada numa Delegacia de Polícia!

Em contraste com este exemplo, no qual havia um “ponto vígil”, no córtex cerebral, ligado ao “analisador auditivo”, que facilitava a comunicação entre o hipnotizador e o sensitivo pelo signo-sinal da palavra, no caso do filho da viúva de Naim, além do bloqueio dos órgãos dos sentidos, havia um enfaixamento de múmia, que impossibilitava qualquer comunicação com o cataléptico. Nada obstante, para despertá-lo, Jesus com credencial de consumado Mestre, principiou sua atuação no plano espiritual. Com sua poderosa força telepática, ordenou ao Mentor do cataléptico que diligenciasse para afastar os Espíritos obsessores que, por vingança, estavam mantendo a catalepsia, com o intuito de conseguir que o rapaz fosse enterrado vivo; e, com autoridade de Mestre, destacou, dentre os Espíritos que o serviam incondicionalmente, reduzido grupo para cooperar com o Mentor do cataléptico no aprisionamento dos Espíritos obsessores responsáveis pela “morte aparente” da vítima. Como se infere, o verdadeiro diagnóstico era: Espiritopatia cataleptiforme!

Aprisionados os Espíritos malfeitores, Jesus mandou abrir o caixão e retirar imediatamente o enfaixamento que envolvia integralmente o corpo do “morto”. Com o esquife aberto e o corpo livre, o cataléptico pôde ouvir a

irresistível ordem do Mestre mandando-o acordar e sair do caixão, fatos que ocorreram prontamente e com a maior naturalidade. Força é reconhecer, no entanto, que, para a obtenção de tamanho êxito, foi imprescindível a força espiritual de um Mestre do porte moral de Jesus, além da colaboração do Mentor do cataléptico e da valiosa ajuda dos Espíritos a serviço do prodigioso profeta galileu.

Sem pretender estabelecer confrontos, vou relatar um caso de minha observação. Antes, porém, desejo salientar a atuação dos Espíritos desencarnados sobre o sistema nervoso dos Espíritos encarnados, médiuns ostensivos ou incógnitos. Os mestres da SEPE, com a valiosa contribuição de centenas de Espíritos desencarnados em diferentes níveis de evolução, provocaram em médiuns improvisados, e sem a mínima sugestão, interessantíssima fenomenologia, que perdurou mais de um lustro. Dentre outros, destacaram-se os fenômenos de incombustibilidade, de insensibilidade à corrente elétrica atingindo até mil volts, de imunidade espontânea aos micróbios de agulhas com mais de dez centímetros de comprimento, contaminadas propositadamente pelo atrito de encontro ao solo com a sola do sapato e, em seguida espetadas nas mais diversas regiões do corpo, ora sangrando, ora não, e nunca provocando posteriormente qualquer reação, mesmo quando perfuraram as faces e saíram na cavidade oral ou quando transfixaram a língua! Noutros médiuns, houve esvaziamento de artéria, desaparecimento do pulso, parada respiratória de até vinte minutos e parada cardíaca de mais de minuto e meio! Tudo sem qualquer dano para os médiuns, os quais, terminadas as experiências, acusavam grande bem-estar, com inusitada euforia!

Ora, as médiuns da SEPE são jovens normais, professoras umas, universitárias outras, todas dotadas de bom senso e de autocrítica. Não praticam a loga e desconhecem as religiões da Índia. São sadias e incapazes de mistificar; mesmo porque, com prolongada parada respiratória, demorada parada cardíaca e choque elétrico de mil volts, ninguém mistifica! De resto, fenômenos idênticos ou equivalentes foram provocados em crianças, cuja faixa etária variava entre nove e doze anos, fato jamais ocorrido no mundo, suponho eu.

Na verdade, esses assombrosos fenômenos não foram provocados por mim, nem por outro qualquer participante dessas sensacionais investigações: foram produzidos por cientistas desencarnados e, principalmente, por Mestres indianos, todos pertencentes ao plano espiritual da SEPE, de acordo com as provas de identidade com as quais se me apresentaram.

Vale ressaltar, outrossim, que os fenômenos não se manifestavam exclusivamente na sala de pesquisas da SEPE; ocorriam, também, em qualquer local em que eu me encontrasse para assumir a responsabilidade perante as autoridades!

Dentre vários exemplos, merece citado o que se segue: certa vez, uma das médiuns, única dotada de instrução rudimentar, no momento de sair do lar para cumprir o regime iniciático, juntamente com as companheiras, permanecendo durante duas horas na mata e no jardim de um parque de Niterói,

foi violentamente acusada e, até, ameaçada de agressão pelo marido, que não participava de suas convicções neo-espíritas. Consciente de sua responsabilidade, porque, naquele dia, à noite, deveria ser submetida, perante vários médicos e outros intelectuais, à prova de choque elétrico, na sessão experimental da SEPE, a médium, desesperada, voltou ao seu quarto e atirou-se na cama em prantos. Os filhos, gêmeos de 11 anos, foram, chorando, ao encontro da mãe. Mas tiveram tremenda surpresa! Encontraram-na deitada em decúbito dorsal, corpo hirto, rijo como pau, olhos fechados, boca fechada, dentes cerrados, imóvel como morta! Aflitos, os filhos tentaram acordá-la, gritando “mamãe”; depois, sacudiram-na, mas sentiram-lhe o corpo todo inteiriçado como o de um cadáver! O marido nada viu; após a descompostura, saíra, furioso, para o emprego. Os filhos, apavorados, correram à casa da mais próxima médium sepeana e relataram-lhe a “desgraça”. Incontinenti, a sepeana apelou para o concurso de outras, residentes a pouca distância. Em menos de uma hora, pequeno grupo já estava reunido em volta da cama da cataléptica.

A princípio, tentaram despertá-la: chamaram-na aos berros junto do pavilhão da orelha; sacudiram-lhe o corpo; beliscaram-na. Nada. Chumbada ao leito, corpo retesado e imóvel; sem respiração aparente não turvava o espelho posto rente de suas narinas; pulso impalpável, não se lhe ouviam as bulhas cardíacas; pálpebras semicerradas, globo ocular revirado para cima... E não atendia a ninguém: apelo dos parentes, gritos lancinantes de aflição, choro comovente dos filhos, orações e “cantos de iniciação” das companheiras da SEPE — tudo de balde!

Finalmente, todos desistiram e resignaram-se a aguardar meu retorno do consultório do Rio, fato que ocorreu aproximadamente doze horas depois que a médium entrou em catalepsia e permaneceu em estupor. Reiteradamente solicitado pelo telefone, percebi, desde logo, que o caso não corria perigo e, portanto, não havia necessidade de interromper as consultas, com prejuízo para muitos clientes. Limitei-me, pois, a recomendar calma, confiança e oração, até que me fosse possível atender à cataléptica. E, ao lá chegar, dei graças a Deus pelo fato de não haver errado o diagnóstico. Logo que penetrei na porta do quarto da cataléptica, pude certificar-me de que ela estava controlada por um Espírito indiano de elevada hierarquia, ao qual estou ligado por vínculos de várias encarnações, de modo que, entre nós, perdura profundo amor fraterno. À minha chegada, o Espírito amigo despertou a cataléptica, que acordou otimamente bem disposta e sorridente e disse que estava pronta para submeter-se às experiências da SEPE. O Mestre hindu explicou-me que fê-la dormir para refazer-se da perda de fluidos da mediunidade que sofrera com o impacto da agressividade do marido naquela madrugada, mal acabara de acordar.

Ora, com o perispírito desfalcado e, conseqüentemente, com o sistema nervoso alterado, seria perigosíssimo um choque de mil volts programado para aquela noite. Mas, com o trabalho efetuado pelo amicíssimo Mestre indiano, a médium que, durante 12 horas, não se alimentou, não bebeu água, nem satisfiz a nenhuma necessidade fisiológica, estava plenamente em forma para submeter-se a todas as pesquisas que os investigadores desejassem realizar. E, com efeito, após frugal refeição, levei-a para a sessão da SEPE, onde deu irretorquíveis provas de sua mediunidade e do trabalho científico dos Espíritos da SEPE.

Ora, se uma criatura imperfeita como eu me julgo, só pelo fato de haver dedicado sua vida à Medicina, à comprovação da mediunidade e demonstração da onipresença dos Espíritos desencarnados nos mais diversos planos existenciais de nosso privilegiado planeta, consegue, como sempre consegui, movimentar o mundo espiritual em benefício da humanidade, o que não poderia fazer um Mestre como Jesus de Nazaré, Espírito de Suprema hierarquia, que encarnou com a missão de revelar aos habitantes da Terra novas e resplendentes verdades divinas?

Portanto, não é de espantar que, dentre tantas curas prodigiosas por ele realizadas, Jesus houvesse acordado, com aparência de ressurreição, a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e Lázaro, todos com Espiritopatia cataleptiforme, e perfeita aparência de morte real!

JESUS RESSUSCITOU LÁZARO?

No firme propósito de obstar que Jesus permaneça considerado como Deus e, ao mesmo passo, tido e havido como cordeiro de Deus e animal de holocausto sacrificado para salvação da humanidade, criada imperfeita pelo Criador do Universo; e, mais grave ainda, que seja enquadrado como agitador social pelos filocomunistas do cristianismo ateu, continuarei a exaltá-lo à luz do Neo-espiritismo como líder religioso de nosso planeta.

Na verdade, de quantos falsos títulos lhe deram, um único é verdadeiro: o de Salvador dos Espíritos encarnados e dos Espíritos desencarnados localizados em nosso orbe; Salvador, não pelo sangue que lhe derramaram, mas pela doutrina que ensinou e pelos exemplos que nos doou, doutrina e exemplos que acrisolam o Espírito eterno no cadinho do Amor e da Caridade.

Sem embargo, foi mais pelo impacto emocional causado pelas curas “milagrosas”, que efetuou, do que pelo valor intrínseco dos preciosos ensinamentos, que disseminou, que Jesus, apesar de nada haver escrito, nem seus discípulos mais íntimos, quase todos, senão todos, pescadores analfabetos, conseguiu vencer a implacável corrosão dos séculos e permanecer presente nos textos fragmentários, encontrados em documentos esparsos, muitas décadas após sua crucificação!

Contudo, para que Jesus deixe de ser um pseudodeus, que, sobre não ter salvo os mais ardorosos cristãos, que morreram carbonizados ou estraçalhados por famintas feras, não se salvou nem a si próprio de execrável crucificação, é urgente e imprescindível colocá-lo em seu verdadeiro papel histórico como o supremo Instrutor da humanidade até hoje encarnado na Terra. Para isso foi preparado desde a infância, com ascetas essênios da comunidade do Mar Morto. Lá, ao completar maioridade, optou pelo compromisso da iniciação, na qual atingiu o grau máximo — de Mestre. Mas continuou com os essênios, dos quais só se desligou aos vinte e nove anos para difundir no seio da massa popular o Amor a Deus e a fraternidade mundial.

Aliás, não fora a deturpação do cristianismo, hermeticamente enclausurado em dogmas abstrusos, propositadamente concebidos para tornarem-se instrumentos de opressão religiosa e de assalto ao poder temporal, certamente teria prevalecido, em todo o mundo, um clima de confraternização geral inspirado no poder catalítico das comoventes prédicas do Mestre nazareno.

Todavia, como a fictícia divindade de Jesus de Nazaré foi argamassada, sobretudo, em assombrosas curas “milagrosas”, é imprescindível, em primeiro lugar, dissecar a anatomia dos fatos, a fim de torná-los compreensíveis como fenômenos naturais, inerentes à mediunidade; fenômenos que exigem, apenas, a existência do médium curador e a participação de Espíri-

tos desencarnados em diferentes níveis de evolução, os quais se responsabilizam pelo afastamento dos Espíritos sofredores ou obsessores que contribuíram para a gênese da Espiritopatia; ou que concorreram para agravar a etiologia da doença, neutralizando, inclusive, a ação dos medicamentos, mediante a captação da energia específica inerente a cada um deles, motivo por que os remédios não atuam enquanto os Espíritos captadores das energias físico-químicas dos medicamentos não forem apartados dos enfermos.

Em artigos anteriores, tive oportunidade para opinar a respeito de dois casos de “ressurreição”, o da filha de Jairo e o do filho da viúva de Naim. Agora, esmiuçarei o mais sensacional dos três, a “ressurreição” de Lázaro, na qual se escoram os teólogos na defesa da tese da divindade de Jesus.

Aliás, não deixa de ser estranhável que todos os casos de “ressurreição”, fenômeno sensacional e, portanto, de rápida propagação, não estejam registrados em todos os evangelhos. De fato, a “ressurreição” da filha de Jairo figura nos *Evangelhos* de Mateus, de Marcos e de Lucas, mas é omitida no Evangelho de João. (Mt. IX,23-26, Mc. V,35-43; Lc. VIII,50 ss); a “ressurreição” do filho da viúva de Naim só está registrada no Evangelho de Lucas (Lc. VII, 11 - 15). Entretanto, sobre essas ressurreições, João não tuguu, nem mugiu! Em compensação, no que diz respeito à “ressurreição” de Lázaro, silenciada por todos os sinóticos, João expandiu-se, com minúcias.

Donde se colhe que, de duas, uma: ou os evangelistas não foram, todos, contemporâneos de Jesus ou com ele não conviveram. Isto, para não admitir que João inventou a “ressurreição” de Lázaro.

Antes, porém, cabe esclarecer uma dúvida: quem foi, de fato, o autor do quarto Evangelho? Acaso poderia ter sido o filho de Zebedeu, como o pai, um ignorante pescador galileu, que, “miraculosamente”, redigiu, em grego, aquela metafísica abstrata, que não encontra termo de comparação nem nos sinóticos, nem no Talmu? Claro que não; a menos que fosse na base da mediunidade, pela psicografia. Mas, médium analfabeto psicografar em grego seria impossível.

De resto, por que Papias, admirador de João, ouvinte de Aristião e de Presbyteros Joannes, ambos discípulos de João, não obstante haver compilado caprichosamente todos os relatos destes discípulos, não fez a menor menção à existência de Jesus de Nazaré? Seja pelo que for, o evangelista não é, absolutamente, o mesmo que foi discípulo de Jesus: é outro João, muito mais culto, filiado à escola neoplatônica de Alexandria; o qual escreveu o quarto Evangelho por volta de um século depois da desencarnação do Mestre galileu, valendo-se de informações de segunda ou de terceira mão e, além disso, enxertando, em torno de cada fenômeno provocado pelo admirável profeta nazareno, suas próprias especulações metafísicas. Além de tudo, as verdadeiras prédicas de Jesus foram feitas em aramaico, língua por ele falada. No entanto, como aconteceu com outros *Evangelhos*, arbitria-

mente considerados apócrifos por motivos inconfessáveis, os textos originais ou foram propositadamente destruídos ou não prevaleceram na seleção posteriormente feita. Porque, na realidade, as especulações nefelibatas de João, no quarto *Evangelho*, interessavam muito mais.

Com efeito, para a escalada à hegemonia política, constante aspiração da Igreja Católica, a esdrúxula encarnação do Verbo, que, a princípio existiu sozinho e, portanto, era Deus, mas não era, porque ele “estava com Deus”, mas era, porque “o Verbo era Deus”, mas não era, porquanto, no princípio, somente ele “estava com Deus”, mas era, porque “todas as coisas foram feitas por intermédio dele” e “a vida estava nele” (Jo. I, 1-4), de modo que, desse mistifório, se conclui que Deus, de fato, encarnou à maneira dos Espíritos que ele criou e que o Papa, por sua infalibilidade em matéria religiosa, muito se aproxima de um Deus encarnado, com evidente desmerecimento de Jesus, cujos ensinamentos se tornam inexpressivos!

Entretanto, é inegável que João, além de tecer uma trama fictícia no que concerne à vida de Jesus, incompatível com a descrição dos *Evangelhos* sinóticos, ainda colocou na boca do Mestre conceitos e doutrinas que se chocam com os textos dos outros evangelistas! Daí a perplexidade de Renan, que não hesitou em afirmar: “Se Jesus falou como disse Mateus, não poderia ter falado como pretende João.”

Entretantes, focalizemos o fato central desse artigo: a “ressurreição” de Lázaro.

A narração é longa: principia com o capítulo décimo primeiro e estica-se em quarenta e quatro versículos pontilhados de incongruências. Aqui e acolá repontam interpolações, para enquadrar Jesus como “dono da vida e da ressurreição” e, *ipso facto*, fundador da “única religião verdadeira”. Mas logo no começo, agarra-se a mentira pelo gasnete! É quando, para identificar o “morto”, di-lo irmão de Marta e de Maria, “a que ungira o Senhor com perfume e lhe enxugara os pés com os cabelos”. Isso é mentira. Iniciado essênio, no grau de Mestre, Jesus repudiaria como vaidade a unção perfumada, hábito de sibaritas.

Flávio Josefo, historiador judeu contemporâneo de Jesus, que privou com os essênios, afirma peremptoriamente que aqueles ascetas consideravam como afronta o uso do perfume e que “se algum deles fosse untado de óleo contra a vontade, imediatamente limparia o corpo, porquanto têm o feio por formoso, salvo no que toca às vestes, que conservam sempre limpas”. E aos banhos, digo eu, que tomavam diariamente, pelo menos um.

Sem embargo, continuemos. Ao receber o recado de que Lázaro estava doente, Jesus disse: “Esta doença não é para morte, mas para a glória de Deus, a fim de que o Filho por ela seja glorificado.” A mistificação está evidente. Que a doença não era de morte não há duvidar; mas que fosse “para glória de Deus” (Jo. XI, 4), é absurdo, porque Deus não é tão sádico que se

glorifique com a doença duma criatura, nem tão injusto que exalte um filho tripudiando sobre a desgraça de outros. Mormente porque, no caso, Jesus, por mera vaidade, teria retardado, propositadamente, o socorro suplicado. No entanto, a verdade foi outra. Jesus, calmamente, afirmara: “Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou despertá-lo do sono.” (Jo. XI, 11). Médiun clariaudiente, Jesus “ouviu” a orientação de seu Mentor, prevenindo-o que a “morte aparente” de Lázaro era, na realidade, uma Espiritopatia cataléptica, causada por atuação de Espíritos inamistosos. Por isso, não havia necessidade de socorro imediato.

Contudo, linhas abaixo, João degradou Jesus, porque fê-lo mentiroso!

Com efeito, depois de ter afirmado que Lázaro “dormia”, Jesus, no contexto de João, caiu em contradição, asseverando que o cataléptico estava morto (Jo. XI, 14). Mas, afinal, quando Jesus falou a verdade? Quando afirmou que Lázaro apenas dormia e que ia acordá-lo; ou quando asseverou que Lázaro estava morto e que ia ressuscitá-lo?

De resto, Mestre admirável, exemplo de renúncia aos prazeres terrenos em troca da sublimação de seu Espírito e vivendo, como regra da iniciação, em verdadeira penúria a ponto de confessar que “não tinha onde repousar a cabeça”, Jesus, o grande iniciado essênio, foi metamorfoseado, por João de Éfeso, em “Senhor da Vida”, que só o Criador o é!

Sem embargo, a contradição está patente no texto bíblico, porque o próprio João relata que, ao aproximar-se do túmulo hermeticamente fechado, tão desesperada era a choradeira em derredor que “Jesus perturba-se e chora”! Perturbar-se por quê? E por que chorar? Pois João não afirmou que Jesus, e não Deus, era dono da Vida? Não; a verdade é outra, muito mais lógica. Jesus comoveu-se e chorou porque, como médiun sensibilíssimo, captou a radiação negativa do tétrico ambiente, a ponto de enternecer-se e de chorar, apesar de haver rezado suplicando o socorro de seu Mentor e de outros Protetores, que o pudessem isolar espiritualmente da ambiência, e coadjuvá-lo na cura do espiritopata cataléptico, afastando previamente os Espíritos malfazentes, que inteiriçaram o paciente naquele estado. Mas é preciso ressaltar que, se não fosse o inesperado contágio causado pelas radiações da emoção dos parentes e dos amigos do “morto”, a reação de Jesus seria muito diferente, de vez que ele era autêntico Mestre essênio; e um iniciado essênio não chorava ao arrostar com qualquer desgraça: enfrentava a própria morte sorrindo para o algoz, como se viu quando as tropas romanas tomaram de assalto a sede da comunidade do Mar Morto, no Qumrân!

Além disso, Jesus sabia, de certeza certa, que Lázaro não havia morrido. Quem supôs que Lázaro estivesse morto e já podre e fedorento, foi sua irmã, Marta, cuja convicção se baseou no fato de que havia quatro dias que o irmão jazia no túmulo (Jo. XI, 17). Mas isso Marta disse — atente-se bem — antes que o túmulo fosse aberto e ela mesma pudesse verificar o estado do

“cadáver”. Contudo, Jesus não concordou com ela; ao contrário, concitou-a a ter fé para que visse a “glória de Deus”. E, logo que o túmulo foi aberto, Jesus, voltando os olhos para o céu, exclamou: “Pai, graças te dou, porque me ouviste!” (Jo. XI, 41).

Donde se conclui que, ao tomar conhecimento da “morte” de Lázaro, Jesus exatamente porque não era Deus, nem “dono da Vida”, rogou ao Criador em favor do espiritopata cataléptico, e, por intermédio de sua clarividência, “viu” a distância que Lázaro, dominado por Espíritos inimigos, permanecia em catalepsia; e que, sem nenhum perigo, poderia continuar mais alguns dias enterrado, porquanto Espíritos emissários do Mentor do cataléptico permaneciam vigilantes, dia e noite, para que os Espíritos vingativos não agravassem a situação do cataléptico. Todos os emissários aguardavam, confiantes, a esperada chegada do Mestre, convocado pelas irmãs do cataléptico.

Em chegando ao local do túmulo, Jesus, como sempre ocorria em tais casos, estava acompanhado por poderosa falange de Espíritos protetores, em diferentes níveis hierárquicos, prontos para servi-lo em qualquer eventualidade. Com efeito, coube-lhes a ingente tarefa de limpar o ambiente, expulsando os Espíritos obsessores a fim de evitar qualquer contato com Jesus. Somente depois desse trabalho, Jesus principiou a cumprir a missão que o levou a Betânia.

Entretanto, há outro fato que merece esclarecido: por que, depois que recebeu o apelo das irmãs de Lázaro, Jesus retardou propositadamente sua partida. Por um motivo muito simples e muito justo: orientado pela “voz” de seu Mentor, o Mestre aguardou, durante quarenta e oito horas, colossal trabalho de centenas de Espíritos abnegados, no sentido de amainarem o ódio dos fariseus, que o queriam “lapidar”, quando o Mestre se refugiou na Galiléia e que ao regressar às proximidades de Jerusalém para salvar Lázaro, deveria encontrar os inimigos gratuitos com o ódio menos acirrado.

Completado o trabalho, o Mentor do Mestre mandou-o partir, embora por mais alguns dias Lázaro não correria perigo de vida. Mas a prova de que os judeus, avaros, gananciosos e hipócritas, ainda conservavam animosidade contra Jesus é que, ao chegarem, em companhia de Maria a soluçar, à beira do túmulo, certamente com a maldosa intenção de assistirem ao fracasso de Jesus, para acusá-lo de profanação de um túmulo, crime de morte, imediatamente um dos Espíritos protetores do profeta nazareno, visando a resguardá-lo das mefísticas emanações locais e das vibrações negativas dos judeus, abroquelou-lhe o luminosíssimo perispírito, com a vantagem de preservar as radiações curativas nele existentes. Mas, para alcançar seu objetivo, o Espírito protetor forçou a sintonização das vibrações de seu perispírito com as vibrações do perispírito do grande missionário encarnado.

Todavia, a manifesta diferença de vibrações entre os perispíritos de ambos provocou imediata superexcitação do córtex cerebral do maravilhoso médium nazareno, fato que lhe causou tremores generalizados; e idêntico fenômeno repetiu-se quando Jesus, já no local, se encaminhou para a porta do túmulo, uma gruta com grande pedra à entrada (Jo. XI, 33 e 38).

Como se depreende, a proteção dada *in loco* ao Mestre galileu foi esmerada, a fim de evitar a mínima contaminação de seu perispírito com os fluidos deletérios do ambiente sepulcral.

Com a justificação já feita, admito que ficou bem claro que Jesus não fora displicente no atendimento ao “seu amigo” Lázaro: fora, isto sim, obediente ao seu Mentor, “dono de seu destino”, e convicto nos conhecimentos que possuía.

Aliás, séculos antes, os hindus “iniciados” e, até, os faquires, todos controlados por Espíritos protetores, já permaneciam enterrados, em catalepsia, durante trinta ou mais dias, com suspensão ou espantosa redução das funções orgânicas, privação de todos os alimentos, inclusive d’água, e, mais assombroso ainda, com paralisação da respiração e, por conseqüência, com ausência de oxigênio, fato indubitável quando o caixão está enterrado a sete palmos de profundidade!

Ora, Jesus de Nazaré, iniciado essênio, que atingiu o pináculo da hierarquia, no grau de Mestre, não desconhecia esses casos excepcionais e, por isso, ao receber o aflitíssimo pedido de socorro de Marta em favor do irmão, permaneceu tranqüilo, a aguardar a resolução de seu Mentor e convencido de que, no momento oportuno, solucionaria o problema.

O curioso, porém, é que, na estória de Lázaro, até o epílogo está sub-repticiamente mal acabado. João inverteu, por conta própria, a ordem dos fatos e afirmou que Jesus, ao chegar próximo do túmulo, clamou: “Lázaro, vem para fora!” Mas o evangelista se esqueceu que Lázaro estava dentro do caixão, peado, maniatado e enfaixado como múmia e, por conseqüência, ainda que estivesse acordado e livre da catalepsia, não poderia, de modo algum, nem sequer mexer-se!

Foi como se, para despir um homem vestido com terno completo, João principiasse pela cueca e terminasse no paletó!

Contrariamente ao disparate, é óbvio que o normal seria, de início, mandar abrir o túmulo e, em seguida, libertar Lázaro das peias e das faixas e, somente depois, ordená-lo-ia — Saia daí! — e, voltando-se para os presentes, concitá-los-ia — “deixai-o ir”! (Jo. XI, 44).

Em princípio, o caso de Lázaro poderá ser verídico, desde que enquadrado na catalepsia por Espiritopatia, debelada pelo magnetismo e pela força moral de Jesus, com colaboração dos Espíritos protetores que o acolitavam em sua sublime missão de médium curador e de Mestre doutrinador.

É interessante assinalar que, em carta ao Imperador, o próprio Procônsul da Galiléia, Públius Léntulos, ao referir a Jesus de Nazaré, confirmou a versão de que “ele ressuscita os mortos e cura os enfermos” e que “os seus olhos severos têm o brilho de um raio de Sol”! Entrementes, com receio de comprometer-se, insinua covardemente: “corre que ele é teu inimigo, ó César!”

Na verdade, essa delação é simplesmente ignominiosa, porquanto Jesus já havia curado instantaneamente, por meio de passes mediúnicos, a lepra da filha do pusilânime Senador romano!

Contudo, um fato é absolutamente certo: quer nas instantâneas curas maravilhosas, quer nas aparentes ressurreições realizadas pelo assombroso Mestre galileu, nunca ocorreu milagre de espécie alguma; por uma razão muito simples: porque o milagre seria a revogação de leis naturais, que são a expressão do pensamento do Criador do Universo. Ora, onisciente como é, Deus não erra e, não errando, não pode corrigir-se, seja retificando, seja revogando leis que ele mesmo criou. Logo, não há e não pode haver qualquer milagre! Mas, por parte dos Espíritos protetores lá presentes, houve aplicação de leis naturais, que, por sua raridade, a Ciência oficial até hoje subestimou — leis que explicam fatos ocorridos, desde milênios, até entre povos primitivos, que vivem à margem da civilização.

Termino com uma ressalva: como em todos os demais artigos, tudo que foi dito nesta oportunidade a respeito da personalidade de Jesus de Nazaré e de seu maravilhoso, posto que efêmero, ministério no cenário da Palestina, máxime da Galiléia, embora possa parecer aberrante e, até, profundamente chocante para muitos leitores ingênuos, não é concepção minha — é fruto da revelação neo-espírita, que, há longos anos, venho recebendo, em caráter pessoal, de Espíritos missionários, em nome de Jesus, pelo qual alimento arraigada veneração.

Nada obstante, como critério para julgamento, espero que o leitor ávido de Verdade atente na racionalidade das interpretações por mim feitas acerca dos episódios bíblicos.

JESUS, INICIADO NO REINO DE DEUS

Não existe biografia autêntica de Jesus. A razão é simples. O Mestre galileu nasceu em lar humilde, sem expressão social, na obscura cidade de Nazaré. E não foi valorizado nem pela própria família. A prova é que, em pleno apostolado, quando já dera provas insofismáveis de sua maravilhosa mediunidade curadora, a família tentou seqüestrá-lo, na suposição de que ele estivesse “fora de si”! (Mc. III, 21).

De resto, exceção feita para pouco mais de uma dúzia de criaturas, quase ninguém percebeu a grandeza espiritual do Mestre nazareno. A turba sofredora, que o cercava, embora deslumbrada com os fenômenos e fascinada por seu magnetismo pessoal, estava muito mais interessada na própria cura do que na doutrina que ele pregava.

Por outro lado, vivendo numa época de messianismo exaltado, é provável que ingênuos patriotas o julgassem o esperado Messias escatológico de Israel; porque, desde muitos séculos, nas atribuladas alternâncias entre a escravidão e a liberdade, os profetas israelitas vinham proclamando a vitória final do “povo de Deus” com o advento de um Rei-Messias.

Quanto maior a opressão do conquistador — Egito, Babilônia, Pérsia, Grécia, Síria ou Roma — tanto mais violenta a explosão das esperanças messiânicas.

Estado militarmente fraco, geograficamente estratégico e comprimido entre aguerridos inimigos, Israel supria a deficiência bélica com o fervor religioso. E depositava esperança da libertação na aparição carismática de um enviado de Jeová, que, com coortes de Anjos, destruiria o invasor e estabeleceria por um milênio o “reino de justiça”.

Ora, Jesus não comandava aguerridas falanges, nem de soldados, quanto mais de Anjos! Também não instigava o povo contra os que talaram a Pátria e macularam o templo. Era pacífico e pregava a conquista do reino de Deus. Tentava melhorar o mundo aperfeiçoando o homem com a esperança de maior felicidade nos planos da Vida Espiritual.

Nessas condições, deveria ser, como foi, explorado na mediunidade e repudiado no ensino. E, até hoje, ainda é assim. O sofredor quer, quase exige, o alívio, mas não deseja a correção moral. Por isso, muitos preferem aderir a cultos atrasados, que tudo prometem levianamente, ao invés do Neo-espiritismo, que impõe a correção, porquanto é o auto-aperfeiçoamento moral que dá o merecimento para o refrigério dos sofrimentos ou a cura das doenças.

Por pregar tais postulados morais, Jesus não foi valorizado no âmbito social em que exerceu o ministério. Só depois de desencarnado a sua personalidade extraordinária cresceu, na memória de seus admiradores, a ponto

de projetar-se na História. Mesmo assim, somente Tácito e Flávio Josefo lhe dispensaram atenção. Isso, em poucas linhas e com desprezo. Porque a eles se lhes afigurou natural que a covardia de Pilatos entregasse um Espírito de escol e absolutamente inocente à ira duma malta fanática, assanhada por Sacerdotes despeitados!

A trágica verdade é que se, após o crime do Calvário, Jesus, amparado por muitos Espíritos protetores, não houvesse continuado a lutar heroicamente, aparecendo a vários médiuns e, até, materializando-se integralmente, toda a sua luta e o seu pavoroso sofrimento estariam esquecidos para sempre!

A abnegada encarnação do grande Mestre teria sido um fracasso total, com horripilante epílogo! Os próprios discípulos dispersariam aterrorizados com as perseguições que se sucederam.

Todavia, os fenômenos tipicamente de mediunidade, manifestados em seguida à execrável crucificação, salvaram o pouco que se salvou da edificante missão do boníssimo instrutor da humanidade. Com efeito, foram as ostensivas manifestações *post mortem* do iluminado galileu que revigoraram o entusiasmo e o espírito de luta nos discípulos pusilânimes!

Sem embargo, por terem sido criaturas ingênuas e desprovidas de instrução, os discípulos, com exceção, talvez, de Judas Ischariotes, de Paulo e de João — o que o traiu e os que o não conheceram pessoalmente — deixaram-se equivocar pela memória e pela exaltação mística, deformando fatos e idéias. É um fenômeno psicológico corriqueiro. O refrão popular já sentencia: “Quem conta um conto, aumenta um ponto.”

Pescadores galileus não poderiam saber ler e escrever, numa época em que isso era privilégio de poucos. Os fatos foram relatados oralmente, durante vários decênios. Os primeiros documentos escritos surgiram, afirma Renan, pelo menos meio século depois da desencarnação de Jesus. Eram muitos. E, na introdução do *Evangelho* segundo Lucas, a confissão está rasgada e nua.

Não obstante, a Igreja Católica, depois que, com a complacência de Constantino, empolgou o poder político, tornou-se dona e intérprete de todos os documentos. Escolheu, arbitrariamente, os quatro evangelhos que mais satisfaziam aos seus inconfessáveis interesses. Mas, apesar de tudo, entre nebulosidades de idéias antagônicas e de fatos contrastantes, o vulto ciclópico do abnegado nazareno lá refulge, com sua prodigiosa mediunidade, a levar, juntamente com o convite ao auto-aperfeiçoamento moral, o consolo da imortalidade e o lenitivo da cura das enfermidades às multidões marcadas pela dor, pelo desespero e pela miséria.

Onde adquiriu, pois, Jesus, a plenitude de tais faculdades, sempre conquistadas com rígida disciplina iniciática, sob a direção de autênticos Mestres? Teria sido com João Batista, o protótipo do “profeta” judeu? Certamente não. João Batista não fora um Mestre: fora, apenas, um asceta mal orientado, desertor do Qumrân, que poderia ter instigado o povo ao arrependimento, sem permanecer desganhado e seminu e, sobretudo, sem comer gafanhotos!

Jesus jamais poderia aceitar como Mestre um acridófago aterrador!

O batismo, originário da velha Índia, era realizado depois da confissão pública dos pecados e do testemunho da conversão, porquanto simbolizava a limpeza da alma ao entrar em nova seita.

Ora, Jesus jamais foi batista. Ao contrário, o profeta nazareno sempre esteve muito acima do nível espiritual demonstrado pelo esdrúxulo eremita, que se limitava a amedrontar seus ouvintes com próximas calamidades!

O encontro com João Batista é pura ficção. Jesus mereceu melhores Mestres. Onde encontrá-los? Não poderia ser entre saduceus materialistas, nem entre fariseus oportunistas, todos desejosos de aparentar obediência à lei do Sinai para usufruírem proventos materiais e recompensas terrestres. Para os saduceus a vida terminava com a morte do corpo; para os fariseus, haveria a ressurreição com o mesmo corpo carnal, após longo estágio no “seio de Abraão”. Finalmente, quando tudo se acabasse para todos, haveria novamente um milênio de vida terrena somente para a raça eleita, “o povo de Deus”!

Ora, Jesus, que pregou uma religião universal, não poderia aceitar um Deus faccioso, como Jeová ou Javé, que, independentemente de méritos e deméritos, predestina uns a nova existência milenar e a outros condena à putrefação do corpo e à destruição do Espírito!

Não; Jesus, por suas admiráveis mediunidades, por seu exemplar comportamento e por seus luminosos ensinamentos, demonstrou que teve melhores Mestres. Eles estavam em território da Galiléia, à margem do Mar Morto. Eram como o “Mestre de Justiça”, revelado há poucos anos, pelos Rolos do Qumrân. Mestres aos quais foi dado o conhecimento da verdade revelada a todos os profetas da Palestina, como afirma um dos papiros encontrados numa gruta do Qumrân. Tratava-se dos *assaya*, que, no aramaico, significa **curadores**, e, no grego, **terapeutas**. Foi lá, com os essênios, que Jesus fez sua “iniciação” e desenvolveu suas faculdades mediúnicas. Sobre o transcendental problema não pode perdurar a mínima dúvida, de vez que, na Palestina, somente os essênios possuíam autêntica “iniciação” nos mistérios do reino de Deus!

JESUS DE NAZARÉ, SUA EDUCAÇÃO E SUA INICIAÇÃO

A mediunidade é fenômeno universal. Independe da crença e da cultura. Existe desde os primórdios da civilização. Feiticeiros e hierofantes, pitonisas e profetas, todos foram médiuns dotados de diversas formas de mediunidade.

Todavia, há uma forma muito rara — a mediunidade curadora, que cura por “imposição das mãos” — com ou sem contato; e mais — que cura a distância, com ou sem sugestão. Essa é apanágio de médiuns “iniciados” nos mistérios do mundo espiritual. Isso porque mais do que qualquer outra forma de mediunidade, depende da colaboração de Protetores que, encarnados, foram médiuns curadores e, além disso, exige grande pureza de sentimentos, frugal regime alimentar e abstinência sexual, para poupança de fluidos vitais do sistema nervoso, irradiados através do perispírito. Renúncia e sacrifício a que poucos se dispõem. Máxime quando a abstinência é em favor do sofrimento alheio.

Sem embargo, nos centros de maior espiritualização, nos santuários de diferentes cultos “iniciáticos”, sempre houve autênticos médiuns curadores. Alguns foram Mestres venerados. Na Índia e no Egito, por exemplo, os verdadeiros médiuns curadores sempre realizaram prodígios. Com efeito, milênios antes de nossa Era, ao tempo de Krishna, os mestres indianos já curavam até a distância, com a colaboração de Espíritos curadores que os assistiam, na prática da caridade.

Nos próprios dias de Jesus, um iniciado pitagórico — Apolônio de Tiana — realizou lá mesmo, na Palestina, curas e prodígios equivalentes aos do assombroso profeta de Nazaré. Com uma diferença: é que a força espiritual de Jesus — iluminado Mestre, em encarnação missionária aliada à tocante mensagem divina, que trouxera para consolo dos desesperados e correção dos maus, calou nas consciências e tocou os corações, a ponto de, pouco a pouco, revolucionar o mundo e criar uma civilização, que, embora não seja estritamente cristã, é bem superior à que precedeu a vinda de Jesus. Contudo, para que Jesus conquistasse tamanho poder espiritual, houve mister de prévia “iniciação” para aprender os segredos do reino de Deus e desenvolver as maravilhosas faculdades mediúnicas, com que fora dotado pelos Senhores do Carma, que lhe planificaram a encarnação.

Não avento uma hipótese — afirmo um fato, conhecido por quantos privam com o mundo espiritual.

As exceções são sempre odiosas. Jesus não poderia ter sido urna exceção, sem que, com isso, o Criador do Universo se tornasse parcial. E muito menos poderia ser Deus, de vez que, nessa hipótese, teria fracassado. Fracassado porque, unido ao Deus Pai, nos impingiu um pecado original do qual não participamos e pelo qual não poderíamos ser incriminados; fracassado

porque, remorseado, se fez homem para nos salvar, quando, com sua onipotência divina poderia corrigir a falha de sua onisciência e, até, exculpar-se e transformar-nos em criaturas perfeitas; fracassado porque, com sua encarnação e sua morte voluntária, além de haver cometido suicídio, firmou o revoltante princípio de pagar o justo pelo pecador; fracassado porque, depois de sua morte, não protegeu os que nele confiaram e que, em consequência da conversão, foram crudelissimamente espostejados nos circos romanos, por feras famélicas; fracassado, finalmente, porque, a despeito de sua presença física e do seu terrível sacrifício, não logrou implantar, na Terra, o “reino de justiça” e estabelecer a confraternização de todos os Espíritos encarnados, nem, tão pouco, a fraternidade dos Espíritos desencarnados entre si, nem a desses Espíritos com os Espíritos encarnados, e vice-versa, exceção feita para os Espíritos evoluídos.

Ao contrário, o mundo permaneceu mau, egoísta e rebelde aos ensinamentos e aos exemplos dados pelo admirável missionário e intemorato revelador de maravilhosas leis de Deus. Por isso, até hoje, hordas de Espíritos vingativos, destituídos de corpo físico e, conseqüentemente, ocultos aos sentidos humanos, continuam a atuar, maléfica e incessantemente, sobre as criaturas, com cujos sentimentos nefastos podem sintonizar-se, causando-lhes toda espécie de sofrimentos não só morais como materiais, em doenças por mim denominadas Spiritopatias!

Contudo, o pior foi que até aqueles que se arvoraram em lídimos representantes de Jesus não tergiversaram em utilizarem-se de todos os meios lícitos e ilícitos para arrebataram o poder político e promoverem “guerras santas”, para talar e rapinar a pátria de seus irmãos, criaturas de um único Deus, cujo “crime” consistiu em protegerem, com sentinelas permanentes, o túmulo vazio de Jesus; e não aceitarem todos os postulados do pseudo-cristianismo incipiente!

Não, Jesus não é, nem nunca afirmou que era Deus; foi, e continua sendo, um Mestre venerável, que fez iniciação com ascetas essênios e, no presente, é o líder religioso do planeta, embora haja sido crucificado por força da maldade e da ignorância do povo e da ganância dos sacerdotes, que, além de invejá-lo temiam-lhe a concorrência, de vez que, com a abstenção de holocaustos cruentos, que Jesus não poderia endossar, estancar-se-ia o manancial de lucro que, com os animais oferecidos, afluía para o templo!

Em verdade, Jesus foi autêntico “terapeuta”, um “iniciado” que, pela iluminação de seu Espírito e pela potência maravilhosa de sua mediunidade polimorfa, ultrapassou os conhecimentos secretos do essenismo. Por isso, com permissão do Mestre de Justiça, rompeu os vínculos com a comunidade do Qumrân e, arrojadamente, foi pregar publicamente no meio do povo sofredor e enfermo. Apesar da advertência do Mestre de Justiça, que dirigia a comunidade e que o preveniu do risco que correria, Jesus libertou-se do

misérrimo isolamento da cela, onde, durante anos de ascetismo, conquistara, pela autodisciplina, pela meditação dos Livros Sagrados e, sobretudo, pelos ensinamentos que recebera, diretamente por clariaudiência, de seus Protetores, mercê de suas prodigiosas faculdades e, com inabalável convicção, pôde dar, a mancheias, as dádivas da sua iniciação e do seu amor fraterno!

Foi a desobediência ao Mestre essênio que originou o rumor de que fora tentado por Satanás. Sem embargo, Jesus desobedeceu ao Mestre da Terra para obedecer ao Mestre do Espaço, seu Mentor. E não o fez em busca de prazeres. Fê-lo por amor ao próximo e por ter compreendido, como Buda, que a vida ativa em favor dos semelhantes é mais válida do que a automartirização em reclusão inerme.

Tenho uma versão acerca da fase desconhecida da vida de Jesus. Não a imponho a ninguém, embora, pessoalmente, esteja convencido de sua veracidade. Revelou-ma, há vários anos, um Mestre do Neo-espiritismo, por intermédio duma médium excepcional — Palmyra Ribas — minha primeira esposa. Ei-la: Jesus, aos oito anos, estava sentado à beira da estrada, próxima de sua residência. Um Mestre essênio que no momento passava, estacou diante dele. Estava deslumbrado com a “aura” do menino. Vidente, num ápice, compreendeu tudo. E vendo-o, tranqüilo e meditativo, numa idade de traquinagens, interrogou-o sobre o em que estava a meditar.

— “Em como Deus fez o mundo” — respondeu-lhe a criança. Admirado com a inesperada resposta, retrucou-lhe o “iniciado” essênio: — “E como pensa você que Deus o fez?” — “Pela Matemática” — retorquiu-lhe, em semitransê, a criança!

Diante da assombrosa resposta, o Mestre, embevecido, procurou o carpinteiro José, pai de Jesus, e suplicou-lhe que lhe desse o menino para educá-lo, pois uma das finalidades da comunidade era essa. E foi assim que, desde criança, Jesus ficou aos cuidados dos essênios. Mas, aos trinta anos, quando recebeu ordem de seu Mentor espiritual para abandonar o mosteiro, curar publicamente os doentes e esparramar as sementes de seus ensinamentos no coração dos aflitos, Jesus não titubeou e partiu, abandonando a comunidade.

Flávio Josefo diz que os essênios aceitavam meninos para educar. Mas, nessa época, nem eu próprio havia lido *Guerra dos Judeus*. Muito menos a médium, que possuía, apenas, instrução primária. Isso, a mim me parece indício de validez para o relato mediúnico. Contudo, não imponho adesão. Aceite-o quem quiser. Mas a verdade é que, compreendida a “iniciação” de Jesus, sua vida pública se torna mais lógica. E, de toda forma, sem prévia “iniciação”, nenhum Mestre poderia alcançar o nível espiritual de Jesus. Pouco importa que a “iniciação” haja ocorrido no Egito, às margens do lago Marut ou Mariote, entre “terapeutas”, citados por Filon. Pouco importa, outrossim, que se tenha dado às margens do Mar Morto, no Khirbet-Qumrán, ponto demarcado pela descrição de Plínio, o Velho, que acompanhou a ex-

pedição de Tito. Também não importa que o teatro das atividades iniciáticas tenha sido Engade, como assevera E. Schuré. Não importa, igualmente, que a preparação de Jesus se tenha realizado em Qumrân-Feshkha, como propendem a acreditar autores modernos.

Sem embargo, modéstia à parte, eu afirmo que Jesus foi educado e iniciado no Qumrân, às margens do Mar Morto. E não estou só. Autoridades como A. Donini já opinam que, nos manuscritos do Mar Morto, encontra-se o “elo que faltava na série de acontecimentos que levaram ao nascimento do cristianismo”. Por outro lado, Dupont-Sommer apontou as semelhanças entre a comunidade essênica do Qumrân e as primitivas comunidades cristãs. Daniélou, em concordância com A. Jaubert, assinalou o fato de o calendário seguido pelos discípulos de Jesus coincidir com o do Qumrân.

Mas, o inquestionável é que Jesus, grande iniciado essênico, ultrapassou a força espiritual de seu Mestre e, por fim, revelou-se o médium mais completo e o maior dentre todos os Instrutores da humanidade que, até hoje, encarnaram na Terra!

Contudo, para alcançar tamanha culminação; Jesus contou com irrestrito apoio dos ascetas essênios, que o educaram e o iniciaram; e, muito mais: recebeu anos seguidos, de preferência no silêncio noturno, revelações individuais, ministradas por clariaudiência quase sempre por seu Mentor, dono de sua encarnação naquela preciosa existência; e, algumas vezes, surpreendentes doutrinações mediunicamente proferidas por diversos Espíritos de elevadíssima hierarquia, pondo-o a par de valiosos ensinamentos que, mais tarde, durante seu ministério, deveria propalar para divulgação popular de primorosos conceitos sobre o Criador, com exaltação de sua justiça, a qual, com a prevalência da palingenesia sujeita à indefectível lei de causalidade moral, a lei do carma, da qual nem Jesus escapou, e que elide a aparente e revoltante injustiça da desigualdade dos destinos humanos. Desigualdade muito justa porquanto, em nosso planeta, é ostensiva a heterogeneidade de evolução notada entre os Espíritos, quer estejam encarnados, quer estejam desencarnados. Portanto, é perfeitamente lógico que Espíritos desiguais, enquanto desiguais, trilhem destinos desiguais; e que cada um receba o prêmio ou o castigo proporcionalmente ao seu mérito ou ao seu demérito. Na órbita deste cânon não há lugar para salvadores, nem para pistolão: cada qual lute por sua própria perfeição, até conquistar definitiva felicidade. O modelo é Jesus e o escopo é alcançar a máxima evolução compatível com a Terra!

JESUS DE NAZARÉ, INICIADO ESSÊNIO I

Nunca foi tão urgente o discernimento da autêntica personalidade e a compreensão do verdadeiro papel histórico de Jesus de Nazaré, tão premente é a necessidade da expansão do genuíno cristianismo, atualmente redivivo no Neo-espiritismo, ampliação do Espiritismo.

Com efeito, em face do pavoroso potencial bélico acumulado pelas grandes potências, de duas uma: ou os homens aprimoram seus sentimentos e radicam, definitivamente, na Terra, a confraternização integral ou a civilização esmigalhar-se-á em horrendo turbilhão de colossais explosões atômicas e de horripilantes radiações letais oriundas de potentíssimas armas nucleares e, quiçá, de outras invenções, ainda sigilosas, e, certamente, de inconcebível poder mortífero!

Para evitar ou, pelo menos, limitar a arrasadora calamidade, é imprescindível que o legítimo cristianismo seja mundialmente aceito e Jesus reconhecido como líder incontestado do movimento de renovação moral reclamado no planeta. Contudo, para o êxito de tão gigantesco empreendimento, é indispensável que, em primeiro lugar, se destrua o irrisório mito da divindade de Jesus, de molde a repô-lo no seio da humanidade, constituído de natureza exatamente idêntica à nossa. Caso contrário, seria refalsada fatuidade pretender tomá-lo como exemplo e segui-lo como Mestre, pois é óbvio que a distância que separa a perfeição do Criador da tibieza moral das criaturas terrenas é infinita e, portanto, inatingível. Logo, se Jesus fosse Deus, além de não ter tido nenhum mérito por sua perfeição, nem por seus poderes, seria inimitável pelo homem e, por conseqüência, não valeria como Mestre da humanidade; ao passo que, havendo conquistado, como conquistou, com esforço próprio, em ininterrupta luta multissecular, ora como Espírito encarnado, ora, em mais dilatados intervalos, como Espírito desencarnado, a incomparável perfeição de sua derradeira encarnação, tornou-se-nos autêntico modelo, com credenciais que lhe asseguram o direito de comandar a evolução de todos os Espíritos terráqueos, quer estejam encarnados, quer estejam desencarnados. Em síntese: não deverá tardar o dia em que todos os cultos e religiões da Terra reverenciarão o Mestre galileu como inquestionável líder religioso de nosso planeta; e, à maneira do Neo-espiritismo, apontarão em suas pegadas o caminho para o progresso da humanidade, presentemente inquinada de erros, mas, no futuro, burilada com excelsas virtudes, que a elevarão a alcançados planos de perene felicidade, com apoteose à justiça do Criador!

Em verdade, seria esdrúxulo paradoxo pretender pautar a evolução dos Espíritos terráqueos, encarnados ou não, pelos ensinamentos e pela exemplificação de um Mestre de natureza divina, fato tão aberrante quanto tentar induzir azêmolos irracionais a comportar-se como criaturas humanas.

Com efeito, em se tratando de Mestre e discípulos de naturezas tão antagônicas, justificar-se-ia por que, não obstante seu esplêndido ministério, todo ele pontilhado de curas tão maravilhosas que foram confundidas com curas milagrosas; e, com sua resignação e inaudita coragem em face da arbitrária condenação e da crudelíssima crucificação, o iluminado profeta nazareno, depois de titânica luta e de heróico sacrifício, não conseguiu demover da prática do mal senão ridícula minoria de contemporâneos, inclusive de conterrâneos!

De resto, para maior humilhação do Mestre, arrastaram-no à morte aviltante. Com efeito, a crucificação era punição destinada, exclusivamente, a escravos responsáveis por crimes hediondos, mas, em hipótese alguma a cidadãos livres, infratores de leis religiosas, como as do mosaísmo, máxime quando, à míngua de julgamento, prevaleceram hipóteses propositadamente inventadas. De fato, no caso de ofensa à religião, a condenação à morte seria por lapidação; e, na eventualidade de um crime político, a morte se consumaria por decapitação. Ora, Jesus não cometeu infração à lei mosaica, não foi autor de crime político, nem praticou crime bárbaro. Logo, por justiça, não poderia ser nem lapidado, nem decapitado e, muito menos, crucificado!

Como se infere, apesar da pureza de seus sentimentos, da magnitude de sua obra social, referta de caridade, da consolação proporcionada por suas admiráveis prédicas, lamentavelmente deturpadas nos dois contraditórios sermões da montanha, da pertinácia de sua luta varonil contra a ambição dos sacerdotes, a principiar pelo corifeu do Sinédrio, do desafio à prepotência dos fariseus ortodoxos, por ele acusados de espoliadores de órfãos e viúvas indefesas e, sobretudo, das assombrosas curas que efetuou, no meio do povo, durante mais de um ano, a compungente realidade é que pouco interesse despertou pelo progresso espiritual no séquito gemebundo que o acolitava, por toda parte, sempre com a audição aguçada, à espreita de um chamado para a dádiva da cura, além de muitos outros, que permaneciam de olhos fitos no médium “fora de série”, a aguardarem ansiosamente uma oportunidade para serem alijados das graves doenças que lhes carcomiam o organismo prestes a cambalear!

Todavia, o fato mais chocante é que, não obstante o extraordinário magnetismo do doutrinador e da racionalidade de seus ensinamentos, fruto de revelação individual, dada anos seguidos, Jesus de Nazaré, o Mestre dos Mestres, até ao presente, não conseguiu implantar a fraternidade na Terra!

Entretanto, ao contrário da *Bíblia*, que nos aponta um Criador, que, além de ter errado na criação do homem de barro e prevaricado na formação da mulher de osso de costela, mostra-se iracundo, cruel, vingativo e sangüinário, o nazareno no-lo apresenta infinitamente bom, sábio e justo, o qual, por inamovível lei de causalidade moral, concede a cada qual o prêmio

ou o castigo em harmonia com seus sentimentos e suas ações. De resto, todo sofrimento é corretivo e dura o tempo necessário ao arrependimento e à retificação dos defeitos morais. Conseqüentemente, não há penas eternas; a duração das provações é proporcional à gravidade e ao número de faltas. Como se conclui, Deus castiga para corrigir; corrige para aperfeiçoar; aperfeiçoa para dar felicidade eterna!

Força é reconhecer, portanto, que existe apenas um caminho para levarmos à felicidade integral: é a perfeição compatível com a evolução adquirível em nosso planeta, glória que se alcança com diuturna dedicação à caridade, à fraternidade, com muito amor aos nossos Protetores, máxime ao nosso Mentor e aos Senhores do Carma, planejadores de nossos destinos e, acima de tudo, com profunda veneração ao Criador.

Entretanto, tão alevantado ideal não se galga senão com hercúleo esforço em prol do desprendimento das ilusórias venturas terrenas, e com espontânea renúncia de todos os bens percíveis inerentes a este plano de vida!

Aliás, de tudo isso o Mestre Jesus nos deu os mais significativos e edificantes exemplos. Mas, apesar de tudo, poucos, pouquíssimos habitantes da Terra se decidiram a imitá-lo; a imensa maioria limitou-se a explorá-lo, exaurindo-o com excessiva doação de fluido perispiritual, que, sobre ser fluido curador, é fluido vital, mantenedor da vida do corpo físico; e, a despeito de o Mestre permanecer, até hoje, relegado pela enorme maioria de Espíritos encarnados e desencarnados que habitam em diferentes setores da Terra, continua comercialmente explorado como partícipe de hipotética Trindade, sensível às promessas e aos donativos monetários e, pessoalmente, sacrificado em holocaustos incruentos, como “cordeiro de Deus”, encarcerado numa hóstia de pão ázimo!

Sem embargo, colocado em seu verdadeiro lugar, como nosso irmão, nosso supremo Mestre e exponencial líder religioso do planeta, Jesus da Galiléia depara-se-nos como alvo de incomensurável gratidão e de perpétua veneração.

De resto, contemplado deste ângulo, Jesus liberta-se dos grilhões duma Igreja que, há quase dois milênios, o explora escandalosamente transfigurado em filho de Deus igual a Deus; mas, livre das peias dogmáticas, com livre iniciativa, antolha-se-nos como insuperável ou, pelo menos, insuperado benfeitor do gênero humano!

Contudo, quando chegar o auspicioso dia em que todos os Espíritos terráqueos, quer estejam encarnados, quer estejam desencarnados, se sintam fartos de tanto prevaricar e desolados de tanto sofrer provações corretivas, aspirem a conquista de maior evolução, o pouco que restou da verdadeira doutrina de Jesus, toda ela transmitida de boca em boca e, portanto, sujeita a equívocos, apesar de tudo ainda é válido. Aliás, os exageros nos relatos verbais são tão freqüentes que a sabedoria popular já os perpetuou

no anexam: “Quem conta um conto, aumenta um ponto.” Sem embargo, os fragmentos da doutrina que perduraram através dos séculos, se aceitos com humildade e retidão, bastarão para sublimar os sentimentos dos terráqueos e imprimir nova feição à futura civilização do orbe. Mas o pior foi que a doutrina de Jesus só apareceu escrita em contraditórios folhetos ditos evangelhos, todos de duvidosos autores, resguardados com a preposição “segundo” na testa do contexto; e isso, no mínimo, meio século após a horripilante crucificação do iluminado nazareno!

Em chegando essa venturosa época, é óbvio que brilharão as luzes do Espiritismo e fulgirá o fanal do Neo-espiritismo, doutrinas essas diretamente transmitidas por Mensageiros da plêiade de Espíritos de elevadíssima hierarquia, os quais, em nome do Criador, governam a Terra e serão difundidas por Espíritos missionários, que, por delegação de Jesus, líder religioso do planeta, estão encarregados de incrementar o progresso moral dos Espíritos terrenos com adoção de postulados racionais, que iluminarão as consciências e plasmarão em moldes mais perfeitos a civilização do terceiro milênio, consoante já previra, há dois mil anos, o impávido Mártir do Gólgota!

Entretantes, para realçar a verdadeira personalidade de Jesus de Nazaré, não ficarei prisioneiro à letra morta da *Bíblia*, mero documento histórico do povo israelita, que nada tem de sagrado, apesar de ter sido enxertado com fragmentários ensinamentos do Mestre nazareno e ilustrado com algumas curas maravilhosas dentre as muitas feitas pelo assombroso médium curador. É de ver, outrossim, que na *Bíblia* estão intercaladas, lado a lado, autênticas revelações dadas por Espíritos de elevada hierarquia e mensagens apócrifas forjicadas por pseudo-hermeneutas, com berrante antagonismo, na forma e no fundo, prova evidente não só de desigual evolução dos Espíritos que as transmitiram, como do desnível do gabarito moral dos médiuns que as receberam. Mas, a despeito das incongruências do chamado “livro sagrado”, nele encontro, a cada passo, supedâneo para as assertivas positivas ou negativas que aqui faço.

A verdade, porém, é que acima de tudo coloco os postulados da filosofia neo-espírita, revelação que, durante anos seguidos recebi, e ainda recebo, por parte duma plêiade de Espíritos instrutores, mensageiros diretos ou indiretos do Mestre supremo, Jesus de Nazaré. Ademais, norteio-me pela experiência adquirida, em mais de quarenta anos, no trato com Espíritos desencarnados nos mais díspares níveis de evolução. E pouco se me dá que tamanho acervo não seja válido para os que se deixam cegar pelos preconceitos ou dominar por interesses inconfessáveis.

Na verdade, escrevo para os que não têm religião ou não estão plenamente satisfeitos com a que professam; e, sobretudo, para os que aspiram a uma verdade mais ampla, decalcada em fatos e fortalecida pela lógica no que tange aos “mistérios do reino de Deus”, tudo consolidado com concei-

tos mais prováveis acerca do Criador e de sua expansão no Universo inteiro, com inclusão de postulados racionais sobre a criação dos Espíritos terráqueos e da justiça que preside seus destinos, aparentemente arbitrários e facciosos!

No que concerne a Jesus de Nazaré, é indispensável, em primeiro lugar, demonstrar que ele existiu e, ao depois, que deixou bosquejada uma doutrina religiosa revolucionária para a época em que fora propalada. Posto que as fontes originais de sua existência não sejam abundantes, bastam para elidir *in limine* a hipótese mitológica, ainda aceita por materialistas empedernidos.

Contudo, sem perda de tempo, recorro aos testemunhos.

Tácito, historiador latino, em seus *Annali*, escritos por volta do ano 116, ao tratar do incêndio de Roma provocado por Nero, afirma que, para eximir-se da culpa, o Imperador acusou os cristãos. E explica: “O autor desta denominação, Cristo, fora supliciado por Pôncio Pilatos sob o Império de Tibério.” (*Annali*, XV, 44).

Suetônio, também historiador latino, em sua *Vita di Claudio*, escrita por volta do ano 120, informa que o Imperador expulsou de Roma os judeus, porque viviam em constantes agitações por causa de Cresto (*Vita Claudii*, XXV). Como se vê, o historiador confunde Cristo ou Messias, com Cresto, nome próprio, e, além disso, “imagina que o seu Cresto houvesse estado, pessoalmente, em Roma e, aí, provocado tumulto” (*Ricciotti - Vita de Gesù Cristo*. Ed. 1941. pág. 107). Esta versão é confirmada por Domenico Grasso em *O problema de Cristo*, pág. 38.

Aliás, antes de Tácito e de Suetônio, aproximadamente em 112, Plínio, o Jovem, governador da Bitínia, referiu-se aos cristãos e acrescentou: “Costumavam reunir-se num dia fixado, ao alvorecer, para louvarem Cristo, que eles consideravam como seu próprio Deus.” (Epíst. X,96).

O ato de louvar a Deus ao alvorecer fazia parte do ritual dos essênios, entre os quais Jesus foi educado e iniciado, conforme insistirei; e o fato de Jesus ter sido qualificado como Deus, não é para admirar de vez que seus sectários conviviam com politeístas e conheciam de ouvida muitas curas “milagrosas” feitas pelo Mestre durante seu curto ministério.

Por outro lado, Flávio Josefo, historiador judeu, que nasceu poucos anos depois da morte de Jesus, referiu-se, em *Antigüidades Judaicas* a um homem que realizou coisas extraordinárias e “foi Mestre dos homens que acolhem, com entusiasmo, a verdade”; e acrescentou: “Atraiu para si muitos judeus e muitos gregos; ele é o Cristo.” (*Antigüidades Judaicas*, XVII, 63-64).

Além desses, Papias, Bispo de Hierópolis, na Frígia, escreveu, por volta de 125, um comentário em cinco livros sobre os aforismos de Jesus. E o historiador Eusébio de Cesareia transmitiu-nos alguns apotegmas dessa obra, hoje desaparecida. É de notar que Papias afirmara que, sempre que se lhe

apresentava oportunidade, interrogava os que haviam conhecido pessoalmente algum dos apóstolos, pois preferia “ouvir a palavra viva dos que ainda viviam”, ao invés de ler seus livros. E desce a minúcias: Marcos, intérprete de Pedro, escrevia diligentemente, sem ordem, à medida que se recordava das lições de Jesus; Mateus “coordenou em dialeto hebraico os aforismos de Jesus (proferidos em aramaico), interpretando-os segundo sua própria capacidade”.

Como se deduz, o depoimento de Papias é importante, porque remonta a apenas 55 anos após a composição dos sinódicos, e procede de quem conheceu pessoas que estiveram em contato com os apóstolos, embora esse contato, por si só, não sirva de garantia à rigorosa fidelidade das palavras pronunciadas e dos conceitos emitidos, de segunda mão, pelos discípulos do Mestre nazareno!

Sem dúvida, eu poderia prosseguir; mas, para quê? O que foi dito é mais que suficiente para não deixar a mínima dúvida de que Jesus não foi um mito, nem um Deus, mas um homem verdadeiro, único, talvez, que, ainda encarnado, conseguiu alcançar todas as perfeições terrenas; falta, tão-somente, a focalização de sua doutrina, expungida dos adminículos em que a emaranharam, arditas interpolações de facciosos hermeneutas, agravadas pela cupidez de solertes exploradores de Deus para que se possa aquilatar, em toda plenitude, o incomensurável valor do Mestre incomparável.

Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que, em seu ministério, Jesus não teve liberdade de palavra, nem para criticar os erros do mosaísmo, nem para revelar as verdades secretas do essenismo. Na primeira hipótese, porque o fanatismo do “povo de Deus” esmagá-lo-ia a pedradas; na segunda hipótese, porque o excessivo zelo dos iniciados essênios punia com completo isolamento da comunidade o infrator do “juramento de morte” que sacramentava a “iniciação”. Ora, expulso da comunidade e, por consequência, privado da restrita alimentação regimentar, o transgressor preferia morrer de inanição do que valer-se de alimentos que o seu organismo, afeito ao paupérrimo cardápio dos iniciados, repelia com repugnância e violento choque.

Quanto à doutrina, os dois principais postulados, tanto no essenismo como no cristianismo, são a veneração incondicional a Deus, a reverência aos Mestres e o amor aos semelhantes. De fato, interrogado por um escriba, ávido de sondar a essência de sua doutrina, Jesus, à maneira dos essênios, respondeu-lhe: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento.” E completou: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mt. XXII, 34-40; Mc. XII, 28). E, generoso como um essênio, Jesus aconselhou: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.” (Mt. V, 44). E mais: “Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles.” (Lc. VI, 27-31). Admirado com a indulgência do Mestre, Pedro consulta-o: “Senhor, até quantas vezes pecará um irmão contra mim que eu o deva perdoar; até sete vezes?” Incontinenti, replica-lhe Jesus. “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.” (Mt. XVIII, 21.22).

Como se vê, ao modo dos essênios, Jesus dá ênfase ao amor fraterno e ao perdão.

Em retificando o mosaísmo, Jesus verbera: “Ouviste que foi dito aos antigos: Não matarás; e quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento... Se, pois, ao trazeres tua oferta ao altar, ali te lembrares de que teu irmão tem queixa contra ti, vá primeiro reconciliar-te com ele; depois, então, volta e faz tua oferta. E se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e a dos fariseus, jamais entrareis no reino de Deus.” (Mt. V, 17-24).

Novamente, Jesus rebate o mosaísmo. “Ouviste que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém vos digo: Quem olhar para uma mulher com intenção impura, em pensamento, já adulterou com ela.” (Mt. V, 27-28). E Jesus prossegue: “Ouviste que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com Deus os teus juramentos. Eu, porém, vos digo — de modo algum jureis. Seja, porém, tua palavra: sim, sim; não, não.” (Mt. V, 33 e 37). Jesus continua: “Ouviste que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: Não resistais ao perverso; mas a quem te ferir a face direita, volta-lhe, também, a esquerda. E ao que demandar contigo e tirar-te a capa, dá-lhe, também, a túnica.” (Mt. V, 38 e 42). Jesus insiste: “Ouviste que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, para que vos torneis ‘filhos de Deus’.” (Mt. V, 43). Entre os essênios, “filho de Deus” era qualificativo de iniciado.

Para o confronto do cristianismo com o essenismo, tomo como guia Flávio Josefo, que conheceu de perto os ascetas judeus. Em suas obras, *Antigüidades Judaicas* e *Guerra dos Judeus*, o historiador destaca, em primeiro lugar, a veneração daqueles místicos pelo Criador e, imediatamente depois, sublinha que os essênios “eram muito unidos pelo amor fraterno; que eram destituídos de ganância e, sexualmente, abstinentes.” E mais: que desprezavam a riqueza e consideravam muito honrosa a comunicação dos bens, uns com os outros; não admitiam que um fosse mais rico que outro; quem quisesse seguir a disciplina desta seita tinha que pôr todos os seus bens em comum, para utilização de todos, porque, desta maneira, nem a pobreza humilha, nem a riqueza provoca soberbo orgulho; mas, misturados os donativos como propriedade de irmãos, o total formará um patrimônio comum.

À guisa dos essênios, Jesus desprezava a riqueza, porque acarreta empáfia e prepotência para seu possuidor. Aqui a prova: “Bem-aventurados vós os pobres, porque vosso é o ‘reino de Deus’.” (expressão essênia) (Lc. VI, 20). E reafirmou o mal que a riqueza provoca no Espírito: “E ainda vos digo que é mais fácil passar uma corda (e não um camelo, erro de tradução) pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.” (Mt. XIX, 24).

Com efeito, “não podeis servir a Deus e às riquezas.” (Mt. VI, 24). Portanto, se optais por Deus, “não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça rói, a ferrugem corrói e os ladrões roubam; mas ajuntai, para vós, tesouros no reino de Deus, onde a traça não rói, a ferrugem não corrói e o ladrão não rouba.” (Mt. VI, 19-21). Convicto da justiça do Criador, Jesus insiste: “Não andeis ansiosos pela vossa vida quanto ao que haveis de comer ou de beber, nem quanto ao que haveis de vestir, pois vosso Pai sabe o de que necessitais, antes que Lh’o peça. Buscai, pois, em primeiro lugar, o reino de Deus e sua justiça; e todas essas coisas vos serão acrescentadas. Não vos inquieteis, portanto, com o dia de amanhã; pois o dia de amanhã trará os seus cuidados: basta a cada dia as suas próprias preocupações.” (Mt. VI, 25-34).

Desprendidos dos bens materiais, os iniciados essênios possuíam, apenas uma túnica, que conservavam sempre muito limpa, e, somente, um par de alparcatas; e, quando viajavam, nada levavam consigo.

Jesus, em discreta demonstração de sua iniciação essênica, depois de reunir os doze discípulos mais compenetrados e de ordenar-lhes que partissem, dois a dois, em excursão proselitista, recomendou-lhes incisivamente: “Nada leveis para a caminhada: nem bordão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro, nem duas túnicas, nem mais de um único par de alparcatas. E, em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, indagai quem neles é digno; e aí ficai até vos retirardes.” (Mt. X, 9-10; Mc. VI, 7-10; Lc. IX, 1-6).

É de notar que a recomendação feita por Jesus no sentido da permanência dos discípulos, até ao fim da estada, na mesma casa que os abrigou, prende-se à necessidade de haver no local prévia “forração”, com fluidos isolantes, feita por Espíritos designados pelo Mestre, antes da partida de seus emissários. Esses Espíritos pertenciam à falange invisível que acompanhou, por ordem do Mestre, cada dupla de discípulos em sua peregrinação; e, com o isolamento fluídico que efetuavam na casa escolhida, evitavam a contaminação do perispírito dos discípulos em excursão com fluidos nocivos do lar preferido. Daí a vantagem de permanecerem, no mesmo ambiente, até ao fim da missão que assumiram (Mc. VI, 10).

Em verdade, o problema dos fluidos prejudiciais é tão grave que Jesus advertiu aos discípulos mandados à pregação, que, se, em algum lar, fossem destratados, “ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó de vossas alparcatas” (Mt. X, 14). Recomendação lógica, porque a poeira não só se carrega de eletricidade como retém fluidos humanos difundidos na atmosfera da residência, não sendo justo que os Emissários de Jesus, que partiram em missão, para pregar e curar, regressassem do local onde doutrinarão e praticaram a caridade, com os pés empoeirados, carregados com cargas de fluidos deletérios!

Também é sabido que os iniciados essênios não tocavam em dinheiro, não compravam nem vendiam, entre si, coisa alguma: dava cada um o que

tinha aos que nada tinham; barganhavam, entre si, tudo que possuíam, de tal modo que qualquer um se servia do que lhe faltasse, mesmo sem permuta ou troca, pois todos tinham liberdade de recorrer ao companheiro para usufruir daquilo que lhe fosse necessário.

A maneira dos essênios, Jesus não tocava em dinheiro, nem comprava ou vendia coisa nenhuma; e o mesmo procedimento impunha aos seus discípulos. De modo que, para suprir as necessidades da restrita comunidade de seus discípulos, delegou a Judas o encargo de tesoureiro. Todavia, tudo era de todos.

Contudo, as semelhanças entre o essenismo e o cristianismo não param aqui. Entre os iniciados essênios, era fundamental a abstenção do álcool, a frugalidade alimentar e, sobretudo, a abstinência sexual dadas as implicações que acarretam para o córtex cerebral, controlador de todas as funções orgânicas e órgão básico para o aprimoramento da mediunidade em geral e, principalmente, para o requinte da mediunidade curadora.

Na comunidade do Qumrân, onde Jesus fora iniciado, a abstinência sexual era tão importante que, na hierarquia dos iniciados, havia primazia, e certo isolamento, de acordo com tempo de continência sexual. De sorte que, se um iniciado fosse tocado por outro com menor prazo de abstinência, imediatamente lavava-se e limpava-se como se fora tocado por um estrangeiro; lavagem e limpeza cuja finalidade era a retirada de fluidos impuros, com resquícios de magnetismo sexual, porventura emanados do sistema nervoso do iniciado menos experiente.

No que concerne a Jesus de Nazaré, recluso entre ascetas essênios desde a idade de oito anos e, por conseqüência, convivendo com iniciados desde sua puberdade até aos trinta anos de idade, quando se desligou da comunidade, é óbvio que foi mais do que abstinente, foi virgem!

Aliás, no que tange à privação das funções sexuais, Jesus foi explícito: “Porque, ressalvou ele, há eunucos de nascença (por deficiências congênicas); há outros aos quais os homens tornaram eunucos (os castrados por perversidade ou por problemas cirúrgicos) e há outros que, por si mesmos, se fizeram eunucos (impotência provocada voluntariamente, durante a iniciação) por causa do reino de Deus.” (Mt. XIX, 12).

Depois de tudo que ficou dito, é curial que, quando afirmo que Jesus de Nazaré foi incluído iniciado essênio, eu o faço com profunda convicção, decalcada, não só nos seus ensinamentos como em seu comportamento, reforçados por longa experiência pessoal vivida em constantes contatos com Espíritos desencarnados nos mais díspares níveis hierárquicos e, particularmente, com Mestres, que, em nome de Jesus, me revelaram, e continuam a revelar, a doutrina neo-espírita, ampliação da doutrina espírita e, por conseguinte, da doutrina cristã, apesar de manipulada pela Igreja Católica e por seu rebento, a Igreja Protestante!

Na realidade, posto que escassos, os dados históricos convergem, inofismavelmente, em apoio de minha tese. De fato, não só as referências de Filon, de Dion, de Crisóstomo, de Plínio, o Velho e, principalmente, a sintética descrição de Flávio Josefo em *Guerra dos Judeus* (Liv. II, cap. VII,

págs. 131 e 137), permitem-nos a formulação de conceitos verídicos a respeito dos essênios, iniciados com os quais este último historiador teve oportunidade de conviver e, por isso, de todos talvez seja o mais autêntico. Mas, uma coisa é certa: os essênios, que viveram, em comunidades, no Egito e na Palestina, obedientes ao rigor da iniciação, preferiam afastar-se do bulício das cidades e povoados para habitar em lugares ermos. De toda forma, é incontestável a afinidade da ideologia essênica com os ensinamentos do profeta nazareno; afinidade que reponha, tangível, no “modus vivendi” das primeiras comunidades cristãs. Aliás, este fato fora aventado, desde o meado do século passado, mercê da perspicácia de Renan, em *Origens do cristianismo*; e, agora, com a descoberta dos rolos ocultos em cavernas na região do Qumrân, a tese volta à baila com Dupont-Sommer em *Les écrits esséniens découverts près de la mer morte*.

Entretanto, vale ressaltar que o regimento interno não era idêntico em todas as comunidades essênicas. A dos “Terapeutas”, por exemplo, localizada por Filon à margem do lago Marut ou Mariote, no Egito, era muito rigorosa: impunha, dentre outras normas disciplinares, total abstinência sexual; além disso, seus sectários viviam em choças, numa disposição semelhante às do Monte Atos. Noutra comunidade, localizada na escarpa de um monte marginal do Mar Morto, a do Qumrân, na Palestina, prevalecia, dentre outras regras, a destituição de todos os bens materiais e a total abstinência sexual. Mas, havia também comunidades que consentiam no casamento, somente para procriação, com um mínimo de cópulas; outras aceitavam mulheres, mas com preservação da virgindade. E, em todas, era obrigatório o voto de pobreza. Portanto, mais uma norma da iniciação essênica abraçada por Jesus. Com efeito, quando o jovem rico lhe pediu indicação do caminho da perfeição, a resposta foi clara: “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e distribui o produto com os pobres; depois vem e segue-me.” (Mt. XIX, 21).

Na comunidade do Qumrân, onde Jesus fora educado e iniciado, a disciplina era férrea. Principiava de madrugada. Todos se levantavam antes que o Sol nascesse, para reverenciá-lo na oração matinal. Jesus, já desligado da comunidade, continuou madrugador, com o fito de orar, meditar e fortalecer seu perispírito com as radiações atmosféricas da madrugada, para garantia das curas que, a cada dia, deveria efetuar (Mc. I, 35).

De resto, os essênios estudavam os Livros Sagrados do *Velho Testamento*, máxime os Livros dos Profetas. Entretanto, possuíam muitos outros, em escrita criptográfica, com conhecimentos secretos, mais profundos. Discriminavam muitas plantas medicinais e como, entre eles, havia médiuns dotados de diferentes faculdades, realizavam curas admiráveis, umas com ervas, outras com passes, todas efetuadas, porém, dentro da sede da comunidade. Nisso, Jesus fez estupenda exceção: curava onde bem lhe aprouvesse e, até, com casual contato! E mais: clarividente, desmascarou a samaritana

que lhe mentiu, afirmando-lhe que não tinha marido. — “Bem disseste, não tenho marido, porque cinco maridos já tiveste, e esse, que agora tens, não é teu marido.” (Jo. IV, 17-18). Clariaudiente, “ouviu” o que deveria dizer no caso da prostituta pilhada em flagrante delito e, por isso, ameaçada de lapidação, de conformidade com a lei mosaica; “ouviu”, outrossim, como deveria opinar na consulta que lhe fizeram escribas e fariseus a respeito do pagamento do tributo estipulado por Tibério para manutenção das tropas de ocupação, depois da vitória dos romanos (Mt. XXII, 19; Mc. XII 13-17; Lc. XX, 20-26).

Verdade é que, para a preservação de todos os seus dons mediúnicos, Jesus afastou-se de todas as atrações da vida terrena e viveu com a pobreza de um faquir e a renúncia de um Buda, cercado por pequeno grupo de discípulos!

Em compensação, mais do que as centenas de curas maravilhosas que efetuou, o iluminado Mestre ofertou, embora sem a merecida aceitação de todos os habitantes de nosso planeta, as mais sublimes mensagens do amor divino até hoje enviadas à Terra!

Mas, lamentavelmente, como sói acontecer, sistematicamente, com todo benfeitor da humanidade, não foi compreendido durante a encarnação e, por isso, ao invés de justa veneração, recebeu, em troca de todo bem que praticou, bárbaro massacre em vil crucificação!

Mas, apesar de tudo, a misericórdia de Deus jamais abandonou a recalcitrante humanidade, que, em detrimento da própria evolução, propende para a prática do mal com menosprezo da virtude e descaso pela perfeição, única credencial para a verdadeira felicidade do Espírito eterno.

Todavia, não obstante a indiferença dos Espíritos terráqueos, não só encarnados como desencarnados, ao problema do futuro que os aguarda, no bramanismo como no budismo, no essenismo como no cristianismo, no Espiritismo como no Neo-espiritismo, em suma, em todas as religiões e cultos existentes na Terra, as verdades divinas, desde a formação do planeta, vêm sendo gradativamente ampliadas, à medida que se aperfeiçoa a inteligência e a razão e, ao mesmo passo, aprimoram-se os sentimentos de todos os Espíritos, dotados ou não de provisório corpo físico, já que o corpo espiritual, expansão do Espírito eterno, como ele, é imortal, de vez que é absorvido por ele durante a preparação para nova encarnação. Tudo isso se sabe em virtude da dedicação de restrito número de médiuns autênticos e à abnegação de seleta plêiade de Espíritos missionários, que, em nome de Deus, labutam heroicamente para mostrar aos seus irmãos, encarnados ou não, a trilha que os conduzirá à “porta estreita” do reino de Deus, na qual Jesus de Nazaré os aguarda de braços abertos para abraçá-los! (Lc. XIII, 22-24).

JESUS DE NAZARÉ, INICIADO ESSÊNIO II

No intuito de repor Jesus em seu verdadeiro papel histórico, tentei provar, em artigo anterior, com os próprios textos bíblicos, que o admirável profeta galileu não fora compreendido nem por seus conterrâneos e, muito menos considerado como Deus, por quem quer que fosse, durante os três primeiros séculos depois de sua morte, até que, no Concílio de Nicéia, por maioria de apenas um voto, foi eleito Deus! Mas a prova de que, em sua marcante personalidade, nada a distinguia como divina, foi que somente dois historiadores de sua época fizeram menção de seu nome — Tácito e Flávio Josefo — e, ainda assim, em breves linhas e para estigmatizá-lo como aventureiro e revolucionário!

Como se infere, foi a lamentável incapacidade de seus contemporâneos para aquilatarem a elevadíssima hierarquia espiritual do profeta nazareno que induziu o Sinédrio à instigação da perpetração da horripilante injustiça da crucificação de um inocente consagrado a consolar desvalidos sofredores e a curar, como curou, instantaneamente, centenas de enfermos desacoroçados!

Com efeito, a espetacular mediunidade curadora de Jesus poderia tornar-se conflitante com a desmedida ganância dos sacerdotes mosaístas, porquanto o proselitismo, cada vez maior, em torno do iluminado nazareno, desviava dos templos custosos holocaustos e rendosas oferendas, tudo desnecessário em face da eficiência do prodigioso médium galileu. Por isso, irritado com o decréscimo da renda do templo e o crescente prestígio de Jesus, o Sumo Sacerdote enviou emissário ao profeta convidando-o para comparecer em sua presença e fez-lhe a seguinte proposta: ele iria viver regaladamente entre sacerdotes, com a poderosa proteção do Sumo Sacerdote; em troca, passaria a cobrar suas curas, que seriam efetuadas, exclusivamente, no templo e com reversão integral da renda ao cofre do Sinédrio. Indignado, Jesus repeliu, com veemência, a afrontosa proposta. Conseqüência: desde então, o Sinédrio movimentou sagazes espiões para acompanharem seus passos, até que se lhes apresentasse oportunidade para surpreendê-lo numa infração das leis mosaístas, a fim de surrá-lo ou de lapidá-lo!

O referido episódio, omitido na *Bíblia*, foi-me relatado por um dos Espíritos missionários que me revelaram o Neo-espiritismo. Ora, analisando-o serenamente e confrontando-o com a concatenação dos fatos ocorridos durante o ministério de Jesus, tudo confirma a veracidade dessa revelação. De fato, para enquadrá-lo como herege, os espiões do Sinédrio armaram-lhe diversas ciladas. Uma delas foi a capciosa consulta sobre o destino a dar a uma prostituta pilhada em flagrante delito, a qual, por lei, deveria ser lapidada. Perplexo com a inesperada consulta, o Mestre agachou-se e, calado, pas-

sou a rabiscar o solo com uma talisca encontrada no momento; mas, abstraído do ambiente, seu pensamento estava concentrado em seu Mentor a aguardar orientação, por clariaudiência. Como sempre, o socorro do mundo espiritual não tardou e “ouvida” a instrução, Jesus soergueu-se impavidamente e proclamou: “Quem não tem culpa seja o primeiro a atirar-lhe a pedra!” Sem embargo, o Mestre falou com tamanha ênfase e tão forte magnetismo que a todos imobilizou; e amainado o impacto, os acusadores, um a um, todos se retiraram. Diante disso, o Mestre, que ensinou o amor aos inimigos, ao ver a meretriz imóvel e cabisbaixa, perguntou-lhe: “Mulher, ninguém te condenou?” — “Ninguém, Senhor”, — foi a lacônica resposta. “Nem eu tão pouco te condenarei. Vá e não erres mais.” (Jo. VIII, 10).

Noutra ocasião, os espíões do Sinédrio levaram o problema para o plano político numa tentativa para incompatibilizar o modesto nazareno com o poderio romano. Com disfarçada hipocrisia, depois de elogiá-lo, perguntaram-lhe se era lícito o pagamento do imposto destinado à manutenção das tropas de ocupação após a vitória de Roma. Jesus, novamente abordado à socapa pelos espíões do Sinédrio, não se arriscou a dar uma resposta cabal, antes de “ouvir” o conselho de seu Mentor, seu principal Protetor. Todavia, depois de rápida concentração, a solução não tardou. Voltou-se para os que o interrogaram e solicitou-lhes a moeda do tributo. Deram-lhe um denário. Contemplando-o, Jesus interrogou-os: — “De quem é esta efigie?” — “De César”, responderam-lhe. Dada a resposta, o Mestre sentenciou: — “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus!”

Donde se colhe que de ambas as ciladas Jesus se livrou mercê do amparo dado por seus Protetores. Contudo, a artilosa perseguição dos sacerdotes, dos escribas, dos anciãos e dos fariseus ortodoxos persistiu; apenas mudou de estratégia: o escopo passou a ser intrigá-lo com as autoridades romanas ao mesmo passo que açulavam contra ele a população traiçoeiramente amedrontada com hipotética represália do Procônsul romano (Mt. XXII, 15-21; Mc. XII, 13-17; Lc. XX, 20-26).

Ora, como sói acontecer em tais eventualidades, pouco a pouco a insídia aninhou-se no coração de criaturas ingratas e pusilânimes, a maioria salva pelo assombroso médium, de doenças incuráveis ou, pelo menos, incuradas! O resultado foi que, no drama final do enredo tecido pela crueldade de seus inimigos, lá ficou no topo da cruz, como labéu e escárnio, a irônica inscrição: “Jesus nazareno, rei dos judeus!” Contudo, o mais deplorável no inesperado drama vivido pelo inigualável Mestre nazareno foi que, havendo contado apenas com o curto prazo de um ano para pregar sua doutrina, iluminada com numerosas revelações da verdade divina e não a tendo escrito, nem conseguido atrair um discípulo sequer com competência e, sobretudo, com merecimento para escrevê-la, a posteridade permaneceu ignorando os

verdadeiros ensinamentos de Jesus e obrigada a contentar-se com textos esparsos oriundos de informantes anônimos, que, a partir de mais de meio século depois da desencarnação do incomparável benfeitor da humanidade, apareceram sucessivamente reunidos em vários evangelhos contraditórios, posteriormente reduzidos, ao arbítrio da Igreja, aos quatro canônicos!

Ademais, é profundamente desolador que Jesus não haja sido compreendido por seus conterrâneos e nem mesmo por sua própria família! Por isso, desolado, lá mesmo em Nazaré, sua cidade natal, o insigne médium curador desabafou-se: “Não há profeta que não receba honras senão na sua terra, entre seus parentes, na sua casa, no seio de sua família.” (Mc. VI, 3-6).

Com efeito, apenas irrisória minoria, dentre os milhares de doentes e de aleijados, instantaneamente curados por Jesus, lhe dedicou duradoura gratidão; e somente os discípulos e, mesmo assim, nem todos, lhe consagraram verdadeira admiração, sem mácula de inveja e dedicaram-lhe entranhado amor. A prova foi que, quando se pressentiu o perigo de revide dos sacerdotes, dos anciãos e dos fariseus, quase todos o abandonaram covardemente. Decepcionado com a pusilanimidade dos discípulos, Jesus os interpelou: “Porventura quereis também vós outros retirar-vos?” (Jo. VI, 66-69).

Mas a triste realidade foi que, na hora da desgraça, dos doze remanescentes, a maioria debandou; de modo que o Mestre se viu sozinho e seus Protetores não tiveram “corrente” para defendê-lo, razão pela qual foi truculentamente levado, a desoras, por uma malta de fanáticos, a um arremedo de julgamento perante o vingativo Sinédrio.

Entrementes, para exacerbar ainda mais a angústia do Mestre em suas derradeiras horas de Espírito encarnado, enquanto se desenrolava a farsa do julgamento no Sinédrio, Pedro, o discípulo tantas vezes beneficiado, inclusive com a cura instantânea de sua sogra, acovardado e procurando esconderijo no pátio do palácio do Sumo Sacerdote, foi identificado pela criada de Caifás, como companheiro de Jesus, mas, cinicamente, negou seu Mestre com a afirmação de que nem sequer o conhecia! (Mt. XXVI, 69-75; Mc. XIV, 66-72)

Aliás, dos discípulos de Jesus, Pedro sempre foi o mais tíbio em suas decisões, não só durante a vida como após a desencarnação do Mestre. É de ver que Paulo, em carta aos gálatas, censurou-lhe o procedimento em Antióquia, onde, diante dos gentios, demonstrou pouca firmeza de caráter (Gál. II, 11-14).

De toda forma, Jesus compareceu ao Sinédrio totalmente desamparado, sem nenhum discípulo ao seu lado e só não foi imediatamente massacrado com horrível lapidação porque a lãbia de Caifás extrapolou o problema do pacífico e boníssimo profeta galileu para a esfera política e ordenou que o levassem à presença do Procônsul, o qual, por adulação, remeteu-o ao Tetrarca da Galiléia, que, por sua vez, devolveu-o a Pilatos! No trajeto, acompanhou-o uma multidão irritada com as intrigas dos representantes dos sacerdotes infiltrados disfarçadamente no meio da turba para coagir Pôncio Pilatos a condenar o inocente iniciado essênio!

De pé diante do Procônsul, Jesus ouviu serenamente a caluniosa acusação de sacerdotes disfarçados, os quais, hipocritamente, lhe atribuíam a intenção de rebelar o povo contra César e de apoderar-se do trono da Judéia!

Não poderia haver maior infâmia, porque, educado e iniciado no essenismo, Jesus renunciou a todos os bens terrenos; dos oito aos trinta anos viveu enclausurado; depois, por determinação de seu Mentor e permissão do Mestre da comunidade, libertou-se dos vínculos comunitários e foi pregar as verdades do “reino de Deus” e, concomitantemente, realizar curas instantâneas de casos incuráveis ou, pelo menos, incurados, fato que lhe dava maior autoridade na pregação. Contudo, continuou a viver em extrema pobreza, dispondo apenas de uma túnica e de um par de alparcatas e abrindo mão de tudo mais, inclusive do sexo. Por isso, em face da absurda pergunta de Pilatos, se ele, de fato, se considerava rei dos judeus, Jesus nem resposta lhe deu!

Sem embargo, atilado como era, Pilatos não demorou a perceber que, por trás da trama, havia deliberada pretensão de obter a condenação à morte do pacífico e indefeso profeta galileu. Por isso, quis salvá-lo, inclusive para maior satisfação de sua esposa, que admirava o profeta por tê-lo visto curar instantaneamente uma jovem leprosa, razão por que enviou um emissário ao marido solicitando-lhe que salvasse o profeta, com o qual sonhara a noite toda! Mas, enquanto Pilatos hesitava, a multidão o coagia com gritos: “crucificai-o, crucificai-o!”

Na verdade, a exigência era de todo em todo iníqua: se o crime fosse político, a pena, de acordo com o código romano, seria a morte por decapitação; mas a acusação era de crime religioso, hipótese em que a condenação seria do Sinédrio e a pena, morte por lapidação. Nada obstante, o interesse de Pilatos para salvar Jesus foi tão grande que ele exorbitou e, invocando uma lei mosaica, advertiu a malta ululante e sequiosa de vingança contra o acusado: “Vocês — conclamou Pilatos, têm uma lei religiosa, pela qual é lícito perdoar um criminoso na véspera da páscoa. Barrabás, salteador de estradas, está na prisão. Cabe a vocês a escolha de quem deve ser perdoado: Jesus ou Barrabás?” Novamente instigada pelos delegados do Sinédrio, a multidão respondeu em uníssono: “Barrabás! Barrabás!” (Mt. XXVII, 20). Pilatos, por um instante, tergiversou, mas não tardou que surgisse terrível ameaça contra ele: — vamos enviar delegação a Tibério!

Ora, Jesus acusado de revolucionário e Pilatos apontado como conivente, a tragédia era inevitável: o Procônsul, acorrentado, seria levado à presença de Tibério como traidor e, sem demora, decapitado! Apavorado com a hipótese, Pilatos abandonou, sem julgamento, o Mestre galileu e permitiu fosse libertado Barrabás! Venceu o ladrão; perdeu o Mestre, o mais puro dos homens, o qual, depois de chicoteado, foi conduzido, à força, para o Gólgota, com apupos e doestos, por uma multidão infrene, incapaz de avaliar a gravidade da injustiça que estava cometendo! Mas, de toda forma, alcançado o

malsinado local pela vítima e seus verdugos, cometeu-se o mais hediondo crime da História: crucificou-se o maior Instrutor da humanidade de todos os tempos, o qual fez o sacrifício de reencarnar com a arrojada missão de ampliar a revelação divina, de exemplificar como conquistar a perfeição e de aliviar a dor, com palavras consoladoras e com curas maravilhosas.

Mas, desgraçadamente, a principiar pelos apóstolos, até hoje pouquíssimos Espíritos terráqueos, encarnados ou desencarnados, tiveram suficiente força de vontade, imprescindível desprendimento dos ilusórios atrativos terrenos e voluntária confraternização com todos os seus semelhantes, inclusive com os inimigos, de molde a seguir rigorosamente as pegadas de Jesus. Daí o incessante sofrimento de toda a humanidade para pagar dívidas de anteriores encarnações, embora a maioria sofra pela ambição de obter, custe o que custar, tudo que não possui! Com tanta inconformação e sem o lenitivo da fé, da paciência, da resignação e da compreensão de que a Terra é um planeta providencial, destinado a aperfeiçoar o Espírito eterno no cadinho da dor, a fim de garantir-lhe, no futuro, eterna felicidade, apanágio de Espíritos perfeitos, o homem jamais está plenamente contente com o que é e com o que tem.

Aliás, faz poucos anos, o próprio Papa, em pronunciamento público, confessou sua fraqueza sob a alegação de que era humano e, por conseguinte, estava “sujeito de carecer de confiança em si mesmo”, declaração que derrocou a infalibilidade papal, apesar da incoerente justificativa com a tibieza do apóstolo considerado como fundador da Igreja Católica: “O próprio São Pedro, disse Paulo VI, o próprio São Pedro foi débil e volúvel, passando do entusiasmo ao temor.” Ora, dada a falta de confiança do Papa em si próprio, é curial que já se não pode mais confiar na inerrância papal; nem mesmo garantir a indestrutibilidade de todos os dogmas vigentes, cada qual mais absurdo! E é o próprio Papa quem no-lo confessa: “A desconfiança na doutrina e nos ensinamentos (da Igreja, é óbvio) transformou-se aos poucos numa crise de fé” — assertiva com a qual concordo plenamente. Mas o pior, digo eu, é que há mais de duas décadas, existem padres, Bispos e, até, cardeais filocomunistas forcejando diálogos com marxistas, que são intransigentemente materialistas!

Ora, esclarecido com os ensinamentos que, de longa data, me vêm sendo dados, como revelação de caráter pessoal, por uma plêiade de Espíritos missionários, venho lutando e continuarei a lutar para propalar a autêntica doutrina de Jesus e restabelecer a sua verdadeira personalidade, com esperança de incrementar a fraternidade entre todos os Espíritos encarnados e desencarnados, com evolução adstrita à Terra, a fim de evitar ou, pelo menos, minorar as conseqüências de tremendas catástrofes e de colossais hecatombes, cujos ecos já começam a ressoar discretamente em nosso planeta!

Todavia, para entender, valorizar, amar e, até, venerar Jesus é imprescindível que se recue à infância do nazareno e que se penetre no mistério de sua reclusão entre ascetas essênios, fato que explica o enigma de sua vida até que, com quase trinta anos, voltou à sua cidade natal, para ali iniciar o seu ministério público, com prédicas e curas.

José, carpinteiro, sempre residiu com a família na cidadezinha de Nazaré, em modesta casa situada à beira da estrada que levava e, talvez, ainda leve, a Damasco; estrada esburacada e com intenso trânsito de carros e de carroças, é intuitivo que freqüentemente deveria haver inevitáveis acidentes, que quebravam eixos e partiam rodas; rodas e eixos que careciam de imediata reparação feita por carpinteiro. Justifica-se, assim, a estratégia de José com a localização de sua residência em lugar que lhe assegurasse o pão de cada dia.

Jesus, filho primogênito, deveria seguir, de acordo com a tradição, a profissão do pai, para a qual jamais demonstrou a mínima propensão. Temperamento introvertido, ao invés de folguedos com os meninos de sua idade, Jesus preferia isolar-se, para meditar; e, nessas ocasiões, costumava entrar em semitranse e manter contato, por clariaudiência, com o mundo dos Espíritos, principalmente com seu Mentor responsável, perante os Senhores do Carma, por seu destino naquela encarnação.

Certa vez, como de hábito, Jesus, com a idade de oito anos, estava sentado, com total abstração do ambiente, à margem do caminho; e não demorou que por ali passasse um “vidente” essênio altamente colocado na hierarquia da comunidade do Qumrân. Surpreso com a postura de meditação observada no menino e, sobretudo, com a luminosíssima radiação espiritual que lhe envolvia a cabeça, o essênio estacou para interrogá-lo: “Filho, em que meditas?” — “Na maneira como Deus construiu o Mundo”, — respondeu-lhe o menino. Perplexo com a resposta, o iniciado essênio arriscou nova pergunta: — “E como pensa você que Deus fez o Mundo?” Jesus, como quem olha no vácuo, já em ligeiro transe, “ouviu” de seu Mentor a resposta que deveria dar e, incontinenti, repetiu-a para seu curioso interlocutor: — “Pela Matemática.” Boquiaberto, o transeunte essênio não se conteve: — “Filho, quem é teu pai?” — “José, o carpinteiro.” — “E onde reside ele?” — “Acolá”, mostrou-lhe o menino, apontando a casa. — “Filho, se teu pai der permissão, você concorda em ir comigo para a comunidade do Qumrân, na qual receberá, gratuitamente, instrução e educação durante dez anos e, depois, se desejar fazer ‘iniciação’, lá poderá permanecer, tratado como irmão, até ao fim da vida?” O menino não hesitou; instruído novamente por seu Mentor, cuja opinião “ouviu” por clariaudiência, Jesus aceitou o convite. O problema foi demover sua mãe, porque seu pai, José, embora tivesse maior afinidade com o filho, obedeceu à ordem que também recebeu, por clariaudiência, de vez que era médium dotado de grande sensibilidade! Con-

tudo, convencida Maria, José confiou o filho que tanto amava à educação dos ascetas do Qumrân. Lá, durante uma década, Jesus foi considerado como educando e catecúmeno e, ao completar dezoito anos, optou pela permanência, com iniciação, que durava três anos, com sucessivos testes. Vitorioso, Jesus passou a ser irmão e iniciado, com vínculo indestrutível com a comunidade, da qual só se poderia afastar com ordem do Mestre que a dirigia. Sem embargo, instruído constantemente, na calada da noite, com novas revelações dadas, por clariaudiência, pelo seu Mentor, Jesus adquiriu conhecimentos muito superiores aos contidos nos mistérios da comunidade; e, ao completar trinta anos, recebeu mediunicamente a determinação de seu Mentor no sentido de afastar-se da comunidade para pregar e curar publicamente. Confiante, Jesus foi ao encontro do Mestre da comunidade, confessou-lhe aquilo que com ele vinha ocorrendo e suplicou-lhe permissão para desligar-se da comunidade.

Em face da convicção e da força moral com que Jesus lhe falou, o Mestre não pôde recusar a solicitação do mais autêntico iniciado e do médium mais completo dentre todos os da comunidade. Todavia, o advertiu que, antes dele, os dois que haviam abandonado a comunidade, foram mortos por injunções do “sacerdote ímpio”, isto é, do Sumo Sacerdote do mosaísmo; e, ao mesmo passo, lembrou-lhe o “juramento de túmulo”, que fizera na consagração de sua iniciação e que proibia a divulgação dos ensinamentos secretos da seita. Tudo entendido, Jesus partiu para sua árdua missão.

Devo ressaltar que todos os fatos desconhecidos aqui mencionados me foram relatados, em revelação pessoal, por Espíritos missionários que conhecem, a fundo, as minúcias da última encarnação do Mestre galileu.

Aliás, corroborando, até certo ponto, com minhas afirmações, existem, também, os fatos históricos. Com efeito, na época de Jesus havia, na Palestina, três correntes religiosas: a dos saduceus, a dos fariseus e a dos essênios. A primeira, bitolada pelo Deuteronômio, nem sobrevivência admitia — era materialista; a segunda, posto que ortodoxa, apegava-se, sempre que lhe convinha, à tradição oral, comportando-se, na prática, com requintada hipocrisia, razão por que, os fariseus foram verberados por Jesus, que os considerava túmulos caiados — brancos por fora, podres por dentro; a terceira, a dos essênios, era constituída de ascetas judeus, admirados pela austeridade de costumes e pela bondade com que socorriam os doentes e assistiam os indigentes.

Às duas primeiras, por motivos óbvios, Jesus jamais poderia ter pertencido; e à terceira, a dos essênios? Tudo diz que sim. Embora Jesus, em tempo algum, os haja citado, certamente para não devassar o “juramento de morte”, mas a semelhança de comportamento entre o nazareno e os essênios evidencia em tudo e por tudo essa ligação. De fato, os essênios viviam em comunidades, isoladas dos centros populosos, nas quais ninguém nada possuía — tudo era de todos. A principal localizou-se numa escarpa próxima da

margem do Mar Morto. Dela fizeram elogiosas referências os historiadores Filon, Plínio, o Velho, Dion, Crisóstomo e Flávio Josefo. Acresce, ainda, atualmente, a volumosa documentação dos “Rolos do Mar Morto”.

Do confronto das citações históricas com os documentos da comunidade do Qumrân e, especialmente, com o *Manual de Disciplina*, com o documento de Damasco, encontrado numa mesquita do Velho Egito e originário do Mar Morto, e com os Hinos de Bondade, conclui-se, sem sombra de dúvida, que os essênios foram iniciados nos “mistérios do reino de Deus” e, por conseguinte, dotados de conhecimentos esotéricos, secretos, não revelados nos textos dos rolos encontrados.

Junte-se a tudo isso as revelações do Mestre de Justiça, quiçá o fundador da seita essênia, e dos demais instrutores, todos baseados em mensagens mediúnicas, que não poderiam diferir muito daquelas que, anteriormente, já haviam sido dadas nos tabernáculos do Egito, da Índia, da Caldéia e da Pérsia — valiosíssimo patrimônio espiritual que a Igreja Católica repudiou com implacável intransigência, porque, no fundo, alimentava o desejo de sufocar a consciência e de obliterar o raciocínio da humanidade para empolgar o poder temporal e dominar o mundo com a credence de que o Papa é, realmente, o representante de Deus na Terra! Ainda mais: a Igreja combateu ferrenhamente os gnósticos e os ebionitas, os quais, a despeito das invencionices de Tertuliano, estavam, de fato, muito mais próximos da verdadeira doutrina de Jesus de Nazaré.

Entretanto, como prova da influência oriental na seita do Qumrân e no cristianismo primitivo, basta atentar na luta escatológica entre as falanges do “Anjo das trevas” (Ariman no zoroastrismo, Belial no essenismo) e as falanges do “Anjo das Luzes” (Ormuz no masdeísmo, “Senhor dos Espíritos”, no livro de Enoque e na doutrina esotérica do Qumrân). De passagem, lembro que Paulo, como está na *Bíblia* do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, fez um confronto entre Cristo e Belial, o que prova o influxo de conceitos essênios no cristianismo primitivo (II Cor. VI, 15). Por outro lado, à maneira da referência feita em *Guerra dos Filhos da Luz* contra os *Filhos das Trevas*, dos “Rolos do Mar Morto”, Jesus concitou os discípulos a obedecer-lhes as instruções “para que vos torneis filhos da luz” (Jo. XII, 36).

Contudo, a prova irremovível de que Jesus fora educado pelos essênios e aceitava o ideal desses ascetas está evidente no comportamento e no ensinamento do iluminado profeta galileu. Com efeito, os ascetas essênios renunciavam à riqueza e não se apegavam a nenhum objeto terreno. Viviam em comunidades, nas quais tudo era de todos, mas em regime de rígida disciplina e de autodeterminação para conquistarem o maior aperfeiçoamento moral possível e, com essa credencial, merecerem a dedicação de um Mestre com capacidade para desenvolver-lhes a mediunidade, sobretudo a mediunidade curadora, fosse com ervas medicinais, fosse por meio de pas-

ses com imposição das mãos. Na comunidade do Qumrân, havia voto de castidade, com celibato obrigatório. A alimentação era frugal: somente pão e caldo de legumes. O vinho era interdito; bebida, somente água: água fria para os sadios, água morna para os enfermos e para os anciãos. Eram muito asseados. O banho e a refeição coletiva faziam parte do ritual. Da mesa de refeições só participavam os iniciados; os demais alimentavam-se à parte. Pacifistas por índole e caridosos por convicção, sofreram torturas dos conquistadores romanos sorrindo para seus algozes; outros, foram trucidados perdendo os carrascos. Puros de sentimento, mantinham o pensamento em Deus — fonte de todos os bens. Veneravam os Mestres, amavam-se fraternalmente, socorriam os pobres e curavam os enfermos, tudo gratuitamente.

Como se deduz, muitos eram médiuns e, no ritual secreto, como no-lo entremostrou Josefo, havia diferentes manifestações de Espíritos desencarnados.

Ora, como é notório, Jesus renunciou a todos os bens materiais, jamais utilizou o sexo, foi absolutamente abstinente, bebia exclusivamente água e, de preferência, “água viva”, colhida em suas próprias mãos juntas, em concha, ao escorrer da fonte, ainda impregnada de fluido vital, radiação divina existente em todos os corpos da natureza criados pela força do pensamento de Deus. E, no que diz respeito às curas dos enfermos, nenhum médium até hoje se lhe equiparou, pois, além das curas maravilhosas com “passes” e “toques”, fê-las, outrossim, com a palavra, ordenando o afastamento de Espíritos maus.

Em síntese: Jesus, em tudo e por tudo, identificou-se como notável iniciado essênio. E isto justifica por que só se tornou conhecido depois de trinta anos, quando saiu da comunidade e apareceu em público. Ora, internado no Qumrân desde os oito anos de idade, jamais poderia ter comparecido ao templo, para a discussão com os doutores da Lei, quando contava apenas doze anos de idade, astuciosa invencionice de Lucas, e somente de Lucas, o que é muito significativo (Lc. 11, 42-47).

De resto, se a versão de Lucas fosse verdadeira, Jesus, menino genial, não escaparia das redes do mosaísmo, porque, perplexo com a precocidade do jovem, o Sinédrio, rico, poderoso e fanático, requestá-lo-ia para educá-lo e fazê-lo, no futuro, respeitável sacerdote e, talvez, o Sumo Sacerdote!

Contudo, Jesus não encarnou para ensinar a religião dos judeus e, sim, para revelar nova e mais ampla faixa das verdades divinas, imprescindíveis ao aperfeiçoamento moral, não só dos Espíritos encarnados como dos desencarnados, e à confraternização mundial. Mas, desgraçadamente, faltou-lhe maior liberdade de palavra, de vez que, por um lado, estava coagido pela intolerância dos sacerdotes e dos fariseus ortodoxos; e, por outro lado, via-se coartado por um “juramento de túmulo”, ligado à sua iniciação

e, portanto, vinculado ao mundo espiritual; juramento esse que o proibia de difundir os conhecimentos esotéricos, absolutamente secretos, que lhe foram ministrados durante o triênio de sua iniciação e que Jesus, com muita cautela e, mesmo assim parcialmente, só transmitiu aos discípulos mais autênticos. A prova, ei-la aqui: “A vós outros é dado conhecer os mistérios do reino de Deus, mas, aos de fora, tudo se ensina por parábolas.” (Mt. XIII, 10-11; Mc. IV, 10-12).

Com essa precaução, Jesus não só evitou sua lapidação pelos mosaístas, como impediu a vingança do Sumo Sacerdote contra a comunidade do Qumrân, fato que o colocaria na posição de traidor do juramento prestado perante o mundo espiritual, crime punido com seu assassinato efetuado por outro iniciado revoltado, ou por deliberação dos Senhores do Carma, donos dos destinos humanos, que ordenariam ao seu Mentor, seu principal Protetor, que lhe cortasse a encarnação; missão dolorosa, que seria consumada por Espíritos desencarnados iniciados e fiéis ao “juramento terrível” que preservava os ensinamentos secretos da seita do Qumrân!

Em suma: não obstante o seu reconhecido destemor, Jesus não dispôs de total liberdade de palavra e, por isso, pouco ensinou do muito que poderia ter ensinado em favor do amor e da paz entre todos os Espíritos terráqueos, encarnados e desencarnados!

Sem embargo, por intermédio de seus iluminados Emissários, Jesus voltou com o Espiritismo, máxime com o Neo-espiritismo, para completar os ensinamentos que não pôde transmitir e muitos outros, que, somente agora, com a revelação de muitas verdades divinas, que, na época, não seriam compreendidas, nem aceitas, mas que, presentemente, com a evolução intelectual e o progresso científico da humanidade, tornaram-se verdades imperativas e indispensáveis ao aperfeiçoamento moral dos Espíritos terráqueos não só encarnados como desencarnados — única maneira de evitar que a própria tecnologia bélica hodierna acabe destruindo a humanidade e o próprio planeta!

JESUS DE NAZARÉ, INICIADO ESSÊNIO III

Já mostrei, com os próprios textos evangélicos, que, em vida, Jesus não foi valorizado nem por seus conterrâneos, nem por sua família, inclusive por sua própria mãe, que, duma feita, em companhia dos outros filhos, tentara agarrá-lo, com suspeição de que o iluminado profeta e incomparável médium curador estivesse “fora de si” (Mc. III. 21).

Ora, se Jesus não merecera consideração nem como profeta, nem como médium curador, nem como Mestre e portador de nova revelação divina, como poderiam seus parentes tê-lo em conta de um Deus encarnado? Na verdade, tudo que se possa ter inventado sobre o nascimento sobrenatural de Jesus cai por terra com a análise fria do comportamento agressivo de sua família, relatado nos Evangelhos. Nada importam as contradições do Evangelho de João, o neoplatônico que o escreveu cerca de um século após a desencarnação de Jesus e, como é óbvio, não o conheceu; nem deve ter tido contato direto com autênticos discípulos do Mestre galileu, porque escreveu, por ficção, uma estória inspirada na escola filosófica de Alexandria.

De toda sorte, se João falou a verdade, os outros três evangelistas mentiram. Sem embargo, como na prova testemunhal a regra é prevalecer a maioria, fico com os três canônicos e coloco o quarto evangelista entre parênteses, mesmo porque não me simpatizo com o Jesus megalômano retratado por João: prefiro o dos outros evangelistas.

De qualquer maneira, em face da atitude da própria família de Jesus, derroca-se a mistificação com a qual, mais de três séculos depois de sua crucificação, capciosos sacerdotes católicos o metamorfosearam de Espírito superior, Instrutor da humanidade, em filho de Deus, também Deus e, além de Deus, o único redentor do pecado original dos Espíritos encarnados. Com essa absurda tese, firmou-se o esdrúxulo princípio de pagar o justo pelo pecador! Dessa forma, criou-se o tremendo obstáculo à evolução moral da humanidade, porque, confiados em sua gratuita redenção, mas apavorados com sua enigmática e arbitrária predestinação e inseguros de sua salvação pelo pisto-lão da graça divina — deturpações paulinas — os Espíritos encarnados sentem-se perplexos, sem perspectivas para encontrar o caminho da felicidade.

Entretanto, a paz de consciência e a felicidade só se obtém com longa e árdua luta em prol da conquista do aperfeiçoamento do Espírito com moroso progresso moral e com ingente esforço intelectual. Tudo depende de incessante luta individual; máxime no plano moral, onde cada qual colhe o fruto da árvore que plantou, ainda que a colheita seja protelada duma, para outra encarnação. Daí o adágio: Deus tarda, mas não falta. E é justo que ninguém possa redimir ninguém; mas cada um pode, e deve, redimir-se a si próprio. A lei é a mesmíssima para todos, quaisquer que sejam as religiões. Caso con-

trário, Deus seria faccioso e, portanto, injusto — verdadeiro paradoxo, porque, nesta hipótese, o Criador não seria a perfeição absoluta e a moral não teria sentido. De resto, o homem, pelo fato de raciocinar e de, até certo ponto, prever o futuro, seria a mais desgraçada de todas as criaturas da Terra!

Não; a felicidade conquistamo-la, palmo a palmo, com crescente espiritualização, independentemente da religião ou crença professada. Toda religião é meio; nenhuma é fim. Diante da justiça divina só há méritos e deméritos; e, com premiar méritos e castigar deméritos, Deus se nos revela justo e bom. Justo, porque dá destinos desiguais a criaturas desiguais, que estão em diferentes fases de evolução; bom, porque castiga, com sofrimentos corretivos, e, por conseguinte, de efêmera duração, que apressam a evolução dos Espíritos, até alcançarem a bem-aventurança almejada.

De toda maneira, a dor estimula o progresso do Espírito, esteja ele encarnado ou desencarnado, e, dessa forma, favorece a vitória de cada um sobre si mesmo; e, no final, a recompensa é a conquista da perfeição dos Espíritos em evolução no plano terreno, para finalmente premiá-los com a felicidade compatível com a hierarquia de nosso orbe dentro de nossa galáxia!

Neste esquema, não existe *dies irae*, nem castigos eternos por faltas ocasionais, castigos que, por não terem finalidade corretiva, caracterizariam revoltante vingança do Criador! Mas, felizmente, a verdade é a antítese dessa tese. Deus criou os Espíritos imperfeitos para que, durante o ciclo de sua evolução eterna, o sofrimento causado por cada erro cometido e a alegria proporcionada por cada acerto efetuado, lhes assegurasse a aquisição da consciência do bem e do mal, premissas indispensáveis na luta em prol do auto-aperfeiçoamento espiritual, que garante a felicidade. Donde se conclui que, na planificação dos destinos dos Espíritos, não há eiva de malquerença, nem de vingança: só prevalece justiça e amor por todos e para todos, conforme no-lo ensina o Neo-espiritismo.

Ora, como todos os Espíritos encarnados, Jesus não poderia encarnar senão com prevalência das leis biológicas, que, como todas as leis naturais, refletem a onisciência e a onipotência do Criador do Universo. Além disso, para ser autêntico Mestre, que constrói com a palavra e polariza com o exemplo, Jesus não poderia ter escapado de milhares, quiçá de milhões de sucessivas encarnações na Terra, nem poderia ter ficado isento dos sofrimentos e das lutas inerentes ao progresso de todo Espírito ligado ao nosso globo, tal qual sempre aconteceu com os Espíritos cuja evolução ainda está circunscrita ao nosso planeta.

Com efeito, foi por seu próprio mérito que Jesus de Nazaré alcançou as culminâncias da perfeição a ponto de colocar-se, quando desencarnado, na suprema hierarquia dos Mestres gloriosos que governam nosso planeta; e, ao aceitar o sacrifício de nova reencarnação, a última, fê-lo com a determinação de assumir, na categoria de Instrutor da humanidade, a liderança religiosa de todos os Espíritos encarnados e desencarnados, com existência restrita à Terra, que o pudessem compreender e amar.

Entretanto, filho de humilde carpinteiro, com o qual mantinha fortes vínculos de arraigada amizade cultivada em anteriores encarnações, mas que, além de analfabeto, estava bitolado ao mosaísmo, quem o poderia preparar para ocupar o elevadíssimo posto que, por imposição cármica, lhe cabia de fato e de direito? Os saduceus, materialistas? Os fariseus ortodoxos, por ele estigmatizados como “cegos, guias de cegos”? (Mt. XV, 14). Ou os essênios, ascetas iniciados nos mistérios de Deus? Esses, sim; eram puros de sentimento e estavam consagrados à prática da caridade em geral e, em particular, à utilização da mediunidade para o tratamento dos enfermos. Desprendidos dos interesses terrenos e em regime de pobreza, viviam em comunidade voltados para a conquista de valores que acrisolam o Espírito eterno. É exatamente entre esses ascetas judeus que Jesus não pode deixar de ser enquadrado, tantas e tamanhas são as afinidades apresentadas. E não é só. Como informou Flávio Josefo, historiador com prestígio na comunidade do Qumrân, havia na escala da iniciação quatro graus. No último o iniciado tomava o título de Mestre, fato que ocorreu com Jesus, consoante me asseveraram Espíritos missionários que, em caráter individual, me revelaram o Neo-espiritismo.

Como se colhe, ao receber, por clariaudiência, ordem de seu Mentor, dono de seu destino e, por conseqüência, seu principal Protetor, para desligar-se da comunidade do Qumrân, a fim de pregar e curar publicamente, Jesus já era, de fato, um Mestre essênio. Mas, nem por isso, se desvinculou do “juramento de túmulo”, por ele feito ao fim do triênio da iniciação, pelo qual se obrigava, sob pena de ter a encarnação cortada pelo seu Mentor, a guardar o mais absoluto sigilo a respeito dos ensinamentos esotéricos da comunidade. Daí o misterioso silêncio de Jesus em relação aos essênios e a precavida discrição com que se referiu aos conhecimentos iniciáticos e suas implicações no *Velho Testamento*.

É mais que provável, é quase certo que os fragmentos de um rolo, mutilado pela deterioração do tempo, encontrado numa gruta do Qumrân e que os sábios políglotas encarregados da decifração denominaram Livro dos Mistérios, acrescidos do manuscrito criptográfico, ainda indecifrado, provavelmente encerram os mistérios de Deus e os mistérios do conhecimento, ambos mencionados no *Manual de Disciplina* e no *Documento de Damasco*.

Os referidos documentos comprovam que os essênios, além dos conhecimentos inerentes aos antigos Livros Sagrados, uns incluídos, outros não, no *Velho Testamento*, possuíam, outrossim, conhecimentos superiores revelados, por via mediúnica, aos Mestres da comunidade, sobretudo ao Mestre de Justiça, fundador da comunidade do Qumrân, cuja marcante personalidade apresenta muitos traços de identidade com o Mestre essênio Jesus de Nazaré!

Aliás, a prova do valor que os iniciados essênios davam aos ensinamentos oriundos dos Protetores espirituais da comunidade foi o esmero com que procuraram resguardar da indiscrição profana os segredos revelados, utilizando no documento que os contém, complicada escrita críptica, cuja chave para decifração ainda não foi encontrada e que, na época, era apanágio dos iniciados.

Nos próximos artigos, pretendo mostrar, pouco a pouco, as irremovíveis ligações de Jesus com os ascetas essênios do Qumrán. Entrementes, desde já, convém frisar que Dupont-Sommer, sábio autor de *Les écrits esséniens*, depois de esmiuçar o *Comentário de Habacuc* declarou que Jesus parecia “uma espantosa reencarnação do Senhor de Justiça”. Mas, até certo ponto, não há admirar. Na iniciação, ambos atingiram o nível de Mestre e ambos foram médiuns admiráveis. Nada obstante, entre os dois, há ostensiva diferença: o Senhor de Justiça foi Mestre do essenismo e, por isso, viveu confinado no seio duma comunidade iniciática, sem nada transmitir aos leigos; Jesus, Mestre da humanidade, recebeu, em caráter individual, sozinho em sua cela de eremita, muitos ensinamentos incomparavelmente superiores aos do essenismo, ensinamentos que, fora da comunidade, ele deveria transferir a pouquíssimos discípulos, que estivessem à altura de assimilá-los em favor de sua evolução espiritual. De modo que, a despeito de certas semelhanças, no cômputo geral, é enorme a distância que separa o Mestre nazareno do Mestre essênio, porquanto Jesus foi médium completo, dotado de todas as formas de mediunidade, inclusive da curadora, que debela, no momento, qualquer doença por mais grave que seja e, além disso, repara instantaneamente órgãos degenerados e tecidos deteriorados, por temíveis afecções.

Entretanto, no que concerne ao comportamento, reflexo da doutrina, havia evidente semelhança. Para maior convicção, vou confrontar a comunidade essênica com as primitivas comunidades cristãs.

Plínio, Filon e Josefo, idôneos historiadores, ressaltam que os essênios eram admirados pela austeridade de costumes, pela bondade com que amparavam os enfermos e os indigentes, pela inquebrantável amizade e sincera fraternidade que, mutuamente, se dedicavam e distinguiam-se pela espontaneidade com que renunciavam a todos os bens terrenos. E Jesus, não se comportou exatamente assim?

Acresce, ainda, a circunstância de que, com a aceitação do catecúmeno, depois de três anos de testes, tudo que lhe pertencia, dinheiro, casa e quaisquer outros bens materiais, revertiam para o patrimônio da comunidade e, em caso de necessidade, poderia ser utilizado por todos. Não obstante, qualquer abuso era severamente castigado; e quando a falta cometida era muito grave, a ponto de ultrajar o “juramento de túmulo” da iniciação, o mundo espiritual interferia e repentina doença cortava a encarnação do traidor, evitando, assim, que novos erros equivalentes agravassem, nas futuras encarna-

ções, o carma do prevaricador! Pois bem; e como viveram e procederam as primeiras gerações cristãs, quando ainda se encontravam sob o influxo catalítico da palavra e do exemplo de Jesus? Tem a palavra o apóstolo: “Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava, exclusivamente seu, nada que possuía. Tudo lhes era comum. Nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas vendiam-nas e traziam os valores correspondentes, depositando-os aos pés dos apóstolos. Então se distribuía a qualquer um, à medida das necessidades.” (At. IV, 32).

Por outro lado, à maneira do que ocorria na comunidade do Qumrân, na qual a traição era punida pelos Mestres essênios desencarnados com a pena de morte, na comunidade cristã a traição também era punida pelos Mestres desencarnados com o corte da encarnação, ordenado pelos Senhores do Carma, Espíritos de elevadíssima hierarquia que planificam os destinos humanos. Exemplo típico encontramos-lo no casal Ananias e Safira, que sonegou parte do lucro da venda de uma propriedade. Ao serem, separadamente, interrogados e desmascarados e repreendidos por Pedro pela traição ao Espírito de Jesus, um após outro teve a encarnação cortada pelos seus respectivos Mentores e ambos caíram ao solo fulminados! (At. V, 1 - 10).

Como se vê, a coincidência dos fatos observados na comunidade essênica do Qumrân e na comunidade cristã é perfeita: vida comunitária, renúncia aos bens materiais e ao sexo, muito amor fraterno entre todos e morte provocada por determinação de Mestres desencarnados para os traidores dos ideais da comunidade!

JESUS DE NAZARÉ, INICIADO ESSÊNIO IV

Repudiado como profeta em Nazaré, sua terra natal (Mc. VI, 3-6), desfeitoado como louco por sua própria mãe (Mc. III, 21) expulso da cidade por seus concidadãos e, posteriormente, chacoteado e desafiado por seus quatro irmãos (Jo. VII, 1-8), tudo comprova que jamais passou pela cabeça de ninguém o absurdo de considerar Jesus como verdadeiro Deus. Ao contrário, todos os fatos indicam que, embora se distinguisse como Espírito de elevadíssima hierarquia, Jesus de Nazaré foi, na realidade, um homem a dois passos da perfeição compatível com nosso planeta, marcado com sublime evolução espiritual; e, além disso, médium excepcional dotado de todas as modalidades de mediunidade, o qual encarnou, pela derradeira vez, com a gloriosa missão de pontificar como Instrutor da humanidade e de revelar novas verdades divinas.

Contudo, para alcançar tão alevantado ideal e ser bem sucedido no honroso ministério, que, antes de reencarnar, se propôs exercer, é óbvio que deveria ser preparado com esmerada educação iniciática.

Ora, na época de Jesus, havia na Palestina três seitas religiosas: a dos saduceus, a dos fariseus e a dos essênios. Os saduceus não admitiam a sobrevivência; eram materialistas e epicuristas, que bajulavam Jeová visando, como recompensa, longa vida terrena, com saúde, riqueza e conforto. Os fariseus eram mosaístas ortodoxos, intolerantes e hipócritas, aparentemente bons mas “com o interior cheio de rapina e de perversidade” (Lc. XI, 39). Finalmente os essênios, ascetas judeus, viviam em comunidades, com austeridade de costumes, voluntária pobreza e muita fraternidade entre si, dedicados à cura dos enfermos e ao amparo aos indigentes. Sóbrios em tudo, renunciavam a todos os bens materiais, alimentavam-se frugalmente e eram abstêmios — não tocavam os lábios no álcool, nem utilizavam o sexo. Isso, na comunidade do Qumrân, na qual Jesus, desde os oito anos foi educado e, ao completar vinte anos, principiou sua iniciação, que durou três anos, terminando com o “juramento de túmulo”, já referido em artigo anterior. Feito o compromisso, o iniciado nos “mistérios de Deus” revelados por Mestres essênios que eram instruídos por Espíritos superiores mercê de sua clariaudiência, o novo adepto era considerado “filho da luz”!

Como se infere, os conhecimentos dos essênios não se restringiam aos dos textos sagrados, alguns dos quais foram encontrados nas grutas do Qumrân. Todavia, nem todos provinham do *Velho Testamento*, fato demonstrativo de que os essênios não estavam apegados ao mosaísmo dos doutores da Lei; ao contrário, pela estruturação iniciática da seita, os essênios davam preferência aos textos dos profetas. De toda sorte, possuíam interpretação própria para os alfarrábios do mosaísmo, esclarecidos que eram, por via

mediúnica, durante os tranSES de seus Mestres; e é quase certo que muitos desses conhecimentos esotéricos devem figurar no Rolo indecifrado, escrito em caracteres criptográficos, encontrado numa das grutas do Qumrân. Outros conhecimentos estão no *Livro dos Mistérios* parcialmente reconstituído e decifrado pelos políglotas encarregados de traduzirem os “Rolos do Mar Morto”.

Do ponto de vista da religião dos essênios, os referidos documentos secretos são muito mais importantes do que os livros do *Velho Testamento* que faziam parte da biblioteca da comunidade do Qumrân. A supervalorização que aqueles iniciados emprestavam aos ensinOS revelados por seus Mestres transparece, a cada passo, na Regra ou Manual de Disciplina, no *Documento de Damasco* e, sobretudo, nos Hinos da comunidade. Para eles, os “filhos da luz” são “os que vivem humildemente, cheios de prudência em sua conduta e de amor à verdade dos mistérios do conhecimento”.

Conforme frisou Dupont-Sommer, membro do instituto, professor do Colégio de França e consagrado autor *Les écrits esséniens découverts près de la mer morte*, a seita essênica possuía sua gnose; e, na verdade, o gnosticismo, que deu tanta dor de cabeça ao cristianismo incipiente, mergulha suas raízes no terreno cultivado pelos essênios. Aliás, de lá vieram, também, os ebionitas, com voluntária pobreza.

De toda maneira, no hino final da Regra, considerado de grande significação por Millar Burrows, diretor da Escola Americana de Pesquisas Orientais e autor de *Os Documentos do Mar Morto*, está evidente, com a confissão de gratidão do iniciado, a proteção dos segredos da iniciação, preservados por “terrível juramento”, porque constituíam apanágio da comunidade! Com efeito, depois de afirmar que fielmente manterá silêncio acerca dos conhecimentos a ele revelados, declara o iniciado: “Os meus olhos contemplaram a profunda sabedoria que se esconde ao homem sábio... Bendito sejas tu, meu Deus, que abriste ao conhecimento o coração do teu servo. Ensinaste a ciência completa.” Como se colhe, neste texto, sabedoria é conceito gnóstico de conhecimento revelado; e é muito significativo que, à maneira do iniciado essênico, Jesus de Nazaré também houvesse exclamado! “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da Terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos.” (Lc. X, 21; Mt. XI, 25).

Em suma: na Palestina, somente os essênios poderiam ter tido a glória de ser os instrutores e os iniciadores de Jesus de Nazaré; e, de fato, à medida que vão sendo traduzidos os Rolos do Qumrân, não obstante as indesculpáveis sonegações de sacerdotes interessados, cada vez mais transparecem as irremovíveis afinidades entre o essenismo e o cristianismo primitivo!

Sem embargo, um fato é inamovível: a biografia de Jesus é caótica e cheia de contradições nos quatro evangelhos aceitos pela Igreja Católica. Além disso, uma coisa é certa: exceção feita para aqueles que, como eu, tiveram a fortuna de receber, em caráter individual, a revelação do paradeiro

de Jesus, desde menino até aos trinta anos, ninguém sabe nada sobre o profeta nazareno senão a partir de sua aparição pública em sua cidade natal. Aliás, foi por terem reconhecido esta verdade que os teólogos holandeses mandaram eliminar do *Novo Catecismo*, obra para adultos que raciocinam, toda referência às três décadas da vida oculta de Jesus que antecedeu à sua aparição pública como conspícuo Mestre, o qual, além de pregar nova doutrina religiosa, referta de verdades divinas, demonstrou possuir, dentre outras, potentíssima mediunidade curadora. É de ver, pois, que o episódio do diálogo, aos doze anos, com os doutores da Lei, fato que teria ocorrido no templo, é deslavada invencionice; hipótese que, se verdadeira, teria revelado indesculpável desleixo de seus pais, os quais depois de havê-lo levado a Jerusalém para comemorar a Páscoa, perderam-no de vista e, nem por isso, regressaram imediatamente àquela cidade para procurá-lo: deixaram-no, durante três dias, sem abrigo de um lar e desprovido de alimentação, dentro do templo com exclusiva preocupação de dialogar com rabinos fanáticos e intolerantes, que, no fundo, menosprezavam os nazarenos! (Lc. II, 41-49).

No entanto, se o fato fosse verdadeiro, o assombro despertado no Sinédrio seria de tal monta que o menino-prodígio, exímio intérprete da *Tora*, seria fatalmente requestado pelo Sumo Sacerdote e esmeradamente educado para tornar-se proeminente membro do corpo sacerdotal!

Mas Jesus, de modo nenhum, encarnou para consolidar as leis de Moisés e sim para radicar no planeta as leis de Deus, a ele, individualmente, reveladas durante sua iniciação com os Mestres essênios.

Na realidade, Jesus foi explícito em suas declarações; não obstante, solertes hermeneutas preferiram fingir que o não compreenderam a fim de transformá-lo no Messias escatológico de Israel e prosélito de Moisés!

Contudo, não foi à toa que o Mestre preveniu: “Não vim trazer paz, mas espada.” (Mt. X, 34). É evidente que, boníssimo e pacífico, como era, a ponto de, esbofetado, voltar o outro lado da face para nova bofetada, Jesus, em tempo algum, ameaçaria quem quer fosse com arma branca; o que ele quis deixar claro foi que, com a aceitação de sua doutrina, antagônica do mosaísmo, fatalmente provocaria no seio das próprias famílias israelitas dissensões e retaliações. Na verdade, a diversidade de religiões assinala a diferença de evolução espiritual entre os profitentes e a tônica é, sempre, a intolerância. Por isso, Jesus advertiu: “Vim trazer a divisão entre o filho e o pai, entre a filha e a mãe, entre a nora e a sogra; e os inimigos serão os próprios membros da família.” (Mt. X, 36). Em seguida, acrescentou: “Quem ama mais seu pai ou sua mãe do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim.” “Quem não toma a sua cruz e não vem após mim, não é digno de mim.” (Mt. X, 37-38).

Como se vê, na posição de autêntico iniciado, Jesus colocou o amor a Deus e o cumprimento dos deveres espirituais, roteiro para a perfeição e a

felicidade, muito acima do amor à família e das obrigações terrenas. Por isso, ele volta a insistir: “Se alguém vem a mim e não se desapega de pai, mãe, mulher e filhos, irmãos e irmãs e, até, de sua própria vida, não pode ser meu discípulo.” (Lc. XIV, 26).

Ora, um Mestre essênio não teria falado doutra maneira. Ao entrar para a comunidade, depois de educado durante um decênio, o noviço, ao principiar a iniciação, renunciava não só aos bens materiais como também à família, tudo para consagrar-se, em regime de drástica disciplina, à conquista de virtudes e de predicados que exaltam o Espírito eterno!

Contra as assertivas de Filon, de Alexandria, Flávio Josefo afirmou e o *Manual de Disciplina* confirmou, com ratificação de E. M. Laperrousaz, autor de *Los manuscritos del Mar Muerto*, que, de fato, os essênios do Qumrân aceitavam meninos para instruir e educar; e estribado nas informações dos Espíritos missionários, que, em nome de Jesus de Nazaré, me revelaram o Neo-espiritismo, posso garantir que foi naquela comunidade que o iluminado líder religioso de nosso planeta permaneceu internado desde os oito até aos trinta anos, motivo por que, em sua biografia, permaneceu o enigmático hiato: depois da infância em Nazaré, a desapareição durante vinte e dois anos!

Sem embargo, o Neo-espiritismo encarregar-se-á de preencher racionalmente a discutida lacuna, apontando, inclusive, muitos ensinamentos que, falados mas não escritos, permaneceram, até hoje, totalmente desconhecidos; fato profundamente lamentável porque, com estreitar os liames da fraternidade entre todos os Espíritos encarnados e desencarnados, asseguraria a paz, o progresso e a felicidade perene na Terra!

JESUS DE NAZARÉ, INICIADO ESSÊNIO V

Em artigos anteriores, já afirmei, e reafirmei, que Jesus de Nazaré fora educado pelos essênios da comunidade do Qumrân, na qual atingiu o último grau de iniciação — o de Mestre. Já esclareci, outrossim, baseado no historiador judeu Flávio Josefo, confirmado atualmente com documentos encontrados nas grutas do Mar Morto, que, ao ser admitido à iniciação, o adepto prestava solene juramento, comprometendo-se, perante o mundo espiritual, a guardar absoluto segredo sobre os mistérios da iniciação, ainda mesmo quando torturado ou ameaçado de morte!

Do “juramento de túmulo” não se isentavam nem aqueles que, desde meninos, foram internados e educados sob os cuidados dos Mestres da comunidade, conforme aconteceu com Jesus de Nazaré. De toda maneira, se o iniciado, por fraqueza moral ou por simples displicência infringisse as regras da iniciação, era expulso da comunidade, com prévia retirada de seu perispírito da quota total do fluido inerente à iniciação, fato que, por si só, lhe provocava rápido deperecimento de todo o organismo. E não era só: afeito à frugal alimentação de pão e sopa de legumes, o organismo repelia qualquer tipo de alimentação que o repudiado pudesse encontrar fora da comunidade. Alguns tentaram vários alimentos e houve até quem apelasse para o capim; mas não houve aceitação pelo organismo, de modo que, lentamente, morreram exauridos. Por outro lado, se a falta do iniciado importasse na quebra do “juramento de túmulo”, com traição da comunidade, os Espíritos por ela responsáveis pediam consentimento aos Senhores do Carma, fiadores perante o Criador pelo destino humano, e, se obtivessem autorização, cortavam a encarnação do traidor com morte repentina! Nesta hipótese, a finalidade era evitar que, com a delação, houvesse brutal represália dos mosaístas na pessoa do Sumo Sacerdote, o “padre ímpio” do “Rolo do Mar Morto”, com graves conseqüências para a comunidade do Qumrân.

Aliás, o fato ocorreu numa comunidade do cristianismo primitivo, herdeiro do essenismo, quando Ananias e Safira tombaram fulminados, porque, depois de haverem vendido uma propriedade em favor da comunidade, traíram os apóstolos sonegando parte do produto da venda! (At. V, 1-10).

Em face do que ficou dito, compreende-se o silêncio de Jesus no que tange aos essênios; e, também, a sua precaução no que diz respeito à revelação dos “mistérios de Deus”, apanágio de alguns discípulos de maior merecimento. A assertiva é inferência do próprio contexto do *Novo Testamento*. Lá está claramente dito, pelo próprio profeta nazareno, que ele ministrava dois padrões de ensinamentos: os exotéricos ou públicos destinados ao povo sofredor, mais interessado na cura do que na doutrina; e os esotéricos ou secretos, endereçados exclusivamente aos discípulos que já os podiam en-

tender. Eis a prova: “A vós outros vos é dado conhecer os mistérios do reino de Deus, (a mesma expressão empregada no *Manual de Disciplina* da comunidade, encontrado numa gruta do Qumrân) mas aos estranhos tudo se diz por parábolas.” (Mc. IV, 10-11). Por quê? — perguntar-se-á. “Porque ao que tem mais se lhe dará e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem se lhe tirará.” (Mt. XIII, 12). Trocado em miúdos: ao que tem merecimento (desta, ou de vidas anteriores) dar-se-lhe-á a nova revelação dos Espíritos missionários e ele saberá valorizá-la, aproveitando-a para aperfeiçoar seu Espírito, mas ao que não tem merecimento porque ainda é Espírito pouco evoluído e não deseja progredir não se lhe dará maior conhecimento, de vez que, até o pouco que possui não põe em prática, de modo que a ampliação dos conhecimentos, longe de torná-lo mais feliz, agravar-lhe-ia a responsabilidade, concorrendo para maior sofrimento!

Com efeito, dar ensinamentos transcendentais a uma criatura de baixo nível espiritual é contribuir para que erre duplamente: erre pelo menosprezo ao ensinamento e erre pela revolta contra quem o deu — injustiça clamorosa, porquanto o erro foi de quem colocou a luz sob o alqueire! Foi por isso — e só por isso — que Jesus de Nazaré, em termos candentes, fez aos discípulos esta dramática advertência: “Não deis aos cães o que é santo; nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se contra vós, vos dilacerem.” (Mt. VII, 6).

Diante do que foi explanado, força é concluir-se que as doutrinas religiosas, quaisquer que sejam, devem ser ministradas proporcionalmente à capacidade de assimilação dos ouvintes. Caso contrário, arrisca-se a pô-los em maiores dificuldades e sobrecarregados de remorsos após a desencarnação, pelo fato de haverem recebido a verdade e, nada obstante, não terem conseguido pô-la em prática, fato que lhes acarretará cruciantes sofrimentos, com indefectível revolta contra o doutrinador que lhes deu mais do que eles poderiam receber!

De tudo que ficou dito, deve-se concluir que Jesus de Nazaré, inquestionavelmente, foi autêntico terapeuta, isto é, um essênio dotado de mediunidade curadora. Contudo, se o exposto não bastasse para escorar a tese, eu poderia invocar fatos objetivos ligados ao comportamento de Jesus de Nazaré.

Como é notório, os essênios, exceção feita para uma ou outra pequena célula comunitária, faziam votos de castidade e de pobreza: primeiramente, de castidade, com abstinência total, durante um ano; em seguida, mais dois anos de consecutivos testes para constatação da sublimação espiritual necessária à renúncia da função sexual. A iniciação exigia, outrossim, voto de pobreza, com voluntária destituição de todos os bens materiais, que, na hipótese, reverteriam em favor da comunidade.

Em se tratando de iniciação, não há, na abstinência sexual, nenhuma implicação de ordem moral. O sexo, quando usado corretamente, sem a mínima deturpação, é instrumento sagrado para a reprodução da vida en-

carnada. Mas, como ensina o Neo-espiritismo, no médium curador impõe-se relativa abstinência do sexo em favor do equilíbrio e da constância da mediunidade e, até, da saúde do médium. A razão é simples: como ocorre com todos os fluidos vitais, os fluidos dos órgãos reprodutores, inclusive os dos óvulos e os dos espermatozoides, promanam do Espírito, onde está o enigma da vida, e acumulam-se no perispírito, camadas de fluidos condensados que detêm as radiações vitais do Espírito eterno. Ora, na cópula, durante o orgasmo, há grande desprendimento de fluidos nervosos ou, melhor, de fluidos vitais; fluidos que, na cópula decente, são cuidadosamente resguardados por Espíritos protetores do casal, para restituição após a desencarnação, mas que, na cópula anormal, são captados por Espíritos degradados e formam forte vínculo de ligação entre os “caçadores de fluidos” e o casal lascivo, com graves conseqüências futuras, inclusive a deterioração do casamento. Mas o pior é o prejuízo dos filhos com assistência de Espíritos libertinos, companheiros do casal libidinoso!

Como é fácil inferir, a vantagem da abstinência sexual do médium curador é poupar, abnegadamente, maior quota de fluido vital curativo para utilizá-lo na cura de enfermos condenados pela Ciência ou de aleijões irrecuperados! Portanto, vale a pena do sacrifício espontaneamente aceito pelo altruísta médium curador, o qual, na Terra, terá a imensa alegria de contemplar os inúmeros irmãos aos quais pôde restituir a saúde e a felicidade; e no plano espiritual, já desencarnado, terá a fortuna de sentir as vibrações de amor e gratidão de tantos irmãos e amigos como nunca imaginou — amor e gratidão que lhe servirão de asas para exalçar seu vôo a páramo de indescritível felicidade!

Voltando ao encontro do Mestre galileu, urge declarar que Jesus foi casto e virgem e que viveu com tanta pobreza que, quando um escriba, deslumbrado com o magnetismo de suas palavras e boquiaberto com suas curas, aproximou-se dele para declarar-lhe que estava disposto a seguir-lhe as pegadas por onde quer que ele fosse, admirado, o iluminado nazareno humildemente ponderou-lhe: “As raposas têm covis e as aves, ninhos, mas o filho do homem (sinônimo de profeta ou de médium, Ez. II, 1) não tem onde repousar a cabeça.” (Mt. VIII, 19-20). Em face de tanta sinceridade, não se sabe se o escriba o acompanhou ou se escapou pela tangente... Posto que a potência da mediunidade curadora de Jesus permaneça, até hoje, insuperada, é de justiça ressaltar que essa maravilhosa faculdade não foi apanágio do incomparável médium nazareno. Os terapeutas, isto é, os essênios que, durante a iniciação, eram selecionados como médiuns curadores, pelos Espíritos protetores da comunidade, também efetuavam curas admiráveis, quer por meio de ervas medicinais, quer por meio de passes e orações. Todavia, não curavam publicamente, como Jesus; atendiam os doentes no interior da sede da comunidade, no Qumrân. Daí o fato de haverem permanecido

ignorados pela maioria da população dos arredores. Também nos templos do Egito, da Índia e da Caldéia os médiuns curadores realizaram prodígios, que nada tinham a ver com o hipnotismo, nem com a sugestão, como imaginam hipnólogos e médicos materialistas. Tudo foi obra de Espíritos curadores, protetores de médiuns curadores; mas nenhum se igualou ao grande iniciado essênio que foi Jesus de Nazaré, o qual viveu na Terra, sem viver para a Terra!

De fato, o Mestre viveu muito mais para o mundo espiritual do que para o mundo terreno; e, até certo ponto, exigiu que os discípulos o imitassem, no desprendimento dos bens materiais. Por isso, afirmou: “Todo aquele que, dentre vós, não renunciar a tudo que tem, não pode ser meu discípulo.” — (Lc. XIV, 26). Como se vê, Jesus, iniciado essênio no grau de Mestre, quis reproduzir com os discípulos uma das exigências da comunidade do Qumrân. Com isso, visava preparar médiuns com merecimento para servirem de instrumento a Espíritos de luz, isto é, Espíritos protetores e doutrinadores que pregassem e difundissem as verdades divinas que Jesus de Nazaré, se não fosse extemporaneamente sacrificado, teria implantado definitivamente em nosso planeta!

Sem embargo, até hoje ressoam na Terra os ecos das valiosas recomendações do Mestre galileu aos que desejam apressar a sua evolução espiritual. “Ninguém pode servir a dois senhores... Não podeis servir a Deus e às riquezas.” (Mt. VI, 24).

Eu me parece que os líderes das religiões ditas cristãs não tomaram em consideração essa advertência do Mestre; nem esta: “Não acumuleis tesouros na terra... ajuntai tesouros no céu. Porque, onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.” (Mt. VI, 19-21; Lc. XII, 32-34).

Neste ponto, faço um interregno para uma explicação: no contexto das advertências feitas por Jesus a seus discípulos, o vocábulo coração significa, sem dúvida, sentimento. Ora, se o sentimento está ligado ao tesouro, é inevitável que, depois de desencarnado, o Espírito também fique preso ao tesouro até que se desprenda, pelo sofrimento, da ambição dos bens terrenos. Com efeito, o sentimento, quer no Espírito encarnado, quer no Espírito desencarnado, é a “tomada” para a ligação com todos que se lhe assemelham e com tudo que é desejado. Assim: se um Espírito encarnado, vulgarmente denominado homem, é muito apegado ao seu corpo físico, que não se cansa de mirar no espelho, é quase certo que, a menos que possua numerosos méritos, ao desencarnar, ficará longo tempo como que imantado ao corpo carnal em pútrida decomposição; e se, em vez do corpo, o sentimento, durante a encarnação, ficou concentrado em determinado objeto, não há duvidar que, desencarnado, o Espírito não se arredará do local saturado por seus sentimentos, sejam eles de cobiça ou de exagerada admiração. Por isso, dentre os Espíritos que, a cada minuto, perdem o corpo físico, imensa maioria

continua na superfície da Terra, algemada, pelos sentimentos, ao lar no qual residiu, aos parentes mais amados, às ocupações prediletas, aos objetos que estimou, a tudo, enfim, que organizou sua vida terráquea, mas que o distraiu do maior de todos os seus deveres como Espírito, efemeramente revestido com um corpo físico — o dever de zelar pela evolução de seu Espírito, que é eterno, e que, para ser integralmente feliz, deverá conquistar, com muitas lutas e variados sofrimentos, em sucessivas reencarnações, a máxima perfeição compatível com a evolução atingida por nosso próprio planeta!

Contudo, para alcançar tão grandioso objetivo, é mister ouvir, novamente, o conselho do Mestre galileu: “Não andeis ansiosos quanto ao que haveis de comer ou de beber ou de vestir... Buscai, primeiro, o reino de Deus e sua justiça e todas essas coisas ser-vos-ão acrescentadas.” (Mt. VI, 25 ss). Em seguida, com profundo senso filosófico, completou: “Não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois basta a cada dia as suas próprias preocupações.” (Mt. VI, 34).

Essas normas deveriam prevalecer para os discípulos, sobretudo para os candidatos à prática da mediunidade, e não, indiferentemente, para todos; porquanto há muita diferença entre os que desejam, como médiuns autênticos, servirem de intermediários de um lado entre Espíritos curadores e Espíritos doutrinadores e, do outro lado, entre doentes desesperançados ou criaturas sequiosas de cultura religiosa que lhes assegure maior aperfeiçoamento espiritual e os que apenas pretendem explorar a proteção de Espíritos complacentes para obterem, sem merecimento, benefícios materiais. Nesta hipótese, os “exploradores de Espíritos” arriscam-se a serem burlados por Espíritos mistificadores, caçadores de fluidos, que tudo lhes prometem e que nada lhes podem dar, senão um ponto de ligação de perispírito com perispírito, que facilitará novas usurpações de fluidos vitais com fortalecimento do Espírito desencarnado, e enfraquecimento e queda de imunidade do Espírito encarnado; e se este parasitismo espiritual prolongar-se, manifestar-se-á no Espírito encarnado uma Espiritopatia com o quadro mórbido da doença que vitimou o Espírito desencarnado!

Como se deduz, no intercâmbio com o mundo dos Espíritos é necessário: primeiro, que se conheça a fundo o caráter do médium; segundo, que se tenha sensibilidade para distinguir as vibrações perispirituais do Espírito que se manifesta, porque, ao contrário do que se poderia imaginar, há muitos Espíritos desencarnados tão perversos e vingativos quanto o foram durante a encarnação terrena! E mais: são exatamente esses Espíritos que, ao se depa- rarem com médiuns invigilantes e infensos à oração, com eles se afinam por maus sentimentos, e transformam-nos em instrumentos de crimes hediondos e de calamitosas conturbações sociais!

É de ver, pois, que o médium para tornar-se exclusivamente instrumen- to de comunicações instrutivas e moralizadoras é forçado a sobrepor aos seus mesquinhos interesses pessoais os sagrados compromissos que, antes

de reencarnar, assumiu com seus Protetores, máxime com seu Mentor, responsável perante Deus pelo cumprimento do destino que, de acordo com seus méritos e seus deméritos, lhe foi traçado por Espíritos de elevadíssima hierarquia, isentos de reencarnação, denominados Senhores do Carma, isto é, Senhores do Destino. Donde se colhe que, quaisquer que sejam as conjunturas, o médium cômico de sua delicada missão, jamais deverá relegar a prevalência do vínculo espiritual que o liga ao seu Mentor, fortalecendo-o cada dia mais com o magnetismo de sinceras orações.

Aliás, é oportuno rememorar que Jesus, reconhecendo a necessidade de colaboração de seus discípulos na divulgação do proselitismo, resolveu “abrir a mediunidade” dos mais sensíveis. Concomitantemente, porém, submeteu-os a testes de coragem, de humildade e de fé, antes de delegar-lhes, como líder religioso que era, poderes para curar com assistência de Espíritos curadores, previamente designados pelo Mestre, e reforço de Espíritos retardatários, com perispírito condensado, quase material, com força para afastar compulsoriamente Espíritos obsessores; os primeiros responsáveis pela recuperação de enfermos com Espiritopatia clínica, os segundos curadores de Espiritopatias obsessivas, vulgarmente conhecidas como psicopatia ou loucura.

Como se infere, dois sentimentos antagônicos unem os Espíritos desencarnados aos Espíritos encarnados: o amor, para o bem, o ódio, para o mal. Na primeira hipótese, prevalece a amizade ou o amor familiar; na segunda hipótese, permanece a inimizade ou a vingança provocadas por atritos e represálias inerentes à vida terrena.

Foi para elidir ou, pelo menos, amenizar essa dramática rivalidade entre irmãos, criaturas de um mesmo Criador, que Jesus lutou e exemplificou heroicamente, tentando, em vão, implantar na Terra valiosos postulados que auferira na convivência com os iniciados essênios, graduando-se, ele próprio, como Mestre.

Aliás, dentre muitos, aqui está um exemplo irretorquível da influência essênica que perdurou no Espírito do Mestre galileu, mesmo depois de ter-se liberado da disciplina da comunidade do Qumrân.

De fato, depois de reunir os doze discípulos que partiriam em missão de proselitismo, Jesus lhes ordenou: “Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expeli os maus Espíritos. De graça recebestes, de graça dai.” Mas, “não vos proveis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de duas sandálias, nem de bordão; porque digno é o missionário do seu alimento” (Mt. X, 8-10).

Segundo a versão de outro evangelista, a determinação de Jesus foi a seguinte: “Nada leveis para o caminho — nem bordão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro; apenas uma única túnica.” (Lc. IX, 1-3).

Complementando as instruções do Mestre, diz o outro evangelista: “Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois em dois, dando-lhes autoridade sobre os Espíritos imundos. Mas ordenou-lhes que nada levassem para

o caminho, exceto apenas um bordão; nem pão, nem alforje, nem dinheiro; que fossem calçados de sandálias e não usassem duas túnicas; e, quando entrardes nalguma casa, permaneçei aí até vos retirardes do lugar; e, se em algum lugar não vos receberem, nem vos ouvirem, ao sair dali, sacudi o pé dos vossos pés..." (Mc. VI, 10-11).

Noutro artigo, expliquei minuciosamente as razões das recomendações de Jesus, que coincidem exatamente com as instruções dadas aos essênios quando iam viajar em missão proselitista.

Contudo, antes de terminar, é preciso ressaltar que a disciplina e a renúncia aqui anunciadas eram exigidas exclusivamente aos médiuns que aspiravam a alcançar um nível superior de iniciação; e nem tudo que Jesus praticava, com todo rigor, e mitigadamente, impôs aos discípulos mais fiéis, poderia ter aplicação no mundo profano.

Com efeito, transplantadas indiferentemente para toda a população da Terra, as regras iniciáticas do Qumrân provocariam, fatalmente, o colapso da civilização, porquanto estancaria a reprodução sexual do gênero humano, aniquilaria o trabalho consuetudinário, extinguiria o comércio, acabaria com a indústria e, pior que tudo, sustaria o progresso da Ciência e paralisaria a civilização!

Sem embargo, para que, ao arrepio das regras da iniciação, haja imenso progresso material, intelectual e, sobretudo, espiritual, em nosso planeta, bastará que prevaleçam em nossa civilização os postulados do cristianismo autêntico, retificado e ampliado na hodierna revelação neo-espírita!

JESUS DE NAZARÉ, INICIADO ESSÊNIO VI

Argumentando com os próprios textos do *Novo Testamento* e com dados colhidos nos “Rolos do Mar Morto”, afirmei, em artigo anterior, que Jesus fora educado pelos essênios, ascetas judeus, os quais, por intermédio de seus médiuns-sacerdotes, obtiveram revelações sobre os mistérios de Deus, que ultrapassavam às dos livros sagrados do mosaísmo.

De fato, a gnose da iniciação não só lhes oferecia uma exegese mais verídica do *Velho Testamento*, como lhes apontava o valor de outros escritos arbitrariamente relegados pelos rabinos e pelos teólogos católicos. Além disso, facilitava-lhes uma compreensão mais profunda dos livros proféticos, já que eles viviam entre profetas.

Como se infere, Jesus de Nazaré pôde assenhorear-se não só dos conhecimentos oriundos das fontes mosaicas como dos de outras religiões, inclusive, é lógico, dos conhecimentos secretos da seita essênia. Ora, sabido como é que os essênios davam imenso valor à mediunidade — fato que se evidencia na Regra e nos Hinos da comunidade — é lícito concluir-se que o Mestre galileu, por força de sua prodigiosa mediunidade e pela pureza de seus sentimentos, se houvesse destacado como *primus inter pares*, a ponto de atingir, na escala da iniciação, o último grau, o de Mestre. Aliás, é evidente que, dotado, como era, de vastos conhecimentos iniciáticos e detentor de inestimável revelação, que lhe foi feita individualmente, por Espíritos missionários dentre os quais se destacava o seu Mentor e, além de tudo, possuidor de fantástica mediunidade curadora, o ínclito profeta nazareno não poderia ter deixado de ser muito estimado, senão venerado, no seio da comunidade do Qumrân. Mas, em favor de sua mediunidade, dentre tudo de que voluntariamente abdicou, destaca-se a renúncia ao prazer sexual; e, em verdade, tal como ocorreu outrora no Egito com os terapeutas, iniciados essênios e com os sacerdotes de Isis; na Grécia com os hierofantes; em Roma com as vestais; nos Incas do Peru, com as virgens consagradas ao deus Sol e, à maneira do que, ainda hoje, ocorre na Índia com muitos iniciados, a mediunidade sublimada, a serviço da alta hierarquia espiritual, sempre exigiu renúncia à atividade sexual.

Contra os argumentos científicos da neuroendocrinologia, prevalece no verdadeiro iniciado a convicção de que a abstinência à cópula poupa energia vital do sistema nervoso, imprescindível à cura instantânea de todas as doenças — meta dos terapeutas, iniciados essênios, pertencentes à comunidade do Egito e, também, dos médiuns curadores na comunidade do Qumrân, com destaque de Jesus. Por isso mesmo, não se justifica que, aos padres católicos, dogmaticamente infensos à prática da mediunidade, porque

repulsam, *a priori*, a manifestação dos Espíritos, se lhes exija abstenção à vida sexual, impondo-se-lhes o celibato; celibato que sempre foi mitigado com a lascívia duma “comadre” homiziada na “casa do padre”, quando não resvalou para o homossexualismo clandestino! Em contraste, o iniciado, quando médium curador, suporta a abstinência sexual, porque, durante a iniciação, perde a virilidade; e, também, porque, como compensação do tremendo sacrifício, “vê” e “ouve” Espíritos protetores, máxime seu Mentor, a concitá-lo à luta contra suas tibiezas para futura glória de seu Espírito imortal, premiado pelas maravilhosas curas realizadas e pelos benefícios feitos gratuitamente aos seus semelhantes, por força de sua mediunidade, com o concurso de Espíritos curadores. Caso contrário, o médium fracassaria, como, neste particular, fracassam todos os padres.

Aliás, Jesus foi muito explícito quando declarou: “Há eunucos de nascença; outros há que os homens fizeram eunucos; e há outros que a si mesmo se fizeram eunucos por causa do reino de Deus.” Quem puder compreender, compreenda (Mt. XIX, 12). Os eunucos de nascença eram vítimas de deficiências glandulares incuráveis na época de Jesus; os eunucos feitos pelos homens, eram, em regra, escravos castrados para servirem nos haréns às odaliscas, sem risco de intimidade — crueldade de sultões.

Mas, Jesus que, pela iniciação essênica, se tornou voluntariamente impotente, reconhecia que, para um homem normal adquirir autodomínio, a ponto de suplantar os impulsos do sexo, é imprescindível que se submeta à prévia preparação iniciática. Por isso, não impôs aos discípulos o celibato e aceitou também os casados; e, a menos que a abstenção sexual seja em função do reforço da mediunidade, é muito mais recomendável o casamento ou o concubinato do que hipotética castidade eivada de desvios sexuais. Além disso, Jesus não encarnou para permanecer indefinidamente numa comunidade de ascetas. Tal como aconteceu com Buda, Jesus de Nazaré foi portador de sublime revelação divina, muito superior aos ensinamentos do Qumrân — revelação que lhe foi dada no isolamento de sua cela e não poderia extinguir-se, asfixiada num cubículo de eremita, de vez que se destinava à espiritualização de toda a humanidade!

Buda, filho de riquíssimo Marajá, depois que “ouviu” uma mensagem de seu Mentor, renunciou à riqueza, ao fausto e, até, da própria esposa abdicou e foi isolar-se em local totalmente ermo, no qual se submeteu, durante mais de um lustro, a jejuns e mortificações corporais, até que, finalmente, compreendeu que, em benefício da humanidade, deveria abandonar o tugúrio de eremita, para propalar seus ensinamentos, amparado por sua mediunidade e com liberdade de movimentação.

Jesus de Nazaré, encarnado para assumir a liderança religiosa do planeta, com mais forte razão, não poderia permanecer anônimo, mergulhado no silêncio sepulcral duma comunidade de ascetas, que renunciaram à vida

num mundo empestado pelos “filhos das trevas”, para aguardarem, em isolamento místico, a chegada do “reino de Deus”, fato que, até hoje, não aconteceu!

Aliás, influenciado pelo messianismo qumrânico, *fac-símile* do messianismo mosaico, Jesus também errou em sua previsão, a não ser que o texto haja sido interpolado. Ei-lo: “Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma morrerão, sem que vejam chegar, com poder, o reino de Deus.” (Mc. IX, 1; Lc. IX, 27). Entretanto, não chegou. E o equívoco, por si só, basta para provar que Jesus não era onisciente e, portanto, não era Deus. Por outro lado, se Jesus fosse Deus e, por conseqüência, onipotente, seria absurdo que desprotegesse seus próprios adeptos, consentindo que uns fossem barbaramente torturados e outros horripelantemente esfaqueados pelas feras, no circo romano, para gáudio de rancorosos inimigos do cristianismo incipiente.

De resto, por paradoxal que pareça, milhares de cristãos dotados de mediunidade e, por conseguinte, potencialmente capazes de implantarem no mundo o autêntico cristianismo com retorno às suas verdadeiras fontes, foram cruelmente comburidos nas fogueiras da Inquisição por imposição daqueles mesmos que se diziam discípulos de Jesus! É claro que, quando me refiro ao retorno e às origens do cristianismo não penso em enquadrá-lo no rigoroso ascetismo do Qumrân. O palco das atividades de Jesus de Nazaré era uma Nação, não uma comunidade de iniciados. De modo que, para o prodigioso profeta galileu, nem ponto fixo de residência poderia haver. A inexistência de meios de comunicação obrigava-o a deslocar-se a pé de um para outro local, de vez que era o transmissor de suas próprias mensagens doutrinárias e o fator insubstituível das curas prodigiosas que somente ele fazia.

Na verdade, os discípulos não eram iniciados — foram catados aqui e acolá nas andanças catequéticas do Mestre nazareno e escolhidos, de preferência, entre Espíritos encarnados com os quais Jesus tinha dívidas morais de anteriores encarnações. Dessa maneira, as dívidas foram saldadas com os ensinamentos e com o amparo constante do antigo devedor como médium curador. Vale como exemplo a cura instantânea da mãe de Pedro, gratificante para o credor de anterior encarnação.

Outrossim, é necessário ressaltar que não procedem os argumentos de certos teólogos, os quais, por encontrarem algumas discrepâncias entre a comunidade do Mar Morto e as primitivas comunidades cristãs negam, *a priori*, a filiação essencial do cristianismo, fato justificável por tratar-se de uma organização hierárquica, com regras de disciplina e possuidora de um órgão judiciário — tudo necessário à manutenção do respeito e da harmonia na vida duma comunidade esotérica, ilhada do mundo. Contrariamente, as comunidades cristãs não eram herméticas: estavam permanentemente

abertas à adesão dos convencidos pelo proselitismo dos apóstolos. Sem embargo, conforme opina sábio conhecedor dos documentos do Mar Morto, o Prof. Dupont-Sommer, os “documentos do Qumrân evidenciam que a Igreja cristã se enraíza, num grau jamais suspeitado, na seita judaica da Nova Aliança, isto é, na seita essênica, da qual tomou de empréstimo grande parte de sua organização e de seus ritos, de suas doutrinas e de seus *modèles de pensées*, de seu ideal místico e de sua moral”.

Por outro lado, um teólogo protestante, Stendhal, o qual, com uma equipe de teólogos católicos e protestantes, escreveu *The Scrolls and the New Testament*, ironiza os cristãos que advogam a originalidade do cristianismo, proclamando que Jesus é o inventor do cristianismo e a Igreja a guardiã de seu *brevet* de invenção e de seu *copyright*; assertiva que, na opinião do teólogo, colide frontalmente com o messianismo escatológico do *Velho Testamento*. Por isso, opina o erudito teólogo que, “entre a seita essênica e a seita cristã havia, apenas, um grau de antecipação na expectativa escatológica: enquanto os essênios aguardavam a chegada do Messias, os cristãos já se julgavam em companhia dele.”

Data venia, a verdade é outra. Jesus não foi, absolutamente, o esperado Messias escatológico do *Velho Testamento*, que seria um messias-guerreiro emissário de Jeová, “Senhor dos exércitos” para expulsar o inimigo de Israel, a Assíria, e implantar, somente para os judeus, durante um milênio, o “reino de justiça”, findo o qual tudo se acabaria. Vale dizer que o Criador do Universo, que, em tudo, se nos revela onisciente, onipotente e infinitamente justo, ao aproximar-se o fim da Terra como planeta habitado por Espíritos dotados de corpo físico, degradar-se-ia tornando-se revoltantemente parcial, propendendo para o lado dos israelitas e ressuscitando-os do “seio de Abraão”, para gozarem, sozinhos, um milênio de vida regalada, enquanto que o restante da humanidade, privada de sobrevivência, estaria inteiramente reduzida a pó!

Admitida que fosse a ridícula hipótese, onde se esconderia a justiça de Deus? Não; Jesus não foi um profeta quiliasta: foi, isso sim, um profeta “fora de série”, um Espírito de altíssima hierarquia, que reencarnou, pela derradeira vez, com o compromisso de proclamar novas facetas da crescente revelação divina e de ser o Instrutor de toda a humanidade e não, apenas, de ser o libertador de Israel!

Todavia, pelo fato de ter sido, mais que um profeta, um médium dotado de múltiplas faculdades e de haver feito curas aparentemente milagrosas, não se segue que ele haja sido Deus; ao contrário, ele próprio sempre se considerou “filho do homem”, antonomásia empregada por um Protetor de Ezequiel, para caracterizá-lo como Espírito encarnado e, dessa forma, distanciá-lo dos Espíritos protetores que o assistiam.

De fato, Ezequiel presente entre os deportados para a Caldéia, “ouviu” por clariaudiência, quando se encontrava às margens do Rio Cabar, uma “voz” que o chamou de “filho do homem”, para ordenar-lhe que se soerguesse do solo, onde se prostrara respeitosamente diante duma “visão” deslumbrante, que se lhe apresentou (Ez. I, 26-27-28; II, 1).

Posto que Jesus haja demonstrado, com atos e palavras, que jamais teve a veleidade de considerar-se privilegiado “filho de Deus”, idêntico a Deus, mas, apenas, “filho do homem” ou profeta sobrecarregado com a honrosa missão de ampliar, com novos conhecimentos, a incessante revelação divina, obstinados teólogos teimam em transformá-lo em Deus na esdrúxula Trindade. Sem embargo, desvendada gradativamente, à medida que os Espíritos terráqueos, encarnados e desencarnados, conquistam maior evolução, a revelação divina, sem qualquer implicação com a deificação de Jesus, torna-se cada vez mais racional, com exaltação da sabedoria e da justiça de Deus, tantas vezes proclamadas pelo Mestre nazareno, atual líder religioso da Terra.

Aliás, a prova de que Jesus tinha plena consciência da infinita distância existente entre ele e o Criador está claramente explícita na presteza com que repulsou o qualificativo que, hipocritamente, lhe deu interesseiro interlocutor.

Com efeito, aproximando-se inopinadamente do Mestre um moço muito rico, intimamente interessado em comprar-lhe o segredo das maravilhosas curas que efetuava diariamente, logo que o alcançou, perguntou-lhe de chofre: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” Entretanto, Jesus clarividente como era, percebeu que, por covardia ou preconceito, o jovem desviara o diálogo para o campo religioso, ao invés de propor-lhe negócios. Por isso, primeiro que lhe desse a resposta da pergunta não formulada, atalhou-lhe o incipiente interrogatório com uma advertência: “Por que me chamas de bom?” E, incontinenti, acrescentou: “Ninguém é bom senão um só, que é Deus.” Mais uma prova de que Jesus não se considerava Deus, consoante o eleger, pela ridícula maioria de um voto, o Concílio de Nicéia!

Contudo, a atuação de Jesus não estancou na apologia a Deus; indagou se seu perscrutador conhecia os mandamentos e aconselhou-o a pô-los em prática. Com o maior cinismo, o ricaço retrucou-lhe que já os praticava. Entrementes, sem conturbar-se, o Mestre retrucou-lhe: “Só uma coisa te falta; vá, vende tudo o que tens e distribui o dinheiro com os fâmulos; depois, volta e segue-me.” (Mc. X, 17-21; Mt. XIX, 16-22; Lc. XVIII, 18-23). Mas o ricaço não voltou; e Jesus aproveitou a ambição do moço para alertar os discípulos que “um rico dificilmente entrará no reino dos céus”. Mas, “todo aquele que houver deixado casa, irmãos ou irmãs ou pai ou mãe ou mulher ou filhos, tudo, por minha causa receberá muito mais no mundo espiritual” (Mt. XIX, 23-29; Mc. X, 23-31; Lc. XVIII, 24-30).

Convite esdrúxulo; aparentemente cruel. Mas só aparentemente, porque, na realidade, Jesus não preconizou a cisão da família: a incompatibilidade não seria corporal, seria doutrinal; os que assimilassem seus ensinamentos, muito mais avançados do que os do mosaísmo, *ipso facto*, renunciariam à crença dos parentes para seguirem o caminho mostrado, e demonstrado, pelo Mestre nazareno. Contudo, como o mérito é individual, não seria o fato de seguir as pegadas de Jesus que lhes garantiria qualquer privilégio no reino de Deus. O doutrinador ensina e exemplifica; os adeptos tentam imitá-lo, expungindo-se das fraquezas morais e lutando contra si mesmos para conquistarem virtudes, de vez que somente com a perfeição do Espírito eterno obterão definitiva felicidade.

Agora, depois de quase dois mil anos de árduas lutas de Espíritos aperfeiçoadíssimos que absorveram o corpo espiritual, perderam a forma humana e, como sóis, governam a Terra, visando à implantação do autêntico cristianismo, aureolado com a confraternização entre todos os Espíritos encarnados e desencarnados, aproxima-se, finalmente, um evento carismático para nosso planeta: ou os Espíritos, estejam eles encarnados ou desencarnados, seguem as pegadas de Jesus, à luz do Neo-espiritismo e radicam, definitivamente, em nosso orbe, a fraternidade e a paz social, ou, com sucessivas hecatombes e reiterados cataclismos, os habitantes da Terra serão pulverizados, os Espíritos desencarnados seriamente afetados e o próprio planeta poderá ser fraturado e, quiçá, esfacelado com o incomensurável impacto de centenas de potentíssimas bombas atômicas!

Em síntese: para acrisolar os sentimentos dos Espíritos adstritos à Terra ou circunscritos à atmosfera que a envolve, o providencial salvatério é o Neo-espiritismo, com integral aceitação de seus racionais postulados morais. Esse o roteiro para preservação da civilização e conservação do planeta!

A MISSÃO DE JESUS I

Encarnado como Instrutor da humanidade, Jesus de Nazaré nasceu com a árdua missão de reformular arraigados conceitos religiosos e de revelar conhecimentos mais exatos e mais profundos no que concerne ao Criador do Universo, à sabedoria e à indulgência da justiça divina e à equidade do destino dos Espíritos encarnados e dos Espíritos desencarnados com evolução circunscrita ao planeta Terra.

Para cumprir sua gloriosa missão, Jesus foi educado, e iniciado, pelos ascetas essênios do Qumrân — judeus espiritualmente mais evoluídos do que os mosaístas e herdeiros dos “mistérios de Deus”, revelados por genuínos profetas, posteriormente considerados apócrifos pelos hermeneutas do catolicismo.

Sem embargo, à maneira do que vem ocorrendo hodiernamente com o Neo-espiritismo, revelação individual a mim confiada por Emissários de Jesus, a verdadeira doutrina essênica foi revelada secretamente aos membros da comunidade por Espíritos missionários e preservada, por escrita críptica, no *Livro dos Mistérios*. As mensagens dos Espíritos protetores da comunidade foram transmitidas, em regra, por clariaudiência, ao Mestre de Justiça colocado no cume da hierarquia comunitária ou, quiçá, por psicofonia de outros médiuns, outrora englobados como profetas, todos pertencentes à Congregação. De toda maneira, velada por escrita indecifrada e abroquelada pelo “juramento de túmulo”, a lídima doutrina qumrânica continua ignorada, embora as Regras da iniciação, o rigor da disciplina e a frugalidade do regime alimentar, com total abstenção do álcool e a abstinência sexual, sejam conhecidos.

No que toca a Jesus, sua situação era realmente delicada e perigosa. Cidadão de uma Pátria eivada por intolerante fanatismo, fascinada por visionário messianismo e empolgada pelo monoideísmo de utópica teocracia, o assombroso profeta nazareno teria de arrostar, durante seu espinhoso ministério, inúmeros óbices e traiçoeiras emboscadas, máxime porque atuava no seio de um povo tão bitolado pelo mosaísmo que não aceitava novas verdades divinas; e que não hesitava em levar ao templo, para ser “lapidado”, o próprio filho se ele, porventura, declarasse haver recebido nova revelação. Em conclusão: Jeová, Deus antropomorfo e faccioso defensor de Israel, sempre foi paradoxalmente sanguinário e vingativo e o Sinédrio — fulcro do poderio sacerdotal — era rico e poderoso, mercê da espoliação do povo com custosos holocaustos e ricas oferendas. Conseqüentemente, poderia massacrar tranqüilamente, como acabou fazendo, com o humilde e boníssimo médium nazareno. Para consumir a terrível “lapidação” bastaria que os sacerdotes configurassem a heresia com aliciamento de três testemunhas.

Ora, numa situação assim periclitante, é evidente que Jesus não poderia pregar claramente uma doutrina, como a sua, tão contrária aos interesses inconfessáveis de sacerdotes comerciantes; por outro lado, coibido pelo “juramento de túmulo” da iniciação essênica, Jesus não dispunha de liberdade para ensinar publicamente os mistérios do essenismo, apesar de ter obtido permissão do Mestre de Justiça para desvincular-se da comunidade, a fim de pregar e curar cercado pelo povo torturado pelo sofrimento e sôfrego de alívio para o corpo e para o Espírito. Mas, em regra, a postergação do “juramento de túmulo”, como a própria denominação o indica, acarretava para o traidor, delator dos segredos da seita, a pena de morte, de vez que expunha a comunidade à ira e à vingança do Sumo Sacerdote, o “padre ímpio”, fato que justifica por que, nem uma só vez, Jesus, em suas prédicas, haja feito a mínima referência aos ascetas do Qumrân. Por outro lado, o perigo de afrontar o Sinédrio, com verdades nuas e cruas, explica a razão da linguagem alegórica empregada, em algumas oportunidades, pelo destemido Mestre galileu.

Aliás, é compreensível que, desejoso de dar urna mensagem para o planeta e falando para uma multidão heterogênea, constituída de Espíritos em diversos níveis de evolução e, por conseguinte, com diferentes capacidades de assimilação das verdades divinas, o Mestre nazareno dosasse seus ensinamentos de tal modo que, aos discípulos estimulasse a renúncia aos bens terrenos e incrementasse a luta em prol do aperfeiçoamento próprio, único caminho para a conquista da verdadeira felicidade, e, aos demais ouvintes, se limitasse a incentivar-lhes a prática da fraternidade, de molde a criar futuramente um mundo mais pacífico e mais feliz.

Em verdade, para a comprovação das assertivas aqui feitas, basta compulsar, com isenção de ânimo, o *Novo Testamento*. Ver-se-á que, para os discípulos que deveriam preparar-se para propalar o advento do reino de Deus e conquistar o magnetismo pessoal e a proteção de numerosos Espíritos benfeitores, fatores decisivos no afastamento de Espíritos sofredores ou, muito pior, de Espíritos obsessores, todos causadores de Espiritopatias configuradas em numerosos quadros clínicos, a explanação de Jesus era uma, e, para a multidão que se acotovelava em busca da cura “milagrosa”, sem preocupação com os ensinamentos, a doutrinação do Mestre era inteiramente diferente.

Com efeito, consoante veremos a seguir, os ensinamentos do Mestre nazareno, dependendo das circunstâncias, tanto poderiam ser claros como a luz do sol ou obscuros como a penumbra vespéral.

Certa vez, Jesus, aturdido com a insólita atitude de sua família, a qual, ao saber que ele se encontrava no meio duma aglomeração humana a pregar e a curar, considerou-o *a priori* “fora de si” e para lá partiu com o intuito de agarrá-lo à força; e além disso, frustrado com a falta de confiança dos nazarenos, seus conterrâneos, o Mestre, desolado, comentou: “Um profeta só não é valorizado em sua terra e no seio de sua própria família.” (Mt. XIII, 57; Mc. VI, 4).

Todavia, apesar de tudo, o iluminado profeta galileu saiu da casa de seus pais e encaminhou-se para a praia, onde se sentou no chão, a fim de ganhar tempo para reforçar seu perispírito com a emanção electromagnética da água do lago, dinamizada por seus Protetores e, dessa maneira, não se ressentir da perda de fluidos perispirituais, que sempre emitia, quer durante suas pregações, quer na realização das curas indicadas por seu Mentor. Mas, ao chegar à praia, Jesus atraiu apreciável multidão que, de longe, o aguardava, menos por convicção de obter cura do que por mera curiosidade de observar os poderes do profeta conterrâneo, ainda iniciante em seu magnífico ministério.

Dentre outros ensinamentos revolucionários em face dos conceitos do mosaísmo ortodoxo, o Mestre destacou a parábola do semeador. Ei-la, primeiramente sintetizada da que figura no contexto bíblico e, em seguida, interpretada à luz do Neo-espiritismo. O semeador saiu a semear e, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho e as aves comeram-na. Outra parte caiu em solo rochoso, com pouca terra, mas, mesmo assim, as sementes germinaram. Todavia, as plântulas pouco duraram, porque o Sol as queimou. Outra parte caiu entre espinheiros, os quais, crescendo, abafaram e mataram as tenras plantinhas. Finalmente, a derradeira parte caiu em boa terra e, por isso, germinou, cresceu, fez-se árvore e deu flores e frutos.

Agora, a explicação: o semeador é o doutrinador; as sementes são as palavras de sua doutrinação. As sementes que caem à beira do caminho são palavras ouvidas e não escutadas por ouvintes moralmente faltosos, com assistência de Espíritos inimigos que lhes arrebataram do perispírito, antes que se fixassem na mente, apanágio do Espírito e, conseqüentemente, na memória, as palavras do pregador, de vez que a tais Espíritos não interessaria o melhoramento de suas vítimas com conseqüente libertação de seu jugo, fato que os privaria dos fluidos humanos com os quais se alimentam e se fortalecem. O terreno rochoso, no qual a canícula calcina, e mata, as plântulas no início do crescimento, corresponde à mediunidade indefesa de pessoas pusilânimes, que, ao escutarem o doutrinador, se empolgam e deliberam converter-se para aperfeiçoarem-se; mas, destituídas de força de vontade e desprovidas de capacidade de renúncia, não resistem aos impactos da acintosa zombaria alheia e, em pouco tempo, abandonam a doutrina que haviam abraçado. Foram vítimas de sua própria assistência negativa! As sementes que germinaram entre espinheiros e, por isso, as plantas, ainda pequeninas, foram abafadas e mortas, representam os médiuns, que, entusiasmados com a palavra do doutrinador, aderiram à doutrina, mas acosados pelo sofrimento inerente ao seu próprio carma e chacoteados por companheiros materialistas dominados por Espíritos perversos, acabam combalidos em suas convicções, perdem a fé e desistem de lutar para erradicar de seu Espírito os erros já arraigados, substituindo-os por virtudes que lhes assegurariam uma vida feliz, depois da desencarnação. Foram vítimas de sua fraqueza moral e da convivência com amigos indesejáveis, com má assistência, que, por afinidade de sentimentos, atraíram para junto de si!

No que concerne à boa terra, na qual as sementes lançadas pelo semeador germinaram, transformaram-se em frondosas árvores, floresceram e frutificaram abundantemente, ela, no caso, equivale aos Espíritos evoluídos e sequiosos de aprenderem uma Verdade Maior e, por isso, não só assimilaram os ensinamentos do doutrinador, como não tardaram a pô-los em prática. De modo que, com o aperfeiçoamento de seu Espírito, obtiveram maior felicidade e paz mais constante. É o fruto da doutrina do “semeador” saboreado por aqueles em que os méritos ultrapassaram demasiadamente os deméritos!

Terminada a alocução, o Mestre foi cercado pelos discípulos que lhe perguntaram por que motivo pregara por parábolas. Eis a resposta: “Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus (corrija-se com Marcos — os ‘mistérios do reino de Deus’, à maneira dos essênios) mas àqueles que não lhes é isso concedido.” (Mt. XIII, 10-11). Verdadeiro paradoxo, porque se, exceção feita para os discípulos, ninguém deveria entender a prédica, qual a razão da pública pregação do Mestre? Se o ensino era apanágio dos discípulos, por que Jesus não os reuniu em local hermeticamente fechado e cochichou-lhes rente ao pavilhão das orelhas as verdades que pretendia manter em segredo!

Ora, se a narração fosse verdadeira, Jesus teria tido um comportamento muito esquisito; máxime porque, com a resposta dada aos discípulos ainda dependurada nos lábios, Jesus deixou-os perplexos com outra parábola, que mais parecia charada: “Pois ao que tem se lhe dará e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado”. Ao pé da letra, esta parábola representaria o cúmulo da injustiça! E onde ficaria Deus com sua infinita perfeição? Contudo, interpretada à luz do Neo-espiritismo, fica ressaltada a justiça do Criador. De fato: ao que tem merecimento, maiores e melhores conhecimentos se lhe darão; mas, ao que nenhum mérito conquistou, até o pouco que assimilou das verdades divinas acabará esquecendo mercê da rapinagem de seus fluidos vitais, que acarretam amnésia, por Espíritos “caçadores de fluidos”, que, por semelhança de sentimentos, com ele se imantaram! Enfim, nessa salgalhada toda ficou, em Marcos, um labéu contra Jesus, perpetrado pelo evangelista ou, o que é mais provável, por algum refalsado mistificador que se intrometeu no contexto da *Bíblia*.

O ponto nevrálgico está na justificativa do emprego de circunlóquios nas alocuções de Jesus, a fim de que os leigos “vendo, vejam e não percebam e, ouvindo, ouçam e não entendam para que não se convertam e não haja perdão para eles”! (Mc. IV, 11-12). Entretanto, se Jesus houvesse afirmado tamanha sandice, ter-se-ia revelado, além de parcial, hipócrita! Com efeito, como admitir que Jesus, boníssimo como sempre demonstrou ser, a ponto de aconselhar que se amasse até aos inimigos; e que, a cruz, prestes a desencarnar, ainda implorasse a Deus o perdão para seus crudelíssimos verdugos (“Perdoai-os, Pai, porque eles não sabem o que fazem!”) fosse capaz

de omitir a Verdade aos seus ouvintes para que se não salvassem? Não; essa ojeriza de Jesus à salvação de sequiosos ouvintes de suas doutrinações é uma das mais detestáveis mentiras abrigadas na *Bíblia*. Urge riscá-la.

Que Jesus, como iniciado essênio, haja revelado aos discípulos que lhe mereciam maior confiança muitas verdades que ocultou ao povo é perfeitamente justificável. Porque a maioria, senão a totalidade dos ouvintes, não teria capacidade para valorizar os ensinamentos recebidos e, portanto, não os poriam em prática nem os preservariam de perigosa divulgação! Resultado: a displicência, longe de minorar, agravaria a responsabilidade do Espírito que houvesse recebido revelações superiores às suas forças. Conseqüentemente, os ensinamentos que lhe foram ministrados, ao invés de dar-lhe maior felicidade, espicaçá-lo-ia com o remorso pelas oportunidades perdidas durante a encarnação, com reflexos na vida desencarnada. Eis por que Jesus dosava seus ensinamentos em harmonia com a evolução dos neófitos, atitude justa e lógica; ao passo que, se o Mestre impusesse a todos as regras de sua rígida iniciação, o progresso da civilização teria estancado!

De fato, o iniciado essênio, como foi, Jesus de Nazaré, abjurava a vida de cidadão livre para viver numa comunidade de rigorosa disciplina e, se preferisse, numa cela, isolado como eremita; e, geralmente, consumia grande parte do dia em “estado de oração”; renunciava à atividade sexual e, por conseqüência, à constituição da família; também não comerciava e nem, sequer, tocava em dinheiro; alimentação frugal — sopa de legumes, sem carne — e abstenção total do álcool. Isso, no Qumrân; noutras comunidades, o regime era mais liberal, com permissão do casamento e consumo moderado do álcool. Contudo, revogada a castidade mas proibida a barganha de valores, o progresso material seria impossível sem comércio e sem indústria. Em síntese: o mundo todo seria imenso monastério!

Sem embargo, Jesus não exigiu tanto; apenas para os discípulos impôs condições; condições que, para serem coerentes, os sacerdotes católicos e os pastores protestantes deveriam obedecer rigorosamente a fim de que pudessem implantar, no mundo, o verdadeiro cristianismo! No entanto, vivendo faustosamente e sem contato direto com os Espíritos protetores ou instrutores e, além disso, relegando a pobreza e a mediunidade, duas tônicas do autêntico cristianismo, os líderes das mencionadas religiões voltaram as costas a Jesus para cortejar o Poder e locupletarem-se com o “vil metal”! Onde se colhe que, em lugar do espiritualismo e do idealismo, colaboraram para a consolidação duma civilização materialista, visceralmente egoísta, na qual jamais poderia medrar a fraternidade apregoada pelo iluminado profeta nazareno!

Entretanto, Jesus fora muito explícito nas recomendações feitas aos discípulos: “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam. Ajuntai tesouros no

céu... porque onde está o vosso tesouro aí estará também o vosso coração.” (Mt. VI, 19-21); e, pouco adiante: “Não andeis ansiosos pela vossa vida quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo quanto ao que haveis de vestir. Buscai, em primeiro lugar, o ‘reino de Deus’ e sua justiça, porque todas as coisas vos serão acrescentadas.” (Mt. VI, 25-34).

É evidente que esses conselhos se referem aos discípulos, os quais, em constante contato com os Espíritos desencarnados, deveriam receber dos Planos espirituais não só a inspiração para a catequese, como a orientação para a solução de problemas advenientes no exercício da mediunidade. Aliás, para garantir o êxito, o Mestre deu instruções aos discípulos que deveriam partir em excursões proselitistas. Reunidos os doze, Jesus deu-lhes autoridade para convocarem Espíritos protetores imprescindíveis ao afastamento de Espíritos sofredores ou obsessores causadores de Espiritopatias e, dessa forma, curarem doenças somáticas e doenças psiquiátricas. Além disso, os Protetores convocados deveriam protegê-los enquanto estivessem pregando o advento do “reino de Deus”. Todavia, Jesus não se esqueceu de recomendar-lhes: “Nada leveis para o caminho, nem bordão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro, nem duas túnicas.” (Lc. IX, 1-3). Tudo à maneira dos essênios do Qumrân.

De resto, para mostrar como Jesus punha à prova os que o procuravam almejando tornarem-se seus discípulos, basta atentar nessa passagem: o Mestre convidara, depois de sua prédica, um dos ouvintes para segui-lo. Mas o convidado titubeara e pediu-lhe permissão para primeiramente enterrar o pai. Incontinenti, Jesus retrucou-lhe: “Deixa aos mortos o cuidado de sepultar os seus próprios mortos.” (Mt. VIII, 21-22; Lc. IX, 59-60).

É evidente que, no exemplo, “mortos” são aqueles que não querem viver para a vida espiritual, porque preferem gozar os efêmeros prazeres da Terra. Mas, para um Mestre do padrão de Jesus, nem a morte de um parente íntimo justificava momentânea deserção de um discípulo; pois ele próprio dava o exemplo colocando os deveres espirituais acima de tudo, inclusive das afeições familiares. E não foi só: renunciou, outrossim, ao trabalho profissional, à riqueza e ao conforto material conforme ele próprio o confessou. “As raposas têm seus covis e as aves, seus ninhos; mas o ‘Filho do homem’, isto é, o profeta não tem onde reclinar a cabeça.” (Lc. IX, 58).

Como se vê, Jesus não só renunciou a todos os prazeres prejudiciais à sua prodigiosa mediunidade curadora e à sua gloriosa missão de revelador de ampla faixa da crescente e incessante revelação divina, o cristianismo, como exigiu que, dentro das possibilidades de cada um, os discípulos seguissem as regras iniciáticas do Qumrân, as quais prevaleceram durante dois ou três séculos no seio das primitivas comunidades cristãs. Mas, lamentavelmente, o descaso por tão valiosos ensinamentos agravado com o pacto político feito com Constantino, monstruoso déspota e vil assassino, que mandou

matar barbaramente o próprio filho e a própria esposa, contribuiu para que a Igreja, estimulada por desmedida ambição de sobrepujar a autoridade dos reis e dominar politicamente, pouco a pouco, o mundo, deturpasse, com cavilosas interpolações no contexto bíblico, não só o papel histórico de Jesus como a essência de seus valiosíssimos ensinamentos!

Sem embargo, nem tudo está perdido, porque, com enorme ampliação da incessante revelação das leis divinas, o Neo-espiritismo vem esclarecer a atuação da justiça divina no traçado do destino dos Espíritos, estejam encarnados ou desencarnados, e, ao mesmo passo, esclarecer as constantes relações invisivelmente mantidas entre Espíritos desencarnados, quase sempre com a iniciativa, e Espíritos encarnados; relações que tanto podem contribuir para a felicidade como para sofrimento, tudo dependendo do nível de evolução dos Espíritos que, por afinidade de sentimentos, mutuamente se atraem. Donde se conclui que, obedecidos os seus postulados, o Neo-espiritismo, dádiva de Mensageiros de Jesus, não só dá saúde e paz, como apres- sa surpreendentemente a evolução dos Espíritos que aspiram à conquista da perfeição e, com a perfeição, a felicidade perene!

A MISSÃO DE JESUS II

A despeito das fantasmagóricas especulações dos cultos e religiões de todos os povos e nações da Terra, a verdade é que Deus jamais se manifestou a nenhuma criatura humana. Todos os seus atributos são deduzidos da infinita grandeza do Universo e da onisciência da criação. Sem embargo, por intermédio dos Espíritos missionários e com o concurso de onímoda mediunidade evidente em incalculável número de médiuns desde os primórdios da civilização, Deus sempre esteve representado em nosso planeta; e, sem a colaboração de médiuns, o Criador está patente, por sua onipotência e por sua onisciência, em tudo que criou, e continua a criar, em todo o Universo!

No que tange ao nosso orbe, é paradoxal que se haja metamorfoseado, à maneira do masdeísmo, os Espíritos desencarnados evoluídos em hipotéticos anjos e os Espíritos desencarnados desprovidos de evolução, em demônios, sem os primitivos qualificativos bons e maus, inovação da *Vulgata*; e à denominação de médiuns preferiu-se o apelativo de profetas para os dotados de precognição ou de brandas manifestações e a de feiticeiros para os que comandam rituais de ignorada interpretação, mesmo que não façam feitiço e sejam curandeiros e que pratiquem a caridade!

Por outro lado, no decurso da evolução da revelação divina, sempre proporcional à evolução da humanidade, refira-se a que culto ou religião se referir, os meios sempre foram apropriados aos fins; noutras palavras: à vidência dos médiuns, as “aparições” tomam, indefectivelmente, a configuração adequada à crença de cada um. Ao católico aparece um “Santo”, ao protestante um “Cristo”, ao espírita, um Protetor e ao neo-espírita o seu Mentor ou um Protetor por ele enviado. Nas duas últimas hipóteses, os Espíritos manifestam-se com a mesma aparência humana que tiveram na derradeira encarnação.

A explicação para a divergência das “aparições” nos casos mencionados é racional. Se o Espírito desencarnado aparecesse ao católico com o aspecto do “falecido”, ainda que se tratasse de um parente, a “visão” causar-lhe-ia verdadeiro pavor, ao passo que, com a simulação de um “Santo”, o “milagre” causaria imenso júbilo. Da mesma sorte, se o “morto”, ao invés de aparentar o “Cristo Jesus”, aparecesse como ele foi quando encarnado, o protestante, sem atentar na luminosidade de seu corpo espiritual, amaldiçoá-lo-ia como Satanás!

Contrastando com esses comportamentos, o espírita e o neo-espírita, cientes de que o Espírito desencarnado, mercê de seu corpo espiritual, conserva a mesma aparência que possuiu durante a encarnação, não temeria o encontro com um irmão desencarnado, fosse ele bom ou mau; pois ao bom agradecerá sua presença ostensiva e oraria em favor de seu constante aprimo-

ramento moral e ao mau, quaisquer que fossem suas intenções, perdoá-lo-ia e rogaria ao seu Mentor que o enviasse a um plano correccional, no qual, pelo sofrimento, ele aprendesse a valorizar a fraternidade.

Outra questão que merece esclarecida é que: embora para os profíctes do catolicismo e do protestantismo a falsa aparência de “Santo” ou de “Cristo” tomada por Espírito protetor possa afigurar-se-lhes condenável farsa, ela é, na realidade, imperativa exigência para impedir a desilusão dos adeptos e, em consequência, o fracasso do amparo espiritual que o Protetor desejou dar! Mas o essencial é que a finalidade da mensagem “visual” ou “clariauditiva” seja proveitosa. Caso contrário, os Espíritos de elevada hierarquia se retraem e os “Espíritos caçadores de fluidos”, que pululam por toda parte, tomam a vez disfarçados em protetores!

Como se infere, as manifestações dos Espíritos desencarnados estão em harmonia com os méritos e os deméritos de quem as recebe. Quem se afina, por seus sentimentos, com Espíritos evoluídos, recebe mensagens autênticas, confortadoras e estimulantes de maior aperfeiçoamento moral; quem se sintoniza, por seus sórdidos sentimentos, com Espíritos destituídos de evolução, ainda devotados ao malefício do próximo, recebe mensagens capciosas, incitadoras de graves faltas perante a justiça divina, que o podem arrastar à degradação e, até, à deterioração de seu próprio Espírito, fato desconhecido, revelado pelos Mestres do Neo-espíritismo, que me instruíram.

Entretanto, ao lado dessas mensagens de cunho pessoal, que são frutos do amor ou do ódio germinados em anteriores encarnações, máxime na derradeira, é preciso ressaltar as que constituem autênticas revelações dos mensageiros dos grandes Mestres, que governam o planeta, ofertadas à humanidade à medida que ela progride no ciclo de sua voluntária evolução e, destarte, já adquiriu capacidade para assimilar verdades mais transcendentais.

É de ver, no entanto, que mensagens de tão valioso teor são enviadas, exclusivamente, por intermédio de Espíritos missionários encarnados como médiuns excepcionais para servirem de Instrutores da humanidade. Em regra, são os fundadores das religiões. Entrementes, para os propósitos deste modesto artigo, destaco apenas três — Moisés, Buda e Jesus.

Sem embargo, a mim se me afigura oportuno frisar que o Neo-espíritismo, revelação que me vem sendo feita há muitos anos por Mensageiros de Jesus, amplia sobremodo os conhecimentos ministrados, há quase dois milênios, pelo iluminado profeta galileu; e, assim sendo, justifica-se a utilização do Neo-espíritismo na crítica e na interpretação dos fatos ocorridos, não só no campo das outras religiões, como no próprio cristianismo. Por isso, demonstrei, em artigo anterior, que os hipotéticos milagres realizados pelo incomparável médium nazareno foram, na realidade, fatos naturais. Aliás, muitos “milagres” semelhantes ocorreram com participação de outros médiuns, desde épocas remotíssimas, nos templos consagrados aos “mistérios”

no Egito, na Índia, na Caldéia e, dentro de limites mais restritos, até em tribos africanas; e, embora com maior raridade, fenômenos idênticos ou equivalentes, continuam a manifestar-se no seio dos cultos e religiões que fomentam o intercâmbio com os planos dos Espíritos desencarnados com evolução adstrita à Terra.

Contudo, pelo fato de Jesus jamais haver feito milagre — coisa que ninguém nunca realizou, porquanto o milagre seria a anulação de leis naturais, formuladas pela onisciência do Criador do Universo e, por consequência, são leis incorrigíveis, irrevogáveis e, portanto, eternas — pelo fato de Jesus jamais haver feito milagres, repito, não se deve concluir que não haja sido dotado de todas as modalidades de mediunidade, nem, muito menos, que não fora o mais perfeito dentre todos os Instrutores da humanidade que, até hoje, encarnaram na Terra. A sua heróica contribuição para o aperfeiçoamento moral não só dos Espíritos encarnados como, também, dos Espíritos desencarnados ligados, por seus sentimentos, aos diversos planos terrenos, permanece insuperada, aguardando o progresso do Neo-espiritismo, que mostra, de outro ângulo, a verdadeira personalidade de Jesus e incrementa o amor e a gratidão que se lhe devem consagrar como irmão e como Mestre, além de facilitar a compreensão e estimular a prática de sua verdadeira doutrina.

Urge, pois, libertar Jesus dos falsos adminículos com que os teólogos desfiguraram seu papel histórico, para explorá-lo como Deus, embora frustrado!

É verdade que, de acordo com um dos evangelistas, e somente um, Jesus afirmara: “Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o Céu e a Terra passem, nem um ‘i’ ou um ‘til’ jamais passará da lei, até que tudo se cumpra.” (Mt. V, 17-18).

É evidente que Jesus, Espírito hierarquicamente muito superior a Moisés, não se referiu à legislação mosaica — mais política do que religiosa — mas à legislação divina, que ele, como profeta e, sobretudo, como iluminado Mestre podia vislumbrar. A prova está pouco adiante, no mesmo Evangelho. Ei-la: “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás... Eu, porém, vos digo que todo aquele que se irar contra seu irmão, estará sujeito a julgamento.” (Mt. V, 21-22). Primeira discordância com o mosaísmo, o qual não condena a ira. E continua Jesus — “Ouvistes que foi dito: ‘Não adulterarás.’ Eu, porém, vos digo: qualquer um que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela.” (Mt. V, 27-28). Segunda discordância com o mosaísmo. Erro pelo desejo impuro. E prossegue o Mestre: “Também ouvistes o que foi dito aos antigos: Não jurarás falso... Eu, porém, vos digo: de modo algum jureis... Seja, porém, a tua palavra: sim, sim; não, não.” (Mt. V, 33-37). Nova discordância com o mosaísmo. E Jesus insiste: “Ouvistes que foi dito: ‘olho por olho, dente por dente.’ Eu, porém, vos digo: não resistais ao

perverso; mas a qualquer que te esbofeteie a face direita, volta-lhe também a outra." (Mt. V, 38-39). Mais uma discordância com o mosaísmo. Mas Jesus não se cala: — "Ouvistes que foi dito: 'amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo.' Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelo que vos perseguem." (Mt. V, 43-44). Outra discordância fundamental com o mosaísmo.

Aí está. Diante dessa espetacular revogação do mosaísmo, disfarçada com o eufemismo "que foi dito", sem dizer quem o disse, como conceber que Jesus, o Mestre dos Mestres, portador de sublime revelação divina, veio confirmar todas as sandices de Moisés? Não; Jesus, de Moisés, confirmou com restrições o "Decálogo" de dezessete capítulos, incontrovertível revelação de um Espírito superior, provavelmente o Mentor do líder político-religioso israelita, que foi proclamada em "voz direta" no Monte Sinai. Mesmo assim, Jesus só aceitou o "Decálogo" depurado da enxertia que Moisés, matreiramente, lhe introduziu para atemorizar seus sectários. Para que o assunto se torne facilmente inteligível, vou caminhar passo a passo. Em primeiro lugar, a prova de que Moisés era médium, embora fosse médium faltoso, de vez que, quando um Espírito, dizendo-se anjo de Deus, se lhe apresentou "numa chama de fogo do meio duma sarça ardente", Moisés já havia chanfrado o ventre de um egípcio, que brigava com um judeu, e prostrou-o morto ao solo. Por conseguinte, já havia infringido o primeiro mandamento que posteriormente receberia no Sinai. De resto, o fogo do Horebe não era fogo, porquanto a "sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia!"

Impressionado com a incombustão do mato, Moisés aproximou-se da aparição e ouviu a declaração: "Eu sou o Deus de teu Pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó." (Ex. III, 1-6). Contudo, a sarça ardente não era Deus de ninguém. Era, na realidade, um Espírito de mediana evolução, que, para atingir um estado de semimaterialização, valeu-se do fluido vital dos vegetais ali abundantes, o qual, por sua luminosidade, dera a Moisés a ilusão de sarça ardente, sem identificação de um Espírito no centro do clarão. Mas foi o recurso para o Mensageiro tornar-se visível ao profeta, quicá médium de pouca vidência espiritual. Numa palavra: tratava-se de um Espírito protetor de Moisés com o compromisso de orientá-lo em sua missão; e que, para estimulá-lo, identificou-se como Deus de Abraão e de Isaac e de Jacó! Aliás, como prova da mediunidade de Moisés, bastariam os fenômenos ocorridos no Monte Sinai. A prévia preparação para a autofonia esperada por Moisés ainda hoje seria válida, inclusive num Tabernáculo neo-espírita.

Com efeito, houve três dias consecutivos de regime alimentar; abstinência sexual; higiene corporal; vestes rigorosamente lavadas; oração e meditação. Enfim, cuidados imprescindíveis para maior aproveitamento dos fluidos mediúnicos perispirituais de quantos participaram, consciente ou inconscientemente, da "corrente" formada, na periferia, pelos anciãos e, no centro, pelos jovens, pelos médiuns e pelos profetas. No topo do monte, isolado,

Moisés. Dotado de várias mediunidades, dentre as quais se destacava a de “efeitos físicos”, não foi difícil para o Mentor de Moisés ditar, em “voz direta” os mandamentos do Decálogo, posteriormente enxertado com sete mandamentos adventícios!

Alterada a revelação, permaneceu, de permeio com leis de alta sabedoria, (como não invocar, em vão, o nome de Deus, honrar pai e mãe, não matar, não cometer adultério, não furtar, não dar falso testemunho, não coibir a mulher do próximo) o labéu de injustificável maldade de um Deus terrivelmente vingativo, que “visita a iniquidade dos pais nos filhos, até a quarta geração, e que recompensa até mil gerações os descendentes dos que lhe forem fiéis!” (Ex. XX. 5-6).

Em síntese — em vez de um Deus, um monstro que tortura inocentes por culpa de seus ancestrais, como se o corpo físico fosse tudo e houvesse pecado hereditário! Mas, como cada criatura humana é um Espírito, independente de ligações familiares, o pecado dos progenitores não pode transmitir-se de modo nenhum aos filhos. Como disse o profeta Ezequiel, “o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele e a perversidade do perverso cairá sobre ele” (Ez. XVIII, 20).

Como é óbvio, na trama execrável de Moisés não há justiça, nem Deus, na definição de Ezequiel, sim. Mas, de toda forma, a revelação mosaica valeu para determinada Nação, em determinada época. Todavia, a revelação feita por Jesus de modo algum poderia permanecer circunscrita a Israel. Ela foi destinada ao mundo inteiro e, embora não tenha sido integralmente compreendida por muitos e desvalorizada pela maioria, não obstante os dois mil anos decorridos, é absolutamente certo que, com o advento do Neo-espiritismo, — revelação que amplia e esclarece muitos pontos obscuros do Espiritismo — processar-se-á no planeta verdadeira revolução, em consequência da implantação de sincera glorificação ao Criador e de inquebrantável confraternização entre todos os Espíritos, estejam eles efemeramente encarnados ou vivendo desencarnados, em diferentes planos e por tempo indeterminado.

Contudo, à maneira do que sempre aconteceu com as sucessivas e progressivas revelações das verdades divinas, o Neo-espiritismo, primeiro que seja valorizado, será vilipendiado por céticos e por profítes de outras seitas e religiões e seu fundador e seus adeptos serão ridicularizados pelos sectários de outras crenças. Mas isso pouco importa; um dia, a luz da verdade atravessará todos os obstáculos e iluminará o Espírito dos adversários que exploram, em proveito próprio, a justiça divina; e dos antagonistas que ignoram a filosofia neo-espírita e, por isso, não avaliam as implicações na associação dessa doutrina com a Ciência em geral e, em particular, com a Medicina, que se enriquece com o conhecimento e com o tratamento das

Espiritopatias — doenças causadas pela atuação insidiosa de Espíritos desencarnados, em diferentes níveis de evolução.

Aliás, foi sempre assim. Quando alguém ultrapassa a craveira das idéias e conceitos bitolados, cai no desagrado até dos parentes. E nem com Jesus houve exceção. A família não acreditou nele. Sua própria mãe e seus irmãos chegaram ao cúmulo de saírem ao seu encaço para agarrá-lo à força, convictos de que ele “estava fora de si”, isto é, louco! (Mc. III, 21). Em compensação, Jesus pagou-lhes com a mesma moeda, afirmando publicamente que sua família era constituída pelos que lhes seguiam os ensinamentos e comungavam com ele nos mesmos ideais (Mt. XII, 46-50; Mc. III, 31-35; Lc. VII, 19-21). E foi por saber que todo progresso no conhecimento da vida espiritual está marcado com retaliações de agressivos retardatários que o Mestre advertiu: “Não penseis que vim trazer a paz à Terra... pois vim causar divisão entre o filho e o pai, entre a filha e a mãe, entre a nora e a sogra... assim os inimigos do homem serão os de sua própria casa.” (Mt. X, 34-36).

Ora, diante da advertência de Jesus, não há hesitar entre uma doutrina que nos desvenda, na criação, a onisciência e a onipotência do Criador e, no destino dos Espíritos encarnados e dos Espíritos desencarnados, a perfeição de sua justiça, e outras religiões, nas quais a justiça de Deus é comprada com “promessas” e pelo holocausto do “filho de Deus”, deglutido na hóstia por obstinados religiosos que se recusam a distinguir a verdade do erro. Isto posto, só resta um caminho reto para a conquista da perfeição e da felicidade — é a doutrina neo-espírita patrocinada por Jesus, supremo líder religioso de nosso planeta!

A MISSÃO DE JESUS III

No artigo anterior, demonstrei, com os próprios textos bíblicos, que Jesus, conforme ele mesmo o confessou, não encarnou para revogar as leis de Deus, que são eternas; mas veio corrigir as leis de Moisés, as quais, por obstinado sectarismo, permanecem erradas. E não foi só. Jesus ampliou admiravelmente a progressiva revelação das verdades divinas, sempre condicionada à capacidade intelectual e ao progresso moral da humanidade.

Aliás, para ver o antagonismo que existe entre o mosaísmo e o verdadeiro cristianismo, tantas vezes deturpado, basta não ser cego. O contraste ressalta do confronto dos postulados das duas doutrinas.

Com efeito, Moisés apregoou: “Olho por olho, dente por dente” — lei de vingança. Jesus, como autêntico iniciado essênio, aconselhou: “Não resistas ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a esquerda; e ao que demandar contigo para tirar-te a túnica, dá-lhe também a capa” — demonstração de tolerância, humildade e renúncia (Mt. V, 39-40). Moisés ordenou: “Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo” — lei de vindita. Jesus, ao contrário, contestou: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” — prova de indulgência e de fraternidade (Mt. V, 43-44). Moisés, precavendo-se contra os mentirosos, advertiu-os: “Não jurarás falso” (Lv. XIX, 12). Jesus, depois de concitar a franqueza dos discípulos, cujas afirmações ou negações deveriam cingir-se a apenas duas palavras — sim, sim; não, não — noutra oportunidade, preconizou taxativamente: “De modo algum jureis.” (Mt. V, 33-34).

Em síntese: Moisés, profeta e líder político dos israelitas, povo de “dura cerviz”, foi um legislador draconiano; Jesus, iluminado Instrutor da humanidade, sobre ter sido assombroso médium curador, continua sendo o Mestre, por excelência, para quantos desejem demonstrar franqueza, sinceridade e probidade.

Sem embargo, durante sua encarnação, Jesus não foi suficientemente valorizado senão pela multidão de enfermos que o assediavam a rogar-lhe o milagre da cura que ninguém conseguira realizar! Todavia, apesar disso, ninguém vira nele senão um profeta admirável, de humílima origem, filho de modesto carpinteiro, que consolava com a palavra e curava com as mãos espalmadas sobre a cabeça do enfermo ou sobre o órgão doente e, até, com leve toque na região afetada ou mesmo sem contato algum!

Degradado com injustificável crucificação, punição para escravos que cometiam crimes hediondos, sua memória foi exaltada por discípulos e admiradores que, durante pouco mais de trezentos anos, o recordaram como um homem “fora de série”. Contudo, até então, jamais ocorrera a quem quer que fosse a extravagante idéia de considerá-lo Deus. Entretanto, à Igreja-

ja romana, por interesses inconfessáveis, não bastou a reverência ao profeta nazareno pelos que lhe desfrutaram a convivência, nem o entusiasmo dos que foram informados de suas curas sensacionais e da atração de seu verbo dotado de arrebatador magnetismo; ela ambicionava mais, o melhor e, para alcançar seu escuso desiderato, maquinou um plano maquiavélico: primeiramente metamorfosear o modesto Rabi galileu em verdadeiro Deus e, depois, delegar a si mesma ou, melhor, ao Papa a glória de representar religiosa e politicamente o filho de Deus, também Deus, em todos os problemas terrenos, com postergação de sua precípua finalidade, que é ensinar catecismo ao povo incréu. O arrojado plano foi executado por etapas: em primeiro lugar, a deificação de Jesus. Mas a vitória não foi tão fácil como alguns Bispos imaginaram. Houve controvérsias e derrotas. Sucessivos Concílios contestaram a divindade de Jesus. Não obstante tais contratempos, os Papas não desistiram, persistiram até que, finalmente, no ano 325 da Era Cristã, o famigerado Concílio de Nicéia, em dramática reunião com portas trancadas, privança de alimentos e até de água, conseguiu render alguns Bispos e, pela insignificante maioria de apenas um voto, Jesus foi eleito Deus! E não tardou que prepotente Papa, por iniciativa própria, passasse a considerar-se “representante de Deus” e, por conseqüência, superior a todos os governantes da Terra, fossem eles Reis, Príncipes ou Chefes de Estado!

Sem embargo, a mistificação da verdadeira personalidade de Jesus não principiou aí: com sua execrável crucificação, o Mestre galileu foi transformado em “Cordeiro de Deus” e, como animal de holocausto, passou a ser considerado como Redentor da humanidade! Donde se colhe que os “Pais da Igreja” coadjuvados por astuciosos teólogos, acabaram valorizando mais a morte infamante de Jesus do que sua doutrina, a qual, além de esclarecer a justiça divina, incrementa o amor fraterno, e estimula o aperfeiçoamento moral dos Espíritos, estejam eles encarnados ou desencarnados!

A verdade, porém, é que, como Deus, Jesus não poderia ser Redentor da humanidade, porquanto é inconcebível absurdo a hipótese da redenção do homem pecador pelo sacrifício cruento do “filho de Deus”! No entanto, não houve redenção alguma de nenhum homem, pelo simples fato de não haver nenhum homem que possa redimir o erro de outrem. Em face da justiça divina, cada qual responde por si; e, quanto ao pecado original, a menos que seja entendido como acervo de faltas praticadas em anterior encarnação, é detestável invencionice da especulação teológica, que rebaixa a justiça do Criador, de vez que obriga o justo a pagar pelo pecador!

De resto, se Deus criou sexos opostos e, com o “cresci e multiplicai-vos”, ordenou a proliferação do gênero humano, fato que depende da fecundação da fêmea mediante a participação do macho, é óbvio que a cópula efetuada pelo casal do Éden, fenômeno fisiológico, jamais poderia ser recriminada e, por conseguinte, em tempo algum, daria margem a um pecado original!

Acresce ainda a circunstância de que a própria ortodoxia católica afirma que Deus cria um Espírito para cada corpo gerado. Logo, cada Espírito promana diretamente da radiação do pensamento do Criador; conseqüentemente, nenhum vínculo o liga às relações sexuais de Adão com Eva; por conseguinte, os Espíritos encarnados na Terra nada, absolutamente nada poderiam herdar do hipotético erro porventura cometido pelo primeiro casal criado por Deus, a menos que o errado fosse o corpo físico, destituído de razão e, portanto, irresponsável, e não o Espírito de nossos ancestrais. Mas, nesta hipótese, com a morte e conseqüente destruição do corpo material, a perniciosa herança seria completamente extinta, porquanto, mortos Adão e Eva, com a putrefação dos dois cadáveres, desapareceria implicitamente a mácula do absurdo pecado! Ora, na impossibilidade de haver nos descendentes mínima eiva de pecado de seus ancestrais, não haveria mister de redenção, nem de redentor e, muito menos, de Redentor divino, o qual, por força de sua onipotência, poderia redimir, se fosse o caso, toda a humanidade pecadora somente por um ato de sua vontade, sem necessidade de crudelíssima expiação de um inocente na cruz!

Mas o pior foi que, colada à invenção da Trindade divina, surgiu a mistificação dos hermeneutas católicos, os quais engendraram o paradoxo de Deus haver crucificado Deus em holocausto a Deus, a fim de reconciliar Deus com a humanidade hipoteticamente contaminada com o incoerente pecado do casal edênico. Em suma: Deus matou Deus para aplacar a ira de Deus contra a humanidade inocente!

Contudo, o holocausto de perfeitíssimo Mestre, como Jesus de Nazaré, jamais poderia servir de passaporte para o ingresso de Espíritos faltosos em planos espirituais de inimaginável felicidade, todos resumidos num único vocábulo — céu. Realmente, de Jesus o que vale como passaporte para planos de felicíssima vida espiritual não é a pseudo-redenção, com cruel crucificação: é o conhecimento e a prática de sua doutrina!

Aliás, desde épocas remotíssimas, Espíritos instrutores, por intermédio de médiuns compenetrados de sua valiosa missão, sempre condenaram os holocaustos. Eis um exemplo muito ilustrativo: “De que me serve a mim” — interrogou pela boca do profeta Isaías um Mensageiro dos Espíritos de elevadíssima hierarquia, que, em nome de Deus, governam nosso planeta — “de que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? Estou farto de holocaustos... o incenso é, para mim, abominação.” (Is. I, 11-15). E, reiterando que as leis divinas são eternas e reveladas por intermédio de médiuns autênticos, chame-se ele Isaías ou Jesus, segue-se a judiciosa advertência: “Tirai a maldade de vossos atos... cessai de fazer o mal; aprendei a fazer o bem; repreendei o opressor, defendei o direito do órfão; pleiteai a causa das viúvas.” (Is. I, 16-17).

Como se vê, são ensinamentos consentâneos com os do próprio Mestre galileu, não obstante serem oriundos de um médium altamente dotado, proficiente do mosaísmo, que esteve encarnado sete séculos antes do nascimento de Jesus! Vale dizer que, embora invisivelmente, Deus, desde os primórdios de nossa civilização, sempre se manifestou em nosso planeta, valendo-se de Espíritos instrutores, os quais, através de médiuns dotados de precognição, denominados profetas, gradativamente ampliaram a revelação das verdades divinas.

Nada obstante, a rebeldia de milhões de Espíritos infensos à evolução, dentre os quais se contam muitos de aguda inteligência e de sólida cultura, todos, porém, sujeitos a reencarnações compulsórias para ressarcimento de antigas dívidas morais, não só tem agravado o sofrimento terreno como deturpado o teor das mensagens dos Instrutores da humanidade. E nem Jesus, o Mestre dos Mestres, escapou da vingança de uns e das defraudações de outros!

Incompreendido e condenado à morte degradante, continua, até hoje, a ser transfigurado com falsos dogmas e antagônicos ensinamentos, para saciar a ganância dos que exploram seu prestígio póstumo. Faz-se hipócrita apologia de sua injustíssima crucificação para salvar a humanidade saturada de toda espécie de maldade; e relega-se sua providencial doutrina panegirista de irrestrita fraternidade, com desprendimento da riqueza e desapego dos ilusórios prazeres terrenos, tudo em troca da incrementação do aperfeiçoamento espiritual, único que assegura verdadeira felicidade após a desencarnação do Espírito.

A vida comunitária dos essênios, com os quais Jesus se educou e, depois da maioridade, iniciou-se nos “mistérios do reino de Deus”, sistema que fora imitado nas primitivas comunidades cristãs, era indefectível consequência da renúncia aos bens materiais. Tudo era doado pelos adeptos à comunidade. A indigência dos sectários era imperativo da iniciação.

O comunismo dos essênios, exatamente como o comunismo cristão, visava à renúncia de tudo que, de algum modo, pudesse acorrentar, pelo desejo, o pensamento e o sentimento aos atrativos da vida encarnada, em detrimento da verdadeira vida, que é a espiritual; o comunismo de Marx e Lenine, ao contrário, é a animalização integral do homem, transformado em máquina de produção e, por consequência, privado de toda liberdade, inclusive a de cultuar o seu Criador! Todavia, isso não impede que, de alguns anos para cá, padres materialistas namorem e outros casem com a inexorável doutrina! E Jesus, menosprezado como líder religioso do planeta, vai sendo, a pouco e pouco, abusivamente transformado em “agitador social”, ele que jamais cogitou de política e que viveu **na** Terra, sem viver **para** a Terra!

Contudo, os vultos mais representativos da humanidade nascem com o fadário de não serem compreendidos senão por exígua porcentagem de criaturas; máxime quando são, como Jesus, portadores de nova e mais aperfeiçoada revelação das leis divinas. Mas, como já dizia afamado pensador, “o coração tem razões que a própria razão desconhece...” De fato, os motivos que fundamentam a adesão a determinada religião em detrimento de outras, transcendem os limites da Razão: mergulham raízes em encarnações anteriores. À maneira da vocação profissional, a religião, que deverá ser preferida em determinada encarnação, depende de prévia preparação do perispírito, corpo espiritual que reveste o Espírito eterno, no qual se situam as mentes positiva e negativa; perispírito que, aliás, se liga integralmente ao sistema nervoso e, por meio dele, a todas as células do organismo, vivificando-as com sua radiação. Entretanto, o corpo espiritual pode afastar-se do corpo físico como “duplo etérico”, ao passo que o afastamento do Espírito, fonte da vida, provocaria morte instantânea!

Preparado o perispírito pelos Senhores do Carma, Espíritos superiores que interpretam as leis da justiça divina, ele fica provido de um campo magnético específico de determinada religião, o qual, no momento azado, impulsionará o candidato para a religião que lhe fora destinada, com participação de seu Mentor, principal Protetor e “dono de seu destino” durante a encarnação e, depois da desencarnação, até a fixação de nova encarnação, época em que outro Mentor assumirá a responsabilidade. E o curioso é que, por força do magnetismo da religião para ele escolhida pelos Senhores do Carma, o futuro adepto aceitará, ao arrepio da razão e somente pelo sentimento religioso, os maiores absurdos como se fossem verdades racionalmente demonstradas! Ainda mais: Espíritos lúcidos e admiráveis raciocinadores ficam obnubilados em face de dogmas absurdos, a ponto de aceitá-los como verdades axiomáticas! E não é só: abdicam voluntariamente do dever de procurarem por si próprios o caminho que lhes favoreceria a evolução de Espírito eterno; e, pior ainda: confiam a importantíssima obrigação ao padre confessor ou ao pastor de sua igreja, convictos de que, com tamanho disparate, garantirão sua salvação perante a justiça do Criador.

Lamentavelmente, ignoram que Deus é infinitamente justo, de sorte que não aceita, absolutamente, qualquer espécie de pistolão e exige que cada qual se salve mercê de seus próprios méritos, assim como se avilte exclusivamente por conta de seus deméritos.

Por outro lado, quando a crença está profundamente radicada, o magnetismo espiritual da religião professada paira acima dos próprios sentimentos de amor à família e, muita vez, provoca em seu seio desagregações irreversíveis!

Com efeito, quando, por exemplo, numa família tradicionalmente católica ou protestante, um membro pode vislumbrar a grandeza das revelações divinas propaladas, em nome de Deus, por Espíritos missionários, como são

os Mensageiros de Jesus de Nazaré, conforme ocorreu no Espiritismo, e, com maior amplitude, no Neo-espiritismo, o parente arredo passa a ser “pedra de tropeço” para a fé dos demais e, por isso, é tachado de endemoniado ou de louco!

Contudo, o mais grave é que de nada valem os diálogos, porque fatos irremovíveis, provas científicas e argumentação lógica não convencem, antes irritam os profíctes da religião antagonica.

Sem embargo, o neo-espírita, da mesma maneira que o espírita, sempre se mostra mais tolerante, porque explica pela diferença de evolução espiritual e pelo magnetismo do “campo religioso” adstrito ao perispírito a propensão para esta ou para aquela religião ou seita, razão pela qual sabe perdoar as diatribes que se lhe irrogam e não é raro que conserve relações fraternais com adeptos de crenças antagonicas, embora os neo-espíritas não ignorem que, instigados pelos Espíritos que os assistem, os sectários de outras religiões, ainda que sejam parentes próximos ou amigos íntimos, não tergiversarão em espicaçar a hostilidade dos religiosos intransigentes.

Aliás, o fato aconteceu com o próprio líder religioso da humanidade — Jesus de Nazaré!

Realmente, como autêntico iniciado essênio, o Mestre renunciou a tudo: à família, ao conforto material, ao sexo, à liberdade de ação, porque, embora desligado da comunidade essênica, ficou sujeito ao “juramento de túmulo” que coroava a iniciação. Tudo porque, para conquistar maior evolução, Jesus tinha em mira um único desígnio: o constante intercâmbio com os planos dos Espíritos superiores com a manutenção de sua prodigiosa mediunidade curadora e de muitas outras das quais deu sobejas provas durante o seu maravilhoso ministério.

Ora, alimentando ideais tão alevantados e vivendo de modo tão singular, Jesus só poderia ter sido compreendido e amado por limitado número de Espíritos de eleição, sem exceção dos que se consideram seus discípulos.

Contudo, livre dos vínculos domésticos, Jesus formou outra família, a família espiritual, da qual participam Espíritos encarnados e Espíritos desencarnados, os quais renunciam a tudo em benefício do próximo, pois, como é notório, Jesus colocou sua missão de Instrutor da humanidade acima de todos os interesses da vida terrena.

Com efeito, por mais chocante que se nos afigure, eis a realidade: “Quem ama a seu pai ou a sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama a seu filho ou a sua filha mais do que a mim, não é digno de mim.” (Mt. X, 37). Mas, “todo aquele que deixar a casa ou irmãos ou irmãs ou pai ou mãe ou mulher ou terra por minha causa receberá muitas vezes mais”... (Mt. XIX, 29).

É evidente que, com esses paradoxos, Jesus quis deixar bem claro que, acima de tudo, o maior dever do Espírito encarnado é pelejar pelo seu aperfei-

çoamento espiritual, deixando que, de acordo com sua consciência, cada um siga o caminho que melhor lhe pareça, até a conquista da máxima perfeição, de vez que esse é o único roteiro que a todos leva à perene de felicidade.

Em suma, prezado leitor, se algum parente, por mais próximo que seja, ou se os bens materiais prejudicam vossa evolução espiritual, afastai-vos deles sem titubear e segui resolutamente os ensinamentos do Mestre nazareno como no-los mostram o cristianismo, dois milênios depois aperfeiçoado com os esclarecimentos dados pelo Espiritismo e, atualmente, sublimado com novos ensinamentos e numerosas retificações oferecidos pelo Neo-espiritismo, revelação de Mensageiros de Jesus de Nazaré.

Em síntese: o Cristianismo, o Espiritismo e o Neo-espiritismo são doutrinas que, em conjunto, representam três fases gradativamente aperfeiçoadas da incessante revelação divina, cuja finalidade é iluminar com luz cada vez mais forte a consciência moral dos Espíritos terráqueos, à medida que evoluem, quer estejam encarnados, quer estejam desencarnados, de molde a incrementar a fraternidade entre os dois planos de vida: o visível e o invisível!

A MISSÃO DE JESUS IV

Há quase dois mil anos, um Espírito de escol colocado no vértice da hierarquia espiritual de nosso planeta, encarnou na Galiléia e foi educado e iniciado pelos ascetas essênios, com indefectível colaboração de seu Mentor, o qual, valendo-se da clariaudiência de seu protegido, lhe ministrava valiosos ensinamentos e incentivava-o a revelar à humanidade novo roteiro para a conquista da perfeição e da felicidade integral. Mas os Espíritos encarnados, denominados homens, chafurdados no charco de torpes paixões, rechaçaram as mensagens dos Espíritos superiores, que, em nome de Deus, governam a Terra e, por crueldade, crucificaram injustamente o benemérito arauto. Apenas restrito grupo de humildes e iletrados discípulos permaneceu fiel à memória e ao fascínio pessoal do provento Mestre barbaramente sacrificado.

Entretanto, para evitar que, apavorados com a provável vingança dos sacerdotes mosaístas, todos os que haviam sido discípulos do Mestre nazareno não tardassem a debandar, com prejuízo dos inestimáveis ensinamentos que lhes foram oralmente transmitidos, tornou-se imprescindível que, poucas horas depois do execrável drama do Calvário, Jesus se lhes manifestasse e evidenciasse sua sobrevivência!

A primeira contemplada com a aparição de Jesus foi Maria Madalena, porque era sensibílíssimo médium vidente e clariaudiente, a despeito de ter sido prostituta e de haver-se aproximado de Jesus, pela primeira vez, com deliberado propósito de conquistá-lo! Sem embargo, mal se viu diante dele, sentiu-se deslumbrada com a austeridade e a pureza de sentimentos do Mestre galileu; e, por isso, lutou heroicamente contra si própria até expungir de seu Espírito toda mácula de luxúria, de molde a consagrar a Jesus o mais acrisolado amor fraterno. Em compensação, foi agraciada pelo menos duas vezes. A primeira, quando o Mestre, acolitado por numerosos Espíritos que, quando estiveram encarnados, foram africanos e proficientes conhecedores de magia negra, ordenou que eles afastassem e levassem para um plano de correção os sete Espíritos obsessores que, obedientes ao feiticeiro, atormentavam com horríveis sensações a incauta meretriz. Aliás, é oportuno esclarecer que, na magia negra, as falanges são formadas por sete ou por um múltiplo de sete obsessores; e Madalena ainda foi feliz, não só porque o número de Espíritos maus era o mínimo admissível pelos feiticeiros, como contou com o poderosíssimo apoio de Jesus para “desmanchar o trabalho” que, certamente, a levaria à loucura. De modo que foi perfeitamente natural que, sinceramente agradecida e deslumbrada com a força espiritual de Jesus, Maria Madalena nunca mais se afastasse do Mestre ao qual passou a venerar! E a prova é que, na hora da desgraça, quando todos os discípulos, inclusive Pedro, desertaram, a discípula fidelíssima permaneceu corajosamente ao lado do Mestre até que tudo estivesse consumado...

Daí a razão por que Madalena novamente foi agraciada, dessa vez com a primazia da “aparição” de Jesus, horas depois de haver desencarnado. Em comovente diálogo mudo, formulado pela força do pensamento do Mestre e detectado pela sensibilidade mediúnica da discípula, ficou evidente a afeição de um e a gratidão de outra em, apenas, duas palavras que valem um epílogo: — “Myriam!” exclamou, mentalmente, o Mestre; — “Rabôni!” retorquiu, perplexa, Maria Madalena (Mc. XVI, 9-11; Jo. XX, 16).

Amainado o impacto emocional, Jesus incumbiu Madalena de transmitir aos condiscípulos, acovardados e já premeditando a dispersão, a prova de sua sobrevivência que ela acabava de receber, mercê de sua vidência e de sua clariaudiência. Mas, como sói acontecer em semelhantes contingências, o veemente testemunho da contemplada não convenceu a maioria dos pusilânimes discípulos do nazareno “fora de série”. Conseqüentemente, para sustar a contaminação pela covardia, que ameaçava debandar os discípulos, apavorados com prováveis represálias do Sinédrio, Jesus viu-se obrigado a materializar-se, à luz do dia, imenso sacrifício para um Espírito de sua hierarquia, e concitar Tomé, o mais cético de todos, a tocar-lhe nas feridas do efêmero corpo ectoplasmático, *fac-símile* do corpo físico (Lc. XIV, 36-39; Jo. XX, 19-27). Com o impacto da prova houve um arrebatamento de entusiasmo que suplantou todos os temores.

Adquirida a certeza da sobrevivência do Mestre, os primeiros cristãos arrostraram serenamente perigos e sofrimentos. Congregados em comunidades, nas quais imperava entranhada fraternidade, eles desafiaram as perseguições e, destemidamente, disseminaram o proselitismo; porque, na consciência de todos ressoavam ainda as estimulantes palavras do Mestre, conclamando-os à pregação do advento do reino de Deus: “Ide por toda parte e pregai o evangelho a toda criatura.” (Mc. XVI, 15). Noutra oportunidade, Jesus afirmara que os discípulos que nele confiassem incorporariam Espíritos que, quando estiveram encarnados, pertenceram a diferentes nacionalidades, razão por que falariam diversas línguas por eles desconhecidas, fato ocorrido no Pentecostes e, mais, que, sob o controle de Espíritos de incipiente evolução, muitos dos quais estavam convivendo em simbiose com ofídios, poderiam pegar em perigosas serpentes e beber venenos mortais sem risco algum! O mais importante, porém, foi que Jesus intercedeu junto aos Mentores dos discípulos no sentido de que eles pudessem, não só curar os enfermos por meio de passes, como afastar, com ajuda de Protetores, os Espíritos sofredores ou obsessores responsáveis por numerosas Espiritopatias, disfarçadas com quadros clínicos ou psiquiátricos (Mt. XVI, 17-18).

Não obstante a paradoxal opinião de um padre “pra frente”, que afirmou que Deus é substituído, “com muito mais eficiência, segurança e eficácia” com a psicologia e a psicoterapia — conceitos de um sacerdote ateu, que ignora as deficiências de todas as psicologias conhecidas e os fracassos

da psicoterapia — o fato é que os verdadeiros discípulos de Jesus, colocados face a face com os mais dispares quadros mórbidos, jamais se arrependeram pelo fato de haverem seguido as pegadas do venerável Mestre.

É de ver que, para conquistarem a proteção espiritual e o magnetismo perispiritual imprescindíveis à realização de tais prodígios, os discípulos tiveram de imitar o patético desprendimento do Mestre, não só no que concerne aos bens materiais como no que tange aos efêmeros prazeres terrenos, para viverem mais em função da vida espiritual, que é, de fato, a verdadeira. Por isso, repetidas vezes, Jesus já os havia advertido: “Não podeis servir a Deus e às riquezas.” (Mt. VI, 24). Eis, pois, o motivo pelo qual, nas primitivas comunidades cristãs, à guisa das comunidades essênias, o propósito era a aquisição do máximo aperfeiçoamento moral e a conquista de valores eternos, “que a traça não destrói e a ferrugem não corrói.” (Mt. VI, 19-21).

De resto, a fraternidade e o idealismo preponderavam de tal modo que “ninguém considerava sua nem uma das coisas que possuía; e tudo lhes era comum” (At. IV, 32). Em consequência, “nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas vendiam-nas e traziam os valores correspondentes e depositavam-nos aos pés dos apóstolos para que, entre eles, fossem distribuídos à medida que cada um necessitasse” (At. IV, 34-35).

Aliás, é muito significativa a advertência de Paulo a Timóteo: “nada trouxemos para o mundo, nem coisa alguma levaremos dele; estaremos contentes, prossigue Paulo, tendo sustento e com que nos vestir.” (I Tm. VI, 7-8); e justificava: “Os que querem ficar ricos caem em tentação e cilada e praticam muitas concupiscências insensatas...” Em síntese: para o verdadeiro discípulo de Jesus, “o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males e, alguns, por cobiçá-lo, desviam-se da fé e a si mesmos se atormentam com muitos sofrimentos” (I Tm. VI, 7-10).

Aí está, pois, a pauta do comportamento que deveria ter sido seguido por todos os discípulos de Jesus com capacidade para liderar o cristianismo, sem perder o contato com os Espíritos instrutores dos quais promana a inspiração para o roteiro proselitista.

Todavia, decorridos três séculos de heróicas renúncias, de cruciantes humilhações e de cruentas perseguições, o cristianismo, combatido mas nunca vencido, foi ignominiosamente traído pelos que capitularam em face da tentação do ouro e do poder!

A Igreja renegou a pobreza da vida comunitária e a sublimidade dos ideais dos primeiros cristãos, aliando-se vergonhosamente ao crudelíssimo Imperador Constantino, seu verdugo de ontem, para tornar-se, em suas mãos, implacável instrumento de opressão; e, cinicamente agradecida, fê-lo “Bispo exterior” sem, ao menos, tê-lo batizado para salvar as aparências; e nem atentou no fato de que um déspota que, calculadamente, manda matar dois sobrinhos, o cunhado, o próprio filho e a indefesa esposa, bárbaro assassino tantas vezes reincidente, jamais poderia compreender a indulgente e consoladora doutrina de Jesus de Nazaré!

O mais surpreendente, porém, foi que, após apoiar a Igreja, o tirano quis sobrepujá-la; e, com essa intenção, o algoz “julga e depõe Bispos; preside e convoca concílios; resolve dogmas”.

A Igreja havia conquistado o poder temporal e perdido a autoridade moral, apartando-se cada vez mais de Jesus. Por isso, para salvá-la, não lhe bastaram os editos imperiais e as concessões escandalosas. Da desonrosa mácula não a livrou nem o decreto faccioso de Teodósio, que consagrou o culto cristão como única religião oficial; porque, nessa altura, já se poderia dizer o que, mais tarde, diria Kierkegaard: “O cristianismo do *Novo Testamento* não existe mais. Hoje toda gente é cristã, o que quer dizer que ninguém o é mais.”

Aliás, contestando o filósofo existencialista, afirmo que, exceção para poucos conceitos luminosos formulados pelo Mestre nazareno, nunca houve, em o *Novo Testamento*, verdadeiro cristianismo, cuja característica é a fusão da doutrina com a manifestação dos Espíritos desencarnados, como ocorreu durante o ministério de Jesus — norma que perdurou nos três primeiros séculos depois de sua desencarnação. Prova digna de menção encontramos-na na primeira epístola de Paulo aos coríntios, documento no qual o apóstolo estipula a seqüência dos trabalhos nas reuniões dos cristãos: “quando vos reunis, um tem salmo, outro doutrina, este traz revelação, aquele outra língua; no caso de alguém falar em outra língua, que não sejam mais do que dois ou, quando muito, três e, isto, sucessivamente e haja quem interprete; tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três e os outros julguem; se, porém, vier revelação a outrem que esteja sentado, cale-se o primeiro; porque todos podereis profetizar, um após outro, para todos aprenderem e serem consolados” e, para terminar: “Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas, porque Deus não é de confusão e, sim, de paz.” (I Cor. XIV, 1-23).

Nesse contexto, propositadamente estropiado, na forma e no fundo, está patente a solécia de suspeitos hermeneutas interessados em obscurecer a participação de médiuns e a atuação dos Espíritos. Sem embargo, inspirado pelos Mestres que, em nome de Jesus, me assistem, vou deslindar a maquiavélica trama urdida para provocar confusão e repulsar a onipresença dos Espíritos junto a todas as atividades dos planos terrenos.

O verdadeiro sentido é este: quando reunidos, um médium recebe salmo, outro transmite doutrina, este faz revelação, aquele fala língua por ele desconhecida — tudo pela manifestação dos Espíritos, que os assistem. Quando houver médiuns que, por psicofonia, falarem línguas desconhecidas, fenômeno conhecido com a denominação de xenoglossia, que se manifestem, apenas, dois ou, no máximo, três e, isto, sucessivamente; mas é necessário que haja alguém que saiba traduzir as mensagens faladas, porque,

se não houver intérpretes, melhor será que o médium permaneça calado na igreja, rezando silenciosamente. Em se tratando de profetas, isto é, de médiuns que, controlados por Protetores dotados de precognição, transmitem, por psicofonia, corretas precognições, convém que as profecias fiquem limitadas a dois ou três médiuns, a fim de evitar tumulto; e que os outros membros da Igreja, presentes à reunião, se restrinjam a julgar o valor das mensagens pelo teor das profecias. Contudo, em diferentes reuniões, todos poderão profetizar, um após outro, para que todos aprendam e sejam consolados.

Entretanto, é preciso atentar que os Espíritos protetores dos profetas estão sujeitos ao desejo de cooperação, como médium dos profetas; pois, sem a integridade moral e a boa vontade do profeta, não será possível a sintonização das vibrações do perispírito do profeta desencarnado com as vibrações do perispírito de seu protegido encarnado e, por conseqüência, não haverá profecia!

De tudo que foi dito, deve concluir-se que, não só o ministério de Jesus como o período apostolar e a tricentenária fase catequista estiveram, sempre, assinalados com a prática da mediunidade e a presença de Espíritos nos mais diversos escalões evolutivos. Portanto, desprezada a mediunidade e repudiados os Espíritos, o cristianismo não penetrou ostensivamente no *Novo Testamento* — ficou detido no limiar. Por isso, enquanto Kierkegaard lamenta que já não haja cristianismo em o *Novo Testamento*, eu volto a reafirmar que o verdadeiro cristianismo extinguiu-se com o ignóbil pacto feito com Constantino!

É verdade que a Igreja reagiu contra a fagocitose do poder espiritual pelo poder temporal. Mas, para o cristianismo, foi pior a emenda do que o soneto; porque, para contrabalançar o poder discricionário dos Imperadores, a Igreja principiou por infiltrar-se na burocracia estatal... A estratégia empregada ninguém no-la mostra tão evidente quanto Ruy Barbosa na enciclopédica Introdução de *O Papa e o Concílio*. "O clero, inteligente, instruído e sagaz, penetrou em tudo; assumiu a magistratura, os cargos municipais, as prefeituras; exerceu sobre os funcionários imperiais uma fiscalização, que o ato de Justiniano legalizou; e até no seio das famílias aprofundou sua influência, mediante a inspeção das tutelas e curatelas."

Armado pela Igreja o esquema de neutralização do poder temporal, a ambição do domínio levou-a ao delírio. O Papa era o representante de Deus; conseqüentemente, sua autoridade deveria sobrepair muito acima da autoridade dos reis; e, por ser mais fácil dominar um tirano do que um povo, o regime ideal seria o absolutismo imperial — nada de regime liberal ou democrata. Por outro lado, o caminho mais curto para subjugar o governante seria condicionar a ascensão ao trono à consagração da coroação. Rei repudiado ou excomungado passou a ser títere, com os dias contados.

Durante longos anos, a Igreja habilmente jogara, ora os bárbaros contra os Imperadores gregos, ora os Imperadores gregos contra os bárbaros em lutas cruentas e cruéis, das quais procurou tirar o máximo proveito com ampliação de suas possessões territoriais. Hérulos, godos e lombardos sentiram na carne as execráveis dilacerações dessa politicalha capciosa e solerte; e não tardou que o Papa Zacarias (741-752) incitasse Pepino a assumir o trono “uma vez que seu já era o poder”! Pepino, por sua vez, “presenteou o Papa com o território submetido, por inegável direito de soberania, aos imperadores gregos”; e, para justificar a filauciosa outorga, “inventou-se-lhe o título de **restituição**, compondo-se escandalosa mentira histórica, a famosa doação de Constantino”!

Não foi, pois, sem razão que a aviltante atuação da Igreja nessa quadra, marcou a época com o estigma de “idade de ouro da impostura...” E, desgraçadamente, o esdrúxulo conluio com o poder temporal só serviu para a desvirtuação do autêntico cristianismo.

Haja vista o caso de Carlos Magno, que, depois de repudiar a interferência do Papa Estevão III na questão do seu casamento, acudiu ao chamado do Papa Adriano para assolar a Lombardia!

Entrementes, ele que tivera nove esposas “e que com as próprias filhas se amasiou”, a si se arrogou prerrogativas que colidiam com a autoridade papal.

O mais grave, porém, nessa luta multissecular da Igreja pela disputa do poder temporal foi que, além da postergação do verdadeiro cristianismo, a deliquescência moral conspurcou a consciência até de vultos da mais elevada hierarquia eclesiástica. Sirva de exemplo o primeiro João XXIII (1410-1415) — antípoda do seu homônimo — que teve trezentas concubinas a seu serviço e que explorou lupanares, casas de jogo e a usura! Contudo, essa podridão moral não impediu que a Igreja tenha tido, exatamente entre os mais humildes membros de sua hierarquia, grandes vultos dotados de caráter integérrimo. Mas, apesar de tantas exceções, o legítimo cristianismo submergiu no mar de lama das disputas teológicas, que asfixiaram gradativamente as mais puras aspirações do Mestre galileu — cuja meta era a purificação dos sentimentos e a ascensão na hierarquia espiritual — e barganharam-nas, no contexto do *Novo Testamento*, por promessas vãs que estimulam a cobiça de efêmeros tesouros terráqueos.

Sem embargo, para os que valorizam os preciosos ensinamentos de Jesus, transmitidos à posteridade mais por sua vida exemplar do que por sua palavra inspirada, é profundamente reconfortante que ainda haja presente-mente padres sinceros, como Sérgio Zanella, o qual afirmou destemidamente: “A igreja institucionalizada é podre. Traiu o Cristo. De esposa fiel, que era, tornou-se prostituta, amante do Estado e das condições favoráveis ao seu oportunismo.”

Ora, diante disso, não é de admirar a contestação do talentoso teólogo Charbonneau, quando afirmou, com perfeito conhecimento de causa, que a nossa civilização não é cristã. Estou de pleno acordo. Mas a culpa foi do catolicismo e do protestantismo. Jesus viveu na pobreza, ensinando renúncia e amor. O Papa vive como um nababo; os Bispos habitam palácios e ostentam fausto, apartados dos indigentes e dos sofredores; os pastores evangélicos são mantidos com todo conforto e, não raro, exploram o trabalho dos profíctos sobrecarregando-os com tarefas domésticas. De modo que a verdadeira fraternidade exemplificada por Jesus ainda não existe. Por isso, Sartre afirmou que “o inferno são os outros”; e Daniel Rops advertiu: “o mundo começa a sentir a necessidade de converter os cristãos” ou, melhor, diria eu — os falsos cristãos!

De fato, nas duas derradeiras décadas, em que pese o colossal progresso da Ciência e da tecnologia, o homem, com aparência de tolerância e de cooperação, revelou-se cada dia mais egoísta e mais cruel. Não bastaram as guerras não declaradas, com mortandade indiscriminada de mulheres indefesas e de crianças inocentes, nem as guerrilhas desferidas à socapa que talam campos e cidades com o sacrifício de milhares, quiçá milhões, de criaturas colocadas à margem da subversão! Tanta crueldade ainda era pouca para dar evasão aos mais primários instintos do homem moderno. Por isso, inventou-se o seqüestro, a forma mais iníqua e covarde de coação apoiada no risco de vida de inocentes reféns. E não foi só; acionou-se, nas mais civilizadas nações e nas maiores cidades do mundo, a mais requintada e cruel modalidade de roubo — o assalto, constante pesadelo para milhões de criaturas do mundo inteiro!

Todavia, para salvar nossa civilização da ação deletéria do pavoroso pandemônio, bastaria que, além de medidas sócio-econômicas, houvesse o desarraigamento do materialismo ateu mediante a divulgação duma filosofia religiosa decalcada em fatos cientificamente comprovados e consolidada com postulados racionais, de molde a convencer a humanidade de que todos nós somos Espíritos eternos, provisoriamente dotados de maravilhoso corpo físico para adquirirmos, em nosso planeta, a evolução que somente ele nos pode dar; e mais — que a verdadeira felicidade só se conquista com integral perfeição.

Para resguardar a humanidade de horripilantes sofrimentos e preservar nosso planeta de apocalípticas catástrofes, imensa hierarquia de Espíritos desencarnados vêm lutando heroicamente desde o século passado para converter ao espiritualismo a Ciência algemada ao materialismo ateu; e quando, em face de tantas provas científicas não foi mais possível negar os fatos, entrou em cena a Parapsicologia, com o intuito deliberado de arredar os Espíritos desencarnados e substituí-los por hipotética mente onisciente e onipotente, atributos que são, na verdade, apanágio de Deus!

Faz vinte anos, numa das preleções hebdomadárias efetuadas na Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas (SEPE) afirmei, com a máxima convicção, que, antes de meio século, a prova científica da sobrevivência e da comunicação entre Espíritos encarnados e Espíritos desencarnados estaria definitivamente feita em conseqüência do fantástico avanço da Ciência e da tecnologia. Para a ocorrência da maravilhosa proeza, seriam descobertos aparelhos sensibilíssimos, os quais, à maneira dos aparelhos de TV, captariam a imagem do “corpo espiritual” ou duplo etérico de ex-habitantes da Terra; e, simultaneamente, outros maravilhosos aparelhos detectariam as vibrações do pensamento dos Espíritos desencarnados e transformá-las-ia em voz humana. De modo que, contemplando a imagem do “corpo espiritual” de um parente ou de um amigo já desencarnado e estabelecendo com ele um diálogo acerca de fatos ocorridos durante sua vida terrena e, principalmente, de fatos recentissimamente acontecidos ou por acontecer, obter-se-ia incontestável prova de identidade do Espírito desencarnado e, ao mesmo passo, irremovível demonstração da comunicação entre Espíritos desencarnados e Espíritos encarnados, conhecidos com o epíteto — homem.

De toda maneira, estão próximos os dias dessa revolução no campo da Ciência e da Religião com a implantação de uma filosofia religiosa associada à Ciência em geral e, em particular, com a Medicina, à maneira do Neo-espiritismo, doutrina que me foi revelada, em caráter pessoal, por Mensageiros de Jesus de Nazaré.

Como se infere, difundido que seja o Neo-espiritismo, Jesus, seu verdadeiro revelador, assumirá definitivamente o posto que, por justiça, lhe cabe: o de líder religioso de nosso planeta.

Contudo, para que tamanha felicidade aconteça, é imprescindível prévia profilaxia da Terra, com inimaginável hecatombe mundial, na qual desencarnarão empedernidos Espíritos maléficos, infensos à própria evolução e, por isso, inimigos inveterados da civilização. Nada obstante, serão removidos compulsoriamente para um planeta inferior ao nosso, no qual o Espírito evolui despojado do corpo físico e com muito maior sofrimento moral, de vez que incessantemente a consciência o torturará com o remorso pelas oportunidades perdidas quando encarnados na Terra. Passando a ser habitada exclusivamente por Espíritos evoluídos e sequiosos de conhecimentos cada vez mais profundos a respeito dos mistérios de Deus, Jesus terá à sua disposição imenso campo para semear novas verdades e incrementar o aperfeiçoamento dos Espíritos, encarnados ou desencarnados, e, com isso, o Mestre dos Mestres apressará, outrossim, a evolução do próprio planeta, também sujeito à sábia lei da evolução universal pela qual “nada se cria e nada se perde — tudo se transforma”, de acordo com a onisciência e a onipotência do Criador do Universo!

JESUS, O LÍDER RELIGIOSO DO PLANETA

Jesus, o maior dentre os Instrutores da humanidade, nasceu obscuramente, primogênito de modesto casal sem expressão social. E como sói acontecer com os expoentes da espécie humana, não foi compreendido nem pelos parentes mais próximos. Muito menos pelos conterrâneos de Nazaré.

Além disso, sacrificado precocemente no hediondo crime do Calvário, o iluminado Mestre não pôde conquistar discípulos à altura de entendê-lo, assimilando-lhe integralmente a sublime doutrina. Os que seguiram suas pegadas estavam fascinados por seu magnetismo pessoal e deslumbrados com as curas maravilhosas que ele realizava.

Todavia, não alcançaram a profundidade dos ensinamentos do grande Mestre. Conseqüentemente, não operaram, na própria consciência, a metamorfose que as revelações do venerável galileu lhes deveriam provocar. E a prova foi que, no momento da represália, Pedro se acovardou e, até, negou que fosse seu discípulo e os demais debandaram espavoridos!

Não fora, pois, o hercúleo labor *post mortem* do incomparável missionário, aliado à colaboração invisível dos Espíritos protetores, que o assistiram durante a encarnação e, depois da execrável crucificação, permaneceram ao seu lado, como fiéis amigos e dedicados companheiros de ideal, o estóico ministério de Jesus teria sido de todo em todo inútil!

É inegável que a cena da aparição a Maria Madalena foi absolutamente característica da manifestação de um Espírito de elevadíssima hierarquia, que, cômico do prejuízo causado ao seu perispírito, procura evitar, imediatamente depois de desencarnado, o contato direto com Espíritos encarnados, precatando-se contra as radiações do corpo carnal. Daí a precavida advertência do Mestre recém-desencarnado à discípula que lhe fora fiel até o derradeiro momento de seu inaudito sacrifício: “Não me toques!” — recomendou o Rabôni a Maria Madalena, poucas horas depois de desprender-se do corpo físico.

Contudo, para convencer os outros discípulos, não bastou o testemunho da destemida discípula. Houve mister de mais: foi imprescindível a materialização total de Jesus, com apalpadelas de Tomé!

Com efeito, somente depois da demonstração da sobrevivência do crucificado, feita com invisível cooperação de seus Protetores, os apóstolos criaram coragem de enfrentar a ira do poderoso Sinédrio e, pouco a pouco, expandiu-se o proselitismo. Não fossem essas manifestações mediúnicas ninguém daria o merecido valor ao iluminado Mestre galileu, a despeito de seus consoladores ensinamentos e não obstante suas admiráveis faculdades mediúnicas e as assombrosas curas por ele realizadas! A prova é que nem os historiadores da época se preocuparam com Jesus.

O próprio Flávio Josefo, tão minucioso em *Antigüidades Judaicas*, onde dedicou três capítulos ao século em que ele e Jesus viveram, silenciou a respeito do miraculoso nazareno. A referência que apareceu foi fraudulenta interpolação. Fiel ao judaísmo, nunca Josefo poderia considerar Jesus como o esperado Messias. Sobretudo porque, por bajulação, deu o título a Vespasiano!

Além disso, Orígenes, ao criticar Celso por suas verrinas contra o cristianismo, acusa Josefo pelo fato de não reconhecer Jesus como Cristo, isto é, como profeta. Foi Eusébio, no século IV, quem reproduziu, na História Eclesiástica, o falso texto interpolado na obra do historiador judeu. E diga-se, de passagem, que Jacó Burckhardt, referindo-se a Eusébio, emite os seguintes conceitos: “Depois de inumeráveis deformações, reticências e mentiras, constatadas nos seus escritos, não se tem o menor direito de considerá-lo como uma fonte digna de confiança.”

Infelizmente, as origens do cristianismo estão obscurecidas pela escassez de documentos autênticos. Os documentos originais desapareceram, surripiados por ignóbeis interessados. O pouco que se sabe, sabe-se de segunda mão, com erros dos copistas e interpolações dos que se arvoraram em donos do cristianismo. Máxime depois que a Igreja, mancomunada com Constantino, barganhou o poder espiritual pelo poder político!

Depois disso, durante quinze séculos, a Igreja controlou e manipulou, soberanamente, toda a documentação do primitivo cristianismo, ao sabor dos seus interesses. A própria cronologia foi alterada. A crítica científica afirma que o documento mais antigo foi o *Apocalipse*, obra de uma mente desequilibrada pela paixão messiânica de Israel, que nada tem a ver com Jesus, iniciado essênio no grau de Mestre.

Posteriormente, surgiram as cartas dos primitivos cristãos, contraditórias em vários pontos. Umas, foram aceitas, outras, repudiadas arbitrariamente. Por fim, já no século II, apareceram, em grande número, os *Evangelhos*, com flagrantes antinomias. Nenhum deles foi escrito durante a vida de Jesus. Uma das provas é que Justino não os conheceu. Cingiu-se ao mais antigo, ao Apocalipse e, por isso, cometeu o erro de comparar Jesus ao “cordeiro pascal imolado”!

Por outro lado, escudado em *Sentenças de Jesus*, documento perdido, talvez relacionado com os papiros de Oxiringos, e, com certeza, com os “rolos do Qumrân”, colocou na boca de Jesus sentenças que não figuram nos canônicos.

Outra prova do seródio aparecimento dos *Evangelhos* está em Mateus. Profligando os fariseus, Jesus lhes dirige esta apóstrofe: “Para que venha sobre vós todo o sangue inocente, que se tem derramado na terra, desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o templo e o altar.” Ora, o assassinio ocorrera, segundo Josefo, no ano

67. Portanto, trinta e quatro anos depois da morte de Jesus. Conseqüentemente, o Mestre não poderia ter dito o que se lhe atribuiu. Isso prova: primeiro — que Mateus escreveu, pelo menos, trinta e quatro anos após a morte de Jesus; segundo — que mãos criminosas interpolaram falsas sentenças, atribuídas a Jesus!

De resto, segundo Renan, o quarto evangelho fora escrito por um judeu de Éfeso, no fim do século II. O autor, João, inspirou-se na escola de Alexandria e, particularmente, em Filon, filósofo neoplatônico, criador duma teogonia na qual Deus dirige o mundo por intermédio de seu Filho, o Logos (o Verbo). Foi daí, e não do próprio profeta nazareno, que surgiu a idéia da divindade de Jesus!

Para impor tamanho absurdo, a Igreja lutou cerca de trezentos anos! De fato, vários concílios, inclusive o de Antióquia, negaram a divindade de Jesus. Finalmente, no célebre Concílio de Nicéia, por maioria, apenas, de um voto, Jesus foi “eleito” Deus!

Contudo, para que se consumasse o revoltante paradoxo, houve mister da proscricção dos Bispos arianos e do banimento do Papa Libério, que se recusou a sancionar a sesquipedal excentricidade!

Sem embargo, com a ridícula vitória de Nicéia e escorada no confuso testemunho de Pedro, a Igreja Católica arvorou-se em herdeira de Deus e, por conseqüência, única detentora da Verdade integral, em detrimento das demais religiões, todas válidas enquanto caminhos de aperfeiçoamento espiritual, embora apontados por outros Mestres.

O pior, porém, foi que, com divinizar Jesus, a Igreja Católica minimizou o Criador, reduzindo-o às proporções do homem!

Daí a considerá-lo mortal foi um passo. Deram-no os atuais teólogos da Teologia Radical, que decretaram a morte de Deus!

Sem embargo, Jesus, em tempo algum, afirmou que era Deus. Ao contrário. Quando o mancebo rico lhe perguntou: “Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna?” — a resposta foi insofismável. “Por que me chamas de bom?” — perguntou-lhe Jesus. E, imediatamente, acrescentou: “Ninguém é bom senão um só, que é Deus.” (Mc. X, 17-18). Aí está claramente feita a distinção entre a criatura e o Criador, entre Jesus e Deus.

Noutra ocasião, defendendo-se, Jesus justifica-se: “Procurais tirar-me a vida, a mim que sou um homem, que vos tenho dito a Verdade que de Deus ouvi.” (Jo. VIII, 40). E mais: “Se me amásseis, certamente havíeis de folgar que eu me vá para o Pai, porque o Pai é maior do que eu.” (Jo. XIV, 28).

Aliás, confirmando o que dissera encarnado, depois de desencarnado, ao manifestar-se a Maria Madalena, pediu-lhe o Mestre: “Vá a meus irmãos e dize-lhes que eu vou para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.” (Jo. XX, 17). Por seu turno, Pedro, referindo-se ao Mestre, fá-lo nes-

tes termos: “Jesus nazareno foi um varão aprovado por Deus, com virtudes e prodígios...” (At. II, 22). Além desses, outro evangelista, Lucas, referiu-se ao Mestre nestes termos: “Jesus de Nazaré foi um profeta poderoso em obras e palavras...” (Lc. XXIV, 19). Paulo, por sua vez, foi taxativo quando afirmou: “Para nós, contudo, há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos.” (I Cor. VII, 6). Outro argumento contra a divindade de Jesus ressalta em sua oração: “Pai nosso, que estais nos Céus... o pão nosso de cada dia dai-nos hoje ... perdoai-nos as nossas dívidas... não nos deixeis cair em tentação...” (Mt. VI, 9 e ss; Lc. XI, 2-4).

Ora, se Jesus fosse Deus, estaria suplicando a si mesmo o pão, o perdão e a proteção para não cair em tentação!

Na verdade, além dos fatos e dos testemunhos bíblicos, posso afirmar, com a inabalável convicção que me deram os ensinamentos dos Mestres do Neo-espiritismo, transmitidos mediunicamente durante anos, que, ao invés de ser Deus, Jesus é, presentemente, o líder religioso de nosso planeta. E mais: que, sendo um Espírito criado por Deus com a mesma imperfeição que assinalou as primícias de nossa vida eterna, e havendo conquistado, por seu próprio esforço, na vida espiritual e em incontáveis encarnações, sublime perfeição, Jesus possui incontestáveis credenciais para servir de modelo não só aos seus irmãos encarnados como aos seus irmãos desencarnados.

Com efeito, apesar de estarmos muitíssimo distantes do ínclito Mestre nazareno no que concerne à perfeição de nosso Espírito eterno, consola-nos a certeza de que todos nós somos de idêntica natureza, de modo que, com o tempo, o sofrimento e a incessante luta íntima em prol da conquista de nossa perfeição, chegaremos, um dia, ao nível de evolução já alcançado por Jesus, em sua derradeira encarnação. E não é só. No futuro, ainda que remoto, atingiremos à perfeição que atualmente, decorridos quase dois mil anos de sua desencarnação, foi conquistada, em ininterrupta labuta, em favor da confraternização universal, pelo Mestre dos Mestres! Ainda mais: futuramente, atingiremos à perfeição que só agora Jesus adquiriu e, também, a que, em futuro longínquo, o iluminado instrutor da humanidade venha a possuir, porque, de toda maneira, o destino de Jesus está sujeito à mesmíssima lei de causalidade moral que rege o destino de todos os Espíritos. É curial, portanto, que, obedecendo os ensinamentos e imitando os exemplos do maravilhoso Mestre, todos os Espíritos, criaturas do mesmo Criador infinitamente sábio e justo, deverão conquistar, em períodos variáveis, de acordo com a autodeterminação de corrigir-se, idêntica perfeição e equivalente felicidade.

Contudo, no que tange ao nosso orbe, se a humanidade permanecer indiferente ao ensino de Jesus, como no-lo revela o Neo-espiritismo; se não se processar imediata revolução moral com confraternização mundial, não haverá a mínima esperança de sustar-se o desencadeamento de terríveis

catástrofes, agravadas com a mais pavorosa guerra jamais imaginada, de vez que pulverizará incalculável parcela dos habitantes da Terra, com risco de fragmentar o próprio planeta!

Todavia, como o Espírito é eterno e a evolução, não só dele como do planeta pode estacionar durante milênios, mas não regride, é evidente que, decorridos milhões de séculos de indescritíveis sofrimentos, o planeta ter-se-á reintegrado totalmente em sua massa e seus habitantes, purificados no cadinho da dor, mostrar-se-ão estreitamente solidários e sinceramente fraternos, cultuando, com muito amor, o finalmente glorioso Mestre Jesus de Nazaré e praticando, a cada momento, os luminosos postulados de sua maravilhosa doutrina, que, até hoje, não quiseram seguir, porque não sentiram o desejo de praticá-la, de vez que lhes faltou a força de vontade para renunciarem prazeres efêmeros em favor de virtudes perenes, que asseguram acelerado progresso moral e permanente felicidade para o Espírito eterno!

JESUS — SUA LUTA, SUA FUTURA GLÓRIA

O homem só ultrapassou a escala zoológica para fixar-se na Antropologia porque é racional. Contudo, toda vez que renuncia ao raciocínio e apega-se ao instinto, corre o risco de nivelar-se com as toupeiras.

Nada mais condenável, pois, do que a abdicação à razão — dádiva divina que transforma a criatura em criador e modifica a face da civilização. Máxime quando está em jogo a mais significativa de todas as questões — o problema do destino humano.

Aliás, já se passou a época em que o dogmatismo religioso, fanaticamente copulado com o Estado, bitolava a liberdade de pensamento pela craveira inquisitorial. Hoje, com a evolução estimulada pela Revolução Francesa, o direito de opinar é apanágio de nossa civilização. Entretanto, tudo se deveu a uma explosão de rebeldia contra postulados cediços provocada por pensadores geniais, revoltados contra a imposição de um Deus antropomorfo aliada à prepotência do pseudocristianismo imperante na época.

Na França, por exemplo, a fermentação contra a tirania partiu dos enciclopedistas, com Rousseau à frente. Não obstante, houve um gigante do talento, que, sozinho, abriu uma clareira na tenebrosa caverna do maquiavelismo clerical: foi Voltaire, polígrafo genial, cristão por vocação e anticatólico por instinto.

Indignado com a crueldade praticada pela Igreja contra uma família de Toulouse, que se converteu ao protestantismo, Voltaire, já em idade propecta, armou-se de paladino e, com o fulgor de sua inteligência, arremeteu-se como um aríete contra o baluarte romano balançando-o diante de inúmeras consciências retas. Destemido precursor numa luta clamorosamente desigual, Voltaire, após haver recusado rispidamente o chapéu de cardeal com o qual, tentaram sensibilizá-lo, morreu com a placidez de um justo, depois de haver despachado o padre que hipocritamente tentou arrancar-lhe a confissão de arrependimento. Perplexo com a inesperada visita do pároco, Voltaire perguntou-lhe quem o mandara à sua residência. “Foi Deus”, respondeu-lhe o padre. Sem perturbar-se, Voltaire pediu-lhe que apresentasse as credenciais. Em face da inesperada exigência, o clérigo embasbacou-se. E Voltaire, sutilmente, recusou-se a reconhecer sua missão por falta da credencial, que deveria ter sido fornecida por Deus!

O episódio aconteceu na França. Sem embargo, paralelamente, na Alemanha já se iniciara outro movimento de libertação contra as peias dogmáticas. Mas o pior foi que as acusações eram contra o cristianismo, doutrina que, de tão deturpada, até hoje não existe, de fato, em nosso planeta, exceções feitas para o Espiritismo e para o Neo-espiritismo, doutrinas reveladas por Espíritos missionários, no posto de Mensageiros de Jesus. Mas

a verdade é que foi contra a concepção antropomórfica de Deus, sob vários aspectos mais imperfeito do que o homem comum e contra as deturpações sofridas pelo cristianismo, quer no catolicismo, quer no protestantismo, que surgiram as correntes filosóficas que confluíram para o atual materialismo. De Kant a Fichte, de Fichte a Hegel, de Hegel a Feurbach, de Feurbach a Schopenhauer, a Nietzsche, a Engel, a Marx e às correntes materialistas do existencialismo, tudo foi uma maratona em busca de autolibertação, de autodeterminação, de libertação da angústia pseudocristã, de libertação do jugo do Criador, com a “morte de Deus” e a apologia do super-homem, auto-suficiente e ateu!

Contudo, pelo fato de afirmar que o verdadeiro Criador do Universo não é o Deus antropomorfo da *Bíblia*; e que o verdadeiro cristianismo não é aquele que, aliado à política, sufocou, durante séculos, a liberdade de pensamento, nem é o fanatismo que motivou o desespero de Kierkegaard, não se segue que o verdadeiro cristianismo não possa existir no Neo-espiritismo, que me foi dado em revelação pessoal, por Mensageiros de Jesus, a partir de 1935, e por mim ensinado desde a década de 40.

Com efeito, fundamentando o espiritualismo em bases racionais, em fatos de observação e, até, em fatos experimentais, o Neo-espiritismo poderá servir de antídoto para o materialismo dialético. É por isso, e somente por isso, que sempre lutei, luto e lutarei com esperança de que, embora custe, um dia o Neo-espiritismo será o farol que iluminará o caminho da salvação da humanidade, ameaçada de apocalíptica hecatombe atômica!

Todavia, antes de tudo, é imprescindível repor Jesus de Nazaré — supremo líder religioso de nosso planeta — em seu verdadeiro papel histórico: o de Instrutor da humanidade, em contraste com a hipótese de haver sido Deus encarnado e fictício fundador do catolicismo, religião que, embora haja desfigurado o primitivo cristianismo, alardeia possuir a verdade total e blasona congregar, com exclusividade, o jactancioso “povo de Deus”, qualificativo absurdo porquanto não há “povo do Diabo”!

Em verdade, Jesus encarnou para ser Condutor de toda a humanidade e não, exclusivamente, de um grupo de hebreus, desgarrados dos semitas como judeus.

Com efeito, o Mestre galileu difundiu, dentre outros, muitos conceitos que são básicos em quase todas as religiões, de sorte que, esclarecidos pelo Neo-espiritismo, os referidos conceitos poderão reunir, no futuro, em torno deles, toda a população da Terra, irmanada por sublimes ideais coletivos.

Aliás, seria esse, penso eu, o único caminho para preservar nosso planeta da destruição parcial (ou total?) pelo pavoroso arsenal bélico acumulado pelas grandes potências!

Urge, pois, que se veja em Jesus, além do Mestre insuperado, o irmão complacente, criado imperfeito como todos nós, e, como todos nós, dotado de perfectibilidade. De modo que foi à custa de seu próprio esforço no senti-

do de conquistar a máxima perfeição, em ingente labuta de muitos milênios, vividos alternativamente, ora como Espírito desencarnado, ora como Espírito encarnado, sempre com provações equivalentes aos seus deméritos ou com júbilo correspondente aos seus méritos, que Jesus, pouco a pouco, elevou-se ao píncaro da glória e mereceu assumir o posto de líder religioso de nosso planeta, com todas as credenciais para nos servir de exemplo e, por conseguinte, para ser nosso magnífico Mestre!

Como se colhe, o caminho que, durante centenas, quiçá milhares de séculos, Jesus palmilhou é o mesmíssimo que o Criador, infinitamente justo, destina indistintamente a todos os Espíritos, estejam eles desencarnados ou provisoriamente encarnados. Isso porque, como é óbvio, não pode haver na justiça de Deus, nem privilégios, nem graças e, muito menos, predestinação. Há, evidentemente, méritos e deméritos e, conseqüentemente, recompensas e penas corretivas, efêmeras, que duram estritamente o tempo necessário à retificação dos defeitos morais e à punição dos erros cometidos, até que o Espírito redimido atinja a perfeição e, com a perfeição, a eterna felicidade, que é a meta final; meta que só se alcança noutra planeta, superior à Terra, no qual não há mais o corpo físico, mas, apenas, o corpo espiritual; e, às vezes, nem mais o corpo espiritual existe, porque foi integralmente absorvido pelo Espírito eterno, que, dessa maneira se transforma em globo de luz, sol vivo, detentor de excelsas virtudes, dotado de fulgurante inteligência e possuidor de potentíssimo poder criador evidente no plano espiritual desses orbes sobremodo evoluídos!

No que toca a Jesus, ainda ligado voluntariamente à Terra, porque, inconformado com a frustração de sua honrosa missão, apenas parcialmente realizada por culpa dos algozes que o crucificaram, deseja persistir obstinadamente na luta, que mal iniciou, até conseguir estabelecer integral confraternização entre todos os Espíritos terráqueos, não obstante ser Mestre provecto, com pleno direito de transportar-se para outro planeta, superior à Terra, onde impera inimaginável felicidade!

Contudo, vale frisar que, em sua última encarnação, Jesus de Nazaré, ao contrário do que inventaram os teólogos, foi, de fato, um homem normal, distinguindo-se, apenas, por sua perfeição moral e por suas mediunidades, todas maravilhosas, sobretudo a curadora. Vale a pena sintetizar sua edificante vida, raciocinando sobre os fatos e os acontecimentos.

Em primeiro lugar, como é lógico, o nascimento. Se houvesse sido milagroso, com prévio anúncio de concepção sem fecundação, ou de fecundação pelo “anjo”, quem menos poderia duvidar da aberração seria sua própria família e, particularmente, sua mãe. No entanto, ao retornar a Nazaré, sua cidade natal, para principiar, como grande iniciado essencial, o seu ministério com a incumbência de revelar ao mundo nova doutrina religiosa, muito superior à de Moisés, e, ao pregar e atuar como médium curador, não

só os conterrâneos como os membros de sua própria família duvidaram de sua missão e, até, quiseram agarrá-lo como louco! E mais — insatisfeitos com a afronta, forcejaram para enquadrá-lo no messianismo mosaico de Isaías e, para começar, inventaram seu nascimento em Belém e, muito pior, num curral! (Lc. II, 3-7).

Sem embargo, Jesus nasceu rodeado de Espíritos superiores, na casa paterna, em Nazaré, em modesto leito forrado de alvíssimos lençóis. Isto, me asseguraram e sempre me confirmam os Espíritos superiores, que, em nome de Jesus, me revelaram o Neo-espiritismo.

Nascido em Nazaré, Jesus lá permaneceu até aos oito anos de idade, época em que, por solicitação de um Mestre, foi confiado aos ascetas essênios da comunidade do Qumrân, com o compromisso de educá-lo, conforme procediam com outras crianças, e, ao completar vinte e um anos, se fosse de sua vontade, iniciá-lo nos “mistérios de Deus”, selados com um “juramento de morte”, para evitar divulgação.

Contra o desejo de sua amorosa mãe, que, a princípio resistiu para finalmente ceder, seu pai, aquilatando melhor o valor da oferta, concordou com a inesperada proposta do Mestre essênio; e, com esse ato, fica esclarecido o enigma que perdura até hoje a respeito do paradeiro de Jesus no período compreendido entre oito e vinte e nove anos, quando por determinação de seu Mentor e consentimento do Mestre de Justiça, dirigente da comunidade, libertou-se do Qumrân para pregar ao povo amargurado sua doutrina consoladora e, ao mesmo passo, realizar curas instantâneas de doentes incurados e desesperados.

Posto que afastado de Nazaré desde menino, a permanência ininterrupta de seus pais naquela cidade não poderia deixar de contribuir para que, volta e meia, houvesse trocas de impressões a respeito do educando internado na comunidade essênia. Além disso, se Jesus fosse um agêner e, portanto, um semideus, ninguém em Nazaré e, muito menos, os membros de sua família, máxime sua mãe, poderiam duvidar de que o profeta conhecesse verdades secretas e efetuasse curas assombrosas. Entretanto, pelo menos no início de seu ministério, muitos duvidaram; e, arrancada da página da *Bíblia*, a prova cá está no que concerne à perplexidade causada em Nazaré, quando, pouco mais de vinte anos depois de haver saído de lá, Jesus voltou à sua cidade natal com o objetivo de iniciar sua espinhosa missão. De fato, ao invés da cordial recepção que esperava, o “iniciado” recém-chegado, pouco mais de vinte anos depois de ter saído de sua cidade natal, deparou-se com perplexidade geral e franca hostilidade: “Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama Maria a sua mãe e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Onde lhe vem, pois, tudo isso?” (instrução e poderes maravilhosos) — Mt. XIII, 54-56. Nesse contexto, além da presença dos quatro filhos varões nominalmente citados, é imprescindível

acusar a existência de, pelo menos três filhas, perfazendo para o casal José e Maria um total de oito filhos e, dentre eles, como primogênito, Jesus, o grande Mestre iniciado! Quanto ao nome das filhas, propositadamente omitidos na *Bíblia*, é fora de dúvida que foram, no mínimo, três; porque, se as irmãs de Jesus fossem apenas duas, não caberia na interrogativa do evangelista o pronome “todas” e sim o artigo “as”.

O mais sintomático, porém, não foi a dúvida dos conterrâneos — foi a descrença da própria família. Porque “nem mesmo os irmãos criam nele” (Jo. VII, 5). E a própria mãe, porventura, acreditou no filho prodigioso? Não! E aqui está a prova: “E quando os parentes (mãe e irmãos) souberam que Jesus se encontrava numa casa cercada por enorme multidão e invadida por tantos doentes que já não havia espaço nem para comer, diziam que o Mestre ‘estava fora de si’.” (Mc. II, 21). E os escribas, que vieram de Jerusalém, com a costumeira empáfia, afirmaram: “Ele está possesso de Belzebu; e é pelo maioral dos demônios que ele expelle os demônios”. Contra tamanha sandice, Jesus replicou: “Como pode Satanás expelir Satanás?” Em face da interrogação, os escribas sabichões não mugiram, nem tugeram... (Mc. II, 20-23). O mais grave, porém, foi que sua mãe e seus irmãos acreditaram nas torpes invectivas dos fanáticos fariseus e partiram ao encontro de Jesus no firme propósito de romper a comprimida multidão, penetrar na casa em que o Mestre estava atendendo os doentes e, insidiosamente, agarrá-lo à força, como se fora malfeitor! Mas a cilada não se consumou porque, superprotegido, os intrusos foram mantidos a distância. Contudo o impacto foi grande. Decepcionado com a família e com os conterrâneos, Jesus desabafou-se: “Um profeta (ou um médium dotado de precognição) não deixa de receber honras senão na sua terra, entre seus parentes e na sua casa.” (Mc. VI, 4).

Outra prova evidente da decepção que lhe causara a família foi a resposta que Jesus deu ao emissário dos parentes, o qual, depois de haver conseguido penetrar numa casa onde o Mestre estava a pregar e a curar, lhe disse secamente: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar-te.” (Mt. XII, 47). Acaso Jesus atendeu ao chamado? Não. Ao contrário, interpeleou o mensageiro de maneira desconcertante: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” Depois, apontando os discípulos e os ouvintes que o rodeavam, afirmou: “Eis minha mãe e meus irmãos.” (Mt. XIII, 48-49). Ora, se Jesus houvesse nascido de modo sobrenatural, se fosse, porventura, um ser agênera ou “milagrosa” materialização permanente, quem menos poderia duvidar de sua divindade seriam os parentes e, sobretudo sua mãe que, na hipótese em tela, teria funcionado como doadora do ectoplasma — fato sensacional, porque, com a doação definitiva, certamente ficaria mutilada, com o corpo físico parcialmente desmaterializado!

Entretanto, é nas páginas do *Novo Testamento* que se colhe a prova irretorquível de que Jesus foi autêntico homem, não obstante ter sido o Es-

pírito mais perfeito, que até ao presente, encarnou em nosso planeta, razão por que, com justiça, mereceu ser portador de nova faixa de revelação divina, muito superior às anteriores. De modo que, como Instrutor da humanidade, o Mestre galileu ultrapassou os antecessores e assumiu a liderança religiosa da Terra! Mas desgraçadamente para a humanidade, não foi compreendido por sua geração.

Vilipendiado, vituperado, perseguido à socapa por fariseus hipócritas, por anciãos mentecaptos e por sacerdotes vendilhões, o fenomenal médium curador, embora boníssimo, recebeu em troca de todo amor que deu aos desvalidos, de toda caridade que praticou curando até doentes incuráveis, a crueldade infamante da crucificação — pena de morte para escravos praticantes de crimes horripilantes! Envolvido, injustissimamente, em dramática conjuntura, Jesus não terminou sua gloriosa missão que foi precocemente interrompida pela execrável barbaridade de seus verdugos. Por causa da inopinada sustação de seu ministério, os habitantes de nosso planeta, até hoje, gemem de dor e de revolta, mas, apesar disso, permanecem obstinados na maldade, esparramando o ódio e a vingança, em lugar de arraigar o perdão e o amor fraterno aconselhados e exemplificados pelo iluminadíssimo profeta galileu!

Todavia, durante mais de trezentos anos, os revérberos de suas prédicas ainda iluminaram a consciência dos neófitos nas primitivas comunidades cristãs! Nada obstante, os discípulos que conviveram com Jesus e assistiram as curas “milagrosas”, além de fenômenos espetaculares, que, aparentemente revogavam leis naturais, jamais o consideraram Deus. Pedro, por exemplo, falando do Mestre pouco tempo depois de sua crucificação, refere-se ao iluminado profeta nazareno como um “varão aprovado por Deus” (Atos II, 22); e Lucas diz que Jesus fora um profeta poderoso em obras e palavras (Lc. XXIV, 19). Como se constata, nem parentes, nem discípulos o tiveram em conta de Deus. Sem embargo, os Concílios teimaram em transformá-lo em Deus, a fim de que o catolicismo se nos apresentasse como a única religião originada diretamente do “filho de Deus” que, para ela, é também Deus! Não obstante a absurda pretensão ter sido repudiada sucessivamente em três Concílios, inclusive no de Antióquia, acabou prevalecendo, sob violenta coação papal, no Concílio de Nicéia, no qual Jesus foi “eleito” Deus, pela insignificante maioria de, apenas, um voto!

Com a malsinada eleição, Jesus que, antes de Mestre, é nosso irmão criado como todas as criaturas humanas e, por isso mesmo, em tudo nos deveria servir de exemplo, e modelo, na luta em prol de nosso interminável aperfeiçoamento, apesar dos lapsos de estacionamento e, até, de regressão, causados por nossa fraqueza moral, acabou ficando infinitamente afastado de todos nós por sua infinita perfeição, por sua onisciência e, conseqüentemente, por sua onipotência! De modo que o simples fato de tentar seguir-lhe

as pegadas, mais que sesquipedal presunção, seria rematada loucura, porquanto, em tempo nenhum o finito poderia alcançar o infinito, a criatura igualar-se ao Criador!

Contudo, em contraste com a tese de sua divindade, posto que autêntico Mestre, embora frustrado em sua missão, em consequência da pusilanimidade e, até, da traição de seus próprios discípulos, que o abandonaram na hora decisiva, Jesus sobrepujou toda tibieza para permanecer, impavidamente, como Espírito desencarnado, a lutar heroicamente há quase dois milênios na esperança de burilar os sentimentos da humanidade — causa de todos os sofrimentos inerentes à Terra!

No entanto, com a revelação do Neo-espiritismo, que associa o coração à razão, a Religião à Ciência, Jesus confia, segundo afirmam seus Mensageiros, meus Mestres, que, eliminados do planeta, com cataclismos e hecatombes, não só os Espíritos encarnados como os Espíritos desencarnados, que, desde muitos séculos, perturbam a paz e a felicidade na Terra, exercendo inexoráveis vinganças e provocando crudelíssimos sofrimentos, este mundo, com a renovação dos Espíritos que nele viverão, convertidos à doutrina neo-espírita, tornar-se-á abençoado oásis em nossa Galáxia!

A HERÓICA OPÇÃO DE JESUS

Da manifestação dos Espíritos nasceram todas as seitas e religiões. O cristianismo não seria exceção. Jesus, Espírito de elevadíssima hierarquia, encarnado como Instrutor da humanidade, sempre esteve cercado por numerosos Espíritos protetores comprometidos em ampará-lo na gloriosa missão de ampliar a revelação divina.

Com efeito, controlado por seu Mentor, “dono de seu destino”, e assistido por Espíritos nos mais dispares níveis de evolução, o Mestre galileu pôde efetuar curas assombrosas: umas, a distância e, portanto, à revelia dos beneficiados; outras, de perto, com “imposição das mãos” ou, apenas, com leve “toque”; muitas em casos de Espiritopatias obsessivas, com veemente ordem de afastamento dos obsessores causadores da doença; algumas em pacientes em profunda letargia, com morte aparente, completa inibição do sensorio e, por conseqüência, com ausência de “ponto vígil” e, portanto, sem a mínima possibilidade de condicionamento e, muito menos, *rapport*, fatos que, *a priori*, eliminam a hipótese de hipnose. Nada obstante, houve curas maravilhosas, que aparentaram ressurreição. Contudo, não passaram de reanimação de médiuns exauridos pela rapinagem de fluidos perispirituais, cometida por Espíritos sofredores, máxime por Espíritos obsessores.

Entretanto, afastados compulsoriamente por Jesus de Nazaré os Espíritos “caçadores de fluidos” e reativada a força vital do organismo depauperado, mercê da cooperação de Espíritos fluidificadores a serviço do Mestre nazareno, as curas se processaram instantaneamente. Aliás, não seria admissível que a recomposição de perispíritos, que estiveram contaminados pela negra emanção de Espíritos obsessores, e que, mesmo depois de afastados, ainda deixam maléfico resíduo no perispírito de suas vítimas, fosse feita com a radiação luminosíssima do assombroso médium curador.

Como prova de que a letargia por Espiritopatia importa em farta captação de fluidos vitais do corpo somático do letárgico, vale ressaltar que, no caso da filha de Jairo, profundamente debilitada com o roubo de fluidos vitais, Jesus, logo que, afastados os obsessores, mandou alimentá-la. Como se infere, não houve ressurreição, porquanto não houve morte, mas, apenas, rebelde Espiritopatia, debelada pela força espiritual do Mestre Jesus (Mc. V, 43).

Os fenômenos experimentalmente provocados pelos Espíritos cientistas Protetores da SEPE para “observação armada” dos membros da classe médica e de outros profissionais que lá compareceram, confirmam a tese aqui focalizada. E nem poderia ser de outro modo. A “ressurreição” da carne, imposta dogmaticamente aos pacóvios que temem raciocinar acerca de matéria tão explosiva, é gritante absurdo, que contradiz multissecular experiência humana e que se choca frontalmente contra postulados básicos da Ciência, principalmente da Biologia!

A ressurreição que se dá, que sempre se deu e que se dará enquanto houver a encarnação dos Espíritos, é a ressurreição da alma ou Espírito, de vez que, desmentindo a Antropologia católica, Espírito e alma são sinônimos perfeitos.

Aliás, Paulo de Tarso, que, à margem de tolices, escreveu verdades, confirma a ressurreição do Espírito, revestido do “corpo espiritual”. Partindo da comparação entre a carne do homem e a dos outros animais, do esplendor das estrelas e da existência de “corpos terrestres” e de “corpos celestes”, o apóstolo contrasta o “corpo carnal”, morto “em corrupção”, com o “corpo espiritual”, ressuscitado “em incorrupção”. Vale dizer que o corpo carnal, corrompido pela velhice ou pela doença, acaba em putrefação, ao passo que o corpo espiritual, incorrompido, ressuscita luminoso. Um é o corpo terrestre, outro o corpo celeste, pois “semeia-se o corpo carnal e ressuscita o corpo espiritual” (I Cor. XV, 39-44). Exatamente como ensina o Neo-espiritismo.

Aceita a tese paulina, que, sob este aspecto coincide com um dos postulados da doutrina neo-espírita, católicos e protestantes deverão compreender que o que ressuscita ou, melhor, sobrevive, não é o corpo carnal — é o Espírito eterno.

Donde se infere que as manifestações de Jesus após sua hedionda crucificação foram aparições do Espírito do Mestre — nunca do corpo carnal ressuscitado! Entretanto, para que se possa valorizar o esforço empreendido pelo Espírito do iluminado profeta nazareno, que, mediante a prova insofismável de sua sobrevivência, salvou o cristianismo já a pique de soçobrar com a dispersão dos discípulos apavorados com a arbitrária e crudelíssima crucificação do Mestre, é fundamental considerá-lo, não como um Deus onipotente, mas como o que realmente foi: um homem perfeitíssimo a serviço de uma grande causa em favor do progresso moral da humanidade. No entanto, para melhor entendê-lo, é imprescindível acompanhar-lhe os passos no drama que viveu nos derradeiros dias de Espírito encarnado.

Posto que, pela veneração que lhe consagro, a retrospectiva dos horripilantes sofrimentos padecidos por Jesus me compunjam atrozmente, a verdade é que, apesar de tudo, eles retratam, com seus momentos de fraqueza, a personalidade humana do boníssimo profeta nazareno. Com tais tibiezas, Jesus liberta-se definitivamente da incômoda posição de deus-holocausto, adstrito à fictícia Trindade, para identificar-se como nosso irmão e como nosso Mestre; um Mestre revoltantemente injustiçado e um irmão terrivelmente massacrado somente porque acalentara o sublime Ideal de melhorar o mundo com a correção moral do homem! Entretanto, se Jesus houvesse sido compreendido e honestamente seguido quantos sofrimentos não se teriam evitado nos vinte séculos que se seguiram à sua morte infamante?

Mas, o despeito e a inveja dos sacerdotes, exacerbados depois que Jesus recusou a indigna proposta do Sumo Sacerdote para cobrar suas curas com reversão do numerário para os cofres do Sinédrio, resultaram numa trama pacientemente urdida pelo fanatismo dos anciãos e pela hipocrisia dos fariseus — trama que, finalmente, o levou à cruz!

Ingênuo e puro de sentimentos, Jesus, sempre empolgado pelo cumprimento de sua árdua missão no sentido de contribuir para o aperfeiçoamento e a bem-aventurança de seus irmãos, não só encarnados como desencarnados, não contava com sua extemporânea condenação, maquinada por inimigos gratuitos. Força é reconhecer, porém, que a hostilidade que o cercava na Judéia e, sobretudo, em Jerusalém, já o obrigara, mais de uma vez, a retirar-se para a Galiléia. Sem embargo, não pôde disfarçar o tremendo impacto emocional que sofreu, no Getsêmani, quando “ouviu”, por clariaudiência, o aviso de seu Mentor, prevenindo-o de que, por falta de coesão dos discípulos no momento crucial da emboscada de seus inimigos, ele estava correndo perigo de vida, a despeito do hercúleo trabalho de proteção que estava sendo realizado por incrível número de amigos invisíveis!

Em face da inesperada revelação, sua primeira reação foi isolar-se, para orar. Ele havia levado consigo três discípulos diletos: Pedro, Tiago e João; e contava que todos permanecessem vigilantes, em “estado de oração”, formando “corrente” para doarem “fluidos de mediunidade” aos Protetores ali presentes; pois, sem reforçarem o perispírito com fluido humano, os Espíritos desencarnados pouco ou quase nada poderiam realizar no plano terreno. Mas, desgraçadamente, os discípulos fracassaram: sentados, sem elevação, prontamente foram assediados por Espíritos inimigos da Verdade, que os adormeceram, para facilitar-lhes maior captação de fluidos, com os quais se fortaleceram para atuarem contra o Mestre, incentivando a represália dos fanáticos fariseus que já vinham ao seu encalço!

Dotado de clarividência e de precognição, Jesus sentiu a gravidade da situação. Por isso, três vezes consecutivas alertou os discípulos a respeito da atuação de Espíritos inimigos que os estavam obnubilando no momento em que deveriam permanecer orando! Contudo, sem desanimar, Jesus, pela terceira vez, roja-se ao chão com o rosto em terra e implora ao seu Mentor coragem e resignação, para que, em tudo, fosse feita a vontade de Deus!

Aliás, nos momentos críticos de seu acidentado ministério, jamais lhe faltou a inspiração e, até, a orientação “verbal” dos Espíritos protetores que o assistiam. Foi assim na armadilha do julgamento da prostituta pilhada em flagrante. Enquanto aguardava a “voz” de seu Mentor, parecia distraído a rabiscar no solo. Mas, “ouvida” a orientação, o Mestre soergueu-se, já cercado por numerosos Protetores e ninguém lhe resistiu ao desafio, desafio que, sem infringir a lei mosaica, poupava da lapidação a indefesa meretriz: “Quem não tiver culpa, atire a primeira pedra” — proclamou o nazareno. (Jo. VIII, 7). Assim foi, outrossim, na cilada que lhe armaram no caso do detestável pagamento do imposto destinado à manutenção das tropas romanas de ocupação, acantonadas na Palestina. Concentrando-se incontinenti, Jesus não tardou a “ouvir” a orientação. Primeiramente perguntou aos seus interlocutores se, dentre eles, alguém tinha um denário. Deram-no um.

Contemplando-o alguns segundos, o Mestre perguntou-lhe: “de quem é esta efígie? — De César, responderam-lhe. — Pois então dai a César o que é de César; e a Deus o que é de Deus.” (Mt. XXII, 21).

No jardim de Getsêmani, embora a resposta do mundo espiritual não fosse satisfatória, a dor que o torturou foi maior pela frustração do que pela traição. De fato, durante anos e anos, com renúncia de todos os prazeres terrenos, Jesus se preparara para desempenhar sua delicada missão. Aos oito anos de idade, ingressara na comunidade essênica do Qumrân, na qual, ao completar vinte e um anos, optou pela iniciação nos mistérios de Deus, enriquecidos com ensinamentos secretos herdados de antigos profetas israelitas, inclusive dos que foram posteriormente considerados apócrifos pela Igreja Católica. Lá fora educado e desenvolvera suas prodigiosas mediunidades, dentre as quais se destacava, pela constância, a curadora. Mas, ao completar pouco mais de vinte e nove anos, manifestou-se-lhe, por clariaudiência, em sua cela de eremita, seu supremo Protetor, o Mentor, que lhe ordenou se desligasse da comunidade para pregar à massa ignara e sofredora a “boa nova” do advento da confraternização mundial. Obediente, como sempre, ao “dono de seu destino”, Jesus, depois de haver obtido o consentimento do Mestre de Justiça, superior da comunidade, partiu para a catequese. Contudo, antes de iniciar sua missão, sentira-se na obrigação de doutrinar os inimigos de anterior encarnação, Espíritos de alguma forma prejudicados por Jesus e que, no conjunto, constituíam sua **mente negativa**, da mesma forma que os amigos de anterior encarnação formaram sua **mente positiva**. Os primeiros prejudicam por vingança; os segundos protegem, por sincero amor. Pagas com oração e doutrinação todas as dívidas morais, convertidos em amigos os inimigos do passado, apaga-se a marca na **mente negativa**, prevalecendo, exclusivamente, o repositório da **mente positiva**. Só então, o Espírito missionário adquire autoridade moral para iniciar, com proveito para todos, sua sagrada missão. Desta lei divina, nem Jesus escapou. Mas, cumprida a lei, Jesus, o grande iniciado essênico, principiou a faina de reunir discípulos. Escolheu-os entre pescadores pobres e ignorantes, dotados, porém, de mediunidade, porque, com incorporação de Espíritos doutrinadores, poderiam suprir a incapacidade intelectual que os caracterizava com os conhecimentos de seus Protetores. Máxime depois que Protetores e protegidos assimilassem os ensinamentos básicos dados por Jesus. Todavia, dentre muitos chamados, poucos foram escolhidos, porquanto a preferência recaiu naqueles com os quais o Mestre tinha, de anteriores encarnações, dívidas a saldar.

Ora, consolando-os com as doutrinações ou curando-os de suas mazelas, de duas hipóteses aconteceria uma: ou a gratidão estreitaria os vínculos de amizade ao abnegado Mestre e, desse modo, elidiria quaisquer resquícios de remotas inimizades; ou a ingratidão, espicaçada pela inveja, agravaria a

incompatibilidade de antanho, com tremendas conseqüências futuras para o discípulo recalcitrante, que malbaratou a oportunidade de reconciliação com o benfeitor que tentou dar-lhe paz e saúde!

Entrementes, para Jesus, que a todos doou muito amor fraterno e que recomendou o amor até ao inimigo e que já previra que muitos seriam chamados, mas poucos escolhidos, a ingratidão de seus beneficiários não lhe causou moossa, antes o penalizou, porque renunciou os horrendos sofrimentos que, fatalmente, teriam de enfrentar depois da desencarnação!

Para o Mestre o essencial era que os discípulos aproveitáveis soubessem “testar os Espíritos, para verificar se provenientes de Deus” (Jo. IV, 1); e que, além disso, lutassem em prol de seu aperfeiçoamento moral, porquanto “os Espíritos protetores dos profetas estão sujeitos ao caráter do profeta” (I. Cor, XIV, 31-32). Mas Jesus sabia perfeitamente que, até àquela data, nenhum discípulo estava à altura de transmitir à posteridade, com a máxima autenticidade, sua verdadeira doutrina, totalmente expungida do mosaísmo! O curto prazo de seu ministério e as restrições impostas pelo fanatismo dos fariseus e pelo poderio político do Sinédrio e, sobretudo, a ausência de, ao menos, um discípulo que, à guisa de Platão com Sócrates, tivesse cultura para escrevê-la, resultou na fragmentação de seus ensinamentos em duvidosos documentos esparsos, os quais, depois de, pelo menos, meio século, foram arbitrariamente selecionados, com mutilações e interpolações: são os *Evangelhos!*

Daí a sua angústia, a sua “tristeza mortal” e o seu “suor de sangue” nos momentos dramáticos que precederam a chegada ao Getsêmani dos verdugos do Sinédrio (Mt. XXVI, 36-46; Mc. XIV, 32-42; Lc. XXII, 39-46). Mas, quando Jesus “ouviu a voz” de seu Mentor concitando-o a não temer, porque, na hipótese de ser condenado à morte, não só ele como todos os seus amigos, companheiros da vida eterna, estariam irremovivelmente ao seu lado; e que a responsabilidade pelo fracasso de sua missão de amplificador da revelação divina não seria dele, mas, exclusivamente, dos que o massacrassem, o pavor que momentaneamente o dominara cessou imediatamente e a pusilanidade que, por instantes, o abatera, transmutou-se em impávida serenidade!

De resto, em diálogo mudo, por clariaudiência mediúcnica, concordou com seu Mentor, que argumentou com ele: se, por um lado, sua morte precoce, antes de ter escrito sua doutrina ou de haver encontrado um discípulo com credenciais para escrevê-la, constituía deplorável desgraça para a humanidade, por outro lado, a revoltante injustiça de sua condenação, com pavorosos sofrimentos, perpetuaria sua memória como benfeitor da humanidade, ao passo que, se mais tarde morresse de morte natural, dentro de pouco tempo, ninguém, inclusive os que foram “miraculosamente” curados por ele, continuaria a exaltar o seu nome e os seus feitos, de modo que ele ficaria fora da História e, com ele, sua doutrina.

Ora, em face dessa argumentação, Jesus, heroicamente, optou por execrável crucificação: e, a partir desse momento, seus protetores iniciaram um trabalho de preparação para suavização de sua morte. Retiraram de seu perispírito a máxima quota de fluido mantenedor de vida. Com essa medida, o Mestre ficou obnubilado. Por isso, permaneceu indiferente aos sucessivos interrogatórios do Sumo Sacerdote, de Pilatos, de Herodes Antipas e, novamente, de Pilatos. Além disso, ficou praticamente insensível à dor: esbofeteado, voltou o outro lado do rosto, sem o mínimo movimento instintivo de defesa; chicoteado, não reagiu; com uma coroa de espinhos à testa, conservou-a sem qualquer trejeito; pregado à cruz, pouco gemeu e, contrariamente ao que acontecia com os demais crucificados, cuja morte nunca ocorria antes de quarenta e oito horas, Jesus, com espanto do próprio Pilatos, desencarnou, perdendo os inimigos e entregando seu Espírito a Deus, em quatro horas apenas, depois de ter sido pregado ao infamante madeiro, destinado ao suplício de escravos responsáveis por crimes hediondos!

Aliás, nesses fatos que me foram relatados pelos Espíritos missionários que me revelaram, e continuam a revelar, o Neo-espiritismo, é de admirar a modificação operada no Espírito de Jesus, desde o momento em que ele próprio, entre o total esquecimento de sua personalidade e a perpetuação de seu nome e de sua doutrina pela injustiça e, sobretudo, pela crueldade de sua morte, sem prévio julgamento, preferiu, sem tergiversação, o sacrifício de sua encarnação! Por isso, de acovardado e pusilânime que se mostrava, assumiu heróica resolução: voltando-se para os discípulos modorrentos e influenciados por Espíritos obsessores, Jesus destemidamente convidou-os: “Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima.” (Mc. XIV, 42).

Já agarrado, durante a caminhada, manifestou-se-lhe generalizada hipotonia muscular, motivo por que necessitou da ajuda de Simão para carregar a cruz. Idênticos fenômenos de anestesia e de hipotonia foram provocados, sem a mínima sugestão, pelos Espíritos cientistas do plano da SEPE, em sessões experimentais assistidas por médicos e outros homens de Ciência, a fim de que pudessem certificar-se da atuação dos Espíritos desencarnados sobre o sistema nervoso do médium, comprovação que me custou cinco anos de aturadas “observações armadas.”

Como não poderia deixar de ser, Jesus morreu confirmando sua fibra de autêntico iniciado essênio. De fato, pregado na cruz e padecendo dilacerante dor, Jesus recusou as beberagens que algumas judias, apiedadas com o prolongado sofrimento dos crucificados, lhes iam oferecer, porque todas continham álcool. Pelo mesmo princípio de iniciação, isto é, integral abstinência do álcool, o Mestre recusou a “posca” da soldadesca romana, embora estivesse torturado de sede; e, à maneira dos essênios, que, atravessados pelas lanças dos legionários romanos que invadiram o Qumrân,

morriam sorrindo para seus algozes, Jesus de Nazaré durante a tragédia, que o vitimou, ainda suplicou a Deus perdão para seus inimigos! (Lc. XXIII, 34). Até que, finalmente, confiou seu Espírito ao Criador: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu Espírito!” (Lc. XXIII, 46).

Estava, assim, perpetrado o maior crime da História; um grupo de sacerdotes, mancomunados com fariseus e anciãos, sacrificaram, antes que ele terminasse sua gloriosa missão, o mais perfeito Mensageiro dos Supremos Mestres, dirigentes de nosso planeta! E, não fora o hercúleo e abnegado trabalho desenvolvido pelo Espírito desencarnado de Jesus, tudo que ele realizou com pregações e curas assombrosas teria desaparecido no primeiro século depois de sua desencarnação!

Com efeito, tudo que se inventou para transformar o Mestre galileu em autêntico Deus não passou de execrável mistificação. Não houve, quando de sua crucificação, nem eclipses, nem terremotos, nem, muito menos, abertura de túmulos com ressurreição de “santos”. Além disso, é absolutamente inverídico que os ressuscitados “hajam aparecido a muitos” (Mt. XXVIII, 51-53). Imagine-se o tremendo trauma dos parentes e dos amigos que, inesperadamente, vissem penetrar em suas casas defuntos enterrados há séculos! Será que o coração resistiria? Não; fatos tão transcendentais teriam abalado o mundo e não escapariam ao registro dos historiadores.

Além disso, se Jesus houvesse ressuscitado, em hipótese alguma deixaria de provar o “milagre”, comparecendo diante de todas as autoridades que, iniquamente, contribuíram para sua crucificação, sem pronunciamento de um juiz sequer e, portanto, sem julgamento; mas, apenas, pela vociferação duma massa envenenada pela intriga e pelo pavor de represálias do Procônsul romano! Entretanto, com sua presença no mesmo corpo físico que acabara de perder, seria venerado como um Deus e imporia às autoridades a reivindicação de seus direitos e a implantação da doutrina pela qual fora crucificado. Mas todas as manifestações *post mortem* configuram-se na fenomenologia neo-espírita. Assim: só apareceu aos médiuns videntes, como Maria Madalena; e, recentemente desencarnado, para não ser prejudicado com a “radiação vital” de um Espírito encarnado, advertiu a fiel discípula, por ele curada de temível obsessão: “Não me toques!” Depois, justificou-se: “porque ainda não subi para meu Pai”. Vale dizer: porque ainda não me afastei da superfície da Terra. Depois, pediu-lhe: avisa a “meus irmãos” que eu “subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus” (Jo. XX, 17). Isto é linguagem de um Espírito desencarnado — nunca do Criador do Universo! Por outro lado, é preciso atentar no fato de que, quando Jesus, utilizando o fluido de um médium de materialização não identificado no relato evangélico, pôde materializar-se perante onze discípulos, seu corpo estava tão solidamente constituído que o Mestre não hesitou em mandar Tomé, até então completamente cético, tocar-lhe nas chagas da crucificação; e tudo diz

que o médium que deu aso à materialização de Jesus foi Pedro, cuja possante mediunidade ficou comprovada quando o apóstolo, por ordem de Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia, foi encarcerado. Confinado numa masmorra, acorrentado e permanentemente vigiado, manifestou-se-lhe, pela vidência e pela clariaudiência, um Espírito protetor, que o libertou com a desmaterialização parcial e efêmera da corrente que o maniatava e, em seguida, foi desmaterializado o próprio médium para que atravessasse o portão da prisão, de sorte que, no dia seguinte, sem sinal de violência, o preso, rematerializado fora das grades do presídio, lá não se encontrasse! (At. XII, 1-10).

Como se deduz, a prova, além de ter evidenciado a sobrevivência do Espírito do Mestre, serviu para robustecer a convicção dos discípulos por ventura hesitantes. Com efeito, foram as manifestações de Jesus depois de sua crucificação que convenceram os discípulos, não só da imortalidade do Espírito, como da comunicação entre Espíritos desencarnados e Espíritos encarnados. Com isso, fortaleceu-se o ânimo dos apóstolos, já apavorados e desarvorados, dando-lhes coragem para enfrentarem os maiores obstáculos e arjojo para suportar as implacáveis perseguições ao cristianismo incipiente!

Por conseguinte, quem salvou, de fato, o cristianismo de iminente derrocada não foram os apóstolos, nem os demais prosélitos: foi o próprio Mestre nazareno, embora coadjuvado por inúmeros Espíritos desencarnados, seus prestimosos colaboradores em todas as atividades que exerceu durante sua encarnação; e que, desencarnado o Mestre, permaneceram submissos ao seu luminosíssimo Espírito, dispostos a lutarem pela vitória de seus ideais irrealizados, mas agora, depois de dois milênios, perfeitamente exeqüíveis com o advento da nova revelação, o Neo-espiritismo, filosofia religiosa associada à Ciência, em geral, e, em particular, à Medicina, pelo estudo das Espiritopatias e de seu tratamento, para benefício da saúde e da felicidade de toda a humanidade, mercê da confraternização de todos os Espíritos terrenos, encarnados e desencarnados!

A MORTE DE JESUS E O DRAMA DE JUDAS

Em colaboração hebdomadária a *O Jornal* venho demonstrando, com textos bíblicos e com conhecimentos que me foram dados, em nome de Jesus, por Espíritos missionários que me revelaram, em caráter pessoal, o Neo-espíritismo, que o ínclito Mestre, não obstante não ter sido Deus, foi, sem dúvida, o mais perfeito Instrutor da humanidade, que, até hoje, encarnou em nosso planeta. Incompreendido, muitas vezes, sobre a significação dos valiosíssimos ensinamentos que lutou para propagar, Jesus, apesar de tudo, foi admirado por muitos beneficiários e invejado por maior número de despeitados. Admirado, não pela sublime doutrina que pregou, mas pelas assombrosas curas que efetuou; invejado por gananciosos sacerdotes, dentre os quais se incluía o Sumo Sacerdote, que, indignamente, lhe propôs a barganha de sua proteção pelo produto da arrecadação de suas curas, que passariam a ser realizadas no templo e cobradas diretamente pelo Sinédrio.

Repulsada por Jesus, com a máxima veemência, a sórdida proposta, não tardou que disfarçados espiões fariseus e herodianos, instigados pela cúpula sacerdotal fossem encarregados de palmilhar as pegadas do “filho do carpinteiro” (Mt. XIII, 55). Como é óbvio, a finalidade dessa espreita era surpreender o Mestre a proferir, em suas dissertações, qualquer heterodoxia e, ao depois, como represália à altivez com que repeliu a indecorosa proposta do Sumo Sacerdote, massacrá-lo em cruel “lapidação”! Sem embargo, os numerosos Espíritos protetores que o assistiam, mantiveram-se em permanente vigilância para evitarem qualquer cilada adrede preparada contra o caridoso médium curador.

Com efeito, certa vez os fariseus, depois de conchavarem-se, enviaram alguns espiões para sujeitarem Jesus à capciosa interpelação. Ao encontrarem o Mestre galileu, afirmaram hipocritamente: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus... Dize-nos, pois, é lícito pagar tributo a César?” Clarividente, como era, Jesus incontinenti percebeu a armadilha. Estava diante de perigoso dilema. Se concordasse com o pagamento, aticaria contra si o ódio dos fariseus; se condenasse o tributo, seria infrator perante Pilatos! Salvou-o, porém, a intervenção de seus Protetores mercê de sua clariaudiência. Ciente, pois, de como deveria agir, perguntou-lhes Jesus: “Por que me experimentais, hipócritas?” E acrescentou: “Mostrai-me a moeda do tributo.” Deram-lhe um denário. Jesus, novamente, perguntou-lhes: “De quem é essa efigie? De César, responderam-lhe.” Sem perda de tempo, Jesus derrocou a felonía: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.” (Mt. XII, 15-21; Mc. XII, 13-17).

Noutra oportunidade, os escribas e os fariseus levaram à presença de Jesus “uma mulher surpreendida em adultério e obrigaram-na a permanecer de pé no meio de todos”. E, mais uma vez, com esperança de verem Jesus

cometer grave infração contra a lei mosaica, disseram-lhe: “Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério; e, na lei, nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas. E tu, que dizes?”

Percebendo o perigo do estratagema, Jesus se viu outra vez diante de traiçoeiro dilema: se aconselhasse o perdão, cometeria infração contra a lei de Moisés e correria o risco de ser impiedosamente açoitado ou, mesmo, condenado à morte; se mandasse apedrejá-la, desmentiria a indulgente doutrina de fraternidade que ensinava. De toda maneira, a situação era angustiante. Mas, como sempre, entregou a solução ao seu principal Protetor, o seu Mentor, “dono” de seu destino durante a encarnação. Para captar-lhe a palavra, por clariaudiência, esforçou-se por manter-se tranquilo, em “estado de oração”, agachado e rabiscando o solo abstraidamente, com a ponta do dedo. De repente, “ouveu” a salvadora mensagem do mundo espiritual. Levante-se e intime: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire a pedra!” Dito isto, o Mestre, de novo, acocorou-se e “continuou a escrever no chão”. Mas não houve necessidade de nova “comunicação”. Impressionados com a resposta de Jesus e acusados pela própria consciência, os verdugos “foram-se retirando, um a um, a começar pelos velhos até aos últimos”, restando, apenas a mulher e Jesus. Ergueu-se então o Mestre e não vendo mais ninguém, perguntou à adúltera: “Mulher, onde estão teus acusadores? Ninguém te condenou? Ninguém, Senhor.” Diante do admirável trabalho realizado pelos Espíritos protetores que assessoraram o Mestre, Jesus, com edificante benevolência, limitou-se a dizer-lhe: “Nem eu tão pouco te condeno; vai e não peques mais.” (Jo. VIII, 3-11).

Como se viu, as duas piores ciladas imaginadas pelos fariseus para enlazar o iluminado médium galileu na trama de um delito contra as leis do mosaísmo, perverso e vingativo, falharam totalmente graças ao concurso dos Espíritos protetores, sempre alertas e solícitos, para servir o Mestre em qualquer emergência!

Contudo, a sutileza com que Jesus, nas duas emboscadas, evitou pronunciar conceitos conflitantes com o mosaísmo, desarmou os inimigos. Mas eles continuaram a aguardar nova oportunidade para calar o destemido profeta nazareno, que, publicamente, recriminava a hipocrisia de vultos representativos do mosaísmo. “Ai de vós escribas e fariseus, que devorais as casas das viúvas e, para o justificar, fazeis longas orações... Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque vos assemelhais a túmulos caiados, brancos por fora e pútridos por dentro.” (Mt. XXIII, 13 ss). Noutras palavras: exteriormente, aparência de bondade; interiormente, sordícia de sentimentos! É óbvio, pois, que, com suas admoestações, Jesus incomodava, e muito, escribas e fariseus afeitos à rapinagem.

Sem embargo, ricos e poderosos, os sacerdotes, máxime os membros do Sinédrio, alimentavam a estulta presunção de serem os donos da verdade

divina e incrementavam a veleidade de, um dia, expulsos que fossem os conquistadores da Pátria, implantarem definitivamente a teocracia messiânica sonhada, desde séculos, pelos pacóvios iludidos pela megalomania de duvidosos profetas, que proclamavam a hegemonia dos israelitas como “povo de Deus!”

Com a visão perturbada pelo antolho da prosápia, os israelitas não atinavam que, em relação ao restante da humanidade, muito mais numeroso, qualquer exceção feita pelo Criador seria revoltantemente injusta e, portanto, profundamente odiosa! De resto, a arbitrária preferência do Criador degradá-lo-ia ao invés de exaltá-lo, porquanto, a despeito de ser onisciente e onipotente, mostrar-se-nos-ia infinitamente parcial! Conseqüentemente, nada significariam as mais requintadas virtudes, de vez que méritos e deméritos se equivaleriam perante a justiça divina! Donde se infere que, por mais perfeitos que fossem os Espíritos encarnados, a perspectiva de recompensa após a desencarnação não seria mais auspiciosa do que a do pecador contumaz. Porque quem é absolutamente injusto desconhece qualquer critério moral para um julgamento idôneo; e, nesta hipótese, a humanidade, em sua eterna evolução, ficaria arbitrariamente condenada a caminhar ao léu, sem roteiro moral e perplexa entre o Bem e o Mal, que nenhum valor teriam para um Deus arbitrário! Todavia, a lenda do “povo de Deus” carece de arrasadora contestação, porque atenta frontalmente contra a justiça do Criador!

Em verdade, mais do que nunca, a época de total subversão de valores morais, que estamos vivendo, exige para a invulnerabilidade de nossa civilização e, até, para a preservação de nosso planeta, irrestrita confraternização de todos os Espíritos encarnados e de todos os Espíritos desencarnados para glorificação do Criador do Universo, o qual não distingue as criaturas pela religião que professam, nem pelo agnosticismo que blasonam, e sim pela pureza de seus sentimentos e pela retidão de seu comportamento.

De fato, toda religião é meio — não é fim. O fim é a conquista do autoaperfeiçoamento moral do Espírito eterno, fortalecida pela convicção religiosa ou assegurada pela confiança na filosofia religiosa que adotou. Dessa maneira, todos os Espíritos poderão alcançar, num período infinitamente variável de Espírito para Espírito, admirável perfeição e, com a perfeição, a felicidade definitiva.

Com efeito, todos os Espíritos que há bilhões de anos estão ligados à Terra, ora efemeramente encarnados, ora demoradamente desencarnados, estão sujeitos à sábia lei de causalidade moral ou de ação e reação, que gradativamente os burila com o sofrimento e com as experiências vividas. Donde se colhe que todos os Espíritos terrenos já estiveram milhares de vezes encarnados, com variação de nacionalidade, de raça, de sexo, de profissão, de trabalho livre ou escravo e em muitas outras situações, que, no conjunto, se emparelham e fá-los, no tempo e no espaço, autênticos irmãos, sem o apanágio de definitivas diferenciações. Portanto, perante Deus, todos os Espíritos têm, potencialmente, os mesmos direitos, que se ampliam ou se retraem consoante os méritos e os deméritos de cada um.

Além disso, assim como nas provações individuais entram em conta os maus sentimentos, os maus pensamentos e as más ações de anteriores encarnações, nas provações familiares estão congregados Espíritos que, em anteriores existências, estiveram reunidos e participaram dos mesmos crimes, e, finalmente, nas provações coletivas, que atingem uma região ou, mesmo, uma Nação, estão centenas, quicá milhares de Espíritos desencarnados, que, no exato momento histórico, foram agrupados para resgatarem, com cruciantes sofrimentos, graves faltas morais contraídas conjuntamente no passado da região ou da Nação assolada por colossais cataclismos.

Ora, variando constantemente os Espíritos que constituem as Nações, é óbvio que não pode haver um “povo de Deus”, com exclusão dos outros Espíritos encarnados. O brasileiro de hoje poderá ser o israelita de amanhã e vice-versa. E assim com todas as nacionalidades — fato que torna imperativa a confraternização mundial.

Por outro lado, todos os povos atravessam períodos áureos de estupendo progresso, intercalados com épocas de decadência — períodos e épocas que assinalam o padrão moral e cultural dos Espíritos encarnados em determinada Nação e que é apanágio da evolução coletiva.

Repulsada a hipótese de “povo de Deus” em detrimento da humanidade, é hora de proclamar alto e bom som que Jesus não encarnou, de modo algum, para ser o Messias escatológico de Israel. Ao contrário, educado desde os oito anos de idade na comunidade essênia do Qumrân, à margem do Mar Morto, Jesus, a partir de vinte e um anos, fez “iniciação” como “terapeuta”, curando, a princípio, dentro da comunidade e, pouco antes de completar trinta anos de idade, desvencilhou-se da comunidade para pregar, em liberdade, a nova faixa da verdade divina que aprendera, por clariaudiência, com seu Mentor, no isolamento de sua cela de eremita. Para cumprir sua delicada missão, percorreu a Galiléia, parte da Judéia e muitas vilas e cidades circunvizinhas e, sempre firmando seu prestígio com a realização de curas assombrosas, pôde ministrar valiosíssimos ensinamentos nos quais transpareciam a bondade e a justiça do Criador, ao mesmo passo que estimulava a prática da caridade e incrementava a fraternidade.

Desgraçadamente não lhe sobrou tempo para escrever a sublime doutrina que, como médium dotado de todas as mediunidades, recebeu de seu Mentor, por clariaudiência, durante anos seguidos. E o pior foi que, oralmente, foi obrigado a pregar com circunlóquios e parábolas, para não exacerbar a ira do Sinédrio, grupo de fanáticos, subjugados a Jeová por duas “alianças de sangue”; a primeira, feita com Abraão, a segunda com Moisés — ambas com um Deus faccioso e iracundo. Contudo, o mais grave é que, até hoje, os teólogos, cegos pela cobiça, não perceberam ou não quiseram perceber, na disparidade das instruções mediúnicas registradas na *Bíblia*, a diversidade de evolução dos Espíritos comunicantes, arvorados em Deus!

De fato, Jeová, Javé e “Senhor dos exércitos” são denominações de um mesmo pretenso Deus atrabiliário e gabola; mais do que gabola e atrabiliário, supinamente injusto, porque não hesita, como está na *Bíblia*, “em visitar nos filhos a iniquidade dos pais, até a terceira e quarta geração”. Mas, em compensação, “faz misericórdia” até mil gerações naqueles que o amam! (Ex. XX, 5-6).

Como se vê, um “Deus” monstruoso, infenso à justiça, que pune ou premia por hereditariedade! Ora, com um “Deus” desse gabarito, não há estranhar a sanha furibunda dos sacerdotes mosaístas contra os profetas que ousavam admoestá-los. Imagine-se, pois, o que não fariam àqueles que, à maneira de Jesus, pretendessem reformular a doutrina mosaica para exaltação da confraternização mundial!

Não foi à toa que, ao contemplar a cidade, Jesus lamentou: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados!” (Mt. XXIII, 37). Até parece que Jesus estava pressentindo — e estava mesmo — a armadilha que, em próximo futuro, lhe armaria o Sinédrio!

Aliás, Jesus não poderia esperar outra coisa, porque sua doutrina reformulava o mosaísmo, imprimindo-lhe um caráter universalista, contrário à ficção de um “povo de Deus”, reivindicada posteriormente pelo pseudocristianismo católico. Na verdade, Jesus não fazia mistério dessa incompatibilidade e estava convencido do impacto que seus ensinamentos provocariam no seio das famílias mosaístas, impacto bem semelhante ao que ocorre, quando, numa família católica, um membro mais evoluído se desgarrar para aderir a outra religião mais avançada. Daí o paradoxo de sua advertência: “Não penseis que vim trazer paz à Terra; vim causar a divisão entre o filho e o pai, entre a filha e a mãe, entre a nora e a sogra.” (Mt. X, 34-35). De resto, como autêntico iniciado, Jesus colocou os vínculos espirituais acima de todos os valores terrenos e, por isso, exaltou a figura do verdadeiro Mestre: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim.” (Mt. X, 37). Isto, porque Jesus sabia, de ciência própria, que a evolução do Espírito encarnado, embora compatível com o cumprimento dos deveres terrenos, exige desprendimento de tudo que se lhe antolha como obstáculo ao progresso espiritual, muito mais significativo do que o progresso material!

Com efeito, acima de todos os deveres, paira a indeclinável obrigação de lutar pelo aperfeiçoamento moral, prometido, antes da encarnação, ao Mentor, que protege não só durante a vida terrena como, depois da desencarnação, na vida do plano espiritual merecido, até o momento da preparação para nova encarnação, momento em que outro Mentor assume o espinhoso posto.

Voltando a Jesus, é preciso ressaltar que maior do que o choque deflagrado pelo antagonismo das doutrinas, foi o entusiasmo despertado com as curas maravilhosas efetuadas pelo humilde médium galileu. Para o poderoso Sinédrio, o ponto nevrálgico não era a doutrina consoladora do nazareno,

balbuciada, com cautela e, algumas vezes, disfarçada em parábolas, mas as curas espetaculares realizadas à luz meridiana; curas que, dia-a-dia, arregimentavam maior número de prosélitos entre doentes agradecidos e entusiasmados com as maravilhas do incomparável médium. Era de ver, pois, que, se o proselitismo prosseguisse em acelerado crescendo, o prestígio do Sinédrio, com seu esquema messiânico e escatológico, acabaria ruindo fragorosamente com o impacto provocado pelo modesto Rabi galileu! Essa convicção arraigou-se no corpo sacerdotal depois da cura de Lázaro. Como é sabido, após curta enfermidade, Lázaro entrou em coma cataléptico, com aparência de morte. Suas irmãs, aflitas, apelaram para Jesus, homiziado na Galiléia para evitar de ser capturado por esbirros do Sinédrio. Ao receber o recado, Jesus declarou: “Esta enfermidade não é de morte; é para que o ‘Filho de Deus’ seja por ela glorificado.” (Jo. XI, 4).

A expressão “filho de Deus” era empregada entre os essênios para distingui-los dos “filhos de Belial”, inimigo da comunidade do Qumrân. A frase de Jesus, que poderia parecer injustiça de Deus para engrandecer o médium nazareno, é prova de confiança do iluminado médium clarividente, o qual, a distância, “viu” o problema de Lázaro; e, convicto de que, no momento preciso, receberia a proteção dos Espíritos que o assistiam, rejubilou-se com a oportunidade de demonstrar, mais uma vez, o inestimável valor de sua mediunidade e o fruto de sua iniciação e, dessa forma, reforçar o prestígio espiritual da doutrina que pregava. Todavia, Jesus teve a hombridade de declarar que Lázaro apenas “adormecera” e que iria acordá-lo. Entretanto, ao tomar tão grave deliberação, Jesus se dispôs a arrostar o perigo de retornar à Judéia, de onde os inimigos o espreitavam. Mas não se acovardou — e foi. Quando lá chegou, ao aproximar-se do sarcófago, foi acometido por estranha agitação. Os teólogos, negadores impenitentes da mediunidade, tentaram, mais tarde, tapar o Sol com a peneira e, com ridícula especulação, atribuíram o tremor de Jesus à injustificável, emoção. Emoção, por quê? O Mestre estava convencido de que despertaria o amigo, em letargia. E despertou. De modo que “agitou-se no espírito” exatamente pelo fato de ter sido mediunizado por seu Mentor, razão pela qual apresentou as contrações musculares resultantes da excitação cortical e características do processo de mediunização. A prova é que, agradecido a Deus pelo auxílio que recebeu de seus Protetores, exclamou: “Pai, graças te dou porque me ouviste.” (Jo. XI, 33-41).

Aliás, como quase tudo que figura no quarto *Evangelho*, esse capítulo é confuso, com interpolações e mistificações, que deixam Jesus em má posição. Por isso, releguei o que se não coaduna com o caráter do Mestre. Mas, de toda forma, a cura de Lázaro, já considerado morto, explodiu como uma bomba. O entusiasmo recrudescceu de tal forma, que, ao entrar em Jerusalém, o maravilhoso médium curador foi recebido com espontânea apoteose

popular! Entretanto, não cometeu a asneira de cavalgar um jumento, a fim de reivindicar, para si, o título de Messias-Rei. A estulta interpolação foi ca-tada num profeta do tempo da escravidão dos israelitas à Babilônia. É sen-tença do “Senhor” contra a terra de Hadraque e contra Damasco. Vale di-zer: contra a Síria, inimiga de Israel.

Na referida sentença, o “Senhor” prometia a vinda de um rei, que des-truiria os carros de Efraim, os cavalos de Jerusalém e o arco de guerra, esten-dendo o seu domínio “de mar a mar e desde o Eufrates até as extremidades da Terra” (Zc. IX, 10). E mais: com a vitória, imporá a paz às Nações. Como se vê, um sonho paranóico de um povo que, na época, estava escravi-zado. Por conseguinte, o rei “justo e salvador”, que deveria entrar em Jeru-salém montado “num jumento, cria de jumenta”, nada tinha de comum com Jesus! (Zc. IX, 9).

Sem embargo, a manifestação popular exasperou os membros do Siné-drio. Sacerdotes e anciãos, reunidos na casa de Caifás, o Sumo Sacerdote, tramaram “prender Jesus à traição e, ao depois, matá-lo” (Mt. XXVI, 34). Não houve a tragicomédia da “purificação do templo” à qual ingênuos histo-riadores imputam a represália do Sinédrio. A verdade é que Jesus, como iniciado essênio, não dava nenhum valor especial ao templo dos mosaístas. Ao contrário, aconselhou que cada um orasse “em secreto”, dentro de seu próprio quarto (Mt. VI, 5-6); e recriminou os que compareciam à Sinagoga não para rezar, mas por ostentação.

De resto, se Jesus interferisse na mercancia dos sacerdotes e, de chicote em punho, expulsasse os mercadores do templo, provocando tumulto, fatal-mente seria preso e, incontinenti, “lapidado” ali mesmo!

Todavia, para o Sinédrio, o problema com Jesus não era político — era religioso. A turba enferma e maltrapilha que cercava o Mestre não queria revolução; pedia, apenas, cura e consolo. Mas o que o Sinédrio temia era a queda fragorosa do poder sacerdotal, com a vitória do Rabi nazareno, por-que, ao ouvir sua pregação, “todo o povo ficava dominado por ele” (Lc. XIX, 48). Por isso, os sacerdotes receavam mandar prendê-lo publicamente. Era preciso descobrir onde Jesus dormia para detê-lo à noite.

Agora, convicto da veracidade do que me transmitiram os Mestres res-ponsáveis pela revelação do Neo-espiritismo, liberto-me da *Bíblia* e dos histo-riadores. Vou falar por mim mesmo. Não imponho adesão, porque é fruto de experiência transcendental e intransferível. Mas, se for aceita, a tese projeta-rá nova luz no papel histórico de Judas, o discípulo mais culto, que melhor compreendia as lições de Jesus e, por isso mesmo, consagrava-lhe sincero amor e grande admiração. Aliás, desde a primeira vez que se deparou com o prodigioso profeta nazareno, Judas ficou deslumbrado com o magnetismo do Mestre. Era a afinidade do passado. Em sua anterior encarnação, Jesus fora Sócrates, do qual conservou no inconsciente, fortes reminiscências e

Judas fora sua esposa, Xantipa. Sócrates era médium clariaudiente, “ouvia” o pensamento de seu Mentor, o qual, certa vez, o advertiu que, para cumprir sua missão, não deveria casar-se. Contudo, se casou. Mas não tardou a arrepende-se, porque, decorridos poucos anos, perdeu a potência. Filósofo altamente espiritualizado, a impotência não o atormentou. Mas Xantipa, mais apegada às sensações do sexo e desconhecendo o drama íntimo do marido, revoltou-se contra o desprezo, atribuindo-o a relações extraconjugais.

Havia, pois, entre Jesus e Judas, forte vínculo do passado, toldado, apenas, por incompreensível melancolia. Não obstante, entre todos os discípulos, foi Judas quem mais valorizou o Mestre. E foi exatamente por conhecerem os laços de amizade que uniam o discípulo ao Mestre, que escribas e sacerdotes lhe prepararam covarde cilada, atraindo-o ao templo. Lá, viu-se cercado por sacerdotes e membros do Sinédrio, os quais, com hipócrita promessa de que nada fariam a Jesus, pois apenas desejavam conhecê-lo pessoalmente, exigiram-lhe a confissão do local onde pernoitava seu Mestre.

Em face da inesperada resistência de Judas, os escribas e sacerdotes mudaram de tática e ameaçaram “lapidá-lo”, se porventura não lhes apontasse onde dormia Jesus. Conhecedor da Lei, Judas sabia que, por justiça, Jesus não corria perigo de vida e, na pior das hipóteses, só poderia ser chibateado. Entrementes, os algozes do Sinédrio continuavam a asseverar-lhe que nada fariam contra Jesus e que ficariam satisfeitos com a localização de seu esconderijo noturno. Vencido pela hipocrisia e pela ameaça dos inimigos, Judas ensajou o fortalecimento de sua mente negativa, ponto de ligação com os Espíritos obsessores, e revelou aos representantes do Sinédrio o local onde dormia Jesus. Animados com essa primeira vitória, os disfarçados caçadores de Jesus afirmaram que, num grupo, não saberiam reconhecer o Mestre, razão por que prometeram a Judas trinta moedas de ouro, se os acompanhasse e apontasse Jesus. O sinal seria um beijo na face. Dito e feito. Ao chegarem ao Getsêmani, Judas reverenciou Jesus e deu-lhe o esperado beijo. Imediatamente, os representantes do Sinédrio, burlando a boa fé do delator, atiraram-lhe uma sacola com as moedas prometidas e levaram preso o iluminado profeta nazareno!

Ao verificar que fora vilmente ludibriado pelos representantes do Sinédrio e que, ingenuamente, traíra seu magnífico Mestre, Judas revoltou-se contra si mesmo e atirou fora a bolsa maldita. Mas, quando noite a dentro, à revelia da Lei e do Direito, tudo se foi agravando contra Jesus, de tal modo que, ao amanhecer, a trama diabólica do Sinédrio já havia envolvido Pilatos, Judas, desvairado pelo remorso, enforcou-se!

Contudo, perdendo a fraqueza de Judas, Jesus logo que desencarnou na cruz foi ao encontro do ex-discípulo, para ampará-lo! Com isso, Jesus saldou a dívida do passado com Xantipa, quando o culpado foi Jesus, outrora Sócrates! Entretanto, contrariamente à doutrina de Jesus, que manda per-

doar os inimigos, o pseudocristianismo vigente no mundo, há vinte séculos, vem incentivando implacável ódio mundial contra Judas, agravado com ressentimentos contra os Judeus, que também são filhos de Deus!

Por outro lado, se Jesus, como afirmam muitos teólogos, foi Deus, é óbvio que ao declarar, na ceia, que morreria “como estava escrito” (Mt. XXVI, 24; Mc. XIV, 21), isentou Judas de culpa, porque confirmou, *ipso facto*, que Judas estava predestinado a traí-lo! Logo, Judas não teve a mínima responsabilidade na felonía que cometeu. A culpa foi toda de Deus!

Sem embargo, o pior de tudo foi que Jesus, confundido com o “homem de dores” do pseudo Isaías, acabou arcando com a “iniquidade de todos” e “como cordeiro” levado ao matadouro! (Is. LIII, 4-7).

Diante de tamanha monstruosidade, não se sabe qual a maior injustiça praticada por Deus: se foi haver predestinado Judas à traição de seu Mestre; se foi haver destinado Jesus a servir de “bode expiatório” para redimir os pecados da humanidade!

Ora, tudo que rebaixa o Criador é absolutamente falso e tremendamente pernicioso não só à evolução dos Espíritos encarnados como ao progresso dos Espíritos desencarnados. Logicamente, urge a correção dos inúmeros erros empedernidos no corpo da *Bíblia*, porque, além da confusão que estabelecem nos Espíritos sequiosos de sabedoria e de perfeição, afrontam a onisciência, a onipotência e a sapientíssima justiça do Criador!

A VITÓRIA DO ESPÍRITO DE JESUS

Não fora o titânico esforço feito pelo Espírito de Jesus, depois de destituído do corpo físico, para provar sua sobrevivência aos discípulos, acovardados com o drama do Calvário, o cristianismo, de modo algum, teria medrado em nosso planeta. Mas, apesar de sua infamante desencarnação, o Mestre nazareno continuou a lutar obstinadamente visando a completar sua delicada missão de ampliar, com novas verdades, a gradativa revelação divina, incessantemente propinada à humanidade, nos mais díspares cultos e religiões, desde os primórdios da civilização.

Sem embargo, no que concerne ao cristianismo, a precoce e execrável crucificação de seu fundador, o prodigioso profeta galileu, antes que ele tivesse tido tempo de radicar na consciência de seus conterrâneos os postulados dos sublimes segredos do reino de Deus, dos quais foi exponencial arauto, sua heróica luta redundou em lamentáveis distorções, que desfiguraram os ensinamentos que pregou, mas não escreveu.

Ora, sem que o iluminado Mestre, independentemente dos pescadores apedeutas, houvesse aliciado discípulos cultos, dotados de capacidade mental para assimilarem sua doutrina e, além disso, conquistassem imprescindível autoridade moral que lhes assegurasse permanente proteção, a fim de que, corajosamente, se aventurassem a propalar uma doutrina frontalmente conflitante com a intolerância mosaísta, é evidente que o cristianismo teria de vingar mutilado e, até hoje, continua destituído de muitas verdades, que, com exclusividade, brilham no Espiritismo e rebrilham no Neo-espiritismo, modernas versões do ensino dos Espíritos. De toda maneira, um fato é certo: foi a convicção e a coragem despertadas pelas manifestações póstumas de Jesus que mantiveram a coesão entre os discípulos já a pique de dispersarem pelo temor de prováveis retaliações dos fariseus ortodoxos. Mantida a união dos adeptos, salvou-se, em parte, o patrimônio legado pela arriscadíssima missão do impávido profeta nazareno, exercida no seio de um povo fanático, que nutria a pretensão de considerar-se, com exclusão dos demais, o "Povo de Deus" e que, à parte a *Tora* ou *Pentateuco*, profligava toda revelação, partisse donde partisse!

Como se depreende, não fora a intrepidez e a perseverança do Espírito de Jesus, coadjuvado por numerosa coorte de Espíritos protetores, em diferentes níveis hierárquicos, que o assistiram durante a encarnação e com ele continuaram solidários depois de sua desencarnação, das palavras e obras do grande Mestre quase nada perduraria, tamanha era a hostilidade do mosaísmo.

É de ver, pois, que muito se deve aos Espíritos que participaram das atividades do nazareno. Muitos o protegeram dos ataques de falanges inimigas, revoltadas contra as lições proferidas e as curas espetaculares efetuadas por Jesus; outros, Espíritos boníssimos, colaboraram nas curas das mais di-

versas Espiritopatias, inclusive nas Espiritopatias obsessivas, a maioria causada por “magia negra”, conforme ocorreu no caso do “louco” gadareno, o qual vivia no cemitério de Gadara e que, no primeiro encontro, tentou agredir a Jesus.

Tudo debalde, porém, porquanto, como sempre ocorre com os grandes Mestres, o maravilhoso médium curador da Galiléia, estava sempre cercado de Espíritos destemidos e vigilantes, que detiveram a distância o impulsivo agressor! (Mt. VII, 16; Mc. I, 32-34; Lc. IV, 40-41).

Sem o espantoso número de curas feitas pelo prodigioso médium nazareno, pouco perduraria da edificante missão de Jesus. Em pouco tempo, a lembrança do sensacional profeta nazareno estaria apagada na memória dos homens. Tudo teria desaparecido no vórtice do tempo, sem deixar a mínima reminiscência, não fora o crudelíssimo homicídio perpetrado por instigação de despeitados sacerdotes hierosolimitas!

Mas, em verdade, mal acabara de expirar no martírio da crucificação, Jesus, com a obstinação dos autênticos missionários, e sempre rodeado por numerosa falange de Espíritos dedicados e fielmente submissos à sua incontestável autoridade moral, Jesus reiniciou imediatamente a árdua labuta em prol da vitória de sua gloriosa missão, inopinadamente mutilada pela perversidade de seus adversários religiosos.

Entretentes,urgia evitar a desagregação dos discípulos, os quais, aterrorados com a inesperada condenação do boníssimo Mestre e temerosos de truculentas represálias do Sinédrio, intolerante, rico e poderoso, estavam prestes a dispersarem-se.

Ora, como é óbvio, a dramática deserção dos discípulos equivaleria ao fracasso irremediável da missão de Jesus como Instrutor da humanidade e portador de importantíssima Revelação, que vinha, como veio, alargar a faixa dos mistérios de Deus. Por isso, o Espírito de Jesus, recém-desencarnado, não titubeou e continuou a lutar heroicamente para provar aos tíbios discípulos a veracidade da sobrevivência e, por conseqüência, a imortalidade do Espírito, a despeito da destruição do corpo físico.

Para maior garantia de seu objetivo, Jesus, horas após sua desencarnação, foi ao encontro de Maria Madalena, a qual, sobre ser médium sensibíllissimo, consagrava-lhe sincero, e puro, amor. Posto que nascido de absurda paixão provocada pelo magnetismo e pela generosidade do profeta nazareno, que a todos curava gratuitamente, Madalena, em pouco tempo, percebera quanto se iludira em relação ao nazareno e, arrependida dos sentimentos que alimentara, coibira seus desejos libidinosos e substituíra-os por deslumbrado amor fraterno, fortalecido, ainda, por inextinguível gratidão ao benfeitor que a livrara dos Espíritos obsessores, que a desequilibravam quando foi ao encontro do Mestre!

De fato, libertada por Jesus de abominável trabalho de magia do qual participavam, com requintes de maldade, sete Espíritos obsessores, que atormentavam dia e noite, ora com molestos sintomas subjetivos, ora com terríficas pesadelos, Maria Madalena aliou, à sua sincera gratidão, profunda veneração por seu admirável benfeitor. Médium vidente e clariaudiente, Madalena, irradiada por seu Mentor, pôde “ver” e “ouvir” o Espírito de Jesus, pouco depois de ele ter sido despojado de seu corpo físico. Foi um diálogo rápido, de duas palavras, mas impregnado de muita ternura e de imensa alegria: “Myrian!” — exclamou Jesus; “Rabôni!” — respondeu-lhe a discípula dileta (Jo. XX, 16).

Identificado pela médium, o Espírito de Jesus, recém-desencarnado, conquistara a primeira vitória. Sem embargo, essa primeira prova não surtiu o efeito desejado pelo Mestre. Despeitados, os demais discípulos não deram crédito ao testemunho de Madalena (Mc. XVI, 11).

Outras provas deveriam confirmar que Jesus, de fato, continuava vivo, embora destituído do corpo físico. Para isso, outros Espíritos, subordinados a Jesus, deveriam manifestar-se com a aparência do nazareno, aos discípulos do prodigioso profeta galileu, de molde a multiplicar a prova dada a Madalena.

De fato, dois deles, acovardados com a crucificação do Mestre, já estavam escapando para Emaús, a onze quilômetros de Jerusalém; e, no caminho, comentavam o drama do Calvário, quando, ambos, tiveram a “visão” de um Espírito não identificado, porque “seus olhos estavam como que impedidos de o reconhecer” (Lc. XXIV, 16).

Como se infere, a impossibilidade do reconhecimento decorreu da fraca vidência dos dois médiuns fugitivos. A deficiência foi deles e não do Espírito que se lhes apresentou; e, não fora o medo que deles se apossara, talvez lhes houvesse dado uma mensagem por clariaudiência ou, mesmo, por psicofonia, de acordo com as possibilidades dos caminhantes. Mas, de toda forma, um fato é absolutamente certo: a “aparição” não era do Espírito de Jesus, de vez que se lhes “manifestou com outra forma” (Mc. XVI, 12). É claro que um Mestre da categoria de Jesus, iniciado com os ascetas essênios no grau máximo da iniciação, jamais se sujeitaria a manifestar-se, à maneira de Proteu, com formas disfarçadas, de modo que o tornasse irreconhecível por dois discípulos! Entretanto, a perplexidade dos viandantes se justifica pelo fato de ignorarem que dias depois de haver-se libertado do corpo físico, o Espírito do Mestre voltara à luta, liderando quantos Espíritos pelejaram ao seu lado durante sua encarnação. Nada mais natural, portanto, que seus amigos e seus subordinados também desejassem contribuir para a demonstração da sobrevivência do Espírito, em colaboração com a planificação estabelecida pelo incomparável Mestre.

Contudo, a incredulidade da maioria dos discípulos perdurou, até que obrigou Jesus a materializar-se, como se encarnado ainda se encontrasse, prova difícilíssima em se tratando de um Espírito recém-desencarnado, máxime quando já conquistou o cume da evolução terrena, consoante o Mestre nazareno.

Com efeito, no assombroso fenômeno de materialização, além do inevitável dispêndio de energia mental consumida na concentração do pensamento pelo Espírito desencarnado para formar, à custa do ectoplasma do médium, a ideoplastia de seu derradeiro corpo físico, o perispírito de um Espírito evoluído que se materializa, é, inevitavelmente, contaminado com fluidos impuros existentes no perispírito de todo médium; fluidos que, durante o transe, se conservam no ectoplasma do médium com cujo curso se efetua a materialização do duplo etérico do Espírito desencarnado.

Em síntese: a menos que se trate de um médium de rara pureza de sentimentos e de elevada moral, o qual, em transe, emita um ectoplasma isento de fluidos perniciosos, qualquer Espírito de elevada hierarquia, que, abnegadamente, se submeta a momentânea materialização, é forçado a absorver do perispírito do médium uma quota de fluidos incompatível com sua evolução. Sem embargo, com prevalência da justiça divina, desmaterializado que seja o Espírito altruísta os fluidos deletérios por ele absorvidos durante sua materialização não perdurarão em seu perispírito, porquanto o seu Mentor se encarregará de expungir-lo dos fluidos que lhe não pertencem e de restituí-los ao seu verdadeiro dono, o médium, o qual ficará obrigado a elidi-los de seu perispírito à custa de seu aperfeiçoamento moral.

Ora, Jesus, iniciado essênio no grau de Mestre, sabia perfeitamente que, durante sua materialização, estaria sujeito a absorver fluidos incompatíveis com a luminosidade de seu perispírito. Todavia, para evitar a defecção dos discípulos e salvar a doutrina que lhes propinou durante pouco mais de um ano, sempre reforçada com prodigiosas curas, Jesus não fugiu ao sacrifício de comprovar, com a materialização de seu luminosíssimo corpo espiritual, sua sobrevivência ao martírio da crucificação!

Contudo, a acalentada oportunidade só se lhe deparou quando os discípulos, em número de onze, todos amedrontados com a eventualidade de prováveis represálias de fanáticos fariseus, se reuniram com portas e janelas trincafiadas para confabularem acerca da atitude a tomar em face da morte do Mestre. Nesse ínterim, transpondo todos os obstáculos materiais, surgiu entre eles, semimaterializado e com refulgente radiação, o Espírito de Jesus. Atônitos e ofuscados com sua fulguração, os discípulos, a princípio, não o reconheceram e exclamaram, unissonamente, “estarem vendo um Espírito” (Lc. XXIV, 37).

Entretanto, à medida que o Espírito do Mestre pôde incrementar a quota de fluidos de materialização captados no perispírito dos discípulos, máxime no de Pedro, reconhecidamente médium de efeitos físicos, foi con-

solidando, pouco a pouco, o seu corpo espiritual até torná-lo aparentemente idêntico ao corpo físico que possuiu quando estava encarnado! Desta forma, não só provou irretorquivelmente sua sobrevivência e, por equidade, a sobrevivência de todos os Espíritos que desencarnam, como dirimiu a dúvida de Tomé, permitindo-lhe tocasse, com seus próprios dedos, nas chagas feitas pelas lanças de cruéis soldados romanos durante sua abominável crucificação.

De resto, para reforçar a convicção dos discípulos, Jesus frisou que ele ali não estava como Espírito desencarnado, mas momentaneamente materializado como se fosse um deles, mercê da reprodução da anatomia do corpo físico, pois “Espírito não tem carne, nem ossos” (Lc. XXIV, 36-39).

Como se vê, o primeiro cuidado do Mestre foi debelar o pânico dos discípulos reunidos ocultamente para secreta deliberação. Isso porque o medo provoca sérias alterações no perispírito e, por conseqüência, no sistema nervoso, máxime dos médiuns, fato que deveria ser evitado, porquanto, no momento, os discípulos dotados de mediunidade eram imprescindíveis para que Jesus pudesse cumprir sua delicada missão. Donde se conclui que, ao soerguer moralmente os discípulos abatidos com a expectativa de implacáveis perseguições, Jesus, na realidade, estava lutando para assegurar o êxito de sua materialização, prova cabal de sua sobrevivência!

Entretanto, não fora a confiança que a presença do Mestre, por si só, despertou nos discípulos espavoridos, não se compreende por que a suposta ressurreição de seu corpo, fato que jamais aconteceu no planeta, haveria de aterrorizá-los menos do que a presença de seu Espírito momentaneamente materializado. Pois o próprio Jesus, ainda encarnado, não lhes havia ensinado que, do homem, o que, de fato, ressuscita é o Espírito eterno? Acaso não estariam recordados de que, quando os fariseus, capciosamente, perguntaram ao Mestre com quem ficaria casada, depois da ressurreição, a mulher que, encarnada, fora sucessivamente esposa de sete irmãos, consoante manda a lei mosaica, na hipótese de um após outro, lhes morrerem os maridos, escapando, apenas, o último, e Jesus, calmamente, lhes respondeu que, ressuscitados, os mortos não se casam, porque “são como anjos nos Céus?” (Lc. XX, 36).

Ora, os “anjos”, quer na esdrúxula concepção da teologia católico-protestante, plagiada do zoroastrismo, quer na realidade do mundo espiritual, nada mais são do que Espíritos desencarnados, dotados de grande evolução e, por conseqüência, possuidores de notável perfeição e, por isso, vivem e trabalham em planos de felicidade. Vale dizer que: do morto, o que sobrevive é o Espírito, sem ressurreição do corpo carnal, que se desagrega na putrefação e se atomiza na físico-química tumular. Mas, apesar de tudo, a materialização do Espírito de Jesus marcou um tento, porquanto o Mestre pôde, de viva voz, concitar os discípulos à prática da mediunidade e incitá-los na difusão de seus valiosos ensinamentos: “Ide por toda parte pregar o evangelho; expeli, em meu nome, os Espíritos maus; curai os enfermos com imposição das mãos...” (Mc. XVI, 14-18).

Aliás, os discípulos de Jesus de Nazaré não poderiam nutrir dúvidas a respeito da atuação dos Espíritos desencarnados no campo da mediunidade, de vez que, séculos antes do nascimento do prodigioso profeta nazareno, o *Velho Testamento* já estava repleto de manifestações de Espíritos desencarnados acobertados com o nome de Jeová ou Javé! Força é reconhecer, porém, que as referidas manifestações foram provenientes de Espíritos de médiocre evolução, apegados a holocaustos, não só de animais, irresponsáveis pelos desatinos da humanidade, como de inocentes primogênitos humanos, todos crudelissimamente sacrificados para aplacarem a “vingança de Deus” e, dessa maneira, livrarem a coletividade de iminentes calamidades!

Contudo, a despeito da generalizada barbaridade observada no culto do primitivo mosaísmo, em raras oportunidades, destacaram-se manifestações de Espíritos dotados de mediana evolução que transmitiram razoáveis ensinamentos e fizeram proveitosas advertências aos Espíritos encarnados, intitulados homens.

Todavia, as aberrações se justificam porque, na época, eram raríssimos os médiuns iniciados e compenetrados da responsabilidade moral de sua missão. A maioria era constituída de médiuns espontâneos, sintonizados com Espíritos caçadores de fluidos vitais sequiosos de sensações carnis mediante a captação de energias do sistema nervoso de suas vítimas. Tudo porque, sem iniciação, o médium desconhece que, de acordo com a lei de causalidade moral que preside ao destino humano, cada médium recebe a proteção que merece e transmite mensagens consentâneas com o seu quilate moral e o seu gabarito intelectual.

Na verdade, a manifestação dos Espíritos sempre tendeu a expandir-se à medida que a humanidade evoluiu. Por isso, o profeta israelita atribuiu a Javé a seguinte afirmação: “... derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão (sonhos proféticos, é evidente) e vossos jovens terão visões (de Espíritos, é óbvio) e, até, sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito...” (Jl. II, 28-29).

Ora, a prevalecer *ipsis litteris* o contexto bíblico, seremos forçados a admitir que Deus prometeu o cúmulo do absurdo: liquefazer-se e derramar-se, em milhões de gotículas, sobre os médiuns do hipotético “povo de Deus”.

Entretanto, liquefeito e esparzido sobre milhares, quiçá milhões de criaturas, o Criador, *ipso facto*, perderia a onisciência e a onipotência; e, nesta hipótese, quem prosseguiria na criação de astros e de seres e regeria as leis que mantém a eterna harmonia do Universo? Ninguém. E, com tamanha desgraça, o Universo, todo inteiro, transformar-se-ia em pavoroso caos; e, no que concerne à Terra, seria destruída, pela fúria de Deus, no aziago *dies irae*, quando se apagaria a luz do Sol e a Lua transformar-se-ia em imenso coágulo de sangue! (Jl. II, 31).

Por incrível que pareça, esses despautérios continuam a figurar no que se considera como “escritura sagrada”! Urge, pois, ressaltar que, em face da infinita perfeição do Criador, a nefasta hipótese de um dia consagrado ao extravasamento de sua ira, é pura invenção de algum profeta nefelibata ou mentecapto e, no que tange à absurda promessa de Deus no sentido de “derramar-se” sobre médiuns jovens e velhos de várias posições sociais, é palpável eufemismo de teólogos e hermeneutas interessados em ofuscar a manifestação dos Espíritos desencarnados, fato comprovado desde muitos milênios pelos iniciados da Índia, do Egito, da Caldéia, da Grécia e de várias outras nações.

Mas, apesar de todos os sofismas e não obstante os tremendos obstáculos que se lhe antepuseram, a mediunidade propagou-se em rápido crescimento e ensejou as mais espetaculares manifestações dos Espíritos desencarnados, muitas das quais foram cientificamente comprovadas a partir do meado do século passado.

Além disso, a infinita misericórdia de Deus contribui para que, periodicamente, iluminado Espírito missionário encarne no planeta, a fim de instruir e exemplificar os irmãos terráqueos, estejam eles encarnados ou desencarnados.

Aliás, foi o caso de Jesus de Nazaré, o qual, movido pelo mais puro sentimento fraterno, aceitou perigosa encarnação no seio de um povo, que, por temor à vingança de Jeová, repelia toda e qualquer nova revelação, ainda que feita por um profeta excepcional, em confronto com o qual outro profeta, João Batista, declarou publicamente, e com toda lealdade, que se julgava indigno de desatar-lhe as correias das sandálias! (Mc. I, 7).

Com efeito, entre os dois havia enorme diferença. Jesus, iluminadíssimo Espírito missionário, educado pelos ascetas essênios do Qumrân, reencarnou, em derradeira encarnação, com o compromisso de ampliar a revelação divina com novos conhecimentos destinados a incrementar a veneração a Deus e a generalizar o amor fraterno em todo o planeta. Por isso, Jesus, ao completar sua iniciação e depois de resgatar com reiteradas orações e constantes doutrinações, as dívidas com inimigos de passadas encarnações, recebeu de seu Mentor, por clariaudiência, a determinação de desligar-se da comunidade, a fim de pregar publicamente e, dessa maneira, impulsionar o proselitismo com os ensinamentos permissíveis, com restrição de outros defesos à divulgação, porquanto constituíam apanágio de autênticos iniciados. Sem embargo, antes de partir, era indispensável obter — e obteve — o consentimento do Senhor de Justiça, chefe da comunidade essênica; ao passo que outro iniciado, João Batista, desgarrou-se da Congregação por conta própria e, por isso, continuou preso à comunidade do Qumrân pelo terrível “juramento de túmulo”, complemento da iniciação, razão por que sofreu as conseqüências de sua intempestiva atitude.

Com efeito, Flávio Josefo, autor de *Guerra dos Judeus* teve oportunidade de privar com os essênios e de observar quanto se arrependiam os que furtivamente fugiam ou, pior ainda, quando, por fraqueza moral, eram expulsos da comunidade. De fato, aqueles ascetas temiam tanto quebrar o “juramento de túmulo”, proferido no ato da consagração aos postulados da iniciação que, afastados da comunidade, se limitavam a comer ervas cruas; e, se não fossem perdoados e readmitidos na Congregação, acabavam morrendo de inanição pela voluntária abstenção de todo alimento interdito aos iniciados!

Ora, João Batista depois de comprometido pelo “juramento de túmulo” da iniciação e, apesar de haver sido aconselhado a permanecer na comunidade, quebrou seu juramento e, sorrateiramente, abandonou os companheiros. Por isso, para sobreviver, tornou-se acridófago e melífago, alimentando-se com gafanhotos e mel silvestre, pois, como iniciado, posto que relapso, não poderia aceitar qualquer alimento senão das mãos de outro iniciado. Mas, de toda forma, não se isentou do desequilíbrio mental. Com medo de ser eliminado, com base no “juramento de túmulo”, por algum iniciado intransigente e cioso da preservação dos “mistérios da iniciação”, que ele não soube valorizar, João Batista refugiou-se no deserto de onde só se afastava para batizar, contra a regra da iniciação, leigos ingênuos ou para profligar o comportamento das autoridades e, sobretudo, para conclamar o arrependimento dos pecadores em face das calamidades que precederiam à próxima vinda do prometido Messias escatológico de Israel, o que, diga-se de passagem, nada tinha a ver com Jesus.

Com a nudez coberta por, apenas, uma pele de camelo, e ostentando enorme cabeleira desgrenhada, seu aspecto e sua pregação infundiam mais pavor pelo futuro em perspectiva do que alegria pela próxima expulsão dos inimigos do “povo de Deus”!

Aliás, para provar a falta de equilíbrio do famigerado profeta que “clamava no deserto”, basta recordar a audácia com que ele verberou o concubinato de Herodes, tetrarca da Galiléia, com Herodias, esposa de Felipe, seu irmão. Mas, era de esperar que o sátrapa não toleraria indefinidamente as constantes invectivas do profeta, repetindo-lhe impertinentemente: “Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão.” O resultado dessa fustigação feita cara a cara contra o tetrarca, agravada com a instigação da amante, Herodias, e da insistência de sua filha, Salomé, a qual, por sua beleza, já estava na mira do idumeu mestiçado com judeu, foi a decapitação do incômodo profeta. Entretanto, bastaria uma pitada de bom senso para que o agressivo profeta previsse que, com reiteradas admoestações ao régulo amancebado, ele mesmo lavrasse sua sentença de morte!

Com Jesus, porém, tudo foi diferente, de vez que, com sua excepcional proteção espiritual aliada à sua prodigiosa mediunidade, conseguiu vencer a resistência do Senhor de Justiça, o qual, em face do massacre de dois outros

iniciados que, anteriormente, haviam tentado pregar publicamente, desejava preservar o admirável nazareno da vingança do “padre ímpio”, o Sumo Sacerdote do mosaísmo e, por isso, concitou-o a não partir. Contudo, convencido pela argumentação do discípulo, o Mestre da comunidade acabou por concordar com o seu desligamento a fim de difundir no âmago da massa sofredora, a revelação que, independentemente dos ensinamentos ministrados nos “mistérios da iniciação”, recebera de seu Mentor e de outros Espíritos superiores durante anos consecutivos, no isolamento de sua cela de eremita. Obtida, porém, a liberdade de movimentação, Jesus, ao deixar o Qumrân, dirigiu-se diretamente para sua cidade natal, Nazaré, onde sofreu a primeira decepção com a hostilidade da própria família, inclusive de sua mãe. Sem embargo, não desanimou; e passou a percorrer a Galiléia, deixando, por toda parte, a surpresa por seus ensinamentos e a perplexidade pelas curas que estava realizando.

Numa de suas incursões, Jesus penetrou no deserto do Jordão movido pela curiosidade de observar, de perto, João Batista, fracassado iniciado do Qumrân, mas afamado por sua extravagante aparência, por sua peculiar alimentação e, mais ainda, por suas aterradoras prédicas, nas quais, contra os postulados do essenismo, concitava toda a gente a batizar-se, sem prévia iniciação, recurso com o qual prometia, indevidamente, a salvação dos pecadores por ele apavorados!

Entrementes, com a aproximação de Jesus, o asceta, que, apesar de tudo, ainda possuía um rebotalho de mediunidade, foi prevenido, por clariaudiência, que aquele sobre quem visse pousar um Espírito, ao contrário dele, não batizaria com água, mas com a abertura da mediunidade do futuro discípulo, o qual, na ocasião, receberia um Espírito protetor, exatamente aquele que deveria assumir a guarda da mediunidade estimulada pelo Mestre nazareno, para garantir, ao arrepio da mistificação, a prática da caridade sob vários aspectos, inclusive a execução de curas instantâneas! Mais claramente: a iniciação como discípulo de Jesus independia de imersão: principiava com a transmissão de uma mensagem psicofônica do Protetor responsável pela mediunidade de incorporação. Por isso, Jesus “nunca batizou ninguém” (Jo. IV, 2). Nunca batizou e só fora batizado quando, ao término da iniciação, a imersão n’água era simbolismo do ritual essênio, para traduzir a purificação do Espírito, mercê do ensino secreto recebido. Mas um Mestre de seu quilate jamais poderia admitir que, sem prévia iniciação, um ato exterior, qual seja a imersão n’água, pudesse provocar a remissão dos pecados, objetivo que só se alcança com o ressarcimento, em várias encarnações, dos erros cometidos nesta, e anteriores existências!

Em verdade, os essênios valorizavam muito a higiene corporal e a prova é que, antes de entrarem no cenáculo para refeição coletiva — pão e sopa de legumes — tomavam banho de água fria e, em seguida, vestiam-se com roupas de linho muito alvo.

No entanto, tal fato nada tem a ver com o mergulho dado por João Batista em seus sequazes. Nem os preceitos de “limpeza” do Êxodo e do Levítico concernentes no asseio da mulher menstruada e à lavagem do esperma do homem dizem respeito a coisa alguma que se pareça com o batismo, seja por imersão, seja por aspersão, consoante afirmam certos teólogos estrábicos. Mas, pelo que conheço da vida de Jesus, mercê das lições que, durante anos, recebi do meu Mentor e de vários outros Mestres, com os quais me iniciei no Neo-espiritismo, posso assegurar que, não havendo batizado quem quer que seja durante seu ministério, Jesus, de modo nenhum, aconselharia os apóstolos a batizar, em seu nome, os neófitos que se lhes apresentassem como candidatas a seguir-lhes as instruções. A solerte interpolação intrometida na *Bíblia* pode render — e rende — cobiçável pecúnia à Igreja Católica e às protestantes, mas atenta frontalmente contra os ensinamentos do Mestre galileu. De fato, se a lei é “a cada um conforme suas obras” ou, melhor, consoante seus sentimentos, seus pensamentos e suas ações, é curial que a remissão dos pecados ou, mais corretamente, dos erros cometidos, implica no integral pagamento das faltas, com total reparação dos prejuízos causados a outrem. Além disso, como Jesus, Mestre dos Mestres, jamais proferiu uma palavra, sequer, sobre o pecado original, o batismo é revoltante paradoxo, que achincalha a justiça do Criador!

Aliás, um profeta que não chegava aos pés de Jesus já havia afirmado, com muita convicção, que “o filho não herda a iniquidade do pai” (Ez. XVIII, 20).

Com maior razão, a remissão dos pecados pela mágica do batismo não poderia ter, para o iluminado profeta nazareno, a menor significação. Com efeito, como iniciado no grau de Mestre, e, portanto, profundo conhecedor dos “mistérios de Deus”, Jesus conhecia perfeitamente a dinâmica da sábia justiça de Deus; e mais: sabia que o Criador atua em nosso planeta por intermédio de Espíritos de elevadíssima hierarquia, com credenciais para movimentar as leis naturais, que, na verdade, são leis divinas. Por isso, depois de desencarnado, ao despedir-se dos discípulos, Jesus lhes assegurou que receberiam Espíritos protetores; e que, em transe, ou apenas irradiados pelos Espíritos, dariam testemunho de que ele, de fato, sobrevivera ao martírio da cruz (At. 1, 8).

Realmente, poucos dias depois da crucificação do Mestre, os discípulos, reunidos em oração, “ficaram cheios do Espírito”, isto é, incorporaram seus Protetores (At. IV, 31).

Eliminada a deslavada invencionice do columbino “Espírito Santo”, o que resta de pé, como verdade irremovível, é que, no Cristianismo como no Neo-espiritismo, da mesma maneira que em qualquer outra religião ou culto religioso, o Criador atende às súplicas de suas criaturas, sejam elas Espíritos encarnados ou Espíritos desencarnados, por intermédio de seus respectivos

Mentores, donos do destino individual durante uma encarnação, proteção que permanece na vida espiritual até a preparação para outra encarnação e de acordo com o pacto feito com os Senhores do Carma, Espíritos de elevadíssima hierarquia, que são os planejadores dos destinos humanos. Como já se desvencilharam da encarnação, perderam a forma humana e vivem na ionosfera, com aparência de mínimos sóis de luz radiante, servem de intérpretes das leis divinas vigentes neste planeta!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Esta obra foi composta em Esp.Sudo 11,5 e impressa pela Gráfica e Editora Falcão. Utilizou-se no miolo 75g/m² e na capa cartão supremo 250g/m².

Verdades Imperecíveis



Como praticar a mediunidade pela oração e pelo trabalho.

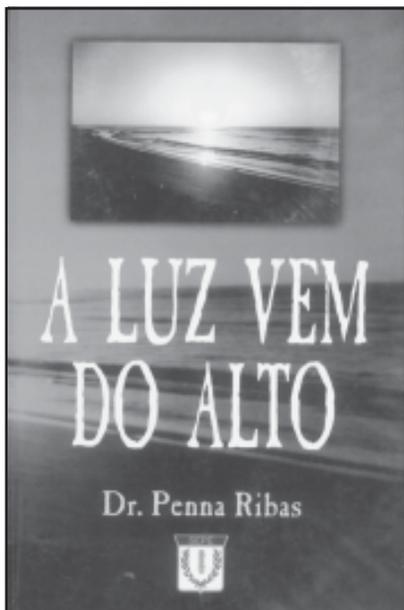
Caminho da Iluminação



A importância da mediunidade como fator de evolução.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

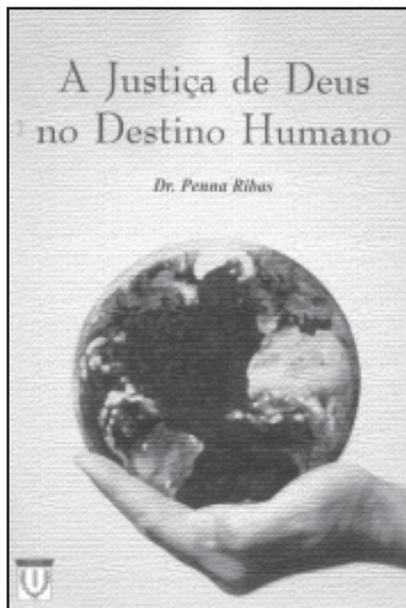
A Luz vem do Alto



Conceitos atualizados acerca da Doutrina Espírita

A Justiça de Deus no Destino Humano

Ciência e religião. Juntas curando o corpo e o espírito.



As obras do Dr. Penna Ribas, além do seu valor literário e do purismo lingüístico, retratam, de maneira singular, o amor ao próximo e à Pátria; ensinam de maneira prática e objetiva, o melhor comportamento para enfrentarmos as adversidades da vida e purificarmos nosso espírito, para que, dessa forma, conquistemos verdadeira e imorredoura felicidade.

Aprendendo com grandes Mestres, tanto através da leitura de inúmeras obras — algumas raríssimas — que lhe deram sólida cultura filosófico-religiosa, quanto por intermédio de mensagens mediúnicas colhidas durante décadas, em contato com médiuns devotados à prática sublimada de suas respectivas mediunidades, ele nos passa, através de suas obras, todo esse aprendizado e toda experiência adquirida em mais de 50 anos dedicados à Medicina e como doutrinador Neo-espírita.

A Doutrina Espírita não foi empalhada com dogmas, e não deve ficar mumificada numa vitrine de museu. Ao contrário, é uma Doutrina dinâmica e progressiva, essencialmente evolutiva. Corrige-se e dilata-se à medida que se dilatam e se corrigem os conhecimentos humanos. Enriquece-se e aperfeiçoa-se, gradativamente, à proporção que os mensageiros do Além, por meio de provas convergentes, vão ampliando os ensinamentos doutrinários. Como se fora infinito espectro de luz, a mente divina vai multiplicando e alargando as faixas da revelação, à medida que a inteligência do homem, desenvolvida numa luta multissecular, adquire receptividade para captá-la e absorvê-la, em proveito de seu Espírito imortal.

Eis porque muitas coisas, que não estão explicitamente mencionadas nas obras de Allan Kardec, são conhecidas, atualmente, por seus discípulos.